PQ 2446
.V5 P6
Copy 1

LIBRARY OF CONGRESS.
PQ2446
Chap. Copyright No.
Shelf V5Pg
UNITED STATES OF AMERICA.

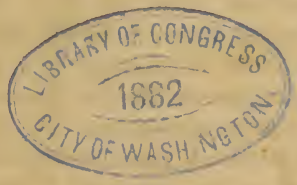
A VIGIA DE KOAT-VEN.

ROMANCE MARITIMO

(1780-1830).

POR

EUGENIO SUE.



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE FARIA & C.ª

Rua dos Callafates n.º 113.

1854.

PQ2446
.V5P6

A VIGIA DE KOAT-VEN.

I.

A AMAZONA.

Que peut elle voir?
que dira-t-elle?

Goeth. — *O grande Cophta*, acto 2.º, sc. 2.ª

Pelo fim do mez de septembro de 1780, uma mulher montada em uma egua, acompanhada por um escudeiro, parecendo deixar a margem do Oceano para se metter pela terra dentro, ia subindo a montanha de Fal-Goethe, que fica perto da pequena cidade de Saint-Rénan, muito proxima d'essa parte da costa da Bretanha que, estendendo-se em frente das ilhas de Ouessant, das Molênas, Quemênas e Beniquet, forma esse canal estreito denominado *passagem do Fôrno*.

Chegada que foi ao cume da montanha, ella parou um instante a sua egua, como que para gozar do magestoso espectaculo que aos seus olhos se offerecia. Com effeito, a Oeste o sol se escondia por detraz dos rochedos das ilhas já banhadas pelos quentes vapores da noite, e lançava longos reflexos avermelhados por sobre as vagas que mollemente na costa se quebravam. Ao Norte, o castello de Kerran ellevava as suas torrinhas, cujas altas e plumbeas agulhas scintillavam com os derradeiros raios do sol; e dominavam as magestosas matas verdes, mas já escuras, d'Ar-Foel-Cont. A Leste, viam-se longos prados cor-

tados por essas vivas e risonhas renques de pilriteiros que dividem os campos bretoens; e esses taboleiros de relva matisados por mil flores eram cingidos pelas montanhas d'Arrés, com as suas vertentes de estevas, entre as quaes cresciam os teixos e os pinheiros. Finalmente, ao Meio-dia, Saint-Rénant, com a sua agulha gothica e o seu campanario de pedra escura com arestas denticuladas, ia já sendo incoberta pelo crepusculo e por uma leve cerração que caía sobre a pequena ribeira de Helctrz, cujas aguas limpidas e frias corriam lentamente ao fundo d'este valle.

A mulher de que fallamos trajava uma amazona á ingleza, que desenhava uma estatura elevada; e o movimento, que esta fez ao deitar para traz o véo que pendia do seu chapéo de castôr, deixou vêr um rosto joven, regularmente bello, pallido e moreno. Tirando uma de suas luvas de camurça, passou a mão delicada por sobre seus cabellos negros, que trazia sem pós, alizados sobre a testa, e collocou-a sobre os seus grandes supercilios, sem duvida para evitar a impressão que lhe causavam os raios mais vivos do sol ao esconder-se.

Pareceria incrivel quanta vida e louçania lhe dava esse derradeiro luzir do sol, derramando-se-lhe pelo rosto bello e pallido; quanto esses reflexos calorosos de uma luz ardente se harmonizavam com o character pronunciado d'esse semblante; ter-se-ia julgado um d'esses nobres retratos de Murillo, cujo effeito poderoso só os raios de um sol hispanhol são capazes de revelar em todo o seu esplendor.

Depois que a amazona esguardou por alguns momentos para o lado do Noroeste, uma especie de signal, um véo branco fluctuou por um instante no cume de uma torre arruinada que se elevava sobre os rochedos mui perto da ribeira, e desappareceu.

A esta vista, os olhos da amazona brilharam, as faces se lhe tingiram de purpura, e appoiou com força as mãos nos labios como para mandar para alguma parte um beijo d'amor; depois franzindo suas negras sobrancelhas, abaixando o véo, bateu com a varinha na sua egua, e desceu a galope a vertente de Fal-Goet com uma rapidez espantosa.

— A senhora duqueza não repara, exclamou o escudeiro seguindo sua ama e approximando-se mais do que até então o havia feito; a Coronella tem boas pernas... mas este caminho é terrivél.

Isto foi dicto em puro castelhano, no tom de respeitosa advertencia que algumas vezes toma um criado antigo e fiel.

— Calai-vos, Perez, respondeu a duqueza na mesma lingua, apressando mais, se possivel era, o galopar da sua egua.

O velho escudeiro calou-se, e facil era julgar do interesse que tomava por sua ama vendo a attenção inquieta e penosa com que seguia cada movimento da Coronella, sem quasi se

importar com o cavallo em que ia montado.

Mas, assim como o ancião o dissera, a Coronella tinha boas pernas, porque era filha de um cavallo arabe e de uma d'essas eguas da Sierra, cuja raça é agora tão estimada e tão rara. Por isso, apesar das desegualdades, barrancos e cavidades que se encontram em todos os caminhos da Baixa Bretanha, a Coronella não poz um pé em falso.

Todavia Perez só respirou livremente quando viu sua ama chegar á parte inferior da montanha e seguir uma profunda avenida que conduzia ao castello de Kervan.

Perez parecia ter cincoenta annos, era secco, magro, trigueiro como um hispanhol do Meio-dia; o seu chapéo armado, chato e esguio, com laço encarnado, deixava vêr os rolos dos seus cabellos empoados; trajava casaca e colete de panno preto, calções de pelle branca, e as botas altas e flexiveis lhe chegavam aos joelhos. O unico signal de criado que trazia era uma chapa brazonada que fechava o cinturão verde e encarnado, com galão de ouro, a que trazia pendente a sua faca de mato. Viam-se armas similhantes nas caimbras do freio, e nos telizes pretos dos cavallos.

O seu cavallo era seguido por um enorme galgo cinzento de comprido pello.

Quando a duqueza ia quasi chegando á grade, Perez picou d'esporas, tirou o chapeo ao passar ao lado de sua ama, e foi prevenir os criados de que ella era para chegar.

Em consequencia dessa prevenção, quando a duqueza parou em frente do castello, e saltou ligeira para o chão, apoiando-se sobre o hombro do seu escudeiro, os criados graves e lacaios a aguardavam postados respeitosamente sobre os degráos exteriores e na galeria, que ella teve de atravessar para chegar aos seus aposentos.

Os lacaios estavam vestidos de lucto, e no hombro esquerdo de cada um delles fluctuavam fitas verdes e encarnadas com franjas de oiro, e agulhetas.

O velho escudeiro entregou os cavallos ás mãos dos moços das cavallariças, ás quaes se dirigiu pessoalmente para vêr se tractavam a Coronella com os mais minuciosos cuidados.

Logo que se certificou de que coisa alguma faltava á egua favorita, saíu das cavallariças, e parou junto á ponte que separava o pateo de honra do da entrada do castello.

— Guarde-vos Deus, dona Joanna, diz o escudeiro a uma mulher tão edosa como elle, e que trajava á hespanhola, manto, saia e *monillo* pretos.

— Bom dia, Perez... Que ha de novo?

— Nada...

— Sempre para aquelle rochedo? perguntou Joanna apontando para Oeste.

— Sempre. A senhora duqueza apeia-se atraz de um grande cabeço; segue uma vereda atravez dos rochedos, desapparece, e eu espero... uma hora... ás vezes duas; mas, por são-Thiago, nunca esperei tanto como hoje.

— Deus me salve! Perez, eu te acredito; por isso estava n'uma inquietação mortal. Mas para que servirão esses passeios á borda do mar? A senhora duqueza não tinha essa apetencia antes do dia em que...

— Sabeis, Joanna, diz o ancião interrompendo sua mulher com um movimento de impaciencia, que nada vos escondo; mas o segredo de minha ama não me pertence. Alem de que não o possuo, e ainda mesmo que para o saber só me bastasse voltar a cabeça, não o faria.

— Santa Virgem! eu o creio; depois que somos casados, Perez, nunca me fizestes uma confidencia nem mesmo a respeito do senhor duque fallecido.

— Assim como, vós m'as tendes feito a respeito da senhora duqueza, não é assim, Joanna? ajuntou o ancião: ora pois, unamos agora os nossos dois silencios para guardar os segredos da casa de Almeda... se é que a casa de Almeda tem segredos, accrescentou elle subitamente depois de uma pausa.

E, dando o braço a dona Joanna, entraram no castello; porque era já noite fechada.

— Logo irei ter comvosco, Perez, diz Joanna deixando seu marido para atravessar a galeria; é preciso que eu vá preparar tudo para a senhora duqueza se deitar.

II.

A TORRE DE KOAT-VEN.

Come segue la lepre il cacciatore
Al fredo, al caldo alla montagna, al lito
Ne più la stima poi
che presa vede
E sol dietro a chi fugge
affreta il piede.

ARIOSTO. *canto* X, estrophe 7.

A torre de Koat-Ven, que na vespera tão viva attenção excitára á duqueza d'Almeda, se elevava, diziam, sobre os altos rochedos da costa Oeste da Bretanha.

Este edificio primeiro destinado a servir de vigia, fôra abandonado, depois concedido pelo intendente da Bretanha a José Rumphius, sabio astronomo, afim de facilitar as experiencias e observações meteorologicas e hydrographicas em que elle havia muito se occupava; e, como Koat-Ven ficava pouco distante da cidade de Saint-Rénan, em que Rumphius residia, achava uma maravilhosa commodidade neste observatorio. Por isso as diversas casas circulares que o compunham estavam de ordinario atulhadas de quartos de circulo, de astrolabios, relogios, globos, telescopios, o outros instrumentos espalhados em desordem.

Mas então Rumphius já não habitava na torre de Koat-Ven; por isso todos os instrumentos de sciencia do astronomo tinham sido desterrados para uma especie de mirante que ficava no cimo do edificio, e os moveis uteis que substituiam este trem scientifico assaz provavam que o destino da torre estava momentaneamente mudado, e que o seu novo dono, occupando-se mais da terra do que do empyreo, tinha procurado tornar habitavel este edificio.

As quatro janellas altas e estreitas, abertas ao Sul, Norte, Leste e Oeste, que davam luz á unica e vasta sala de

que o primeiro andar se compunha, estavam guarnecidas por compridas banbinellas; algumas cadeiras e uma larga e excellente poltrona de espaldar muito elevado estavam em volta de uma grande meza, coberta de papeis e de livros de theologia.

Era no dia seguinte áquelle em que a duqueza se havia tão imprudentemente arriscado por sobre a costa do Fal-Goet; o sol se espalhava no mar, que uma brisa doidejante fazia encapellar, e o cinto de ilhas e de rochedos, cujas cristas escuras recortavam o horisonte, se estendia no meio da escuma alvacenta que lhe vinha afagar a base.

Havia comtudo não sei que melancholia profunda no aspecto desse céo tão puro, tão uniforme, que fazia nascer um sentimento de tristeza insuperavel, e ter-se-ia desejado vêr desenvolverem-se os flocos brancos d'alguma nuvem nesse céo azul tão monotono, como se se contasse com a vista dessa nuvem, com os seus contrastes, para distrahir a alma desse pungente meditar.

Sim, porque um céo todo azul, um céo sem nenhuns desses magestosos effeitos de luz e de sombra, de sol e de trevas, oh! como um dia assim é triste! triste! E' uma vida sem lagrimas nem prazer, sem amor nem odio.

Eram duas da tarde, e a essa hora tudo era silencioso na praia, tudo era mudo em Koat-Ven. Só algumas vezes o queixoso piar do *tarek* se misturava ao murmurar surdo e regular das ondas altas que se quebravam pesadamente sobre a costa....Algumas vezes as azas humidas de um goelano vinham agitar-se de encontro aos vidros estreitos e chumbados das janellas da torre, ou o maçarico tocava levemente no seu talco diaphano, quando trazia para as cavidades dos muros os pés de musgo e de sargaço que ajuncta para o inverno.

Tambem a longos intervallos se via atravez dos phantasticos recortes das rochas negras, uma véla branca e doirada pelo despontar do sol, passar, depois desapparecer, como essas recordações d'amôr e de mocidade que lampejam ás vezes n'uma alma quebrantada e envelhecida antes de tempo.

Mas esse morno silencio é subitamente interrompido; passos precipitados resoam na escada espiral que communica aos andares superiores; a porta da sala grande se abre com violência, um homem entra dizendo: — E' ella! e vai lançar-se sobre a grande poltrona.

Esse homem parecia ter quando muito vinte e cinco annos; seus cabellos sem pós, compridos e castanhos, em logar de estarem atados atraz, segundo a móda de então, lhe fluctuavam por cima dos hombros.

A sua testa era branca e elevada, os olhos grandes e espirituosos, o nariz delgado e direito, os labios delicados; e a sua barba arredondada era tão fresca e rosada, a sua tez tão delicada, que bastantes mulheres teriam invejado este rosto lindo.

Algumas ligeiras pregas nos cantos dos olhos teriam talvez annunciado um

character livre e folgasão, se as rugas profundas que de repente cruzaram a fronte do mancebo não tivessem dado um aspecto soffredor e pezaroso a esse rosto encantador.

As suas vestes simples, de côr escura, deixavam vêr a elegancia do seu talhe ; mas por seu feitio severo se approximavam do trajar ecclesiastico.

Encostou a cabeça a uma das mãos, o rosto tornou-se-lhe cada vez mais pallido ; poz-se a folhear e a ler com recolhimento e attenção um enorme in-quarto, que estava aberto sobre a meza.

Era mister que a preoccupação a que elle estava entregue fosse bem grande, porque a porta do quarto se abriu, sem que elle, ao que parecia, désse por isso. E a duqueza de Almeda assomou a essa porta.

III.

TENTAÇÃO.

Voilá précisément ou j'en étais, et dans les cruelles agitations que me faisaient souffrir cette contrariété de volontés, jè me condamnais moi même bien plus fortement que je n'avais fait jusqu' alors, en me débattant dans mes liens pour tâcher d'achaver de les rompre : car ils étaient presque reduits à un filet; mais c'était encore assez pour me tenir.

Confis. de sancto —Agostinho, 510, 8, cap. XV.

Mais ici, Adelide, qui paru trespiquée de voir qu' on trouva quelque chose à repliquer à ses objections répéta, comme font tant d'autres, la même raison qu' elle venait de donner tout à l'heure.

BYRON. — *Dom Juan*. cap. XV.

A duqueza parou por um momento no liminar da porta ; depois, desatando e tirando o seu chapéo, pôl-o sobre uma cadeira, caminhou ligeira para onde estava o mancebo ainda absorto no seu meditar, e achegou-se tanto d'elle, que as suas faces quasi se tocaram.

Desejosa de ver o que podia merecer-lhe tão profunda attenção, deitou a cabeça, e viu o seu retrato... o retrato d'ella esboçado a lapis e de uma similhança perfeita. Doçura inefavel ! prazeres do céo !

Ella viu tambem sobre elle signaes recentes de algumas lagrimas.

Então como por um subito movimento de orgulho, a bella duqueza endireitou a cabeça ; animaram-se-lhe as faces, e uma inconcebivel expressão de felicidade e de altiveza lhe radiou por sobre a fronte ; talvez mesmo que fosse um pensamento de desdem que lhe franzio os labios e carregou o olhar que ella lançou sobre esse mancebo de feições affeminadas, de tão delicadas proporções, quando abaixando as suas loucas palpebras, cruzando os braços, ella o dominou de toda a altura de seu talhe nobre e elevado a que o seu trajar de amazona dava ainda maior realce.

Esta mulher era um desses bellos typos hespanhoes, de uma natureza rica e vigorosa. Oh ! quanta paixão fogosa e arrebatada, quanto ciume devorante e implacavel havia n'essas formas pronunciadas, mas nervosas apesar da sua elegancia ! e esse cabello expesso e tão fino ! e essas sobrancelhas luzidias e arqueadas ! e esse lu-

çosinho quasi imperceptivel que fazia brilhar o coral de um labio rubicundo um pouco saliente!

O' Ritta! Ritta! tendes vinte e oito annos, e foi o sol da Havana que doirou os vossos bellos hombros tão voluptuosamente arredondados! Ritta! dever-se-ha lastimar ou invejar aquelle por amor do qual sais a cavallo, seguida de um só escudeiro?

Ides a uma velha torre arruinada, vós, senhora duqueza, cujos primeiros domesticos são fidalgos; vós orgulhosa filha e viuva de grandes de Hespanha; vós cujos, antepassados, descendentes de Sancho IV, tinham direitos á corôa de Castella.

Ao movimento que Ritta fez, o bello solitario da torre de Koat-Ven despertou como de um sonho, e, erguendo a cabeça, viu alfim a duqueza com os cotovellos encostados aos braços da poltrona, considerando-o com idolatria.

— Oh! és tu, diz elle com amor, estavas ahi?...

— Sim, sou eu Henrique, eu, o teu demonio tentador, diz ella sorrindo e beijando-o na testa.

— Oh! cala-te, cala-te, diz o mancebo repellindo-a docemente, em quanto que uma nuvem sombria se lhe estendia pelo rosto.

— Criança, diz a duqueza deitando os braços em volta do pescoço de Henrique, sempre escrupulos de rapariga! Vejamos, quero convencer-te e calmar essa consciencia timorata.

E Ritta, assentada sobre os joelhos de Henrique, appoiou a cabeça sobre o hombro do mancebo.

Depois, como elle permanecesse pensativo e absorto, e a sua mão parecesse ficar gelada entre as mãos ardentes da duqueza: — Henrique, diz ella com impaciencia, então é assim que me recebes? já me não amais?

E Henrique mostrando-lhe o retrato della: — O' Ritta, posso eu não vos amar? não mudastes vós a minha vida? e essa vida que me destes não é ella toda o vosso amor? Amar-vos agora, para mim, é viver.

— Já não tens pezares, Henrique? diz a duqueza brincando com os compridos cabellos do seu amante.

— Sim, Ritta, sim; quando não estais ao pé de mim, experimento pezares bem amargos, porque eu faltei a uma promessa sagrada, porque eu vou quiçá renunciar a uma vida obscura e religiosa para que havia nascido. Creado longe do mundo, as minhas paixões, os meus sentidos, as minhas idéas, tudo em mim estava adormecido. Ritta, eu só tinha um amor, era o do céo. As minhas crenças fortificavam-se na solidão, a minha unica mira era o claustro... sim, Ritta, o claustro. Se tivesseis visto, como eu, a abbadia de Kaudem, acolá em baixo, com os seus vetustos bosques de carvalhos e com os seus rochedos altos! se tivesseis ouvido a brisa do mar suspirar debaixo das arcadas sombrias das suas galerias, compreenderieis todo o encanto que então eu imaginava haveria nesse porvir que para mim preparava, nesse desejo de ahi viver vida indifferente e socegada. Porque a minha vida se teria deslisado pura e pla-

cida á sombra da abbadia, como o rega o occulto que corre ao fundo dos bosques. Fraco, soffrendo, eu teria amado bem os fracos e os que soffrem; a minha vida se iria passando a soccorrel-os, e um dia ella acabaria sem remorsos e sem temor. Um dia, Rita, escondido na minha cella, buscando ainda com o olhar as longas vagas do Oceano, procurando ouvir uma ultima vez as sublimes harmonias do vento do mar, teria deixado este mundo sem recordações e sem temor.

E Henrique escondeu a cabeça no seio de Ritta.

— Oh! diz ella, se tu soubesses com que orgulho, eu ouço essas tuas confissões! se tu soubesses, Henrique, como é agradavel dizer-se: Ess'alma fragil e timida que, batendo as azas do menor contacto do mundo, só queria abril-as para voar para o céo; ess'alma que se dedicava a Deus consagrou-se a mim... tornei-me o seu deus; é minha, e eu sou della!

Porque tu és meu, Henrique... minhas são tambem as tuas lagrymas e os teus pezares que tornam a mais feliz das mulheres! feliz... oh! E comtudo, meu Henrique, como os nossos characteres se parecem pouco!... eu que tenho as ideas fortes e invariaveis de um homem, quando tu tens a doce timidez de uma mulher; eu que tenho de vencer os teus escrupulos, os teus ingenuos terrores, para te provar que tambem cá neste mundo ha felicidade... Pois bem! Henrique, é talvez esse contraste admiravel, que entre nós existe, que mais augmenta a violencia do meu amor, desse amor, o unico que tenho experimentado... desse amor que faz com que eu tão altiva, com que eu sempre tão desprezadora das homenagens dos homens, ache todavia uma ventura inexplicavel em aqui estar submissa, escrava, aos teus joelhos, aguardando uma palavra de amor da tua boca, pedindo-o por favor, por compaixão.

E a duqueza, deixando-se docemente escorregar até aos pés de Henrique, tinha as mãos postas, e, tremendo, olhando-o com adoração.

Nesse momento, o rosto de Henrique tinha uma deliciosa expressão de melancholia e de ventura; os seus olhos estavam humidos de lagrymas, e, abaixando a cabeça, appoiou a fronte sobre a fronte de Ritta. Depois ter-se-ia julgado que o caloroso e voluptario respirar dessa mulher apaixonada animava de repente esse moço tão timido, e que elle bebera nos labios da hespanhola o fogo que em seus olhos brilhou, o fogo, que subito lhe coloriu as faces.

O' Ritta! diz elle erguendo-se com força, aqui me tens debaixo do teu encanto; Ritta, a tua boccá lança-me um fogo que me embriaga, porque nestes momentos de delirio, vês tu, Ritta, a minha imaginação exalta-se, arrebata-me, os meus sentidos adquirem uma sensibilidade pasmosa; olha, o meu coração agora bate, agora o meu cerebro pensa, as minhas idéas são vivas: agora existo, neste momento o sol parece-me mais brilhante, o mar mais bello, as flores mais

perfumadas, a voz dos passarinhos mais amorosa; agora tenho pensamentos de gloria e de combates, agora, a recordação dos meus votos de solidão e de obscuridade me parecem um sonho longiquo e desvanecido. Não sei que ardor me anima, que poder me arrastra; mas este habito me é odioso, a vista destes livros me fadiga, esta soledade me peza... tenho precisão de esplendor, de tumulto... quereria ouvir os brados dos soldados, o ruido das armas, que sei eu! quereria empunhar uma espada... Meu Deus! uma espada, gloria, um nome, um grande nome, que só com inveja e respeito se pronuncie.

E toda a figura de Henrique havia experimentado uma inconcebivel metamorphose; seu talhe mediano se havia alevantado, o seu modo triste e timido fôra substituido por um ar de audacia e intrepidez extraordinaria; a sua attitude era magestosa: o seu olhar de aguia tinha um brilho e uma fixidade taes, que a duqueza não pôde sustenta-lo. Pela primeira vez por ventura baixou ella os olhos diante dos de Henrique: elle assim estava admiravel...

— Oh! diz ella lançando-se-lhe ao pescoço, oh! como estás bello, Henrique, meu anjo... como essa expressão intrepida vai bem aos teus olhos! oh! como eu gosto dessa audacia que brilha em teus olhares! E como não havia de eu gostar della, Henrique, não é obra minha?... porque emfim, esses pensamentos de gloria dei-t'-os eu! vieram-te com o amor que me tens!... esse fogo que te exalta, bebes-te-o em os meus labios... emfim, diz ella quasi a chorar, amo-te... oh! amo-te com tanta ternura ciosa, com tanto egoismo e altivez como uma mãi ama seu filho. E, se tu soubesses com que avidez eu procuro, nessas sensações novas que em ti fiz brotar, os vestigios das minhas proprias sensações! oh! procuro-as, vês tu, como uma mãi procura as suas feições nas feições do filho que adora... Por isso, Henrique, tu deves-me mais do que amor... tu deves-me amar como amante e como mãi... ouves tu, Henrique? isso pede a tua honra... porque é uma coisa santa e sagrada um amor assim: e depois esse ar que agrada, não quero que agrade a outras mulheres; e uma vez que te eu houver arrancado a essa solidão odiosa... tu promettes-me, não é assim, Henrique, ficar para todo o mundo o triste solitario de Koat-Ven... Para mim só guardarás esse olhar scintillante, esse ar vivo e intrepido. Mas, como sou louca! accrescentou ella com um sorriso que veio brilhar por entre as lagrimas que chorava; só o meu amor é bastante poderoso para te exaltar assim; e tu es tão frio, tão taciturno habitualmente, que eu sou a unica mulher que se póde interessar por ti. Pobre moço, a tua pallidez, a tua melancholia, affastarão bem depressa as outras... porque essa pallidez, essa melancholia, não podem agradar senão a mim... oh! só a mim, eu t'o juro, diz a duqueza com esse ar de intima convicção que tomam todas as mulheres

quando fallam ao seu amante do encanto ou do vicio que sabem juntamente dever seduzir as suas rivaes.

— Tenho pensado nisso muitas vezes, Ritta, diz Henrique com ar sombrio. Sim, tenho pensado que só tu me podias amar... e esse pensamento tem-me sido algumas vezes bem amargo. Escuta, Ritta, tu comprehendes bem que a vida de um claustro, agora, já me não é possivel; a minha vida, és tu, é o teu amor... Mas dize-me, Ritta, se tu mudasses! se tu chegasses a perder-me o amor, tu, a unica que póde amar-me!

— Henrique... oh! Henrique...

— Comprehendes o que então a vida seria para mim, se tu mudasses, dize?...

Essa vida, que hoje me fazes tão bella e risonha... esse porvir, que me exalta, que me anima, devo-o só a ti, tu o diceste: por isso, se te afastasses de mim, eu cahiria no nada... não por certo na minha vida antiga tão placida e indifferente, mas n'uma vida de pezares horriveis, de recordações afflictas que durariam talvez bastante tempo!

— Pois bem! escuta, Henrique, respondeu a duqueza com exaltação singular, esse temor nunca eu tive, vês tu; porque julgando-te por mim disse comigo: se me elle trahisse, matal-o-hia.

Depois de um momento de silencio continuou:

Tu não me matarias tambem se eu mudasse?

— Sim, sim, diz Henrique com transporte, sim; e porque não? ajuntou elle com um riso amargo; tu me fizeste já renunciar á idéa de toda a minha vida... porque não farias tu de mim um homicida?...

E depois pensar que, nos braços de outro, talvez... tu ririas de mim, tu ririas do moço credulo, que dando credito ao amor de uma mulher, deitou ao vento porvir e crença, perjurou promessas sagradas! Não, não, Ritta, pensaste bem, matar-te-hia!

E as feições de Henrique tinham uma expressão quasi feroz quando agarrou com violencia a duqueza pelo braço fixando nesta seus olhos ardentes.

— Mas, exclamou esta com um transporte impossivel de descrever, cobrindo-o de beijos devorantes, mas tu queres tornar-me louca de felicidade... louca de amor por ti, anjo... anjo adorado! mas a minha influencia sobre ti obra prodigios! Foi o céo ou o inferno quem m'a deu, porém ella existe... Em um mez, Henrique, ter-te transtornado a este ponto!... tu tão candido, tão timido, tão crente... tu com o teu character meigo e receiozo... tornares-te assim!... oh! que amor!... diz assim Ritta com uma especie de prostração volupioza, como se se sentisse esmagada debaixo de tantas provas de paixão.

— Oh! isso é verdade, Ritta, e eu digo como tu, estremecendo algumas vezes: Que amor!...

E a duqueza se ergueu direíta, magestosa; e estendendo a mão a Henrique:

— Henrique, d'aqui a tres dias... aqui... tu me conhecerás inteiramente ?...

— Que quereis dizer, Ritta ?

— D'aqui a tres dias, Henrique....

— Tres dias sem te vêr ?

— Assim é mister ; mas então já não poderás mais duvidar de mim, e eu só te heide pedir uma palavra, um só juramento ; o de deixares esta torre e de renunciares para sempre a vocação que te haviam imposto.

— D'aqui a tres dias ! diz Henrique com ar pensativo, pois sim... mas que seja á noite... á meia noite...

— A' meia noite... para que ?

— A' meia noite, Ritta... eu t'o supplico... parece-me que um juramento feito á noite, ao scintillar das estrellas, em meio do silencio magestozo da noite, do murmurar do mar, tem alguma cousa de sagrado. O' Ritta ! seria myster ser duas vezes infame para jurar falso a similhante hora !

— Seja á meia noite, respondeu Ritta depois de um momento de reflexão.

E estendendo a mão a Henrique, que ficava absorto, se dirigiu para a porta.

E esta scena inesperada quasi solemne, lançou uma especie de constrangimento e de reserva na despedida dos amantes, que sempre haviam sido tão ternos.

A duqueza foi ter com o seu escudeiro, e já ella tinha desapparecido, ainda o seu amante agitava um véo branco no cume da torre de Koat-Vent.

IV.

Vous descendez de hauts barons, ma mie :
Dans ma lignie ou note d'infamie
Femme qui pleure, e ce par la raison
Qu'il en put nàitre un lache en ma maison.

ALFREDO DE VIGNY — *Madama de Soubise.*

A duqueza de Almeda, creoula da Havana, havia casado mui moça com o duque de Almeda. Esta união foi uma contrariedade para Ritta porque se sentia com muita propensão para a vida religiosa : mas compellida a obedecer á sua familia, resignou-se, e os deveres de uma devoção sincera occuparam tão sómente o seu coração até ao momento em que veio á França.

O duque de Almeda era um ancião de muito espirito, mas que, fascinado, como muitas outras pessoas da sua classe, pelo falso esplendor que nesse tempo brilhava na eschola encyclopedica, enganado pelas apparencias de philanthropia que ella apregoava, se votou todo inteiro á propagação das novas doutrinas. Partilhando a singular vertigem que então turbava a razão de uma parte da nobreza franceza, no espaço especulativo das mais perigozas utopias, apressou pois, segundo os meios de que podia dispôr, o desinvolvimento das idéas que mais tarde deviam ser tão fataes a todas as aristocracias e a todos os poderes.

Os motejos amargos que jogava a sua mulher a respeito do que elle chamava sua superstição nenhuma influencia n'ella tiveram em quanto vi-

veu em Hespanha. O poder temporal e espiritual do clero era lá ainda tão grande, as crenças dos povos tão profundas, que Ritta, mergulhada n'essa atmosphera de devoção, rodeada de pessoas que partilhavam as suas convicções, encontrando a cada passo signaes exteriores dessa religião, conservou toda a pureza da sua fé.

Mas logo que, chegando a Versailles, viveu por algum tempo no meio dos festins e das delicias de uma corte espirituosa, intima e elegante, essa fé tão robusta chegou a vacillar, aturdida por esse turbilhão offuscante.

E depois, exteriormente, a religião da França não era a religião da Hespanha, não haviam lá essas egrejas altas, tão sombrias, tão profundas, com os seus relicarios resplandecentes de oiro e de pedrarias, que, absorvendo por isso uma luz rara e duvidosa, radiavam em meio das trevas como um clarão divino; não havia lá esse canto grave e magestoso dos frades; não havia lá essa população toda vestida de preto, acocorada sobre o chão frio das egrejas na sombra e no silencio, e passando com fé as contas do seu rosario.

Na França, a religião, escarnecida, insultada no seu espirito, procurava ferir os olhos pelo brilho emprestado do seu culto, as egrejas eram enfeitadas, garridas, mas tinham em parte perdido os admiraveis vidros que nellas faziam reinar uma escuridão tão mysteriosa; e além disso ia-se á missa para vêr e ser visto; o sol dardejava raios alegres atravez das altas janellas, inundava tudo de luz, e resplendia sobre o veludo, o oiro e a seda que cobriam uma multidão risonha e ruidosa, cujo luxo superava o luxo do altar; e além disso o philosophismo já fallava alto, interrompia agradavelmente os sagrados mysterios; e eram emfim as mulheres do theatro que cantavam os hymnos santos.

Por outra parte, é myster confessal-o, as idéas religiosas de Ritta eram mais adquiridas do que instinctivas e filhas do raciocinio. Dotada de uma imaginação mobil e ardente, o que sobretudo a havia exaltado, eram as apparencias pomposas do christianismo, as suas graves e magestosas cerimonias; não tendo jámais soffrido, nada havia tido que demandar aos eccos do abysmo em que Pascal se absorveu.

Da religião tão sómente sentia a poesia.

Do Oceano sem fundo, ella só via a onda risonha e azulada que brincava na superficie, e n'isto se embalava embriagada de incensos ao murmurar longiquo das harmonias do orgão.

Por isso, quando os philosophos que compunham a sociedade de seu marido vieram atacar essa fé tão espiritualisada com um materialismo glacial, Ritta ficou sem saber o que havia de dizer. Aos milagres que ella citava, oppunham-lhes as leis immutaveis da physica e da astronomia; para qualquer lado que a pobre senhora se voltasse, não encontrando senão fria razão ou sarcasmo atroz,

ficava callada e em espanto: porque, com quanto não a convencesse a lucidez apparente de certas objecções, a haviam comtudo muito impressionado.

Então, sentindo como por instincto tudo o que perdia, quiz refugiar-se em a sua primeira crença... mas já era tarde... O estupido e brutal demonio do espirito da analyse havia desbotado com seu sopro dessecante essas deliciosas visões de azul e de luz..., povoadas de anjos com suas azas de fogo, e em que se ouvia uma melodia sem fim... tudo havia desapparecido.

E isto concebe se bem: um homem de um genio poderoso ou de fé experimentada pode luctar com vantagem, e mesmo impor a sua santa convicção aos seus antagonistas, arrebatando-os para a sua esphera pela magia de uma eloquencia attrahente; mas Ritta, a cujo espirito vivo e ardente faltava profundeza; Ritta, que acreditava talvez tanto, como já disse, na poesia da religião como na mesma religião, não podia combater os seus adversarios.

Emfim fatigou-se de vêr que sempre ia mal nas suas discussões; o seu amor proprio se irritou de ver continuadamente oppôrem capciosos racionios ás suas allegações confusas: terminou por duvidar de si mesmo e da sua fé. Da duvida á incredulidade só vai um passo; esse passo foi dado, Ritta tornou-se *incredula*.

A incredulidade devia ao principio impressionar vivamente uma organisação tão exaltada como a de Ritta. Com effeito, á primeira vista sente-se um atractivo fatal n'essa lucta que se julga travar com Deus; porque a revolta do anjo rebelde não deixa de ter uma poezia selvagem. Ha sobre tudo audacia em blasfemar quando Jupiter responde por um trovão, por isso é precizo ser atheo como Ajax, ou então não se metter n'essas coisas.

Mas, reflectindo um pouco n'esse atheismo do decimo oitavo seculo, que embalde engrossa a voz, e que Deus não ouve, esse atheismo faz vergonha e dó, porque é absurdo e até covarde; porque aquelles que o professavam criam em o nada despois da morte, e nem sequer a Bastilha tinham a temer durante a vida.

Ora, como a Divindade não acceitou o cartel que Ritta lhe offerecia, a sua incredulidade pouco durou; a indifferença lhe succedeu, e um dia a duqueza de Almeda se achou sem odio nem amor pelo céo.

Se insisto tanto n'esta phase da vida de Ritta, é porque desde esse momento a sua existencia foi outra inteiramente.

Porque essa imaginação tão viva e apaixonada, que até então tinha achado um alimento nos pensamentos do infinito e de eternidade que abrem uma carreira inconmensuravel ás almas ardentes; essa imaginação, tendo bem depressa esgotado o que lhe haviam dado em troca das suas crenças destruidas, se achou reduzida a consumir-se no proprio fogo.

Porque até então Ritta havia esca-

pado á influencia das paixões terrestres. E bem tinha ella feito. Mas agora, caida de tão alto, se est'alma ardente desejasse emoções de prazer ou de angustia, só no amor as podia procurar; porque o amor tambem é uma crença e uma religião; sobre tudo para Ritta, assim deveria ser, porque se ella tivesse amado, teria sido com egoismo, com raiva, com ciume implacavel e feroz; teria sacrificado ao amor o que quizera sacrificar ao céo: classe, fortuna, patria.

Mas não era assim que então se amava em França, por isso Ritta, não achando ninguem que lhe parecesse digno de uma paixão tal como ella comprehendia, posto que rodeiada de homenagens, accolheu com desprezo e desdem as attenções que lhe eram offerecidas, conservou-se pura em meio da corrupção, e viveu convenientemente com o duque de Almeda até ao momento em que, ferida por uma morte imprevista, Ritta foi restituida á liberdade.

Ritta pouco pezar teve pela morte do duque, mas por decencia foi passar o tempo de luto á sua terra: além de que deixou a corte sem saudades, porque a arrogante rigidez dos seus principios lhe havia conciliado todos os odios: e, apezar das calumnias de alguns, que asseguravam que a sua circumspecção consistia na dissimulação, a opinião geral com tudo foi concorde em que a duqueza de Almeda tinha sido de uma inteira pureza de costumes, mas de uma pureza tão intolerante e tão orgulhosa, que a conducta mais dissoluta lhe teria grangeado menos inimigos do que a sua insolente virtude.

Fatigada destes odios, não tendo couza alguma que a prendesse a Versailles ou a Pariz, Ritta veiu pois habitar Kervan.

Depois que viera para França nunca Ritta se havia achado n'uma solidão tão completa. Foi então sobretudo que sentiu a perda das suas crenças antigas: mas já era tarde.

A duqueza, irritada, desgostoza, passava largas horas entregue a um soffrimento desconhecido, a chamar por uma felicidade tambem desconhecida; ia emmagrecendo, as lagrimas cavavam-lhe as faces; sem socorro, sem refugio contra estas penas amargas, contra essa excitação nervosa que a devorava, cem vezes pensamentos de suicidio lhe adejaram no espirito; mas ou porque lhe faltasse a coragem, ou porque um presentimento secreto a sustivesse, foi assim miseravelmente arrastrando a vida até ao momento em que um acaso singular lhe fez conhecer Henrique.

Uma das suas criadas veiu um dia dizer-lhe que, tendo uns pescadores entrado n'uma torre arruinada, que ficava á beira-mar, ahi haviam encontrado um mancebo de rara beleza, quasi muribundo, e que conhecendo estes a humanidade da senhora duqueza, tinham vindo implorar-lhe o seu soccorro a favor d'aquelle desconhecido.

Impressionando esta historia o caracter romanesco da duqueza, nda

respondeu, mas no mesmo dia se dirigiu para a torre de Koat-Ven, accompanhada pelo seu escudeiro Perez. Foi ahi que pela primeira vez viu Henrique. Tocada pela doce tristeza estampada no rosto bello e nobre deste moço, Ritta explicou com emoção o objecto da sua visita : que tendo ouvido dizer que lhe poderiam ser uteis alguns cuidados, ella vinha offerecer-lhe os seus.

Henrique agradeceu-lhe com reconhecimento, mas accrescentou que cedo esperava delles já não carecer.

A sua historia era simples ; orphão, tinha sido educado por seu tio, velho ecclesiastico, a quem jámais havia deixado senão quando a morte lh'o roubou. Ficando só no mundo, sem fortuna nem apoio, Henrique o que havia de fazer senão seguir a vocação para o claustro, que elle julgava sincera. Todavia antes de se decidir de uma maneira irrevogavel, e querendo experimentar se poderia supportar a solidão, os jejuns e austeridades da vida monastica, se havia retirado por algum tempo para aquella torre.

Mas as suas forças o haviam trahido, cahira doente ; e um velho creado que o servia havia-o abandonado porque lhe elle já não podia pagar os seus serviços, deforma que se não fosse a visita imprevista dos pescadores teria morrido ignorado. « Emfim, ajuntava elle, agora pouco me importa, porque eu bem sinto que a minha vida vai a acabar, e não tarda que o pobre orphão vá encontrar no céo uma mãi que não conheceu na terra. »

Esta resignação melancholica, esta infelicidade que esmagava o mancebo, cujo gosto tão candido era, tudo isto commoveu fortemente a duqueza, que desde logo concebeu uma compaixão profunda por este desventurado.

Desde esse dia para Ritta começou nova existencia. Por uma contradicção singular, essa altiva duqueza que resistira a tantas, tão brilhantes e fastosas homenagens, sentiu germinar em seu coração uma sensação desconhecida á vista desse desventurado, que tanto soffria ; e quando a fatuidade mais elegante, as maneiras mais distinctas, a impertinencia mais da moda, não haviam podido obter um só olhar de Ritta... o rosto triste e pallido de Henrique ficou gravado no fundo do seu coração ; essas feições, que só uma vez vira, seguiram-a por toda a parte, e os accentos dessa voz doce e timida echoaram sempre em sua alma.

Ritta sentia tanta felicidade nesse amor, que nem pensou em o combatter. Livre, immensamente rica, quem podia impedil-a de ser de Henrique ? E elle, que se achava só, isolado, sem parentes, nem amigos, não seria della, della só ? Não estaria elle na sua dependencia absoluta ? Não lhe proviria a elle tudo della ?

E alem disso não seria a unica que o amasse ?.. porque ella não comprehendia o amor de outra forma.

Sim, Ritta teria ciumes até da mãi ou da irmã de Henrique, se elle tivesse mãi ou irmã ; porque o amor co-

mo Ritta o experimentava, era um egoismo quasi feroz, tanto era elle exclusivo. Assim, quanto mais Ritta ia conhecendo Henrique, mais o amava. Passava horas inteiras a escutar as confidencias dessa alma ingenua e candida, a ver patentear-se pouco a pouco o coração que elle ainda não conhecia, a sentir tambem em seu coração o que fazia experimentar a Henrique, porque ella era tão ignorante como elle em sensações amorosas; por isso havia um cambio de detalhes surprehendidos em cada nova descoberta que ambos faziam nos seus proprios corações...

E Henrique era tão timido, tão timorato... e como elle nada pedia, tinha sido mister tudo offerecer-lhe...

Emfim, que direi? o amor mais frenetico, mais violento, veio apoderar-se de Ritta. Na sua idade, o desenvolvimento de uma paixão tão exaltada devia ser terrivel; por isso toda a consideração se destruiu diante da vontade inabalavel que ella tinha de que Henrique fosse seu, e, esquecendo a sua fortuna, a sua classe e a sua posição social, se decidiu a offerecer a sua mão a Henrique, posto que elle lhe tivesse confessado que era nobre mas de uma casa bem pobre da Bretanha.

Que me importa a sua fortuna? dissera Ritta; não é elle nobre? E alem disso, filha unica de um grande de Hespanha, posso dar a Henrique o titulo e o nome de meu pai... Sim, porque eu quero que elle tudo me deva, tudo, até o nome, o nome de que elle ha-de tambem saber usar, porque Henrique é bello, é bravo, espirituoso... e eu não conheço um fidalgo que o valha; e ama-me tanto... oh! adora-me, bem o sinto aqui no meu coração... Eu amo-o muito, para que assim não seja; e por ventura me não sacrificou elle tudo o que podia sacrificar no mundo?... a fé que havia jurado, o porvir que havia sonhado tão puro e placido... E quem sabe, dizia Ritta com terror, quem sabe se não foi a verdadeira felicidade que me elle sacrificou?...

Emfim, os tres dias que ella tinha pedido a Henrique para reflectir, tinham, se mais era possivel, tornado a sua vontade mais firme, mais inabalavel. Por isso, no terceiro dia, logo que anoiteceu, poz o seu manto, e, saindo pelo oratorio, que communicava com a capella, foi ter com Perez que a aguardava.

Encostada ao braço do seu escudeiro, fez a pé o trajecto do castello á borda do mar; e, chegando ao pé de um grande rochedo, deixou Perez, e se dirigiu para a torre.

Já Henrique se achava á porta sobre uma especie de plata-forma que servia de base á escada, mas vestido de tal sorte, que Ritta não o reconheceu logo e parou receiosa.

Henrique vestia um habito de frade, e o capuz quasi lhe occultava o rosto.

— Ritta, Ritta... sou eu, diz elle com a sua voz suave. Apenas pronunciara elle a primeira syllaba do seu nome, a duqueza, reconhecendo a voz do amante, foi cair-lhe nos braços.

— Henrique, para que é esse habito lugubre?

— Não, era este por ventura o que eu devia tomar antes de te conhecer, Ritta?... Quiz vestil-o uma ultima e unica vez... como para te fazer o sacrificio mais completo.... Queres-me mal por isso?

— Não, não... mas vem, diz Ritta precipitando-se para a escada.

Henrique reteve-a. — Escuta, diz elle, comprimindo os labios de Ritta com os seus, eu desejaria estar só lá em cima á tua entrada... eu quereria ainda uma vez ouvir o teu andar pela escada o roçar do teu vestido...Queres?

— Sim, sim; mas que te eu diga tornou Ritta com alegre precipitação, tal era a pressa de confiar este segredo querido ao seu amante: que te eu diga, Henrique... que é a minha mão que venho offerecer-te; a minha mão... uma fortuna immensa... um titulo... um titulo nobre e brilhante, tudo isto é teu, é teu! tudo isto é para aquelle...

— Querido anjo! diz Henrique beijando-lhe a fronte e interrompendo-a, logo, logo.

— Sim, sim, mas avia-te... Vês tu, Henrique... eu não espero nem mais um minuto, diz a duqueza com uma impaciencia de criança.

E Henrique desappareceu nas trevas da torre.

Um minuto depois, Ritta estava a essa porta, que bem reconheceu apezar da escuridão.

Ella abriu-a, e deu um grito de espanto e quasi de susto.

V.

SURPREZA.

> C'est par tous les sacrifices imaginables que je prétends vous acquérir, e vous acquérir sans reserve.
> Diderot. — *Inconsequencia*, V. VII. pag. 356.

A surpreza de Ritta era bem natural, porque já se não reconhecia a salla obscura da torre de Koat-Ven. As suas paredes humidas e ennegrecidas pelo tempo haviam desapparecido debaixo de elegantes armações de seda escarlate, que faziam a casa metade mais pequena.

E além disso havia uma profusão de candelabros, de douraduras, de espelhos, que reflectiam os lumes de mil vélas que disparziam um clarão resplendente n'esse quarto circular.

Era o timido e melancholico Henrique transformado em um elegante e ousado gentilhomem que vinha offerecer a sua mão á duqueza para a conduzir a uma poltrona collocada junto de uma meza servida esplendidamente, toda carregada de prata dourada, de flores e de cristal.

Sim, sim, era Henrique. Unicamente, em logar do habito de frade, que sem duvida tinha posto para occultar o seu fato, era Henrique magnificamente vestido com uma casaca de tafetá azul furtacôr, bordada a ouro... e com um collete de panno cor de prata..... Era Henrique, offuscante pelo brilhar dos diamantes que scintillavam por debaixo das longas ren-

das dos seus punhos, sobre as ligas, sobre as fivellas dos seus sapatos com saltos encarnados, e sobre os copos da sua espada.

Era Henrique, que trazia com uma graça perfeita esses vestidos de grande senhor; essa cazaca sobre que se distinguiam as ordens de Malta e de S. Luiz, e ornada de largos cordões de setim branco que assaz provavam que Henrique estava ao serviço.

Mas, ah! o rosto de Henrique já não tinha essa expressão de soffrimento e de tristeza que tanto haviam encantado Ritta. Agora as suas feições eram alegres e motejadoras; os seus olhares, que a duqueza tinha quasi sempre visto baixos e velados por suas compridas palpebras, os seus olhares scintillavam então de malicia e de contentamento, e a nuvem de pós brancos e odoriferos que cobria os cabellos de Henrique mais ainda fazia realçar o scintilar de seus brilhantes olhos negros.

— Eu não sei se estou sonhando se acordada... Henrique!... exclamou a duqueza, tremula e dominada por um sentimento de receio e de dôr insuperavel,

— A senhora duqueza vai saber tudo, respondeu respeitosamente Henrique, affectando essa delicada polidez de então que não permittia fallar ás senhoras senão na terceira pessoa.

Ritta lançou-se n'uma poltrona dizendo: — Esplicai-vos, em nome do céo, senhor, explicai-vos!...

— Primeiro, diz Henrique, a senhora duqueza hade-me permittir que lhe pergunte se ouviu fallar do conde de Vandrey?

— Muito, senhor... quando estive em Versailles.

— Pois bem! a senhora duqueza saberá, talvez com espanto, que sou eu esse conde de Vandrey.

— Vós, senhor... vós, Henrique? Mas então... meu Deus... que significa... Mas o conde de Vandrey, segundo ouvi dizer, servia na marinha, e estava na America... E' impossivel... por compaixão, Henrique, dizei-me que mysterio é este?

— E' verdade, senhora duqueza, que servi nos mares da America, em que fazia parte da esquadra do senhor almirante de Guichen; mas depois de dois annos de campanhas regressei á França... ha dois mezes pouco mais ou menos.

— Então, senhor conde, diz Ritta impetuosamente erguendo-se da poltrona, qual foi o motivo deste disfarce? porque eu não posso atinar... perco a cabeça... Henrique... por piedade... não brinqueis por mais tempo com uma pobre mulher... e para que foi esta mentira? que significa?...

— Queira a senhora duqueza ter a bondade de se assentar, diz Henrique com um inconcebivel sangue-frio, que já vai saber tudo...

Ritta assentou se machinalmente na poltrona.

— A senhora duqueza ha-de-me desculpar se a minha narração remontar a uma epocha um pouco afastada; mas

assim é mister para a perfeita intelligencia do que vou dizer.

Ha perto de dois annos que o senhor marechal de Richelieu, que ainda é meu parente e um dos meus amigos, vendo com pena as francas e folgasans tradições da Regencia e do seculo de Luiz XV extinguir-se e perder-se em a torrente de idéas novas que nos invadiu, imaginou fundar uma sociedade, um *club* como agora diriam os nossos anglomaniacos, devendo os seus membros primeiro que tudo ser de boa condição; e reservando o marechal a presidencia para si.

Os membros d'este club deviam sobre-tudo esmerarem-se em patentear esta moderna hypocrisia, que, em logar de confessar sem ceremonia como outrora, que procura o prazer, affecta virtude, nega o facto, e, para se justificar, se entrincheira atraz da auctoridade de não sei que leis pretendidas naturaes, fataes, sympathicas, irresistiveis... e outras coisas, que felizmente me escapam... demaneira que, se se engana o marido, diz-se-lhe: Não é nada meu amigo, *estava escripto*; ou então: *Está na natureza*, porque entre os selvagens fazem muitas outras coisas... Ou: Foi á *corrente magnetica* que me arrastou.

De sorte que se renderam á corrente, ao destino, ou á natureza!... e no amante não se falla. Todas estas bellas coisas são misturadas de grandes palavras, de phrases romanescas que a ninguem illudem; porque, se os costumes n'isso ganhassem, isto seria muito aborrecido, mas mui respeitavel: nada, os costumes são os mesmos; somente perdem esse verniz de elegancia, de espirito e de saber viver, que era, por assim dizer, a moral da immoralidade... N'uma palavra, estragam-nos a corrupção: lembrai-me o termo proprio, ridiculisam-a.

— Senhor conde, ignoro...

— Mas, senhora duqueza, n'outro tempo, ao menos, tudo isto se passava quasi em familia; e, corrido o panno, podiamos fallar de virtude aos pobres diabos, que verdadeiramente precisam d'isso para serem felizes. Agora quer-se tanta egualdade no amor como na politica. Todas as mulheres julgando-se Julias, procuram Saint-Preux, e vão buscal-os Deus sabe aonde! pouco importa... e se escolherem para amante um servente de pedreiro em logar de um duque e par... chamarão a isso « pizar aos pés o odioso e immoral prejuiso do nascimento... » ou « operar a fusão das classes. »

Ora concebo muito bem que assim chegariamos a bom andar a formar a *grande familia* dos senhores da Encyclopedia. Mas não devemos soffrer tal profanação; por isso, para impedir é mister mostrar ás mulheres o nada e o perigo das suas pretendidas paixões pelas pessoas obscuras, e, para que alguma d'essas boas perfidias conhecidas debaixo do nome de devassidões, faça emfim reflorescer o *gosto antigo*.

Ao ouvir estas palavras a duqueza empallideceu singularmente.

— Fui recebido como membro d'essa preciosa associação algum tempo antes

da minha partida para a America; e, ficando ferido em um dos nossos ultimos combates, o almirante me encarregou de trazer para a França os seus despachos a Sua Magestade.

Em quanto estive em Versailles, ouvi fazer um bem cruel elogio da vossa circumspecção, *madama*, e, aqui para nós, bem o havieis merecido. Como, *madama*, sabieis que nem uma fraqueza vos podiam censurar, e não empregaveis o menor recato na profissão de austeridade dos vossos principios? era pois um cynismo de virtude que o mundo não podia decentemente tolerar; porque ha duas coisas que nunca se perdoam: aos homens, a superioridade; ás mulheres os bons costumes.

— Continuai, senhor; diz Ritta friamente.

Henrique abaixou-lhe a cabeça e continou:

— Ora, *madama*, segundo a opinião do menor numero, a vossa modestia consistia na discrição dos vossos amantes, de sorte que ao ver um brilhante mosqueteiro á porta do rei, ou um grande senhor ao erguer da cama, os máos pretendiam e diziam por costume: E' talvez a reputação da senhora duqueza que entra de guarda, ou: Ahi está talvez a virtude da senhora duqueza a fazer a sua reverencia a Sua Magestade... Mas a maior parte, que tinha boas razões para estar bem instruida, por isso mesmo que bem certa estava da pureza dos vossos principios, vos tinha votado um odio ou inveja tão incuravel, que me foi supplicado, a mim que chegava de fóra, e que não conheceis, que experimentasse as minhas forças contra a vossa virtude tão terrivel.

Confesso-vos, senhora duqueza, que primeiro hesitei; porque apenas tinha tres mezes para passar na França, e era mister sacrificar dois d'elles para conseguir o que se pretendia; por isso; graças á minha indecisão, correis grande risco de ficar virtuosa toda a vida, quando, uma vez que ceiei em casa do senhor de Soubise com o principe de Guemenée e a sua amante, tive o maior desejo de possuir esta rapariga. Ella e o principe recusaram-se, mas este ultimo disse-me: Meu charo conde, domai a feroz Hispanhola, e Lélia será vossa, se tiverdes bom resultado, e em caso contrario será meu o cavallo que comprastes a Lauzun.

— Apostei, e foi então que me decedi, *madama*, a fazer-vos aceitar os meus galanteios.

Em quanto que o conde esteve dizendo todos estes atrevimentos com o tom mais livre e desembaraçado, Ritta brincava com uma das facas que se achavam sobre a meza, mas não dizia palavra; sómente as suas sobrancelhas eram agitadas por um tremor quasi imperceptivel.

— *Madama* de Sancta-Cruz, uma das vossas inimigas intimas, continuou o conde, deu-me preciosos esclarecimentos sobre o vosso caracter romanesco exaltado, e o meu plano ficou logo decidido. O meu preceptor, que foi, o digno astronomo Rumphius, me emprestou esta torre isolada; aqui vim estabelecer-me, e, graças á destreza

do meu lacaio, não tardou que ouvisseis fallar do solitario de Koat-Ven. As consequencias da minha ferida, as fadigas de algum excesso, tinham empallidecido o meu rosto, que os meus cabellos sem pós ainda mais remoçavam; eis-aqui todos os segredos do physico que emprestei á adolescencia O vento do mar, o scintillar das estrellas, uma predistinação infeliz, os votos monasticos, a melancholia, a tristeza, a candura, a timidez, prestaram um encanto inteiramente novo aos meus discursos; o amor fez o resto, e eu fui feliz... porque eu fui feliz, senhora duqueza.

Ritta ficou muda.

— Tambem vós fostes feliz, *madama* e ainda o heis de ser... porque, se para vós a felicidade era a certeza de me terdes á força de amor, arrancado a uma sancta vocação, de me terdes revellado a minha alma altiva e intrepida, que eu desconhecia, de me haverdes em fim assegurado um porvir brilhante de fortuna, de nobreza, e de gloria, podeis estar satisfeita, *madama*, graças ao instincto de um coração muito sympathico, tinha prevenido os vossos desejos. Ha quatorze annos que tenho a honra de servir nos navios do rei, a minha vocação monastica modificou-se bastante, eu vol-o juro, e Sua Magestade acaba de me dar o commando de uma das suas fragatas. Eis-aqui pois um porvir á medida dos vossos desejos. Em fim, fóra de gracejo, senhora duqueza, ambos gozamos felicidade; vós a illusão, eu o prazer de a fazer nascer. Separemo-nos como bons amigos, porque um entretenimento de um mez deve ter esgotado o vosso amor assim como tem esgotado o meu. Adeus, pois, *madama* e se nunca mais nos tornarmos a vêr, façamos a promessa de que havemos de rir bastante d'esta loucura da vossa mocidade, loucura que comtudo tem um fim moral. Bem vedes Ritta, que com algumas palavras, algumas phrases, dentro em um mez vos havia levado a ponto de me sacrificardes classe, titulo e fortuna, a mim que julgaveis obscuro e sem posição conhecida. Confessai que jogastes jogo forte. Sirva-vos isto de exemplo, e dai graças a Deus de que felizmente seja incapaz de abusar ou usar dos vossos offerecimentos: porque eu pronunciei os meus votos de cavalleiro de Malta antes da morte de meu irmão mais velho.

— Senhor conde, diz Ritta pallida como a morte, depois de um momento de silencio, esta conducta é infame, é uma covardia indigna de um gentilhomem.

— Ora, adeus! senhora duqueza, o nosso velho marechal tem praticado outro tanto e muitas vezes, e a sua corôa ducal conserva-se ainda direita e firme sobre a sua fronte veneravel. E além disso, acrescentou o conde com altiveza, por ventura, senhora duqueza, não é isto passado entre pessoas de egual qualidade?

—Senhor conde, respondeu Ritta com um tremor na voz, que era a unica cousa que desmentia o seu socego affectado, fazeis-me bastante mal; mas, desgraçadamente para vós, só vós o sa-

bereis, porque eu hei de negar tudo; e como vos disseram, a minha reputação está feita, e todos sabem que sois um fatuo. Calculai.

— Mas, diz o conde, se eu conto bem, o total sommará para todo o mundo um homem cumulado de favores por uma mulher bonita, porque tenho testimunhas.

— Testimunhas, senhor? diz Ritta com um sorriso de desprezo.

— Sim, *madama*, testimunhas. O velho cavalheiro de Lepine, que ha um mez que se leva dos demonios no mirante da torre, e que, pela porta que communica para esta sala, nem uma palavra perdeu do nosso entretenimento. Guemenée quería muito á sua amante para não ter tomado as suas medidas de segurança.

— O' meu Deus, meu Deus! diz a duqueza anniqnilada; depois erguendo-se com as faces rubras, e o olhar inflamado: supponho, senhor conde, diz esta a Henrique com um ar cheio de dignidade, supponho que este gracejo cruel já tem durado bastante; por demasiado tempo tendes esquecido as attenções devidas a uma senhora, e a uma senhora da minha jerarchia.

Senhor, não sei se sois ou não o conde de Vaudrey; o que sei é que vos encontrei aqui sosinho, doente e infeliz; é que se a compaixão profunda que experimentei por um infortunio ficticio ou real deve ser punida como crime, já o está bastante, senhor... Que se o amor que a meu pesar senti por um ente que eu julgava isolado, sem apoio algum sobre a terra, é tambem um crime digno dos soffrimentos mais atrozes, eu estou passando por esses soffrimentos, porque vos amei, Henrique, diz Ritta chorando a seu pezar, amei-vos com toda a compaixão que me inspirava a vossa desventura; amei-vos com toda a esperança que tinha de vos tornar o mais feliz dos homens... amei-vos, Henrique... oh! e bastante!

Henrique sentiu-se commovido.

— E quando eu vinha offerecer-vos a minha fortuna, a minha mão, o meu titulo... julgando-vos pobre e obscuro... quando vos eu amava tanto... que tanto vos amo ainda... porque em fim eu sempre te amo, eu, murmurou convulsivamente Ritta deitando-se-lhe aos joelhos; eu amo-te sempre: porque o que tu acabas de me dizer deveria matar-me... mas foi a tua voz que o disse... e eu amo tanto a tua voz que não morro... e isso não póde ser assim, vês tu, Henrique..... acredita-me, crê no meu amor... jurar-t'o-ia... por Deus... se elle me não tivesse desensinado a crer em Deus... porque, Henrique, de mais a mais, vês tu... já não creio em Deus... nem em mais cousa nenhuma... só tenho a ti no mundo... Se eu tivesse ainda o recurso de uma oração! se eu tivesse ao menos um nome para invocar... quando soffro!.. mas não, nada, nada senão o desespero ou a morte... Eu não te fiz mal nenhum, eu... ia sacrificar-te tudo o que é possivel a uma mulher da minha classe sacrificar... eu estava aos teus joelhos, aqui estou ainda... fui tua amante, quereria ser

toda tua... ser tua mulher... Pois bem! não o quererei mais, Henrique... serei o que tu quizeres que seja... dize, Henrique... mas ama-me... ama-me...

E, chorando, ella beijava com embriaguez as mãos de Henrique; a cujos olhos assomou uma lagrima... o coração despedaçou-se-lhe no peito; elle se inclinava para Ritta... quando uma gargalhada mal comprimida se fez ouvir por detraz da tapessaria.

Só Henrique a ouviu; então, vergonhoso pela sua perturbação, recuperou logo o sangue frio:

— Levantai-vos, senhora duqueza, diz elle. Mas quê ha nisto que seja tanto para affligir? amámo-nos durante um mez... o nosso capricho passou... e digo-vos o que vós tendes talvez dito a outros, senhora duqueza: silencio e adeus...

— Não o acrediteis... é uma horrivel calumnia... exclamou Ritta, assustada, espantada... Não o acrediteis, Henrique...

E se lhe arrastrava aos joelhos.

A este movimento, as armações que rodeiavam a sala se levantam e deixam vêr á duqueza estupefacta homens e mulheres que riam ás gargalhadas, e bradando:

— Bravo... bravo... conde de Vaudrey, ganhaste a aposta... A peça é original.

A duqueza, tendo-se alevantado, redellin violentamente o conde; dotada neste momento de uma força sobrenatural, precipitou-se para a porta, e desappareceu antes que algum dos convivas tivesse podido oppôr-se á sua fuga.

— Miseravel que eu sou!.. ella vai suicidar-se exclamou Henrique correndo em seguimento de Ritta.

— Matar-se por isto!.. Vamos lá! ella sabe viver... diz o duque de Saint-Ouen impedindo Henrique de sair... Minhas senhoras, uni-vos a mim, accrescentou elle dirigindo-se a seis bonitas mulheres que rodeiavam a mesa. Em verdade, já não reconheço este pobre Vaudrey. Que dizia o marechal?.

— A lição foi talvez um pouco forte; e se verdadeiramente fosse eu o seu primeiro amante! pensava Henrique n'um dos seus accessos de amor proprio, recordando-se tambem do excesso da ternura de Ritta.

— Ora! diz elle, eu tenho muita modestia, aind'assim, para me fazer a honra de uma revelação; e, recuperando toda a sua alegria, accrescentou: Além de que, ellas têem razão, nós somos sempre os primeiros... mas, como os reis, os primeiros do nome do baptismo... e isso mesmo é duvidoso, palavra de honra... ha tantos Henrique... Depois, dirigindo-se ao cavalheiro de Lepine: Cavalheiro, podes dizer a Guemenée se lhe eu ganhei lealmente a sua amante.

— Oh! decerto, ganhastes-me bem ganha, diz ella tomando o braço de Henrique.

— Tu lhe dirás tudo isso á meza, Lelia... bradou o cavalheiro. Ceiemos... ceiemos.

— Ceiemos! repetiram todos a uma voz.

VI.

UMA CEIA.

> Jusqu'à ce que je sois éclairci de cette incertitude, je veux entretenir l'erreur qui m'est offerte.
>
> Shakspeare. — *Os enganos*, act. II.

E se puzeram a ceiar.

E que ceia!... uma ceia elegante, abundante de bons vinhos, louca, desordenada e dissuluta, como deve ser a ceia sabiamente comprehendida; porque a ceia é para o casto jantar o que o espirito é para o bom senso, o amante para o marido, a poesia á prosa...

O jantar é ao luzir vulgar do dia; mas para ceiar... oh! para ceiar, é mister essa claridade vermelha das velas, unica que pode lustrar, colorir, completar os enfeites de uma mulher, e que só por si já inspira não sei que enlevante e folgasan embriaguez.

Aristocratica e adoravel claridade, tu resplendeces como que só para dar realce aos objectos que prézas, e tornar mais espessas as sombras que os rodeiam.

Em logar de te esparzires pallida e amortecida em tudo e por toda a parte sem amor e sem escolha, assim como essa banal claridade do dia, tu, tu gostarás de fazer scintillar as facetas polidas do cristal, de brincar com complacencia sobre a opala refulgente, tão preciosa ás louras, ou de radiar sobre a estrella de diamante que treme na fronte das morenas... Tu reluzirás bastante ainda sobre a aresta denticulada de um arabesco de ouro... tu te reflectirás docemente nas prégas ondulantes de um estofo; mas todo o resto ficará mergulhado n'uma amorosa e fraca luz ou em uma escuridão profunda.

Assim resplendece a luz na grande sala, outr'ora solitaria, da torre de Koat-Ven.

Alumiada por esta forma, era impossivel ver cousa mais libidinosa, mais libertina do que essas raparigas seductoras, cobertas de pedrarias que se entrelaçavam nas plumas que ondeavam em seus cabellos empoados e caiam em grinaldas de rubis e de esmeraldas sobre os mais lindos pescoços do mundo, sobre esses pescoços tão carnudos com veias tão azuladas!

Quem, ao vel-as, deixaria de ter tentação de estreitar aquelles corpos tão delicados, tão bem feitos, e com umas cinturas que as anquinhas faziam parecer ainda mais delgadas?... Quem deixaria de ter desejos de beijar aquelles braços brancos e roliços que tão frescos saiam de entre os tufos de rendas ricas cujos bordados delicados chegavam a um cotovelo com convinha...

Viva Deus! era tempo de amarrotar esses largos vestidos de setim espesso, e adamascado, matizado de flores varias como as pennas de um pombo trocaz, esses vestidos que deixavam vêr uma meia de seda com pinhas de ouro, e pequenas chinellas de veludo preto com saltos altos, todas semeadas de palhetas brilhantes.

Era mister acabar com essas ondas insolentes de fitas azues e escarlates que esmaltavam esses justos corpetes de *gaze* côr de prata, e sentir arripiar esses bellos hombros nús, cujo alabrasto era realçado por pequeninos signaes pretos postos da maneira mais assassina.

Vède! que ardente voluptuosidade nesses olhos semi-cerrados, tornados tão luzentes pelo contraste de vermelhão das faces... e tão provocantes pelos espiritos do vinho. Vede! porque essas boas raparigas não se desdenham de occultar os labios de uma viva côr de roza debaixo da escuma branca que a elles lhe assomava.

Alegria, embriaguez!... Vamos, uma orgia deliciosa... e viva, e louca!... meus fidalgos.

Oh! não... as orgias loucas, deliciosas e vivas, essas boas e queridas orgias, cuja recordação alegre e longinqua ainda resplendece algumas vezes em a nossa mocidade estragada... essas orgias commettem-se dos quinze aos dezoito annos... ao sair de pagem ou da academia, como diziam os nossos antigos. Oh! então, sim, nessas orgias tudo é alegria franca, delirio, pretexto para a felicidade. Que importam as eguarias? atiram-se os pratos pela janella... Que importa o vinho?... quebram-se as garrafas...

Que importa a taberna, com tanto que a ronda ahi vos agarre?...

Quanto ás mulheres, não sei quem disse: «Não as ha feias para frades nem estudantes.»

Em fim, a orgia de então, é uma boa rapariga divertida, desleixada, impudica, que quebra os reverberos, que espanca a guarda, dorme na prisão, e ri como louca á espera da hora de recomeçar.

Mais tarde, quando se está saturado de orgias, tambem se fazem, mas com mais socego, com mais desdem, e circumspecção: aborrece-se o ruido, conhece-se bem os vinhos, falla-se muito, analysa-se a devassidão, fazem-se commentos sobre ella. E' o vicio prudente, tal como assenta bem ás pessoas que raciocinam e que já não são crianças. Convidam-se raparigas para a ceia, porque isso está admittido, e algumas de uma estupidez divertida ou de um cynismo insolente; mas falla-se-lhe pouco: considera-se isso como um luxo, como uma rica baixella.

Ora, toda esta longa dissertação nos conduz a dizer que esta ceia será talvez de uma alegria muito restricta, até algumas vezes de um espirito triste, taciturno e politico, porque para as pessoas sensatas, o futuro se ia tornando sombrio, e o brilho da independencia americana era o primeiro relampago que scintillava em um céo já ameaçador.

Os convivas desta ceia eram pois o conde de Vaudrey, o cavalheiro de Lépine, capitães de náo, o marquez de Rullecourt, um dos coroneis dos dragões do rei; o duque de Saint-Ouen, capitão das cavallarias ligeiras antes de, pelo senhor de Saint-Germain ter sido tão imprudentemente reformada a casa vermelha; o visconde

de Moubar, coronel das guardas reaes; em fim o barão de Mallebranche, major de artilheria.

As seis mulheres eram as corypheas das *impuras* da *Opera* então da moda.

— O meu *ganho* ao menos é encantador, diz Henrique a Rullecourt, mostrando Lélia e aqui está como somos tolos: matamo-nos com cuidados, com calculos, andamos n'uma roda viva, tudo para sermos enganados tomando amantes no mundo quando temos tão bonitas mulheres que nos enganam sem custo algum; bem merecemos o que nos acontece.

— Não ha duvida, exclamou o cavalheiro de Lepine; as mulheres do mundo se nos enganam é para vingar a moral.

— Ahi ha rancor contra a duqueza, diz Sain-Ouen.

— Ora essa... e não o devo eu ter... depois de me ter damnado por espaço de um mez no zimborio desta torre?... Não foi por ventura mister mandar vir carros por caminhos espantosos para pôr esta sala em estado de vos receber esta manhã á vossa chegada de Saint-Rénan... Ah! se as minhas pretenções não tivessem sido n'outro tempo tão duramente repellidas pela duqueza!...

— E nós... não foi tambem o prazer de assistir á derrota da nossa inimiga que aqui nos trouxe?... disseram os homens.

— Então só para mim é que não ha compaixão? exclamou Henrique, para mim que vos vingo! para mim que aqui perdi um dos dois mezes que talvez possa estar na França! Ah! se eu não houvesse tido um capricho tão vivo por esta velhaca de Lelia, se eu não tivesse precisado de golpe de mestre para preparar os meus successos no mundo... se eu não tivesse devido semear para recolher, como diz o sabio...

— Muito duvido, tornou Mallebranche, que a tua empreza temeraria faça desabrochar nas mulheres bastantes flores de myrtho ao sol da admiração, assim como dizia esse fatuo de Dorat.

— Que erro! bom Mallebranche! as mulheres amam-nos sempre na razão do pezar que lhe causamos; e isso por garridice. As lagrimas vão-lhes tão bem! dão-lhes tanto brilho aos olhos! e um seio bello é tão irritante quando os soluços o fazem palpitar!... em verdade... a dôr é o seu enfeite e a sua força: por isso uma mulher bonita que comprehende a sua missão sabe que nada lhe assenta peior que a felicidade... Deixemos esse sorriso para as feias que só teem bonitos dentes... e as que nem isso teem são virtuosas.

— Elle tem razão, diz Lélia;... ha algumas mulheres que gostam que lhe deem pancadas; tenho uma amiga que muito gosta deste testimunho de affeição: e quando lhe tem arrancado a touca, desmanchado o penteado, e quando está toda desmantelada, juro-vos que está como quer.

— E tu não tens remorsos, scelerado? perguntou Coraly, uma bonita loira, por quem se dizia ter o senhor de Bouillon despendido 500:000 libras

— Ah! sim, e os remorsos? bradaram todos a uma voz.

— Porque diabo hei de eu ter remorsos? Não me sacrifiquei eu, Vaudrey?.. por ella, não representei eu melhor a minha comedia do que o teria feito esse libertino de Molé?... A'page!... então isto não é nada?

— E se ella te amasse?

— Se me ella amasse!... Pois bem! de duas coisas uma: ou me ama ainda, o que sería indigno depois da minha conducta: ora, se assim fosse, essa immoral fraqueza não mereceria compaixão alguma; ou me odeia e pensa em se vingar. Ora, como ella o póde fazer, os nossos papeis são iguaes; além disso, para encurtarmos razões, eu tomo o partido de me convencer que é uma namoradeira falsa e manhosa, que tem escarnecido de vinte pobres diabos como eu zombei della: suppondo isto, a minha malvadez não é mais do que justiça.

— Mas se ella não fôr namoradeira?

— Ah! então, então... Pois bem! responder-vos-hei a minha grande palavra, a minha palavra personnificada: que me importa a mim? Que póde ella tentar? assassinar-me? Ora, eu tenho muitas vezes arrostado uma morte que não vinha nem de tão bom logar, nem de uma mão tão bonita. Por isso fallemos de outra coisa... fallemos da opera: que é feito da Guimard?

— Procurai-a na folha dos beneficios, diz Saint-Ouen.

— Como! ainda está com o senhor de Jarente? E que tal está ella? está mudada?

— Sempre magra como um bicho de seda, exclamou Virginia; e comtudo ella devia ter engordado com uma folha tão boa.

— Diabo! diz Henrigue, Sophia Arnoult te invejaria essa lembrança, minha filha. A proposito de Sophia... e os italianos... que fazem?...

— Representam tres vezes por semana, mas toda a companhia é de uma pureza atroz... lá vivem mettidos comsigo, elles e ellas, e todos são casados: comtudo o marechal de Lorges acaba de roubar Colombe a essa bella colonia matrimonial e indecente, diz Lélia.

— E a Duthé?

— Sempre da moda; mas a Quincy, sua criada grave, rivalisa com ella... No ultimo passeio que ella deu a Longchamp apresentou-se puchada a quatro magnificos cavallos inglezes, com jaezes de marroquim encarnado, bordados de prata, e semeados de pedras brancas e transparentes; mas o tenente da policia poz tudo em ordem...

— E Rosalia?...

— Está na Allemanha, diz Lelia.

— Como? tornou Henrique: ella deixou a sua deliciosa casinha dos Thermes, em que eu gastei dois mil luizes?

— Não, não, eu intendo, por estar na Allemanha, que é o embaixador, o conde de Mercy d'Argenteau, que a possue. Está doidinho por ella...

— E a Granville? perguntou Henrique, a quem não faltava ainda por quem perguntar.

— Oh! Granville, respondeu Lélia, aconteceu-lhe uma boa aventura com um financeiro e o bello Lauzun.

— Lauzun... é frade, diz Virginia, tem aventuras de coração... perde se...

— Foi antes da sua depravação, redarguio Lélia. Granville, como vós todos sabeis, era bella como um anjo, e estava com Mouron. O Turco detestava Lauzun, e tinha cem vezes pedido a Granville o sacrificio do bello duque; porém ella empregava todas as suas forças para lhe não fazer a vontade. Um dia o financeiro, advertido de que Lauzun estava em casa da sua apaixonada, sobe, e perturba o entretenimento. Lauzun zanga-se, chama a Mouron grosseiro, impertinente, miseravel, empurra-o para um gabinete, fecha sobre elle a porta que era de vidraças, mette a chave na algibeira, torna o financeiro testimunha de uma scena para que de ordinario se não buscam: e ainda em cima massaram muito o pobre Mouron, e puzeram-o na rua. Depois disso ficámos chamando Mourons aos nossos mantenedores (ou ás nossas utilidades, é a mesma coisa).

— Magnifico disseram todos a uma voz.

— Mas o melhor, diz Lélia, é que um mez depois, o Mouron emprestou dois mil luizes a Lauzun para a sua viagem da Hungria.

— Isso é muito simples, minha filha, diz Rullecourt; era bem necessario qua esse velhaco indemnisasse o senhor duque de Lauzun de se ter dignado concorrer em gosto com um Mouron.

— A proposito de Lauzun, e a duqueza de S...?

— Dir-vos-hei, conde, quanto á duqueza, respondeu Saint-Ouen, o que Lélia vos disse a respeito de Granville: na comedia franceza.

— Como?...

— Foi aquelle maroto do Clairval que substituiu Lauzun.

— Ah! diz Henrique, as mulheres já se aviltam a esse ponto!... a actores?

— Muito, muito; e como Lauzun era o unico que sabia o segredo de Clairval e de *madame* de S..., o duque de C... e a duqueza de G..., sua irmã, fizeram todo o possivel para obterem de Lauzun provas da sua ligação: elle recusou, mas o senhor de C... forçou-lhe o gabinete, aonde encontrou cartas de Clairval, e a duqueza foi mettida n'um convento.

— Ahi está a differença, minhas filhas, diz Henrique ás *impuras*; nunca sereis mettidas no convento por miserias taes: lastimai-vos pois da vossa condição!

— Nós não nos lastimamos... nós só lastimamos a rivalidade; as mulheres honradas estragam o officio, como diz a amante de Richelieu.

— Ah! Richelieu!.... sabes o que lhe aconteceu? perguntou Rullecourt a Henrique; vai-se casar!...

— Com quem?...

— Não sei, mas é mister que seja uma vingança cruel, porque a mulher é muito feia.

— Mas o que é ainda mais divertido do que a figura da mulher, é a maneira tocante como elle acolheu a doação universal que lhe fez uma das suas

antigas amantes, que por elle desherdou toda a sua familia.

— Ah! por Deus! exclamou o velho marechal, se todas as mulheres com quem eu tenho tido relações fizessem outro tanto, seria mais rico do que o rei...

— E a maneira como elle annunciou o seu casamento ao filho, tornou Rullecout: «Senhor duque de Fronsac, lhe diz Richelieu, sou mais honesto do que vós; vós não me déstes parte do vosso casamento, e eu annuncio-vos o meu: não tendes filhos, e eu, apezar dos meus oitenta annos, conto ter um que hade ser melhor rapaz do que vós; mas não vos dê isso cuidado, senhor duque, que d'elle faremos um abbade. Co'a breca! senhor marechal, lhe respondeu Fronsac, melhor farieis se o fizesseis cardeal, elles não prejudicaram a familia.».

— Ah! Richelieu! Richelieu!... diz vivamente Mallebranche, que tinha sido sobrio, Richelieu! cardeal democrata, aonde nos levaste!

— Aonde?... A' nossa ruina, á da monarchia, á da França... diz Rullecout enchendo lentamente o seu copo.

— Isso lá é verdade, redarguiu Saint-Ouen, elle matou a feudalidade, e os cortezãos succederam aos senhores de terras; e depois aos cortezãos succedeu... palavra que não sei o que... uma cousa feia e atroz, parecida com o tigre e o macaco... como se dissesse os philosophos...

— Ah! os philosophos!

O facto é que elles teem desempenhado a sua tarefa perfeitamente, diz Monbar bebendo aos goles; teem devorada a monarchia, ou pouco lhes falta; mas agora que o monstro está farto, que já não geme: quando a boca está saciada, dorme... Encubem lá a sua monarchia, mas dispensem nos dos seus livros...

— Ora essa! exclamou Mallebranche. Os philosophos matarem a monarchia!... Viva Deus! senhores, é fazer-lhes muita honra! A Encyclopedia deitar por terra o throno de Carlos Magno! isso havia de ser divertido. Não está essa monarchia enfraquecida depois do golpe que Luthero deu na egreja de Roma? Não morreu ella com Luiz XIV? e por culpa do grande rei? Pois que! se o leão, levado na carreira, fôr cair no fundo de um precipicio, direis que foi morto pelo crocitar dos corvos que lhe andavam em torno do cadaver!.., Os philosophos matarem a realeza de França! Não, não, não digais similhante cousa diabo! Elles o acreditariam, e esses pedantes se ageitariam ao papel de destruidores de imperios. O verme immundo, que se encontra na sepultura encher-se-ia de vaidade, pensando ter morto o soldado que se deita no ataúde com a sua armadura de ferro.

— Olhem, diz Saint-Ouen, como elle ataca a philosophalha... Não se diria que elle leu o seu ultimo pamphleto sobre a nossa armada?

Isso é mais uma vergonha, senhores, diz Rullecourt; e mereceriam ser desancados taes bigorrilhas, se elles valessem o páo que se lhes quebrasse nas costas.

— Mas o que é mais infame, diz Mallebranche, é que elles mancham em nome da França as nobres coragens ; miseraveis! em nome da França, ouvis bem? da França !..., de sorte que um Inglez pode-vos mostrar escripto em francez, n'um livro francez, impresso, vendido, espalhado na França: os francezes foram cobardes em tal dia (1) !

— Isso não foi verdade ; os francenão foram covardes, mas os que haviam sido bravos eram de uma classe que era mister despopularisar a todo o preço ; então o chefe do partido deu o signal, e toda a matilha fallou no tom que se queria. Sim, e emquanto que ouzados e generozos gentis homens offereciam os seus peitos á metralha do Inglez, uma chusma de poltrões falladores, de advogados compassivos, estirados sobre a palha nas suas aguas-furtadas, insultavam impunemente tanta audacia e bravura....

— Os philosophos, diz Lelia, é gentinha que come bem !.... Eu sustento cinco, e chamam-me Venus ...

— Mais alguma coisa, e chamar-te-hão Minerva, minha filha, redarguio o duque de Saint-Onen. O senhor de Voltaire, que tambem era um philosopho, disse muitas outras coisas á Pompadour e á Dubarry, para ter um *de* e um cargo de gentil homem da camara.

— Philosophos ! ha tres que entre si disputam a mão de minha mãi ; exclamou Virginia ; porém ella não os quer.... quer conservar a sua classe... Meu pai era primeiro cocheiro do principe de Lambesc....

— A tua mãi tem a alma bem formada, Virginia, e desde hoje lhe asseguro cincoenta pistolas de pensão, diz Rullecourt.

— Os philosophos, ah! que monstros! diz Coraly. Pois um não me disse uma vez que tempo viria em que não haveria opera ? Não ha de haver opera ! lhe digo eu. Mas então, senhor, se a opera se acabasse.... de que serviria ser bonita ?

— Em verdade ella tem razão, diz Henrique ; supprimi a opera, e eis ahi fica a natureza com as suas bonitas raparigas nos braços.... ha empacho, e nenhuma extracção..., Mas isto é pura economia social minha filha.

— Isso leva-nos sem ceremonia a um cataclysmo de bonitas raparigas, diz Saint-Onen.

— Um philosopho .... ah ! bem sei, diz Virginia ; é quem nada possue e inveja o que é dos outros ; porque me recordo de que um dia me disse um malsim de adegas ao sair de São-Lazaro : « A prova de que eu sou philosopho, é que chafurdo na lama, ando roto e esfarrapado, em quanto que vós andais de carroagem e trazeis o vestido bordado de alto a baixo.... o que é uma infamia, porque as bordaduras e as carroagens foram feitas para toda a gente. « Nada, lhe digo eu, a lama e a miseria é que são para todos. Tendes a vossa parte, então calai-vos.

— Quanto a isso, tinha elle razão, proseguiu Lelia ; porque estes borda-

(1) *Vide* os livros e pamphletos publicados por occasião de combate de Onepant, da tomada da Martinica, etc. etc.

dos que se usam tolamente por baixo nos vestidos, só servem para nos arranhar a barba.

A esta simplicidade, um riso louco se apoderou dos commensaes, communica-se a alegria, bebem, embriagam-se, approximam-se, apertam-se; as cabeças escandecem-se, e acabam por fallar *inglez*, o que então significava, em giria de devassidão de boa companhia, a linguagem mais obscena e positiva.

VII.

SOLIDÃO.

Sâlut au savant docteur!
Goethe — *Faust*.

Um ligeiro crepusculo avermelhado annunciava apenas o arrebol da manhã. As estrellas ainda brilhavam no céo; o ar fresco e vivo da manhã murmurava levemente por entre a folhagem; tudo respirava silencio e socego, e a atmosphera estava impregnada do cheiro aromatico d'essas plantas delicadas que só ás brisas amorosas da noite confiam os thesoiros de seus perfumes.

Na extremidade da pequena cidade de Sain-Renan, ao fim de suas ruas sombrias e tortuosas, guarnecidas de casas altas, carregadas de vigas salientes, a perto de cem passos da porta, se estendia um grande muro que expessos tufos de arvoredos excediam em toda a parte.

Este muro, arruinado n'uma immensidade de logares, estava tapessado de heras, de convolvulaceas e de parietarias, que, mettidas nas fendas, se desabrochavam por toda a parte em ramilhetes, grinaldas ou coroas de cores variegadas.

Empuxando uma porta pequena quasi carunchosa que se via no angulo do muro, dava-se com um jardim denso, tapado, e cujas ruas já quasi senão conheciam.

Comtudo, se, apesar das ramagens que se cruzavam em todos os sentidos neste matto denso, conseguisseis transpôr este recinto formidavel, o quadro que então se offerecia á vossa vista vos indemnisava bem, eu vol-o juro, desta laboriosa empreza.

Porque, para um amante da solidão, era um estio delicioso.

Imaginai uma casinha de um andar só, isolada em meio de um taboleiro de relva espessa, que, vindo verdejar quasi até ás paredes, formava um jardim bem grande, todo coberto de rosas, de jasmins e de madresilvas.

Mas tendo o dia substituido o crepusculo, já as ondas de uma luz doirada coloriam o cume das arvores altas desse jardim tão risonho e tranquillo. A' medida que o sol se ia mostrando no horisonte, as petalas das flores, humedecidas pelo orvalho, começavam de brilhar; e cada pezinho de herva sacudia a sua perola brilhante.

E não sei tambem que arruido confuso e indefinivel se esparzia pelo ar, que vago murmurio annunciava o des-

pertar da natureza; mas, ao signal dado por esta harmonia sublime, as borboletas sacudiram o pó de varias cores de suas azas, myriadas de mosquitos luzidios se arremeçaram como uma nuvem de faiscas, os passarinhos cantaram debaixo da folhagem, e a cortina tremula de vapor transparente que banhava o cume dos carvalhos e dos alamos se foi desvanecendo pouco a pouco, e suas folhas se tornaram mais verdejantes debaixo do azul do firmamento, que a cada instante se ia tornando mais vivo e puro.

A porta do quarto que ficava a rez do chão se abriu, e a luz do dia inundou uma pequena antesala que dividia esta habitação em duas partes.

A pessoa que abriu essa porta era um homem de cerca de quarenta annos, vestido de barregana escura, mas aceiada, trazia os cabellos sem pós, atados com um laço a que então se dava o nome de sapo, magro, secco, e arqueado; tinha o rosto horrivelmente marcado de bexigas, e innumeraveis cicatrizes lh'o haviam enchido de costuras.

Este homem tinha na mão um prato e uma tigella cheia de leite grosso e fumegante, que mechia com cuidado.

Aproximou-se de uma porta que communicava com a antesala, applicou o ouvido á fechadura, escutou por um momento .. depois, não ouvindo coisa alguma... retirou-se nas pontas dos pés para a cosinha que ficava em frente.

Tres ou quatro vezes repetiu outro tanto; mas de cada vez que o fazia o seu rosto tomava uma expressão de inquietação, e seus gestos revelavam uma impaciencia affectuosa que todavia procurava moderar, tal era o receio que elle tinha de fazer o mais pequeno ruido.

Quando pela quinta vez foi escutar á porta sempre com a tigella de leite na mão... a porta se abriu emfim, e elle deu um grito de jubilo e de surpreza, dizendo: — O' meu irmão, como vos levantastes hoje tarde! e com que cuidado eu estava... Aqui está o leite, meu irmão... tomai-o depressa, em quanto está quente. . Meu irmão... meu irmão.

Mas o irmão não o ouvia, e se ia encaminhando para o jardim, em quanto que o outro irmão o seguia timidamente sempre com a tigella na mão.

O irmão a quem o leite era offerecido era o sabio astronomo Rumphius, então empregado em profundas observações sobre astronomia e sobre a religião indianna; um homunculo trigueiro que tirava para côr de azeitona, com um busto enorme em relação ás pernas e aos braços que o acompanhavam. Rumphius além disto tinha um nariz muito cumprido, sujo de tabaco, sobrancelhas pardas e espessas, e o andar mais desastrado que se pode imaginar.

Tinha desatadas as ligas dos seus calções de veludo usado; a *sua* meia, *unica*, se enrolava em espiral em volta de uma perna, em quanto que a outra estava inteiramente nua; trazia

n'um pé uma chinella e no outro um sapato; a camisa aberta, deixava ver o pescoço descoberto; e tendo só enfiada uma das mangas do seu roupão de ratina parda, a outra fluctuava ao acaso como o doliman de um hussaro; emfim seus cabellos asperos saíam em desordem de um velho barrete de demasco que fora azul, posto todo de esguelha.

Sulpicio, compreendendo, pela impassibilidade do rosto de seu irmão, que elle estava engolfado n'alguma meditação abstracta, não pensou em o distrahir nem pelo simples som da sua voz; por isso, segundo o costume, elle foi insensivelmente conduzindo seu irmão de encontro ao muro da casa, até ao momento em que Rumphius, topando levemente n'este obstaculo, voltou a si, desceu por um instante para a terra e olhou fixamente para Sulpicio, que com destreza se aproveitou d'este momento para lhe collocar na mão a sua querida tigella de leite, que Rumphius vasou de um trago.

Mas; por uma distracção imperdoavel, o pobre Sulpicio, olvidando a tigella, se havia posto de joelhos para completar o vestuario de uma das pernas do irmão, fivellar as ligas, etc., etc.

Ora, tendo Rumphius, depois de ter bebido, levado a mão machinalmente á altura em que a havia recebido, e como não achasse quem lhe pegasse, a havia abandonado ao seu proprio pezo, de forma que a tigella se fez pedaços.

A bulha fez endireitar Sulpicio.

— Ah! meu Deus! meu irmão devieis ter-me chamado, diz elle em tom de doce advertencia... ahi está a tigella feita em bocados.

Com effeito, diz Rumphius com ar muito admirado, a tigella está quebrada. . Pois bem! Sulpicio; tal é a singela offerta que fazem ao seu deus os adoradores de Wishnon... um simples vaso quebrado! invocando Nandy-Kichara, rei dos passaros, que tem bellas azas, bico bem agudo, e como serpentes... Quebram um vaso de barro depois de he terem respeitosamente tocado com ambas as ventas, e o dedo do pé. Sabeis ao menos, que isto é muito primitivo, Sulpicio! porque se presume que este Nandy-Kichara é uma das sete estrellas de... que... no tempo de...

A voz do astronomo foi-se insensivelmente extinguindo, e acabou sem duvida a definição comsigo mesmo, porque, segundo o seu costume de profunda distracção, olvidava sempre o seu interlocutor, tornava a entregar-se ás suas cogitações, e com um novo ardor se punha a considerar nas curvas dos satellites e dos planetas symbolicos de Wishnon.

Vendo que o espirito de seu irmão já não era d'este mundo, Sulpicio tentou introduzir o braço rebelde do astronomo na manga do seu roupão; mas foi em vão... a manga continuou de fluctuar á hussara.

Sulpicio contentou-se pois em apanhar, suspirando, os restos da tigella quebrada, e Rumphius se entra-

nhou n'uma das ruas mais trilhadas... caminhando umas vezes de vagar, outras a passos precipitados.

VIII.

DOIS IRMÃOS.

> Celui pour qui une seule chose est tout, qui rapporte tout à cette unique chose, et voit tout en elle, ne sera point ébranlé, et son cœur demeurera dans la paix de Dieu.
>
> *Imitação de J.-C.*, livro 1.º, cap. 3.º

José Rumphius, celebre optico de Brest, deu o sêr a Sulpicio e a seu docto irmão. Havendo descoberto no mais velho (que muito preferia a Sulpicio) grandes e precoces disposições para o estudo das sciencias abstractas, tinha por tal guisa animado, desinvolvido, madurecido esta preciosa vocação, que o seu primogenito, tendo ido completar a sua educação scientifica a Pariz, em breve se tornou um astronomo e um mathematico mui distincto.

Sulpicio, ao contrario, de um espirito acanhado, de uma doçura evangelica apesar de seu pai lhe fazer supportar injustiças que bradavam ao céo, não o havia comtudo abandonado um instante. Em Brest, cuidava elle da loja e do governo domestico, e, depois quando o velho Rumphins abandonou o seu commercio para se retirar á sua pequena casa de Saint-Reuan, Sulpicio tambem o seguio apesar da sua cruel parcialidade, fechou-lhe os olhos, e depois se dedicou a seu irmão com o mesmo affecto e abnegação, que havia testimunhado a seu pai; porque Sulpicio era um desses entes puros e raros, um desses preciosos phenomenos de organisação que não podem deixar de consagrar a sua vida a alguem, e que, se não tivessem a exercer esta piedosa missão, a si perguntariam: Para que serve a vida?

O irmão Rumphius era professor de mathematicas na eschola dos guardas bandeiras em Brest, quando o conde de Vaudrey quiz preparar o seu filho para entrar na marinha. Tendo ouvido gabar a sciencia do astronomo, o conde lhe propoz que deixasse o ensino publico, e que se entregasse á educação de Henrique, promettendo-lhe pelo seu trabalho uma pensão conveniente, que o habilitaria a dar-se para o futuro a seus gostos favoritos de estudo e reconhecimento, sem que fosse obrigado a perder o seu tempo nas escholas.

Rumphius acceitou, e poz Henrique em estado de embarcar como voluntario debaixo das ordens do senhor de Suffren em 1770. Quando o senhor de Breugnon foi tratar da paz com o imperador de Marrocos, Henrique contava então doze annos.

Rumphius, desembaraçado do seu discipulo, foi habitar a sua pequena casa de Saint-Rénan, donde apenas sahia para ir fazer algumas observações meteorologicas á torre de Koat-Ven.

Rumphius era essencialmente de melhor caracter e tão pouco exigente co-

mo o podia ser um homem que empregando todas as suas ideas, tudo que no seu espirito tinha de claro e intelligente para se manter n'uma esphera de estudo da ordem mais subida, não tinha, quando tomava terra, senão uma cabeça pezada e fatigada, e apenas o instinto animal preciso para condescender com as attenções que seu irmão lhe prodigalisava.

Porque Sulpicio por assim dizer se havia encarregado de viver materialmente em vez de Rumphius ; sim, este pobre homem, de um espirito tão acanhado, que por isso mesmo tinha boa índole, tinha conseguido poupar a seu irmão até a obrigação de se julgar reconhecido pelos desvelos que lhe elle prodigalisava ; tal era a promptidão e destreza com que o servia, tão natural e simples lhe parecia semilhante proceder.

E comtudo Rumphius tinha uma mania cruel, cujas consequencias faziam algumas vezes derramar lagrimas bem amargas a Sulpicio.

Rumphius, perdido todo o dia n'um abysmo de calculos e de hypotheses, depois de um dia consagrado ás pesquizas mais profundas e aos trabalhos mais abstractos, sentia muitas vezes á tarde, depois de jantar, assim como uma necessidade de despertar os seus espiritos entorpecidos, de fustigar o sangue, afim de activar uma digestão difficil. E' verdade que o café teria completamente preenchido semilhante fim; mas o astronomo, conhecendo os funestos effeitos que podiam resultar do habito desta bebida, temia-a muito : por isso em compensação buscava, serrazinando com seu irmão, leval-o a uma contradicção viva, ousada, nervosa, procurava fazer nascer uma discussão violenta, arrebatada, que, agitando o physico pelo moral, devia produzir nos orgãos do astronomo uma salutar excitação que valeria bem a do moka mais quente e forte, sem que tivesse nenhum dos seus inconvenientes.

Mas, muitas vezes a brandura e moderação de Sulpicio expunham a digestão de seu irmão a terriveis provas negativas, e, depois de vinte tentativas infructuosas para armar uma disputa, Rumphius desesperado acabava por invectivar seu irmão pela anthipathia que fingia ter, segundo elle dizia, pela discussão, antipathia que só mostrava por pura obstinação, por puro amor pela contrariedade... ajuntava o astronomo.

Isto compreende-se bem ; para um homem deste caracter nada ha mais cruel do que disputar sósinho. Não ha coisa como uma resposta aspera, um desproposito, para avivar o fogo da discussão, que se isso se consomme, se apaga por si mesma.

Desgraçadamente o pobre Sulpicio nem uma palavra compreendia desta extravagancia de seu irmão, e, quantas mais vezes Rumphius o tratava por contrariador, tanto mais se esmerava elle em voar ao encontro dos menores desejos, das menores objecções de Rumphius. *Inde iræ*, porque jámais a angelica creatura ha sabido na sua vida responder uma unica vez — não.

Fóra destes momentos de contradicção, como já dissemos, Rumphius era

bom homem, até certificaria, se preciso fosse, que, se seu irmão se tivesse visto obrigado a recorrer á sua sciencia para fazer quaesquer observações sobre a obliquiedade da ecliptica, ou sobre as refracções horisontaes, que Rumphius por certo teria posto á sua disposição todo o seu saber e experiencia.

Porem elle via o pobre Sulpicio de tão alto, via-o empregar-se em particularidades materiaes que achava tão ignobeis e vulgares, que, sem que fosse ingrato, considerava a conducta de seu irmão como muito natural; uma especie de instincto o advertiu de que, collocado tão alto na ordem intelligente, era muito simples que uma creatura de uma esphera inferior se occupasse em o fazer beber, comer e dormir, e em até mesmo lhe servir de excitante de disgestivo, se necessario fosse...

Rumphius, repito, era muito dedicado a Sulpicio: mas, não compreendia que no mundo houvesse um prazer, uma pena, ou um dever que deixasse de ter relação com as mathematicas: Tenha Sulpicio alguma equação ou calculo differencial a resolver.. pensava elle.. que então encontrará um irmão.

Na tarde do dia em que a tigella tão subitamente se quebrára, Sulpicio, depois de ter cuidado do jantar com o mais minucioso aceio, esperava seu irmão, porque muito havia que a hora tinho soado.

Para socegar a sua impaciencia, entretinha-se em arranjar os saleiros e os talheres ainda com mais symetria, tornava o cristal dos copos mais limpido, collocava a excellente poltrona de seu irmão (elle só tinha uma cadeira) de maneira que o reflexo do sol no seu occaso não o incommodasse. Depois ia á cosinha, da cosinha para o seu logar e á janella; e tudo isto sem proferir uma palaura, sem um queixume, suffocando até os suspiros que lhe arrancava a sorte de dois bellos peixes muito frescos que se estavam seccando sobre as grelhas.

Rumphius appareceu em fim, e seu irmão estremeceu, porque o sabio vinha mais absorto, mais fatigado do que de-costume. Sulpicio presentiu a contradicção.

— Boa tarde, meu irmão.. diz Sulpicio apertando a mão de Rumphius.

— Boa tarde, irmão, respondeu Rumphius affectuosamente.

— Quereis jantar, meu irmão?... Desde esta manhã que trabalhaes, deveis ter a cabeça fatigada; tendes precisão de repousar.

Se Rumphius estivesse no fim de jantar, teria achado n'esta phrase ao menos tres motivos de disputa; tomou nota d'elles em sua mente; não disse uma palavra, e comeu.

— Fui eu, meu irmão, disse timidamente Sulpicio, que assei nas grelhas e temperei esses barbos... como nosso pai gostava d'elles... lembrais-vos... meu irmão?

Rumphius fez um gesto affirmativo.

— Quanto eu estimaria que os achasseis bons!

Rumphius respondeu apresentando-lhe o prato.

Não é possivel descrever a alegria intima, a felicidade, com que o pobre Sulpicio serviu seu irmão, tal era o contentamento que elle sentia em vêr que alguma coisa lhe tinha feito despertar o appetite.

— Sabeis, meu irmão, diz Sulpicio com certo orgulho, parando de comer para ir buscar um caderno com capa de papel azul que abriu com prazer olhando para Rumphius; sabeis, meu irmão, que tenho aqui o Mercurio de França que diz bellas coisas a vosso respeito, e que...

— Ora! tolices... articulou Rumphius roendo a espinha do peixe. Ha mais alguma coisa que se coma?

— Sim, meu irmão, um bolo de farinha alva, que conservei quente, como vós gostais; e Sulpicio se levantou para ir buscar estes novos acipipes. Ao levantar-se, a cadeira fez bulha...

— Ah! que horrivel motim!.. diz Rumphius, que, tendo jantado com voracidade, começava de sentir despontar a necessidade de uma contradicção.

(Perdoai ao sabio; o tempo estava tão carregado, e quente, tinha os nervos tão irritados, previa que a digestão seria tão laboriosa!)

— Perdão, meu irmão, diz Sulpicio estremecendo.

— Se não fosseis de uma pertinacia rara, teriamos um criado para nos servir; o que evitaria este motim de cadeiras que a cada instante me faz sair fora de mim.

— Mas, meu irmão, arriscou Sulpicio, vós é que me prohibistes de o ter, com receio que vos fossem mecher nos livros, nos papeis, nos instrumentos...

— Ah! isso quer dizer, proseguiu Rumphius satisfeito da face que a conversa ia tomando, isso quer dizer que hoje quero uma coisa, amanhã outra; que sou um maniaco; que me contradigo sem cessar; que me devem ter fechado, e dar banhos á cabeça! muito bem!... banhos á cabeça!... Ah! devem-me dar banhos á cabeça!,.. continuava Rumphius já mui agradavelmente excitado.

— Ninguem diz, nem pensa similhante coisa, meu irmão... quereis que tenhamos um criado, tel-o-hemos. Fiz mal, peço perdão.

Esta submissão não agradava a Rumphius; posto fora do combate por este lado, voltou-se para outro.

— Sulpicio, ajuntou elle, disseste-me ind'agora que eu parecia estar fatigado acaso realmente vos pareço incommodado?

Eram as interrogações que Sulpicio mais no mundo temia, porque lhe não era possivel adivinhar a solução que Rumphius podia exigir.

Contentou-se pois com responder:

— Tinheis o ar algum tanto abatido, mas agora já o não tendes.

Quer dizer, tornou Rumphius, quer dizer que eu affectava um ar de fadiga para que me lastimassem? E quem podia tirar-me esse ar de fadiga?... a meza... Quer dizer mui brutalmente que só á meza esqueço a fadiga... que faço um deus da minha barriga; dizei já que me embebedo... que me mato com excessos... chamai-me Si-

berio, porco de Epicuro, Vitellio... Sardanapalo !...

— Eu não digo isso, meu irmão.

— Ah ! gosto muito d'essa rasão ; não dizeis isso... Tambem é o que faltava !... não o dizeis... eu o creio ; se o dissesseis... oh !... se o dissesseis... então tractar-vos-ia como mereceis... como...

— Mas se eu o não digo, meu irmão...

— Ahi estais outra vez a contrariar-me... bem vêdes... é pura obstinação da vossa parte ; pura raiva de discussão, de disputa. Emfim, fazei favor de me dizer qual de nós é que começa ? eu digo-vos que supponho... assim partindo de uma supposição, posso muito bem dizer-vos que fazeis mal ; que vos enganais irregularmente sobre os direitos que vos arrogais sobre mim... que, etc., que, etc. etc.

Rumphius, partindo sempre de uma supposi ão, deu livre curso ao seu humor, na esperança de excitar a cholera ou enternecimento de Sulpicio ; mas o pobre irmão, agarrado invariavelmente do ponto de partida que sabia não ser senão uma supposição, ficou impassivel ; e no momento em que Rumphius cançadissimo terminou a sua philippica por estas palavras pezadissimas ; Porque vós não sois senão um máo irmão... um Judas... contando com uma resposta que lhe iria dar novo vigor, o affavel Sulpicio respondeu sorrindo e com o maior sangue frio do mundo :

— Quereis dizer que suppondes que eu seja um Judas ; porque nós partimos de uma supposição, meu irmão... e bem sabeis quanto vos amo.

O astronomo calou-se ; a cholera que já activava a circulação se esfriou de repente. Esta resposta tinha apagado o fogo. Era mister tornar a começar, e vindo este novo contratempo ainda mais irritar a Rumphius, teria certamente ficado suffocado senão tivesse encontrado meio de reanimar a discussão ; procurou-o, e achou-o.

— A proposito, Sulpicio, diz elle a seu irmão, que era que ind'agora me dissestes do *Mercur o de França* ?

— E' um grande elogio que elle traz á vosso respeito, meu irmão, ácerca dos vossos trabalhos sobre a astronomia indianna.

O astronomo respirou...

— A proposito d'isso, diz elle a Sulpicio, espero que não haveis de negar que o retrato do verdadeiro Gouron da seita de Siva não seja, como disse e provei, tirado do Vedanta Sara ?

— Não, meu irmão ; mas bem sabeis como eu estou longe da vossa sciencia para comprehender vossas sciencias, e que...

— Seja... pura teima. Sabeil-o tão bem como eu... mas o ardor da contrariedade vos desvaira ; deixamo-nos disto ; ora, depois de Vedanta Sara, como já disse, o verdadeiro Gouron foi aquelle que viu com seus proprios olhos *Gocarnam* e *Calestry* ; mas não passa de um biltre, de um velhaco, de um bigorrilhas, quem ajunta o *Pringuery* ao *Gocarnam* e ao *Calestry*... Este biltre, velhaco, bigorrilhas... é Hoetquel, que pretende pro-

var esta heresia pela grammatica Tamular do padre Breschio... Mas respondei, Sulpicio, ficais ahi inerte. Vedes Hoetquel a insultar-me... a contradizer-me .. e ficais ahi immovel... impassivel... estais talvez muito contente por isso?... Ah! estais contente... muito bem...

— Hoetquel fez mal, ao que me parece, meu irmão, diz depressa Sulpicio, que fazia todo o possivel para entrar nas ideas de Rumphius, e que sabia por experiencia em que estado de exasperação o punha só o nome deste sabio antagonista, que Rumphius aborrecia com esse odio incuravel que muitas vezes se votam os doctores de opiniões dissidentes. Elle fez muito mal certamente, meu irmão, diz Sulpicio.

— Hoetquel fez mal! Nada, tem razão pelo que diz respeito a Vedanta, tornou Rumphius, tão encantado deste golpe ousado como um jogador de xadrez da sua destreza n'um ponto difficil.

Enganei-me, meu irmão; então Hoetquel tem rasão, suspirou Sulpicio.

— Ah! até que vos apanhei, exclamou Rumphius no cumulo da alegria... Ah! tem razão. Hoetquel tem razão. Quer dizer que fui eu que andei mal, muito bem! quer dizer que eu sou um asno, perfeitamente! sou um papalvo, melhor ainda! que os meus trabalhos são de um louco... bons para accender o lume na vossa cosinha... é milagroso... E quem é que m'o diz?... o meu irmão! em verdade, Hotquel não o diria melhor... Mas sabeis o que lhe eu responderia, Hoetquel, ou antes a vós? por isso que não sois agora nem mais nem menos do que um Hoetquel, pois que adoptais as suas heresias, pois que lhe dais rasão contra mim, diz o astronomo empregando em Sulpicio interdicto olhares que começavam de scintillar... Ah! tem rasão; pois!... como elle tem razão... sereis Hoetquel, sois Hoetquel... sereis vós que me respondereis em logar de Hoetquel... sois vós que vos haveis de defender! és tu queria eu dizer.... acaso deverei ter considerações, afflligir-me, para tractar por tu um Hoetquel... vejamos, Hoetquel, biltre, pateta, como tu tens rasão, quem é o verdadeiro *Gouron*... da seita de Siva? não foi esse que se lavou em em todos os lagos sagrados, taes como o *Souriaponchkanary*, *Ichendraponchkanary*, *Indraponakanchry*? hein? ... responde lá, anda! não é este o verdadeiro Gouron... hem?..

— E' o verdadeiro Gouron... sim, meu irmão, diz Sulpicio... não ha duvida de que é o verdadeiro Gouron.

— Não me chames teu irmão... Hoetquel... não me chames teu irmão. . Então como elle é o verdadeiro Gouron, porque queres que não seja elle o verdadeiro Gouron senão ajuntando á vista de Pringuery á de Gocarm e do Calestry? ... Vamos lá responde... Oh! é necessario responder! responde! bradava Rumphius já bastante encholerisado.

— Mas eu ignoro... não sei, responde o desgraçado Sulpicio, que se perdia nas espantosas palavras de Gou-

ron, Gocarm, Pringuery, Indra-pouchkanary.

— Ah! tu não sabes diz Rumphius cujo sangue já fervia, ah! tu não sabes... Ah! não sabes que Gouron significando senhor ou guia, indica que os reis são os Gourons dos seus reinos... Ah! tu não sabes, dizia o astronomo com furia... e vens a sangue frio, de caso pensado, atacar com furia de tigre, de animal feroz, os trabalhos de um pobre sabio que vive na solidão e vale um numero infinitesimal de Hoetquel... Ah! tu não sabes... e crês que bastará similhante rasão para me insultar impunemente ... bradou Rumphius, inteiramente fóra de si, no cumulo do furor e digestão.

— Eu não vos insulto, meu irmão.

— E eu digo-te que me insultas! gritou Rumphius com todas as suas forças, tu insultas-me, Hoetquel, e é preciso que confesses que não tens a menor idéa do que é um verdadeiro Gouron; confessa-o, miseravel! berrava Rumphius sacudindo o irmão pelo vestido; mas as forças o trairam, e o astronomo caiu quasi desfallecido, offegante, nos braços de seu irmão que o assentou na poltrona.

O pobre Sulpicio ajoelhado enxugava o suor que corria da testa do sabio, que tinha os olhos quasi fechados.

— Socegai, meu irmão, dizia Sulpicio, socegai... fiz mal... pois sim... sim... fui eu que vos contrariei ... perdão... perdão...

— Não, Sulpicio, fui eu, dizia Rumphius, que tinha conseguido o seu fim; o calôr da discussão fez-me sair fora de mim... fui mui longe... bem sabeis que depois de passada a disputa, nunca mais me lembra. Perdoai-me, Sulpicio, porque sois a melhor das creaturas que teem descido da montanha de oiro de Maha-Méron, como disse Brahma...

— Como sois bom, meu irmão!... mas, meu Deus! não sou eu bem feliz em ser vosso irmão, irmão de um sabio tão nomeado, e por vos evitar a menor contrariedade! E' todo o meu estudo, meu irmão; assim não me queiraes mal se, a meu pezar... eu...

E Sulpicio tinha as lagrimas nos olhos, nem podia fallar.

— Calai-vos, Sulpicio, disse Rumphius, que tambem sentia humedecerem-se lhe os olhos, calai-vos, porque me fazeis envergonhar de mim e dos meus transportes.

E o astronomo passou a mão ossosa por sobre os olhos.

— Não fallemos mais n'isso, eu vol-o rogo, meu irmão, disse Sulpicio; vinde deitar-vos, trabalhaes tanto que fareis mal a vós mesmo.

E Sulpicio não foi para o seu pequeno quarto senão quando vio Rumphius adormecido, e que as palavras de Gouron, Pringuery, Hoetquel, apenas de muito a muito tempos e lhe escapavam do peito, aliviado pela explosão da sua violenta cholera.

Sulpicio ia para se deitar, quando duas ou tres pancadas applicadas na porta da casa o retiveram.

O que elle mais receiava era que lhes acordasem o irmão.

Desceu á pressa dizendo : — Atravessaram o jardim, e entraram certamente pelo corredor.

Depois fallando atravez da espessa porta da saleta, perguntou :

— Que querem? quem é?

— Não sois o astronomo Rumphius, perguntou uma voz.

— Sou seu irmão ; elle está a dormir, fallai mais baixo pelo amor de Deus

— Entregai-lhe esta carta, que vou introduzir-vos por baixo da porta ; é preciso, sob a condição das maiores desgraças, que elle mesmo a entregue ao senhor conde de Vaudrey ; ouvis, que a entregue elle pessoalmente nas mãos d'esse senhor, que agora está em Pariz : jurais-lo pela vossa alma?

— Meu Deus ! assim o juro ! diz Sulpicio tremendo todo.

— Então ahi vai, diz a voz ; é da parte de sua excellencia a senhora duqueza de Almeda.

Uma carta passou logo por baixo da porta, e Sulpicio ouviu passos do desconhecido que se afastava.

IX.

INTERIOR.

> Un grand voluptueux est plus malheureux et plus à plaindre que le dernier et le plus vil d'entre le peuples.
>
> Massillon, *terceiro domingo de quaresma.*

(1780)

— Palacio de Vaudrey. — Taes eram as palavras escriptas em letras de oiro n'uma chapa em marmore preto, posta no fastigio de uma das mais bellas casas da rua da Universidade.

Um nobre escudo de pedra, com a sua corôa de conde, se elevava sobre a rica architrave de uma grande porta de carvalho esculpido.

De cada lado : da porta, moldurada em pezadas enxilharias, se estendia uma grade com flechas doiradas, que ia dar a dois pavilhões que em volta se uniam com o corpo principal do edificio, que occupava o fundo de um immenso pateo.

Os repartimentos que pegavam com os pavilhões de que fallámos, continham as cavallariças e quartos para os criados, tinham serventias interiores e eram mascarados pelo lado do pateo com arcadas e janellas fingidas.

Em verdade, a vista d'este palacio era magestosa ; as suas duas compridas ordens de janellas com vidros pequenos realçavam pela sua alvura sobre as paredes ennegrecidas pelo tempo ; uma larga escadaria circular bastante elevada conduzia á grande porta envidraçada do vestibulo, e o cume dos pinheiros e castanheiros que excediam uma torre de relogio que ficava ao centro e no alto do edificio, annunciava que um vasto jardim se estendia na outra face.

Era cerca de oito dias depois da scena da torre de Koat-Ven.

Quando meio dia bateu no relogio do palacio, uma forte argolada abalou o portão.

Esta argolada furiosa fez saltar em sua poltrona um enorme suisso, avermelhado, com o rosto cheio de bor-

bulhas, admiravelmente empoado, com bolsa no cabello, e vestido com uma libré verde agaloada em todas as costuras, com as cores e armas de Vaudrey, e que segundo o uso, era recamado de agulhetas bordadas. De um largo boldrié, com franjas de prata, e que trazia a tiracolo, pendia uma espada como as dos dragões.

O filho d'este suisso, rapaz de quatorze annos, tambem empoado, vestido de postilhão com egual libré, se dispunha a ir abrir, em quanto seu pai se endireitava sobre as pernas, punha o seu chapéo bordado, e pegava na comprida alabarda com borla encarnada tecida de azul e oiro.

Tornaram a bater mais forte e repetidas vezes no portão.

— Ide vêr, Lorrain, quem é o bregeiro que se atreve a bater assim á porta do palacio de Vaudrey, diz o suisso com ar respeitavel.

Lorrain contentissimo pegou no seu chicote, e, apezar das esporas e das botas pezadas e fortes, com canhão alto e dobrado, correu a vêr quem era o atrevido.

Continuavam de bater cada vez mais rijo.

Lorrain, abrindo meia porta, viu um homem baixinho e magro vestido com um casacão pardo de golla redonda, com chapéo armado e botas de viagem.

Esta personagem estava agarrado ao martello da porta de que tão cruelmente abusava, e olhava para o ar, parecendo seguir com a vista alguma coisa, sem que por isso deixasse de continuar a sua bulha infernal.

— Qu'é lá isso? é!... acaso saistes d'alguma gaiola da feira de São Lourenço? bradou o rapaz, insolente como um lacaio de boa casa, fazendo ao mesmo tempo estalar o chicote aos ouvidos do desconhecido.

— São Lourenço? respondeu o homunculo, que parecia não ter ouvido ou comprehendido senão a ultima palavra que lhe disseram, São Lourenço? Não, não, Henrique de Vaudrey, o conde... quero vel-o, replicou elle, sempre com os olhos pregados no firmamento.

— Meu pai, meu pai, é um doido, gritou Lorrain com toda a sua força.

A este grito incivil, saiu o suisso da sua loja; vinha mais escarlate do que o proprio boldrié. — Calar-vos-eis, miseravel? dar gritos assim quando, n'uma casa como esta é, não se deve ouvir nem uma mosca... dar gritos assim na rua, á porta do palacio de Vaudrey! Entrai, entrai; haveis de fazer a vergonha e o desespero da vossa familia.

E o honrado suisso ia-se esquecendo de Rumphius, porque era elle, acompanhado de um Saboyano que lhe trazia a sua pequena mala; felizmente que o astronomo fez parar o suisso agarrando-o pela espada no momento em que elle ia para fechar a porta.

— O conde de Vaudrey! disse Rumphius, mas desta vez olhando para o seu interlocutor.

— Ah! tenho a honra de cumpri-

mentar ao senhor de Rumphius, diz o suisso com ar de respeitoso conhecimento. O senhor sem duvida vem passar alguns dias no palacio. Ainda que o senhor conde esta manhã não esteja visivel para pessoa alguma, eu sempre vou annunciar o senhor.

E o suisso, recommendando ao Saboyano que passasse depressa pelos quartos dos criados para não desarranjar o pateo, entrou no seu cubiculo, e tirou de um apito um som agudo e prolongado. A este signal a porta envidraçada do vestibulo se abriu, e atravez dos vidros, se viram cinco ou seis criados, com libré igual á do suisso, empoados, com bolsas, calções encarnados, meias de seda e sapatos com fivelas de prata.

Estes lacaios examinavam curiosamente Rumphius, que, absorto em suas distracções, caminhava em zigzag, riscava a areia com o guarda-chuva, olhava para o céo, parava, resolvia talvez alguma equação e continuava a andar para tornar a parar.

De repente de uma das arcadas que communicava com as cavallariças sae-lhe uma carroagem, despedida com tanta rapidez, que, se não fossem os gritos reiterados do cocheiro, Rumphius teria sido para sempre arrebatado ás sciencias.

Mas felizmente o astronomo saltou para o lado; o cocheiro conseguiu conter os cavallos, metteu-os a passo, e foi-se collocar ao longo da escadaria.

Os cavallos eram magnificos e jaezados de preto; a carroagem era cinzenta, sem armas nem emblemas, o cocheiro sem libré, tambem vestido de escuro, e um lacaio vestido da mesma côr se conservava em pé junto da carroagem.

Emfim Rumphius subiu a escadaria, a porta do vestibulo rangeu, e um criado de pé, precedendo o astronomo, subiu a escada larga com corrimão doirado e com uma abobada immensa que conduzia aos pequenos apozentos, porque Henrique habitualmente não occupava as grandes casas de recepção.

O criado de pé entregou Rumphius ás mãos de um antigo criado grave que se encarregou de o introduzir.

— Ah! é o senhor Rumphius, diz este antigo servo; o senhor conde ha-de ficar muito satisfeito quando vos vir. Quereis aqui esperar um instante?... eu vou annunciar-vos e mandar preparar o vosso quarto.

E o astronomo esperou em uma sala deliciosa de forma oval; os moveis e as tapeçarias eram de damasco verde, com grandes desenhos brancos, recamados de perolas, e todos mettidos em espiraes de oiro.

Um momento depois voltou o criado, abriu a porta de par em par annunciando o senhor *de* Rumphius.

— Ah! meu Deus, senhor conde, eu venho incommodar-vos! diz Rumphius vendo que Henrique não estava sò.

— Nada, meu bom Rumphius, não me incommodais, assentai-vos. Depois, dirigindo-se a uma mulher bonita com cabellos pretos, branca, gorda e rosa-

da, em cujo rosto scintillava a malicia e a alegria... (Era Lélia, a amante do principe de Guemenée, o convivva de Koat-Ven.) Minha querida, a minha carroagem está lá em baixo á tua espera, e eu talvez que ámanhã te vá pedir que me dês de ceiar com Fronsac e d'Escars. Adeus, minha filha.

E, batendo-lhe na face com ar mui lesto, saúdou-a familiarmente com um gesto.

Lelia sorriu-se, embrulhou-se no chaile, e se dirigiu para a porta; depois, mudando de tenção, foi postar-se em frente de Rumphius que estava assentado, fez lhe uma grande e profunda reverencia com muita seriedade, e em dois saltos voltou para a porta.

A esta reverencia inesperada, o pobre homem ergueu-se sobresaltado e correspondeu com um cumprimento o mais respeitoso e desastrado que um astronomo póde fazer; mas ainda elle estava em metade já Lélia havia desapparecido.

Quanto a Henrique ria até mais não poder, enrolando-se no seu roupão de magnifica seda azul da China com ricos tecidos de oiro.

— E' que na verdade, esta Leliazinha é encantadora, exclamou Henrique rindo a intervallos; deliciosa com a sua cortezia! E tu tambem, Rumphius, com a tua estavas magnifico.

— Palavra, senhor conde, diz Rumphius, que, uma vez fóra das suas distracções, nunca se desconcertava e tinha o sangue-frio mais simples do mundo, palavra, senhor conde, fiz a minha cortezia o melhor que pude áquella senhora, a uma das senhoras vossas parentes, sem duvida, que parece ser muito honesta.

— Ah! se tornas a começar, cedo-te o logar, diz Henrique, o muito rir faz-me mal...

— Ora ouvi, senhor conde, vejo esta dama no vosso quarto de dormir, pela manhã.,. com a vossa carroagem ás ordens.

— Mas, olha cá, meu velho sabio, não notaste que os lacaios iam sem libré, e que fiz descer a *tal* senhora de dia á vista dos meus criados?

— Ah! percebo, diz Rumphius com um sorriso cheio de malicia e de penetração, adivinho. Assim como Wishnou o permitte, é Yaroudah-bassvys, um planeta de Venus, ou por outra fórma, é a senhora condessa... da mão esquerda.

E o casto sabio, depois de ter balbuciado estas palavras, córou como se se tivesse atrevido a dizer uma obscenidade revoltante.

— Da mão esquerda, é isso mesmo, respondeu Henrique muito serio, é isso mesmo! mas não deveis córar por similhante coisa, Rumphius, ainda que o vosso dicto fosse um tanto picante. Diabo, da mão esquerda!... um!,.. tornai-vos cynico, meu mestre... da mão esquerda!

— Ficaria muito penalizado, senhor conde, diz Rumphius confuso, desesperado por se ter mostrado tão indecente nas suas salas, ficaria penalizado se...

— Não, Rumphius, é mister optar: ou continuar a fugir das mulheres e dos seus favores como até agora tendes feito, ao menos assim m'o tendes dicto, ficar virgem, puro e sem mancha...

— De novo vo-lo affianço, senhor conde...

— Ou dizer francamente: Sou um completo libertino, ando sempre mettido por casa dellas, sou um devasso sem pudor.

— Eu! eu! senhor conde, dizia o astronomo que não cabia em si de vergonha, eu...

— Vamos lá, não vês que eu estou a brincar, que digo isto para te atormentar, meu bom e velho amigo? Ora esta! estou contentissimo por te ver porque eu estava para te mandar chamar, primeiro para te agradecer a tua torre de Koat-Ven, o teu observatorio, que os meus criados arranjaram bem.

— E o senhor conde sem duvida observou bem o que pretendia?

— Mais do que eu desejava. Observei durante um mez inteiro.

— Era a Virgem, os Gemeos, o Capricornio, ou a Balança? perguntou Rumphius: ah! que se tivesseis querido entregar-vos á astronomia, senhor conde, com as disposições que tendes, até onde terieis chegado? Mas não, quizestes contentar-vos com aquillo que fazia a inveja de bastantes outros, por que me lembro de uma amplitude...

— Ora, deixa-me tranquillo com as tuas amplitudes, e escuta-me. Ao voltar do diabo da tua torre, se tivesse tido tempo, ter-te-ia ido vêr a Saint-Rénan. Infelizmente não pude; mas ahi vai o que tenho a propôr-te: o rei dignou-se confiar-me uma fragata, iremos, segundo penso, á India; ao menos assim m'o mandou dizer um amigo meu, que é dos primeiros empregados na marinha.

E Henrique levantou o cylindro de uma pezada secretária com curiosos embutidos de marfim, para dentro della procurar a carta.

Durante este tempo, Rumphius volveu um olhar para o quarto de dormir do seu antigo discipulo.

Era todo forrado de estofo carmezim.

O tecto parecia bordado a oiro, tal era a multidão de arabescos, que em todos os sentidos se cruzavam. Os espelhos e os quadros estavam mettidos em largas molduras fingindo palmeiras, cujos ramos se cruzavam em cima e sustinham grupos de amorés e de pombas: tudo isto doirado fusco em fundo branco, e de uma riqueza maravilhosa.

Penduradas na chaminé havia grande quantidade de miniaturas, e em frente um grande quadro de Lebrun representando a mãi de Henrique, mulher de rara belleza, vestida á Diana caçadora.

O leito, com sobrecéo de franjas de oiro, se elevava sobre um estrado coberto de pelles de tigres e de leões, que Henrique sem duvida havia trazido das suas viagens.

Os outros moveis, que pareciam tambem datar do outro seculo, eram, e como então se usavam, largos, quadra-

dos, massiços, com doiraduras polidas e brilhantes.

Entre outros se notava uma soberba pendula mechanica com pé de ébano cinzelado, de um trabalho admiravel, uma das obras primas de Adriano Morand; dois pequenos gallos de prata carregados de esmeraldas cantavam em todos os quartos algumas arias de Lulli. Este movel precioso fôra presente feito por Luiz XIV ao avô de Henrique. Tinha tambem um toucador de porcelana de Sévres, com pinturas admiraveis e o esmalte deslumbrante pelas suas côres vivas e variegadas. Mas tudo tinha esse cunho grave de antiguidade que provava que Henrique comprehendia a religião e a poesia das recordações. Em fim compridas banbinellas entre-abertas deixavam vêr as arvores seculares do jardim, cujas folhas o outomno começava de amarrellecer.

— Ah! aqui está a nota, diz Henrique... Escuta bem: Se isso depender do meu amigo, irei primeiro levar algumas ordens á America, e dahi, se o senhor de Guichen me não retiver, irei juntar-me ao cavalheiro de Suffren á India, porque é provavel que lhe deem uma divisão. Ora, como tu te occupas sempre de astronomia indiana, queres ir comigo? é uma bella occasião, que nunca mais tornará a haver; vejamos, queres?...

Ruphius julgava estar sonhando, não sabia aonde estava; era o seu mais charo, mais vivo desejo. Ir á India... ao berço da astronomia, ir lá com o seu amigo, com o seu discipulo... era para enlouquecer... por isso não pôde testimunhar a Henrique o seu reconhecimento senão por palavras entrecortadas, por meio de phrases interrompidas e sem nexo...

Como! senhor conde, vêr os Linghams... os templos de Wishnou... Como; seria eu tão feliz que podesse ouvir os bramas pronunciar o *Djon* sagrado... com a venta direita!...

— Os diabos me levem se eu sei com que venta elles o pronunciam... mas emfim como tu acceitas, é o principal; mandar-te-ei dizer quando parto, afim de que vás ter commigo a Brest; está justo. Agora dás licença que me eu vá vestir?

— Como, senhor conde, *Tirouvallouven* appaprova...

Ah! meu Deus... que diabo de nome... como é que tu fazes para pronunciares esses nomes sem te moveres... ao ouvir-te, parece que estás partindo nozes.

— Ah! senhor conde, tambem digo muitos outros, exclamou Rumphius com ar da mais revoltante fatuidade, e *Paltanatou-Soullai* e *Sarovignai-moarty*... então! e *Karyma*...

— Basta... basta..., meu bom Rumphius, eu não ponho a tua sciencia em duvida.

— Se eu quizesse continuar, ainda tinha o demonio do *Visany-calpatylaquila*...

— Estou muito certo do teu saber... mas por favor... E Henrique tocou a campainha, e o seu fiel Germeau o começou a pentear e barbear, em quanto que dois outros criados lhe apre-

sentavam o que era necessario para desempenhar estas importantes funcções.

— Vez, meu bom Rumphius, disse o conde, tenho hoje tanto, tanto que fazer...

— Na secretaria da marinha, senhor conde?

— Nada, nada, basta pensar na marinha a bordo. Não, tenho uma aposta contra Lauzun, porque empenhei um dos meus discipulos contra o seu *Talbot*, que elle, apesar da guerra, mandou ultimamente vir da Inglaterra.

— Como, senhor conde, um dos vossos discipulos? um dos vossos guardas marinhas? Ah! então esse *Talbot* é algum sujeitinho bem ferrado...

— Ah! perfeitamente!... ferrado!... diz Henrique rindo de novo; ah! sim, ferrado, perfeitamente ferrado, e tanto mais porque *Talbot* é de lançamento!... e o meu discipulo tambem... mandei-o vir das minhas terras de Vaudrey, aonde tenho uma coudelaria... intendes tu?

— Perfeitamente; mas pensei que era uma justa astronomica, diz Rumphius com o seu imperturbavel sangue frio.

— E sem contar que me foi preciso empregar muita diplomacia, despender muito dinheiro para corromper o *jockey* do senhor *de* Polignac... Mas emfim cá o tenho, e veremos o *Talbot* contra o meu *Amadis*. Depois disto é preciso que eu vá cumprimentar Sua Magestade, visitar o marechal de Richelieu, vêr o meu velho e querido tio bispo de Surville, e que depois aqui volte para o baile, porque prometti a Puysegur e a Crussol vir ter com elles para irmos todos cear com Soubise. Amanhã, almoço na casa de pasto com o velhaco do Rivarol o o enfatuado Marmontel; depois de almoçar, tenho de ir a casa dessa pobre rapariga de Clarency... Toda a Paris ahi se deverá reunir para ouvir as cantigas de Mondon-ville. E depois é preciso que eu vá a Versailles assistir ao jantar do principe de Monbarrey... Na quinta feira vou á caça com el-rei... Oh! meu Deus, tenho vinte cavallos nas cavallariças... e ainda acho pouco... ora vê lá...

— Como se quer o senhor conde vestir? perguntou o criado grave; o tempo está bom.

— Pois então, quero essa casaca de veludo encarnado com palhetas; não, não... essa bordada de Lyon, a ultima que Lenormand me trouxe.

— E rendas, quaes, senhor conde, de Inglaterra ou de Malines?... perguntou Germeau com importancia.

— Malines... Nada, não, para esta corrida... nada... esta manhã .. o fraque á ingleza simplesmente; quanto mais ligeiro, melhor... Mas em verdade, meu pobre amigo, peço-te perdão destes detalhes pueris que devem causar-te bastante dó... logo que torne a embarcar... rastituir-me-ás a tua estima... E' verdade, tens o teu quarto prompto; estás aqui como na tua casa... darás as tuas ordens ao mordomo a respeito do teu jantar, quando te eu não fizer companhia... Mas, a que acaso feliz devo attribuir a tua boa

visita? E o teu excellente irmão, como vai?

E Henrique, erguendo-se e volvendo um olhar para o espelho disse: — Em verdade, este marao excedeu-se, nunca me fez um penteado que me ficasse melhor que o de hoje.

A' pergunta do conde, Rumphius deu um salto na poltrona; — Ah! que maluco que eu sou... estupido... que distracções são as minhas; a primeira coisa que esqueço, é o objecto da minha visita.... E, remexendo na algibeira, della tirou a carta que Perez havia entregado a seu irmão. — Aqui está uma carta que um homem foi levar a Saint-Rénan em quanto eu estava a dormir. Foi meu irmão que a recebeu, ás onze da noite, penso eu... é da parte da fallecida duqueza que morreu, segundo meu irmão me disse; porque eu ignoro...

— Como; morreu? que duqueza foi que morreu?... exclamou Henrique.

— Sim, uma duqueza hespanhola da nossa raça.

— Saí, disse Henrique aos seus criados.

Depois dirigindo-se para Rumphius: — Tu sabes o que estás dizendo...

— Eu digo o que é, verdade, senhor conde, respondeu o astronomo assustado.

— O que é... o que é... mas não, é impossivel... isso não é verdade, isso não é verdade, isso não pode ser... E Henrique olhava com anxiedade para essa carta fatal.

— Morreu!... repetiu elle outra vez.

— Oh! isso lá e verdade, morreu, e está muito bem morta; a prova, senhor conde, é que se fez um funeral, soberbo, em que deram muitas esmollas aos pobres, e que o cura de S. João de Saint-Renan, um dos meus velhos amigos, foi quem o administrou... e quem recebeu o seu ultimo suspiro... A causa da sua morte foi uma horrivel defluxão que lhe caíu no peito, segundo parece, despresada... porque a doença foi tão rapida que não tivera tempo de mandar chamar um bom medico... veio um... mas já tarde...

— Oh! seria horrivel, disse Henrique, porque estou certo que só a mim teve amor; a sua dedicação sem limites, os seus offerecimentos, o seu desespero... tudo m'o provava... e por tanto amor causei-lhe talvez a morte...

— Depois, quebrando o sinete com violencia, exclamou: — Sim... é della...

X.

ESBOÇO DO CORAÇÃO.

> — Le cœur?... un muscle creux.
> Richat. — *Da vida e da morte.*
> Qui peut suivre les fibres de cette racine de iniquité? qui peut en demander la complication et les nœuds? — Elle me fait horreur, car je ne saurais plus l'envisager. »
>
> *Confissão de santo Agostinho*, livro II, cap. X.

Henrique leu a carta.

Os caracteres, ao principio bem traçados, iam-se tornando para o fim deformes e tão confusos, que facil era

vêr que a duqueza estava agonisante quando lhe a penna caiu das mãos.

A primeira phrase sobretudo fóra escripta á pressa, como se Ritta tivesse arreceiado que lhe faltasse o tempo:

« Henrique, enganei-vos; tudo quanto vos disseram a meu respeito é verdade... agora podereis perdoar-me?

« Sim... tive amantes, Henrique, e não sois a causa da minha morte.

« Eis-aqui o que vos eu queria confessar, e temia não ter tempo; sinto-me mal... a minha pobre cabeça esvae-se... custa-me a vêr... tenho chorado tanto!

« Sois estranho á minha morte; sim, só eu sou a culpada, Henrique. Eu assim o quiz, só eu. Não tenhais remorsos, eu vol-o repito, nenhuma parte tivestes nella. Mereci todo o mal que me fizestes.

« Adeus .. adeus, porque a vista se me turba .. a minha mão esfria... adeus, Henrique, não tenhais...»

Depois, mais nada... senão alguns traços illegiveis.

Somente, no fim da carta que trazia signaes seccos de lagrimas numerosas, estavam escriptas por outra mão: « Morta aos 13 de outubro, ás tres horas e dous minutos da manhã. »

— Meu charo Rumphius, disse Henrique depois de mui largo silencio, desejaria estar só... desculpai-me.

E atirou-se para cima de uma poltrona, em quanto o astronomo se retirava ligeiro, e todo pezaroso por vêr a afflicção em que estava o seu discipulo...

Depois da leitura da carta, dos pensamentos do conde o mais amargo foi este: Não fui eu só o seu amante.

Depois atirou com a carta para o lume com tanta cholera como se fosse de um rival.

Essa carta, que podia quasi justifical-o aos seus proprios olhos e aos do mundo, amaldiçoou-a, porque experimentava assim como despeito ao pensar que nada contribuira para aquella morte...

Tal foi a impressão causada pela sublime mentira de Ritta, que se tinha envilicido até no tumulo para poupar um remorso ao seu amante.

E assim deveria ser, porque a fallar a verdade o homem não é forte senão para o que titilla ou estimula ao vivo a sua chaga de egoismo ou de vaidade.

Dizer-lhe: Tu és ridiculo, mas não terrivel, é fazer-lhe injuria, é duvidar da sua energia, é tractal-o como rapaz de eschola que se julga já homem feito, e a quem mandam ainda aprender.

Ha medo para o crime, e zombaria para o ridiculo; e, gostam mais de serem temidos do que assoviados. Ha meio de se disfarçarem vaidosamente em Macbeth... mas quem faria de Pourceaugnac?... em fim, quem não gostaria mais de ser Caim de que Jocrisse?

— Então fui enganado, repetia Henrique.

Esta convicção podia, senão apagar, ao menos enfraquecer a amargura do seu arrependimento; mas era preciso que elle dissesse lá comsigo. O cora-

ção de Ritta não bateu por mim só; enganou-me, dizendo-me o contrario.

Houve então uma lucta entre o egoismo e a vaidade.

Julga-te logrado, dizia o egoismo, e dormirás tranquillo.

Julga-te monstro de perfidia, dizia a vaidade; se não dormires, consolar-te-ás em pensar que ella preferiu morrer... a renunciar ao teu amor.

A vaidade teve razão...

Porisso Henrique considerou a carta de Ritta como uma derradeira e irrecusavel prova d'esse amor ardente e despresado que havia levado a desventurada duqueza á sepultura; e, apezar da negativa de Ritta, elle assumia a terrivel responsabilidade da sua morte.

Porisso, desde este dia, desde esta convicção, Henrique julgou dever ter para comsigo, infame, perjuro, quasi assassino, esse desprezo melancholico, esse horror cheio de felicidade, que tão orgulhosamente desespera qualquer ente humano quando lhe dizem, depois das indispensaveis preparações: — Pois bem! malvado, com as vossas devassidões, com a vossa cruel indifferença, causastes a morte dessa linda *madama* de***

Ou então! — Ah! meu Deus!... *madama*, sem o pensardes, ou talvez mesmo pensando-o, accendestes um terrivel incendio... Esse pobre*** acaba de dar um tiro em si, e morreu pronunciando o vosso nome.

E accrescentarem que todavia nada mais era mister para vos dotarem com a mais invejada reputação, e não vos deixarem sequer o trabalho de desatar o cinto de Venus! como nesse tempo se dizia.

XI.

A MULHER SEM NOME.

> « J'ai ou l'amour, la jalousie, la haine, la superstition, la colère, portés chez les femmes, à un point que l'homme n'éprouvera jamais. »
>
> C'est surtout dans ces instants que les femmes etonnent; belles comme les seraphins de Klopstoch, terribles comme le diable de Milton.
>
> La femme porte au dedans d'elle-même un organe susceptible de de spasmes terribles: c'est dans ce délire hystérique qu'elle revient sur le passé, qu'elle s'élance dans l'avenir, que les temps lui sont présents
>
> Quelque fois elle m'a fait frissoner. C'est la fureur de la bête fauve qui fait partie d'elle-même que je l'ai vue, que je l'ai entendue. comme elle sentait! comme elle s'exprimait!
>
> Diderot. — *Relativamente ás mulheres*, vol. VII, pag. 428, 429, 430.

E' noite.

Quasi em frente do palacio de Vandry ha uma casa de mesquinha apparencia.

No terceiro andar, no quarto de dormir de uma casa modesta, uma mulher está assentada defronte d'uma banca.

Está lendo.

Sobre a meza está um espelho pequeno.

Esta mulher, embrulhada em gran-

de manta escura, tem o rosto coberto com uma mascara de veludo preto.

Ella parece reflectir profundamente; mas, a longos espaços, não podendo reprimir os vivos abalos que lhe fazem estremecer a mascara, leva a mão á testa, que comprime.

Os olhos lhe scintillam então atravez dos da mascara, e diz com a sua voz surda: — Não... nada de fraqueza.

Depois continua a meditar... e a lêr...

O livro que está lendo é singular, é o *Tractado dos venenos* por Ben-Afiz, medico arabe, traduzido em hispanhol por José Ortez, livro cheio de tão medonha sciencia, que a inquisição o condemnou a ser aprehendido em toda a parte e queimado, e que custou a Philippe V mais de mil onças de oiro, que empregou em comprar todos os exemplares, que se podiam encontrar, a fim de os anniquilar.

E' esse livro medonho que esta mulher está lendo.

Ao cabo de algum tempo ergue-se, e vai abrir uma grande secretária, de onde tira uma caixinha que traz para cima da meza.

Abrindo a caixinha, parece contemplar com satisfação a multidão de lettras e de valores sobre os primeiros banqueiros da Europa, que ella contém.

Montavam a uma somma immensa.

Depois levantando a *pelerina* do seu manto, tira do seio uma pequena cadeia de aço, forte e apertada, da qual pendiam sem ordem mais pedrarias do que seriam precisas para ornar o real e magnifico diadema de um soberano.

E estas pedras preciosas eram tão brilhantes, que, quando o pallido reflexo de uma unica véla que allumiava este quarto caía sobre aquelle montão de diamantes de rubís e de esmeraldas, toda a figura d'esta mulher ficava como que illuminada.

Parecia um fogão de luz ardente, donde radiavam mil centelhas offuscantes de todas as cores do prisma.

Depois, deixando cair essa cadeia pezada, que, quasi escondida entre as dobras do seu manto escuro, apenas aqui e alli lançavam raro e vivo scintillar, esta mulher disse com um suspiro: — Terei bastante?...

Depois de um momento de silencio, levou de novo a mão á mascara, procurou levantal-a dizendo em voz baixa: — Se ainda fosse tempo.

Mas abaixou a mão; porque ouviu abrir a primeira das portas da casa, depois a segunda, e emfim a do quarto de dormir.

Um homem entrou e cortejou respeitosamente essa mulher, que correspondeu com um movimento de cabeça; por um instante se viu apparecer á porta um d'esses galgos de montanha de pêllo comprido e pardo; mas, a um signal do seu dono, retirou-se rosnando.

Este homem tirou o grande capote, e o chapéo de abas largas, que trazia. Pôde então ver-se-lhe o rosto magro tisnado e cobreado.

Era Perez, vestido de preto, em dois mezes parecia ter envelhecido dez annos.

A mulher mascarada, era Ritta, a fallecida duqueza de Almeda.

— Então, Perez? lhe diz ella.

— Então! *madama*, cá tenho a lista que me pedistes...

— Dá-m'a... dá-m'a, diz Ritta com vivacidade pegando no papel das mãos do seu escudeiro... E poz-se a lel-o... em quanto Perez fechava e ía pôr no seu logar a caixinha.

Ella leu...

Eram nomes e moradas, o bispo de Surville, Lélia, o cavalheiro... depois. .

— Perez, entrastes n'estas cazas?

— Sem difficuldade, *madama*.

— E os meus vestidos... Perez... os nossos disfarces?

— Tel-os-eis ámanhã, *madama*... E, depois de uma pausa... approximando-se de Ritta: Seria comtudo preciso... tirar essa mascara... *madama*.

Ritta não respondeu.

— Tudo deve estar acabado... e são soffrimentos inuteis...

— Ritta ficou muda.

— O que está feito, já não tem remedio, *madama*... além de que, agora seria muito tarde...

— Dize-me, Perez, redarguiu Ritta interrompendo-o, dize-me... tu viste o meu funeral, foi magnifico?...

— Magnifico, *madama*.

— E suspeitas... ha algumas, Perez?

— Não, *madama*... Bem sabeis que, depois da retirada das vossas criadas, que tinheis mandado chamar ao vosso quarto para as recompensar dos seus serviços antes de morrer, eu e Juana ficámos sós comvosco, até ao momento em que chegou o padre. O quarto estava escuro, parecieis moribunda, administrou-vos os sacramentos e saío; então, só eu e Juana velamos juncto a vós, e, logo que foram preenchidos os ultimos deveres, segundo as vossas ordens expressas, eu e minha mulher descemos o ataude para o carneiro da capella que communicava com o vosso oratorio. No dia seguinte o ataude ía caminho de Hispanha, accompanhado por Juana e pelos primeiros criados da vossa caza, que o conduziam ao Castello de Sibsyra, para a sepultura da vossa familia.

— Então ninguem suspeita... Perez... não ha desconfianças?...

— Não, *madama*, a ignorancia do medico que mandámos chamar tambem nos serviu... tudo isso sabeis vós, *madama*... mas, por S. Thiago, tirai essa mascara.

— Recebeu *elle* a minha carta... Perez?...

— Sim, *madama*... ha dez dias que o astronomo lh'a intregou... escolhi esse homem porque, segundo me disseram, conhecia o vosso padre e o medico... e porque não terá deixado de lhe contar particularidades sobre a vossa morte.

— E que disse elle... *elle*?...

— *Elle? Elle* esteve oito dias sem receber pessoa alguma; mas; mas emfim, é preciso que tome o seu partido,

como me disse o seu velho criado grave, e *elle* agora está quasi tão alegre como era d'antes.

Ritta não pòde aqui reprimir um ligeiro grito de dòr e levou a mão ao rosto.

— Essa mascara... em nome do céo, ainda essa mascara, bradou Perez; tirai-a, *madama*, assim é preciso.

Depois de um momento de silencio, Ritta disse-lhe em voz baixa e tremula:

— Tu vás achar-me bem covarde, Perez... é para morrer de vergonha... pois bem!... confesso-o,.. não me atrevo!...

— Não ousais?

— Não, Perez, não ouso... tenho medo...

— Medo! vos... *madama*, medo... quando, ha vinte dias me dissestes com tanta bravura:

— Perez, vingar-me-hei delle... ouves tu... mas, para que a vingança que eu quero seja completa e segura, é preciso que me *elle* julgue morta;... e morta me ha de julgar, Perez; agora ainda isto não basta: será tambem preciso que me eu torne desconhecida, que possa elle ver-me defronte de si sem me conhecer. que se ha de fazer, Perez?...

Oh! então não tinheis medo... e vendo-vos tão corajosa, tão decidida, eu vos fallei de um segredo que trouxe de Lima, de um ardente corrosivo que os Indios empregam para traçar no corpo signaes inapagaveis.

— Perez!... Perez!... oh!

— Não tinheis medo quando me dissestes: A' minha vingança sacrifiquei o meu nome, a minha classe, a vida, quero tambem sacrificar esse resto de belleza, que um pouco mais tarde se desbotaria com lagrimas impotentes; por isso vós não mais hesitastes, e essa mascara cobriu o vosso rosto... e é agora que tendes medo! medo... quando da vossa brilhante belleza nada resta... medo! quando essa mascara só cobre feições apagadas e tornadas desconhecidas!,..

— Pois sim! sim, é isso... é a idea de me ver medonha que me gela... Sim, tenho medo!... é horrivel, horrivel pensar nisso... Perez!... eu bem sei que tenho sido bem covarde, bem infame, mas tenho medo... Se aqui não estivesses... eu não ousaria tirar esta mascara... mas agora quereria... Olha, vês... perco as ideas... estou louca... louca... O' Henrique!... Henrique!... meu Deus, que te havia eu feito?

E a desventurada mulher gyrava a cabeça entre as mãos dando gritos que cortavam a alma... depois erguendo-se com vivacidade:

— Mas, Perez, estás bem certo do teu segredo? sabes que bastantes vezes tenho desarranjado a minha mascara?...

— Repito, *madama*, minha querida ama, as dôres que sentis são a prova de que não ha recurso algum...

— Oh! isso não é verdade, não póde ser, Perez!

— Mas, por São Thiago, acaso não segui eu as vossas ordens e vontades?

— Mas, infame, porventura devias tu seguil-as neste caso? diz a duqueza em delirio, porque era o derradeiro

brado da sua vaidade de mulher joven e bella que nella expirava ; não devias tu ter compaixão de uma pobre creatura desvairada pelo amor e pelo odio?... não devias tu enganar-me... dizer-me que o tinhas feito, mas não ser verdade ?... Oh ! mas eu bem vejo pela tua cara, Perez, bom e fiel servo... tu mentiste-me, não é assim ? enganaste-me ? dissestes lá comtigo : Esta pobre mulher está louca, tenhamos compaixão della, porque este projecto é muito horrivel... o despertar desse sonho seria cruel... mas tu não respondes, Perez !... nada dizes... estás ahi... immovel !... Atterras-me com o teu silencio... Falla, desgraçado, falla ! bradou a duqueza agarrando-o pelo braço.

— Perdoe-me a minha ama, perdôe-me Vossa Excellencia o que eu fiz, mas esta scena é atroz para vós e para mim... Vêde pois, *madama* !

Dizendo estas palavras, Perez quebrou os cordões da mascara, que caíu.

E Perez, não podendo reter um grito de assombro e de terror, occultou a cabeça entre as mãos e deitou-se aos pés da sua ama para della esconder as lagrimas que chorava.

Porque esse homem de ferro a amava com essa dedicação domestica, machinal, completa, desinteressada, que só tem analogia com o instincto do cão para seu dono ; sim, Perez votava-se corpo e alma á vingança de Ritta com a cega energia do cão que á voz do dono se precipita sobre o animal feroz.

Ritta ficou por um instante immovel com os olhos fixos, olhando sem ver.

Depois, tornando a si, de um salto chegou à pequena mesa, pegou no espelho, para elle volveu rapido olhar, e atirou-se anniquillada para sobre uma poltrona.

Duas grossas lagrimas se deslisavam por suas faces cicatrizadas

A desventurada mulher estava tão desfigurada, que Perez era a unica pessoa no mundo que podia ver a duqueza de Almeda nessas feições horrivelmente desfiguradas.

Ritta chorou muito, e se interrompeu os soluços, que cortavam a alma, para pegar com ambas as mãos no espelho, mirar-se nelle, e pol-o de parte exclamando :

— O' meu Deus... meu Deus... está acabado!... Está pois acabado... mais nada... tudo está perdido, belleza, nome, classe... mais nada me resta... nada...

— Senão a vingança, *madama*, diz pausadamente Perez quando lhe viu as lagrimas enxutas.

A estas palavras, Ritta ergueu a cabeça e disse com voz firme enxugando os olhos com as mãos : — Perdão, meu bom Perez... perdão pela minha fraqueza... pela minha injustiça... porem eu era bella... era mulher... e deves desculpar este derradeiro olhar volvido sobre um passado tão brilhante, tão cheio de esperança... Agora tudo está esquecido, tu verás se me fallece a energia...

Depois pegando no espelho, mirou-se

nelle por espaço de um minuto sem manifestar a menor emoção.

— Então, Perez, tenho medo agora?... diz ella collocando o espelho sobre a mesa com mão firme.

Perez deu-lhe um beijo no vestido.

— Oh!... tu dissestes a verdade, Perez!... resta-me a vingança... o meu odio... livre e franco, sem embaraços; porque não tenho nem um unico sentimento de piedade que me possa suspender... nem uma esperança de melhor futuro que me possa indemnisar... Oh! a minha vingança é deste mundo... e nunca a esquecerei... o meu odio cada vez me prende mais, como o homicidio prende o algoz ao assassino... Esquecer a minha vingança!... quando a cada minuto as minhas feições desfiguradas me hão de dizer: Vinga-te!... elle te roubou belleza, classe, amor, honra! Vinga-te!... deixou-te morta sem a paz do tumulo, e viva sem o prazer do mundo! Vinga-te!... porque tu eras bella! Vinga-te... porque tu, agora, pobre creatura envilecida e sem nome... tinhas um nome saudado em todas as Hispanhas!... Vinga-te!... porque tinhas uma existencia quasi real, e agora a tua vida será errante, miseravel, consagrada ao cumprimento de um unico voto... o de atear sem descanço o fogo devorante de uma só paixão .. a vingança!

— E se elle morrer, *madama*, e se elle morrer antes que estejas vingada! diz de repente Perez com susto.

— Oh! não hade morrer, não, Perez!... exclamou Ritta com um accento tomado quasi prophetico pela convicção que exprimia. Não hade morrer .. não pode morrer... Vês, tenho aqui no coração uma fé, uma certeza no futuro... que me diz que não hade morrer... E depois, intendes, Perez, que é mister que n'isto haja alguma coisa de desconhecido, de sobrehumano, de infernal, que sei eu? que me levou a fazer o que fiz, alguma coisa que me dá essa certeza que tenho de ser vingada, porque o que eu experimento, é assim como o sentimento de uma segunda tenção... como a memoria de um sonho de porvir...

Sim, sim, aqui o sinto... posso estar certa de vêr a minha vingança... a seu tempo... Sim estou tão certa disso, vês tu, Perez... que ainda que Deus ou Satanaz me dissessem que não, eu diria que sim...

E Perez acreditou-a porque havia em seus gestos, em suas palavras, na expressão do seu rosto, essa authoridade inesplicavel que dá a consciencia de uma revelação occulta, phenomeno psychologico que a razão é obrigada a admittir sem o poder analysar.

— E essa vingança, *madama*, hade então ser bem terrivel?...

— Oh! Perez... diz Ritta com um sorriso medonho, essa vingança...

Mas, dize-me cá, Perez... tu lembras-te de Caim, Caim o reprobo... Caim o maldicto?...

— Sim... tornou Perez, espantado dos olhares de Ritta

— Tu lembras-te de Caim com a sua marca na fronte... Caim, que uma fa-

talidade sanguenta cingia com um circulo de nada e de desolação de que nunca podia sair... porque elle estava condemnado a servir de centro a esse circulo?...

— E então? diz Perez palpitante.

— Então!... *Caim* o reprobo, será Elle... *a fatalidade*, serei Eu...

XII.

O CONDE HENRIQUE DE VAUDREY.

On fait souvent du bien pour pouvoir inpunément faire du mal.

121, *Maximas de la Rochefoucauld.*

J'ai souvent dit que le malheur des hommes, vient de ne savoir pas se tenir en repos dans une chambre.

PASCAL. — *Pensamentos*, art. VII.

Cependant, tout infâme que j'etais, je me piquais d'honneteté e de politique, tant j'etais possédé de l'esprit de mensonge e de vanité.

Santo Agostinho, livro III, cap. II.

Mahomet, santo Agostinho, Pascal, Rousseau, Jacotot, o deus São Simão e muitos outros ainda (porque hoje o numero dos deuses, e dos sabios é grande), olham com rasão a educação como uma segunda existencia dada ao homem.

Já provido da vida physica, é lhe mister, dizem elles, para ser completo, receber outra vida moral.

Esta appreciação me pareceu sempre de um sentido tão verdadeiro como admiravel; sómente a escolha desses procreadores intellectuaes, é ao meu vêr, de uma singular difficuldade, posto que o numero dos pretendentes seja sempre consideravel. No tempo desta historia, os mais rudes athletas neste genero eram os padres entre os quaes havia quem contasse até doze ou quinze progenituras espirituaes, mais ou menos vivedoiras, sem fallar das creanças mortas á nascença e dos bastardos.

Mas esta segunda naturesa é terrivelmente tenaz, a communicação com o mundo modifica-a sem a mudar: e bem certos estamos sempre de encontrar, na direcção dos pensamentos ou dos actos da edade madura, os traços primordiaes desses segundos pais: em verdade, encontram-se-lhes algumas vezes similhanças que fasem medo.

E de facto, em a extrema mocidade, a alma, ou o espirito, ou o coração, por assim dizer em fusão pela effervescencia e fogo das paixões, é flexivel e impressionavel... depois pouco a pouco a flamma vai afrouxando, a alma se torna fria e dura: n'uns, essa lava se escôa para um mundo sublime ou medonho, mas saliente e presistente; n'outros, ferve algum tanto, e extingue-se sem forma.

Isto não é o prefacio de um livro de instrucção elementar para uso de pessoas que se quizessem fazer deuses, ou o annuncio de um estabelecimento especial para desmamar Brutos

que mordem a ama, ou para crear Lycurgos que já aos sete annos votem pela suppressão da prudencia e das palmatorias, como attentatorias contra a liberdade individual e contra a dignidade do homem.

Não, isto é simplesmente uma transição para chegar a fallar da primeira educação do conde Henrique de Vaudrey, e explicar assim essa apparente leviandade de principios que o colloca n'uma posição bem falsa a respeito da fallecida duqueza de Almeda.

Henrique de Vaudrey, filho mais moço de uma grande casa, devia ser ecclesiastico segundo a ordem do nascimento e a exigencia desse alto pensamento social que ligava o presente ao passado e ao futuro pela concentração hereditaria das propriedades n'uma só casa, lei por outro modo chamada do direito de morgadia.

Porque outr'ora iam edificando lentamente em rocha viva, com ferro e granito, um edificio duradouro, não para si, porque muitas vezes a morte os roubava antes que fosse collocada a ultima pedra d'esse monumento; mas faziam-o para seus filhos... para as suas gerações.

Esta dedicação sublime pelo futuro, esta lei tão moral e conservadora, que tornava inalienavel e sagrado o berço de uma familia, era a barbaria, o embrutecimento.

Outr'ora as instituições religiosas e politicas se oppunham ao desenvolvimento excessivo da população, afim de tornar menos consideravel o numero espantoso dos proletarios, para sempre destinados, por mais que digam e façam os utopistas, a viverem neste mundo vida de miseria e de privações.

Ora, este constrangimento, tão profundamente moral, que tanto alcançava o rico como o pobre, que tendia para pôr o numero dos homens em equilibrio com a fraca porção de bem estar concedida á humanidade, com o nobre fim de tornar mais farto o quinhão de cada um... era o tempo do embrutecimento e da barbaria.

Hoje construe-se uma casa com lama e cal para um dia; faz-se como esses velhos sordidos que vos dizem: — Depois de mim, que importa? E é verdade, que importa? hoje tracta-se bem da religião das recordações e do apego á terra natal!

Tendes alli o tumulo de vossa mãi... debaixo da erva do prado onde ella gostava de se assentar para vos acalentar quando ereis criancinha? Se apraz á industria ouvir ranger esses caminhos de ferro sobre esse solo abençoado aonde todas as tardes ireis orar, a industria pezará os ossos da vossa mãi, pagar-vos-hão tres vezes o seu valor, e basta, as suas cinzas serão lançadas ao vento.

Ora, como não existe na França um canto de terra em que a industria não possa fazer passar um canal, um caminho ou uma linha de telegrapho (esta honesta industria, está tão adiantada!) d'ahi resulta que seria estupidez construirmos uma casa ou plantarmos uma arvore, porque correriamos grande risco de nos vermos desapossados no dia seguinte ao acordarmos.

Este golpe derradeiro e mortal nos laços da familia, na moral, na relegião do futuro e do passado, no direito sagrado da propriedade, chama se a isso... utilidade publica.

Ora, este infecto egoismo publico que ataca tudo em detrimento de todos, este pensamento feio e destructivo que tudo deve ser commercio, que tudo se vende, se paga ou compra; que o que ha de mais puro e santo no coração do homem, que esse sentimento, unico, que o prende ao paiz, o amor da tumba e do berço, pode ser indemnisado com oiro, e sacrificado á vã esperança de um imperceptivel melhoramento de bem-estar puramente material; isto... é a civilisação... o progresso...

E ainda aqui não fica: hoje achamse entes organisados que vos dizem seriamente (chama-se esta variedade da especie economistas ou philantropos), que vos dizem com uma profunda e innocente satisfação: Ah! senhor... que felicidade!.. vêde como a população augmenta, graças aos nossos incitamentos... como a humanidade pullula... como ella se move... é um verdadeiro formigueiro.

E tudo isto, graças á nossa immortal revolução! Não nos desembaraçou ella de mil empecilhos que embaraçavam a procreação? não expulsou de seus conventos esses frades inuteis para a reproducção da especie? Filhos, senhor, filhos! é a riqueza do estado; porque emfim, senhor, o Imperador, que era mui intendido, dava um premio ás mulheres que justificavam terem doze filhos vivos, vos dirão altivamente esses furiosos garanhões especulativos.

Penso que o Imperador amava os homens como o carniceiro ama o seu gado. Ora, induzir por uma cega philantropia o desgraçado a tomar uma companheira, ainda que não tenha meios de sustentar a sua familia, é dizer-lhe: tem filhos! que importa que tenhas pão para lhe dar a comer! se lhes faltar, a morte te livrará delles...

Se a humanidade trasbordar, tambem para isso ha remedio; ha a peste, a guerra, as bexigas, o cholera, a devassidão, a prostituição, e depois de tudo toma seu nivel: porque não crear como outr'ora, ou crear para a peste ou para a guerra, como hoje, é uma e a mesma cousa, o nada sempre tem a sua conta; tão sómente, hoje que o homem serve para estrume, a terra ganha com isso, engorda...

Tem filhos, te digo eu, entre o lamaçal da tua pobreza, ajouja a tua miseria a uma outra miseria; d'ahi nascerá o crime, que importa? as galés e a guilhotina para alguma cousa hão de servir! Officiosa guilhotina! refugio economico contra a desgraça do tempo, tu que alimpas tambem o corpo social do sangue que o suffoca, quererem-te abolir, é cruel, é tirar o emprego a muita gente, é matar o futuro de muitos outros.

Sim, taes são as consequencias deste desgraçado sophisma: que, julgando-se a prosperidade dos estados pelo augmento da sua população, é mister

a todo o preço favorecer a reproducção da especie.

Isto... esta ignorancia completa das leis da natureza (1) esta cegueira furiosa que nos impelle para o abysmo.. é a civilisação, é o progresso.

Ora esta civilisação parece-me agradavelmente sublime, e sobre tudo vantajosa para os parteiros, coveiros, carrascos e fazedores de casas de gesso, e para os governos modernos, porque cada qual nos arruina por seu feitio; mas poder-se-ia por ventura pagar sufficientemente o progresso? porque é um facto consolador para a humanidade, um facto capaz de extrahir lagrimas dos olhos de um philanthropo: desde os *budgets* (2) até aos crimes, tudo na França se torna espantosamente progressivo.

Mas a admiração pelo progresso fez-me, penso eu, esquecer de Henrique.

Henrique, o filho mais moço da casa, devia pois ordenar-se; mas como era turbulento, teimoso, sensual, vaidoso e cholerico, como dirigia seus ditinhos ás criadas, como emfim testimunhava disposições pouco claustraes, preferiram destinal-o para a marinha e fazel-o cavalleiro de Malta.

Assim se conciliavam as consequencias da sua posição de filho segundo e o interessante futuro da sua pobre pequena familia de vicios, que teriam vegetado etiolados e definhados á sombra humida de um claustro, mas que deviam ao contrario tornar-se bellos e vigorosos gentilhomens aspirando o ar livre, desabrochando-se ao sol de todos os paizes, e brincando por sobre as ondas azuladas de todos os mares.

O digno astronomo Rumphius havia dado a Henrique algumas lições de latim, de francez e sobretudo de mathematica; mas aos doze annos começa apenas a educação: por isso não pretendamos attribuir á influencia d'esse original e modesto sabio o germen das paixões desregradas que se desinvolveram infelizmente muito precoces no moço cavalheiro.

Ora, em 1767, no fim de abril, Henrique deixou o palacio de Vaudrey, em que havia passado a infancia. Deixou-o sem que sua mãi, com os olhos molhados de lagrimas, o tivesse abraçado e abençoado uma ultima vez, porque Henrique já de ha muito tempo não a tinha. Deixou por tanto o palacio sem levar comsigo a doce idéa de que haveria uma voz terna que todas as noites por elle orasse a Deus.

E isto muito peior se tornava, por isso que Henrique parecia que se não empregava muito em o invocar, ao me-

(1) Está provado por calculos irrecusaveis que, não pondo obstaculos ao desinvolvimento da população, ella se torna perigosamente progressiva, porque os meios de subsistencia não estão já em relação com o numero de homens. Calculemos em mil milhões o numero de habitantes actuaes da terra. A raça humana cresceria como os numeros 1—2—4—8—16—32—64—128—256, em quanto que as substancias cresceriam como 1—2—3—4—5—6—7—8—9. Ao cabo de dois seculos a população seria para os meios de subsistencia como 4096 é para 13. Julgai da progressão. Outra vez, ainda, é mister optar: ou por-lhe embaraços ou favorecel-a. Favorecendo-a, é preciso abençoar, favorecer e animar tambem a peste e a guerra, que vos desembaraçam de grande quantidade.

O A.

(2) Termo inglez — Orçamento da receita e despeza publica.

nos de maneira que aproveitasse á sua salvação; emfim a misericordia divina é infinita; e se Henrique não teve as ternas e piedosas exhortações de sua mãi, teve os ultimos conselhos de seu pai o conde de Vaudrey, antigo tenente general e cavalleiro da ordem, que pessoalmente o conduziu a Brest e o confiou aos cuidados do cavalheiro de Suffren, que era intimo amigo seu.

— Adeus, cavalheiro, diz o conde de Vaudrey a seu filho, lembrai-vos do que deveis ao rei, á vossa bandeira e ao vosso nome; e por isso, tomai sentido, fazei o menor numero de loucuras possivel...

Foi pois na idade de doze annos que Henrique se embarcou como voluntario a bordo da fragata *União* commandada pelo senhor de Suffren, e que navegava debaixo das ordens do conde de Blugnon para ir a Marrocos tratar da paz.

Henrique, com o seu rosto bonito, vivo e espirituoso, com o seu porte decidido, com o seu olhar penetrante, agradou muito ao senhor de Soffren, que o recommendou ao mais velho dos guardas-marinhas, cujos serviços e estudos ia partilhar.

Facil é imaginar que a companhia de doze a quinze guardas-marinhas, o mais velho dos quaes não tinha mais que dezoito annos, e que todavia tinham já vivido cem vezes mais do que a maior parte dos homens feitos, se a vida se resume pelas emoções e pelos contrastes; pode-se imaginar, digo, que uma tal companhia torbulenta, amiga de escarnecer, temeraria, folgasã, louca e insolente, devia ser uma escola bem favoravel para o desinvolvimento do caracter ardente e impetuoso de Henrique, que por isso começou de patentear-se largamente.

E em verdade muito boa foi similhante coiza para Henrique porque no homem nada ha que seja inutil nem vicios, nem virtudes; só é mister saber dar-lhe um fim ou uma direcção. Vede Henrique. Deixai-o em terra, no palacio paterno, será um rapaz caprichoso, tolo, impertinente teimoso, impaciente e sensual,

Mettei-o a bordo. Fazei-o commandar e obedecer. Arremeçai-o para o meio dos perigos de uma vida aventurosa: e ahi está a criança quazi um homem; os seus vicios já não são vicios, são preciosas qualidades; a teima torna-se firmeza,; a cholera, coragem; a vaidade, nobre orgulho da classe; a impaciencia, ardôr pelo dever.

Emfim, és caprichoso, phantasioso, bemdize o céo, pobre rapaz! Em a nossa existencia, viva Deus! nunca o dia de hoje se parece com o seguinte, nunca a manhã se parece com a tarde. Oh! vês, esta vida é tão rica, tão cheia de opposições que se não esperam, que seria capaz de desafiar as exigencias da namoradeira mais aborrida.

Henrique agradou pois geralmente aos seus camaradas; tão sómente por espaço de muitos dias o incommodavam ainda alguns restos de timidez, escrupulos e simplicidades; mas não tardou que tomasse o seu logar, e

um mez depois do seu embarque as suas lindas faces rozadas já não coravam, nem mesmo quando, escapando-se da fragata com o seu joven amigo o marquez da Jaille, entravam n'um café e pediam, engrossando a voz branda e suave, ponche e charutos...

Suas faces já não coravam, quando á noite, ambos emboscados n'uma porta, surprehendiam uma *grisette* que se havia demorado em recolher-se, e que lhe furtavam tantos beijos quantos a sua victima, mui satisfeita, podia consentir que lhe roubassem sem ultraje da moral.

Devo contudo confessar que Henrique, em dois mezes que já estava a bordo da fragata, tinha sido prezo seis vezes, e se havia batido duas: tinha uma tarde, por meio de uma corda artisticamente passada de um a outro lado da rua mui ingreme, feito estrabuchar, cair, gemer uma honesta sociedade de burguezes, para quem havia armado aquelle laço, em quanto o seu Orestes o marquez *de la* Jaille e outros estouvados a perseguiam e chasqueavam em altos brados do cimo da rua; mas tambem Henrique subia ao tope do mastro grande com tanta agillidade como o grumete mais ligeiro. Henrique sabia o nome de todos os cabos, ferrava uma vela como um marinheiro, recitava a arte de manobrar toda inteira, e, o que mais é, compreendia-a e demonstrava-a se necessario fosse.

Não se poderia presumir em vista destes principios que o moço cavalheiro de Vaudrey compensaria pela energia, ardor e coragem, o que lhe faltava de continencia e austeridade?

Continencia! austeridade! virtudes todas novas posto que antigas como o mundo; perolas raras e virginaes que se occultam tão modestas, eu ia para dizer tão envergonhadas, debaixo dos laureis dos Scipiões e dos Bayards.

O futuro não desmentiu estas previsões. Aos quinze annos, tinha Henrique assistido a dois combates, a um naufragio, e mostrava com altiveza a sua primeira ferida.

Aos dezesseis annos partiu para Malta, a fim de fazer as suas caravanas em as galeras da Ordem, sempre debaixo do patrocinio pouco seraphico do bravo Suffren.

Mais tarde, em 1774, por occasião da guerra da independencia, foi nomeado segundo tenente, batteu-se como um leão, e recebeu duas boas lançadas ao arremeçar-se ao bordo do almirante Byron, por occasião do famoso combate que este deu ao senhor conde d'Estaing.

Emfim, se elle tão moço foi feito cavalleiro da ordem de S. Luiz e segundo tenente, foi porque no combate de 17 d'Abril de 1780, sendo official de manobra do Conde de Grasse, tirou a náo *o Robust* de uma posição terrível, e recebeu n'essa occasião a sua quarta ferida.

Mas tal é a influencia que uma verdadeira superioridade sempre exerce, que todos os officiaes da esquadra applaudiram as distincções lisongeiras com que o joven conde era recompen-

sado; porque Henrique, tendo perdido seu pai e seu irmão em 1779, se achava só e dono da sua caza.

Segundo a opinião dos senhores *de* Suffren, *de* Grasse e *d'*Estaing, Henrique annunciava o mais brilhante futuro como marinheiro; o seu defeito, accrescentavam elles, era arriscar a vida e a dos seus subordinados com uma temeridade fria que annunciava o mais profundo desprezo pela sua existencia e pela dos outros.

Além d'isso nenhum havia feito um estudo mais profundo da sua arte, ninguem tinha como elle essa coragem indomavel e todavia rasoavel que destingue o official consummado.

Mas ah! eis-me aqui n'essa fatal posição de um homem que, tendo um cavallo para trocar, uma casa para vender, uma amante para ceder, enumera primeiro com emphase os incantos, as delicias, as qualidades, difficeis de encontrar, de cada objecto, e se acha suspendido de repente por essa terrivel palavra que tornava tão furiozo o nosso amigo o antiquario... por esse diabolico *mas*, de tão fatal agoiro.

Sem duvida Henrique era um marinheiro consummado, bravo, bello e espirituoso; *mas* se elle se tivesse confessado ao capellão do seu navio, poder-lhe-ia dizer: meu padre, á excepção de trahir, roubar e assassinar, o mais tudo fiz.

E que quereis? esse pobre moço deixou seu pai tão criança; desde os doze annos até aos vinte e cinco, viveu, por assim dizer, vida de homem feito, percorreu a Hispanha, a Italia, a Grecia, a India, as colonias.... que sei eu?.... e em cada paiz, graças á sua linda figura, ao seu espirito ou ao seu dinheiro, não lhe escaparam as mulheres honestas faceis, nem as prostitutas ardentes.

A travez de todos esses beijos de Turcas, de Gregas, de Indianas, de Hispanholas; quando até o tempo falla para o prazer; quando aos quinze annos se ha arrostado a morte já vinte vezes, caminhado por cima de sangue, presenciado os horrores de um naufragio, ou apanhado uma duzia de inglezes na abordagem; ah! então o coração tem bastante direito para ter perdido alguma coisa da sua primitiva singeleza.

Achai pois no meio d'essa boa vida agitada, libertina e perigosa, tempo para ser sobrio, amoroso e continente! vivendo de contrastes, de abundancia e de privações, de orgias e de combates de desejos e de saciedade.

Achai pois o logar de um d'esses frescos e primitivos pensamentos de amor que nascem na izolação e crescem na solidão, um d'esses extacticos amores de quinze annos que são talvez a primeira e unica poesia da alma; amores ancantadores, timidos e discretos.... que o objecto amado os ignora sempre; porque até muitas vezes quem ama não sabe a quem; amores que não deixam nenhum vacuo, e que todavia são destituidos de um fim e de resultado.

Ah! acontecerá com o amor o mesmo que com as religiões, só arderá

mais vivo e fervente quando a divindade se conservar mysteriosa e velada ?

Deveis tambem pensar que se Henrique não tinha para com as mulheres essa veneração profunda que lhes é devida.....não era por sua culpa.

Não era por culpa d'elle que, isolado, quasi orphão, não tinha jámais experimentado por uma mãi ou uma irmã essa affeição viva e santa, cujo abito mais tarde dá ao amor não sei que perfume de delicadeza e de puresa, não sei que sentimento de respeito e de reconhecimento, como se esse sexo a quem deveis uma mãi ou uma irmã por isso se tornasse sagrado e inviolavel aos vossos olhos.

E tambem vos deveis lembrar que para Henrique se entregar a uma mulher não tinha esperado a sollicitação dos seus sentidos. N'elle uma libertinagem precoce tinha matado o amor que podia nascer, faltava-lhe essa corda no coração.

Sem aborrecer nem desprezar as mulheres, julgava-as segundo as suas proprias sensações, julgava-as por si, que tudo podia pelo prazer e nada pela alma. Por isso elle era para com ellas phisicamente cheio de attenções, de urbanidade, de gosto e de graças, porque sabia viver ; mas quanto a interessar o coração em uma ligação, não o podia, nem sequer o pensava. Como para elle uma infidelidade que lhe fizessem era apenas uma mudança anticipada ou uma remoção do extorvo, assim tambem considerava as traições que praticava.

Por isso a sua conducta para com a duqueza lhe parecia muito simples; e além disso, Henrique tinha um comportamento proprio da epocha em que vivia, Ritta é que era do tempo passado. Vão lá ter esperança de encontrar uma mulher como Ritta no decimo-oitavo seculo !

No decimo-oitavo seculo, quando o philosophismo, esse puro e brilhante facho da razão, esse regenerador da humanidade escravisada, luctava ainda em infamia com a regencia ; quando esse philosophismo misturava a sua lepra a essa gangrena, espalhando uma immensidade de livros estupidos impios ou obscenos, que, segundo as suas vistas, corrompiam uma sociedade á qual teve a atrocidade de censurar a corrupção, quando, para o diante, a fez dezimar pelos seus algozes

No decimo oitavo seculo, quando houve uma apotheose para Voltaire, para aquelle que insultára a França na sua gloria mais pura e casta ! para aquelle que se atirou espumante a Joanna d'Arc, como esses libertinos ignobeis e impotentes que injuriam o que não poderam deshonrar ! quando Diderot escrevia para esse seculo os *Bijoux* e a *Religieuse* ; Crebillon *o Sofa* ; Vadé o seu theatro ; Pirou a sua ode... e Beaumarchais o seu drama ! quando Helvecio, Condorcet e os encyclopedistas viviam explendidamente de atheismo e de torpezas ; quando as medonhas paixões de uma populaça já sem crenças religiosas começavam a fermentar; quando o melhor dos reis, a mais virtuosa das rainhas, estavam

mais que fartos de calumnias motivadas pelo partido philosophico em linguagem bem rasteira!

Ora contem n'um seculo assim com uma mulher capaz de tomar uma paixão do serio, quando são sabidos os successos escandalosos de Clairval e de Jeannot; quando o livre do Laclos não era senão o espelho da sociedade, e que o senhor de Sade passava por um original, com os seus jantares com cantaridas, que pozeram n'uma agitação tão divertida a melhor companhia de Marselha, desde o intendente até ao preboste dos mercadores!

Não! não! n'esse seculo desgraçado, no meio d'essa terrivel saturnal, singular e aterradora como a agonia de um doido, toda a immoralidade estava nos costumes, todo o vicio gosava do direito de cidadão.

Não era pois o derradeiro termo dessa longa degradação social que datava de Luthero? de Luthero que Voltaire e os seus operarios parodiavam de uma maneira tão miseravel, Vêde, é a grosseira insolencia de Luthero, a sua má fé na discussão, o seu odio por tudo quanto é santo e reverenciado entre os homens, as suas injurias sordidas, as suas nauseabundas obscenidades. Mas ao menos Luthero fôra o primeiro que tivera a infernal audacia de atacar de frente e ferir no coração essa poderosa sociedade monarchica e religiosa, cujo cadaver Voltaire e a sua eschola tão covardemente bofeteavam.

Mas, em fim, não considerando essa epocha como moralista, mas como homem, era, um tempo bem delicioso, e o nosso heroe pouco moralista, dava-se muito bem com elle; porque este querido conde, prevendo por instincto o que devia acontecer, tinha feito consistir, a sua felicidade, por assim dizer em viajar, e de dias a dias passava sua vida de prazer. Segundo é minha opinião, eis-aqui a sua desculpa.

Que quereis? depois de dois annos de guerra Henrique chega a Versailles, as suas relações estão interrompidas, talvez que não possa passar em França senão dois ou tres mezes: é-lhe mister adquirir algum renome, por algum feito estrondoso, completar a sua reputação de intrepido marinheiro por a de um homem de aventuras originaes, o que a dizer a verdade, era então bem difficil. O bello Lauzun fazia de romanesco com bom exito, o marquez de Vaudreuil de indifferentista; o principe de Guemenée cultivava o luxo, Tilly os costumes mosqueteiros, Crussol o espirito; e Vaudrey representou *a regencia*, e segundo me parece, não saiu mal.

Quanto ao mais, era o melhor homem da terra, porque tendo nascido sobretudo deleixado e escarnedor, Henrique não tinha em si verdadeira superioridade que bastasse para conceber odio ou adoração pela natureza humana; posto que fosse muito amavel e esforçado, faltava-lhe, felizmente para elle, essa devorante actividade de espirito de intuição, que, permittindo abraçar o mundo com um só olhar tão profundo como rapido, e resumir os

prazeres e as esperanças humanas por estas duas palavras, *nada e vaidade*, força a alma a arremeçar-se para sempre no immenso abysmo do desespero ou da fé.

Não, o conde de Vaudrey não tinha a vista tão aguda que podesse percorrer com um só olhar o caminho que andava; em logar de volver ardentemente os olhos para o horisonte, divertia-se em cada ponto de vista que a seu lado descobria.

N'uma palavra, Henrique era um d'esses homens admiravelmente predestinados, que teem espirito e nunca genio, sentidos e nenhuma alma, vicios e nada que fosse ridiculo; um d'esses homens deliciosos, que, podendo mesmo ter impunemente algumas qualidades proseguem, com applauso geral, uma longa carreira de amor, de gloria e de prazer, deixando, é verdade, aqui e alli alguns tumulos abertos de fresco, algumas familias deshonradas, algumas criancinhas em luto chamando por sua mãi...

Mas como é que hade haver força para censurar estas bagatellas? se elles teem defeitos tão seductores como crueis com tanta elegancia, prodigos com tanta nobreza, bravos com tanta ligeireza; se elles arriscam vinte vezes a vida para vingar a amante de uma palavra, ou olhar impolitico; verdade é que tambem, sem o menor escrupulo, ferem no coração e matam essa mesma mulher, por um miseravel impulso de vaidade. Mas que prova tudo isso? Que as mulheres fazem mal em tomar a paixão ao serio. Paguem ellas perfidia com perfidia, e, viva Deus! ninguem por isso morrerá, ao contrario.

Tal era Henrique, bater-se esforçadamente em mar e terra, divertir-se em tudo e por tudo, eis-aqui a vida do conde; e, para completar este ente inaccessivel ás penas moraes d'este mundo, accrescentai a expressão da mais profunda e incuravel das sensações negativas, o *que me importa isso*? mais pronunciado no moral e no physico. Porque Henrique vos dizia com o ar da mais intima convicção:

«Que me importa a mim morrer agora? tenho ao menos a doce consolação de nunca haver recusado cousa alguma a mim proprio, de nunca haver sentido nascer um desejo sem que o satisfizesse. Porque de mui creança, e já pensando na morte, de mui novo, me havia habituado a desculpar a mim mesmo as minhas loucuras, a viver duplicadamente, com receio de que não tivesse tempo de viver bastante, não imitando a stulticia desses imprudentes que reservam os prazeres para *mais tarde*; insensatos!.... para mais tarde! como se os não podesse alcançar uma morte prematura, e mostrar-lhes assim o erro das previsões humanas.»

Eis-aqui o resumo da moral pratica e theorica de Henrique; e se ajuntardes a este largo esboço os traços salientes do seu caracter a bordo, isto é o habito do mais absoluto despotismo, uma vontade de ferro, uma coragem inaudita, o mais profundo despreso pela sua vida e pela dos seus

marinheiros ou officiaes, o mais pronunciado orgulho aristocratico, tereis uma ideia quasi completa do conde Henrique de Vaudrey.

XIII.

UM SALÃO.

Chaque chose a plusieurs biais et plusieurs lustres.
Montaigne, livro 1.º, cap. VII.

A scena passa-se em Pariz, no arrabalde Saint-Germain, em casa da condessa d'Emard. — O marquez acaba de contar mui espirituosamente a aventura de Henrique e da duqueza, os detalhes relativos á torre, a morte de Ritta, etc. Esta narração divertiu muito, até mesmo interessou. Censuraram algum tanto o horrivel procedimento de Vaudrey; porém muitas senhoras que estavam em casa da condessa saíram com a esperança de encontrarem ou verem o senhor de Vaudrey em casa de *madama* de Vandemont, que n'esta noute dava um saráo. Só ficam em casa da condessa dous amigos intimos, o cavalheiro de Bersy e o marquez d'Elmont. A condessa já se não recorda de quantos annos tem.

A condessa. — Eu não quiz dizer que esperava esta noute o senhor de Vandrey, porque todos cá ficariam; e eu gosto mais que *o tenhamos* em pequena companhia... Mas, vejamos, cavalheiro, diverti-nos um pouco, porque em verdade essa historia é bem triste.

O cavalheiro.—Então, *madama*, vou contar-vos uma boa aventura de Lauraguais.

O marquez. — Ainda temos outra vez Lauraguais; os seus gracejos são inesgotaveis. E' maravilhoso como os milhões do senhor de Guemenée. Quanto mais despende, mais tem.

A condessa. — Isto é, mais deve; pobre principe! com o seu estado quasi real... Mas venha lá essa historia, cavalheiro...

O cavalheiro. — Aqui ha alguns dias, Lauraguais formou uma consulta de quatro doctores da faculdade medica, recebeu-os no palacio de Brancas, e ahi lhes propoz mui seriamente se era ou não possivel morrer de aborrecimento. Eis aqui estão os meus sabios todos pela affirmativa, e, depois de largo preambulo cheio de termos da arte, assignam com a melhor fé que é moral e physicamente possivel morrer de aborrecimento. Sendo os Brancas geralmente hypocondriacos e melancholicos, julgaram os medicos que similhante juncta dizia respeito ao parente de Lauraguais, e até especificaram na receita, que o unico remedio era proporcionar dissipações do enfermo, e sobretudo, se fosse conhecida, affastar de seus olhos a causa d'esse estado de inercia e de desgosto que o consumia.

A condessa. — Bem! e depois?...

O cavalheiro. — Munido d'este attestado em boa fórma, Lauraguais, que estava muito apaixonado e tinha muitos ciumes de Sophia d'Arnoult, foi pôl-o nas mãos de um commissa-

rio de policia, e queixar-se do seu rival, o senhor de Barentin, que dizia elle, pela sua obsessão continua faria infallivelmente morrer de enfado esta actriz inimitavel. Lauraguais requeria pois á auctoridade encarregada de velar pela saude dos cidadãos que fosse intimado ao dito Barentin que se abstivesse de qualquer visita a casa de Sophia, sob as penas comminadas ás pessoas que attentam contra a vida de outrem.

A condessa. — Isso é bello, magnifico. Mas sabeis, cavalheiro, que tal sentença é um precedente perfeito?

O marquez. — Sem duvida alguma: serão mandados encerrar os massadores por causa da salubridade publica.

A condessa. — O facto é que todos os massadores deviam ser postos fóra do abrigo da lei.

O cavalheiro. — Ou antes fóra da sociedade, o que melhor seria.

A condessa. — E quem vos contou essa historia, cavalheiro?

O cavalheiro. — Foi o senhor de Fronsac.

O marquez. — Esse querido Fronsac esteve hontem muito divertido em Trianon!

A condessa. — Estivestes hontem lá?... Que se reprezentou no theatro da Rainha?

O marquez. — *O serão aldeão.* Sua Magestade fez o papel de Babet; a senhora condessa Diana, a mãi Thomazia; as senhoras de Guiche, de Polignac, de Polastron, as aldeães; o conde de Esterhazy, o balio; e de velhas reprezentaram os senhores de Bezenval, de Coigny, de Crussol...

A condessa. — E o Colin?

O marquez. — Era o senhor conde d'Artois, que canta como se bate, quero dizer muito e por muito tempo. A entrada custava um luiz, e tudo isto em beneficio dos pobres orphãos que Sua Magestade protege.

Um criado grave (annunciando). — O senhor barão e a senhora baroneza de Cernan. (Entram o barão e a baroneza).

A condessa (ao cavalheiro). — Ah! meu Deus!... *madama* de Cernan com seu marido!... (A' baroneza). Boa noute, minha bella... (Ao barão). Com effeito ha um seculo que me desprezais, senhor de Cernan.

O barão (beijando-lhe a mão). — Sois mil vezes obzequiosa em dar por similhante falta, *madama*, e eu venho deitar-me aos vossos pés para obter o meu perdão.

A baroneza. — Não acrediteis nem uma palavra, *madama*, o senhor de Cernan não vem cá por vossa causa.

A condessa. — Vendo-vos com elle, assim o devia desconfiar, Cecilia...

A baroneza (apezar dos signaes do barão). — Oh! elle vem cá de proposito para vèr o senhor de Vaudrey, que, segundo me disse meu marido, vem esta noute a vossa casa.

O barão (sorrindo). — Como *madama* de Cernan quer fazer desculpar a minha assiduidade para com ella, toma este pretexto... e eu digo-o com fatuidade.

A condessa. — O pretexto é ao menos bem escolhido; porque, com ef-

feito, depois da sua horrivel aventura, o senhor de Vaudrey está mais na moda do que nunca. Custa a dizer, mas assim é. Elle visita-me muitas vezes, sua mãi era muito da minha intimidade, e asseguro-vos que é todavia o homem mais amavel que no mundo se póde imaginar.

A baroneza. — Entretanto, *madama*... o seu procedimento tem sido odioso! e a mim parece-me soberanamente odioso...

A condessa. — Sim, minha querida filha... mas é um dos homens que são odeiados a ponto de se adorarem...

O barão. — E elle já apparece no publico?

O marquez. — Sim, doze ou quinze dias de recolhimento depois do acontecimento... e então já se póde apparecer.

A baroneza. — Sempre é verdade que a duqueza morreu de desespero?...

O marquez. — De perfeito desespero .. e não era para menos.

O cavalheiro. — Feliz Vaudrey... essas cousas só a elle acontecem, vai *fazer furor*.

A condessa. — Calai-vos, é coisa espantosa... E quem diria, ao vel-a, que essa duqueza tão séria, viria a morrer d'amor? Lembro-me mui bem della... Ceiei com ella em casa da marechala de Luxemburgo... era uma senhora de ar respeitavel... de olhos soberbos... garganta perfeita... mas muito trigueira, e com as sobrancelhas mui pronunciadas...

O barão. — Era de uma bizonhice affectada, segundo me disseram.

O cavalheiro. — Ridicula... havia-se constituido em censura viva para muitas senhoras que valiam mais do que ella... porque, aqui para nós, a virtude é facil quando não ha coração nem alma.,.

O marquez. — Comtudo... ella tomou, segundo me parece, o gracejo do senhor de Vaudrey muito ao serio.

A condessa. — Francamente, estou longe do desculpar o procedimento do senhor de Vaudrey; mas quando penso com que frio desdem, com que ironia insultante a duqueza acolhia os mais simples galanteios... com que ar de impertinente superioridade ella fallava das outras mulheres... com quanto tenha pena della, gosto mais de que isto lhe acontecesse do que a outra qualquer.

A baroneza. — Comtudo deveis julgar quanto ella soffreria.

A condessa. — Sem duvida. Por isso a lastimo, porém muito mais a teria lastimado se ella se houvesse mostrado mais tolerante antes da sua falta; na minha edade, querida filha, póde-se dizer tudo o que se pensa .. Pois bem! conheci o mundo, e estou convencida que é mais difficil conseguir que se perdoem as qualidades do que os defeitos, por uma rasão muito simples, é que a modestia ou a bonhomia de virtude falta quasi sempre ás pessoas austeras.

O cavalheiro. — A senhora condessa tem rasão. E que miseravel gosto! porque emfim antes que Vaudrey se fizesse conhecer, ella julgava não amar, e mesmo não amava, a fallar a verdade, senão um desconhecido, que não se sa-

bia donde tinha vindo; confessareis que isto é quasi depravação.

O marquez. — Ou a esperança do mysterio.

Um amante desta côrte occulta-se perfeitamente, e agora sou da opinião daquelles que a julgavam não rigida, mas astuta. Por isso Vaudrey me parece desculpavel. Não foi culpa delle, se a duqueza de uma comedia se divertiu a fazer uma tragedia.

A condessa. — E além disso a indulgencia que ha para com o senhor de Vaudrey provem de elle ter vingado os homens dos rigores da duqueza, e as senhoras da sua superioridade de virtude; não devemos fazer-nos melhores do que somos.

O barão. — Comtudo é mister, *madama*, é mister... melhorar, chegar á perfeição tanto em moral como em politica.

O cavalheiro (baixo á condessa). — Bom! Aposto que o barão antes de cinco minutos falla da America.

O barão. — Ora na America... (A condessa esconde o rosto com o leque). Ora na America, vão melhorando, e a prova é que se rebellam! é um facto. Dependiam da metropole. Pois bem! de repente disseram entre si: Ora! deixemo-nos de depender da metropole, e não mais dependerão della. Não achais isto sublime?

O cavalheiro. — Isso seria sobre tudo sublime se elles fossem os mais poderosos.

O barão. — Hão de sel-o, senhor hão de sel-o, porque a sua causa é a causa de nós todos.

A condessa (rindo). — Como! senhor de Cernan, é tambem nossa?

O barão. — Certamente, *madama*, é a causa do mundo inteiro; a insurreição ha de triumphar, porque a insurreição é a mais admiravel das virtudes; primeiro é facil e está ao alcance de todos, de todas as intelligencias; depois é natural, porque tem o seu germen no coração do homem. Quando eu era creança, já me insurgia contra o meu mestre, contra as minhas aias, insurgia-me...

A condessa. — Perdoai se interrompo o curso das vossas insurreições; mas contra quem nos havemos nós de insurgir, nós, os nobres?

O barão. — Contra nós mesmos, *madama*, contra a nossa propria classe. Eis que o que nisso ha de admiravel; ainda ha de ser melhor do que na America.

O cavalheiro — Concebo perfeitamente o systema politico e insurreccional do barão. Chamaremos a canalha para lhe pedirmos que tenham a bondade de deitarem fogo aos nossos palacios e que nos degolem em seguida; é magnifico, e depois?

O barão. — Depois... quando tiververmos feito abolir os nossos titulos monstruosos, destruir as nossas fortunas escandalosas, seremos todos iguaes e irmãos; eu virei a ser igual ao meu palafreneiro. Eis-ahi o sublime.

O *cavalheiro.* — E depois?

O *barão.* — Depois... a França vira a ser um immenso jardim, coberto de fructos e de flores, de que cada um terá o seu quinhão. Nós seremos pas-

tores, estas damas pastoras; haverão virtudes por todo o mundo, vestidos brancos para os solteiros, vestidos azues para os mancebos cazados, e deitaremos lucto pelos nossos amigos, Hade ser divino, a edade de oiro; lêde Condorcet!

O cavalheiro. — E depois?

O barão. — Ah! meu caro, que mais quereis? é o paraiso terrestre, viveremos sem necessidade de outras leis senão as naturaes! Comer quando ha fome, dormir quando ha somno: eis ahi o que é magnifico!

O cavalheiro. — E os vicios? como os haveis de reprimir?

O barão. — Os vicios serão abolidos com as corveas, as gabellas e os direitos de senhorio. Porventura poderão haver vicios n'uma sociedade regenerada, que vive de liberdade, de legumes e de igualdade?

A condessa (baixo ao marquez). — Isto é muito divertido. (Alto.) E a religião, barão, tambem será abolida?

O barão (com presumpção). — Ora bem conheceis que já não estamos nesse tempo de fanatismo e de superstição em que o clero desvairava a razão dos povos para lhes fazer crer em atrozes falsidades, nesse tempo de barbaria em que se dizia ao desgraçado: O homem nasceu para soffrer, soffrei pois com paciencia durante esta vida, e alcançareis a ventura eterna depois da vossa morte; e os infelizes patetas acredita-los-hão! E' notorio que elles o acreditavam, que soffriam sem se queixar, estupidamente consolados pela esperança de uma chimera absurda que o facho da philosophia acaba de reduzir a cinzas. Por isso agora o desgraçado, deixando de estar involvido entre as trevas da ignorancia, pode, deve dizer: Soffro sempre nesta vida, é verdade; mas depois da morte nada ha. Confessar-me-eis que é muito agradavel poder apresentar isto na cara ao cura da sua aldeia, por quanto agora «os padres não são o que um vão povo pensa, todo o seu poder consiste em a nossa credulidade» diz o grande homem, o semi-deus! O deus do seculo: Voltaire! o deus Voltaire!

O cavalheiro. — E então o outro?

O barão. — Qual outro?

O cavalheiro. — Ora, qual, o antigo Deus, que simplesmente creou o ceo e a terra; tambem é abolido?

O barão. — Isso ainda não está decidido. Hontem fallei com Laclos, que me disse que se tractava dessa questão em casa de Condorcet. Antes de oito dias hade estar decidido se hade ser ou não conservado.

O cavalheiro. — Oh! peço-vos que me deis logo parte da vossa decisão; porque tenho bastante curiosidade de saber qual foi a vossa sentença... e mesmo porque não quereria mandar os meus criados á missa inutilmente.

O criado grave. — O senhor conde de Vaudrey.

(Movimento geral de curiosidade e admiração.)

Henrique beija a mão da condessa.

A condessa. — Henrique, tenho que vos fallar, dai-me o vosso braço.

A condessa entra em um gabinete

que pegava com o salão, cujas portas estão abertas. Formam-se grupos. Henrique está soberbamente vestido com casaca de veludo encarnada bordada e palhetada de oiro; com modo indolente e tranquillo; exterior exatamente opposto ao que lhe esperavam, e que por isso mesmo produziu mais effeito. — A baroneza Cecilia de Cernan tem vinte annos, é bella como um anjo, espirituosa, algumas vezes taciturna, muitas vezes louca e estouvada. O barão de Cernan tem trinta annos, pode ter pretenções a uma bella cabeça, muito gordo, pouco esmerado no trajar, bravo, immensamente rico, e muito apaixonado pela philosophia.

O barão (a sua mulher). — Em verdade, *madama*, o meu procedimento é singular; não conheço o senhor de Vaudrey, e o meu pedido hade-lhe parecer muito indiscreto.

A baroneza. — Então não lh'o façais.

O barão. — Mas vós é quem me haveis excitado a que o faça.

A baronoza. — Eu? nada, não; disse-vos que, tendo a condessa tido muitas relações com a mãi do senhor de Vaudrey, tinha muita amisade com o filho, e que, apresentado por ella, o vosso pedido não seria talvez rejeitado; e nada mais.

O barão. — Tende a bondade de lhe fazer vós mesma esse pedido.

A baroneza. — Ora essa! que loucura!

O barão. — Sois da intimidade de *madama* d'Emard, podeis interessal-a a meu respeito; da parte de uma senhora é menos indecoroso, nós ainda somos tão ridiculos com a nossa polidez e formalidades... ah! na America...

A baroneza. — Pois vamos lá!... consinto... mas, em verdade, sempre tenho muita bondade...

O barão. — Olhai, justamente a condessa volta agora para a sala.

A baroneza vai assentar-se ao pé da condessa, e falla com ella durante alguns minutos em voz baixa. A condessa olha malignamente para Cecilia. Cecilia córa, e a condessa beija-a na testa.

O barão (á parte). — Bravo! isto vai bem... o meu pedido vai em bom caminho.

A condessa (dirigindo-se a Henrique que está conversando e rindo com o cavalheiro, e mostrando-lhe uma cadeira ao seu lado). — Henrique assentai-vos aqui, tenho que vos fallar, que vos pedir; depois de ind'agora vos haver ralhado, acho que é um tanto ousado.

Henrique (sorrindo). — O facto é que é exigir algum tanto cêdo a paga da lição; porem ella foi tão engraçada, tão amavel, que me não offendo, e tudo concedo...

A condessa.—Então inda mesmo que a supplica me não interessasse pessoalte?... mas uma mulher bonita... que vos odeia de todo o coração...

A baroneza córa. Henrique, que a olhava a furto, percebe-o e responde com indifferença:

— Aqui para nós, *madama*, o odio ou affeição acham-me agora bastante frio; outr'ora teria ficado ufano, encantado por saber que me odeiavam, com a interessante esperança de mudar essa impressão cruel em um sentimento mais doce; mas em verdade, o amor traz comsigo tantas amofinações, tantas consequencias desagradaveis, que me reformo inteiramente, e não quero viver senão para a vossa antiga e boa amizade; por isso só a ella concedo o que me pedís.

A baroneza (levanta-se despeitada, e vai entreter-se a olhar para a musica que estava sobre o cravo, dizendo á parte): — Que impertinente fatuidade! que socego! que indifferença!... depois do seu horrivel procedimento para com aquella pobre senhora... é odioso...

O barão (com interesse). — Então, *madama*, como vai o nosso negocio?

A baroneza (com impaciencia). — Eu sei cá... julgais que me dê cuidado?

O barão (sae desorientado dizendo comsigo): — Com effeito, é muito agradavel que eu, que sou de uma casa, que vale ao menos tanto como a de Vaudrey, seja obrigado a vir pedir-lhe um obzequio; e querem que eu não seja partidario da egualdade... Oh! na America...

A condessa (que esteve largo tempo comversando com Henrique). — Sim, meu querido Henrique, arde em desejos de ir á America; disseram-lhe que ieis par lá, e pede-vos que o tomeis ao vosso bordo; é um homem excellente, á excepção de uma monomania que vos hade divertir. Em verdade, Henrique se poderdes concederme este favor sem prejuizo das ordens que tendes, dever-vos-hei uma obrigação particular.

Henrique. — Com muito prazer... não lhe acho inconveniente algum; sómente irei prevenir o senhor marechal de Castries.

A condessa. — Mil vezes obrigada, meu charo Henrique... vinde pois communicar essa boa nova a *madama* de Cernan.

Henrique (a Cecilia com modo frio). — Se eu tivesse podido prevêr as intenções do senhor de Cernan, teria prevenido o seu pedido, *madama*, pois que esse bem insignificante obzequio me procura a occasião de vos assegurar de toda a minha affeição.

A baroneza (saudando-o com modo secco). — Senhor, agradeço-vos mil vezes o vosso obzequio, em nome do senhor de Cernan, com tudo por muito feliz me julgo em pensar que é unicamente á influencia da nossa amiga commum, a senhora condessa d'Emard, que devemos a vossa benevola disposição.

Henrique (sempre frio). — Pela vez primeira, *madama*, talvez serieis injusta para com a nossa excellente amiga, se atribuisseis só á sua influencia a minha solicitude em executar as vossas ordens.

A boroneza córa e sauda-o. Henrique em toda a noite nem mais ama palavra dirige a madama *de Cernan: Jogam. No momento de se retirar em companhia do velho duque de Ler-*

mos, a quem pediu o braço, Cecilia diz bem alto á condessa :

— Amanhã ides jantar a casa da marechala de Castries ?

A condessa. — Não... Mas porque é essa pergunta, meu coração ?

A baroneza. — E' porque estou convidada para lá, e ter-vos-ia offerecido acompanhar-vos.

A condessa (beijando-a na testa) — Sempre sois bem má, propor-me um jantar a mim que os abomino.

Henrique (á parte). — Justamente tenho que fallar com o marechal de Castries a respeito do senhor de Cernan ; irei lá amanhã fazer com que me convidem.

A baroneza sae sem olhar para Henrique.

Henrique (á parte).—Tudo vai bem... Vamos ter com Crussol, para ir com elle ceiar a casa de Lélia.

Sáe.

XIV.

VERSAILLES.

Exegi monumentum.

Versailles ! que de grandeza, que de miseria, que de recerdações se reunem n'essa palavra ! Versailles ! um d'esses ronhos do Oriente em que o pensamento se acalenta com amôr, um d'esses bellos sontos de fadas, a admiração da nossa mocidade ingenua ; d'esses magicos palacios de diamantes e de flores, povoados de genios com azas de fogo ! Versailles ? um d'esses meteoros que illuminam um céo inteiro ; Versailles ! um d'esses arrojos de real poezia que se escreve com oiro, bronze e porphyro.

N'esta creação gigantesca tudo em verdade se torna colossal e quasi fatidico.

Versailles ! era de principio uma pobre babitação, um logarejo doentio e obscuro, arido, queimado, sem fontes nem arvoredos !

Então um homem disse : Em logar d'esta aldeia desolada, eu quero um monumento que faça pasmar a Europa, quero levantar tão alto a sua pompa e gloria, que o seu esplendor, passando commigo, deixe ainda uma recordação poderosa que faça o orgulho dos seculos. Pela magia das artes quero crear-maravilhas, quero dominar a natureza. Sobre este terreno nú e calcinado, mil fontes esparzirão suas aguas em tanques de marmore ; espessas abobadas de arvoredo, alli baloiçarão a sua folhagem. Em volta d'este monumento quero uma cidade real, esplendida, que os soberanos mandem saudar com respeito ; porque em fim quero que este nome de Versailles, hoje ignorado, amanhã faça bastante pezo na balança dos destinos do mundo !

— Mas quem foi esse homem que ordenou esse prodigio ? Luiz XIV. Quem foi o seu ministro ? Colbert.

— Quem executa esta obra immensa ? Masard, el Brun, le Nôtre, Puget.

E tudo se torna magestoso como Versailles.

Se o rei toma um emblema, é o sol ;

se é mister ornar a porta do seu palacio, ha victorias para lhe esculpir, e no liminar se encadeia a aguia da Austria e o leão das Castellas.

Versailles tem uma capella, aonde préga Bossuet. Versailles tem um theatro, aonde representa Molière.

E o seu auditorio é Condé, Montmorency, Villars, de Saxe, la Rochefoucauld, Guise, Duras, Erillon, Noailes. Vendome, Biron ; que sei eu ? É toda essa alta aristocracia que ainda sangrava aos golpes de Richelieu, que a dizimava em nome do rei da França.

Todavia essa antiga nobreza, rica, independente e quasi soberana em suas terras, lá está ainda agglomerada nos degráos do throno porque para ella o rei de França é mais que um rei. E' um principe sagrado, como a honra e a virtude.

E Luiz XIV morre, e com elle morre Versailles.

Dizeis uma verdade fatal para a França e para a vossa raça, grande rei, quando exclamaveis com o açoite na mão: O Estado, sou eu !

Sim, o Estado fostes vós ; a monarchia fostes vós, depois da vossa irreparavel scisão com Roma ; depois que julgando-vos tão forte, tomastes a força de vós mesmo em logar de a receberdes de Deus ; depois que substituistes um só poder ephemero e despotico a essa sublime trindade governamental, a esses tres poderes immortaes, unicos que podem consagrar o futuro de uma monarchia : *Deus, O Rei, E O Povo.*

Por isso a vossa monarchia devia morrer comvosco, grande rei, pois que, de divina que ella era aos olhos de todos, a havieis tornado humana ; porquanto a monarchia não era senão vós, que ereis um heroe ! vós um semi-Deus, cujo olhar fez crear um seculo de prodigios !

E, assim como o sol que havieis tomado por emblema, sol de um dia, haveis offuscado o mundo pela vossa luz esplendente, e á tarde descestes magestosamente para um sombrio occaso ; o derradeiro lampejar do vosso crepusculo ainda volveu um raio pallido por sobre a corôa dos vossos descendentes, e depois veio a noite, noite escura e implacavel, noite de sangue, de vendavaes e de tespestades, que juncou de ruinas o solo antigo da França

E depois da morte do grande rei, Versailles fica fastosa, triste, magestosa, abandonada como esses immensos castellos que a pobreza moderna não permitte que sejam habitados.

Porque a esse seculo de grandeza succede a regencia.

A regencia ! e que poderiam fazer a regencia e os seus libertinos nessas galerias sem fim, debaixo dessas abobadas enormes em que havia trovejado a voz de Bossuet ? A regencia em Versailles ! era uma amarga decisão ; a regencia com as suas ceias, com as suas infames orgias, com o seu despreso declarado de todas as crenças !

Ainda, repito, a regencia que acabou de apodrecer a nação até ao coração, não podia restituir a vida a Versailles.

Luiz XV, tão grande rei, se o tivesse querido ser, bem fez a diligencia, mas tornava-se-lhe isso aborrecido; elle, a sua côrte, os seus litteratos, os seus artistas, não foram feitos para Versailles; as esplendidas recordações do grande seculo alevantaram este palacio n'uma região mui alta, o ar era alli mui penetrante, a atmosphera da sua gloria muito viva para esses peitos acanhados e corruptos; tanta grandeza esmaga-os, a immensidade incommoda-os; por isso a côrte se retira para Trianon.

Ao menos ahi tudo era á sua vontade, tudo era pequeno, palhetado, garrido, arrebicado, rozado, empoado, perfumado. Havia lá um pequeno ecco para a voz aguda e affectada do atheismo de gabinete particular de senhora; porque estavam saturados de vicios, e era mister chegarem á impiedade para alentarem o appetite.

De facto, o atheismo tinha bastante ascendente, primeiro deram-se bem; depois, como tudo fatiga, deitaram os restos ao povo quando lhes chegou a aborrecer.

Depois de Luiz XV, depois do reinado das amantes e dos favoritos, veio o de um rei hónesto, de uma alta e sublime virtude; o reinado de uma rainha joven, espirituosa, boa, folgazã, e que, forte da sua pureza, não tinha que occultar innocentes preferencias.

Mas, bem que habitado, Versailles sempre se conserva deserto.

Taes podiam ter sido os pensamentos de Henrique de Vaudrey, que se dirigia a Versailles para jantar em casa do senhor marechal de Castriès.

Comtudo não julgo que as idéas do conde tivessem então esta direcção grave e melancolica.

Mollemente emballado em boa carroagem, tirada por quatro magnificos cavallos que o seu picador precedia, indo a casa do ministro na esperança de ahi encontrar a baroneza Cecilia de Cernan, é mister confessa-lo, Henrique provavelmente não pensava então nas causas da queda dos imperios.

O conde sentia um gosto bem vivo por Cecilia, porque Lelia já lhe não agradava; tinha procurado algum desenfado n'uma distracção com a mulher de um procurador no Châtelet; mas, desde o marido, a quem isto extremamente lisonjeava, até aos seus escreventes a quem muito similhante coisa divertia, tudo era para Henrique tão attencioso, de uma facilidade tão afflictiva, que esse adulterio *amigavelmente consentido* o desgostou, e, com pezar do marido, da mulher e dos escreventes, foi por elle terminado depois de oito dias de intimidade.

Neste estado de coisas uma ligação com a baroneza de Cernan devia pois parecer-lhe tanto mais congruente, quanta era a indifferença que Cecilia parecia mostrar-lhe.

Ao chegar a Versailles, o conde de Vaudrey se apresentou em casa do senhor marechal de Castries, e lhe expoz o pedido do barão de Cernan.

— Bem que sua magestade veja com pena a obstinação de uma parte da sua nobreza por essa causa, lhe diz

o ministro, antes quero o vosso barão na America do que aqui; por isso, meu caro conde, levai-o comvosco... Mas, é verdade, *madama* de Cernan janta cá; ficai pois, e conversareis com ella a respeito da pretenção de seu marido.

Henrique acceitou: era justamente o que elle queria. Não tardou que a baroneza chegasse; nunca ella parecêra mais bonita; trazia um vestido de seda da China bordado a fio de prata, empoada, penteada com longos canudos que lhe brincavam sobre o pescoço lindo, cuja alvura ainda mais realçava debaixo de comprido cordão de diamantes dentro de largos esmaltes pretos, de fórma que era impossivel encontrar um mixto mais engraçado e appetecivel.

Henrique foi comprimenta-la com delicada mas fria polidez, e lhe annunciou o assentimento do marechal ao que o barão pedia, sem accrescentar nem uma só palavra de galanteio.

Cecilia, já muito irritada contra Henrique, sem saber porque, ficou ultrajada por esta derradeira prova de indifferença e quasi de desdem da parte do conde; mas a sua cholera chegou ao seu auge quando á mesa se viu collocada ao lado delle; por isso, fazendo a si mesma a promessa de não responder a qualquer coisa que Henrique lhe dissesse, travou conversa mui viva com o seu visinho da esquerda, velho conselheiro do parlamento.

Henrique praticava mui alegremente com a sua visinha da direita, a bella marqueza de Vaillé.

Quanto ao conselheiro, embalde prestava elle a attenção mais viva ás menores palavras de Cecilia, apenas comprehendia uma ou outra coisa, tão extravagantes e incoherentes eram os pensamentos de *madama* de Cernan. Não acontecia outro tanto á marqueza de Vaillé, que apreciava perfeitamente Henrique, que nunca se havia mostrado tão vivo e brilhante.

O que talvez explicava os vãos esforços do pobre conselheiro para seguir a singular conversação de Cecilia, é que ella escutava Henrique, e respondia ao béca.

Quasi em frente de Henrique e do outro lado da meza, estava um official inglez da mais bella figura, e modo grave, mas que parecia absorto em tristeza profunda; distrahido e taciturno, quasi que parecia que elle nem sequer se lembrava de que assistia a um jantar apparatoso.

— Sabeis quem é aquelle official? perguntou Cecilia ao conselheiro.

Era a unica pergunta clara e lucida que lhe ella até então havia feito.

— Sim, *madama*, é *sir* Jorge Gordon, tenente da marinha ingleza, e prisioneiro de guerra; acaba de ser pactuada a sua troca, está livre, e póde regressar á Inglaterra quando lhe aprouver.

— E' coisa admiravel; para um prisioneiro que se vê livre, tem ar muito triste...

— Muito triste, diz o conselheiro, dir-se-hia que algum desgosto profundo o preoccupa; que será?...

— Como não o adivinhaes!... com o

habito que tendes dos homens, senhor conselheiro?

— Não, *madama*; seria necessario ser adivinho, magico...

— Divino!.... oh! quanto daria eu por sêr adivinho, por ser fada, tornou Cecilia, para poder lêr no fundo dos corações... e Cecilia olhava machinalmente para Henrique. Depois, moderando-se, acrescentou:

— Para conhecer por exemplo, o segredo do desgosto que contrista esse pobre inglez. Sim, em verdade tenho tanta curiosidade em saber similhante segredo; que nem sei o que por isso daria.

— Quanto a isso, *madama*, sem que tenhais precisão de ser fada, é-vos mui facil saber o que ha escrito no coração de todos que vos vêem, porque por ventura pode nelles lêr-se outra coisa senão «eu vos amo?» replicou o conselheiro com um galanteio com o seu tanto ou quanto á Luiz XV.

Nem uma palavra desta conversa escapou a Henrique, que, pela sua parte tambem estava admirado do ar triste e distrahido de *sir* Jorge. Só mente, havia sorrido quando ouviu Cecilia exclamar que tudo no mundo daria para conhecer o segredo desse melancolico prisioneiro, e que havia feito facilmente com que a marqueza de Vaillé exprimisse o mesmo desejo.

Então, elevando a voz, o conde diz negligentemente, dirigindo-se a *madama* de Vaillé e a Cecilia:

— Se eu ainda fosse joven, minhas senhoras, talvez que jurasse pela minha alma que havia de possuir esse segredo que vos interessa. Sim, sem duvida, ao ouvir uma senhora formar esse desejo, obstaculo algum me custaria para o satisfazer; por destreza, pela força ou confiança, obteria esse segredo, e, ufano pela minha victoria, tel-o-hia depositado aos pés da minha divindade; mas, na minha idade, acrescentou elle olhando principalmente para Cecilia, felizmente já se não é romanesco a esse ponto, e deixam-se essas coisas para os mancebos que ainda têem que fazer as suas provas.

— Que loucura! diz a marqueza; o facto é que eu ficaria, penso eu, furiosamente lisonjeada por uma tal prova de dedicação a um dos meus caprichos, e que em cambio do segredo, eu lhe confiaria talvez outro mais agradavel.

Cecilia córou muito, não disse palavra, e voltando-se para o conselheiro, hia sem duvida para o obrigar a ter que procurar o sentido de uma dessas phrases sem nexo que podiam passar por logogriphos, quando entrou um secretario do marechal, a quem entregou os officios que um correio acabava trazer.

O senhor de Castries pediu ás senhoras permissão para lêr os papeis, e, não podendo conter uma exclamação de surpresa, passou logo a lêr o seu conteúdo em voz alta. Era a noticia do admiravel combate da Iphigenia, sustentado pelo conde de Kersaint, que, cahindo de noite no meio da esquadra do almirante Rodney, lhe deu

caça por bastante tempo, ainda que seguido por tres fragatas, para poder combatel-os e desamparal-os successivamente.

Apenas o senhor de Castries havia terminado esta leitura, reflectindo quanto similhante nova devia ser desagradavel para *sir* Jorge:

— Peço-vos perdão, capitão, lhe diz o marechal; mas, bem vêdes que estamos tão ufanos por uma vantagem obtida sobre a vossa nação, que esta noticia faz perder a cabeça a um velho soldado como eu, e me impede de annunciar este acontecimento com as attenções devidas á vossa posição. Eis-aqui a minha desculpa, *sir* Jorge, acceitael-a? acrescentou o ministro com o modo mais affectuoso.

Sir Jorge balbuciou, córou e olhou para o marechal com ar espantado.

Elle nem sabe de que se está fallando, pensou Henrique; e como está pallido, taciturno; ... como se lhe enruga a têsta a cada momento!... Aqui estou eu como estas senhoras.., estou com appetite de saber o que elle tem...

— Peço-vos licença para ir communicar estas noticias a Sua Magestade, diz o Ministro levantando-se da meza.

Voltáram para o salão.

Henrique offereceu a mão á marqueza, e Cecilia acceitou a mão do Conselheiro.

A baroneza estava suffocada de despeito. Durante todo o jantar, Henrique não lhe havia dirigido a palavra.

— Conheces aquelle official inglez? perguntou o conde ao duque de Saint-Ouen, um dos convivas da torre de Koat-Ven, e Henrique lhe indigitou *sir* Jorge.

— Muito, respondeu Saint-Ouen; tenho-o encontrado em casa de Seulis, que elle frequentava; é um bello jogador, palavra de honra; é *sir* Jorge Gordon.

— Diabo!.... eu tenho ouvido fallar muito a respeito d'elle; foi la Jaille que tomou o seu brigue... Olha, que te digo que sir Jorge é um intrepido marinheiro, que se bate como um leão... Aprezenta-me... teria desejos de o conhecer.

— Nada ha mais facil, diz Saint-Ouen. E se aproximaram de sir Jorge, que olhava machinalmente atravez de uma janella.

— Tudo vai bem, disse Henrique comsigo; *madama* de Cernan está zangada. Saiba eu o segredo de *sir* Jorge, e ella será minha.

Com este pensamento se aproximou de sir Jorge.

XV.

DIVERSAS MANEIRAS DE SABER UM SEGREDO.

A Marqueza. C'est un poste dangereux, marquis.

O Marquez. Nous avons du courage.

Gœthe. — *O Grande Cophta*, act' 2,ª sc, 4,

— *Sir* Jorge, diz Saint-Ouen, permitti-me que vos apresente, antes da vossa partida, um dos meus amigos

intimos, o senhor conde de Vaudrey, segundo tenente da armada de Sua Magestade, que dezeja vivamente conhecer-vos.

Depois cumprimentando *sir* Jorge, deixou-o com o conde.

O inglez, depois de se ter inclinado diante de Henrique, poz-se a olhar para elle com ar secco e glacial, sem dizer palavra.

— Com a breca, *sir* Jorge, diz Henrique com o desembaraço que lhe era familiar, fiquei bastantemente desgostoso pela indiscripção do marechal; mas, c'os diabos, vós podeis perdoar-nos este successo, porque nos custastes bem caro, sir Jorge! pois que meu amigo, o marquez *de la* Jaille, recebeu dois bons golpes na cabeça, para conseguir o glorioso prazer deguarnecer o brigue de vossa senhoria, o Triumpho? penso eu...

— *O Triumpko*, senhor conde, respondeu o impassivel Inglez.

— O vosso sangue-frio não me ha-de impedir de sustentar que sois o heroe de um dos mais bellos feitos d'armas d'esta guerra, *sir* Jorge.

— Quando mesmo assim fosse, senhor Conde tenho tido tempo para o esquecer durante o meu captiveiro.

— Mas agora estais livre, *sir* Jorge... livre... e comtudo estais triste e pensativo... porque diabo é isso?

— Senhor conde! diz *sir* Jorge com altiveza.

— Perdoai-me, *sir* Jorge; mas eu falo-vos claro como se deve fallar entre marinheiros e mancebos... Francamente, mui satisfeito ficaria de que me permittisseis contar-me entre os vossos amigos, porque, viva Deus, capitão, sinto que teria um prazer infinito em me encontrar comvosco borda a borda... com forças eguaes, bom vento, e a fallarmos com franqueza, com bons tiros de peça.

— Fazeis-me muita honra, senhor conde, diz *sir* Jorge gravemente...

— Ah! meu Deus! não me chameis senhor conde; chamai-me presumpçoso, louco, estouvado, se quizerdes; mas não sejais tão glacial, sir Jorge... Vejamos, que mal vos tenho eu feito? sois prisioneiro e estrangeiro; como vos vejo triste no momento em que devieis estar alegre; como sois da minha edade, da minha profissão, de patente igual a minha, peço-vos que me empregueis no vosso serviço logo a a primeira vez que vos vejo; isso vai de encontro, convenho, aos usos admittidos, mas offereço-vos a minha amisade como sincero e leal cavalheiro; acceitai-a, porque, em verdade, sir Jorge, não podeis querer-me mal por isso, sir Jorge! e Henrique lhe estendeu cordialmente a mão.

Sir Jorge, apertou-lha, e disse-lhe, sempre com sangue frio, mas com ligeira emoção: — Sou o mais sensivel que se pode ser aos testimunhos de interesse que me dais, senhor conde, e agradeço-vos infinitamente a vossa bondade. O que sómente me me penalisa, é não me achar no caso de recorrer a ella. E, saudando a Henrique profundamente, saiu do salão.

— Ora esta! está doido... diz o conde. Decididamente tem alguma coisa

de sinistro na phisionomia, e agora interessa-me ao menos tanto como interessa a *madama* de Cernan. E' mister que eu o siga... com os diabos, hei-de saber o que elle tem...

E, correndo em seguimento de sir Jorge, Henrique o encontrou no fundo da escada da galeria dos principes no momento em que elle chamava os seus criados.

Sir Jorge, diz Henrique, agarrando-lhe no braço, não me haveis de escapar assim, haveis de escutar-me...

E' absolutamente preciso que eu falle comvosco, tenho que vos dizer...

— Que tendes a dizer-me, senhor conde redarguiu o inglez com o seu diabolico sangue frio.

— Com os diabos, tenho que vos dizer.

— Estou ás vossas ordens, senhor.

E Henrique, vendo os seus primeiros passos baldados, já não sabia que meio havia de empregar para arrancar o segredo que ardia em desejos de saber, quando uma idéa luminosa veio ao espirito do discipulo de Suffren.

— Tenho que vos dizer, accrescentou Henrique vivamente, tenho que vos dizer, senhor, que desejo ter explicações sobre o combate do vosso brigue; mas saimos d'esta galeria e entremos n'este jardim.

Sairam, e se acharam sós sobre a esplanada que fica em frente da nova faxada do palacio.

O inglez nada compreendia de similhante coisa.

— Sim, senhor, tornou Henrique encantado da sua idéa; o meu amigo o marquez *de la* Jaille disse-me que havieis mandado atirar sobre elle no momento em que elle sem desconfiança ía ao vosso bordo, vendo a vossa bandeira arreada, e que só fora essa infame traição que vos dera a vantagem que tivestes.

As faces de sir Jorge coloriram-se, o olhar tornou-se-lhe scintillante, todavia respondeu com socego: — O senhor marquez *de la* Jaille mentiu, senhor conde!

— Mentiu!... exclamou Henrique Mentiu!... Sabeis, senhor, que essa injuria me é quasi pessoal, visto a amisade que me estreita ao senhor *de la* Jaille?

— Tomai-a como a intenderdes, senhor: e de mais já ha muito tempo que as vossas perguntas se me vão tornando insuportaveis.

— Senhor! diz Henrique, segui-me... Deve fazer um luar claro na avenida de Saint-Cloud; iremos a casa do principe de Monbarrey, que dá hoje companhia, para arranjarmos padrinhos.

— Estou ás vossas ordens, senhor conde, diz Jorge inclinando-se.

E accompanhou Henrique a casa do principe de Monbarrey.

— Bem infeliz serei eu agora se lhe não arrancar esse segredo do diabo, pensava Henrique, porque em verdade este inglez interessa-me ao ultimo ponto, e eu nunca experimentei por sympathia amisade mais viva.

Ao chegarem a casa do principe, sir Jorge encontrou *lord* Fellow...Em duas palavras lhe contou de que se tractava, e dois minutos depois duas carroa-

gens rodavam pela estrada de Pariz.

N'uma, *lord* Fellow e sir Jorge.

Na outra, Henrique e Rullecourt.

Pararam ao pé de Chenil-Neuf.

— Quando quizerdes, senhor... diz sir Jorge collocando-se em frente de Henriques. E, a um signal dos padrinhos, os ferros se cruzaram.

Henrique, de uma força superior em esgrima, poupava visivelmente a vida de sir Jorge, porque o seu unico fim era feril-o levemente. Mas, no momento em que, depois de haver evitado o ataque do seu adversario, elle ficava em guarda, este aproveitou a occasião para lhe atirar tão pezado botte que fez cair Henrique.

— Basta, basta, senhores, disseram os padrinhos.

— Ah! sim, basta! diz sir Jorge olhando para Henrique que, com joelho em terra se encostava a espada.

— Ah! senhor! senhor! accrescentou *sir* Jorge, para que me provocastes sem razão? Pela minha honra vos juro que me impellia para vós um sentimento diverso do do odio.

— Por Deus! e a mim tambem, diz Henrique com voz enfraquecida, e foi justamente por isso que...

Desmaiou.

Quatro horas depois estava em Pariz, no seu palacio, entregue aos cuidados dos cirurgiões.

XVI.

O SEGREDO.

> Si j'ai montré quelque grossièreté, c'est á mon rôle que je l'ai empruntée.
>
> Shakspeare. — *A duodecima noite*, acto 1.° sc. 5.

No dia seguinte ao do seu duello, o conde de Vaudrey dormitava deitado n'esse grande quarto de damasco encarnado, em que tão alegremente havia recebido o astronomo.

Rumphius estava ahi tambem n'esta occasião, mas encostado sobre o cotovello, estava lendo com attenção um enorme livro in-folio, e mechia com uma colher o que estava dentro de uma tigella que tinha ao lado... Ora, n'esta occupação, o digno homem desinvolvia um movimento automatico que faria pasmar Vaucanson.

A mão que agitava a colher, o braço que agitava a mão... tudo juncto se movia, e effectuava um movimento de rotação no fundo da taça que devia operar maravilhas.

— Ah! bom Deus do céo! que estais ahi fazendo, senhor Rumphius? diz Grosbois, velho criado grave, com uma especie de espanto, puchando o sabio pela manga.

— Hein?... o que é isso?... que me quereis?... até que... acabei. Sómente quero vêr no reverendo padre Horcio, sobre Brahma, o que pensa do tractado do *Gourou*; Tarpa Gamaisa, que tracta a questão de saber « se se

póde ter commercio com a mulher do seu Gourou ou do seu superior...» dizia o astronomo olhando fixamente para Grosbois, e mechendo sempre com a colher na taça com uma tenacidade maravilhosa.

— Mas, senhor Rumphius, disse o criado, é o mesmo que nada estardes ahi a mecher com a colher n'essa taça, por que nada tem dentro; ora olhai, ahi está o charope entornado ao vosso lado. Vede, como a pedra está alagada. Ora esta! e o tapete tambem... Foi culpa minha; é sempre o que acontece quando eu vos encarrego de alguma cousa.

— E' tal qual como elle diz! exclamou Rumphius verificando o facto com um serio incrivel. Entornei tudo... Pois bem! Grosbois, ha no *Veikoula* um symbolo absolutamente igual: «O sumo da palmeira cáe para o lado do tanque,» diz o grande ritual de Brahma; o *Nittia-Carma*, o sumo da palmeira cáe para o lado...

— Mas não se tracta de sumo da palmeira, senhor Rumphius; ha uma hora que o senhor conde deveria ter tomado este remedio... Torno a repetir, é culpa minha, aqui está sempre o que acontece quando vos deixo sósinho.

— Sosinho, Grosbois, sosinho! E' como o verdadeiro Gourou, é preciso que elle esteja só para ser digno de encarar Wishnon... e...

N'este momento Henrique, acordando, interrompeu a digressão do astronomo...

— Aonde estou eu?... Que horas são?... E' dia ou noite?... perguntou Henrique.

— Até que fallou! disse uma voz; e *sir* Jorge se aproximou do ferido.

— Viva Deus! *sir* Jorge, a vossa vista faz-me bem; mas, diabo, tendes a mão bem pezada... Porém, penso que isto não ha de ser nada.

— Não, senhor conde, não ha perigo algum, disse *sir* Jorge: os cirurgiões não tiveram a menor inquietação; só uma costella foi violentamente offendida. Por isso, não tenhaes receio algum... Adeus, senhor, conde... quiz ver-vos antes de partir... Agora, que já não temo pela vossa vida... adeus.

— Então ides para a Inglaterra? perguntou Henrique.

— Para a Inglaterra! respondeu *sir* Jorge com ar sombrio. E proseguiu: Sim, para a Inglaterra.

—Deixai-nos, disse Henrique a Rumphius e ao seu criado grave. Depois, dirigindo se ao capitão:

— Tende a bondade de me escutar *sir* Jorge. Quando vos vi pela primeira vez, a vossa reputação de intrepido marinheiro me era conhecida; é pois a admiração que experimento pela vossa coragem e pelo vosso brilhante combate que attribuo o interesse singular que logo á primeira vista me heis inspirado. Sem que seja grande phisionomista, *sir* Jorge, li no vosso rosto, que algum pezar profundo vos affligia.

Na esperança de grangear uma confiança que talvez me houvesse dado occasião de vos ser util e de alliviar

os vossos soffrimentos, tentei alguns passos que foram repellidos como o deviam ser, porque me não conhecieis bastante para me confiar o vosso segredo. Devia então tentar outro meio, e, calumniando horrivelmente o meu pobre amigo *de la* Jaille, que mais que ninguem admira a vossa lealdade, achei occasião de me bater comvosco, promettendo a mim mesmo não vos ferir, e conservar-me na defensiva. Verdade é que corria o risco de ser morto; mas tenho o costume de reflectir pouco em similhantes inconvenientes. Agora, ides perguntar-me que relação ha entre o duello e o interesse que me inspirais; *sir* Jorge, eu passo a vol-o dizer. Na França, capitão, logo que dois cavalheiros teem lealmente cruzado a espada por uma ninharia, ficam amigos para a vida e para a morte; para a confiança, isso vale uma intimidade de vinte annos.

Agora, accrescentou o conde sorrindo, agora, *sir* Jorge, que ha vinte annos que somos amigos intimos, achais-me digno de ser depositario do vosso segredo? porque certo é que tendes um segredo... e soffreis, porque talvez vos falte um amigo... em quem confieis...

Sir Jorge ficou por um momento assombrado com tamanha generosidade e delicadeza. Apertando a mão de Henrique entre as suas, olhava-o com ar enternecido sem poder fallar.

— Então, *sir* Jorge, redarguiu Henrique, se podeis abrir-me o vosso coração sem ferir a honra ou trahir uma promessa sagrada, fazei-o, em nome da amisade... porque, se eu emprego uma porfia tão singular em me tornar digno da vossa confiança, é porque um secreto presentimento me diz que posso servir-vos para alguma coisa. Vejamos, será uma mulher que vos é preciso abandonar? Nós a arrebataremos... Será um marido incommodativo? Distrahil-o-hemos... Será?...

— Tanta generosidade não será perdida, senhor conde, diz *sir* Jorge, interrompendo Henrique. Como quereis saber um segredo, qne devia morrer comigo, ides sabel-o. Joguei, senhor, joguei sob a minha palavra, e perdi uma somma consideravel: quatro mil luizes. *Lord* Gordon, meu pai, é governador nas Indias; ora, é-me impossivel juntar os fundos que me são necessarios para pagar esta divida sagrada antes da minha partida para Inglaterra, que deve effectuar-se sem mais demora, para não passar por um covarde. Fui a casa do sr. de Castries na esperança de ahi encontrar o nosso embaixador.,. Desgraçadamente elle estava ausente de Versailles. A elle só me podia eu dirigir em similhante apuro: as nossas relações de familia m'o permittiam. Eis-aqui, o meu segredo, senhor. Como é ámanhã que devo pagar e partir, e que o não posso fazer: como ámanhã eu ficaria deshonrado, esta noite darei um tiro n'um ouvido. Agora, senhor, que tudo sabeis, adeus, e obrigado pelo vosso interesse. Morrerei contente por ter a certeza de que tenho mais um amigo que lastime a minha falta.

— Assim me ajude Deus .. exclamou Henrique, como eu estava certo de que a vossa confidencia havia de servir para alguma coisa... senão para vós, ao menos para mim...

Sir Jorge olhou para o conde com espanto.

— Sem duvida... Mas esperai, entre amigos intimos, póde-se fallar dos arranjos domesticos... Escutai-me, pois, meu querido Jorge. Tenho cincoenta mil escudos de renda, e um mordomo honrado, o que quasi me duplica a minha fortuna. Em dois annos apenas passo em terra seis mezes, e com quanto gaste o dinheiro ás mãos cheias, não sei que diabo faço que sempre tenho de reserva alguns milhares de luizes; sem contar, que ainda me resta, para os casos imprevistos, um tio meu, o arcebispo de Surville, que é immensamente rico, e que sempre se me queixa de que o seu logar de tio é uma sinecura. Ora, eis-aqui como podeis obsequiar-me muito, *sir* Jorge; os dinheiros a render estão pouco seguros na França; tenho ha algum tempo desejo de pôr alguns fundos na companhia das Indias de Inglaterra; como o vosso pai é governador dessas possessões, levai a vossa bondade a encarregar-vos de me obter algumas acções. Como esses valores devem ser pagos de prompto, vou passar-vos uma ordem de cem mil libras á vista sobre Bourette, rendeiro geral, ao qual tereis a bondade de enviar de Inglaterra os *coupons* das acções, se tiverdes a extrema delicadeza de vos encarregardes da minha commissão.

Sir Jorge fez um movimento.

— Não me recuseis similhante coisa, diz Henrique com emoção; não posso eu vir a ser ainda algum dia prisioneiro em Inglaterra?... Vamos lá, não sejais egoista, *sir* Jorge. Hesitaes em me prestar este serviço? Pela minha honra vos prometto que não hei de ser ingrato, se alguma vez eu tiver tambem occasião de vos ser util.

Havia tal delicadeza na maneira como este offerecimento foi feito, que *sir* Jorge não pôde dizer que não.

Lançou-se nos braços de Henrique.

E estes dois mancebos cambiaram uma lagrima sublime. Estas bellas almas se comprehenderam e *sir* Jorge acceitou. Porque, com taes corações, não ha bemfeitores nem beneficiados: tanta felicidade ha em receber como em dar.

Sir Jorge partiu no mesmo dia para Inglaterra depois de ter pago a sua divida.

Henrique, ficando só, disse esfregando ás mãos: — Bem sabia eu que havia de arrancar aquelle segredo. Agora, Cecilia é minha.

XVII.

A MULHER SEM NOME.

.... Quod finxere, timent.
Lucano, 1.º, 486.

Oh! abençoado sejas tu, desespero furioso, embriagado, insensato! tu que como Rolando, arrancas os pinheiros altos, quebras e fazes voar os rochedos

em pedaços! tu que dás brados de uma alegria feroz ao ver o teu peito tingir-se de sangue sob as tuas unhas crispadas!... Abençoado sejas tu!... porque, esgotando as tuas forças e os teus espiritos, a ti mesmo te esgotas, e a morte ou o abatimento succede ao teu delirio.

Mas tu, desespero socegado e profundo, tu que te filtras gotta a gotta e lentamente, e sempre... para cair em lagrimas de chumbo sobre o coração, tu que tens para cada uma das suas pulsações uma angustia fria e aguda! oh! maldita sejas!...

Sim! acreditai-me, é bem funesta essa dor incuravel; mas cem vezes mais funesta é a raiva que se experimenta de não poder embrulhar o mundo comsigo na pallida mortalha em que a alma está involta.

Porque acaso se ousará exprimir todos os execraveis pensamentos que germinam e morrem, felizmente, no cerebro de um ente que soffre e está cheio de raiva, no cerebro de uma mulher como Ritta?

Concebeis o que ella devia experimentar á vista de um sol offuscante, do bolicio, desse tumulto folgasão e louco de uma grande cidade, á vista d'essas equipagens esplendidas que corriam para os festins! Meu Deus! que devia sentir a pobre senhora quando á noite... os accordes longiquos de um baile ou de um concerto lhe vinham morrer no ouvido.

Mas sabeis como é horrivel pensar que em quanto se está só, triste e desesperado, em outra parte estão rindo, cantando, fallando d'amor, dos prazeres passados ou que estão para vir?

Em verdade, n'estes negros accessos de misantropia, conceber-se-ia o desejo sanguinolento de Nero applicado ao mundo, se isso não fora cortar o trigo ainda em espiga.

Ritta continuava de habitar o pequeno quarto visinho do palacio de Vaudrey.

N'esta noite estava ella sò, porque Perez tinha ido ao palacio do conde informar-se como elle passava, por isso que Ritta já estava ao facto do resultado de similhante duello.

— Perez póde vir, dizia ella, aguardo-o sem receio... Os meus presentimentos nunca me enganam.... *Elle*, morrer antes que a minha vingança seja completa! Póde isso ser? Não ouço eu essa voz intima que me diz: Elle pertence á tua vingança em corpo e alma? Acaso não ha vontades tão fortes e absolutas, que por assim dizer dispõe dos acontecimentos?... Será loucura... pode ser, porem eu penso assim; sim, penso que elle não pode morrer, porque eu não quero, porque ainda não é tempo de que elle morra... E esta convicção, é o meu poder, a minha força... Esta convicção, sustenta-me, esclarece-me, faz com que eu tenha uma incrivel confiança no futuro... Esta convicção, em fim, me dá o immenso poder de tudo ser quem tem fé na sua missão, como diz...

N'este momento entrou Perez.

— Corpo de Christo! senhora duqueza, está salvo, o seu ferimento é leve.

— Bem o sabia eu, diz Ritta soce-

gada e tranquilla, assim devia ser. Mas, Perez, como a minha vida já não corre perigo algum, trata-se agora de executar os nossos projectos. Tudo está preparado para lhe assegurar o resultado; porque vês tu, pode ser que haja uma justiça lá em cima... mas eu gosto mais de desempenhar o seu papel cá n'este mundo... E' mais seguro... E, pelo meu odio! nunca Deus vingador terá sido mais inexoravel... Escuta-me pois, e não tenhas medo. Se eu houvesse querido vingar-me de uma maneira prompta e incompleta, tel-o-ia matado, mas não quiz; prefiro que aconteça como já disse, que uma fatalidade implacavel o persiga sem descanço, e o involva n'um circulo de nada e de horror; que ninguem ouse transpor para ir estender mão amiga a esse reprobo. Elle ha de viver, Perez... ha de viver, mas sósinho, isolado, banido no meio do mundo. Porque, vendo que o destino fere sem piedade tudo o que ousar a chegar-se a elle, a esse maldito cujo amor e amisade são mortaes... dize, Perez, quem ousaria levar-lhe uma só palavra de esperança ou de consolação?

— E' uma horrivel vingança essa, *madama*?...

— Oh! sim, horrivel... tão horrivel como justa... Mas, dize-me tu, Perez que pensarias se uma voz te dissesse Dentro de tres dias, o teu amigo, a tua amante, e o unico parente que te resta hão de estar mortos? mortos, porque te amaram; mortos porque te são chegados; mortos, porque uma influencia fatal para aquelles que te cercam te segue e hade seguir por toda a parte?... Tu rir-te-hias, Perez, não é assim? dizias: Essa voz é a de um insensato. Mas se tres dias depois que essa voz houvesse fallado, o teu amigo, a tua amante, e o teu parente estivessem mortos, então ririas Perez.

— Que quereis dizer, *madama*?

— Ririas... se a morte inexplicavel e subita de um parente immensamente rico, e de quem serias o unico herdeiro deixasse pairar sobre ti odiosas suspeitas? Rir-te-hias... se insinuações destramente espalhadas dessem cada vez maior força a essas calumnias? se emfim essas apparencias sagazmente combinadas, fossem tão poderosas que te designassem á opinião publica como o assassino, sem que podesse accusar-te em voz alta e dar-te assim o meio de te justificar?

E... se por um acazo inexplicavel o teu amigo, a tua amante, morressem ás mesmas horas, e isto porque te eram affeiçoados... ririas tu, quando um rumor surdo circulando de bocca em bocca, te indigitasse com horror, pensando que tudo que tu amaste ou desejaste está morto... quando tu mesmo, não podendo conseguir comprehender esse segredo infernal, vendo tantas provas reunidas contra ti, tu serias forçado a confessar a ti mesmo que a opinião do mundo, por falsa e atroz que fosse, pareceria comtudo logica, natural e verdadeira... ao ver a reprovação e o horror ligado ao teu nome; ao ver-te, tão moço, tão bello, rico e cheio de gloria, e comtudo tão abandonado, quasi bannido

desse mundo que viste aos teus pés!

Oh!... então, não perderias a cabeça em procurar o inextricavel nó dessa fatalidade que o esmaga? não seria este um supplicio de cada minuto... um supplicio odioso e cruel?

— Oh! sim... bem cruel. Mas isso é um sonho, *madama*?

— Oh! não, não hade ser um sonho. Perez... Isto hade ser uma realidade para elle... mas uma realidade tão horrivel como o são os mais horriveis sonhos que jámais teem torturado um homem no meio do delirio da febre... Escuta... Segundo os esclarecimentos que me deste, o cavalleiro de Lépine, o seu mais affeiçoado amigo, o commensal da torre, vai todos os dias visitar *madama* de Valentinois a Passy, e vai a cavallo só acompanhado por um escudeiro.

— Todos os dias, *madama*.

— Tu podeste conseguir teres uma entrevista com essa rapariga, com essa Lélia, que tambem lá estava.

— Sim, *madama*.

— O tio delle, bispo de Surville, deve levar o sobrinho comsigo para passar alguns dias na sua terra, a fim de completar a cura da sua ferida.

— Sim, *madama*.

— A princeza de Vaudemont dá depois de amanhã um baile nos seus jardins.

— Sim, *madama*.

— Eis aqui o meu projecto: o conde de Saint-Germain poz a magia em moda e nenhuma dessas festas deixa de ter o seu magico para divertir os convidados com as suas predicções. Irás ter com o mordomo da princeza, e lhe dirás que ha um Italiano que se apresenta para desempenhar esse papel, que só pede ser pago no fim, que o preço lhe é indifferente; que unicamente se quer fazer conhecer pela sua estreia em tão brilhante sociedade.

— Sim, *madama*.

— O tal Italiano heide ser eu. O fato me disfarçará. Toda a côrte hade assistir a essa festa. Elle, que é do circulo da princeza, ahi estará tambem.

Não duvido que elle nem se demore um minuto em vir interrogar-me sobre o seu futuro; isso é muito da moda, e elle é muito seu apaixonado. Vamos, vês tu, Perez, dir-lhe-hei: «A tua estrella é fatal para aquelles que amas ou cuja fortuna cobiças; dentro de tres dias, o teu amigo, Lélia, e o bispo de Surville estarão mortos. O teu odio pois matou teu irmão, o teu amor matou a duqueza!»

A estas palavras tu bem sabes quaes hão de ser o seu desprezo, e zombarias... Mas se me és affeiçoado, tres dias depois que eu o houver prognosticado, Perez, assim acontecerá!

— Espero as vossas ordens, *madama*.

— Pois bem! escuta: O cavalheiro de Lépine, tu bem sabes, Perez, o seu amigo, esse leal cavalheiro, que teve tão nobre parte nessa honrosa liga contra uma pobre mulher, esse cavalheiro, digo, quando vai a Passy, a casa de *madama* de Valentinois, passa por diante de caminhos bem

profundos e silenciosos, e vai quasi só.

— E' verdade, *madama*, respondeu Perez com sorriso singular; elle sai quasi sempre só.

Depois, afagando com as mãos a cabeça monstruosa do seu grande galgo pardo e de comprido pello: — E aqui está Etrik, accrescentou elle, que tem agarrado mais de um toiro pelo pescoço.., Ora, acreditareis, *madama*, que a uma palavra, a um signal meu, este valente cão se lançaria ao pescoço de um cavallo, se lhe agarraria aos quartos e aos jarretes... E se o cavallo e o seu cavalleiro nesse momento fossem por uma passagem perigosa, por um caminho escarpado, supponho que sabeis, *madama*, que o perigo seria bem grande, e a morte do cavalleiro certa?

— Sim... sim, sei que Etrik é um valente galgo da Sierra, disse Ritta surdamente. E depois de uma pausa: E a rapariga, Perez, a Lélia?...

— Toma-me por um peruviauo muito rico, *madama*, e tenho gasto tanto dinheiro, e tenho promettido tanto, que consente em me receber amanhã. Ora, bem sabeis, *madama*, que os venenos de José Ortez são certos, não deixam vestigio algum, e só operam na epocha, que se quer, augmentando ou diminuindo a doze.

— Muito bem, diz Ritta vivamente. E quanto ao bispo... Mas parou, passou a mão pelo rosto, depois exclamou tremendo: Quanto ao bispo, oh! sabes que isso é horrivel, Perez! Ao menos a rapariga estava lá tambem na torre; foi para a possuir que elle tão horrivelmente me enganou. O cavalheiro tambem lá estava; emfim são seus cumplices, por isso morte e vingança nelles, nelles todos, cada um na sua hora. Porém elle, esse pobre ancião, que me fez? porque hade elle ser minha victima? Oh! é horrivel, horrivel pensar em tal, Perez!

E Ritta, occultando o rosto entre as mãos, era agitada por terriveis convulsões. Depois erguendo subito a cabeça, chispearam-lhe os olhos, e, caminhando a passos largos pelo quarto:

— Fraco coração que é o meu! exclamou ella, fallo de compaixão, penso eu... De compaixão! tiveram-a comigo, quando, abusando do amor mais puro e dedicado, me cuspiram no rosto, me pizaram aos pés? Compaixão! tive-a eu comigo mesmo, quando me tornei horrivel, quando me fiz morta?.,. E tel-a-ei eu para com um ancião cuja morte lhe pode ser tão fatal... por isso que ella hade fazer notar como morrem depressa e a proposito aquelles de que elle é herdeiro, porque tambem se chegará a perguntar porque rasão o seu irmão mais velho morreu justamente em quanto *elle* esteve na França! Não, não, ainda que viesse o inferno com todas as suas chammas, a minha vingança havia de seguir seu caminho. Desgraçado! desgraçado daquelle que eu nelle encontrar!

Nada de mais escrupulos, Perez. Seguiremos o bispo de Surville á sua terra. Uma vez que elle lá esteja, á

força de oiro, tu ou eu acharemos o meio de nos aproximarmos delle... E então, Perez:...

Neste momento, a porta da rua foi vivamente abalada.

Ouviu-se o som estridente das coronhas das espingardas que caiam em descanço, e uma voz forte bradou : — Da parte d'el-rei, abrí.

XVIII.

O SENHOR COMMISSARIO.

> C'est chose digne de très-grande considération que cette excellente police de Lycurgue, à la vérité monstrueuse par sa perfection.
> Montaigne, livro 1.º, cap. 4.º

O pequeno apozento de Ritta se achava invadido por uns vinte soldados, commandados por um sargento de alabarda. Uns conversavam em voz baixa designando Ritta ; outros apontavam para diversos moveis, que no quarto havia.

Assentado a uma pequena meza estava um homem de figura ignobil, gordo, e vestido com uma toga preta toda suja. Era o commissario.

Em frente delle se conservavam em pé Ritta e Perez.

— Os vossos nomes ? lhes perguntou o homem vestido de preto com aspereza.

— Perez de Sibeyra, respondeu Perez.

— A vossa profissão ?

— Negociante.

— Olá negociante. . . Negociante é muito. Bonito negocio com effeito. Os vossos papeis ?

— Não tenho... perdi-os.

— Lá me queria parecer ; e dirigindo-se a Ritta : E vós, minha linda ?... Vamos lá, arredai as mãos, e não nos occulteis esse bello rosto... Vejamos, o vosso nome ?... Hein... Então fallaes, ou não ? diz o encarregado da policia brutalmente. E, erguendo-se algum tanto, quiz desviar as mãos da duqueza, que continuava a esconder o rosto.

— Miseravel !... por Christo !... não lhe toques, ouves ! exclamou Perez precipitando-se sobre o commissario.

— Agarrai-o e amarrai-lhe os pulsos, diz este friamente.

Perez foi amarrado.

E o commissario dirigindo-se a Ritta:

— E tu, minha bella... Ah ! ainda bem que nos deixas vêr o rosto... Em verdade razão tinhas para o esconder porque nada tem de bonito... Vejamos, como te chamas, em que te empregas?

Ritta estava escarlate ; os olhos chispeavam-lhe mas não dizia palavra.

— Ah ! tu teimas em não fallar, muito bem. Veremos se o regimen de S. Lazaro e as correcções que lá dão ás teimosas terão mais poder do que eu. Logo que estejas no hospital, has de te decidir, minha filha.

— No hospital ! ella... ella... O' meu Deus ! é horrivel ! diz Perez.

E chorou.

— Ora, e porque não hade ir para lá como as outras da sua laia ? querem lá ver que é alguma duqueza ? Vamos, amarrem-a como ao seu cum-

plice; e acautelai as algibeiras, porque é uma velhaca formidavel.

— Tocar-me, não ousarias tu, diz Ritta, avançando para elle com tanta dignidade, com ar tão magestoso que o commissario da policia ficou por um instante interdicto.

Depois, tornando a si: — E' na verdade ella dá ares de princeza, vamos, acabemos com isto. Amarrai-a.

Dous soldados se aproximaram.

Perez prostrou-se de joelhos e disse chorando: — Por piedade, *madama*, deixai-os fazer o que elles quizerem.

Ritta empallideceu extremamente, estendeu as mãos para as cadeias e só disse em voz baixa e surda: — Ah! Henrique! Henrique!...

— Mas, ao menos, de que somos nós accusados? perguntou Perez.

— E's bem curioso! diz o commissario. Mas se és curioso, o senhor intendente da policia não o foi menos do que tu. Porisso, tendo logo que chegastes a Pariz com a tua cumplice despertado suspeitas, fostes seguidos. Descobriram umas idas e vindas, ouro espalhado ás mãos cheias, uma espionagem da vossa parte em relação a pessoas mui recommendaveis... emfim, tudo o que dá idéa dos peiores designios. Porisso sois hoje agarrados, meus pardaes de S. Lazaro. Agora venham as chaves desta secretaria?

— Não as tenho.

— Abri esta secretaria! diz o commissario. E' preciso que eu faça o inventario de que aqui encontrar, porque julgo este honrado par muito capaz de receber algum roubo.

O sargento fez saltar a fechadura da secretaria com a alabarda.

E o commissario abriu a caixinha que continha os immensos valores que Ritta havia realisado, quer em ouro, quer em bilhetes do banco de Inglaterra.

— Ah! até que os apanhei! exclamou elle radioso. E' um roubo manifesto... E donde vos veio esta somma enorme, miseraveis?

— São os meus fundos. Eu sou negociante, diz Perez.

— Sim, sim, os teus fundos. Escrivão, ponde os scellos em todos esses moveis e n'esta caixa, que vou depositar em casa do senhor intendente. Quanto a esses passaros, a gaiola os espera, e talvez a forca, porque o diabo sabe o que elles fiseram para se apropriarem deste dinheiro, se em tudo isto não houver sangue.

— Pela ultima vez, senhor, diz Perez, eu protesto, juro perante Deus que essa somma me pertence legitimamente, e que, se houver crime, ou roubo, esta senhora é innocente. Esse dinheiro é meu, só meu. As pesquisas que despertaram as suspeitas da authoridade, só por mim foram feitas: conservai-me preso, mas dai a liberdade a esta senhora.

— Está lá em baixo algum *fiacre*? perguntou o commissario sem responder a Perez.

— Sim, senhor commissario, disse o sargento.

— Condusi pois estes dous cumplices a logar seguro, em quanto que eu e o meu escrivão, acompanhados por

dous dos vossos soldados, vamos terminar o inventario de tudo isto.

E Ritta foi conduzida ao hospital, e Perez a S. Lazaro.

Bem conheço que isto é cruel, no momento de se vêr a ponto de saciar a sua vingança pela trama mais bem urdida.

Mas, desgraçadamente, os conspiradores, os amantes, os poetas ou artistas de vingança taes como Ritta, quasi sempre se esquecem de tomar as precauções maís simples e vulgares, desvairados como estão nas alturas de suas poderosas combinações.

Ora, é tal a ordem admiravel da policia, que ella iria importunar o solitario sobre o seu rochedo para lhe pedir os seus papeis ou a sua lista das contribuições; porque ha nas civilisações uma epocha em que nem se póde ser misantropo sem authorisação municipal.

XIX.

CAPRICHOS.

Une femme est un oiseau.

Estudo psychologico do tempo do imperio.

Imaginai um gabinete forrado de setim branco com rosas adamascadas, com banbinellas d'egual estofo e guarnecidas com franjas de grossas perolas encaixadas em um delicado bordado de prata; os vidros das janellas, sem lustro e pintados tambem côr de rosa, á maneira das antigas vidraças, deixavam reinar nesta casa, arrebatadora uma luz mysteriosa e terna, uma luz avermelhada como a do crepusculo de uma bella tarde de estio.

Este gabinete estava cheio dessas fertilidades exoticas tão ruinosas, e que tanto então estavam em moda. Eram vasos do Japão, de porcelana verde e doirada, cheios de flores frescas e embalsamadas; moveis de charão, vermelhos e pretos; figuras de louça do Japão, as mais caricatas que se pode imaginar e pintadas de cores vivas.

Tambem se viam sobre um fogão de porphyro, um desses curiosos vasos chinezes de vidro pintado, que custavam até cem luizes o par; e depois emfim objectos de uma utilidade mais real completavam o ornamento deste retiro delicioso. Eram um cravo magnifico de Marchand, uma harpa de Legris, que então passava por uma raridade, e sobre uma pequena meza de velha laca uma caixa de pastel e fino pergaminho bem alvo e direito.

A divindade deste templo (velho estylo) estava mollemente deitada sobre um grande e profundo canapé circular. Era a baroneza de Cernan.

Nunca o seu rosto lindo, mobil e caprichoso, havia revelado uma expressão mais alvorotada e má. Adivinhava-se que todos os nervos d'esta mulher impressionavel estavam estimulados.

Com um simples vestido branco, penteada em firmas e repentirs, estava assim encantadora.

Lia em um livro com capa de marroquim encarnado todo doirado.

Ao cabo de cinco minutos, atirou o livro para longe de si.

O livro era *o Sofá*, do senhor de Crèbillon filho.

Então Cecilia ergueu-se, correu a assentar-se ao cravo e começou de cantar um novo romance do senhor de Laborde, que então causava enthusiasmo : *Lubino e Lubina*, ou *o Pastor tyranno*.

Depois de alguns accordes, Cecilia fechou o cravo com cholera, porque não podia cantar. Tremia-lhe a voz ; os dedos erravam incertos por sobre as teclas. Por isso rasgou o caderno de romances, pizou-o aos pés, andou por cima delle, bateu com seus pulsos delicados sobre o cravo e correu a esconder a cabeça debaixo das almofadas do sofá dizendo :

— Meu Deus, como sou desgraçada !

Cinco minutos depois, Cecilia dava grandes gargalhadas e tinha sobre os joelhos a sua cadella Zerbina, uma dessas imperceptiveis hespanholas de comprido pello prateado, lizo e perfumado.

Com auxilio de uma fita côr de rosa, *madama* de Cernan toucava Zerbina ; e, posto que ella fosse ordinariamente de um character bem rabugento e desagradavel, consentia facilmente no que lhe estavam fazendo, quando de repente Cecilia se zanga, dá com as costas da sua linda mão no focinho da Zerbina, atira-a para longe de si, e vai assentar-se defronte da meza em que estava a caixa do pastel.

Aqui foi por outro gosto. Não sei que feições reproduziu o lapis de Cecilia ; mas depois de alguns ensaios sem duvida infructuosos, o cartão voou pelos ares, acompanhado da caixa do pastel, que foi caír em viravoltas sobre um dos bellos vasos de vidro chinez, cujos pedaços rolaram por sobre um magnifico tapete da Turquia.

Á vista dos fragmentos deste vaso precioso, a cholera de Cecilia chegou ao seu auge, e entrou nessa especie de embriaguez furiosa assaz commum as mulheres bonitas phantasiosas, ou ás creanças mal creadas que, desesperadas por haverem quebrado um objecto, quebrarão dez, vinte, quebrarão em quanto tiverem que, e só por cançaço se suspenderão, como o sol dado embriagado de carnagem que só pára quando já não póde mover o braço.

Cecilia entregou-se pois ao cumprimento bem pouco logico deste pensamento : que é mister quebrar porque se começou a quebrar. Ora, depois de haver feito tudo em pedaços, porque era o melhor que em seguida poderia fazer, desmaiou.

Felizmente que as criadas haviam corrido ao ouvirem aquelle motim infernal ; desapertaram a sua ama, e inundaram-a de agua da Rainha de Hungria, para logo Cecilia recuperou os sentidos e se foi pouco a pouco tranquillisando.

Uma das criadas ficou ao pé da baroneza, e saiu depois de lhe haver

mysteriosamente entregado uma carta, que Cecilia arremeçou ao fogo, á simples vista da sua fórma e sinete, depois de repente quiz tornar a havel-a á mão, e tirou-a do fogão com risco de queimar os dedos.

Esta carta, ao principio tão desdenhada, era todavia uma carta de amores; mas esse amor, bem que ardente, era tão puro, tao desinteressado, tão extatico, que não só uma mãi não o teria desconfiado, mas tambem que extremamente deveria lisongear um marido rasoavel.

Este amante tão platonico e raro, era, apesar disso, tenente coronel de infanteria de Bourgogue, que então estava de guarnição em Nevers; queixava-se a Cecilia do silencio que ella ha alguns dias guardava, e suspirava depois por uma carta que era toda a sua esperança, e seria toda a consolação.

Cecilia amarrotou o bilhete, e atirou-o de novo para o fogão.

— Quanto eu todavia sou infeliz! diz ella, eis-aqui o senhor de Saint-Cyr que me ama verdadeiramente; é um dos homens mais amaveis que conheço; nunca lhe concedi... nem elle me pediu coisa alguma... é de uma submissão, de um amor... sem igual; pois bem! não, isto não é assim, é mister que a meu pesar eu tracte de...

Neste momento entrou um criado grave...

— O correio do senhor conde de Vaudrey acaba de trazer esta carta para a senhora baroneza, diz elle passando-a ás mãos de Cecilia.

— Saí, diz ella pegando avidamente na carta; leu-a; era de Henrique.

« Quando jantámos em casa do marechal de Castries, dissestes: « Quanto « eu desejaria conhecer o que dá cau- « sa ao ar sombrio daquelle inglez, e « como eu ficaria contente se soubesse « o seu segredo! » Estas palavras, sem importancia para vós, mas preciosas para mim, poisque exprimiam um desejo vosso, conservei-as na memoria; o segredo conquistei-o, estou ao facto delle; quando vol-o poderei transmittir?... »

— Ahi está a causa do seu duello com o tal inglez, exclamou a baroneza; e foi por minha causa... por mim... que me julgava desdenhada... oh! eu ficarei louca!...

Depois, correndo á mesa, escreveu á pressa esta unica palavra: « Já... » tocou a campainha, e disse ao seu lacaio: Para o senhor conde de Vaudrey.

Apenas o criado se affastou, Cecilia tremeu pelo indecoro da resposta que acabava de dar a Henrique. Esta mulher tão facil em se impressionar, e tão viva, se havia deixado levar de um primeiro movimento de prazer, de surpreza e de felicidade. Quando recuperou o seu sangue-frio, viu todo o perigo que havia na sua conducta.

Chorou de raiva, e, segundo o uso, concentrou toda a sua colera sobre aquelle que a compellira a assim praticar.

Porque, por uma contradicção singular talvez, se amava Henrique como amante, aborrecia-o como homem.

E, a este respeito, enganar-nos-iamos, segundo me parece, crendo que as mulheres amam um homem precisamente por causa das perfidias que terão feito ás outras mulheres. Tem como se costuma dizer, muito espirito de corpo para isso.

Ha, penso eu, na sua conducta, menos amor do que curiosidade, orgulho feminino irritado, vaga esperança de vingança, ou de confiança na sua superioridade, que as porá acima da sorte commum, dando direitos ao perfido, sabem ou julgam acquirir sobre elle uma influencia completa, de que contam usar para vingarem a causa commum; o que é uma bem admiravel dedicação. Desgraçadamente se o perfido é amavel, e isto se tem visto, o egoismo entra de mistura, e a mulher, olvidando a vingança commum pela felicidade privada, se deixa emballar nessa dôce illusão: que não ha de ser enganada como as outras, porque ella vale mais do que as outras, e um dia lhe chega a occasião de despertar como mulher que tem de se vingar.

Cecilia achava-se pois n'um estado cruel d'angustia; ora a si fazia promessa de receber Henrique com despreso e desdem, e de o metter a ridiculo pela sua presumpção; ora se queria mostrar boa e terna, e agradecer-lhe ao menos essa originalidade cavalheiresca que o havia levado a expor os seus dias por causa de uma palavra por ella dita ao acaso, mas recusar-lhe tudo, até a esperança.

No meio destas contradicções foi annunciado o conde de Vaudrey.

XX.

A ENTREVISTA.

..... L'imprévu.....

MONTAIGNE.

— Foi então o segredo de *sir* Jorge, dizia Cecilia a Henrique que estava assentado a seu lado, o segredo que não arreceiastes arrancar-lhe com perigo da vossa vida.... e isso para satisfazer um vão capricho.... e isso por minha causa....

— Sim, só por vosso respeito.... só por vossa causa, Cecilia.... Oh! perdão, mas consenti que diga Cecilia.... esta palavra *madama* é tão fria.... redarguiu Henrique com voz doce e submissa, ao ver o espanto da baroneza.... que lhe disse com modo secco.

— Esqueceis-vos, senhor conde.

— Oh! não, não é esquecimento, é um habito, e de que eu vol-o juro, me ha de ser impossivel de me desfazer.... primeiro porque é mui doce, e depois porque dura ha muito tempo....

— Como?

— Sem duvida .... dura desde que vos vi, desde que penso em vós. Porque, a cada instante, quando a vossa recordação vem encantar-me.... quando, sósinho com os meus pensamentos, vos fallo, vos imploro, julgais que vos chame *madama*? Não, digo: Cecilia; digo: Cecilia, amais-me .... Cecilia, acreditai n'um amor profundo e verdadeiro; sobre tudo, Cecilia, não o julgueis pelas fracas provas que vos

tenho dado.... Sem esperar um olhar vosso, joguei a minha vida por vós, mas que é isso?.... Ao vosso amor quereria sacrificar mais que a minha vida, sacrificar os meus gostos, as minhas inclinações, o meu porvir.... mas ai de mim! amo-te tanto ..... tanto, que obedecer aos teus menores caprichos seria para mim uma felicidade.... amo-te tanto, Cecilia.... que te desafio a exigir qualquer coisa, que seja para mim um sacrificio.

— Senhor conde.... diz Cecilia severamente, retirando a mão, de que Henrique se havia apoderado.

— Sim, é isto o que a mim mesmo digo na vossa ausencia, Cecilia.... Porque me havieis de impedir que o pensasse alto deante de vós? Oh! se soubesseis como a vossa frieza me faz mal .... quanto o vosso modo desdenhoso me impressionou, quando bastante feliz porque vos havieis dignado pedir-me um insignificante serviço me haveis recebido com uma polidez tão glacial.... E' então, Cecilia, que eu amaldiçoo successos que tantos invejosos me teem creado, essa reputação cujo fatal lustre lançava quiçá a desconfiança em voss'alma.... Talvez, dizia eu comigo, que ella só veja um amor vulgar na paixão ardente que me arrebata .... entretanto que é o primeiro amor, o unico e verdadeiro amor que tenho experimentado....Sim, Cecilia, acreditai....

Uma grande gargalhada da baroneza interrompeu o periodo amoroso do conde, que se havia assentado aos joelhos de Cecilia, sobre um pequeno tamborete.

A pezar das gargalhadas immoderadas que continuavam, o rosto de Henrique exprimiu mais admiração do que despeito; alevantou-se, e deitando-se para sobre o sofá sacudindo negligentemente os bofes da sua camisa: eis ahi, senhora baroneza, uma gargalhada que muito desconcertaria um pobre apaixonado; mas, palavra d'honra, sois difficil, porque nunca na minha vida fallei melhor de primeiro amor, a não ser uma vez á mulher de um quaker, na America.... e de outra vez á filha de um burgomestre. Mas dizei-me, eu vol-o peço, a causa d'essa hilaridade.

Cecilia desatou a rir mais ainda, e disse:

— Como! não achais o mais divertido possivel, senhor conde, que vós, o homem de reputação fatal, vós, o modelo invejado dos devassos da corte, tinhais ido loucamente jogar a vossa vida por causa de uma palavra de uma mulher que não pensava em vós, não pensa, nem jámais pensará?

— Juro-vos, *madama*, diz Henrique com o maior sangue frio do mundo, que se a nossa posição deve ser divertida para alguem, é para mim.

— Com effeito, representais perfeitamente a impassibilidade, diz a baroneza; que começava de irritar-se com o socego de Henrique.

— Não é tanto assim, e ides ver porque. Ora, raciocinemos um pouco. Em primeiro logar, expuz a minha vida, dizeis vós; quanto a isso, minha

reputação, julgo eu, está feita bastante para que eu tenha o direito de exigir que se não admirem por similhante coisa; por isso, não fallemos mais em tal; depois esperar fazer-vos acceitar os meus galanteios; vós recusail-os, é muito simples; disso me rio eu; o que tambem é muito simples; porque, segundo a minha opinião, um só homem no mundo podia, a não ser um tolo, ficar despeitado porque uma mulher não quizesse, ou não quizesse mais.

— E quem era então, senhor? perguntou a baroneza com impaciencia.

— Era Adão, quando elle estava só no paraiso com a nossa mãi commum. Chego pois ao que nesta scena acho mais divertido.

Eil-o aqui: ouvindo-vos outro dia, em casa do senhor de Castries, exprimir o desejo de conhecer o segredo d'aquelle inglez, fiz o que pude para que a minha bella visinha, a marqueza de Vaillé, que não pensava em similhante coisa, exprimisse o mesmo desejo, de sorte que ha poucos dias ella recebeu, como vós, o bilhete obrigado: « Quando jantamos em casa do marechal de Castries, dissestes... etc..., etc, » Menos ingrata do que vós, *madama*, ella me prometteu uma doce recompensa. Já eu tinha direito ao reconhecimento do homem civil a quem havia feito um obsequio. Bem vêdes que uma acção para mim indifferente me valeu a amisade de um esforçado gentilhomem, a esperança dos favores de uma marqueza tanto para desejar, e o odio de uma mulher bonita; porque bem vejo que o meu sangue frio vos desconcerta e irrita; confessai pois que não tenho logar de me queixar, pois que, por uma pobre cutilada curada, excito ao mesmo tempo amisade, amor e odio, porque tenho bastante fatuidade ou consciencia para crêr que me fareis a honra de me aborrecer, senhora baroneza.

Cecilia estava atterada; ella esperava despeito, cholera, e só achava no conde um fleugma impertubavel um zombetear frio e socegado. As impressões se succediam tão vivas nesta cabecinha vasia, coprichosa, que, bem que amasse Henrique, como se sabe, tinha querido atormental-o, agrilhoal-o; talvez que tambem contasse sobre o imperio que elle devia experimentar para lhe perdoar ou desesperal-o á sua vontade. Desgraçadamente, nada disto aconteceu; o imprevisto matava todas estas combinações; e como Henrique se approximasse para lhe beijar a mão e sair.

— Ficai, senhor, lhe diz ella, ficai... E' mister absolutamente que vos eu falle... Ficai, assim o quero.

E a voz de Cecilia era sacudida e traia a sua commoção.

— Que felicidade seria a minha se recebesse ind'agora similhante ordem! diz Henrique; mas agora...

— Pois bem! agora?

— Oh! ao presente sei que tudo é um mao gracejo da vossa parte; quereis ainda illudir-me, conduzir-me aos vossos joelhos, e depois escarnecer-me como aindagora; mas a lição é boa, e heide aproveital-a.

— Sou bem desgraçada, diz Cecilia banhada em pranto.

— Sabeis, *madama*, que qualquer touro se illudiria com essas lagrymas? Henrique ainda com o seu impertubavel sangue frio.

— Mas quando vos eu digo que sou desgraçada, que choro porque tenho porque chorar, exclamou Cecilia; sim, tenho de que chorar, porque me aborreço e despreso tanto, como vos aborreço e despreso. Despreso-me por me vêr tão fraca, eu que tão forte me julgava, tão fraca na vossa presença... fraca por vos deixar ver as minhas lagrimas, fraca por vos deixar adivinhar o que as causa... Meu Deus como isto é horrivel!

— Bravo, senhora baroneza! bravo!... *mademaiselle* Raucourt não o dizia melhor!... E pensar que estou aqui só para gosar de tão bella scena, para appreciar um talento que se revela de repente, tão profundo!... e brilhante!... diz Henrique continuando o seu frio escarnecer.

— Isto é para enlouquecer! exclamou Cecilia exasperada. Diz que conhece as mulheres, e não distingue as lagrimas verdadeiras das falsas; não viu que aquelle riso occultava um pesar; não viu que era mister soffrer bastante para rir assim! Então as mulheres que tendes conhecido, senhor, eram bem habeis comediantes? ou sois de uma desconfiança tão atroz e estupida que lagrimas como estas minhas vos não digam nada, e poz a mão de Henrique sobre a sua face ardente banhada de lagrimas, nada vos dizem... nada vos provam... saí, senhor, saí, porque me fazeis horror e compaixão.

— Esse saí é perfeito! diz Henrique, e a idea de pegar na mão para fazer apalpar as lagrimas fazia no theatro um effeito prodigioso; desgraçadamente representais só para mim, *madama*, e eu já estou ao facto da peça.

Facil é de adivinhar o effeito desta resposta sobre uma mulher tão violenta, tão impaciente de contradicção como Cecilia o era. Não respondeu palavra, empallideceu horrivelmente, enchugou os olhos, e, pegando na mão de Henrique, tremendo como uma vara verde, disse-lhe em voz baixa e entrecortada: senhor de Vaudrey, vou fazer-vos, sem corar, uma confissão que me devia fazer morrer de vergonha. Desde o dia em que vos vi, fizestes em mim uma viva impressão: a vossa friesa mais ainda a augmentou. O bilhete que me enviastes me tornou louca de felicidade. Querer dizer-vos que vos esperava com praser e pesar, porque tenho rido e chorado, seria explicar-vos o que nem eu mesmo entendo; dizer-vos emfim que, apesar de tudo... vos amo ainda... sim, que vos amo; fazer-vos esta confissão, aviltar-me, humilhar-me a este ponto, será bastante? Senhor de Vaudrey... será bastante expiar um momento de loucura, de vertigem?.. Agora, acreditais-me?.. Oh! dizei-o... não me acreditais, senhor de Vaudrey?... Oh! dizei-o... em nome do céo! para que havia de eu mentir?

— Póde ser que para ganhar uma dessas apostas que se fazem comsigo

mesmo, respondeu Henrique ; póde ser que pensando n'um amante feliz que eu não conheça, dissesseis lá comvosco : se o senhor de Vaudrey vier deitar-se-me aos pés, o meu amante me será fiel, ou então que poderei ser-lhe infiel sem que elle o desconfie, ou outra cousa ainda... e, como João Jacques, procurais firmar bem a vossa arvore ; é tão natural !

— O' meu Deus ! diz a baroneza com um accento de dor, que commoveu Henrique, porque em verdade tinha bom fundo d'alma. Por isso accrescentou :

— Comtudo, Cecilia, haveria um meio de me convencer do vosso amor : sêde minha... hoje.

Neste momento o criado grave annunciou o senhor barão.

XXI.

O EXPEDIENTE.

Hermia. Je te proteste que jé t'aime plus qu'elle ne peut t'aimer.
Lysandro. Si tu parles ainsi, viens à l'écart e prouve-le-moi.

Shakspeare. — *O sonho de verão,* acto III ; scena 2,ª

— Tendes passado incommodada, segundo me disseram as vossas criadas, diz o senhor de Cernan beijando a mão de Cecilia; mas vejo com prazer que ides melhor : estais todavia um pouco pallida. Depois, saudando Henrique : Estou encantado por vos ter encontrado, senhor conde, porque venho de Versailles, e o senhor de Castries me pediu que vos mandasse estes officios. São de muita urgencia, segundo me elle disse. Podeis lêl-os... que *madama* de Cernan vos dá licença.

— E' ordem para me dirigir ao meu posto sem demora, diz Henrique, de partir dentro em quarenta e oito horas, se poder, e de ir a Brest aguardar novas ordens. Esta partida é bem repentina, accrescentou elle, cambiando um olhar com a baroneza.

— Diabo ! diz o barão ; e eu, como me hei-de apromptar dentro de quarenta e oito horas ?

— Oh ! não supponho que nos façamos de véla logo que eu chegue. Nesta nota que aqui está, o senhor de Castries não me ordena que vá para Brest tão promptamente senão a fim de que eu pessoalmente dirija a armação da minha fragata. E' um ensaio que se quer tentar, um novo systhema de artilheria que se pretende organisar.

— Oh ! então terei todo o tempo necessario para me preparar, diz o barão, e não me farei esperar ; porém deixo-vos, *madama*, diz elle a sua mulher, porque são horas de ir para o club de Condorcet.

O barão sahiu.

— D'aqui a dois dias... partís, diz Cecilia.

— Parto, diz Henrique com alegria, e levo commigo o vosso marido ; confessai ao menos que por isso me deveis uma indemnisação... E' muita generosidade da minha parte, porque faço talvez assim a felicidade de um amante amado.

Ao dizer estas palavras, Henrique,

que estava olhando machinalmente para o fogão, descobriu a carta do coronel platonico: abaixar-se, pegar-lhe, lêl-a, foi obra de um momento.

— Ah!.. então não me havia eu enganado. Então! *madama* fazia eu mal em não crer nos vossos protestos? diz Henrique mostrando a carta.

— Então, que diz essa carta que eu não possa confessar, senhor? respondeu Cecilia com altiveza.

— Diz-me, senhora, que esta scena já tem durado bastante tempo, que receio abusar dos vossos momentos, e que me retiro...

— Não haveis de sahir, senhor, exclamou Cecilia, sem que saibais tudo. Sim, senhor, o senhor *de* Saint-Cyr me rendia as suas homenagens antes de vos eu ter conhecido. Tem-me escripto muitas vezes: tenho-lhe respondido; mas nunca de mim recebeu outra prova de affeição... Mas não, não o acreditareis... pois que nada que vos eu diga acreditais, diz Cecilia chorando.

— Sim, Cecilia... acreditaria no vosso amor se delle me desseis uma prova irrecusavel; amais-me, dizeis vós... pois bem! provai-m'o. D'aqui a dois dias parto para uma guerra arriscada; nunca mais talvez vos tornarei a vêr: que leve ao menos commigo essa recordação, Cecilia, que tenha ao menos uma vez a convicção de que fui amado, oh! bem amado. Por que sei que da vossa parte isso seria um sacrificio immenso; mas tambem que immenso amor elle provaria! e seria tanta generosidade dar tanto por tão pouco, sobrecarregar um homem debaixo do pezo de uma felicidade tão inesperada, e inaudita! mas, ai de mim! peço-vos isto, Cecilia, sem esperar obtel-o; sei que tal sacrificio é superior ás forças de uma mulher, que depois que se ama sobre a terra, nunca egual prova de amor foi dada; emfim, peço-vos isto, Cecilia, como um atheo pede a Deus um milagre para se converter e o adorar...

E beijava as mãos de Cecilia... e até me parece que chorava.

— Mas isso é impossivel! diz Cecilia quasi em demencia, perdida no meio de mil emoções contrarias que a haviam agitado tão violentamente; além d'isso os preparativos de viagem do senhor de Cernan vão retel-o aqui mais do que nunca, bem vedes que isso não póde ser...

— E' um pretexto, disse Henrique.

— Um pretexto... Meu Deus! um pretexto...

— Pois então, Cecilia... senão é um pretexto, eis aqui um meio que tudo concilia, diz Henrique depois de um momento de reflexão; tendes escripto muitas vezes ao senhor de Saint-Cyr?

— Já vol-o disse.

— Elle conserva as vossas cartas?

— Assim o penso.

— Tendes as d'elle?

— Sim.

— Não ha n'ellas cousa alguma que vos comprometta?

— Não, oh! não!... esperai, aqui estão ellas, lêde-as.

— Pois bem! pegai n'essas cartas, e, quando o vosso marido voltar, pros-

trai-vos aos seus pés, confessai-lhe a vossa correspondencia; dizei-lhe que no momento de o ver partir para a America, quereis confessar-lhe um segredo que vos pesa... dizei-lhe que haveis sido imprudente... mas que parastes á beira do abysmo no momento em que ieis cair n'elle; que a honra, que o dever vos retiveram. Para prova, dai-lhe as cartas do senhor de Saint-Cyr, e pedi-lhe por favor que vos retire para um convento em quanto elle estiver na America.

— E então?

— Como sois creança! supplicai ao vosso marido que parta immediatamente para Nevers afim de retirar as vossas cartas das mãos do senhor de Saint-Cyr, e lhe entregar as d'elle. Não duvido de que o barão parta esta noute ou ámanhã; isso nos dá vinte e quatro horas; todas nossas, Cecilia, e vós ganhais ainda, por essa confissão sublime, a vantagem de inspirar para o futuro uma confiança incrivel no vosso marido.

— E' decerto o demonio que vos inspira similhantes idéas, diz Cecilia, é infame; nunca, oh! nunca consentirei em similhante cousa; antes morrer, antes ver-vos duvidar do meu amor.

. . . . . .

Na manhã seguinte o barão de Cernan corria pela estrada de Nevers, e dizia comsigo: — Certamente na America não encontrarei uma mulher de uma virtnde similhante; parar á beira do precipicio, ter coragem para me fazer tal confissão! mas devo confessar que muito feliz fui em que isto se désse com um homem tão cortez como o senhor de Saint-Cyr, porque, em verdade, não posso ler sem emoção a passagem da sua ultima carta; e o barão lia:

«. . . . Não, madama, não, nada peço, nada pedirei; não tenho eu tudo? não tenho eu a vossa affeição? antes cem vezes morrer do que pensar em vos fazer trahir deveres sagrados, do que fazer a menor tentativa para perturbar o vosso repouso, e macular a honra de um homem, que, por tantos respeitos, merece ser feliz! Esmerai-vos em o tractar bem, madama, e isso sem receio de hypocrisia, porque um amor tal como o nosso não degrada a alma, ennobrece-a; não faz córar as faces, dá-nos orgulho, porque nada ha que não seja puro e irreprehensivel n'essa sympathia etherea que eleva duas almas que se comprehendem acima das paixões materiaes d'este mundo...»

— E' admiravel, tornou o barão fechando as cartas n'uma carteira: este senhor de Saint-Cyr é um homem antigo, e não posso querer-lhe mal, nem á minha mulher.

E o barão se approximava de Nevers. Era noute fechada.

XXII.

TREZ SCENAS DE UMA MESMA NOUTE.

> Que le temps s'emploie de manières diverses!
>
> Santo Agostinho. — *Confissões*, liv. II, cap. II.

SCENA I.

Passava-se esta scena em Pariz du-

rante essa noute em que o barão de Cernan chegava a Nevers; noute escura, feia e tempestuosa; a chuva cahia em torrentes, e fortes rajadas de vento a fustigavam para sobre os telhados, que alagava; nas ruas eram raros os viandantes, e o som de seus passos era o unico que interrompia o murmurio monotono das biqueiras que trasbordavam.

Na estremidade do arrabalde Santo Antonio era situado o que então se chamava Hospital, logar de retiro e reclusão, que recebia as raparigas de má vida e as mulheres accusadas de roubo ou de outros crimes.

Ahi estava reclusa a duqueza de Almeda.

N'essa noute escura e chuvosa os arredores d'esta triste habitação pareciam absolutamente desertos.

Um becco estreito e sinuoso se estendia junto ao muro que fechava o recintho de um dos pateos exteriores d'esta prisão.

N'esse becco, um homem, embrulhado n'um capote parecia aguardar não sei que signal com anxiedade; a cada minuto estendia a cabeça, olhava attentamente para o alto da muralha, e prestava o ouvido ao menor ruido.

Ao cabo de um quarto de hora uma pedra a que estava atada uma comprida corda caio aos pés do homem de capote, que, largando-o logo, apanhou a pedra e abanou a corda levemente, que sem duvida alguem segurava do outro lado do muro, por que egual movimento respondeu a este signal. Então Perez, porque era elle, atou rapidamente á corda uma escada tambem de corda, a que pequenos varões de ferro serviam de degraos, repetiu o sígnal, e a escada foi içada ao longo do muro.

N'este momento a chuva e o vento pareciam redobrar de furor; a agua caía em jactos tão brancos, que pareciam uma cerração vizivel no meio das sombras da noite; a tempestade assoviava com violencia em longos rugidos, e fazia estalar os ramos nus de algumas arvores que em altura excediam a muralha.

Ao som produzido pela queda de segunda pedra, Perez agarrou fortemente na extremidade da escada de corda, e segurou-se n'ella: depois, pela sua tenção subita, advinhou que o prisioneiro começava de subir do outro lado do muro.

Havia alguns minutos que esta ascensão durava, quando um movimento violento e sacudido, impresso na escada, fez estremecer Perez... Depois, como sempre continuasse de pezar com força na sua extremidade, a escada cedeu de repente, e parte d'ella lhe veio ás mãos. Perez deu um grito terrivel.

Facil é de conceber o seu espanto, porque por aquelle abalo, que havia subitamente estendido a sua escada, julgou que Ritta, mui fraca para chegar ao alto do muro, se havia deixado cair, se teria ferido, ou haveria ficado talvez morta. Pensai então no que soffreria esse homem tão dedicado, palpitando alli de susto, collocando o ou-

vido a esse muro que o separava de Ritta em toda a sua espessura; pensai nas horriveis angustias d'esse homem inclinado para o chão, procurando ouvir atravez d'essas pedras mudas e despiedadas, os gritos da desventurada duqueza: Ella está alli, sobre a mesma terra, no mesmo nivel que eu, atraz d'este muro cuja espessura o meu braço venceria, e nada ouço! e nada vejo!....

Foi um momento horrivel aquelle.

Mas um lampejar de esperança veio animar Perez; uma pedra caio junto d'elle e viu, a escada subir ao longo do muro, e tornar a estender-se.

Voltou para o seu posto.

Cinco minutos depois, Ritta, vestida de homem, appareceu no alto do elevado muro, e desceu com precaução.

Estava pois livre a duqueza, e Perez, de joelhos defronte d'ella, lhe beijava as mãos, sem poder fallar, tão forte era a commoção que sentia.

— Perez, Perez... diz Ritta; meu bom e leal Perez... como poderei jamais reconhecer-te...

Depois fraquejou; vacillou e caiu desmaiada.

A chuva não cessava, o vento redobrava de violencia. Perez estava n'uma inquietação mortal pensando que podia ser surprehendido por alguma patrulha; por isso empregava todos os meios possiveis para reanimar Ritta; não tendo podido conseguil-o, decidiu-se a leval-a nos braços, e assim caminhou alguns passos.

Pouco depois tendo a fresquidão que lhe causava a humidade do fato e a chuva que lhe batia no rosto reanimado a duqueza, ella abriu os olhos e disse a Perez:

— Aonde estou eu?

Perez parou.

— Deixa-me socegar um pouco, Perez, diz ella; assenta-me encostada a este muro, porque me sinto muito fraca, muito despedaçada, a queda foi-me tão dolorosa! tenho as mãos cheias de sangue... e tambem a cabeça... oh! julguei que me não tornasse a levantar... Vamos... córagem... Perez, bem vês que o inferno me auxilia... até a mesma tempestade nos é propicia. Vamos, Perez, animo, coragem... bem te dizia eu que se não devia perder a esperança.

E esta desventurosa mulher, recuperando todas as suas forças, toda a sua energia n'esse pensamento fixo e devorante que a exaltava, começou de andar com passo firme, encostada ao braço de Perez, despedaçada, e escorrendo em agua e em sangue; deste modo chegou ella, conduzida pelo seu escudeiro á rua do arrabalde de Santo Antonio, porque Perez, por excesso de prudencia, não havia mandado ir nenhum *fiacre* para junto do becco do hospital, arreceiando causar suspeitas. Pensava elle encontrar alguma carruagem no arrabalde de Santo Antonio, aonde sempre era costume estarem graças á visinhança das pequenas casas dos grandes senhores, que, quasi todas eram situadas n'este bairro porque então se serviam mui prudentemente dos fiacres pera irem àquellas mysteriosas casinhas; por isso que muito mais fa-

cil era guardar o incognito com o auxilo d'essas carroagens modestas, que passavam inapercebidas.

Perez e a duqueza começavam de perderem a esperança de encontrar alguma sege, quando viram a vinte passos de distancia uma que entrou na pequena rua de São Marcello.

— Apressemos o passo, *madama*, diz Perez; talvez que aquella sege não vá alugada.

Não tardou que chegassem a distancia que se podessem fazer ouvir do bolieiro.

— Pára! bradou Perez correndo.

O bolieiro não respondeu.

— Pára... se não levas aluguer, diz Perez alcançando o fiacre.

A' voz de Perez, o vidro de uma das portinholas foi abaixado.

— A minha sege vai alugada responde o bolieiro, fustigando os cavallos, que Perez segurava pelas redeas.

— E' o que vamos ver, bradou a duqueza precipitando-se para a portinhola. cujo vidro havia abaixado.

De repente um homem deitou a cabeça para fóra da portinhola bradando: — Co'os diabos! se tendes amor á vida segui vosso caminho, senhor!

A desfortunada duqueza deu um grito horrivel e caiu para traz.

Esse homem, era elle, era Henrique... Henrique com uma mulher muito embrulhada no chaile.

Ao grito que a duqueza deu, Perez largou as redeas dos cavallos para a soccorrer.

O bolieiro chicoteou os cavallos, o fiacre partiu, e Perez poude ouvir estas palavras de Henrique: — Socega meu amigo, socega, Cecilia... E' algum homem embriagado... que indagora se recolhe...

SCENA SEGUNDA.

O gabinete de uma pequena casa situada na rua de São Marcello..

Uma luz branda e invisivel disparze do alto do tecto, feito em forma de zimborio, uma claridade mysteriosa. Um grande fogo claro e chammejante crepita n'um fogão de granito com espiraes de oiro. As janellas, bem fechadas, estão tapadas por expessas cortinas de setim. O ar é embalsamado pelas flores de um caixote que occupa um dos lados d'este gabinete, armado de veludo branco com flores azues e prateadas. O sibilar da tempestade, chega confuso e longiquo, porque as duplicadas janellas e as pesadas armações não consentem que seja ouvido distinctamente.

Esse murmurio lastimoso, completa, pelo seu contraste, a harmonia d'essa scena de delicias. Porque é, penso eu um prazer ineffavel ouvir gemer o vento, cair a chuva, quando n'uma linda salazinha bem fechada, junto a um grande fogo, meio deitado ao pé da mulher de um outro, com a cabeça sobre os joelhos d'ella, fallais de amor em quanto esperais uma ceia delicada e uma longa noite de voluptuosidodes ardentes como são as voluptuosidades prohibidas.

Ora Henrique saboreava esse goso

ineffavel no gabinete da sua casinha, que acabamos de pintar.

Henrique amorosamente assentado aos pés de Cecilia, com as mãos entre as mãos d'ella, contemplava-a com olhos que chammejavam desejos.

— Ainda estou toda a tremer, Henrique, dizia *madama* de Cernan; aquelle homem tinha um rosto medonho.

— Ora essa, meu anjo, queres que as pessoas que andam pela rua a taes desoras sejam rapazes bonitos?

— Não gracejeis assim, Henrique... tive muito susto.

— Mas, susto de que, querido anjo?... Um homem embriagado pára a nossa sege, é coisa muito simples; esse homem é muito feio, tambem é mui natural. Por isso, socega tu os teus receios, tu, a quem tanto amo, porque realmente te amo, Cecilia... Verdadeiramente, oh! bem verdadeiramente; é coisa tão imprevista, ha tanta singularidade em a nossa ligação, que não pode ser commum e vulgar.

— Henrique, Henrique... quantas vezes tem esta casa ouvido iguaes juramentos?

— Para que assim fosse, Cecilia, seria mister que te ella já houvesse possuido, que esses espelhos já tivessem reflectido esses olhos tão finos, essa bocca tão rosada, essas fórmas tão voluptuosas... Mas não, foi hoje só que elles tiveram essa ventura... Olha, até, até tenho ciumes dos espelhos.., mas não, não, ao contrario, amo-os... amo-os como amaria o eco que até ao infinito me repetisse o meigo som da tua voz.

— Henrique! em verdade, isto é um sonho, dizia Cecilia com os olhos semi-cerrados; preciso crer que é um sonho.

— Sim, Cecilia... sim, meu anjo, é um sonho... um sonho de oiro, acredita-o... Sim, mais tarde, quando te recordares d'este dia esplendente de ventura e de amor... quero que digas: «Esta felicidade era mui viva, aquelle amor mui apaixonado, aquelle ardor mui embriagante... Sim era um sonho...» E demais, sabeis, diz Henrique, sorrindo, sabeís, Cecilia, que é coisa rara que uma raridade tão real dê ares de um sonho!

— Oh! cala-te...

— Pois sim, sim, calar-me-ei, meu anjo, calar-me-ei: os meus beijos fallarão por mim...

— Oh! não, falla, falla, Henrique, Que eu ouça a tua voz que tanto amo, a tua voz tão meiga. Mas, dize-me, Henrique, porque é que cada uma das tuas palavras vibra por tanto tempo em meu coração depois que acabas de fallar? Porque é que me seria indifferente morrer ámanhã, ou daqui a uma hora? Porque é esta felicidade de que o ceo teria ciumes? Porque é tudo isto, dize, meu Henrique?

— Porque, minha Cecilia? diz Henrique. Porque é tudo isto? E' porque segues o instincto do teu coração, que te diz: Elle te ama... porque dois corações feitos um para o outro se revelam sempre um ao outro; porque..,

Henrique não acabou, porque, neste

momento, as portas da sala rangeram ligeiramente nos gonzos, se abriram sem que se visse pessoa alguma, e deixaram ver uma pequena casa de jantar cujas paredes eram cheias de pinturas de escarlate e oiro; um grande fogo chammejava n'um fogão de marmore carregado de flores que casavam as suas cores variegadas com o lume das velas que esplendenciam em candelabros de cristal.

A mesa havia surgido por um sobrado mobil, como então se praticava, e dois pequenos aparadores carregados de quanto era necessario para o serviço da mesa, evitava o enfado da presença dos criados.

— Vou-te fazer uma confissão bem custosa, diz Henrique com ar envergonhado, sentando-se á mesa muito, muito chegado a Cecilia; é que tenho um appetite devorador.

— E eu, tornou Cecilia com ar ainda mais envergonhado, apenas ouso dizer que morro de fome.

— Oh! que felicidade, Cecilia! Olha, chega-te para mim, muito para ao pé de mim. Viva Deus! o amor é uma boa coisa, mas uma bella ceia e o amor são duas coisas boas.

Ceiaram, e, deve se confessar que envergonhados, porque ceiaram, mas perfeitamente bem. O que tambem se deve confessar, é que, por essa maldita e fatal reacção do physico sobre o moral, os seus olhos se tornaram mais vivos, as faces mais coradas; os labios de Cecilia brilhavam com um carmim mais vivo; os seus dentes, com uma alvura mais offuscante.

E' porque essa doce melancolia que havia presidido ao começo da noite desapparecera em presença de um riso franco e redobrado; é porque finalmente, no momento em que a pendula com a musica annunciou meia noite, Henrique exclamou: — Já meia noite, Cecilia!

E apenas fora esta palavra pronunciada, as duplices portas do gabinete se fecharam, e a casa de jantar ficou deserta.

SCENA TERCEIRA.

Quasi á mesma hora, na mesma noite, uma outra scena se passava em Nevers, em um quarto occupado pelo Sr. de Saint-Cyr.

O sr. de Saint-Cyr conta trinta annos; é louro, corado, de um talhe elegante; tem mui bellas feições, olhos socegados, á flor do rosto, modo nobre e reservado, accesso grave e frio, e dignidade até na maneira de tomar tabaco.

E' meia noite. O sr. de Saint Cyr, embrulhado n'um roupão, acaba de fazer enrolar os seus cabellos pelo criado. Despede-o, assenta-se junto ao fogão, pega n'uma carteira de setim verde bordado com uma grinalda de amores perfeitos e perpetuas, della tira um maço de cartas, espalha-as pela mesa, e lê-as com acolhimento.

São as cartas de Cecilia.

— E nada de resposta ás minhas duas ultimas cartas, diz o senhor de Saint-Cyr, depois de haver lido e relido a sua amorosa correspondencia. Singular mulher... sim, singular; por

que, no meio desta facilidade de costumes que nos invadiu, eis-aqui uma que fica pura, uma que, segundo a minha opinião, tem mais merito do que uma estrictamente virtuosa. Ao menos a minha Cecilia, sim posso dizer a minha Cecilia; ao menos a minha Cecília, lucta. Oh! quanta pena e prazer ha nesse pensamento: quanto ella me ama, mas quanto ella ama ainda mais a virtude! Ah! é uma dessas preferencias que nos encantam, com quanto nos afflijam. Já vai em seis mezes que ella tem acceitado as minhas homenagens, e não tenho outro testimunho do seu amor, senão as cartas que me tem escripto. Que digo? que miseravel que eu sou! não tenho outro! E não é bastante, meu Deus! a affeição sincera d'essa mulher adoravel e adorada? Não tenho outro testimunho, e que mais queria eu? como sou infame! deshonral-a, aviltal-a aos seus olhos; obrigal-a a corar diante de seu marido; expol-a a soffrer remorsos horriveis? e porque? Por me ter concedido os direitos que dá uma possessão brutal, em quanto ,que eu goso sem crime os mais innefaveis prazeres dizendo comigo: Ella é pura, é virtuosa, é digna do seu esposo e de mim! Esse amor que nos une escapa ás censuras deste mundo, porque não é deste mundo; amor chasto, amor nobre e elevado, para o qual sorrimos com tanto orgulho, porque lhe sacrificamos todos os baixos e miseraveis pensamentos materiaes..... amor....

Infelizmente este tocante monologo foi interrompido pelo rodar de uma carroagem de posta que parou á porta do palacio; e pela chegada do lacaio do senhor de Saint-Cyr, o qual pallido como um defuncto, só teve tempo para lhe dizer: — Ahi vem o senhor de Cernan atraz de mim.

A estas palavras, as cartas entraram para a carteira verde como por encanto; e, quando o senhor de Cernan se apresentou no quarto, achou o senhor de Saint-Cyr frio e tranquillo, em pé defronte do fogão.

O senhor de Saint-Cyr. — A que feliz acaso devo a visita do senhor de Cernan?

O Barão de Cernan. — Tende a bondade de mandar retirar os vossos criados. (O lacaio sae).

O senhor de Saint-Cyr. — Vindes n'uma noite horrivel, senhor; é força que um motivo de grande importancia....

O Barão de Cernan. — De grande importancia com effeito, senhor; mas, deixemo-nos de formalidades e fallemos com franqueza; tendes escripto a minha mulher, ella respendeu-vos... sei tudo.

O senhor de Saint-Cyr. — Senhor...

O Barão, (mostrando-lhe um maço de papeis). — E' inutil negal-o, aqui estão as vossas cartas.

O senhor de Saint-Cyr. — Percebo o fim da vossa visita, senhor, estou e estarei ás vossas ordens quando quizerdes.

O Barão. — Escutai-me, senhor. Hontem minha mulher, sabendo que eu estava prestes a partir para a Amé-

rica, lançou-se-me aos pés; não chorava, mas as suas feições transtornadas, a sua palidez e agitação me deram a conhecer que algum segredo importante me ia ser revelado. Com effeito, senhor, ella me confessou tudo, remorsos e receios; confessou-me tudo, senhor: deu-me as vossas cartas; supplicou-me que partisse em continente, afim de vol-as entregar, pedindo-vos a restituição das suas, e que a arrancasse assim ao perigo que podia correr durante a minha viagem, pedindo-me por favor que a encerrasse n'um convento em quanto eu estivesse na America. As vossas cartas li eu, senhor; por amarga que seja uma descoberta similhante aos olhos de um marido, d'ella obtive um grande alivio, senhor, vendo que minha mulher estava ainda pura, vendo que, longe de abusar de um ascendente fatal, havieis, ao contrario, fortalecido Catharina no amor aos seus deveres, contentando-vos com uma affeição pura e desinteressada. Com qualquer homem que não fosseis vós, senhor, a marcha era simples, devia aqui vir insultar-vos e cortar-vos a cabeça, ou fazer que me matasseis; comvosco, senhor de Saint-Cyr, obro de outro modo: eis aqui as vossas cartas (o barão atira-as para o fogão): ouso agora esperar da vossa lealdade igual sacrificio.

O senhor de Saint-Cyr. — O vosso procedimento é muito nobre, senhor, para que eu não corresponda a uma maneira de obrar tão lisongeira como honrosa para mim: aqui estão as cartas de madama de Cernan. (O senhor de Saint-Cyr atira para o lume as cartas de Cecilia).

O Barão. — Agora, senhor agradeço-vos a nobreza do vosso procedimento, que bem appreció; porque os homens como vós são raros.

O senhor de Saint-Cyr. — Sejamos amigos, senhor, para a vida e para a morte, (estende a mão ao barão); concedei-me a vossa amisade, sou digno d'ella, e espero tornar-me ainda mais digno (O amante e o marido se abraçam com effusão).

O Barão de Cernan. — Agora, senhor, recebei a minha despedida.

O senhor de Saint-Cyr. — Pois quereis retirar-vos com o horrivel tempo que faz... Não faças tal... Amanhã será tempo...

O Barão. — Amanhã. — Amanhã.. senhor! amanhã... e minha mulher, e a minha Cecilia, que está á minha espera!... amanhã... e a afflicção em que ella está, senhor!.., amanhã... e a esta hora não está ella desgrenhada, afflicta, lacrimosa, pensando nas consequencias desta entrevista, pensando talvez, que estamos a ponto de nos matarmos!

O senhor de Saint-Cyr. — Concebo a vossa impaciencia, senhor; já ouço os passos dos cavallos que vem chegando, ainda uma vez adeus... adeus.

O Barão de Cernan — Adeus, senhor de Saint-Cyr, eu vou por despedida dizer-vos uma cousa que um homem tão cavalheiro como vós hade comprehender. Amanhã ireis a Pariz, para vos eu apresentar a madama de Cernan; porque estou bem certo que, durante a minha ausencia, ella não po-

deria ter mais seguro Mentor, amigo mais digno da minha confiança e estima.

O senhor de Saint-Cyr, (com admiravel expressão de consciencia e de dignidade). — Contava com isso.... senhor.

O Barão, (abraçando-o). — Todo o vosso procedimento está n'essa palavra, Saint-Cyr.

O senhor de Saint-Cyr, (abraçando-o tambem). — Haveis-me comprehendido, Cernan... (O barão sae; a sege de posta roda pela estrada de Pariz).

O senhor de Saint-Cyr, (só). — Ora ahi está como, graças a uma conducta honesta e leal, uma ligação que teria podido trazer a morte e o desespero de tres pessoas, apertou mais e mais os laços de honra e probidade que os unem... Comparai isto com um amor criminoso!... Vamos, digam lá o que disserem, a virtude é uma coisa bella e honrosa, e a prova é esta.

E o senhor *de* Sain-Cyr dormiu como um justo que era.

Ao cabo desta noite tão diversamente empregada pelas seis horas da manhã, a porta da casinha do conde de Vaudrey se abriu mysteriosamente, e Cecilia, prudentemente disfarçada, subiu para uma sege d'aluguel.

O barão chegou de Nevers pelas onze horas da manhã, e abraçou contente sua mulher, que achou pallida, e abatida, como elle bem esperava.

XXIII.

OS DOIS IRMÃOS.

> L'homme s'éleve au dessus de la terre sur deux ailes, la simplicité e la pureté, La simplicité doit être dans la intention, et la pureté dans la affection.
>
> *Imitação de Jesu-Christo*, livro II, cap IV

> ,,,, Et s'il a une pieté fervente e une grande vertu, il hei manque encore beaucoup, il lui manque une chose souveraînement nécessaire
> — Qu'est ce donc?
> — C'est qu'apres avoir tout quitté il se quitte aussi lui même, et se depouille entiérement de l'amour de soi:
> C'est enfin, qu'aprês avoir fait tout ce qu'il sait devoir faire, il pense encore n'avoir rien fait,
>
> *Imitação de Jesu-Christo*, livro II, cap II.

Coisa alguma era mudada na pequena casa de Saint-Rénan, morada tranquilla e modesta dos dois irmãos. Continuava o mesmo socego e solidão Sulpicio havia-se de novo entregado aos habitos de seus arranjos domesticos, que alguma coisa haviam soffrido pela ausencia de Rumphius. Vivendo de a guns fructos, passando a maior parte do dia a chorar no quarto do astronomo, o desventuroso Sulpicio viveu vida tão dolorosa em quanto Rumphius esteve ausente, que a dizer a verdade, esses quinze dias se lhe não podiam contar na existencia,

por quanto, como já dissemos, o seu fim constante era poupar a seu irmão o mais pequeno dissabor. Ora, sendo esse fim por assim dizer, a alma que lhe animava o corpo, uma vez que a alma estivesse auzente, o corpo ficava inerte e como que sem vida.

Mas, por isso, que transportes que prazer pela chegada de Rumphius, que havia dois dias tinha voltado para Saint-Rénan! Com que enternecimento, com que admiração considerava Sulpicio seu irmão! mas apenas ousava fallar-lhe, porque conhecia os accessos de mudez do astronomo, mas cobrindo-o com a vista, procurava ler-lhe no rosto se a viagem o havia fatigado, se os resultados d'ella lhe haviam sido satisfatorios!

Com que felicidade intima e profunda preparou Sulpicio a primeira refeição!

—Que actividade, que promptidão no serviço!

E, coisa singular, incomprehensivel pela primeira vez Rumphius pareceu perceber quanto seu irmão fazia por seu respeito, e coisa mais extraordinaria ainda, o astronomo, contra o seu costume, não procurou alevantar a menor contradição, e passou a noite da sua chegada sem serrazinar com seu irmão

Sulpicio, tomando esta inquietação, este socego desusado como resultado da fadiga da viagem, pouco se assustou; mas no dia seguinte, encontrando no astronomo a mesma benevolencia, não lhe ouvindo proferir uma palavra aspera ou desagradavel, ou fazer-lhe uma pergunta ambigua e embaraçante, Sulpicio julgou Rumphius seriamente indisposto, e começou de se inquietar.

Prepoz-se pois a interrogar seu irmão sobre a sua saude, se no terceiro dia se manifestassem os mesmos symptomas. Manifestaram-se.

E somos chegados a esse terceiro dia.

Era depois da frugal refeição dos dois irmãos. Rumphius parecia mais absorto que de costume, quando sahindo de repente do seu meditar, e dirigindo-se a Sulpicio: — Até que em fim estamos reunidos; lhe diz elle com um profundo suspiro.

— Oh! sim, meu irmão, bem felizmente reunido, reunidos para não mais nos separar-mos, não é assim, meu irmão? respondeu Sulpicio. Porque se soubesseis como me custou a vossa ausencia! e com tudo eu zangava-me por me custar, pois que essa viagem era do vosso agrado, meu irmão... Mas perdoai-me esse egoismo, eu não podia deixar de soffrer. Oh! em verdade, meu irmão, deveis perdoar-me, porque soffri bastante longe de vós, e teria bem depressa ido ter comvosco, se não me houvesseis ordenado que ficasse aqui... sózinho.

E os olhos d'essa pobre e boa creatura se enchiam ainda de lagrimas só ao lembrar-se d'esses dias tão compridos, tão tristes, que assim havia passado.

— Meu bom Sulpicio! diz Rumphius enternecido. Porque, mesmo para uma alma resequida pela analyse, como era

a do astronomo, a posição era cruel.

O astronomo havia promettido ao conde acompanhal-o á India; por cousa alguma no mundo teria sacrificado similhante viagem. Sómente, apezar do seu egoismo e desprezo philosophico para com a natureza acanhada de Sulpicio, Rumphius se achava mui commovido ao ver-se chegado ao momento de fazer similhante confidencia a um ente tão inferior e baixamente collocado, que elle dominava com toda a altura da sua intelligencia e saber.

Esse receio era natural, porque jámais a sciencia de um Newton, o genio de um Bonaparte, o poder de Luiz XIV, serão capazes de pôr um homem ao abrigo da especie de turbação e admiração que impõe o placido radiar de uma alma pura e serena, de uma alma de creança, que acha armas tão poderosas em a sua resignação, uma superioridade tão immensa na sua ingenua dedicação.

— Meu bom Sulpicio, eis-nos em fim reunidos; não pensemos mais em tudo isso, repetiu machinalmente Rumphius, sem se atrever a dar a fatal nova a seu irmão.

— Ah! meu irmão, o meu pezar já lá vai; se fallo em tal, é porque sou mui feliz, diz Sulpicio, sim muito feliz, porque tão cedo me não deixareis, não é assim, meu irmão? pois que o senhor conde de Vaudrey, vosso protector, se vai embarcar a Brest; e ha de por certo andar por lá muito tempo. Ora, tanto tempo como d'aqui ha de ir até que nos separaremos, meu irmão?...

— Sim, sem duvida, Sulpicio, elle parte para a India... Ah! que bella viagem!

— Sim, certamente, bella viagem, tornou Sulpicio com a sua submissão ordinaria.

— Uma viagem como eu desejaria para mim, se estivesse mais rapaz. Mas na idade em que estou, nem devo sequer pensar em tal, tornou Rumphius que não brilhava na arte de chegar ao seu fim por transições disfarçadas.

— Oh! sem duvida meu irmão, tendes rasão em nem sequer pensar em tal.

— Não penso, não; Sulpicio, só digo que é uma excellente viajem. Ora julgai ver com os proprios olhos o que os livros tão imperfeitamente ensinam, ver os brahmas e conversar com elles sobre o *Nity Hocas*, ou sciencia moral da religião indiana! Vêr os sacrificios dos brahmas, *Vanapraity*, de que temos uma idéa tão incompleta, e o sacrificio do *Ekiam*! e o pequeno Ekiam! e o grande Ekiam! e as legendas sanscritas! e os gigantes inimigos dos *Vanapraitas*...

Ora, Rumphius ia-se gradualmente animando a estas citações, pouco a pouco o seu ardor pela sciencia se revelava, e o tornava cada vez mais insensivel ao receio de ferir seu irmão no coração revellando-lhe os seus projectos de uma maneira tão inesperada.

— Em fim, tornou Rumphius com uma exaltação progressiva, em fim vêr com os meus olhos, tão bem como vos estou vendo, Sulpicio, ver e ouvir um verdadeiro brahma, um brahma de

carne e osso, praticar o *Sandia*! vel-o apertar o nariz com o index e o pollegar, pronunciar seis vezes a palavra *Ron* retendo a respiração, pensando no fogo, e depois queimando o corpo symbolicamente! Como, Sulpicio, não invejais similhante cousa?... não concebeis a minha felicidade?... Vou lêr o *Talmuth*... penetrar o mytho dos symbolos!... saber o sentido allegorico que occulta entre outros, essa ficção do gigante *Ravana* que tinha pellos no corpo como os das arvores mais altas, e que estando em guerra com alguns deuses, atou um grande penedo a cada um dos pellos; de sorte que, adiantando-se assim armado até ao meio do exercito inimigo, não fez mais do que sacudir-se assim, brrr... e por este movimento violento, fez voar para a direita e para esquerda os penedos, que cairam como saraiva sobre os inimigos, e esmagaram até ao ultimo, Mas que é isto comparado á esperança de penetrar o symbolo de Rama, que tinha dez cabeças e trezentos sessenta e cinco braços! Pensar que hei ir aonde estes e outros muitos estão, não vos arrebata isto, não vos faz saltar de contentamento? Não vos transporta a idéa da minha viajem.

— Eu não vos comprehendo, meu irmão, diz Sulpicio.

— E' verdade que assim é. Pois bem! como finalmente é preciso acabarmos com isto, diz Rumphius com ar de uma resolução desesperada, o senhor conde de Vaudrey propoz-me accompanhal-o á India; eu aceitei, e, d'aqui a oito dias, hei-de ir ter com elle a Brest para partir com elle...

A esta noticia tão imprevista, tão oppressiva, Sulpicio ficou pallido como a morte e balbuciou, com os olhos a nadarem em lagrimas, e uma voz que cortava a alma:

— Partir!... meu Deus! partir! meu Deus! e eu, meu irmão!...

E caira de joelhos defronte de Rumphius, cujas mãos apertava.

— Vós?... pois sim! vós, murmurou Rumphius, esperar-me-eis aqui...; já estivestes quinze dias á minha espera e não morrestes...

— Isso não é possivel... não é possivel... Partir só... Isso não póde ser, meu irmão, diz Sulpicio com as mãos postas.

— E' possivel, e ha de ser, e será, porque vol o hei de eu ordenar! E de mais, eu não preciso de vós, diz Rumphius n'um tom aspero que a emoção do rosto desmentia.

A estas palavras crueis, Sulpicio endireitou-se com ar nobre e tranquillo... enxugou as lagrimas, e, pela vez primeira da sua vida, disse com uma firmeza extraordinaria, que não era para esperar de um homem sempre tão timido e submisso:

— Quer vós queirais, quer não, se fordes á India ahi vos seguirei.

— Que loucura! disse o astronomo.

— Isto não se deve chamar loucura meu irmão, ouvis! e a voz de Sulpicio se tornava quasi ameaçadora; isto não é uma loucura, é um direito adquirido pela dedicação com que vos tenho tractado ha vinte annos: é

um direito que tambem adquiri promettendo ao nosso pai moribundo que nunca vos havia de deixar... e estou decidido a usar d'esse direito, ouvis, meu irmão?

Rumphius calou-se, sem poder supportar o olhar magestoso, e quasi que inspirado, de Sulpicio, que redarguiu com uma animação progressiva. — Como, meu irmão, julgastes que, sabendo eu que ieis expor-vos aos mil perigos de uma viagem, ficaria aqui a formar votos estereis por vós! Acreditastes que, fazendo eu todos os esforços, aqui, em terra, para que nenhuma privação, nenhuma imprudencia, venha atacar a vossa saude ou desviar-vos dos vossos trabalhos, julgastes que vos deixaria só, n'um navio, percorrer paizes estranhos, occupar-vos de detalhes de que nem a menor idea tendes!... E quem vos tractaria, meu irmão? e quem vos guiaria? e quem vos poria o pão na mão e o copo á bocca? e quem iria, n'essas noites em que andais meio nu a observar os astros, quem iria pois preservar-vos do frio? Como, acreditastes similhante coisa, meu irmão! Podestes crer que, sabendo que estaveis perdido no meio de uma existencia para vós tão nova, vos deixaria só! Não! não! quer consintais, quer não, torno a repetir, hei-de vos seguir. Ora escutai, meu irmão: eu, não dediquei a minha vida á vossa, para vêr anniquilar n'um só dia o fructo de vinte annos de affeição fraternal, hei de seguir-vos. Torno a repetir, ou queirais ou não, seguir-vos-hei!

Esta linguagem simples, firme e nobre, confundiu Rumphius. O sabio estava aterrado; fazia dó vêl-o, balbuciava como rapaz d'escola apanhado em flagrante. Em fim sem saber o que havia de dizer, nem responder, pensou em invocar a mediação de Henrique, e respondeu então com voz submissa e commovida:

— Mas eu não sei se o senhor conde de Vaudrey quererá consentir que me acompanheis, Sulpicio.

— Ora, se ha de querer, meu irmão! pois duvidais-lo? é fazer injuria a esse senhor. Oh! eu vos prometto que ha de consentir, quando lhe eu disser: Senhor conde, meu irmão pode tanto passar sem mim como sem mãos para apalpar e sem olhos para ver. Em quanto meu irmão pensa obro eu por elle. E' um sabio precioso para o seu paiz, senhor conde, e para que possa consagrar-se todo inteiro ás sciencias que o reclamam, é preciso que a sua vida seja despida de todos esses miseraveis cuidados materiaes que o perturbariam em os seus trabalhos: quem pois melhor do que eu poderia desempenhar esse dever junto d'elle? quem ousaria disputar-me essa tarefa? E de mais, senhor conde, eu não vos peço senão estar com meu irmão, e nada mais. estar no mesmo navio que elle, o resto é-me indifferente; confundir-me-heis com os vossos marinheiros, tratar-me-heis como a elles; o que eu quero, senhor conde, é estar com meu irmão: e isso não podeis recusar-me, nem haveis de m'o recusar.

— Co'os demonios... então encarre-

gai-vos vós de lh'o pedir, Sulpicio, disse Rumphius, eu cã não me metto n'isso.

— Oh! deixai isso por minha conta, meu irmão; o que eu mais queria era a vossa approvação, diz Sulpicio, muito feliz pelo assentimento do astronomo, e tornando-se humilde e submisso.

Porque, por um singular phenomeno psychologico, essa exaltação passageira a que Sulpicio devera a sua eloquencia desapareceu logo que o seu fim foi preenchido.

Sim, era uma d'essas subitas e encomprehensiveis revelações do espirito, da alma ou de Deus, que nos indicam, como meio infallivel de bom exito, o partido mais opposto, o que mais contrasta com o nosso caracter e maneiras habituaes.

E essa influencia superior e occulta é tão poderosa, que nos dá, não só a idéa, mas a força, e o poder de chegarmos aos nossos fins; e depois, conseguidos elles, retira-se, destroe-se, torna-se quasi um sonho, mesmo para aquelle que experimentou a sua acção de uma maneira tão intima e authentica.

Penetrar esse mysterio, procurar o logar em que a idea nasce, a causa que a inspira, seria involver-se no dedalo da metaphysica mais embrulhada Contentemo-nos pois com dizer que depois d'esta scena o bom Sulpicio voltou ao que dantes era, socegado, paciente, negativo; que Rumphius, livre d'esse segredo que lhe pesava, se tornou taciturno, serrazina, disputador como de costume, e que a vida regular dos dois irmãos apenas algum tanto foi mudada pelos preparativos de partida e de viagem, que Sulpicio fez com a sua paciencia, exactidão, e cuidados ordinarios.

Tres dias depois, Rumphius recebeu uma carta de Pariz concebida nestes termos:

« Senhor,

« O senhor conde, meu amo, me encarrega de ter a honra de vos prevenir de que estará em Brest na manhã seguinte ao dia em que receberdes esta carta, e que elle deseja que façais todos os vossos preparativos o mais depressa possivel; porque o senhor conde quer partir de Brest o mais tardar, nos primeiros dias de janeiro.

« Tenho a honra de ser, etc., etc.

« Dezembro 1780

« GERMEAU,

« Criado grave. »

Depois no fim da carta, liam-se estas palavras escriptas á pressa, por mão de Henrique.

« Vem depressa, meu bom Rumphius, uma diabolica aventura me obriga a partir sem demora. »

— Uma diabolica aventura? tornou Rumphius todo pensativo. — Ah! já sei, hade ser o seu duello com o senhor barão de Cernan; deviam bater-se na manhã seguinte á minha partida ... E eu que me tinha esquecido de estar com cuidado...

— Bater-se, meu irmão! Ah! meu Deus, se o matassem...

N'esta exclamação involuntaria do meigo Sulpicio devia com tudo encontrar-se o germen d'esse homicida pen-

samento: « SE O MATASSEM, ficar-me-ia meu irmão, e evitaria os perigos ao encontro dos quaes corre talvez. »

Sempre é certo que Rumphius respondeu:

— Ferido... poderia bem ser: porque o barão estava furioso.

— Então porque, meu irmão? perguntou Sulpicio.

— Oh! por motivos que vós não podeis saber, respondeu Rumphius com asse ar de fatuidade misteriosa que toma um rapaz de quinze annos respondendo a um curioso de doze annos a respeito de uma pergunta indiscreta relativa ás mulheres.

Dois dias depois, os dois irmãos chegaram a Brest, acompanhados da sua mesquinha bagagem, e a pequena casa de Saint-Renan ficou confiada ao cuidado de uma velha.

Sulpicio enxugou bem em segredo as lagrimas que lhe arrancou a recordação dos dias que passára n'aquelle retiro mas nada disse a seu irmão, e procurou até parecer mais alegre do que habitualmente era.

XXIV.

BREST.

Il y a parmi eux des hommes très malheureux, que personne ne console; ce sont les maris jaloux; il y en a que tout le monde hait, ce sont les maris jaloux; il y en a que tout les homnes méprisent, e ce sont encore les maris jaloux.

MONTESQUIEU. *Cartas persianas*, 1,55.

Cecy est digne d'etre considéré, que notre nation donne à la vaillance le premier degré des vertus.

MONTAIGNE, livro 2.º, cap. 7.

Em 1780 como em 1830, a vida de um official de marinha em um porto militar tem sido sempre bem monotona, principalmente para aquelles que, estranhos á cidade, ahi não teem nenhuma relação de familia, e por isso vão com aborrecimento passando os dias compridos e enfadonhos; porque até mesmo poucas distracções ha que procurar no que se chama sociedade, essa sociedade, como todas as de provincia, que só é divertida para aquelles que vivendo sem cessar no seu circulo, podem estar ao facto das sempiternas maledicencias, zombarias ou rivalidades sobre as quaes se estribam ordinariamente os bellos espiritos do logar. Mas, em resumo, tudo isto deve parecer bem estupido a um pobre diabo que chega de Versailles, de Pariz ou do Chili. D'este modo tem elle a escolher entre a cerveja e a fumarada dos botequins, os falsetes de um theatro pessimo, e os encantos da mais completa soldão.

Ora, tres dos officiaes da fragata *Sylphide*, que o conde de Vaudrey commandava, ver-se-iam obrigados a fazer essa difficil escolha, porque eram totalmente estranhos em Brest, se não houvessem tido a luminosa idéa de todas as noites de se reunirem em casa de um d'elles, e de improvisarem assim um pequeno Pariz debaixo do céo nebuloso da Bretanha.

Desta fórma, viviam elles das suas mutuas recordações, communicavam entre si as cartas que recebiam da côrte, e refazendo assim alguma coisa dessa boa existencia de Pariz e de Ver-

sailles pela qual tão vivamente suspiravam.

Estes tres intimos, como os chamavam, eram o marquez de Miran, o cavalheíro de Monval, ambos segundos tenentes, e o barão de S. Salvador, guarda-bandeira que fazia a bordo serviço de official.

Depois de jantar, reuniam-se á noite em casa de um delles, e ahi, juncto a um fogo bem acceso, em frente do qual fervia uma immensa cafeteira de agua destinada a fazer ponche, café, ou chá (cujo uso começava a espalhar-se na aristocracia), os tres gentilhomens praticavam largamente a respeito de viagens, de combates, de Versailles, de Pariz, de mulheres, jogavam alguma coisa, ou liam uns aos outros as cartas que recebiam dos seus numerosos correspondentes.

Os tres amigos eram nessa noite reunidos em casa do marquez de Miran.

O cavalheiro de Monval já tinha vindo, e só esperavam pelo barão de S. Salvador.

A morada do senhor de Miran compunha-se de tres grandes casas *mobiladas*, que segundo a minha opinião, tem um caracter tão triste e particular.

Os dois mancebos se haviam estabelecido no mais pequeno dos tres quartos, que tinha pretenção a sala; mas, graças a um fogo bem acceso, a um tapete espesso, e ás grandes bambinellas que escondiam as janellas, podia-se nelle passar uma noite de hinverno, estando bem estendido n'um dos tres largos canapés que ornavam o quadro, engolindo de quando em quando um copo de ponche queimado, ou uma chavena de chá da Caravana.

— Que diabo terá que fazer esse doido do São Salvador, que vem tão tarde? diz Monval; por Deus, que nos não falte, precisamos de novidades, e contamos com elle para nol-as trazer.

— Com effeito, Monval, diz o senhor de Miran, máu correio é este de hoje; e, para nos refazer, foi preciso passar dez horas na arrumação dessa maldicta fragata.

— Sem contar com a fadiga mortal de termos sempre ás costas aquelle diabo do tenente, diz Monval.

— Quem, o *azul?!* (1) tornou Miran, o que quer provar que sabe do seu officio, o que ninguem lhe contesta. Mas ha neste homem uma brutalidade e insolencia de maneiras que felizmente só emprega no serviço; porque, se assim não fosse, meu caro, haveria sangue derramado.

— Ora, diz Monval, elle é quasi doido, devemo-nos divertir com elle; eu emprego uma submissão no serviço que o desespera, e, fóra da fragata, pago bem as impertinencias a esse digno senhor Thomaz, que me parece que se desespera por só se chamar Thomaz, ainda que elle e o seu amigo Gedeão, nosso digno doctor, não

(1) A marinha se distinguia então em marinha azul e vermelha. Os officiaes da marinha vermelha eram ordinariamente da nobreza, e saíam dos guardas-marinhas; os officiaes azues não serviam senão como auxiliares, e saíam da marinha mercante.

O. A.

cessem de vociferar contra a nobresa.

— Gedeão! isso é um animal! diz o marquez de Miran; um imbecil que... Mas eu ouço São Salvador...

Com effeito São Salvador entrou.

Poderia ter desoito annos; os seus dois amigos pareciam ter mais alguma idade.

— Bom dia, bradou, São Salvador entrando; bom dia e boa noite: tenho cartas!

— Bravo! vejamos.

— Não. Primeiro dá cá um chambre, Miran. Como o sr. Jourdain, creio que de chambre lerei melhor.

— Toma lá, maluco! diz-lhe o seu hospedeiro atirando-lhe o chambre, que tirou de uma guarda-roupa.

São Salvador despiu a sua casaca azul agaloada de oiro á Borgonha, ficou em colete, calções e meias escarlates (escarlates porque os guardas bandeiras fasiam parte da casa real) desapertou o seu cinturão de pelle de gamo, poz a espada sobre uma mesa, vestiu o chambre, estendeu-se commodamente sobre um canapé, e disse emfim aos seus dois amigos que aguardavam o fim da sua installação com avida curiosidade: Meus amigos, tenho cartas de Pariz; e entre outras uma do marquez *de la* Jaille, amigo intimo do nosso futuro commandante.

— Bom, lê-nos isso...

— Julgo que não é máo, porque se tracta de uma aventura das mais singulares; é um romance, cujo desenvolvimento é a proxima chegada do conde de Vaudrey.

— Lê, lê, maldicto tagarella, bradaram os intimos.

— Ahi vai. Escutai o que me escreve la Jaille.

«Ordinariamente vos queixais de que as minhas cartas são curtas, meu amigo; ahi vai esta, que, penso eu, não merecerá o mesmo reproche. Serei prolixo, porque se tracta de um dos meus amigos mais intimos, sob as ordens do qual ides navegar, e nada quiz ommittir de uma aventura, de que estou bem certo a inveja e a malidicencia se hão de esforçar de a fazer recair contra o meu excellente amigo o conde de Vaudrey. Eis-aqui o facto.

— Já nas minhas precedentes vos contei, a peça tão original que Vaudrey pregou a essa duqueza hespanhola, o seu disfarce, o seu retiro n'uma torre izolada, o seu gracejo ao principio mui innocente, e que, com grande pezar do meu amigo, posso vol-o assegurar, acabou de uma maneira mais séria. Mas tambem quem diabo podia esperar, em os nossos dias, que uma mulher levasse as coisas tão longe e tivesse a creancice de morrer de amôr! Que quereis! foi uma desgraça; mas heis de confessar que a Vaudrey era impossivel prevel-a.

«Como deveis imaginar, esta aventura poz Vaudrey mais em moda do que nunca; e no numero das mulheres que elle tem galanteiado, citarei a senhora baroneza de Cernan, que, segundo penso, vistes em casa da senhora princesa de Lorraine, donde se não tirou durante alguns mezes.»

— Ora essa! eu tambem a conheço, diz Monval; é uma mulher linda; mas de uma seriedade espantosa, segundo me disseram... Tambem essa!... Ora, ora... se eu soubesse!

— Cala-te ahi, diz Miran.

São Salvador continuou:

«Parece que um tal senhor de Saint-Cyr, tenente coronel do regimento de Borgonha, rendia tambem as suas homenagens a *madama* de Cernan, que as recebia, mas sem que elle, como outros, mais nada obtivesse; seu fim era, segundo dizem, o platonismo mais puro.»

— E queres tu que não desprese soberanamente a infanteria! exclamou Monval.

— Se me tornares a interromper paro a leitura, diz São Salvador e continuou.

«Não sei como nem porque meio Vaudrey afastou o marido e o mandou ter com o Saint-Cyr a Nevers, aonde este ultimo estava de guarnição; mas o que é certo, e agora conhecido em todo o Pariz, é que em quanto o marido o o amante platonico diziam não sei o que um ao outro em Nevers, o conde passou uma noite inteira com a baronesa na sua casinha.»

— Bravo! exclamou Monval, eis-ahi uma boa lição para a infanteria platonica...

«Por um acaso inconcebivel, tornou São Salvador, bem que as precauções minuciosas que o conde e a baronesa haviam, tomado parecessem dever engolir esta aventura no mais profundo segredo, duas cartas anonymas, lançadas, ao menos assim se suppõe, pela marqueza de Vaillé, que se viu sacrificada por Henrique a *madama* de Cernan, declararam aos senhores de Saint-Cyr e de Cernan que os haviam escarnecido a ambos, e que durante a viagem do marido a Nevers sua mulher se havia entregado a Vaudrey. O facto foi confirmado por uma das criadas da baronesa, que até então havia parecido mui affeiçoada á sua ama; mas que, provavelmente corrompida pelos infames que haviam machinado todos estes horrores; confessou tudo ao barão.

«Até aqui, meu amigo, apenas tenho feito o papel de narrador, ides agora saber como me eu tornei actor desta tragi-comedia.

«Ha tres dias recebi um bilhete de Henrique em que me pedia com instancia que me fosse ao seu palacio. Corri para lá, e achei-o bastante agitado. Estava á tua espera, me diz elle, porque tenho entre mãos um negocio para lastimar. Para mim é-me indifferente, mas a pobre da *madama* de Cernan ha-de estar afflictissima. Emfim, não importa escrevi-te para te pedir que sejas um dos meus padrinhos, e Crussol será o outro. Heide esta manhã encontrar-me na porta Maillot com os senhores de Cernan e de Saint-Cyr. Dois duellos ao mesmo tempo! lhe digo eu; mas o partido não é egual. O que elles chamam offensa foi egual, meu charo, me diz Vaudrey; a reparação tambem deve sel-o.»

« Partimos na sua carroagem, elle, eu, Crussol e o seu cirurgião. »

« A' porta do bosque, incontramos os nossos adversarios, os senhores de Cernan, de Saint-Cyr e de Maupas, que lhe serviam de padrinhos.

«Recompensámos largamente os guardas, que nos prometteram calarem-se, e fomos para uma rua assaz espessa.

« Tornando-se a esgrima muito incommoda ao senhor de Cernan por causa da sua excessiva nutrição, elle havia escolhido a pistola. Elle e Vaudrey deviam caminhar um para o outro, e atirar quando lhes parecesse, mas sem se aproximarem um do outro mais de dez passos.

« Foram collocados a vinte e cinco passos. Vaudrey estava tranquillo como de costume.

« O senhor de Cernan estava muito pallido ; e, ainda que fizesse um frio mui vivo, estava banhado em suor.

« Quasi a quinze passos de Henrique, o barão atirou, e a balla roçou pelo ouvido de Vaudrey, que tambem fez fogo, mas pela minha honra juro que não fez pontaria ao senhor de Cernan. »

— Era bom rapaz, diz o cavalheiro de Mouval interrompendo a leitura.

São Salvador continuou depois de um gesto de impaciencia.

« Quando os dois adversarios foram chegados a dez passos um do outro, o barão tremia tanto de colera, que a pistola lhe vacillava horrivelmente na mão. « Não estais com o vosso sangue-frio, senhor barão, lhe diz Henrique ; tranquillisai-vos, que eu esperarei. » Depois, endereçando-se ao senhor *de* Saint-Cyr. « Se quereis, senhor, estou ás vossas ordens, porque tambem tenho que tractar comvosco. »

« Este procedimento tão nobre, tão inesperado, e generoso, nos deixou por tal guisa estupefactos que nenhum de nós respondeu logo ; mas o senhor *de* Saint-Cyr, agradecendo a Henrique a delicadeza do seu procedimento, não quiz acceitar sem o consentimento do senhor de Cernan.

— E eu opponho-me a isso, exclamou o barão furioso ; o miseravel não ha-de morrer senão ás minhas mãos ; torno a repetir, opponho-me a isso : Saint-Cyr talvez que m'o matasse !.. » ajuntou aquelle furioso.

« Tendes razão, senhor barão, a cada um o que é seu, respondeu Henrique tranquillamente ; eu esperarei até quando quizerdes. »

« Estas palavras pareceram redobrar a colera do barão, mas, ao mesmo tempo, restituir-lhe a sua tranquillidade exterior ; de uma colera agitada, passou a uma raiva fria ; e o seu braço estava estendido e inteiriçado como uma barra de ferro quando disse a Henrique, com um medonho sorriso : « Vamos, vamos, senhor, bem vedes « que já não estou a tremer ; tomai « posição, que vos quero matar. »

« Henrique não respondeu, cortejou-me com a mão, o olhou fixamente para o barão. O tiro partiu ; mas não alcançou a Henrique, que, como da primeira vez, atirou ao acaso.

« Em logar de apreciar esta admiravel conducta, o barão atirou-se a

Henrique, n'um accesso de furor indizivel, e deu-lhe no rosto: « Isto ainda não está acabado, ouves; não hei-de sahir daqui senão morto ou depois de te haver matado. »

« Vendo eu similhante procedimento do barão, conhecendo a violencia de Henrique, julguei o senhor de Cernan perdido. Vaudrey ainda tinha na mão as suas pistolas descarregadas, é verdade, mas que lhe podiam servir de uma arma terrivel.

« Não vos posso explicar, meu amigo, qual foi a minha admiração, ao vêr Henrique ficar quasi tranquillo; só conheci, pela contracção das suas faces, que apertava violentamente os dentes uns contra os outros.

« Eu, Crussol e o senhor *de* Saint-Cyr, contivemos o barão, censurando-lhe o seu espantoso modo de proceder.

— Senhor barão, diz Henrique com o seu mesmo sangue frio, a vossa offensa muda os nossos papeis, ou ao menos torna-os eguaes. Para acabarmos com isto, proponho-vos a escolha de uma destas pistolas, das quaes só uma será carregada; appoial-ashemos sobre o peito, e tudo será terminado: porque, em verdade, estamos jogando jogo de creanças, e estamos abusando da complacencia destes senhores. »

— « Acceito, diz o barão.

« A nossa intervenção para o desviar de um projecto similhante foi baldada.

« O que havia sido proposto por Henrique foi posto em pratica; cada um delles metteu entre os dentes a ponta de um lenço. Démos o signal. Um só tiro partio, foi o de Vaudrey. O barão fez um giro sobre si mesmo, estendeu os braços e cahiu para o lado sem dar um grito; estava morto. »

— Diabo! diz Mouval.

— Com os demonios! accrescentou Miran.

São Salvador continuou:

« Juro-te *la* Jaille, me disse Vaudrey extraordinariamente commovido, que tudo no mundo teria dado para evitar esta horrivel necessidade: mas já eu tinha poupado duas vezes a vida daquelle furioso; não quero deixar-me matar como um cão sem tentar ao menos se acaso me poderia servir.

— « Agora estou ás vossas ordens, senhor, disse Henrique a Saint-Cyr.

« Em verdade, meu amigo, foi um espectaculo cruel vêr aquelles dois homens esgrimindo ao pé de um cadaver. Depois de dez minutos de combate, o senhor de Saint-Cyr foi ferido e desarmado; declarou-se satisfeito. Dizem que elle deixou o seu regimento e que se fez frade cartuxo. A baroneza de Cernan está provisoriamente retirada n'um convento.

« Eis-aqui meu amigo, toda a aventura; preferi contar-vol-a nos seus melhores detalhes, a fim de vos prevenir contra os boatos que a maledicencia poderia espalhar.

E' impossivel, como vedes, empregar mais honra, mais delicadeza e lealdade do que Vaudrey empregou na sua conducta, e todavia a inveja já tentou manchar um tão bello caracter. Mas estas odiosas manobras cahirão por terra para confusão dos malevo-

los. Porque não sei como por um instante correu o boato de que o conde fôra perigosamente ferido; a côrte e a cidade correram a saber delle, e foi quasi que um dia de festa quando souberam que nada tinham que receiar pelos seus dias. Elle hontem recebeu as ordens do ministro e de Sua Magestade. O rei despediu-o, é verdade que um pouco severamente, dizendo-lhe:

— «E' contra os inimigos da Fran-
« ça, que nós queremos vêr-vos em-
« pregar a vossa bravura. Parti, se-
« nhor, e procurai fazer com que não
« tarde que eu ouça fallar de um des-
« ses bellos feitos de armas a que nos
« haveis habituado. E' o unico meio
« de nos fazerdes esquercer a vossa
« desgraçada aventura, e de voltardes
« á nossa graça.»

«Esta mercurial não deve admirar-
« vos. O rei tem uma maneira de viver tão austera, que a conducta de Vaudrey lhe devia parecer mais para censurar do que realmente o era.

«Adeus, meu amigo, felicito-vos bem sinceramente por servirdes debaixo das ordens do conde, digam lá o que disserem; fallei-lhe a vosso respeito, e apresentei-o a vosso pai, para com quem elle teve tantas attenções e civilidades, que o velho general está agora fanatisado por elle, e cita-o, a todos os respeitos, como o modelo de um perfeito cavalheiro.

«Adeus, e adeus, todo vosso:

«*Marquez A. de La Jaille.*»

— Diabo! diz Miran, o nosso futuro commandante não emprega mal o seu tempo.

— Eis-ahi comtudo o que acho singular, diz Monval. O senhor de Vaudrey, depois de ter deshonrado o senhor de Cernan, matou-o sem defesa na presença de cinco pessoas, está muito desculpado e é muito desculpavel; em quanto que se o houvesse morto sem testimunhas seria olhado como um assassino. E comtudo o facto é absolutamente o mesmo.

— Sem duvida, tornou S. Salvador. Mas tambem, meu caro, nós vivemos em sociedade não somos selvagens.

— E demais, accrescentou Monval, o senhor de Cernan tomou a coisa bem ao serio.

— Escuta lá, diz Miran, eu sei viver tão bem como outro qualquer; mas, no logar delle, teria feito outro tanto, não por causa de minha mulher, mas por causa desse máo gracejo de me enviar a Nevers... com uma chuva copiosa, em quanto que... Diabo!... ha meio para arranjar tudo.

— Mas, em fim, que quereis! tornou São Salvador. Ha uma ligação; apesar do mysterio que se emprega, o marido sabe-o; agasta-se: mata-vos ou é morto por vós. Isto tem sido assim, é, e hade ser em todos os tempos. Tambem já nos não podemos fazer monges.

— Por isso, diz Miran, eu não procuro justificar o senhor de Cernan á custa do senhor de Vaudrey.

— Pois eu, tornou Monval, sou mais severo. Digo que houveram culpas de ambos os lados.

— Mas tambem tu és um duplicado Catão, diz São Salvador.

E os tres intimos terminaram o seu saráo conversando sobre este texto inexgotavel, que trouxe após si uma multidão de anecdotas, cuja variegada narração entrou pela noite dentro.

XXV.

RECOUVRANCE.

> Si tu avais adopté ce genre de vie sauvage pour châtier ton orgueil, à la bonne heure: mais tu ne l'as fait que par force. Tu serais un courtisan si tu n'étais pas un gueux.
>
> Shakspeare. — Timon de Athenas, acto 4.º, scena 3.ª

A cidade de Brest era então e é ainda dividida em dois bairros bem distinctos, pelo canal que fórma o porto militar e atravessa o arsenal.

Recouvrance, bairro ordinariamente habitado pelos marujos, officiaes inferiores de marinha, e mestres de cabotagem, era um aggregado de casas baixas e escuras, de ruas estreitas e lamacentas, e de beccos sem saída.

A rua das *Traves* era uma das melhores desse bairro miseravel. No meio dessa rua se distinguia uma casinha baixa, com os postigos das janellas pintados de tão lindo verde, com as paredes tão caiadas, que contrastava, por um aceio explendido, com os cazebres circumvisinhos.

Esta casa era aonde morava *madama* Thomaz, viuva do senhor Thomaz, patrão mõr dos *artilheiros burguezes*, e mãi do senhor João Thomaz, capitão da armada, official *azul*, e tenente da fragata Sylphide, commandada, como se sabe, pelo senhor conde Henrique de Vaudrey.

Eram cerca das duas horas da tarde e a viuva Thomaz, assentada n'uma grande e antiga poltrona de veludo de Utrecht de côr parda com largas guarnições encarnadas, lia a imitação de Jesu-Christo com profundo recolhimento; tinha os pés apoiados sobre um pequeno tamborete do mesmo estofo que a poltrona. Uma roda de fiar e uma roca, que estavam ao lado della, assás indicavam que esta piedosa mulher acabava de interromper o seu trabalho para se entregar a esta santa leitura.

A viuva Thomaz tinha os seus setenta e quatro annos. Segundo a moda da Bretanha, trajava um vestido de lã escura, e tinha posta uma coifa branca, tão apertada, que lhe não deixava ver nem um cabello.

A sua physionomia tranquilla e meiga annunciava uma alma resignada, e a luz do dia que entrava por uma janella estreita com pequenos vidros chumbados allumiava esse rosto austero á maneira de Rembrandt.

As paredes do quarto estavam nuas, mas aceiadas. O sobrado, cuidadosamente lavado e esfregado, offuscava pela sua alvura; ao fundo desta casa estava armado um desses leitos antigos, de uma largura desmedida, com sobrecéo, e quatro cortinas de sarja parda e vermelha como a poltrona; em fim, por cima de um grande fogão estava um máo retrato do fallecido senhor Thomaz, em uniforme de pa-

trão mór, e por baixo deste quadro estava pendurada uma espada, direita e curta, com largo punho de cobre, em que se viam incrustadas duas ancoras e a corôa real. Era a espada do fallecido artilheiro.

Não tardou que a porta da rua se abrisse, resoaram passos na escada, e o filho do fallecido Yron Thomas entrou subitamente.

João Thomaz era um homem de perto de trinta annos, de estatura mediana, hombros largos e quadrados. Nada no seu rosto havia de notavel senão o franzido das suas sobrancelhas louras; os olhos de um azul esverdinhado, e o seu rosto fortemente colorido annunciava um temperamento sanguineo e vigoroso.

João Thomaz, tenente da fragata *Sylphide*, estava empoado e vestido de pequeno uniforme de marinha, casaca, colete, e calções azues agaloados, meias brancas e largas fivellas nos çapatos.

Ao entrar, atirou o chapéo bordado para sobre uma cadeira, desfivelou o cinturão, tirou a espada, e aproximando-se da mãi, disse-lhe com voz breve: — Bom dia, minha mãi.

— Bom dia, João, diz a viuva, que, conservando o livro n'uma das mãos e os occulos na outra, parecia inquieta pelo largo silencio que seu filho acabava de interromper. Bom dia, João, tornou ella. Mas que tens tu? Vejo pelo teu modo, e conheço pelas tuas sobrancelhas que estás zangado.

— Sim estou, e tenho direito de o estar.

— Ah! meu querido filho, diz a viuva meneiando a cabeça com uma expressão de tristeza, meu querido filho haveis de ser sempre o mesmo, nunca heis-de ser contente com a sorte que Deus vos deu.

— Ah! pois sim... sim... Deus... se é que o ha, não se importa commigo, nem comvosco, minha mãi.

— Calai-vos, João; calai-vos, diz a viuva, levantando a mão em ar de authoridade, cessai de blasphemar assim, vós, a quem elle encheu dos seus dons, vós que pela sua graça chegastes a uma posição inesperada para pessoas da nossa condição. Lembrai-vos disto, João, e agradecei a Deus.

João ergueu-se com os punhos fechados; estava escarlate.

— Pessoas da nossa condição... da nossa condição... Ora ahi está... da nossa condição! Então um fidalgo não é feito como eu? porventura a sua voz tem mais dom que a minha para encantar o vento ou tempestade? por ventura, quando eu digo aos meus artilheiros: — Fogo! as minhas balas chegam menos pezadas e menos rapidas ao navio inimigo do que se fosse um fidalgo quem commandasse?

— Quem vos disse isso, meu filho? de que vos queixais? Depois que pela vossa coragem chegastes a um posto que devia exceder todas as vossas esperanças, não tendes até mesmo fidalgos debaixo das vossas ordens?

— Sim, tenho, e obedecem-me sem dizerem palavra.

— Então, João, que mais quereis?

— O' minha mãi, quereis-me enlou-

quecer: o que quero, é que me obedeçam sem que pareçam fazel-o senão á minha patente; o que eu quero, é outra cousa que não essa submissão passiva, fria, insolente, que me diz assaz que elles me não consideram senão como um homem de fortuna, um intruso no seu nobre corpo!

— Fallais de loucura, João, diz a viuva severamente, e razão tendes; sois um pobre louco, um louco consummido de inveja e de vaidade: e isso é, meu filho, uma miseravel loucura; porque; penetrai-vos bem disto, João, ainda que ámanhã fosseis almirante de França, não deixarieis de ser filho de Thomaz, patrão dos artilheiros burguezes; sem que podesseis esquecer que o vosso avô vendia peixe na ribeira.

— Por Deus! Por Deus! não digais isso, minha mãi.

— E eu quero vol-o dizer, tornou a viuva e quero-vos lembrar sem cessar a vossa origem, tão humilde como honesta, para vos mostrar quanto são vãos e loucos esses pesares que vos impedem de gosar o que tendes, fazendo-vos invejar o que não tendes, o que nada no mundo vos poderá dar, uma origem nobre.

— Eu! eu! invejar a nobreza! desprezo-a soberanamente, a nobreza! é uma palavra ouca, um prejuiso estupido, bom para impôr aos tolos e ás creanças: a nobreza, ora ahi está o que é muito para desejar! titulos devidos á baixeza, á prostituição ou á infamia!

— Calai-vos, senhor, calai-vos, diz a viuva vivamente. Bem dais a conhecer que a inveja é a mãi de todos os vicios, pois que vos arrastra até á ingratidão. Não é a um dos membros dessa nobreza, que atacais, que deveis o que sois? não é ás bondades do senhor marquez de Menneval já fallecido, de que vosso pai foi arrais e eu criada grave, que deveis a vossa educação e adiantamento? Torno a repetir, João, calai-vos, porque leio no fundo do vosso coração bem tristes verdades que em vão procurais esconder, e que envenenam a vossa existencia, disse a viuva empregando no filho um olhar pesaroso e desanimado.

— Pois bem! exclamou João com impetuosidade, sim, invejo-os, aborreço-os, detesto-os; sim, se alguma cousa ha que me seja odioso, é dever reconhecimento a um desses nobres insolentes que vos são uteis para vos humiliarem, para poderem dizer: Vedes aquelle homem, é creatura minha; vivia na lama, fui eu quem de lá o tirei!

— Mas, desgraçado, o que ahi estais a dizer, é horrivel! E' o mais detestavel orgulho, a inveja mais amarga que vos fazem usar dessa linguagem da mais negra ingratidão; pensai, pensai qual deveria ser a vossa posição, a julgar pela vossa origem: toda a vossa ambição devia ser de morrer arrais com vosso pai!

— Pois bem! então para que me tiraram dessa posição? Maldicção sobre aquelles que em mim despertaram paixões que deviam ficar adormecidas! maldicção sobre aquelles que me não dei-

xaram confundidos com as pessoas da minha classe, como vós dizeis! maldicção sobre aquelles que em mim desinvolveram necessidades, idéas que não posso, que nunca poderei satisfazer, e que, vós o dissestes, e é verdade, envenenam a minha vida, cheia, gloriosa que fosse como a de João Bart! Sim, maldicção sobre vós que me não afogasteis no berço, em logar de me arremessar n'uma vida de pezares e desespero!

E João Thomaz, exaltado, furioso sem saber de si, percorria o quarto a passos largos.

A estas derradeiras palavras tão crueis, a pobre mãi se havia erguido tranquilla e magestosa, appoiando-se com uma das mãos sobre a poltrona; com a outra apontou para a porta, dizendo:

— Saí, senhor! a cholera de Deus cairá sobre esta casa, porque um filho acaba de n'ella amaldiçoar sua mãi! repetiu ella com voz que cortava a alma.

E uma lagrima se deslisou pelas faces encovadas da viuva.

João não deu por isso, e continuou a passeiar com agitação pelo quarto.

Um terceiro personagem veio interromper esta scena triste e solemne.

Era o doctor Gedeão, cirurgião-mor da *Sylphide*, homem baixo, gordo, com faces avermelhadas e luzidias, empoado, com casaca de côr pardo-escura com gola e canhões de veludo carmezim, colete tambem de veludo e calções da mesma côr da casaca,

A' vista do doctor, a viuva se tornára a sentar e a pegar na sua roca, por náo querer tornar um estranho testimunha d'estas contendas de familia.

João havia reprimido um leve movimento de impaciencia, e encaminhado para o cirurgião estendendo-lhe a mão.

— Bom dia, doctor, que noticias trazeis?

— Só a da chegada do monstro do nosso commandante, que segundo dizem, ha-de aqui achar-se hoje ou ámanhã.

Esta noticia pareceu fazer uma impressão desagradavel em João Thomaz.

— Então, senhor doctor, porque chamais monstro ao senhor commandante? perguntou a viuva sem largar a roca.

— Chamo-lhe monstro, primeiro por que é commandante, e depois porque é nobre, um priveligiado, um *abuso*, como dizem os philosophos; porque é um d'esses *devoristas* que sustentam os *padrecas*, monstros de outra especie.

A estas palavras, a viuva alevantou-se, largou a roca e disse a seu filho: — Deixo-vos, João, tenho que fazer.

— Mas, minha mãi, eu vou sair com o doctor, rospondeu João pegando no chapéo e na espada.

— Ora, tornou Gedeão, achegando-se da viuva e rindo de uma maneira estupida e motejadora; ora! mãi Thomaz, a respeito dos padrecas es-

taremos sempre em desavença; eu combato o fanatismo em qualquer parte que o encontro,

— Vinde, vinde, Gedeão, diz Thomaz puxando o doctor pelo braço. Adeus, minha mãi, accrescentou elle chegando-se de sua mãi para a abraçar.

Mas a viuva retirou-se com ar severo, disendo-lhe unicamente:

— Adeus, meu filho.

João saíu com o doctor.

Estava-se nos primeiros dias de janeiro. O ar era frio e vivo, o céo azul, o tempo secco.

— Que tem tua mãi? diz Gedeão.

— Ora, que ha-de ter? respondeu João, sempre a mesma coisa, sempre encasquetada pelos nobres ou padres.

— Que tolice, meu caro! em logar de pôr essas gentes debaixo dos pés, como eu faço. Mas dize-me cá, João, queres ir dar um passeio pela estrada de Pariz?

— Vá feito, respondeu João, que parecia meditabundo. E se dirigiram para as portas de Brest.

O doctor Gedeão era uma vil parodia do infeliz caracter de João Thomaz, que, esse ao menos, tinha uma asperesa e fraquesa de inveja original e amarga contra tudo o que lhe era superior.

Mas o doctor Gedeão era um d'esses entes pequenos e vulgares, que por instincto nutrem, contra tudo que é superior, esse rancor rabugento e covarde que characterisa a variedade da especie canina que commumente se chama cão gôso.

Peço perdão d'esta trivialidade; porém só esta comparação póde pintar a especie de latido continuo do doctor contra tudo que lhe era superior.

O tempo ia excellente, e os nossos dois passeiadores, chegados que foram aos *boulevards* exteriores, encontraram muita gente, principalmente marujos e soldados.

João Thomaz, que ia revestido das insignias do seu posto, volvia para todos os lados o seu olhar de aguia, afim de ver se cada soldado, cada marujo lhe fasia a continencia militar devida ao seu posto, e de que o doctor se apropriava por metade, illudindo-se com esses signaes de subordinação que, de facto, só ao seu companheiro eram dirigidos.

João Thomaz, inflexivel sobre este artigo da disciplina, mais que ninguem, dava importancia ás honras e prerogativas devidas á sua patente.

Dois marinheiros muito embriagados, agarrados um ao outro, como costumam, pela ultima phalange do dedo minimo, e embaloiçando os braços, vinham, cantando em alta voz, caminhando em sentido inverso aos nossos dois passeiadores.

Era gosto ver aquellas caras avermelhadas, intumecidas de vinho e de alegria, aquelles hombros largos que se baloiçavam ás cadencias de uma cantiga bretã cheia de simplicidade.

João Thomás foi insensivel a este tocante espectaculo, e apenas ao longe os viu e ouviu, disse para Gedeão:

— Aquelles velhacos cantam bem alto; será possivel que nos não vejam?

— Creio que sim, respondeu o doctor empertigando-se, espero que se calem e nos comprimentem.

— Quereis dizer me comprimentem, doctor ; a continencia militar não vos é devida. Tolera-se, e nada mais.

— Então nós não temos patente de official.

Não pôde dizer mais, porque neste momento os marinheiros estavam mui proximos delles, e sua voz estrondosa vibrava com toda a força de seus largos polmões.

João Thomás, parou logo, mordeu os labios, e, fictando nos cantores olhar furioso, esperou-os na passagem.

Mas os cantores iam alegres demais para perceberem o ar furibundo do official ; passaram cantarolando e sem se descobrirem, coitados delles !

— Não me vêdes, canalha ? disse João Thomas com violencia deitando por terra o barrete de um dos *dilettanti* com as costas da mão.

— Não nos vedes, canalha ? acrescentou o doctor imitando João Thomás.

— Perdão, perdão, meu tenente, disse um dos marinheiros apanhando o seu barrete, não vos haviamos visto ; mas faz um vento tão velhaco que me fez saltar o barrete fóra da cabeça.

— Ah ! sim, o vento é que é velhaco ! disse o outro ; ainda um official va que seja ; mas um *mata gente*, um *não te curo* que teve o atrevimento de fazer cair sobre mim uma brisa de sôcos, é preciso que eu lh'os pague, quando não armo-lhe um temporal que...

— Que dizes tu, patife ! exclamou João Thomás precipitando-se sobre o marinheiro para dar.

— Eu digo que elle.

João Thomas interrompeu-o applicando-lhe vigoroso bofetão.

As primeiras palavras desta desordem havia-se junctado gente em volta dos dois marinheiros ; o tumulto cresceu mais, ajunctou-se muita gente, e duas ou tres almas caridosas foram procurar o sargento do posto de artilheria de marinha.

Neste momento um correio vestido de verde e com todas as costuras agaloadas de prata apareceu no alto da estrada, que, tendo neste logar um rapido declive, impedia que fosse vista em toda a sua extensão.

O correio moderou o galopar do seu cavallo, e metteu-o a passo para atravessar por entre aquelle ajuntamento.

— Ho, lé ! oh lé ! bradou elle, dai logar ás carroagens do senhor conde de Vaudrey, capitão de fragata !

Pouco tempo depois ouviu-se o estalido dos chicotes dos postilhões que condusiam uma grande berlinda tirada por seis cavallos, seguida por carros cobertos e por duas carruagens de posta que continham os criados de Henrique e as suas bagagens.

Apenas a fila de carruagens chegara ao meio do ajuntamento, o sargento de artilheria chegava tambem com quatro soldados para prender os delinquentes.

João Thomaz estava mais furioso que nunca, e o doctor, ainda mais encholerisado, se era possivel.

Ao vêr este tumulto, o conde de Vaudrey mandou parar a sua carruagem, e chegando-se á portinhola, perguntou : — sargento, que é isto ?

— Meu official, respondeu o sargento, que levou a mão ao chapéo ao vêr a cruz de S. Luiz que Henrique trasia, são dois marinheiros embriagados que insultaram o seu superior.

— E isso não é da conta senão do seu superior, disse arrogantemente Thomas voltando-se para o conde, e esse superior sou eu, primeiro tenente da fragata *Sylphide* ; por isso continuai vosso caminho.

— Então; senhor, disse Henrique sorrindo, permittir-me-eis que dê graças a este encontro pois que me proporciona fazer conhecimento com o meu tenente, que, como vejo, intende perfeitamente de disciplina. Eu sou o commandante da *Sylphide*, o conde Henrique de Vaudrey.

João Thomas fez uma carecta energica, comprimentou Henrique e disse secamente ao sargento : — Ponham esse homem a ferros.

— Tenente, disse Henrique com ar bondoso, tende a bondade de perdoar a esses pobres diabos ; quando um condemnado encontra a carruagem do rei, tem o seu perdão. Eu que não posso deixar de vol-o confessar, sou um tanto rei a bordo do meu navio, quereria neste momento gosar de uma das mais preciosas prerogativas, a de perdoar.

— Se é pelo insulto que estes homens me fiseram, commandante, que quereis perdoar-lhe, podeis fazel-o ; mas é me precisa uma ordem por escripto disse Thomas com azedume.

— Eu não dou ordens, senhor ; pedia-vol-o como um favor, não tractemos mais disso. Anda postilhão, disse Henrique lançando-se para o fundo da sua carruagem. E as seges bem depressa desappareceram.

Dois minutos depois que o ultimo carro da bagagem do conde passou, appareceu no alto da estrada uma carroagem de posta, seguindo a mesma direcção.

Nella iam Perez e Ritta.

XXVI.

RECEPÇÃO.

Egmundo — Eh bien ?
Ricardo—Je suis prêt, et il y a trois messagers qui attendent.
Egmundo —Tu trouves peut-être que jé suis resté trop long temps ?
Tu fais une mine de une aune.
Ricardo. — Pour me conformer à vos ordres, il y a fort longtemps que j'attends.
GÆTHE. —Egmundo, acto 2.º

Era no dia seguinte da chegada do conde a Brest.

O sino do arsenal de marinha batia onze horas e tres quartos, quando o o tenente João Thomaz, acompanhado pelo doctor Gedeão, bateu ligeiramente á porta de uma das mais bellas casas da praça d'Armas.

O tenente ia em grande uniforme da marinha real, uniforme azul com duas ordens de galões de oiro nas mangas, colete, calções e meias escarlates e fivellas de oiro.

O uniforme do doctor era muito mais modesto: consistia n'uma casaca parda escura com virados e canhões de veludo carmezim agaloado somente nas casas; colete e calções da mesma côr e meias azues.

— Estes canalhas destes criados que elle traz comsigo não nos ouviriam, diz o tenente Thomaz com cholera batendo segunda vez.

— Fazem-se surdos ca para a gente como nós, ajuntou Gedeão com um sorriso maligno tornando a bater.

A porta se abriu, e o tenente fez uma careta desdenhosa á vista de quatro ou cinco criados com rica libré postados n'uma ante sala da casa que de costume habitava o conde de Vaudrey quando estava em Brest; a sua fortuna permittia-lhe ter uma casa sua em cada um dos tres portos militares, aonde o seu serviço o podia chamar.

Um dos criados abriu a porta de uma primeira sallasinha, em que se achavam dois criados graves vestidos de preto, que perguntaram a João Thomaz os elle era o tenente do senhor conde de Vaudrey.

— Sou o tenente da fragata *Sylphide*, respondeu com azedume João Thomaz.

Por esta resposta, o lacaio o fez entrar com o doctor n'um vasto salão; annunciando-lhe que o senhor conde, occupado por um instante, senão faria esperar.

E' peior que um ministro, palavra de honra, disse o tenente com desprezo.

— E são estes os homens que devoram o suor do povo, como se por ventura não podessem elles mesmos vir abrir as portas, acrescentou Gedeão estoicamente.

— Ora vêde, vêde, doctor, tornou Thomaz mostrando ao seu amigo um movel de uma riqueza maravilhosa, vêde, que luxo! e tudo isto para passar quinze dias ou tres semanas n'um porto: com effeito, é aonde póde chegar o ridiculo!

— E' infame, é atroz! redarguiu Gedeão, sem metter em conta os sete lacaios tratantes e mandriões que sustenta audaciosamente, em logar de fazer delles membros da sociedade. Sim, se eu fosse rei, havia de obrigar os grandes a dar uma profissão aos seus criados; havia de fazer delles estimaveis serralheiros, dignos pedreiros, virtuosos sapateiros, que trabalhassem gratis para o povo, e ainda lhes havia de ficar tempo de servirem seus amos nas horas vagas: havia de gostar mais da libré do artista do que da do cortesão! exclamou o doctor n'um impulso de philantropia.

O tenente parecia não prestar a maior attenção aos systemas economicos e philosophicos do doctor, porque olhava para o seu relogio com uma expressão de prazer maligno.

— Bom! meio dia, exclamou elle, meio dia; e eu havia dado ordem ao estado maior para que se achasse aqui ao meio dia em ponto: os officiaes não vieram; presos. Ah! senhores fidalgos, haveis de pagar cara a vossa insolente submissão.

— Tambem prevenistes o capellão, tenente? perguntou o cirurgião.

— O abbade de Cilly, sem duvida.

— Tambem elle terá ordem de prisão?

— Ah! meu Deus! não estão elles fóra do nosso alcance, e do de todos?

— Deixai-me com elle, tenente, eu vos vingarei, disse gravemente o doctor, vereis que nos havemos de rir muito; abraçal-o-hei com muito agrada, eu que sou atheu de direito porque estudei a anatomia: sim venha elle ca fallar nessas tolices de religião, que eu lhe direi: Padre, achais-me no corpo alguma coisa que se chame esperança ou charidade? Deixai estar que muito nos hemos de rir. A proposito, conheceis o tal tartufo?

— Não, nunca o vi; ha pouco que chegou, e nunca sái, segundo me disseram.

— E' talvez gotoso como o outro, tornou o doctor, um velho animal de *Deo Gratias*!

Ah! senhor abbade, senhor padreca; não invejo a vida que hei de levar, porque, primeiro que tudo os homens são livres, e não se devem deixar embrutecer pelos prejuisos.

Neste momento o criado grave annunciou:

— O senhor abbade de Cilly.

— Ahi vem o tartufo, disse Gedeão com ar girio acotevelando o tenente.

Mas quando os dois companheiros viram o homem que entrava, a expressão de despreso, que lhes o rosto denotava foi para logo substituida pela de uma admiração profunda.

O abbade de Cilly era homem de trinta annos pouco mais ou menos, de estatura alta e nobre; o seu rosto pallido era de uma belleza severa, e o seu trajar ecclesiastico todo preto era apurado e elegante.

Mas o que sobretudo destinguia este homem, era um olhar penetrante, de uma fixidade embaraçante, e o faiscar que ás vezes saia de sem olhos grandes meio encobertos por compridas palpebras.

Pelo andar desembaraçado e firme do abbade, pela maneira livre e altiva como alevantava a cabeça, adivinhava-se á primeira vista que vivera n'outra parte que não no seminario, porque não se lhe achava no porte essa timidez simples, esse acanhamento religioso e tocante dos moços padres que sempre viveram n'um santo e casto retiro.

O que predominava tambem no todo da figura do abbade, era a expressão de uma gravidade austera, mas sobretudo desdenhosa; era tambem um ar de conscienciosa superioridade que por si mesmo impunha a quem o via Este exterior, tão opposto áquelle de que o doutor Gedeão havia gratificado o abbade, produziu singular estupefacção nos dois marinheiros.

O padre assentou-se sem dar mostras de os ter visto; e encostou a cabeça á mão, pondo-se a reflectir profundamente.

O cirurgião acotovelou o tenente, como para lhe dizer: — Vós que sois atrevido, fallai-lhe,

Então o tenente, superando a espe-

cie de turbação em que o lançára esta imprevista apparição, disse com voz breve e dura: — Abbade, as minhas ordens foram para que se reunissem aqui antes do meio dia, e é meio dia, e vinte minutos; para o diante sêde mais exacto, ouvís, abbade?

Este não se moveu, continuou a estar encostado á mão.

— Abbade, o tenente falla-vos, diz o doctor, animado por um olhar de Thomaz, tocando no braço ao sacerdote.

Este ergueu lentamente a cabeça e empregou no cirurgião um d'esses olhares demorados que parecem querer atravessar a alma daquelles em quem se fitam, e disse com voz tranquilla: — Que quereis, senhor?

— Este senhor quer-vos fazer observar que vos dirigí a palavra para vos dizer, que, tendo dado ordem para que se reunissem aqui ao meio dia, estou admirado... de que vos demorasseis..,. mais vinte minutos... diz Thomaz.

O começo da phraze de Thomaz havia sido pronunciado com voz clara e breve; mas, ao terminar, o olhar fixo do abbade produziu o effeito do costume; e, apezar de seu despeito e firmeza, foi o tenente obrigado a baixar os olhos, balbuciando as ultimas palavras.

— Então, senhor? tornou o abbade.

— Então! abbade, disse o tenente recuperando novas forças, espero que tal não torne a acontecer.

O abbade respondeu lhe com doçura: — Estive a fechar os olhos de um moribundo.

Depois, encostando novamente a cabeça á mão, pareceu recair em o seu meditar.

Neste momento um ruido confuso de passos se fez ouvir por detraz da pórta, e o criado grave annunciou successivamente:

— O senhor marquez de Miran.

— O cavalheiro de Monval.

— O barão de São Salvador.

— Desculpai-nos, tenente, diz o marquez de Miran, vimos da taberna, aonde acabamos de fazer as nossas despedidas aos officiaes do *Brilhante* que sáe na vasante.

— Conservar-vos-eis prezo vinte e quatro horas, senhor, diz Thomaz; eu havia dado ordem para o meio dia.

O marquez de Miran fez um signal aos seus camaradas, e todos tres comprimentaram o tenente, sem lhe dizerem mais palavra, e pozeram-se a conversar entre si alegremente.

Ao ouvir dar meia hora, o tenente não pôde reter um movimento de impaciencia; e, entreabrindo a porta da primeira salla, perguntou com altiveza ao criado:

— Então o commandante não estará hoje visivel?

— O sr. conde não póde tardar, respondeu o lacaio.

O tenente fechou a porta com violencia, dizendo: — Está lá fechado com alguma rapariga, com o alfaiate ou com o cosinheiro, em quanto que bravos e francos marinheiros fazem antecamara como lacaios! ahi está aonde leva a insolencia do titulo ou do posto!

Estas furibundas declamações foram interrompidas pela chegada do conde.

Logo que Henrique entrou, todos os officiaes se levantaram; e então se viram dois novos personagens que se haviam reunido ao estado-maior da fragata: eram Rumphius e seu irmão Sulpicio.

Rumphius, engolphado como de costume nos seus calcalos a perder de vista, estava pregado n'uma poltrona; o pobre Sulpicio, todo envergonhado, todo confuso por se achar em similhante sociedade, e por vêr a distracção de seu irmão, embalde lhe puchava pelas mangas da casaca dizendo-lhe em voz baixa: — Meu irmão, ahi está o conde de Vaudrey; meu irmão, levantai-vos!... Trabalho e palavras perdidas. Sulpicio tomou então o partido de ficar ao pé de Rumphius, em quanto que os officiaes rodeavam Henrique.

— Meus senhores, diz Henrique, com engraçada affabilidade, mil perdões vos peço por vos ter feito esperar, porém eu tinha que terminar alguns negocios; de cuja importancia podeis julgar, pois que me impediram de ter a honra de vos receber mais cedo.

— Com effeito, commandante, ha meia hora que aqui estamos á espera, disse Thomaz com modo secco.

— Ah!, senhor, diz Henrique sorrindo, affianço-vos que são mais para lastimar os que fazem esperar do que os que esperam; não é assim, senhor? ajuntou elle com ar folgasão.

— Assim o creio, commandante, diz São Salvador estouvadamente; estaes a prégar de convertidos; pois que nós mesmos acabamos de ser prezos por nos havermos feito esperar.

— Ah, senhor, diz Henrique ao tenente em ar de amigavel censura, espero ser desta vez mais feliz do que da primeira, e que me não heis-de recusar o perdão destes senhores?

— Todos os homens são iguaes, commandante, não vejo rasão para que se deva ter mais indulgencia com um official nobre do que com um pobre marinheiro.

— E elle que os tracta perfeitamente, pobres marinheiros! diz baixinho São-Salvador.

— Basta, senhor, tornou Henrique com modo frio e polido. Tende a bondade de me apresentar nominalmte estes senhores.

O tenente fez uma cortesia e começou:

— O senhor *de* Miran, segundo tenente. *De* Miran fez uma cortesia.

— E' para mim um feliz presagio, senhor *de* Miran, diz Henrique, ter a meu bordo um dos officiaes que com tanta bravura começaram a guerra pelo immortal combate da *Belle-Poule*; e bem certo estou agora, senhor de Miran, que *Sylphide* nada terá a invejar á sua gloriosa rival, e que acabará a guerra como a *Belle-Poule* a começou.

Miran fez uma cortesia e passou.

— O senhor *de* Mouval, segundo tenente.

— Somos antigos conhecidos, bem que nunca nos tenhamos visto, senhor *de* Monval, diz Henrique; e

comtudo reconhecer-vos-ia a bordo de qualqner navio que fosse, pelo fogo da vossa bateria; porque, por occasião do combate de 17 de Abril, o senhor almirante de Guichen, de que eu era ajudante de campo, disse ao mostrar-me o fogo da bateria inferior do Robusto, que era tão sustentado e continuado que parecia uma listra de flumina. Vedes aquella bateria, Vaudrey, aposto que é o cavalheiro de Mouval quem a commanda. Não ha ninguem senão elle que faça manobrar assim a artilheria! ereis vós, não é assim?

— Sim, commandante.

— Estava certo disso, possuindo-vos a meu bordo, senhor *de* Monval, vou ter bastantes invejosos; mas não tenho força para vos occultar que mui satisfeito fiquei; porque me fazeis comprehender o egoismo.

— O senhor de São-Salvador, guarda-bandeira.

— Tive a honra de ver em Versailles o senhor visconde de São-Salvador, vosso pai, o qual se dignou recommendar-vos a mim; mas confesso-vos que infelizmente as suas recommendações foram inuteis... porque a brilhante parte que tomastes no combate da *Aguia* contra o *Sadwick* vos tinha já collocado a meus olhos como um dos moços officiaes da marinha de el-rei, que dá maiores esperanças.

São-Salvador cortejou e seguiu-se.

— O senhor doctor Gedeão, cirurgião mór, diz o tenente.

— Senhor doctor, diz Henrique, muito conto comvosco no tempo de paz e de guerra sobretudo, sois a nossa providencia; peço-vos que disponhais sempre de mim, para tudo que poder ser util ao bem estar dos marinheiros.

Gedeão fez uma desastrada cortesia e foi tropeçar, elle e a sua espada, nas pernas dos officiaes.

— O senhor abbade de Cilly, capellão, diz alfim o tenente.

A' vista do abbade, Henrique não pôde reter um movimento de assombro; porque de costume as funcções de capellão eram desempenhadas por membros do baixo clero, cujo porte e conducta algumas vezes não estâvam em harmonia com as augustas funcções que a bordo preenchiam.

Com o habito que elle tinha do mundo, Henrique podia logo classificar um homem pela maneira de cumprimentar, de andar, de se apresentar. Por isso, ao ver aquelle capellão de uma especie tão nova, Henrique ficou maravilhado de surpreza, e quando lhe endereçou a palavra, a sua voz teve um acento de consideração respeitosa que até alli não havia tido.

— Senhor abbade, diz Henrique comprimentando-o, tenho sempre admirado profundamente a sublime abnegação dos ministros que se dignam partilhar os nossos perigos, affrontar os mesmos riscos que nós, com o admiravel fim de adoçar os nossos ultimos momentos. Permitti-me que vos assegure de todo o meu respeito e dedicação pela santa missão de que sois encarregado.

O abbade fez ligeira cortesia, e disse a Henrique: — O meu tempo não me pertence, senhor conde, desculpai-me se me retiro.

— Ficai sabendo, senhor abbade, diz Henrique, que eu quero que a meu bordo ninguem tenha o direito de vos pedir conta de um só dos momentos de uma vida tão nobremente empregada.

E o conde conduziu respeitosomente o capellão até á porta da sala de espera.

Quando Henrique voltou á sala viu os seus officiaes em roda do desventurado Sulpicio, que se fazia pallido, encarnado, verde, de todas as cores, sem saber o que havia de fazer vendo-se alvo dos olhares de tanta gente.

— Como sois vós, Sulpicio, lhe diz Henrique com bondade; meu Deus, não vos tinha eu visto! tambem vós aqui estaes, Rumphius... Rumphius!

Sendo estas palavras pronunciadas por outra voz que não era a de Sulpicio, que parecia já não fazer impressão no tympano do astronomo, estas palavras, digo, o fizeram tornar em si: esqueceu-se e olhou para todos que o rodeavam com um sangue frio extraordinario.

— Ah! bom dia, senhor conde; eu estava occupado a computar aproximadamente a curva da Ursa menor, que os indios chamam a perola de Maniwah.

Depois voltando-se para seu irmão: — E' preciso, Sulpicio, que sejais bem parvo para me não terdes prevenido da presença do sr. conde.

— Preveniu-vos, sim, diz Henrique. preveniu-vos, meu velho e digno amigo, mas o calculo vos absorvia.

— E' verdade que assim algumas vezes me acontece, diz Rumphius; estou aqui no meio dos homens como o brahme Ridday.

— Meus senhores, apresento-vos o senhor Bernardo Rumphius, um dos nossos mais sabios astronomos, que hade fazer a campanha comnosco. Agora, senhores, já todos nos conhecemos. Tendes por tenente um dos mais bravos officiaes da nossa marinha. Sim, senhor Thomaz, conheço todos os vossos combatentes, desde o do lugre *o Cervo*, pelo qual começastes a vossa bella cerreira maritima, até ao que sustentastes contra o brigue *Macrity*, e que tão justamente vos valeu o posto de capitão de artilheiros. Estou certo agora, senhores, que o nome da nossa fragata vai tornar-se um dos fastos da nossa marinha, e que a bandeira da França não podia ser confiada a mais esforçados officiaes. Esta convicção causa-me tanto prazer como ufania; porque ter o direito de vos commandar, é mais que um posto, senhores.... é uma honra.

— Hemos de fazer o nosso dever, commandante, porque a lei, as recompensas ou promoções são ou devem ser iguaes para todos: punição ou recompensa, a cada um segundo o seu merito, diz Thomaz seccamente.

— E' tambem assim que o eu entendo, diz o conde, sorrindo; e, para vol-o provar, tornarei a pedir-vos o

perdão para estes senhores; porque tambem eu vos fiz esperar, e não sou castigado; ora, peço a igualdade para todos, como acabais de dizer.

— O senhor commandante bem sabe que nenhum direito teria eu de o punir ainda que me fizesse esperar seis horas á sua porta; eu estou debaixo das suas ordens, assim como estes senhores estão debaixo das minhas; o castigo que lhes infligi é justo, e hão-de soffrel-o, salvo se o senhor commandante me der ordem formal para os soltar; então soltal-os-ei!

— Pois, senhor, disse Henrique com impaciencia, como a toda a força quereis uma ordem, eu vol-a dou. Depois, dirigindo-se aos mancebos: — Posso esperar senhores que me fazeis a honra de vir esta noite ceiar comigo, pois que estais soltos?

Os mancebos inclinaram-se.

Conto sempre comvosco, senhor, disse Henrique a Thomaz, que precedentemente convidára.

— Não poderei ter essa honra, commandante: ceio sempre com minha mãi,

— Tanto melhor, disseram em voz baixa os officiaes.

— E' um motivo bem respeitavel e que aprecio, com quanto lastime que me prive do prazer de vos ter em nossa companhia. E vós, doctor?

— Não poderei ter essa honra, commandante, repetiu o echo de João Thomaz, porque ceio todas as noites em casa de... de... em casa... de... do mestre de clarinetta, diz ingenhosamente o doctor Gedeão depois de haver largo tempo procurado uma desculpa verosimil.

— Ah! meu Deus! diz Henrique com ar admirado, acaso tocareis clarineta, doctor?

— Julgo eu, que a todos os homens visto a sua egualdade, é *licito*...

— Tocar clarinetta... é uma verdade incontestavel, doctor; mas nem a todos desgraçadamente é *licito* deixar de os ouvir; é n'isto que a natureza é injusta. Muito vos lastimo doctor. Até á noite, senhores.

E Henrique, tendo despedido o seu estado maior foi para o seu quarto.

XXVII.

A TABERNA.

> — Vous vous êtes retiré bien subitement, dit l'aubergiste á son hôte.
> — Il était bien temps, lors que le diable est venu s'asseoir au milieu de nous.
> WALTER SCOTT. *Kenilworth.*

Seis dias depois da chegada do conde de Vaudrey a Brest, dois companheiros conversavam tranquillamente em uma modesta taberna na rua do Rato na Recouvrance.

Era uma salla bem vasta, cheia de mezas compridas e de bancos de carvalho, allumiada por candeias de ferro penduradas na parede, e aquecida por uma chaminé immensa que volvia quasi até ao fundo da casa seu calor vivificante e seus reflexos avermelhados.

Os nossos dois homens haviam com complacencia approximado a sua pequena meza do panno da chaminé, e

ahi, com os pés sobre os cães, os cotovellos encostodos á meza, tendo por terceiro uma vasta vasilha de estanho cheia de não sei que bebida fumegante pareciam estar praticando de uma maneira mui amigavel.

O mais edoso dos dois parecia ter cincoenta annos; mas a sua estatura vigorosa, suas feições decididas, seu ar alegre e saude perfeita annunciavam uma velhice verde, ainda cheia de seiva e de força.

Este personagem estava esmeradamente empoado, e seus cabellos sem bolsa, eram atados atraz por meio de um pequêno circulo de couro, sobre o qual se via, incrustradas em cobre, duas peças e uma ancora debaixo de uma coroa real.

Afora esta simples insignia militar, o seu vestuario era mui simples e burguez: casaca côr de castanha escura, colete de camurça, pantalonas e meias pardas; juntai a tudo isto uma alta gravata branca, na qual escondia algumas vezes a cara até ao nariz inclusivamente, de maneira que não se lhe viam então senão dois olhinhos negros e a fronte rude e burgueza, em que os pós faziam resplandecer a tez vermelha.

Quanto ao moral, o nosso homem parece o mais doctoral do mundo; a sua maneira de fallar era pretenciosa e muitas vezes incomprehensivel: porque tinha o costume de misturar na conversa uma multidão de palavras, cuja significação elle ignorava, e que por isso mesmo, lhe pareciam o sublime da bella linguagem; este senhor, primeiro que tudo, tinha um medo espantoso de se parecer com um marinheiro pelo seu modo de fallar trajar e maneiras.

Este personagem era Ivon Kergouet, natural de Ploermel, commandante dos artilheiros burguezes (1) embarcados a bordo da *Sylphide*.

O seu companheiro era Perez.

Perez trajava vestidos simples e de côr parda; mas o seu rosto magro e moreno parecia ainda cavado pelos derradeiros desgostos e crueis emoções que o haviam agitado.

Kergouet, que fumava em comprido cachimbo, estava involto em turbilhões de um vapor tão compacto, que estava completamente encoberto por detraz d'essa larga cortina, e a sua presença só se revelava por palavras sentenciosamente pronunciadas, que saiam de entre esta nuvem como a voz de um oraculo invisivel.

— Prodigalisais os prejuisos de não fumar, senhor Carlos (Perez havia mudado de nome); é uma falsa delicadesa, muito escrupulosa, porque, na natureza, tudo recebeu o dom de fumar, desde os volcões até á neve, como eu tive occasião de minuciosamente pre-

(1) Estes artilheiros burguezes formavam uma corporação que tinha as suas immunidades e regulamentos internos. Serviam n'este corpo de pai para filho, e, posto que submettidos á disciplina de bordo, os officiaes tinham por costume não os punir, mas encarregar d'isso o patrão que os commandava, e que tinha sobre elles uma tal influencia moral, que o castigo de qualquer leve delicto consistia, por exemplo, em não fallar ao patrão por espaço de oito dias. E com esta disciplina na apparencia tão clemente, o serviço fazia-se com um zelo e exactidão inconcebiveis.

O. A.

senciar com admiração na minha ultima campanha no polo do norte, em 1678, a bordo da *Louca*, debaixo das ordens do senhor capitão de Kerguelen. Assim, senhor Carlos, como a neve fuma, que era quem menos rasão teria para o fazer, parece-me que não commetteriamos indecencia imitándo-a.

Um accesso de tosse espantoso, que esteve a ponto de suffocar Perez, interrompeu a apologia do artilheiro.

— Tendes rasão, senhor Kergouet, diz Perez. Mas se eu tenho tosse, é porque ainda não estou acostumado ao tabaco; acostumar-me-hei a elle com vós outros os militares.

— Já tive a vantagem de vos dizer senhor Carlos, diz Kergouet, saindo agastado de entre a sua nuvem, que eu não era militar, mas sim artilheiro burguez, intendeis *burguez*, *burguez*, espantosamente *burguez*, diametralmente *burguez*;

Facil será conceber a apostrophe do patrão Kergouet, quando se couber que era elle o verdadeiro typo da sua corporação, a qual tinha o maior horror possivel a passar por militar; sem que por isso menos se batesse, mas era prodigiosamente aferrada ás suas immunidades de burguezia.

— Tinha-o esquecido, senhor Kergouet.

— Assim será. Mas, bem vêdes que se não devem tractar como militares homens que o não são. Nada ha menos militar do que a nossa profissão! Que fazemos nós? Limpamos as nossas peças a bordo, e eu julgo que isso é muito burguez; por limpar uma peça ou um balcão, é a mesma coisa. Se ha um combate, porque nós mettemos polvora nas nossas peças com uma balla por cima, como um tendeiro metteria uma noz moscada e pimenta n'um cartuxo, e lhe lançamos fogo... como se accende uma lanterna... invectivar-nos-hão de militares?! é uma falcidade, somos burguezes: porque o que nós fazemos em um combate não é senão burguez, e muito burguez.

— Mas quando vos bateis á abordagem, senhor Kergouet?

— A' abordagem... á abordagem! diz o artilheiro enterrando metade do rosto na sua gravata, como para ahi procurar um argumento, que sem duvida achou, porque redarguio mais aferrado que nunca ás suas pretenções a uma posição civil. A' abordagem! então que prova isso? Ahi vai um exemplo dominante. Suppunhamos que estaes tranquillamente na vossa casa, de repente vem uns scellerados para d'ella vos explicar abusivamente; pegais então n'um sabre, em uma haxa. um machado de abordagem, e caís sobre os scelerados. Pois bem! a abordagem, é a mesma coisa; o navio, é a casa de que somos burguezes: querem nos pôr d'ella fora, nós não queremos; n'isto nada ha de militar. E' ao contrario extremamente burguez, porque não ha um só burguez que não defenda a sua casa; e vel-o-heis, quando embarcardes.

— Sem duvida alguma, senhor Kergonet, tornou Perez. Mas, dizei-me, e vosso commandante, o senhor conde

de Vaudrey, é... um bom homem... um bravo official ?...

— Tanto como um burguez pode julgar d'essas coisas, senhor Carlos, bom homem, não ; bravo official, sim ; e a bordo é aspero como todos os diabos. Aconteceu uma vez, segundo me disseram, porque eu não o vi pontualmente, mandou castigar no cabrestante um artilheiro burguez, appreciaes isto, não é assim ?... um artilheiro burguez... em desprezo dos nossos direitos e imummidades !... Isto causou a bordo uma sedição terrivel entre os artilheiros, senhor, e, como os revoltosos avançassem para o commandante, matou um por sua mão, e ferio outros dois.

— E a equipagem ficou neutra senhor Kergouet ?

— Oh ! sem duvida : porque, postoque o commandante seja duro como uma bala, que os mande castigar ou pôr a ferros todo o dia, a sua equipagem lhe é dedicada : por medo ou affeição, lá isso é que na verdade não sei ; o que é certo é que d'esta vez ella se poz ao lado do commandante, e o ajudou a conter os artilheiros burguezes.

— E como é que vos decidis a servir a seu bordo, senhor Kergouet ?

— Ora, tanto se me dá de servir aqui, como acolá... e depois a fragata é boa, o commandante valente, e além d'isso temos na guerra parte na preza.

— Como, tendes direito a parte na preza ?

— Ora, como sois engraçado ! sem duvida, e tambem vós, como empregado no fornecimento, tendes direito a trezentos noventa e sete avos de uma parte ; mas não ficam só aqui as vossas abundantes doçuras, lá estão os comestiveis que o hão de pagar !

— Juro-vos, senhor Kergouet, que não procurarei ganhar.

— Ora isso é muito simples, meu charo ! Fostes ter com o commissario geral, e lhe dissestes : — Commissario geral, eu desejava ter um interesse nos viveres, com a condição de que hei de ser fornecedor a bordo da Syphide. O commissario disse-vos : Tomai um interesse de dez mil libras, e tereis o logar que quereis : — Pois sim, commissario, dissestes vós, e ahi está como entrastes para fornecedor a bordo da nossa fragata : bello logar, na verdade, alojado na entreponte, e com patente de official marinheiro. Quando se não é burguez, e o que melhor pode haver, porque ha quem seja s persticioso por tudo que é militar !...

— A proposito de supersticioso, senhor Kergouet, acaso será verdade que os marinheiros ainda estejam engolphados n'esse erro grosseiro e estupido que os faz crer na fatalidade e aos presagios ?...

A estas palavras, o artilheiro burguez enterrou tão de repente o rosto na gravata, que mal se lhe viam os olhos, que, devemos dizel-o, pareciam chammejar-lhe.

— Que tendes, senhor Kergouet ?

Sons cavernosos e inarticulados, mas cuja expressão parecia cholerica e ameaçadora, sairam sós da gravata em

que estava abysmado o semblante do respeitavel artilheiro.

— Mas, ter-vos-hei offendido, senhor Kergouet?

Sim, sim! diz o artilheiro abaixando subitamente a gravata e deixando ver o rosto vermelho de cholera, sim, offendido: porque o que chamais erros grosseiros, são cooperados por mim! e coopero-os porque tenho factos, exemplos.. e quando eu ouço um homem com cabellos brancos, que deveria ter mais astucia do que um rapaz, fazer similhantes perguntas, fico fóra de mim!

— Mas, senhor Kergouet, socegai.

— Que socegue... quando ouço chamar erros a coisas respeitaveis que eu mesmo absorvi! Será um erro o máo presagio de uma partida á sexta feira? Será um erro o presagio do fogo Santelmo? Será um erro o pensar que a maldição de Deus ligada a um homem basta para fazer perecer uma tripulação inteira, se esse homem não paga a sua falta por um castigo exemplar?

— Senhor Kergouet!...

— Não ha senhor Kergouet, nem meio Kergouet! exclamou o artilheiro exasperado. Erros... Pois bem! vou contar-vos o que chamais erro, um erro que eu agravei; ouvis, que eu agravei; ouvis, agravei... Escutai-me, e não me interrompais com a vossa contradição obstinada.

« Foi durante a campanha no polo do norte, na *Doida*, por uma bella tarde de agosto, pouco mais ou menos a 77º de latitude: achavamo-nos accomettidos, superiormente accomettidos de calma no meio de uma especie de caldeira cerrada por uma cadeia de montanhas de gelo; tudo o que os meus olhos podiam descobrir ao longe estava cheio de montanhas de gelo que nos diziam, isto é, que nos pareciam dizer: Desgraçados maritimos!.. o Oceano está tapado nesta parte e ha muito tempo.

« Como não havia vento nem que fizesse agitar as fitas do toucado de uma bella daña, o commandante toma o partido de passar a noite por esta calma: até aqui, vai bem; mas, lá pela meia noite, vem vento, cái neve que faz tremer, e um estalar, cem vezes mais forte que o do raio, veio admirar-nos bem extremamente; porque semilhante coisa annunciava que os gelos estavam em movimento, e que essas enormes montanhas, impellidas pelo vento, começavam de correr em pelaços, como costumam dizer-nos vossos rios. Cahia um nevoeiro diabolico, de maneira que era impossivel improvisar meio de sair daquelle funil; e a cada momento eramos em risco de sermos esmagados entre duas montanhas de gelo, como uma pulga fica entre as unhas.

« Toda a noite houveram transes espantosos; a cada abalo, julgavamos nós que íamos ser engulidos: felizmente o vento cessou sobre a madrugada; e, ao romper do sol, nós descobrimos essas montanhas, que se haviam estreitado umas de encontro ás outras, como noviços no dia do seu primeiro combate. Estas montanhas

desunidas pelo vento, formavam quasi um archipelago no meio do qual havia um canal livre e quasi desembaraçado de gelos, que a muito longe se prolongava.

«O commandante fez-nos pangayar a travez do canal, e tinhamos feito quasi tres milhas, quando em cima de um desses enormes bancos de gelo que bordavam o canal descobrimos a ponta dos mastros de um navio que hia correndo... correndo... »

Aqui a voz do artilheiro começou de abaixar-se, as suas feições tomaram uma expressão de terror, e as suas palavras tornaram-se menos pretenciosas.

«Mas, ah! senhor, jámais navio algum teve mastros e aparelho semilhantes; nunca velame foi orientado daquella sorte. Durante alguns minutos, vimos o navio fugir adeante da brisa que era fresca; depois de repente tocou n'um banco de gelo e parou logo.

«E o nosso commandante não teve a damnada curiosidade de ir ver o tal navio de perto? Atravessou no canal, mandou armar o escaler, nomeou-me para o acompanhar, e partimos.

«Ao abordar áquelle navio singular não tinha eu pinga de sangue nas veias. Ora imaginai que o casco estava como carcomido pelo tempo ou pelos gelos que o haviam estragado; ninguem apparecia na coberta, e estava cheia de neve de uma altura prodigiosa.

«O capitão chamou a equipagem muitas vezes á falla, mas ninguem respondeu.

E Kergouet calou-se, como para tornar a narração mais solemne.

Perez estava singularmente interessado por esta narração tão ingenua; e alem disso esta historia misteriosa ganhava em ser contada no meio de uma sala vasta e escura, allumiada fracamente pela luz moribunda das candeias.

As sombras dos dois conversadores se projectavam colossaes sobre o sobrado. Perez, impressionavel como um Hespanhol não pôde deixar de partilhar a especie de terror que parecia têr-se senhoreado de Kergouet á medida que elle ía adiantando a sua narração.

«Ninguem respondeu... continuou Kergouet depois de largo silencio. O capitão ía para subir á coberta, quando me deu na cabeça olhar por uma das portinholas da camara; e vi... vi... »

Kergouet passou a mão por seu rosto pallido, e enxugou algumas gotas de suor.

— Então, que vistes? exclamou Perez, cujo coração arfava a seu pezar.

— Vi, como vos estou vendo, um homem assentado defronte de uma meza pequena sobre a qual se via um livro e pennas.

«Bradei: O' do navio...

«Nada. Não respondeu, ficou immovel...

«Não podendo o capitão conter-se mais, subio ao convés: afastámos a neve que occultava a entrada da ca-

mara em que estava o homem immovel que não respondia.

« Entrámos na camara... e elle sem se bulir. Emfim aproximei-me... estava morto; um bolor esverdenhado lhe cobria as faces e escondia os olhos. O desgraçado havia morrido gelado pelo espantoso frio destas latitudes; ainda tinha a penna na mão, e o seu diario aberto deante de si. Sempre me recordo da ultima phrase que ahi estava escripta: « 11 de novembro..... Faz hoje 70 dias que estamos encerrados no meio dos gelos; o fogo acabou-se hontem e o nosso capitão, que causou todas as nossas desgraças porque era amaldiçoado de Deus, em vão tentou reavivar o lume: sua mulher morreu esta manhã... nada de esp...»

« E nada mais senhor, diz Kergouet com um sentimento de terror indefinivel; o frio se havia apoderado deste desgraçado. Na entre-ponte vimos corpos de marinheiros inteiriçados e inanimes, mas não desfigurados pela morte; porque aquelle frio tão penetrante os havia conservado. Emfim ao lado do cadaver de uma mulher estava o capitão assentado, e ainda tinha n'uma das mãos uma pedra, na outra um fuzil; e a seu lado algum panno queimado.

« Como podeis imaginar, esta vista era para pedir logo ao capitão que se não demorasse n'este navio damnado; e voltamos para bordo da *Doida*. bem vedes, senhor, o que é a maldição divina sobre um homem... até ultimo recurso se lhe perde entre as mãos: com pedra, fuzil e isca, aquelle maldicto não tirar uma faisca .... Maldicto... maldicto... Oh! não se saber de similhante maldicção antes de partir!...»

Como, e que se teria então feito? perguntou Perez.

— O que ha vinte annos se fez na esquadra do senhor marechal de Conflans... Havia lá um capitão *de sorte* como se costuma dizer; ninguem queria navegar com elle, as tripulações levantavam-se: foi obrigado a deixar a marinha; chamava-se o senhor marquez de Verriac. Bem bom official, não fallando n'isto.

— E' singular, diz Perez pensativo e ficou mudo por algum tempo.

— Meus burguezes, disse o dono da taberna, lá está o sino a tocar a recolher e a apagar o lume, é me preciso fechar a porta.

« E' justo, diz Kergouet pagando a sua garrafa de genebra.

Vamos, vamos, senhor Carlos, diz elle abanando Perez pelo braço.

Sigo-vos, senhor Kergouet. E accompanhar-vos-hei até vossa casa.

— Vamos lá, boa noite; não sonheis com o homem da casa verde! Mas é bem terrivel a tal historia, não é?

— Oh! terrivel respondeu Perez.

Depois apertou cordialmente a mão ao seu novo amigo, que lhe disse ao despedir-se: — Amanhã vírei dar-vos conhecimento com a *Sylphida*.

E Perez foi ter com Ritta, que o aguardava com impaciencia.

XXVIII.

A MULHER SEM NOME.

..... Oh! c'est honte et pitié;
Va, tu n'es qu'une brute, e tu n'as qu'une joie
Insencée, en pensant que je lâche ma proie!
Quand je devrais aller nu-pieds t'attendre au coin
Des bornes, si caché que tu sois, et si loin,
J'irai; crains mon amour
Garue, il est immense
Comme la mer.....

ALFREDO DE MUSSET, — *Les Morrons du feu*, (Contos de Hespanha e de Italia)

Em um modesto quarto na rua do Arsenal, Ritta vestida de homem, aguardava o seu escudeiro.

Não tardou que chegasse Perez, que acabava de deixar o artilheiro burguez, e contou toda a sua conversação á duqueza sem omittir coisa alguma, nem mesmo a historia do navio enterrado no gelo e victima da ira celeste.

Esta narração fez muita impressão na duquesa, que, erguendo-se açodada, foi buscar o livro de José Ortez que tractava de venenos, e o folheou com avidez.

Depois de procurar por alguns minutos, fez signal a Perez que lhe lesse a passagem que com o dedo lhe estava indicando.

Era ella concebida nestes termos: «..... e seus rostos se tornavam lividos, e o seu somno era agitado por sonhos horriveis, e perdiam a força e a alegria; e de valentes se tornavam fracos, e suas mãos de mancebos tremiam como se fossem de velhos, hiam emmagrecendo e estavam redusidos a espectros, e seus olhos desvairados giravam-lhe nas orbitas, e bem depressa morriam no meio de um horrivel delirio.

«Sim, por Habb'ay, assim era, irmão, porque Lhop'ays havia sacudido o pó do *tshettik* (1) de Java sobre o seu festim, e o pó mortifero havia mudado, ao cair sobre elle, o alegre festim em banquete funebre.»

Depois, olhando para Perez, disse-lhe Ritta.

— O logar que tens a bordo não é o encargo de distribuir os viveres á equipagem, Perez?

— Sim, madama.

— Pois bem, intendes-me? não pódes tu tambem, Perez, mudar os alegres festins em banquetes funebres, e tornar essa equipagem de esforçada, forte e moça em covarde, fraca e timida: afim de que, se ella encontrar o inimigo, recuse o combate, e assim o deshonre; afim de que, vendo o seu capitão ao abrigo d'essa mortalidade que os dizima, esses marinheiros supersticiosos o tomem por o maldito que sobre elles attrahe a vingança do

(1) O *Upas tinti*, e hamado em Java o tshettik, encontra-se no archipelago Indiano. Este veneno tem a consistencia de extracto gomusoso: assim como o acydo hydrocyanico, occasiona no systhema animal os phenomenos que acabamos de descrever. *Vide o Diccionario das sciencias medicas* e o *Tractado dos Venenos*, traduzido do arabe por José Ortez.

O. A.

céo? Porque, segundo me dissestes, elle não participa da comida da sua equipagem. Concebes então, Perez, essa revolta horrivel que excitamos tambem contando os seus duellos de morte, as suas seducções infames? Vel-o tu já deshonrado por uma fuga vergonhosa, exposto á raiva dos seus marinheiros?... Emfim eu não sei, não posso prever tudo, mas presinto-lhe uma horrivel e cruel agonia, Perez....

— Esse projecto é insensato, *madama*, diz Perez severamente.

— Insensato, Perez!

— Sim *madama*, insensato, porque esse projecto se assimilha ao que heis formado em Paris, e que uma fatalidade desesperante tão cruelmente desfez.... Insensato, como todo o projecto concebido no delirio de um odio que seria terrivel, se se contentasse com o possivel, e que se torna impotente porque quer muito e muito. Perdoai, perdoai a minha franqueza *madama*; mas, bem sabeis que me eu votei em corpo e alma a vós e á vossa vingança, *madama*, porque a minha familia se ha votado á vossa familia já de tres seculos· porque é uma herança de dedicação de que eu tinha o instincto mesmo antes de n'ella pensar; porque me é impossivel izolar-me de vossas penas ou prazeres; porque offender vos, é offenderem-me; porque insultar-vos, é o mesmo que insultarem-me, porque aquelles que se resignam a servir, *madama* não tem felicidade maior do que a felicidade de seu amo, *madama*.... E é porque eu olho a vossa vingança como minha que vos digo, que poupais singularmente esse homem; porque, emfim, pensais porventura que á força de querer tornar a vossa vingança completa vos póde ella talvez escapar? Vêde agora: são os acazos e os perigos da guerra que podem adiantar essa vingança; e se os inglezes vol-o matassem, *madama*! e se elle achasse uma morte gloriosa n'um combate honroso, antes que houvesseis podido executar o vosso projecto! não vos reprocharieis então de ter sacrificado tudo para obter tão pouco? e tambem d'essa fórma nenhum quinhão terieis na sua morte; não vos pezaria amargamente de o não terdes matado pela vossa mão, e mais cedo! porque a vida é tudo para esse homem, *madama*, acreditai-o, porque elle é feliz....

— Mas tu então não intendes, Perez, que é porque sei que elle ha de vir a ser desgraçado que lhe deixo a vida? e na desgraça, é um bem a vida, Perez? Se eu hoje o matasse, apenas elle soffreria um segundo, e nada mais; se ao contrario lhe eu tornar a vida inteira infeliz, essa vida que lhe eu deixo será o mais cruel instrumento do seu supplicio

— Mas, pelo inferno, *madama*, se elle fôr morto n'um combate....

— Estamos em guerra, e póde ser que...

Isso é impossivel, Perez, tenha aqui uma voz, uma consciencia, uma convicção que me diz que elle não ha de morrer, que me diz que heide ser vingada como o quero ser....

— Maldição, *madama*! isto é para bater com a cabeça pelas paredes; e é sobre uma baze tão fragil que ousaes assentar a vossa vingança? quando vos basta dizer uma palavra para ver este homem morto ámanhã .... morto d'aqui a uma hora .... morto já!!....

— Esse homem morto! esse homem morto! Bella vingança! por Satanaz! Se esse homem for morto... que hei de eu fazer da minha vida, desgraçado? Ah! julgas tu que me eu riscava do mundo, que descia para o tumulo antes de estar morta, que experimentava ao vivo tudo o que ha de ignominia, de abjecção na vida dos mais infames, e isso, para vêr soffrer esse homem só pelo tempo que eu precisasse para lhe cravar um punhal no coração?... Em verdade, Perez, perdes a cabeça; Perez, fazes-me do!...

— Oh! maldição sobre o dia em que escutei os vossos rogos, madama! maldicto seja o dia em que para sempre vos precipitastes n'um abysmo de pesares e desespero. . Maldicto seja eu que não fui matar esse homem! maldição sobre mim, que vos não pude dizer: Estais vingada, senhora duqueza! maldicto, maldicto seja eu! porque o vosso odio não ficará saciado, madama, sem que seja possivel volver atraz.

— Foi justamente o que eu quiz, homem fraco e timido, é justamente o que quero é que seja impossivel retrogradar, e assim é, e não póde ser de outra sorte, do que rendo graças a Satanaz; porque em mim sinto uma crença que me sustenta, e uma esperança que me guia. E se acaso, Perez, esta vingança vos parece louca, não vos associeis a ella, e seja a duqueza de Almeda morta para vós como o é para todos. Voltai á Hespanha, e podereis viver feliz em o nosso ducado, Perez; porque vereis nas minhas ultimas vontades que não esqueci os vossos bons e fieis serviços... Ide, Perez, ide, deixar-vos-hei sem azedume, porque muito tendes soffrido por minha causa; e isso é nobre e bello, Perez...

— Oh! *madama*, *madama*, diz o Hespanhol com uma emoção que cortava o coração, sentindo os olhos arrasados de lagrimas.

— Perdão, Perez, perdão; meu honrado escudeiro. Não, fiz-te injustiça, tu não me has de deixar, bem o sei; a tua morte completará uma vida de dedicação e de sacrificios. E demais, eu não poderei censurar os teus receios; porque não posso exprimir-te, fazer-te comprehender o que sinto interiormente, toda a força e poder que ha nessa revelação de que não sei dar a rasão, mas que me exalta, que me inspira e me dá a certesa que tenho de sair bem do meu intento. Isto será louco, sobrehumano, se assim o queres, mas assim é. Além disso o passado me dá o direito de me confiar no futuro. Porque, acaso não me ha tudo auxiliado, Perez? Vês tu, houveram dois duellos, um delles de morte, e elle escapou a ambos. Vês tu... somos presos, tiram-nos o nosso dinheiro, mas eu posso esconder os

meus diamantes e dar-tos; encarceram-nos, vens tu quebrar-me os ferros; podêmos deixar París, e vir até aqui sem sermos inquietados. Tudo isto, Perez, nao encerra prodigio? tudo isto não te diz que a fatalidade m'o guarda, m'o protege? emfim essa fé que em mim tenho, dize-me, não é essa fé que faz os homens grandes ou as grandes coisas? não é essa fé que faz emprehender e sair bem os projectos mais gigantescos? em quanto que uma multidão estupida ralha e se escarnece. Perez, aquelles a quem esta fé inspira seguem o signal mysterioso que os guia, esse signal para todos é invisivel; foi essa fé, Perez, que tornou Colomb tão forte, quando em meio de gritos dos seus marinheiros furiosos, tranquillo e sereno, lhes dizia elle: A America está alli... Quem lh'o havia revelado, Perez!... quem lhe dava essa confiança incrivel, a não ser essa voz interior, profunda, inexplicavel... mas não mais inexplicavel do que os outros mysterios da natureza? Não, acredita-me, Perez, o meu projecto é bom e a minha vingança certa; mas é mister que me jures, pela vida de tua mãi, conceder-me o que te eu vou pedir.

— *Madama*, tenho dito tudo que um servo leal podia dizer; agora se tal é a vossa fé, seguia. Obedecerei ás vossas ordens, assim o juro.

— Pois bem! Perez, promette-me que não has de attentar contra os *seus* dias, sem que eu diga: Mata-o. Promette-me em tudo executar as minhas ordens, sejam quaes forem.

— Assim o juro, *madama*.

— Pela vida de tua mãi.

— Pela vida de minha mãi, *madama*.

— Torno-te a encontrar, meu leal escudeiro, diz Ritta.

E se separaram.

XXIX.

JOÃO THOMAZ.

> Je retrouvais lá cette fatalité de l'ordre social qui me poursuit par tout.
>
> A senhora duqueza De Duras — *Eduardo*.

Ia partir de Brest a carroagem de posta de Lambeseleq, quando um homem alto, embrulhado em comprido gabão de marinheiro, e acompanhado por João Thomaz, poz a mão na portinhola, exclamando:

— Mais um instante! tu tens bem pressa de te fazeres ao largo, cocheiro do diabo!

— A' fé que iamos partir, por que já não contavamos comvosco, senhor capitão, diz o automedonte levantando um pouco o seu bonnet de pelle de rapoza.

— Pois bem, aqui estou; espera um pouco, tornou o capitão. Depois, voltando-se para Thomaz: Então, Thomaz, está justo, tem bastante cuidado em minha mulher e vigia-m'a bem.

— Não te prometto impedir coisa alguma, porque não tenho força para memedir em astucia e falsidade

com uma mulher; mas o que eu souber, has-de tu sabel-o; o que eu vir, sabel-o-ás tu: quer bem quer mal, dou-te a minha palavra de Thomaz, que nada te hei-de occultar.

— Está justo, Thomaz. Se se portar bem, serei bom principe para ella; se se portar mal... chamo-me Thiago Lerouge, e basta: então, adeus, Thomaz, tornou o capitão, atirando-se para a carroagem, que se afastou pezadamente.

João Thomaz, depois de ter visto partir essa pezada carroagem, dirigiu-se para os baluartes.

Como elle passasse pela Alameda, encontrou o doctor Gedeão.

— Ora, inda bem, Thomaz, que te incontro, porque andava a tua procura, diz Gedeão.

— E para que?

— Para te pedir um obsequio.

— Falla.

— E' uma miseria, Thomaz; o *monstro*... me havia ordenado...

— Que?... qual monstro?

— Ora, qual?... o commandante!

— Continúa.

— O monstro havia-me ordenado que todos os dias fizesse uma visita a bordo para verificar o estado sanitario da equipagem, o que é uma tolice da parte d'este vil cortezão; por isso eu não...

— E' ordem d'elle, é preciso executal-a; é o commandante, deves obedecer, diz severamente Thomaz interrompendo o cirurgião.

— Sem duvida; por isso obedeço. Mas por acaso hontem... imagina tu que.. não sei como te hei-de dizer isto, por que tu és todo escrupuloso n'estas coisas de amoricos.

— Anda lá, falla.

— Pois bem! eu tinha hontem ajustado encontrar-me com uma rapariguinha de Recouvrance que me ado-

— A ti, velho, tolo e feio, adorara. te, a ti! ou tu estás com a cabeça perdida, ou então pagas-lhe bem. Continua.

— Olha, que sempre és uma peça, Thomaz! diz o doctor occultando o seu despeito debaixo de uma apparencia de gracejo, sempre achas motivo para rir; mas não é assim como tu julgas... Para não faltar hontem á minha visita, desprezei as minhas duas idas a bordo. Ora, o monstro é tão severo na disciplina, que talvez me mande prender, e me obrigue por isso a faltar á minha visita de amanhã: em quanto que se tu quizesses sómente dizer ao commandante... que me mandaste a trez leguas d'aqui, ao hospicio Kerlo, visitar os marinheiros que nos deviam mandar para reforçar a equipagem, eu não seria castigado, e então...

— E' uma mentira que me pedes, não é assim?

— Isto não é mentir, Thomaz, é obsequiar um amigo.

— Uma mentira, não é assim, que faça desculpar uma torpeza e te dê meio para commetteres outras? Nunca.

— Comtudo, Thomaz...

— Nunca... Mereceste o castigo, has-de passar por elle.

— Mas a amisade...

— Qual amisade, eu não a conheço em serviço.

— Mas...

— Adeus.

— João Thomaz deixou o doctor descorçoado, mas pouco admirado; porque de ha mui o conhecia o character intractavel e inflexivel do tenente.

Com effeito, João Thomaz era homem de uma virtude severa, de uma austeridade de costumes fabulosa, de uma probidade irreprehensivel, de um valor a toda a prova; mas se a sua alma era pura como o aço, tinha tambem a sua frieza e dureza.

Incapaz de qualquer fraqueza, descobria, atacava sem piedade as fraquezas dos outros; nenhuma consideração humana era capaz de o impedir de fazer o seu *dever*, como elle dizia, e de desempenhar a missão de que elle mesmo se encarregara de perseguir o mal e o vicio em tudo e por tudo.

Devendo unicamente ao seu merecimento um posto assas emminente para um homem da sua condicção, o unico defeito de João Thomaz era uma inveja arraigada, um odio detestavel contra todo aquelle que pelo nascimento lhe era superior. E todavia João Thomaz, se fosse nobre, teria sido de uma altivez aristocratica inexoravel. Bem o provava elle pela brutalidade com que commandava os seus sobordinados.

Mas esse defeito, por assim dizer, só a elle prejudicava: era o seu verme roedor: semilhante inveja concenrada devorava-o. Porem nunca ella se trahia em as suas relações de serviço: porque, bem que grosseiro para com os marinheiros e officiaes que se achavam sob as suas ordens, era incapaz de cometter para com elles a mais leve injustiça; mas tambem não podiam esperar o mais pequeno favor se delinquiam.

Fóra do serviço, a sua virtude rigida e imperiosa a coisa alguma sabia domár-se. Nem as conveniencias, nem os usos admittidos, nem as exigencias de uma sociedade envelhecida, podiam passar a seus olhos por desculpas.

Irreprehensivel em seus costumes. queria que os outros assim fossem, Tractando a indulgencia de covardia, olhava os homens tolerantes como cumplices dos crimes que palliavam, e nenhuma differença fazia entre o assassino e aquelle que o não entregava ao algoz.

Sommado tudo, João Thomaz era o prototypo do homem rigorosamente virtuoso, virtuoso sem concessão, virtuoso sem piepade, virtuoso ao pé da lettra, se me quizerem permittir esta vulgaridade, unica que póde pintar a exactidão algebrica da intractavel virtude do tenente.

João Thomaz não tinha nem fé, nem crença religiosa. « A religião, dizia elle, é um meio bom para refrear aquelles que, sem esse apparato de penas e recompensas eternas, seriam miseraveis tratantes e velhacos. Eu tenho a consciencia assaz pura, a alma temperada com força bastante para fazer o bem pelo bem, sem receio como sem esperança do futuro.

«A relegião, disia, elle tambem, é boa para os fracos que, com o desgosto de deixar este mundo, ou na esperança de achar outro melhor, inventaram essa segunda vida eterna. Quanto a mim, disia elle, emfim, cá neste mundo nem sou assaz feliz nem muito infeliz para lastimar a existencia ou arreceiar a morte; e volverei ao nada d'onde saí, tendo tido na terra por deus a minha virtude, como religião a minha consciencia.»

Inutil é dizer que parecendo a João Thomaz os sonhos philosoficos da Encyclopedia, as theorias da egualdade e de regeneração social, os mais sublimes dos systemas, se mostrava por isso um dos mais ferventes sectarios das ideas novas. Ora, com os seus principios formados, com a sua firmesa inabalavel e virtude feroz, Thomaz não contava um só amigo á excepção do capitão Thiago Lerouge; porque uma especie de conformidade de caracter os havia approximado.

Thiago Lerouge, capitão de navio de corso, começára a sua carreira maritima navegando no commercio; foi ahi que se ligou com João Thomaz desde largo tempo: ora, sem egualar o tenente em rigorismo, o capitão Lerouge era o que se chama um leal marinheiro, fazendo o seu officio de corsario em tempo de guerra, e de official mercante em tempo de paz com a mesma probidade escrupulosa.

Eis-aqui um rasgo do seu caracter. Na ultima guerra, Lerouge commandava um bello brigue corsario de vinte peças; dá caça a um soberbo navio de tres mastros inglez que vinha das Indias, carregado de especiarias. Vendo-se tomado o tal navio; iça bandeira parlamentaria e manda a bordo do brigue um official para annunciar ao capitão Lerouge que um navio neutro, que vinha da Hispanha, lhe havia annunciado que a paz acabava de ser assignada. Para prova da verdade desta asserção, o capitão Lerouge contenta-se com a palavra de honra do official, e consente que o tal navio de tres mastros continue a sua derrota. Valia elle carregado como estava mais de um milhão, e foi tomado por um confrade, menos escrupuloso que Thiago Lerouge.

Tal era o unico amigo que João Thomaz possuia porque na marinha militar não os contava elle. Os seus costumes eram tão austeros, o seu espirito tão taciturno, o seu caracter tão sombrio, a sua linguagem tão rude, que ao cabo de oito dias estava, segundo a expressão usada, em quarentena: isto é, ninguem lhe dirigia palavra.

As suas relações com os marinheiros mais penosas ainda eram; de uma severidade excessiva, não lhes passando por coisa alguma, tractando-os com altivez e brutalidade, era por elles soberanamente execrado; mas a influencia da sua valentia e firmeza eram taes, que lhe bastavam para os conter nos limites do respeito e submissão mais completos.

Foi pois a este João Thomaz que o capitão Lerouge confiára a vigilancia de sua mulher.

XXX.

O COMMERCIO E' O LAÇO QUE UNE OS HOMENS.

> Valerie. — oh! sur ma parole, il est en tout le fils de son père, je jure que c'est un joli enfant.
>
> SHAKSPEARE — *Coriolan*, acto 1.º, sc. 3.ª

Era pouco tempo depois da chegada do conde a Brest. Habitava elle, como se sabe, a sua casa na praça d'Armas. N'esse dia, Henrique se entretinha com o tapeceiro encarregado de ornar a galeria da *Sylphide*.

Este *artista*, mestre ajuramentado da sua corporação, era o senhor Doquin, em quem tudo respirava bonhoria, intelligencia e probidade; tão sómente parecia que de seus olhos inflammados tinham brotado lagrimas recentes. Teria os seus cincoenta annos, e se conservava em pé ante o conde recebendo as suas derradeiras instrucções.

— Quanto aos *stores* chinezes, deveis recebel-os ámanhã o mais tardar, assim como os estofos para as bambinellas... recommendo-vos tambem a maior promptidão, porque de um momento para o outro podemos levantar ferro...

— O senhor conde póde contar com o meu zelo.

— A proposito... será precisa uma cadeia de mola para pendurar um perfumador na sallasinha de banhos que tenho a bordo, e que não esqueça pôr os caixões de flores entre as janellas.

— Terei a honra de *observar* ao senhor conde que os caixões já esta manhã foram postos nas janellas.

— Bem, bem, senhor Doquin; mas tendes ahi a conta de tudo que vos tenho encommendado.

— Como o senhor conde quer ter a bondade de me fallar n'isso, eil-a aqui: monta a tres mil e duzentas libras: mas, se me atrevera, fazia uma supplica ao senhor conde...

— Dizei, senhor Doquin.

— Estou em vesperas de ficar arruinado, senhor conde; sou victima de uma horrivel bancarota; e se, de hoje para ámanhã, eu não achar dez mil libras, fico deshonrado, e o que é peior ainda, senhor conde.. vejo-me obrigado a pôr na rua vinte operarios; com a miseria e frio que faz, senhor conde, é coisa horrivel só pensal-a.

Havia na voz d'esse pobre homem uma tão pungente expressão de amargura, que o conde ficou commovido: porque se conhecia que era aquelle um infortunio verdadeiro, um infortunio de homem honrado que se não lamenta senão no ultimo apuro.

Henrique escreveu algumas palavras n'um papel, dobrou-o e entregou-o ao senhor Doquin dizendo: — Aqui está uma letra de quinhentos luizes sobre o senhor Gérard, meu banqueiro em Brest, il-os-eis pagando no que de futuro vos eu encommendar. Muito feliz me julgo por poder obsequiar um homem como vós, senhor Doquin.

— Não me haviam enganado quan-

do me fallaram da vossa generosidade, senhor conde; o meu pobre filhinho vos deverá mais que a vida, dever-vos-ha a honra, e os meus operarios o pão, senhor conde! diz o tapeceiro com as lagrimas nos olhos, e um ar penetrado... deitando-se aos joelhos do conde, que a custo reprimia uma forte vontade de rir.

Apenas o tapeceiro saiu, o conde não se pôde conter...

— Ora esta é para morrer de riso, diz Henrique desatando uma gargalhada. O seu filho que me deve a vida!... não julga elle que tão verdade falla... Mas, accrescentou o conde com ar mais serio... este velhaco talvez saiba o que ha... A sua ruina e bancarota... tudo isso pode ser uma astucia para me subtrahir quinhentos luizes... Diabo! sair-me-ia bem cara *madama* Doquin... e em verdade, a mulher deste maráo render-lhe-ia mais de uma quinta em Beauce; porque pelo preço de *madama* Doquin poderia eu ter duas actrizes da Opera ou uma dos italianos... Mas eu bem sei que *madama* Doquin é uma mulher honesta... e que seu marido não deixa de ter gosto; tudo bem considerado, não sae muito caro... porque a minha galeria ha de ficar linda, e este velhaco teve a feliz lembrança de duplicar os espelhos nas portas das janellas, de maneira que fechadas reflectirão toda a camara... Porque emfim, é mister procurar tornar a nossa prisão o mais agradavel possivel... Não é porque eu me aborreça a bordo durante uma refrega ou um combate... mas se faz calma, torna se diabolico... é para morrer de monotonia... Felizmente que terei algum recurso, julgo eu, no meu estado maior... Esses mancebos parecem-me bem... O abbade tambem tem bom ar... e muito bom, de certo; maneiras da melhor companhia, sómente me parece assaz desdenhoso; apenas me correspondeu; tem além d'isso uma coisa que muito me aguça a curiosidade, é uma ferida de arma de fogo no punho da mão esquerda, de certo que é uma ferida de arma de fogo, eu entendo d'isso... tenho a experiencia em mim... Mas porque diabo tem um padre uma ferida assim? Talvez que nem sempre este tenha sido padre; crel-o-ia por suas maneiras e andar: por outro lado, elle apenas parece ter trinta annos, e n'esta idade uma vocação similhante, se for verdadeira, parece singular... E' verdade, por que não traz elle pós: isso dá-lhe um ar singular... Mas de que vou eu tractar! terei bom tempo de procurar a explicação d'este logogrypho vivo logo que me ache a bordo...

N'este momento o fiel Germeau appareceu a uma pequena porta mascarada na alcôva, e disse mysteriosamente a Henrique: — Senhor conde, póde-se entrar?

— Ora, viva Deus! exclamou Henque, não podia chegar mais a proposito... que entre...

Apenas fallara o conde, a portinha se abriu, e Germeau desappareceu, deixando em seu logar uma mulher bem embuçada, e que apenas deixava

vêr dois grandes olhos negros, vivos e brilhantes.

— Tira tudo isso, Georgeta diz o conde desembuçando-a; olha, n'este momento o teu marido acaba de sair d'aqui.

E, puchando Georgeta para sobre os joelhos, desembaraçou-a de tudo que lhe occultava o lindo rosto redondo, fresco, mas mui cheio e corado.

— Como elle sai d'aqui! diz *madama* Doquin. Ah! senhor Henrique! elle não vos contou a desgraça que...

— Sim, tudo me contou, sei tudo! e tambem o remediei; não fallemos mais n'isso, está acabado, diz o conde aquecendo nas suas as mãos de Georgetta... bem tractadas, gordas, mais mui rosadas, irrecusavel prova que não era da mais fina raça.

— Oh! quanto a isso, bem sei que Doquin não é contrariante, senhor Henrique... e é uma fortuna, porque nem todos os homens são tão brandos como elle. Ah!... se soubesseis o que acaba de accontecer em R couvrance! faz ferver o sangue... pensar que ha entes tão máos...

— Oh! meu Deus!... explica-me isso, minha querida, diz Henrique, abraçando mui familiarmente *madama* Doquin.

— Eu conto o que foi, senhor Henrique... não conheceis talvez Thiago Lerouge? Então, escutais, Henrique!

— Eu estou a escutar, querida amiguinha.

— Pois bem Thiago Lerouge é um capitão corsario que na outra guerra ganhou muito dinheiro no corso; ha dois annos que casou com a filha de *madama* Binan, modista... uma encantadora rapariguinha que eu conheço, loura e linda como os amores... Mas, hoje...

— Então hoje, diz Henrique interrompendo-a, chamar-se-á esse Thiago Lerouge, Thiago Lejaune, Thiago Doquin, Thiago...

Calai-vos, senhor Henrique; como é máo o que ahi estais dizendo do pobre Doquin, que vos ama tanta...

— E eu! diz o conde desatando a rir. Mas, vejamos... a tua linda loura. . o teu Thiago Lerouge... que fiseram?

— *Madama* Lerouge, que tinha sido tão boa que se cazara com um monstro como esse capitão, um verdadeiro bruto, com quarenta annos, feio, avarento e com umas maneiras... Ah!...

— Vejamos... o que aconteceu...

— Pois, senhor Henrique, esse vilão Thiago Lerouge tanto atormentou, tanto atormentou a sua pobre mulher, que a desgraçada...

— Morreu? diz Henrique.

— Não, senhor Henrique, ella não morreu, mas foi tão infeliz que se viu obrigada, pelos atrozes procedimentos d'aquelle tigre... obrigada, digo, a tomar um amante... Hein!... Que tal, não é um homem horroroso?!

— Um monstro que se deve expulsar da sociedade, diz Henrique com um serio admiravel. E a desventurada *madama* Lerouge... ao menos encontrou as consolações que buscava?...

— Durante dois mezes foi a coisa bem, senhor Henrique; porém hon-

tem, segundo parece, tudo se descobriu... O amante é escrevente de procurador, um rapaz muito bonito... sempre tão bem arranjado que parece um caixeiro: chama-se Bonifacio Jablot, e seu pai é arrematante dos direitos do sal!

— Diabo! *madama* Doquin! .. o que ahi vão de circumstancias... e detalhes a respeito do senhor Bonifacio... Jalot...Cablot! ... Como é que tu dizes

— Oh! senhor Henrique, juro-vos... que antes morrer cem vezes do que ser-vos infiel ... Não tenhais esse receio...

— Ora essa, minha querida, diz Henrique com ar desdenhoso e quasi escandalisado, espero que não tenhais a pretenção de me julgar com ciumes de vós!

Tirai o senhor Calbot a *madama* Lerouge, se vos parecer, que eu vos permitto toda a liberdade com essa bôa gente . . . . tanta quanta quizerdes. Amai-me unicamente quando estivermos sós... é tudo o que exijo. Depois vendo a chorar, continuou: Vamos, Georgetta, não chores; mas para que diabo vens tu cá dizer-me que me has-de ser fiel? Quem diabo te falla n'esses disparates? ... Vejamos, continua a tua historia ... Thiago Lerouge descobriu tudo?

— Sim, senhor Henrique, diz Georgetta enchugando os olhos. Isto, é, não foi elle; mas um dos seus amigos... alguem que mui bem conheceis, o senhor João Thomaz.

— O meu digno tenente?

— Sim, senhor Henrique. E como elle é muito amigo do capitão, receia-se que lh'o diga quando elle voltar.

— Então o capitão não está cá?

— Não, senhor Henrique, fôi passar cinco dias em Lambereleq, e foi durante esse tempo que sua mulher foi vista com o amante fóra da cidade. Foi o vosso João Thomaz que deu com a obra.. e grita como um surdo em toda a Recouvrance, que hade dizel-o ao capitão Lerouge, que espera de um momento para o outro; podeis imaginar como isto ha de ser agradavel... Ora cazem-se lá as mulheres, coitadinhas!

Neste momento se ouviu um leve arranhar na perta da alcôva.

— Que é? bradou Henrique.

— Uma carta muito urgente para o senhor conde, respondeu a voz de Germeau.

— Mette-a por baixo da porta...

E uma carta se introduzio por sobre o tapete, Henrique abrio-a e leu o que se segue:

« Senhor conde,

« E' uma antiga criada de um amigo do senhor conde, vosso fallecido pai, que vos supplica, em nome do que tendes de mais sagrado, que vos dirijais a sua casa, para prevenir uma tão horrivel desgraça. Trata-se de vida ou de morte. Senhor conde a pessoa que toma a liberdade de vos fazer esta supplica é a mãi do vosso tenente, a viuva Thomaz, em nome do céo, vinde, senhor conde... vinde...

Cada minuto de demora póde trazer um espantoso acontecimento.

« *Viuva Thomaz,*

« Rua das Tráves, n.º 7.

Recouvrance. ».

— Que diabo quer isto dizer? exclamou Henrique. Certamente que vou e já... Adeus, Georgetta... Volta esta noite... Põe depressa a manta, e sái pela escadinha pequena.

—Ah! meu Deus... é talvez por causa d'essa pobre *madama* Lerouge, diz Georgetta assustada, embrulhando-se á pressa na sua manta.

— E' por isso, minha filha, que se torna preciso que me deixeis... Adeus.

Depois tocando a campainha, appareceu Germeau: — Acompanha esta senhora, manda preparar a minha carroagem, e vem vestir-me. E' preciso que eu sáia já.

XXXI.

VIRTUDE.

> La vérité ne change point; qui a changé, de vous ou de nous?...
>
> O abbade de Lamennais. —*Miscellaneas.* —*Da opposição.*

O leitor não esqueceu sem duvida a descripção do modesto apozento da viuva Thomaz; foi nesse quarto que se passou a scena que vamos descrever.

O rosto da viuva, de ordinario tão doce e placido, trahia um estado de agitação extraordinaria; lagrimas seccas sulcavam as rugas de suas faces, as mãos tremiam-lhe, e a seu lado a roda caida no chão testimunhava a violencia da explicação que acabava de ter logar.

De joelhos em frente della, abraçando-a com ambos os braços, e escondendo a cabeça no seio da viuva, se curvava uma joven desgrenhada que exhalava soluços inarticulados.

Era Paulina, mulher do capitão Lerouge.

No outro lado do quarto, assentado n'uma cadeia, João Thomaz, com os braços cruzados, affectava um sangue frio que desmentia a sua pallidez.

— Socegai, dizia a viuva á mulher lacrymosa, socegai, minha querida filha; o meu filho não hade ser tão cruel como isso... acreditai-me... além de que, accrescentou ella em voz baixa, eu escrevi ao seu commandante, que não tarda por ahi, e hade impedil-o de commetter similhante atrocidade!

— Oh! *madama*, diz a mulher desventurosa alevantando o seu rosto bello, inundado de lagrymas. Oh! *madama*, meu marido mata-me, porcerto... Bem conheceis a sua violencia... elle mata-me.

— O adulterio seria então punido como o deve ser, diz Thomaz com uma voz cava.

— Meu Deus!... meu Deus!... senhor Thomaz, porque me quereis tanto mal?. . Eu nunca vos fiz mal nenhum! diz Paulina supplicante.

— Eu não vos quero mal; é dever meu, e heide fazel-o.

A pobre mulher tornou a cair aos joelhos da viuva, e de novo se desfez em murmurios que cortavam o coração.

— Sois cruel, Thomaz? exclamou a viuva. Não tendes entranhas, pois que a vista de tamanha dôr vos não commove, pois que tendes a crueldade de querer entregar esta pobre victima ao seu algoz!...

— Coragem, minha mãi, coragem... isto é bello, diz João Thomaz; vamos, vós que sempre tendes na boca o nome de Deus, defendeis o adulterio, e attacais um homem virtuoso que cumpre o seu devêr.

— O vosso dever, Thomaz... o vosso dever!... mas... não ha um meio entre a intolerancia que apregoais e uma complicidade criminosa? Quem vos contesta o direito de procurar reconduzir a mulher do vosso amigo a melhores sentimentos? tentai-o, senhor; mas não façais assassinar esta desgraçada rapariga sem lhe dar ao menos tempo para se arrepender... Se tivesseis um coração no peito, essa consideração vos commoveria.

— Nunca transijo com o meu dever, minha mãi.

— Vossa mãi!... sim, vossa mãi; mas que se envergonha ao pensar que deu a vida a um homem tão desnaturado como vós...

— Envergonhais-vos pois porque o vosso filho é homem honrado, envergonhais-vos porque elle é dotado de uma virtude severa e inabalavel. Eu sou neto de um vendedor de peixe na ribeira, não é assim, minha mãi!... diz Thomaz com um riso cheio de raiva e azedume. Pois bem! para um vilão, para um indigno plebeu, a virtude é a sua nobreza... e, por Deus, que, dessa forma me posso julgar tão nobre como um Montmorency... Se não dizem Thomaz o fidalgo, Thomaz o senhor, Thomaz o devasso, Thomaz o impudente, dizem Thomaz o homem honrado. E' para vós uma desgraça, minha mãi, mas assim é.

— E eu digo-vos que não é o amor da virtude que vos faz operar, mas sim um espantoso odio que nutris contra tudo, porque tudo invejais. Sim, é precisa uma victima á vossa raiva: porque o orgulho vos tortura, é preciso que alguem supporte a reacção do que soffreis, e a virtude vos serve de pretexto. Sim, digo-vol-o eu, profanais essa palavra, e se tivesseis o menor principio rel gioso, se tivesseis aberto este livro divino, accrescentou ella mostrando a *Imitação* de Jesu-Christo, ahi terieis bebido sentimentos de commiseração e tolerancia... Olhai, senhor, lêde o que prescreve. Aquelle que morreu pela nossa salvação... lêde: «Não tendes que me responder pelos outros, mas eis de responder por vós mesmo... De que pois vos inquietais (1)?»

— E' a minha consciencia que me dita o meu dever, minha mãi, e não essas inepcias escriptas não sei por quem, respondeu Thomaz com desdem: commetteu se um crime, a culpada será descoberta: é justiça... A

(1) *Imitação*, livro 3.º, capitulo 24.º

honra e a felicidade do meu amigo primeiro que tudo, minha mãi.

— Mas, desgraçado, exclamou a viuva, não pensas na felicidade do vosso amigo obrando assim; porque, se elle ignora tudo, se tem confiança em sua mulher... para que é revelar-lhe esse horrivel segredo. Julgai-a, senhor; sufficientemente punida por esta lição, a pobre menina voltará aos deveres; eu vol-o prometto, não digaes nada, e a paz domestica não será perturbada. Thomaz... meu filho... a vossa mãi vol-o pede: poupai a esta infeliz a morte, a seu marido um crime, e a vós terriveis remorsos.

— Estais brincando, minha mãi, remorsos!. quando eu desafio a quem quer que seja que prove que a minha conducta não é, em tudo, a de um homem rigido, mas recto...

— Senhor Thomaz! diz a Paulina arrastrando-se ainda aos joelhos do marinheiro, senhor Thomaz, eu fiz mal, bem sei... muito mal... uma falta indesculpavel: sim, sou uma miseravel, mereço o desprezo... mas não a morte! Tende alguma compaixão de mim... senhor Thomaz... não conteis nada a meu marido... — juro-vos por Deus, por vossa mãi... que passarei a minha vida... a minha vida inteira... a arrepender-me, a tornar o meu marido o mais feliz que eu poder... tudo lhe supportarei sem me queixar... O' senhor Thomaz! tende dó de mim!

— Dó do crime! se tivesseis ficado pura... não passarieis por estes transes... E' muito tarde já, diz Thomaz com muita aspereza.

— Mas, senhor Thomaz, nunca é tarde para arrancar uma pobre mulher á morte! clamou Paulina com voz que despedaçava a alma, pondo as mãos; porque bem sabeis que, se o elle souber, por certo me matará...

— Fostes adultera, o meu amigo ha-de sabel-o. O resto não é commigo... por isso nada mais de choradeira.... Torno a repetir, hei-de fazer o meu dever.

— O' meu Deus! então só me resta morrer! diz a mulher do capitão inteiriçada sobre o sobrado.

Então a viuva, erguendo se apezar da sua avançada idade, para ir soccorrer esta infeliz, exclamou alevantando as mãos e os olhos para o céo:

— O' meu Deus, perdoai a este insensato todo o mal que faz!

— Insensato o homem virtuoso, é verdade... Assim pensa o mundo. Mas eu não sou do mundo! diz Thomaz amargamente.

— Sahi, sahi daqui, ouvís!.. sahi da minha casa, senhor, bradou a viuva indicando a porta a Thomaz.

— Eu estou aqui em casa de meu pai, disse o tenente...

— Se não sahirdes já, chamo por soccorro, filho indigno.

— Indigno, filho indigno por ter dito ao crime: tu és o crime! Indigno por ter feito o meu dever de homem de bem... Mas, em verdade, minha mãi, os annos fazem-vos...

— Os annos fazem-me delirar? a idade torna-me louca, não é assim? clamou a viuva interrompendo-o. Ah! tu injurias tua mãi. Pois bem! eu te

amaldiçôo, desgraçado!.. eu te lanço a minha maldição!

Mas neste momento a porta se abriu, e o conde appareceu.

XXXII.

SACRILEGIO.

Mais c'est un sacrilége...

Musica de Meyerbeer.

O ruido que a porta fez ao abrir-se quando o conde appareceu fez Paulina tornar a si; porque a desventurosa mulher, julgando que era o marido, se prostrara aos joelhos da viuva exclamando: — Elle vai matar-me, *madama*... defendei-me!

Mas, conhecendo logo o seu erro, sempre ajoelhada, affastou os cabellos da fronte, olhou fixamente para o estranho que entrava, e, como por instincto, adivinhou que era o conde.

Então, pegando-lhe nas mãos que beijava, molhando-lh'as de lagrimas, disse-lhe: — Salvai-me, senhor conde! em nome do céo, salvai me! sois a minha unica esperança...

E depois cahiu n'uma especie de espasmo convulsívo que lhe agitara os membros.

João Thomaz, no auge da admiração, olhava para o seu superior com estupefacção.

— O senhor conde não se dedignou de attender a supplica de uma pobre viuva? disse a mãi de Thomaz cortejando respeitosamente Henrique.

— Não, *madama*... e muito feliz serei se vos podér ser util. Mas tende a bondade de me explicar o que isto significa, e em que posso eu salvar esta senhora.

— Impedindo meu filho de trahir o segredo desta desgraçada menina, que é bem culpada, porque esqueceu por um momento os seus deveres, senhor conde; mas que está arrependida; vêde como ella chora... corta o coração.., Pois acreditareis que o meu filho quer contar tudo ao marido?.. E se o contar, que ha-de ser della?.. Assim, senhor conde, supplico-vos, que ordeneis a meu filho que não faça tal, podeis fazel-o, senhor conde, porque sois seu chefe, e nós ambas vos abençoaremos.

— Oh! sim, senhor conde, a minha vida não terá duração bastante para vos provar o meu reconhecimento, disse Paulina.

— E ella é bem bonita, pensava o conde, contemplando *madama* Lerouge ajoelhada aos seus pés. Depois dirigindo-se a Thomaz: — Espero, senhor, que...

— Eu espero, senhor, diz Thomaz, interrompendo o conde, espero que vos heis-de respeitar bastante para vos não metterdes n'uma cousa que em nada interessa ao serviço...

— Eu estou em casa de *madama* Thomaz, diz Henrique comprimentando a viuva, e não tenho que dar conta das minhas intenções a pessoa alguma.

— Pois, senhor, diz Thomaz com arrogancia, eu que estou em minha

casa, dir-vos-hei as minhas... A minha intenção é de contar tudo ao meu amigo, o senhor capitão Lerouge o que logo hei de fazer. Eu bem sei, senhor, que no meu logar um homem da corte seria mais tolerante, ou mais covarde... mas eu não sou homem de corte, pertenço a outra classe... sou do povo... sou homem de bem...

— Tu és um miseravel em ousar fallar d'esta sorte a um gentil-homem, a um senhor que honra a casa de teu pai dignando-se de n'ella entrar! exclamou a viuva, que assim imprudentemente redobrava a cholera de Thomaz. Pede-lhe desculpa já, já! accrescentou ella.

— Minha mãi! exclamou Thomaz com arrebatamento.

— Supplico-vos, *madama*, diz o conde com o seu socego habitual, que esqueçais, como eu, tudo o que este senhor acaba de dizer. E, voltando-se para Thomaz: — Tractais bem severamente as pessoas da minha classe. senhor; eu tenho melhor opinião das da vossa... pois que vós mesmo estabelecestes essa distincção, em que eu nunca pensei; conhecendo que sois leal e honrado tomava a liberdade de me unir a vossa mãi para obter de vós que guardasseis silencio a respeito desta triste aventura. Bem conheceis, senhor, que seria tolice minha pensar que a minha influencia de commandante poderia determinar-vos em qualquer cousa que fosse: por isso vos rogo que esqueçais as nossas posições, e que me considereis simplesmente como homem que vos pede... Supplico-vos, senhor Thomaz, que não deis andamento ao vosso projecto, que em verdade, excederia o fim a que vos propondes, estou certo d'isso...

Thomaz não respondeu palavra, olhou para o conde com ar sardonico; e puchando pelo relogio, disse: — E' meio dia, justamente a hora a que chega a diligencia de Lambeseleq. O meu amigo deve vir nella, e eu vou ao seu encontro.

E desappareceu...

— Meu filho! meu filho! diz a viuva supplicante.

— Oh! senhor, exclamou Paulina, é o meu algoz que ides buscar!

— Por Deus! senhor Thomaz, que o não heis de fazer! diz Henrique correndo atraz do seu tenente.

Já era tarde.

Os tres actores desta scena singular olharam-se estupefactos.

— O' meu Deus! tudo para mim é acabado! exclamou Paulina, vou morrer... morrer...

— Que se hade fazer, senhor conde? diz a viuva n'um estado de horrivel anxiedade.

Henrique reflectiu um momento, não pode occultar um sorriso, e disse resolutamente a *madama* Lerouge. — Além do que hontem se passou não tem o diabo do meu tenente outra alguma prova contra vós?

— Não, senhor conde, eu vol-o juro.

— Pois bem! se o vosso marido vier, negai tudo com firmeza; e vós, *madama* Thomaz, como o vosso filho só póde fallar do que hontem se passou, sustentai que hontem, desde o despon-

tar do dia até á noute, esta senhora vos não deixou um só instante; e firmeza, nada de fraquejar. Nesse caso, bem vedes, minha querida senhora, diz o conde tornando a sorrir, nesse caso assás frequente, acredita-se mais o bem do que o mal; e eu estou certo que o vosso testemunho hade destruir o effeito do do tenente.

— Mas isso é mentir, senhor conde, diz a viuva gravemente.

— Mas tambem é salvar a vida do vosso proximo, *madama*, diz o conde.

— Mentir! tornou a viuva com uma expressão de dor e incerteza. Depois caindo-lhe os olhos banhados de lagrimas sobre a Imitação que estava aberta sobre a meza, leu:

« Nem tudo está perdido, ainda que estejais em turbação e violentamente tentado.

« Sois homem e não deus; sois de carne e não anjo.

« Como podereis sempre manter-vos em igual grao de virtude, se essa perseverança faltou mesmo ao anjo no céo e ao primeiro homem no paraiso?

« Sou eu, Christo, que sustento e livro os que gemem, e elevo até mim os que reconhecem a sua enfermidade.

« O testimunho engana muitas vezes, e só o meu juiso é verdadeiro; elle não será abalado, e a misericordia de Deus é infinita (1). »

— Seja feita a vontade Deus, diz a viuva fechando o livro. As suas vistas são impenetraveis, e só Elle vê o fundo dos corações.

(1) Imitação de J.-C. livro III, cap. LVII.

Neste momento ouviu-se fallar atraz da porta; distinguiu-se a voz do tenente junta com outra.

— E' o meu marido! murmurou Paulina. Morro... estou perdida,

— Vamos, nada de fraqueza, disse Henrique, cujo coração batia com violencia.

Abriu-se a porta.

Eram com effeito o capitão e Thomaz!

O capitão tinha quarenta annos, parecia de uma constituição athletica: o seu rosto trigueiro, vigorosamente pronunciado, estava enfiado e contrahido, tinha os labios brancos e cerrados, os olhos envidraçados e a apparencia de uma tranquillidade mais medonha que os transportes da cholera.

Caminhou com passo firme para Paulina, que se havia refugiado nos braços da viuva.

E, tocando no hombro de sua mulher, Thiago Lerouge lhe disse tranquillamente:

Que fazeis aqui, *madama*?

— Senhor capitão, disse Henrique, unico que possuia o seu sangue frio, sou o conde de Vaudrey, e *madama* Thomaz me encarregou de vos explicar porque esta senhora (mostrava Paulina) se acha aqui. O senhor João Thomaz, illudido por falsas similhanças que surpreenderam a sua religião, vos disse talvez que hontem, pelas duas horas, vossa mulher havia sido vista fóra da cidade, na companhia de...

— Sim, disse-o, e é verdade; quem

ousaria desmentir-me? bradou Thomaz.

— Eu, meu filho, articulou a viuva com um suspiro, porque esta senhora passou hontem o dia em minha casa, desde as oito da manhã até ás nove da noite.

— Oh! que infamia! que infamia esta! exclamou Thomaz fóra de si.

O capitão olhou fixo para Thomaz sem proferir palavra, depois: — Thomaz, será possivel? Tu meu amigo, tu, ao menos, que eu acreditava como tal, ter-me-ias enganado? E, batendo violentamente com o pé, acrescentou: — Sim, miseravel, tu calumnias minha mulher; porqne nunca, nunca tua mãi dizia uma mentira.

E esse rosto selvagem parecia combattido alternadamente pela duvida, cholera e esperança...

— Isto é o inferno! exclamou João Thomaz exasperado...

— Eu não me tirei d'aqui hontem... e não sei porque rasão o senhor Thomaz acreditou nas accusações dirigidas contra mim diz Paulina, que sentindo um lampejar de esperanças renascer em seu coração, readquiria alguma coragem.

— Oh! mulheres!... mulheres!... pensava Henrique sorrindo interiormente.

Houve então um momento de silencio impossivel de descrever.

Depois em fim o capitão disse com voz breve, contendo a custo a sua terrivel agitação.

— Escuta, Thomaz... eu sempre te conheci leal e rigido; não posso mudar n'um minuto de opinião a teu respeito... e olhar-te como um infame, como um mentiroso; não, isso é impossivel; torno a repetir, é impossivel...

— Dize-me... a verdade, Thomaz. Contaram-t'o... não é assim?... tu então, como amigo fiel, repetis-me o que te disseram; mas nada viste com os teus olhos, não é assim, Thomaz, nada viste? Tu julgaste prestar-me um serviço contando-me o que te disseram; mas em fim. com os teus proprios olhos nada viste?

— Hontem, ás duas horas depois do meio dia... eu, Thomaz, vi a tua mulher no baluarte, dando o braço a um mancebo vestido de azul... Vi que elles iam com as mãos dadas... e pelo braço um do outro... Vi que n'uma volta do baluarte não se julgando vigiados, se abraçaram.

— Thomaz, diz o capitão corando.

— Vi os eu! tornou cruelmente Thomaz. Vi os eu; e é minha mãi que mente! sim, pelo céo, mente!

— Tu vistel-os bem, diz o capitão balbuciando...

— Vi-os, sim.

— Ah! diz o capitão correndo a mão pelos olhos; depois fazendo como um derradeiro esforço, porque custava a ouvil-o fallar: —Escuta, Thomaz, murmurou elle; jura-me, mas jura-me pela tua honra de marinheiro, pela tua fé de homem honrado, pela memoria de teu pai, que os viste... jura-m'o, e crêr-te-ei...

Depois, no momento em qne Thomaz ia para fallar, o capitão pegou-

lhe na mão com força, dizendo-lhe com ar imponente : — Tu conheces-me Thomaz... pensa bem que é uma sentença, que vais pronunciar... e de morte... de morte, ouves bem repetiu o capitão com um tremor convulso na voz, apertando mais os braços do tenente.

— Senhor ! ! ! exclamaram ao mesmo tempo Henrique, a viuva e Paulina, estendendo os braços para João Thomaz, que disse em voz alta :

— Pela minha fé de homem de bem pela memoria de meu pai, pela minha honra de marinheiro, juro que os vi.

— Desgraçada ! diz o capitão surdamente, tirando um largo punhal que trazia escondido debaixo do jabão ; e antes que o conde tivesse podido oppor-se á sua raiva, lançou-se como um tigre á mulher, e agarrou-a pelos cabellos.

O ferro tocava já o seio de Paulina, nenhum poder humano podia arrancal-la a uma morte espantosa...

— Suspendei ! senhor, bradou a viuva com um acento de tal auctoridade, que o braço do capitão, já erguido sobre sua mulher, immediatamente se abaixou.

Depois alevantando-se direita, tranquilla, magestosa, a viuva estendeu a mão sobre um crucifixo que trazia ao pescoço, e disse em voz alta e firme : Eu juro... pela imagem do Redemptor dos homens, que a vossa mulher está innocente, e que durante o dia de hontem nem um instante me deixou... A's penas eternas seja eu votada para sempre, se minto ! ...

— O' minha mãi ! exclamou Thomaz levantando as mãos ao céo...

— Miseravel ! diz Lerouge ameaçando Thomaz com um punhal... Porque o capitão acreditava a viuva, a devoção profunda d'esta sancta mulher era tão conhecida na Recouverance que ninguem no mundo podia pensar que ella commettesse tão espantoso sacrilegio...

— Pobre credulo ! respondeu friamente Thomaz olhando, sem empallidecer, para o punhal, que sobre elle era eguido...

Mas Lerouge, atirando com o punhal ao chão, disse a Thomaz : — O sangue de um canalha tão vil como tu mancharia este punhal... vai-te d'aqui, mentiroso, que te desprézo.

Depois, precipitando-se aos pés de sua mulher : — Paulina ! perdão, perdão ! meu Deus ! eu amava-te tanto que... e depois... Mas eu não estou em mim, foi um sonho... um sonho horrivel ; tu és innocente... este infame mentiu... perdôa-me....

E o rosto selvagem d'este corsario rude tinha uma admiravel expressão de dôr e de bondade. Chorava como uma creança... abraçava a mulher, beijava as mãos da viuva, ria, saltava, agradecia ao conde. Tudo eram palavras sem nexo, suspiros, transportes de alegria. Depois, como se lhe houvessem faltado palavras para exprimir o que sentia, antes que os actores d'esta scena singular tivessem podido dizer uma só palavra, tomou a mulher nos braços, e se partiu levando-a d'esta sorte, como se ella fosse uma creança.

Thomaz ficára petrificado; nada via nem ouvia, a conducta pasmosa de sua mãi paralisava-lhe todas as faculdades, tudo isto lhe parecia um sonho.

Alfim, passando as mãos pela fronte e apertando-a com força, apenas pôde dizer: — Isto endoidece-me!

E saíu precipitado sem chapéo e sem espada.

A viuva, não podendo resistir a um abalo tão violento, fexou os olhos e desmaiou.

O conde chamou soccorro, deixou a viuva nas mãos das visinhas, e saiu dizendo: — A' fé de gentilhomem, tudo isto é mui curioso: uma devota comette um sacrilegio, um homem de bem é tratado de infame um outro homem honrado como um tolo, e tudo isto para salvar a vida a uma prostituta, que está muito prompta para continuar. Meu Deus! que coisa tão velhaca é a existencia humana!... E' preciso que me informe se me poderão arranjar esta Paulina... tem uma deliciosa figura.., Ah! excellente Lerouge!.....

.....

Oito dias depois desta scena, já a viuva Thomaz não era neste mundo!

Dois dias depois do seu passamento João Thomaz recebeu as seguintes palavras do capitão Lerouge;

« Sube que vossa mãi tinha morrido; esta nova desgraça vos torna digno de alguma compaixão. Chamei-vos *mentiroso*; quero olhar essa palavra como um insulto da minha parte, e consinto em vos dar uma satisfação. Escolhei logar, armas e dia. »

« Lerouge. »

João Thomaz respondeu o que segue:

— « Eu não sou *mentiroso*, mas recuso a satisfação que me offereceis, porque jurei a minha mãi nunca empunhar a espada n'um duello... Emfim assim o jurei, e ainda antes d'ella morrer lhe repeti similhante juramento. Vós conheceis-me; sabeis que não é por medo que recuso, e se jámais eu na minha vida faltei a juramento que fizesse. Thomaz. »

— Não, não é por certo medo que o faz recuar, exclamou o capitão Lerouge ao ler estas palavras. Não é o medo, que eu já o vi em fogo; mas decididamente elle soffre.

Madama Lerouge, para fugir á maledicencia, obteve do seu excellente marido que fosse viver para Brennes, em logar de Brest. O capitão assentiu. e ahi se estabeleceu com a sua *virtuosa esposa*, como lhe elle chamava.

Por uma especie de tacita conversação, o conde e o tenente, para o diante, nem uma palavra cambiaram em relação a esta scena singular. Unicamente, Henrique, para evitar algum constrangimento a João Thomaz, lhe propoz outro embarque. O tenente perguntou-lhe se elle havia *desmerecido* dos seus superiores.

João Thomaz continuou pois a estar a bordo.

Quasi na mesma epocha, Perez embarcou a bordo da *Sylphide* como delegado do fornecedor geral.

Ritta, vestida de homem, o acompanhou, e passou por seu empregado.

Mas poucos marinheiros deram pela sua presença a bordo, por isso que

ella embarcára de noite.

Uma noite, no momento em que o conde recolhia para bordo, mas um pouco mais alegre, porque vinha de certa ceia d vertida, vendo elle a Ritta e Perez na sombra do passavante, perguntou quem elles eram.

Responderam-lhe: — Commandante, é o delegado do commissario e o seu ajudante,

E o conde, fazendo um gesto de desdenhosa indifferença, desceu indolentemente para a sua sumptuosa galeria doirada.

Perez e Ritta foram occupar no porão o logar escuro e humido, que lhes era destinado.

XXXIII.

MARINHA.

> Non... ce n'est qu'à l'homme dont le cœur a palpité de jôie sur les flots bondissants qu'il appartient de décrire les ravissements de ceux qui errent sur ces immenses plaines sans sentiers
>
> LORD BYRON. = O *Corsario*, Cap. 1.º 5.º

(1781)

Para ti as mulheres, os cães, e os cavallos, a espada de guerra, verde e brilhante mocidade! edade bella, de força e de audacia! feliz tempo em que a vida parece tão longa que se desperdiça e dá a quem quer.

O amor! a caça! a guerra! nobres divertimentos sem mercê; lá fica a donzella banhada em pranto, o gamo estrangulado, o inimigo morto, Sôa o hallali; olho vivo, cavallo folgado, espada nova, e recomeça meu fidalgo!

Ditoso Henrique, era assim a tua vida! esquece Versailles e as suas mulheres, os teus bosques, a tua matilha e picadores. Agora, Henrique, é a guerra! A estrella americana se alevanta! os dois mundos estão em fogo; do norte ao sul brame o mar, o canhão trôa; escuta.... E' inda essa velha bandeira de França que passa por sobre os oceanos, com o seu pennacho de flammas e as suas musicas de artilheria.

E os que sustentam essa bandeira branca, teem a mão firme e segura. São d'Estaing, la Mothe-Piquet, de Grasse, Suffren, Destouches, Descars; levam-a içada bem alto, ou arriada, conforme elles querem. Tu bem os conheces, Henrique; são os teus mestres.

Nobres mestres de que te vais mostrar digno discipulo, porque ao cabo de certo tempo a terra enfada, não é assim..... quando se está cançado de excessos, d'essa agitação devorante, febril, que te fazia accumular festas sobre festas, amores sobre amores, e te permittia saborear tudo, tudo abranger?

Oh! não é verdade que essa vida doirada, libertina e sensual, que se passa defronte das vélas entre a seda e os perfumes, se torna infinitamente suffocante? Não é verdade que se sente a imperiosa necessidade de vir aspirar este bom ar maritimo, forte e vivo que dilata as veias, e faz cir-

cular o sangue? Não é verdade que é agradavel offerecer um rosto queimado pelos excessos ás frescas brisas do Oceano? ....

Não é verdade que nós podemos ir com toda a segurança de emoções, fortalecer um pouco nos pungentes expectaculos de um combate ou de uma tempestade?

Não é verdade que o coração se eleva quando, ao entrar na fragata, podemos dizer: Aqui dou eu as leis, aqui a minha vontade é livre e soberana; aqui a uma palavra, a um signal meu, faço obedecer trezentos homens como se só fossem um; porque confiados em mim, tacitamente me abandonaram a vida, e me disseram: — Toma-a, e serve-te d'ella para gloria do rei de França?!

Não é verdade que mui bello te parece pensar que tambem tu respondes pela gloria do rei e da França? Não é verdade que essa magestosa tarefa te inquieta pouco, Henrique, porque tens vélas, polvora e ferro; porque, se o numero te esmagar, sabes que esse leal Oceano nunca recusa glorioso retiro nas profundezas dos seus abysmos áquelles que não gostam que a sua bandeira sirva de trophéo ao inimigo vencedor?

Não é verdade, alfim, que tu experimentaste uma emoção bem viva de vaga inquietação, de ardente curiosidade, quando ao chegar a Brest, impaciente, correste ao porto para vêr a tua fragata, a tua Sylphide?! ...

Mas vêl-a assim.... o que é isso? Bem sei que com o teu olhar rapido, penetrante e exercitado, podias penetrar as suas qualidades e defeitos. Mas vêr uma fragata no ancoradouro, é vêr um cavallo de caça na sua box olhando para o nobre animal; quem n'elle reconheceria o digno filho de Old-Port, de Champagne ou de Cadlan? Vêde... como elle está triste, melancolico e sombrio; pendem-lhe as orelhas, falta-lhe a viveza no olhar, curvam-se-lhe as pernas, abate-se-lhe a garupa, porque lhe falta o ar, a luz e o espaço..... o espaço sobretudo! porque o espaço é a sua coragem, a sua força, o seu ardor; o espaço é a sua belleza, graça e poder.

Mas tirai-o d'essa box escura, innunde-o a luz, veja elle céo, bosques, ribeiras, planicies sem fim, sinta elle o ar alevantar-lhe a crina luzidia e desenrolar-lhe a cauda ondejante..... vêde então.... vêde..... como lhe brilha o pêllo com os reflexos doirados de um sangue puro e generoso! Vêde, como se lhe arredonda o pescoço, como se lhe entumecem as veias, como se lhe inflamma o olhar, como incha as ventas e fita as orelhas, como a garupa se eleva e as pernas se lhe distendem; impaciente, relincha, empina-se, excava o chão, morde o freio e o branquece de argentea escuma.....

E depois, dai curso a essa acção devoradora que o impacienta.... vereis.... como elle corre.... com que ardor progressivo e furioso procura elle o horisonte inattingivel, que parece fugir diante de cada esforço do valente corcel. Vôa, nada no espaço...

Mas se elle ouve a voz do dono, pára, socega. Acabou-se esse correr impetuoso, embriagante, rapido como o despedir da flecha arremeçada por braço vigoroso.... torna-se em brando movimento de berço canadiano que se baloiça nos ramos floridos do Apios. .

Por isso da mesma forma, quando Henrique viu a sua fragata no porto, meia-occulta pelos altos muros do Arsenal, sozinha na sombra, tocando por todos os lados em páu ou em pedra, quasi escondida pelos pesados toldos que occultavam as suas pinturas ricas, immovel sobre a agua suja e morta, sem uma aragem que fizesse desenrolar a pobre bandeira que do mastro pendia, Henrique não pôde julgar quanto a sua *Sylphide* era tambem bella, viva e altiva.

Mas quando depois, n'um bello dia de janeiro, com uma brisa fresca e sibilante, a levou para o meio da immensa ba'isa de Brest, como tudo mudou! como o espaço ia bem á fragata! como o seus apparelhos negros se desenhavam, engraçados e ligeiros nesse céo de um pardo argentino! como ella parecia livre, agil, impaciente, no meio dessa onda verde que volvia sobre o cobre dos seus costados reflexos jaspeados, côr de esmeralda!

E quando, largando o panno, dando-lhe curso nessa grande bahia de Brest, o conde, como marinheiro consummado experimentou o andar da sua fragata, como antes do combate se pratica com o cavallo de guerra como elle estava serio, pensativo, inquieto, estudando calculando a sua celeridade e precisão; e como elle depois saltou de alegria, como ficou ufano pelos cuidados minuciosos que empregára na armação da *Sylphide*, quando elle a achou bôa de vêla, agil e ardente... ardente sobretudo... lançando-se para o vento como cavallo que se alevanta!... E' quasi um defeito, segundo a opinião de algumas pessoas, bem sei; mas Henrique gostava dos defeitos deste genero.

E como elle a fez bordejar, virar, metter de ló: como lhe elle observava o effeito no andar, a fim de adevinhar qual seria a sua melhor andadura para o combate, para a caça ou retirada!

Umas vezes accelerando a ligeireza da sua fragata por todos os meios conhecidos, olhando com altivez para a esteira que ella deixava, corria para a terra, e ahi fazendo quasi empallidecer os mais velhos marinheiros, no momento em que o gurupés hia para tocar nos rochedos, graças ao ardor deste excellente navio e á pasmosa precisão da manobra da sua equipagem, virava altivamente de bordo e a fragata se afastava magestosamente da costa, como que zombando do perigo horrendo que arrostára...

Então, carregando as velas inferiores, e neutralisando o effeito das gavias encobrindo-as, Henrique suspendia o vôo da *Sylphide*, e deixava-a baloiçar-se voluptuosamente segundo os caprichos das vagas que a acariciavam, como que para a repousar dessa carreira rapida.

Desta arte, algumas vezes o Arabe do deserto leva audaciosamente o seu cavallo até á borda de um precipicio; ao vel-o chegar a toda a brida em meio de uma nuvem de pó.... estremecemos... e elle, brincando pára o seu cavallo muito á borda desse precipicio horrivel, dá uma volta ligeira e vira devagar para a planicie escarvando a terra com graça.

Tal era a *Sylphide*.

Por isso, quando á tarde Henrique reconduzindo a sua fragata para o ancoradouro, appreciou o que valia aquelle excellente navio e a sua equipagem, sentiu não sei que previsão instinctiva de um glorioso porvir de nobres combates, que lhe fez desejar, com uma terrivel impaciencia, o momento de sahir do porto, e tentar uma fortuna que sonhava tão favoravel ás suas armas...

Aguardando esse dia tão desejado, passava todos os seus instantes em exercitar a sua equipagem por simulacros de combate, em terminar o armamento do seu navio com uma attenção minuciosa, e tambem segundo então se usava, em o encher de rico ornamentos.

O que dava a esta fragata um cunho particular, o cunho da epocha era a maneira de trajar, se assim se pode dizer; porque a *Sylphide* assimelhava-se tanto a uma fragata de hoje como o vestuario das mulheres de nossos dias se parece com o das nossas avós!

A *Sylphide* em logar de ser burguezmente pintada de preto, com a sua bateria branca, e a poppa redonda e espessa, sem ornamento nem doirados, assim como é e deve ser a valente e modesta fragata nacional da nossa epocha constitucional e economica, a *Sylphide*, digo, resentia-se muito do seu fidalgo e real padroado; tinha emfim certo ar á Luiz XV, que segundo a minha opinião lhe hia maravilhosamente.

Eram para ver os magnificos ornamentos da sua poppa offuscante, doirada em fundo branco, que reflectindo-se n'uma agua limpida e azulada, parecia desenrolar-se ao longe, como manto de ouro sobre tapete azul

A sua grinalda escolpida com uma delicadeza preciosa; representava duas naiades deitadas sobre cavallos marinhos: estas divindades tinham n'uma das mãos um tridente, e com a outra sustentavam o real escudo da França; tudo dourado e moldurado por um friso de folhas de acanitho elegantemente enroladas.

Além disto cinco sereías de ouro, grandes e esveltas cariatides, que com as mãos dadas e os braços alevantados, formavam assim as abobedas e os sustentaculos das quatro janellas da galeria da fragata, appoiada n'um envasamento tambem doirado e escolpido, em que se via bom numero de tritões com calções fazendo travessuras ás naiades com anquinhas, no meio de uma multidão de golphinhos e outros monstros que saltavam entre a escuma.

Que se hade dizer d'esses explendidos alforges, com seus pés appoia-

em aguias com azas abertas, sustentando o raio, e coroados por duas famas com compridas trombetas.

E essa offuscante cingia, tão maravilhosamente cinzelada, que cuspia o navio como faxa de oiro, cujas extremidades, curvando-se com graça, se tornavam a unir ávante para sustentar uma elegante sylphide, tambem doirada, que parecia escapada ao cinzel de Lemoine.

Bem sei que todo esse luxo, que todas essas esculturas não tinham um ar severo e guerreiro; mas comtudo muito agradava á vista essa esplendida fragata toda mui pintada e doirada, altiva e soberba como uma duqueza, com o seu phanal scintilante por diadema.

Tambem sei que nada de medonho tinha o seu aspecto; tambem sei que mais facil era tomal-a por uma gondola garrida e voluptuosa, que gosta de se mirar em o lago com margens floridas, do que por uma rude machina de guerra destinada a arrostar a tempestade.

Porque em verdade, no meio destes ornamentos, destas nynphas, destes sereas de oiro que se cruzam, que se enlaçam e brincam umas com outras, como era possivel nem sequer pensar na existencia da boca de uma peça!

E com tudo havia as a bordo da *Sylphide*, e muitas; mas como se havia de crer que de cem astragalos de bronze, trabalhados com tanto gosto e riqueza, que de suas bocas de gorgonas, tão grotescamente a bertas, vai sair fogo e flamma!... ferro que mata, flamma que incendeia!

Com tudo assim era! A *Sylphide* fazia fogo quando era preciso, e algumas vezes mais do que era necessario; ella fazia um fogo infernal, tal e tanto como o faria a mais sombria e mais grave fragata dos nossos dias.

E os seus officiaes! tão delicados, voluptuosos, enfeitados, quantas vezes, com as pontas de seus dedos brancos meios escondidos por diamantes e rendas, quantas vezes não haviam elles dado o signal para um combate encarniçado, para um combate de morte, e só de uma coisa tinham receio: de que se desarranjasse o penteado! porque estes fidalgos entravam em fogo como se fossem para um baile e para isso se adornavam; metralhavam o inimigo com guarridice, e abordavam o, com a espada na mão, com elegancia e bom gosto.

E de facto, quando elles tiravam o seu ferro azulado e doirado da sua brilhante bainha de veludo bordado, o inglez conhecia bem que elle era de tão boa tempera como se saisse toda enferrujada da sua ordinaria bainha de ferro.

Acreditai-me, n'um dia de batalha ou n'uma doite de tempestade, os saltos encarnados conservam-se tão firmes sobre a grinalda esplendida do *Sceptro* ou do *Royal-Louis*, como mais tarde se sustiveram os sócos sobre o tombadilho enlameado do *Çai-ra* ou do *Sans-Culotte* (1).

(1) O *Royal-Louis*, o *Sceptre*, o *Ça-ira* e o *Sans-Culotte*, nomes dos navios de guerra de antes e durante a revolução de 89.

Assim era a *Sylphide* quanto ao physico; quanto ao moral, já conhecemos o seu estado-maior.

Os seus marinheiros, esses eram quasi os mesmos que os marinheiros de hoje; porque lá como n'outra parte, quanto mais a escalla social se eleva, mais se destruem as fórmas salientes. Os officiaes de marinha do decimo oitavo seculo, vivendo parte do tempo em terra, levaram para bordo os habitos, os costumes, o caracter da sua epoca; o mesmo acontece aos officiaes dos nossos dias.

Mas quanto ao marinheiro do povo, ao marinheiro typo, que apenas conhece a terra, ficou quasi o mesmo no decimo oitavo seculo como era no decimo sexto, no decimo nono como no decimo oitavo; porque os profundos abalos que teem transtornado a forma das nações e das sociedades sempre foram morrer a bordo do Oceano ..

Oh! é porque sobre a terra a ociosidade, a inveja, a riqueza, a miseria e o saber degeneram bem depressa nma especie; é porque se perdem as tradições, arruinam-se os templos, o solo toma alternativamente mil aspectos; é porque está ahi a civilisação, que sem cessar espalha ao vento as crenças e os restos de cada seculo envelhecido, para o substituir por o germen vivaz de uma sociedade nova, que cresce, cresce para morrer a seu tempo; a civilisação, essa ardente e implacavel inimiga da nacionalidade e da poesia, do porvir e do passado.

Os seculos devem deste modo ter preparado os homens a seu modo, e imprimir um novo cunho na fronte de cada geração; mas esta fracção de homem que vive sobre o Oceano, ainda por muito tempo ha de ficar livre e independente desse estigma de cada edade. O lampejar dessa devoradora civilisação se hade reflectir algum tanto sobre a cortiça espessa e tosca desses homens simples, mas nunca jamais a poderão penetrar.

E' porque tambem o Oceano, se tem conservado o Oceano da creação.

E' sempre o mesmo com o seu horisonte sem limites, com as suas vagas solitarias, e com o seu silencio religioso que obriga a meditar.

Por isso os homens desse elemento hão de conservar sempre a sua physionomia typica, as partes salientes do seu caracter, effeitos da contemplação contínua dessa natureza primitiva e das luctas medonhas que com ella sustentam em cada dia.

XXXIV.

A BAHIA.

> Aphonso. — Sois le bienvenu, toi qui nous apportes à la fois ta présence et une bonne nouvelle.
>
> Schiller.— *O Passo*, acto I, sc. V.

Era um espectaculo magestoso o da bahia de Brest durante os primeiros dias do mez de janeiro de 1781, porque se contavam no ancoradouro vinte náos de linha, nove fragatas e grande numero de embarcações pequenas.

Em verdade nada havia mais magnifico do que esses navios de alto bordo, do que esses montões de madeira e ferro, tão pezadamente assentados sobre a agua com a sua espessa e larga pôpa, com a sua enorme mastreação, e as suas tres baterias de grossa artilheria.

E quando pela manhã esses grandes navios punham as velas a enxugar, era para vêr como elles magestosamente desenrolavam esses pannos immensos, e os desenvolviam como uma ave aquatica que abre as suas azas humidas de roscio ao primeiro arrebol da manhã.

E que contraste havia entre essas náos gigantescas e as fragatas tão ageis, essas corvettas tão altas e delgadas, esses brigues tão leves, esses lugres, esses cutters, esses dogres, que mollemente se embalavam á sombra dessas cidadellas fluctuantes, assim como os tenros maçaricos brincam em volta do ninho paterno.

E que innumeravel quantidade de embarcações de toda a especie, que vão e vem, se avisinham e cruzam.

Lá vem um escaler maravilhosamente doirado, com a bandeira real á pôpa, e os seus tapetes ricos, bordados de flôres de lys. Doze remeiros com largas cintas escarlates o fazem voar por sobre as aguas; o patrão vem ornado com uma brilhante cadeia de prata: é escaler de almirante.

Acolá, vem lentamente avançando uma comprida chalupa tão recheiada de fructos e de verdura que parece uma dessas ilhas fluctuantes das ribeiras da America, que vogam cobertas de cypós e de flôres. Esta chalupa, preciosa moça de recados, volta para bordo com as provisões do dia e a sua equipagem culinaria de despenseiros e cozinheiros.

Lá vem tambem um barco de Olongastel com grande vela alta e quadrada, manobrada por seus marinheiros com cabellos compridos, cujo vestuario pittoresco faz lembrar o dos Gregos do Archipelago. Esta barca contém umas vinte mulheres de Chateaulin ou de Plouinek, que voltam da cidade; com seus rostos frescos e risonhos, avivados por um frio penetrante, e, bem embuçadas em seus mantos escuros, trocam na sua linguagem algumas palavras jocosas com os marinheiros dos navios de guerra com que o seu barco se prolonga.

Mais longe o tinido das cadeias, misturando- e com os movimentos cadenciados dos remos, annuncia uma turba de forçados com seus vestidos encarnados; rebocam a grande custo um navio que vai do porto; uns cantam ignobeis cantigas, outros blasphemam e se estorcem debaixo do bastão dos Comitres. Ao ver esses rostos infames, tisnados, sordidos, ao ouvir esses gritos de raiva ou de alegria feroz, estremece-se, como á vista de uma barca de condemnados do Inferno do Dante...

Emfim para completar este espectaculo tão variegado, tambem ha uma myriade de botes que se cruzam em todos os sentidos, uns carregados de nobres officiaes do rei, outros de mu-

lheres elegantemente vestidas; ouve-se tambem o rufar do tambor, vê-se o brilhar das descargas de fuzilaria, ouve-se o assoviar dos apitos, o ranger das manobras, a harmonia vibrante das musicas de guerra; vê-se o esmalte dessas mil bandeiras brancas, verdes, amarellas, encarnadas, que se recortam no azul do céo, como outros tantos prismas aerios.

Ouve-se emfim o imponente e grandioso murmurio do mar, que ruge por detraz da costa, e cujo retumbar sonoro e prolongado domina os ruidos diversos, e os funde n'um só, grande como elle, como elle magestoso...

E' pois no meio dessa floresta de mastros, dessas nuvens de vellas, que devemos procurar a *Sylphide*.

Mas lá está ella sempre engraçada; lá se baloiça ao pé de duas grandes náos de 74, todas negras, com baterias brancas. Lá está ella a balançar-se... como uma dourada com suas escamas de oiro e azul, entre duas immensas baleias com dorso escuro.

N'este dia, 6 de janeiro de 1781, o conde de Vaudrey se havia dirigido a terra para receber as ordens do marechal de Castries, que era mui recentemente chegado a Brest.

O tenente João Thomaz commandava a fragata na ausencia de Henrique e se passeiava á ré com o seu intimo amigo, o doctor Gedeão, fulminando como de costume contra tudo que era nobre; ecclesiastico ou privilegiado. O barão de São Salvador acompanhara Henrique a terra, Monval estava de quarto, e de Miran dormia no seu camarote.

A' prôa alguns mestres e marinheiros praticavam em voz baixa, mas com ar animado, porque esperavam levantar ferro de dia para dia.

Mestre Kergouet (o artilheiro burguez que sem duvida não temos esquecido) assentado sobre as antennas, se entretinha com o mestre da equipagem chamado Frank, homem baixo, vivo, muito gordo com veste azul com a gola agaloada de ouro, levemente empoado, e com enormes brincos nas orelhas.

Em frente de mestre Frank estava em pé, immovel, com ar contricto e os olhos timidamente baixos um rapaz de desoito annos, alto, quadrado, robusto, mas louro e fresco como uma rapariga. Apezar do frio, este marinheiro apenas tinha vestida calça e camisa de lã com largas riscas azues, que desenhavam as suas formas athleticas; tinha o bonné na mão, e o amarrotava com um movimento de rotação continuo que annunciava perturbação e embaraço; este marinheiro era Daniel, sobrinho de mestre Franck, verdadeiro Bretão; e para tudo dizer, um rapazote de Abrevrak.

— Então respondes! falla homem! desamarra d'ahi! tu ficas ahi quêdo e mono como um cabo!... dizia mestre Frank com a sua vivacidade ordinaria, sacudindo o seu sobrinho por uma das mangas da camisa.

— Mas vós fazeil-o pateta com a vossa vivacidade, mestre Frank, objecta-

va o artilheiro burguez ; deixai-o estar socegado.

— Para que é então esta nova queixa? dizia o tio do sobrinho, cujo modo brando, placido e timido, parecia comtudo protestar contra esta accusação.

— Vejamos, desafoga, meu filho, diz o artilheiro. O facto é que tu molestastes o Losophe com um poder de murros ; para que foi isso, Daniel, para que foi isso ?

— Mestre Kerg...

— Eu não sou mestre... já vol-o tenho dito muita vez, Daniel ; sou burguezmente o senhor Kergouet, diz o artilheiro, que mais que nunca tinha pertenções a uma posição civil,

— Pois bem ! senhor Kergouet respondeu o marinheiro em voz baixa e tremula, é que o *Losopho* agarrou no meu rosario e foi atar ao rabo do seu cão, que com o devido respeito ella não teve horror de baptisar com o nome de S. Medard.

E Daniel se persignou só com a lembrança desta profanação.

— Baptisar um cão com o nome de São Medard !... com effeito isso não é lá muito proprio, diz o senhor Kergouet em tom improbativo.

— Se assim é, accrescentou mestre Franck, o mar é largo... porque o tal *Losopho* é uma tarasca que causa desgraça a todos que póde. Ora, conforme os preceitos de Nosso Senhor, é preciso fazer aos outros o que não queremos que nos façam, fizeste bem em lhe ir ao lombo, Daniel !... porque, como temos uma religião, devemos executal-a, meu filho.

— Mas vós estropeaes a Escriptura, meu caro Frank, diz o artilheiro, sorrindo com ar vaidoso ; mas em fim se a cousa se passou como tu a contas, Daniel os teus murros são supportaveis, meu rapaz.

— Quanto a isso, bem sabeis que nunca minto, senhor Kergouet, diz Daniel. Por Nossa Senhora de Recouvrance... o rosario pertenceu a minha pobre mãi, que Deus haja, e era tão bento que me livrou do peito metade de uma machadada, quando fomos á abordagem do *cuter* preto, como mui bem sabeis, meu tio ! .... Vai então, quando eu vi o meu rosario bento amarrado d aquella sorte ao rabo de um cão, disse ao Losopho, deixa tu estar que has-de ter tantos pontos na cabeça como de contas tem o meu rosario ; e eis-ahi como eu contei os meus *Pater Noster* e as minhas *Ave Maria* a grandes murros sobre o Losopho ; e ahi está o que foi, acrescentou modestamente Daniel fazendo-se vermelho como um pimentão.

— Está bom, diz Frank, como foi por causa da religião e do rosario da minha irmã (e Frank tirou o seu chapéo encerado), foi justo ; mas não tornes outra vez ; ou se tornares, que seja pouco e ameudo, porque tu fallaste quando se largou o panno.

— O facto é diz, o senhor Kergouet, que o Losopho se póde gabar de estar por um quarto de hora, dentro da pelle de alguem que recebeu uma conta menos má ; e é muito, porque...

Mas os sons de uma rebeca horri-

velmente tocada, que sem duvida pretendia executar

Em as guardas francezas
Tinha eu um namorado..,

interrompeu o artilheiro burguez que exclamou : — Ora esta ! e eu não caí na patetice de estar a lastimar um animal como o Losopho ! lá está o atrevido a continuar as inconsequencias na sua rebeca, apesar da vossa prohibição meu caro Frank...

Tu calas-te, eu desço ; e toma conta na pelle se continuas, salvagem ! bradou mestre Frank inclinando-se para a entrada de uma pequena escotilha praticada junto ao mastro do traquete.

Mas a damnada rebeca, como para não ceder, ao menosopposto uma resistencia honrosa a esta ordem brutal sem ter a rebeca, digo, tocou é verdade que á surdina, quasi metade da aria, depois calou-se felizmente, porque uma jura energica annunciava que mestre Frank desta vez, ia descer.

Mas foi então que o latido de um cão, fazendo-se ouvir do mesmo lado que a rebeca, pareceu protestar, de outra fórma, contra a tyrannia desta nova ordem.

— Estes malvados não cedem, nem elle nem o cão, exclamou Frank ; ainda que os façam em quatro quartos, ajuntou o mestre parecendo dirigir-se indistinctamente ao bipede e ao quadrupede, ao philosopho e ao cão.

Era, este philosopho, por abreviação maritima ou antes marinheira, este Losopho, que tambem arranhava na rebeca, e que tinha um cão que tão energicamente protestava contra as ordens despoticas do mestre, esse Losopho nascera em París e se chamava Pedro Landry ; tinha sido cabelleireiro, lacaio, impressor, soldado, sapateiro e tecellão ; e como, entre outros talentos, a sua habilidade de manejar a agulha em coiro, tela ou panno, era mui notavel, empregava-se a bordo, como marinheiro ajudante do veleiro, do que já havia dois annos que servia.

Nas horas vagas, Losop o penteava, barbeava, punha pomadas e dava liçõ s de dansa, de canto, de boas maneiras, de philosophia, de magia ou de atheismo, segundo o gosto das pessoas.

A independencia tresloucada das suas opiniões politicas e religiosas era os titulos a quem devia a denominação tão grutescamente abrev ada que lhe davam a bordo da Sylphide, aonde era mui estimado pelos marinheiros pelos seus talentos, bac arelice, mentiras e historias divertidas. Mas, por compensação, o Losopho era geralmente execrado pela mestrança (dos mestres), por causa da sua insolencia, e insubordinação, por causa da sua rebeca e do seu cão.

O cão e a rebeca pareceram á primeira vista incomprehensiveis n'um navio tão bem disposto como o era então uma fragata do rei ; mas quanto ao cão, eis-aqui o facto : Como essas pessoas que compram para o futuro a impunidade de uma multidão de delictos por uma acção boa, muitas ve-

zes devida ao acaso, o cão havia uma vez apanhado uma criança que tinha caído de uma canôa ao mar. Desde esse dia, São Medard ficou gosando direito de cidadão a bordo da Sylphide, e, apesar da sua excessiva severidade, o mesmo João Thomaz cedêra ás supplicas da tripulação, que pedia a admissão do cão philantropico e canonisado.

Quanto á existencia da rebeca, eis aqui como a explicaremos: o Losopho, como dissemos, bem que magico, atheo, philosopho e cabelleireiro, era tambem mestre de dansa, e por isso lhe não era possivel ser retirado o instrumento proprio desta ultima profissão; porque então, como hoje, se animavam todas as distracções que podiam alegrar os marinheiros nos seus longos e perigosos cruzeiros. Mas, excepto durante a hora que lhe fôra designada para a sua escóla, a harmonia era severamente prohibida ao professor.

Eis pois a historia do cão e da rebeca do Losopho.

Quanto ao mesmo Losopho, se nos é permittido abstrani-lo da sua rebeca e do seu cão, entrava na sua vigessima quinta primavera, tinha cara de fuinha, pequenos olhos aleonados que scintillavam astucia e malicia; era delgado, fraco e nervoso mas lesto e desembaraçado, escarnicador, impertinente e assás corajoso: tudo sommado, contrastava singularmente, pela sua agilidade, com esses bons e simplices marinheiros bretões, bem quadrados e vigorosos; de sorte que se dissera ser um raposo entre cães de fila.

Esta digressão fez-nos algum tanto olvidar os outros personagens que se passeiavam na ré da fragata, isto é o tenente e o doctor. Fatigados de se elevarem ás mais altas especulações politicas e moraes, os nossos dois amigos consideravam com attenção uma correspondencia por signaes que havia algum tempo tinha logar entre o telegrapho maritimo da torre de Brest e uma vigia collocada sobre a costa que fórma a parte N. O. de Bertheaume.

— E' algum navio de guerra que se avista ao largo, diz o tenente; mas escutai, escutai, doctor... tiros... são tiros de peça!

De feito, um truar surdo e longiquo foi repetido successivamente pelos echos da bahia.

— Aposto que é a *Minerva* que volta do seu cruzeiro! exclamou João Thomaz prestando ouvido attento.

— A Minerva... essa fragata commandada pelo cavalheiro *de* Grimonard? perguntou o doctor.

— Sim... sim... mas escutai... Silencio lá ávante! bradou Thomaz com voz sonora.

E fez-se ávante um silencio profundo.

Bem que estes incidentes fossem assás frequentes depois do começo da guerra, e que bom numero de combates houvessem tido logar quasi á vista do porto, toda a equipagem da *Sylphide* partilhou bem depressa a attenção dos seus officiaes, e apenas em voz baixa os marinheiros communica-

ram entre si as suas observações, receios, ou esperanças.

Mestre Kergouet e mestre Frank, aproveitando a prerogativa da sua patente, se achegaram o mais possivel da ré, aonde estavam o tenente Monval e o doctor.

Os tiros continuavam sempre, e parecia que se tornavam mais vivos e amendados ao se approximarem da costa.

— Se tivessemos hoje levantado ferro como nos teria sido possivel, diz Monval, haveriamos gosado a boa fortuna de encontrarmos um combate logo ao sair do porto sem mais incommodo, o que não deixava de ser agradavel.

— Se é agradavel ter de combater um inimigo muito superior, diz o tenente com ar serio; porque, segundo as apparencias, é a Minerva que se está agora batendo contra forças respeitaveis.

— Isso é differente, respondeu Monval em ar de desprezo: se não é commodo, então é glorioso... e eu cá me arranjaria como podesse...

João Thomaz reprimiu um movimento de cholera, e respondeu com ironia: — Essa ambição é propria da vossa edade, senhor, vos o faz honra; mas este bello ardor só serve de ordinario para nos deixarmos apanhar e sacrificar inutilmente homens e navios. Ora, segundo a minha opinião, é servir mal o seu paiz, é obrar como creança ou insensato, e não como homem. Desculpai-me, senhor, se vos fallo tão franco, mas é o meu costume. Sou brutal, como alguns dizem.

Monval tinha uma réplica picante nos labios, quando o tenente o interrompeu exclamando:

— Escutai... escutai... o navio perseguido aproxima-se da costa, e, se me não engano, o combate é dado ao barlavento de Onessant.

— E' provavel, disse Monval, olvidando o azedume da discussão que acabava de ter com o tenente para consultar as grimpas, que designavam mui forte brisa do N O. O troar da artilheria chega-nos como se lá estivessemos, accrescentou este.

Effectivamente se ouvia então mui distincto o estrondo da artilheria.

— Que dizeis a isto, mestre Kergouet? perguntou Monval ao artilheiro burguez, o qual, não podendo exigir dos seus superiores a denominação civil que implacavel exigia dos seus inferiores, respondeu com ar contrariado tirando o chapéo:

— Eu penso, senhor, que é uma pobre fragata que foge de famosas forças; ... esperai... lá deu ella uma banda, ouvi-a?... e... agora... uma... duas outras bandas mais distantes, mais prolongadas; são as do inimigo, que está a barlavento: é o que faz com que o som dos tiros nos chegue tão bem. Oh! se me não engano, a fragata bate-se contra dois navios.

— Pobre fragata! exclamou mestre Frank; se ella podesse andar para o vento correr para o nordeste de Onessant, dobrar a ponta dos Corvos e metter-se na passagem do Forno para ahi bordejar em gaveas, seria salva; porque se for a Minerva, tem por piloto o

velho Karadek, que seria capaz de navegar com os olhos fexados sobre os Glenans ou na bahia dos Finados.

— Tendes rasão, mestre Frank, tornou Monval; mas é um incommodo diabolico sondar os cachopos fazendo fogo ao mesmo tempo... eu antes me quero com oitenta peças bem prolongadas fora da agua do que com essas covardes cabeças negras de rochedos que se escondem traiçoeiramente debaixo das vagas para esperarem a sua preza como os tubarões: por isso só na ultima extremidade eu tentaria tão perigosa passagem...

— Comtudo, senhor, diz mestre Kergouet, se m'o permittisseis fortificaria a opinião de meu collega mestre Frank

— Fortificai, mestre Kergouet, fortificai, diz Monval sorrindo.

— Pois, senhor, ainda que eu não seja piloto examinado (aqui o mestre tirou o seu chapéo) na guerra de 71, ancorei o brigue *Rubim* na Belle-Ille, passando o canal das ilhas de Honac e de Rédic; podiamos ter a gloria de sermos perseguidos pela náo de 74 o *Charlestown*, que fazia sobre nós um fogo infernal; mas, quando nos ella viu entrar n'aquelle canal cheio de cachopos, parou... mas tão tola... tão apatétada como um gato que vê mergulhar um pato bravo: então virou de bordo, depois de nos ter mandado uma surriada de artilheria em ar de despedida, uma banda tão frouxa que apenas fez seus ricochetes ao lume d'agua na nossa esteira, e nada mais... Por isso, senhor, desde então, nunca mais me atrevi a dizer uma palavra em desabono dos rochedos á flôr d'agua.

— Mas vêde... o telegrapho continua a trabalhar, diz o doctor, interrompendo a apologia de mestre Kergouet; provavelmente vê-se de lá o mar ao longe e dizem para o porto as alternativas do combate.

N'este momento bradou a vigia: — O escaler do commandante.

Com effeito, occupados como estavam com o telegrapho e os signaes, não haviam dado pela embarcação que apenas então se achava a duzentas e quarenta braças do navio.

— Co'os diabos, ha novidade, diz Monval; o commandante vem com pressa, porque nunca os seus remeiros remaram d'esta forma, elles que a cada remada fazem uma parada, levantando o remo com graça, vem agora vogando seguido como marujos mercantes.

— E estamos todos, diz o doctor, porque o commandante traz comsigo o senhor *de* São-Salvador, o abbade, o astronomo e a sua sombra, tambem chamado, seu irmão.

O escaler do commandante prolongou-se por estibordo... e antes que houvessem tido tempo de lhe lançarem os cabos do portaló, Henrique subiu lésto ao longo da borda do navio, exclamando:

— Toca a largar, meus senhores!... fazem signal de uma fragata franceza combatendo com duas fragatas inglesas. O senhor marechal acaba de dár ordem de saída ao *Vingador* e ao Tonnante. Viva Deus! aviemo-nos, quando não, não chegamos a tempo; vê-

de... já lá vai para bordo o commandante do *Tonnante*!

Isto foi dito ao sabir a escada, com energia e exaltação, mas ao pôr o pé dentro da sua fragata, Henrique recuperou todo o sengue-frio que convinha á posição em que se achava.

— O meu porta-voz, disse elle a um dos homens do leme, o qual desceu a buscal-o.

Depois dirigindo-se ao seu immediato.

— Temos vento e maré, senhor; mandai passar uma regeira pela penultima porta de estibordo, para depois picarmos a amarra.... o tempo urge.

— Picar as amarras? diz o tenente, e aonde as encontraremos de sobreselente, commandante?

— Os Inglezes teem-nas sempre em profusão, responde Henrique prasenteiro, senão a primeira fragata d'esta nação, que encontrarmos nos servirá de boia.

João Thomaz foi executar a ordem que lhe foi dada.

Henrique tendo recebido o seu porta-voz, subiu ao banco de quarto. Era o seu official de manobra o senhor de Miran.

Ao apitar do mestre da equipagem, cada um foi para o seu posto, e nem mais uma palavra se ouviu.

— Commandante, a regeira está passada ao cabrestante, veio São Salvador dizer a Henrique.

— Prompto a içar as velas de pròa, a largar e caçar as gaveas! bradou Henrique com voz forte, e virar firme sobre a regeira.

Depois, vendo que a fragata tinha abattido bastante;

— Prompto a caçar a mezena, e corta a amarra, corta!

Um golpe de mechado retinio surdamente.

— Corta a regeira, corta! bradou emfim Henrique com uma voz sonora e vibrante que assaz disia com que saptisfação dava elle esta ordem.

Resoou segundo golpe de machadinha.

Então a *Sylphide* vendo-se inteiramente livre, inclinou-se ligeira sob a brisa, andou para o vento, e fez um bordo até á rocha Mingan para sair da bahia.

Foi esta manobra tão bem e tão depressa executada; que ainda o *Tonnante* estava a suspender quando a *Sylphide* se approximou da barra.

Por isso a náo estimulada da promptidão com que a fragata executára as ordens do marechal, lhe fez signal para que se pozesse á capa, e que a esperasse, porque o commandante da náo, por ser o capitão mais antigo dos tres navios tinha sob as suas ordens esta pequena divisão, e trazia bandeira de chefe de esquadra.

— O *Tonnante* faz signal de nos pormos á capa, diz Miran a Henrique, que, com as costas voltadas, dava mostras de não querer ver similhante signal.

Foi-lhe pois mister vel-o, e submetter-se-lhe murmurando.

— Para que será necessario o au-

xilio d'estes dois pesados navios? dizia o conde, Em verdade, duas náos de linha e uma fragata, para igualar o combate, como diz o marechal, é demais.

Durante o tempo que a fragata esteve á capa, Henrique volveu um olhar rapido pela physionomia da sua equipagem, a quem devia ter causado admiração aquella tão repentina partida.

Achou os seus marinheiros tranquillos e impassiveis como de costume. Simplesmente se lhes descobria nos rostos descuidosos uma sombra da curiosidade.

Henrique augurou bem d'esta abnegação; por isso bradou com prazer profundo, vendo o *Tonnante* que tinha largado, fazer lhe signal de dar caça.

— Em fim... emfim, eis ahi a ordem de servir de explorador a essas náos pezadas: ainda bem!

Depois, fazendo içar a bujarrona, e braceando a gavea, poz a Sylphide a caminho.

— Todos a postos de combate! bradou o conde: e dirigindo-se á equipagem: Vamos, meus filhos, adeus á França, corramos sobre os Inglezes, e viva o rei!

— Viva o rei! bradou a equipagem com força.

— Deitai a fragata fóra da barra, senhor, disse Henrique entregando o porta voz ao tenente, vou fazer a minha inspecção á bateria e aos castellos...

— Picar as amarras!... cabeça louca fanfarrão! disse o tenente vendo o conde retirar-se.

Depois accrescentou com um despeito concentrado fallando comsigo mesmo:

— E comtudo deve-se confessar que a manobra foi bem feita: e a maneira como este fatuo commanda denota grande pratica... Inferno... maldicção! logo nada lhe falta!... nada!...

E comtudo eu possuo tanta bravura e sciencia como elle... e persisto obscuro!... E elle é o senhor conde de Vaudrey... repetia o tenente com uma ironia amarga, o senhor conde! em quanto eu sou João Thomaz, o neto do vendedor de peixe na ribeira... desprezam-me... co'os diabos, se ao menos me despresassem!... mas, nada, são polidos para comigo: mas que polidez... eu preferia a insolencia, pela insolencia matamos ou somos mortos... Morte e raiva! eu de certo enlouqueço a bordo deste excommungado navio... Oh! este conde!.... este conde!.. Emfim, vel-o-ei no fogo... para então é que eu apello.

Mas em que penso eu?.. era para isso mister que eu fosse feliz... e acaso foi João Thomaz jámais feliz!..... Se pratico uma acção bôa, volta-se contra mim; se denuncio um crime a um amigo, se lhe digo: A tua mulher engana-te, eu o vi; la está minha mãi, que para me desmentir profere uma mentira, talvez a primeira na sua vida, e passo por um prejuro, por um louco, e sou amaldiçoado por minha mãi, que em seguida morre... e hei-de eu amar o mundo, hei de eu sor-

rir-me para os fidalgos, e hei de fechar os olhos sobre as fraquezas dos outros!... Não, não, a cada um o que lhe toca, aconteça o que acontecer; obrando assim tenho a consciencia pelo meu lado, e, por Deus, prra que serviria ella, se não fosse o poder ser implacavel para com os que fraquejam!... por isso... quanto daria eu para que este gentil-homem pernesse a cabeça no fogo!... Muitas vezes estes officiaes de manobras, placidos e tranquillos, empallidecem ao troar da artilheria; mas, não este conde é talvez valente... Pois bem! ainda que o seja, que me provaria isso!... não faria mais do que o seu dever. Sim, mas não terei eu direito de o despregar... e en gostava tanto de o despregar... e de lhe pagar na mesma moeda; porque eu estou certo que interiormente elle me despreza, não a mim, ao meu nascimento... desprezar! louco! como se todos os homens não valessem o mesmo, nobres ou plebeo!... como se um homem tivesse direito de desprezar outro, porque tem um escudo ou nma patente mais do que elle, dizia João Thomaz com cholera. Depois vendo que as vélas não aproveitavam o vento.... — Orça, orça, vilão, canalha maroto, diz elle ao homem do leme empuxando-o com a sua brutalidade ordinaria.

O homem do leme executon vivamente a ordem que lhe havia sido dada, dizendo mui baixinho; — Bom, ora ahi está um tenente que é educado no genero do nosso porco fallecido.

XXXV.

A INSPECÇÃO.

Voici l'heure decisive.
SCHILLER. — Maria Sutuart

E' sabido que as duas náos que saiam do porto de Brest para ir em soccorro da Minerva eram o *Vingador* de 74 peças, e o *Tonnante*, de 64, que levava a bandeira do commando, por que a seu bordo ía o mais antigo dos dois capitaes de náo.

A *Sylphide* havia recebido ordem de adiantar-se e de descobrir a marcha d'esta pequena divisão; porque a canhoanda continuava viva na costa.

Em quanto Henrique inspecionava a artilheria e as manobras dos baileos, era esparado na bateria commandada pelo senhor de Monval.

O mestre dos artilheiros burguezes harengava então á sua gente com a pretenção que costumava.

— Ah! *meus senhores*, lhes dizia elle, fiel ás suas pretenções civis, parece que vamos ter que fazer na nossa loja; porque a nossa bateria é tanto a nossa loja, como a loja de um mércador é a sua loia, é a mesma coisa. Conduzamo-nos pois como bons rapazes que somos. Vós, senhor Rapin, diz elle ao seu immediato, que, não partilhando a ambição burgueza do seu superior, se julgava tão militar, tão marinheiro, como outro qualquer, vós, senhor Rapin, vigiareis a passagem da polvora, e visitareis cuidadosamente as cartucheiras, para que lhes não fique alguma fagulha.

Quanto a vós outros, senhores, ajuntou elle dirigindo-se ao todo dos seus artilheiros, recommendo-vos, para interesse da vossa substancia individual, que de tempos a tempos refresqueis, com uma vassoura molhada, o interior das vossas peças: porque a garganta da peça exaspera-se tanto como a garganta do homem; secca-se á força de fallar, mas o que ha de inconsiderado na peça é que, quando tem a garganta escaldada, falla antes de ordens; o que se torna então muito indecente para os braços d'aquelles que pegam no soquete. Não necessito dizer-vos que se o chefe de peça morser, deve ser substituido pelo primeiro servente da direita, e que esse será substituido pelo primeiro da esquerda, e assim em seguida. . Mas tudo isto burguez, tranquillamente, como se isto se passasse n'uma outra loja de um especieiro, por exemplo, porque é tudo o mesmo: se o primeiro caixeiro sae do balcão, o segundo vai logo para o logar d'elle, e assim em seguida; porque eu vol-o repito, é diametralmente a mesma coisa. Por exemplo, se, como no combate de *Temivel*, um farcista de um tiro de metralha demolisse todos os serventes de uma peça então se iria buscar um homem a cada uma das peças que não faz fogo, se só se bastasse de um bordo, e então ficaria assim guarnecida a peça desmontada; mas tudo isto tranquillamento... Porque primeiro que tudo somos burgueses; é preciso que vos enfronheis bem neste principio.

— Tão burgues, arriscou-se a diser o contra-mestre Rapin, tão burgues que as balas de artilheria nos levam as pattas, e as cabeças são rachadas por golpes de machadas; ora aqui está, segundo cá a mim me parece o que são divertimentos burgueses...

— Meu charo amigo, tornou mestre Kergonet, dar-vos-ei, mas com toda a polidez que é devida entre artilheiros burguezes, que sois um bruto, um animal. Que prova isso, as patas quebradas, a cabeça esmagada? Um negociante, um membro da corporação dos cortidores de Romorantin, não pode ficar com uma perna fracturada por uma queda? a cabeça rachada por uma telha? serão por isso militares? Ora, deixaremos de ser burgueses, porque temos uma perna quebrada, ou a cabeça de menos?

— Mas, diz Rapin, mas, senhor Kergouet, estais ahi com frioleiras. Não é a mesma coisa, não, porque...

— Ora vós ides obtemperar-me já a felicidade de vos callar e de ir vigiar a passagem da polvora, sem me responder uma palavra, como o faz um artista quando o seu syndico lhe dá uma ordem, tornou severamente mestre Kergouet.

N'este momento, um timoneiro veio annunciar que o commandante estava passando a sua inspecção de combate, e que ia descer para a bateria.

Com effeito, Mouval, que commandava a artilheria, appareceu logo, e em seguida Henrique, acompanhado de São Salvador, de Miran, e do escrivão.

A gente ficou immovel e silenciosa

juncto ás peças; Monval chegou-se a Henrique com o chapéo na mão, e pareceu esperar as suas ordens.

O rosto do conde estava tranquillo, mas os seus olhos brilhavam e uma ligeira vermelhidão lhe animava as faces de ordinario assás pallidas; observava-se emfim, em toda a sua pessoa, esse prazer profundo, essa exaltação comprimida, que se manifesta a pezar de todo o imperio que temos sobre nós mesmos.

O conde adiantou-se, explendidamente vestido com o seu grande uniforme bordado, coberto de magnificas rendas, calçado, com o mais elegante apuro, de meias de seda brancas, e com lusidios sapatos pretos com saltos encarnados e fivelas de oiro, bem empoado com pós odoriferos, o seu chapéo bordado debaixo do braço esquerdo, e com a mão direita na algibeira do seu colete escarlate, bordado a oiro, que em parte escondia o rico punho da sua espada com bainha de veludo azul.

Andou em volta da bateria sem dizer palavra, mas o seu olhar penetrante; depois de se ter demorado sobre cada uma das peças, e de as ter examinado minuciosamente, se reportava ao rosto dos artilheiros, que olhava com a mesma attenção fixa e penetrante.

— Apre! diz em voz baixa mestre Rapin abrindo as ventas largas, e aspirando os perfumes que Henrique deixava apoz si, apre! que peste de cheiro! Se o commandante fosse tão bom rapaz que todos os dias fosse estar só por uma hora á prôa, ficariamos todos enfrascados no tal cheiro.

Henrique continuava a sua inspecção:

— Porque estás tu tão pallido? perguntou elle arrebatadamente ao segundo carregador da esquerda da terceira peça de bombordo, que estava algum tanto encostado á peça.

— Meu commandante, respondeu o homem sem se desconcertar, *acabo* de estar doente.

— De que?

— D'isto, meu commandante.

E abrindo a veste e a camisa, fez vêr a Henrique uma larga e profunda cicatriz apenas fexada.

— Porque não ficaste no hospital?

— Porque o major me disse que só o exercicio me podia curar, meu commandante; e então escolhi *o* de peça, porque me intendo com *elle*, e me dá occasião de malhar no inglez

— Não terás forças para isso.

— Oh! se tenho, meu commandante, pois que o major me disse que só isso me poderia curar.

— O teu nome?

— Lucas, meu commandante.

E Henrique, depois de haver por largo espaço examinado o artilheiro, bateu-lhe levemente no hombro em ar de approvação, continuou a sua inspecção, e, tendo terminado o giro da bateria, disse em voz alta e firme.

— A vossa bateria está muito boa, meus filhos; mas, fazendo fogo sobre os inglezes, ainda ha de ser melhor, e espero que não tardareis em o mostrar.

Depois, dirigindo-se a Monval.

— Principalmente, senhor, não façais fogo antes de ordem; fazei pontaria a metter a pique ou á roda do leme, e se, como espero, eu travar o combate a alcance de pistola, fazei sangrar os cartuchos, porque então a bala sae com mais força e faz mais effeito no costado.

Dirigindo-se depois a mestre Kergouet:

— Espero, mestre, que não tenhas embarcado essa indigna metralha de pregos e pedaços de ferro, que torna incuraveis as feridas que produz?

— Sim, meu commandante, embarquei, responde o mestre.

— Pois bem! senhor, diz Henrique a Monval, eu quero que ao meu bordo só na ultima extremidade se sirva de similhante cousa; esta metralha não é melhor que a outra para o combate, e deixa horriveis feridas: ora, o que é muito justo e preciso é matar o maior numero durante a acção, mas calcular sobre as consequencias das feridas que fazemos, e tornal-as incuraveis de proposito, é uma previdencia ou covardia que nunca comprehendi: ouvis-me, senhor *de* Monval.

— As vossas ordens serão executadas, commandante.

Apenas Henrique acabava de proferir estas palavras, ouviu-se grande motim nos baileos. O conde, que devia acabar a inspecção por esta parte do navio, ahi se dirigiu á pressa; e como se aproximasse da escotilha para descer, foi quasi deixado por terra por um homem que fugia trepando a escada com precipitação: era Rumphius.

— Que diabo fazeis, meu preceptor? diz Henrique com ar meio severo, meio rizonho. Aonde ides a correr, em logar de vos deixardes estar tranquillamente escondido no fundo do porão, como eu havia recomendado ao vosso irmão? O vosso logar não é aqui, meu digno sabio, porque vos seria difficil medir a curva dos planetas de ferro que vão chover n'esta bateria.

Rumphius estava com metade do corpo fóra da escotilha, e na rectaguarda via-se o rosto do pobre Sulpicio, que fazia todos os esforços para reter o astronomo pelas abas do seu casacão.

— Eu passo a dizer-vos o que é senhor conde, diz o sabio com o seu sangue frio ordinario; nós vamos, segundo me pareee, ter uma batalha durante a qual os homens vão cair em tanta quantidade como os grãos do milho sacudido pelo espirito de Naraca, como diz Patala. Ora, ha muito tempo que eu tenho a idéa de medir a prestreza da deslocação do ar accasionada pela detonação da artilheria. E s pois o que conto fazer: vou-me collocar mui tranquillo na gavea grande, bem no meio do fogo, e ahi occupar-me bem seriamente da minha observação.

Era para ver a cara de Sulpicio durante esta singela confissão!

— Estais louco, meu preceptor, diz Henrique não podendo conter uma gargalhada, e as balas?

— As balas, as balas, as balas! re-

petiu o astronomo em tres tons differentes, com o ar do mais profundo espanto.

— Sim, diz Henrique, as balas desviar-se-hão do seu caminho para vos deixar observar á vossa vontade?

— E' verdade que inteiramente me não haviam lembrado as balas, diz Rumphius com o seu phleuma; depois acrescentou tentando novo esforço para subir o resto da escada; — Ora! Ora! Yama, o espirito de guerra, respeitará um admirador de Wishnon, e...

— Nada, meu querido sabio, aquelle que chamais Yama tem, segundo creio, pouca influencia sobre a direcção das balas de S. Magestade britannica. Assim, tende a bondade de voltar para o vosso posto.

E, impellindo-o brandamente, Henrique fez descer o sabio recuando até ao porão, apesar das supplicas que o astronomo lhe renovava a cada degráo que era obrigado a abandonar.

Recommendando-o denovo á vigilancia de Sulpicio, Henrique se dirigiu para o lado onde o cirurgião estava para se assegurar se todos os soccorros estavam preparados.

— Effectivamente, o doctor Gedeão, com as mangas regaçadas até aos cotovellos, dispunha os seus medonhos utensilios com o maior sangue frio do mundo, e, ralhava com os seus ajudantes que não andavam ligeiros.

— Então, doctor, diz o conde a Gedeão, está tudo prompto? não vos falta nada?

— Absolutamente nada, senhor commandante.

— Não tenho necessidade de vos recommendar o maior cuidado nos feridos; quanto aos que se recolherem ao hospital sem o estarem, se tal acontecer, o que não creio, mandai prevenir o capitão d'armas: serão fusilados immediatamente.

— Sendo todos os homens iguais, senhor commandante, teem os mesmos direitos aos meus cuidados, e cortarei igualmente os braços de...

— Senhor, diz Henrique com impaciencia, por uma só vez vos digo que dispenso as vossas reflexões; dou ordens, e os meus subordinados exetam-as e calam-se.

Depois, voltando-se para o capelão, que, em pé, encostado á amurada do navio, examinava estes terriveis preparativos com ar de desdem melancolico: — Mil perdões... eu não havia tido a honra de vos vêr, senhor capelão, diz o conde ao abbadede Cilly, cujo rosto palido, moldurado no seu habito preto, se destacava a custo das trevas do porão.

O abbade inclinou-se ligeiramente, e não respondeu palavra; Henrique quiz fallar, porém, elle, sempre mui desembaraçado, tão bem fallante, não achou que dizer, e ficou mudo.

E' porque effectivamente, até para Henrique que era superior a qualquer receio, havia alguma coisa de singular no aspecto d'este sacerdote silencioso e sombrio, cuja presença n'este logar era tão eloquente; porque, vendo-o tão proximo do horrivel trem do cirurgião não se pensaria que elle estava alli para esperar aquelles que os

cuidados materiaes não podessem salvar?

Henrique, quasi zangado contra si mesmo por nada haver dicto ao abbade, saudou-o seccamente, e tornou a subir recommendando novamente a Sulpicio que velasse sobre Rumphius, que exclamou logo que o conde passou:

— Senhor conde, deixai-me sómente estar sobre a coberta por um quarto de hora, mas no mais forte da detonação e da vibração do ar.

Mas Henrique já o não ouvia, estava já na bateria.

Logo que ahi chegou, Henrique deu as suas derradeiras instrucções a de Monval, e voltou para a tolda.

No momento em que elle ahi appareceu, a Sylphide dobrava o cabo de São João Matheus; e as duas náos ainda bordejavam no Iroise.

— Então! senhor, diz elle a Thomaz, que é feito da canhonada?

— Ouve-se menos, e não se vê nada: provavelmente o combate continua ao vento de Ouessant, e esta terra nol-a occulta.

— Mandai seguir n'este bordo, e como não podemos largar mais panno molhem-se as vélas, o que fará com que deitemos mais uma ou duas milhas.

— A bomba de incendio ainda não está preparada, commandante.

— E porque o não está, senhor? espero que ao meu bordo nunca deixe de o estar.

— Vai tractar-se d'isso, commandante.

O tenente, repremindo um gesto de impaciencia, foi executar as ordens do commandante.

O horizonte começava a descobrir-se; á direita da Sylphide avistavam-se as terras elevadas de Ouessant e as costas de Abrevrak herissadas de cachopos; á esquerda o Oceano se desenvolvia ao longe em toda a sua immensidade.

A *Sylplisde* andava maravilhosamente, e atraz d'ella as duas náos, com um andar menos rapido, estendiam o seu montão de panno e madeira.

— A bomba está prompta, commandante.

— Fazei-a trabalhar, diz Henrique.

E no mesmo instante foram dirigidas tres agulhetas sobre a superficie que as velas apresentavam ao vento, a fim de apertar as malhas do panno e impedir assim que o ar se escapasse por ellas.

— Mandai descer os gageiros das gaveas, senhor, diz o commandante; faz frio, e é inutil expor sem precizão a saude dos homens.

— Não tarda que os guarde na cama, murmurou o tenente, mandando executar esta ordem.

— Venha a gente para baixo? diz o mestre da equipagem.

Apenas esta ordem foi dada, os marinheiros desceram das gaveas pelas enxarcias.

— Ainda lá ficou um na gavea de prôa, disse Henrique a quem nada escapava.

— Mestre Frank! bradou impacien-

temente o tenente, quem é o maroto que ficou na gavea de prôa ?....

— Aposto, diz o mestre, que é o damnado Losopho ! Depois apitando levemente, bradou :

— O' lá da gavea de prôa ?....

Ao apitar do mestre, duas cabeças se assomaram ao corrimão da gavea, incostando-se a elle.

Estas duas cabeças eram : primeiro a de Losopho ; segundo a do seu cão São Medardo.

— Para que, diz o mestre, ficastes lá ambos, tendo eu mandado descer toda a gente ?

— Mestre Frank, estamos dando um ponto nas tralhas de um cutello, diz o Losopho ; e, como para certificar esta asserção, o cão fez ouvir um latido....

— Que é isto ? diz Henrique. Aqui ha um cão ?

— Commandante, é o cão de que vos fallei ; a equipagem é tão afeiçoada áquelle animal, diz Thomaz, que eu julguei....

— Vá lá .... seja .... mas as bombas, senhor, as bombas....

— Fazei trabalhar as bombas, bradou o tenente e as bombas esguicharam, principalmente na direcção do mastro do traquete, porque os marinheiros tinham gosto em pregar esta peça ao Losopho.

A' frente dos mais infatigaveis bombeiros se incontrava Daniel.

O Losopho recebeu estoicamente esta aspersão, dizendo ao seu cão que a partilhava : — Só o que te faltava era o baptismo, São Medardo. Eis-te aqui christão completo.... agora podes morder os padres.

Ao que São Medardo respondeu agitando a cauda em ar de intelligencia.

Apenas haviam as bombas cessado de trabalhar, a *Sylphide* tomou novo andar mais rapido, chegou-se mais para o vento, e virou de bordo bem a proposito para dobrar a ilha.

Mas o theatro de combate continuava occulto á *Sylphide* e ás duas náos que a seguiam.

XXXVI.

ESTRATAGEMA DE GUERRA.

> Joanna. — Oui, tu as raison, cette blanche bannière est propice aux amis de la France'e porte le trouble a ses ennemis.
> SCHILLER. — *La Pucelle* acto 4. scena. 3.

Oh ! se alguma vez, n'uma bella tarde de estio, sob um céo magnifico de Zante ou de Cephalonia, quando uma brisa doidejante ruga apenas a superficie do mar, trazendo comsigo o perfume das laranjeiras, quando o sol ardente espalha, como a pesar seu, os seus derradeiros raios doirados, oh ! tendes procurado uma frescura deliciosa nas aguas placidas e limpidas do Levante, não tendes visto nellas brilhar, como um rubim, um peixe pequenino e engraçado, côr de violeta, cujo brilhar sombrio é recamado por brilhantes escamas prateadas e barbatanas franjadas de nacar ?

Admirando a sua graça e belleza, não

o haveis tomado por algum bom genio das agoas, por algum gentil Ariel que se resvestia de semilhante forma afim de percorrer, incognito, as profundesas do mar, e de brincar por entre esses bellos sargaços verdes que se enlaçam em grinaldas de esmeraldas nos ramos petrificados do coral?

Então, enamorado dessa joia dos oceanos, nadastes para elle afim de o apanhar. Porem ella, não é assim? prazenteira e folgasã, ora, conservanse immovel, deixava que vos approximasseis: ora mergulhava fugindo, depois voltava, e tornava a fugir traçando em a agoa azul mil circulos argentinos, e vos arrastava assim em seu seguimento.

Mas quando, mui satisfeito, crieis emfim que ereis senhor della, não tendes visto subitamente na esteira desse lindo piloto, não tendes visto luzir os dois olhos flavos e arredondados de um tubarão gigantesco, com pelle rugosa e negra, o qual, açoitando a agua com a sua cauda enorme, abrindo uma goela medonha, se dirigia rapido para vós, guiado por esse attrahente piloto que o precede sempre e lhe conduz assim caridosamente a sua preza?

Então, não é assim? reunindo as vossas forças para fugir dos dentes agudos do vosso inimigo, ganhastes a costa hospitaleira, se o podestes conseguir...

Pois assim como esse perigoso e seductor piloto, a *Sylphide*, tambem viva, tambem engraçada, tambem perfida, guiava e precedia as pezadas e temiveis náos de guerra que, escondidas pelas terras altas de sul de Onessant, navegavam nas aguas da fragata.

Neste momento o som de artilheria, que sempre continuava de se ouvir, foi diminuindo pouco a pouco, e não tardou que cessasse inteiramente: pelo que se podia pensar que o navio atacado havia sido tomado, ou que havia escapado ao inimigo, tentando intrepidamente a passagem do Forno.

Henrique não mais duvidou desta ultima supposição quando viu a vigia de Onessant fazer signal á náo Tonante, de que ao sul da ilha se avistavam as duas fragatas inimigas que acabavam de perseguir e combater uma fragata franceza agora refugiada na passagem do Forno, aonde não havia ousado seguil-a.

Para logo a náo fez signal á Sylphide que dobrasse a ponta do Porclas, que escondia os navios francezes, que se aproximasse sózinha do inimigo, fingindo querer reconhecel-o, e que depois désse caça manobrando de maneira que attrahisse as fragatas inglezas para ao pé da ponta, e quasi nas aguas das duas náos, as quaes, apparecendo então, facilmente se apoderariam do inimigo.

— Covarde manobra é está! diz Henrique com azedume, servir de isca a essas pobres fragatas, conduzil-as traiçoeiramente para o laço, e fazer com que sejam tomadas, talvez sem um só tiro: viva Deus! é a manobra de um ignobil navio mercante, e não fragata de guerra. O marinheiro que commanda aquella náo, accrescentou elle designando o *Tonnante*, não o sabe por-

ventura? Eu antes quizera sósinho apresentar o costado do meu navio aquelles dous vasos de que obrar assim.

Mas, como Henrique primeiro que tudo se submettia ás ordens dos seus superiores com uma obediencia passiva, fez força de velas e executou a manobra que lhe fôra ordenada, em quanto que as duas náos, occultadas pela terra, aguardavam a facil preza que o conde lhes devia levar.

Então a *Sylphide*, bella e enfeitada, dobrando a ponta de Porclas, se adiantou sózinha pelo Oceano, com o ar envergonhado e timido de uma joven desposada que tremendo, entra sózinha n'um salão, e procura por todos os lados um rosto amigo.

Não tardou que os navios inglezes avistassem a fragata franceza, e, fiados na sua força, arribaram para ella.

E a *Sylphide*, serrando sempre o vento, cada vez mais se aproximava do inimigo, de forma que pouco tardou que se achasse a um quarto de milha.

Então, como quem indecisa, foi pouco a pouco diminuindo de pano.

Os inglezes aproximaram-se, e, içando bandeira britannica, firmaram-a com dous tiros de peça, indo as balas cair a algumas toezas da fragata.

Então, como se acabasse de perceber o perigo que corria, a Sylphide virou subitamente de bordo, encheu-se de panno, e fugiu na direcção dessa fatal ponta ao abrigo da qual estavam embuscados os dous navios *tubarões*.

As fragatas inglezas, imitando a manobra da *Sylphide*, perseguiram-na de perto, afim de a metter entre dous fogos, e impedir que ganhasse o porto.

Mas ai dellas! apenas as pobres inglezas haviam dobrado essa maldicta ponta de Porclas, a *Sylphide*, virando de bordo, passa lhes a barlavento, iça a bandeira real de França, firmando-a com uma banda inteira, e as duas náos apparecem com o panno todo; de sorte que, achando-se involvidas desta forma, sem esperança de salvação, se viram obrigadas a arrear bandeira e a se renderem depois de leve resistencia que fizeram por formalidade.

Foi então que se soube que o navio francez que os inglezes haviam combatido era effectivamente a fragata *Minerva*.

Terminada, que foi, tão felizmente esta imprevista expedição, o commandante do *Tonnante* fez signal a Henrique que passasse ao seu bordo, afim de receber ordens que tinha a communicar-lhe da parte do senhor marechal de Castries.

A *Sylphide* poz-se á capa, e um quarto de hora depois era Henrique a bordo do *Tonnante*.

— Bravo, senhor *de* Vaudrey! lhe diz o commandante da náo, desempenhastes o melhor possivel o vosso papel.

— Comtudo, senhor marquez, diz Henrique com ar desgostoso, é uma gloria que eu deixaria para quem a quizesse; eu não sou escrupuloso, mas, em verdade, toda a minha vida me arguirei do que fiz.

— Vamos lá, estais louco, lhe diz o marquez, isto é de boa guerra; os in-

glezes combatiam a *Minerva*, de vinte e quatro peças, com duas fragatas de trinta e seis; e eu sou menos escrupuloso do que vós, e mui satisfeito disto estou, meu charo conde. Fallando desta arte, metteu o braço a Henrique e condusio-o para o jardim do seu navio. O senhor marechal de Castries entregou-me despachos para vós, senhor conde, lhe dis elle, e eil-os aqui; além disto, aqui está tambem um prégo que só abrireis na altura dos Açores, e nelle encontrareis instrucções ulteriores. O senhor marechal, que perfeitamente vos conhece, me pediu tambem que muito vos recommendasse que evitasseis qualquer combate muito desigual, porque os despachos que levaes á Nova-Inglaterra são da mais alta importancia, e impacientemente esperados pelo cavalheiro *des* Tonches. Adeus, senhor de Vaudrey, desejo-vos boa e gloriosa viagem; sois mais feliz do que nós, que vamos outra vez para Brest. Depois accrescentou em ar confidencial ao ouvido de Henrique: — Talvez que cedo nos tornemos a vêr.

— Como assim, senhor marquez? disse Henrique.

— Oh! nada mais vos posso dizer, ajuntou o commandante da nau em ar mysterioso.

Emfim, recondusindo Henrique ao tombadilho, apertou-lhe cordealmente a mão, e o conde voltou para o seu escaler no meio das felicitações dos officiaes do Tonnante, que não se cançavam de admirar a ligeiresa, elegancia e andar da fragata.

— Então adeus, meus senhores, diz Henrique aos officiaes sobre o tombadilho, muitas e muitas saudades aos amigos de França.

E, dirigindo-se para a sua fragata, não tardou que chegasse a seu bordo, não sem haver volvido um olhar de ufania para a sua Sylphide, que engraçadamente se baloiçava.

Deu logo ordem de seguir viagem, e, aproveitando a brisa que do N.—O., acabava de saltar ao N.—E., começou de correr ao largo em O.—S.—O., depois de haver mandado fechar os paioes da polvora e suspender os preparativos de combate até nova ordem.

— Então! mestre Frank, diz Kergouet subindo todo desgostoso da sua bateria, que dizeis a isto? valia a pena incommodar por tão pouco as nossas peças, e dar-lhes fogo para as deixar ainda com appetite, para só lhes consentir uma banda de bamburrio, que mais parecia um brinco de rapazes do que uma enfiada de balas? Então, que dizeis a isto, pai Frank? N'uma *loja* bem organisada isto não iria assim, se o amo diz aos seus caixeiros: Hoje é dia de festa, é dia de festa; mas aqui... aqui... Emfim, que dizeis a isto, mestre Frank?

— Digo, mestre Kergouet, digo que não é cá do meu agrado ver o navio em que ando servir de isca ao inimigo para o fazer tomar por outros... Digo que não é cá do meu gosto servir de isca ou de trapaça que se põe na ponta da linha para apanhar uma pescada.

— Não fallei de trapaça... isso revolta-me, mestre Franck, exclamou Kergouet em ar descontente; é uma corrupção *muito* ignobil, não me falleis nisso; mas acceito a *comparação* da isca, é mais delicada.

— Quer seja delicada quer não, se me eu não engano, o commandante não está mais contente do que nós pelo papel que nos obrigaram a representar por começo de uma campanha, porque elle parece-me um leopardo que tem tantos dentes como de pellos, segundo dizem. Eu conheci o Giroux, que Deus haja, que era mestre a bordo do *Robusto*, aonde servia o nosso commandante, o qual, segundo me elle disse, era um coelho que....

— Então se era coelho não era leopardo, diz mestre Kergouet com ar ironico.

— Ora vejam o fallador, porque falla como um livro, diz mestre Frank em ar de despreso; coelho ou não é um marinheiro... e como marinheiro vexa se de servir de trapaça.

— Outra vez trapaça, mestre Frank, isso é revoltante: mas, deixando-nos de trapaças, e sem me julgar inculpado de supersticioso, é aborrecido para pessoas rasoaveis que creem em presagios.

— Lá começais outra vez com as vossas tolices, diz Frank interrompendo-o; ora, mestre Kergouet, já fostes vós que apalermastes o meu sobrinho com os vossos palavrões de bons e maus presagios, com as vossas asneiras de fogo Santelmo, de sortes, de tremores emfim; mas bem vedes que isso cá em mim não morde; tenho a pelle muito dura, meu velho jacaré.

E batendo familiarmente no hombro do mestre, desceu para os bailéos do porão.

— Isso não morde, isso não morde, repetia mestre Kergouet com ar descorçoado, pois peior é para a tua pelle, imbecil. A tua pelle é que é má, selvagem; porque os presagios são como barometro... annunciam o bem e o mal, como eu dizia ao nosso commissario, a esse Hespanhol que sempre está triste como um defunto, e que nunca se vê, sempre está sósinho no seu paiol. Ah! é um maroto de tão bom gosto, que não teria a posteridade de Adão, se as palavras fossem filhos, accrescentou o artilheiro burguez indo dar uma derradeira vista d'olhos á sua bateria, a que tão engenhosamente chamava a sua *loja*.

Eram então quatro horas da tarde. O sol de janeiro brilhava n'um céo puro, e lentamente descia para o horizonte, que elle coloria de um vermelho vivo e ardente.

A *Sylphide* vogava com graça sobre um mar magnifico, e deixava á sua esquerda e atraz de si as elevadas terras da Bretanha, que os derradeiros raios do sol cobriam de uma côr doirada.

Todos os olhares estavam voltados para as costas, em que cada um deixava uma lembrança ou uma saudade.

E' sempre um momento solemne o de uma partida assim, principalmente em tempos de guerra, quando se deixa o seu paiz, as suas affeições, os seus

habitos, por um porvir tão incerto, tão velado como Oceano occulto pela cerração...

Esta sensação grave e profunda não entibia a coragem, mas lança o homem mais insensivel n'uma especie de meditar serio e melancholico.

Por isso o primeiro dia de navegação é de ordinario triste a bordo, sobretudo emquanto se avista a terra, que parece se nos está sorrindo como um amigo que nos diz adeus;

Ou cholerica como um credor pregado na praia que vê partir o devedor.

Ou alegre como o devedor que vê partir o seu credor.

Ou lacrymosa como a donzella a quem só resta a recordação de uma falta doce e cruel como... todas as faltas de donzella;

Ou... mas seria a historia do coração humano, a historia d'esse prisma maravilhoso que tão diversamente orna a mesma terra.

Mas uma vez no mar, bem no mar alto, quando unicamente vêmos o céo e o Oceano, então todos nos entregamos a essa nova vida, aos seus acasos aos seus perigos; e essas sensações sem cessar renascentes nos absorvem inteiramente, e apenas nos deixam tempo para evocar as nossas recordações.

A despeito do seu caracter frivolo. o conde não havia escapado a estas impressões; por isso depois de haver dado ordens ao seu immediato para o roteiro, desceu para o seu jardim, e ahi, encostado sobre a almofada de veludo azul que bordava a sua janella doirada, estava volvendo longo olhar por sobre as costas dessa França, em que tão alegres momentos havia passado, quando Monval entrou, depois de se haver feito annunciar pelo criado grave de Henrique, e lhe disse:

— Commandante, a vigia da costa pede-nos o numero de ordem...

— Pois dai-lh'o, senhor, diz Henrique contrariado por se ver incommodado neste momento; então que vigia é essa tão curiosa?...

— E' a que recentemente estabeleceram na terra de Koat-Ven, commandante; olhai, ella vê-se d'aqui.

Seria difficil descrever o effeito que este nome, pronunciado neste momento, a esta hora, nesta disposição, fez sobre Henrique, franzio o sobr'olho, cortejou o official com um gesto como quem o convidava a sair, e pozse a passeiar a passos largos na sua camara.

Esta camara que provava o bom gosto do senhor Doquin, formava um quadrilongo, cujas paredes eram forradas de setim azul adamascado, moldurado em largos varaes dourados; um magnifico tapete da Turquia cobria o solho, e dois largos e profundos canapés dourados se estendiam a cada lado da porta encoberta por um reposteiro tambem de setim azul igual ao que forrava as paredes.

Em frente dos canapés, se abriam as quatro janellas da popa, as suas almofadas de veludo e as suas sanefas engraçadamente deitadas por cima de flechas e sustidas por brilhantes cordões com borlas e franjas de ouro.

De cada lado da camara se via uma

porta com espelho; uma communicava ao toucador, e a outra á salla dos banhos.

A porta da entrada principal, que já dissemos ter um reposteiro, abria sobre a casa de jantar, á direita da qual ficava a cosinha, e á esquerda o quarto de dormir de Henrique, que em nada cedia ao quarto de mais apurado gosto.

Emfim uma antesalla, aonde estavam os criados, precedia a casa de jantar.

A' porta desta casa, na bateria, dois marinheiros estavam de sentinella, armados de chuços, e os praticantes assentados em bancos aguardavam as ordens que o commandante poderia ter a transmittir.

Na camara, por cima de cada canapé estava uma agulha transparente, suspensa no tecto, afim de que, assentado ou deitado, o commandante podesse sempre seguir o rumo ou direcção que o navio levava.

Em armarios collocados entre as janellas e curiosamente embutidos de madre perola, prata e marfim, estavam a rica panoplia de Henrique, as suas cartas, os seus instrumentos nauticos, uma pequena collecção de livros licenciosos ou de romances da moda, e todas as obras conhecidas de estrategia e tactica naval, francezas, inglezas, ou hispanholas; porque Henrique possuia tambem o conhecimento pratico d'estas duas ultimas linguas, por isso que estivera largo tempo em as diversas possessões destes paizes.

Emfim, pela parte interior de cada janella, havia um pequeno caixote de bronze dourado e cinzelado, que continha as flores mais preciosas, que o fiel Germeau tractava com o maior cuidado; e sobre mezas prezas no tecto por cadeias douradas, brilhavam deliciosas porcelanas de Sévres e cristaes de Bohemia com suas pinças e colheres de prata dourada.

Esquecia os pequenos stores chinezes, cobertos de cardeaes com a sua offuscante plumagem escarlate, prateada e azul; estes passaros pareciam vivos e suspensos ás petalas embalsamadas das flores que esmaltavam as janellas.

As camaras de todos os vasos de guerra, bem que assaz adornadas, bem longe estavam de se approximarem desta elegante sumptuosidade. Mas Henrique, graças á sua fortuna, podéra desenvolver, em este pequeno espaço, um luxo cheio de gosto e apurada elegancia.

E' pois encostado a uma das janellas d'essa camara esplendida que o senhor de Vaudrey, cançado de passeiar com agitação, se poz a contemplar a torre de Koat-Ven, que ainda se avistava, apezar das sombras crescentes da noute.

Porque, a verdade, á vista desta torre que tão enesperadamente acabava de lhe recordar a aventura da duqueza, Henrique não podéra escapar-se a ideas, senão amargas, ao menos tristes; mas de uma tristeza doce e cheia de encanto, que o affligia deliciosamente.

Porque, como já dissemos, nunca somos bem cruelmente torturados pela lembrança de que, pela nossa inconstancia ou desprezos, fizemos morrer uma mulher de desgosto.

Mais pungiriam estas torturas crueis aquelle que julgasse que a abandonada se consolava da inconstancia ou desdem, vivendo vida feliz, larga e folgasã.

Mas o que aqui digo dos homens é applicavel ás mulheres *á fortiori*; porque, depois de um amante fiel, o que mais detestam, é um amante consolado.

Já de ha muito era o sol desapparecido do horisonte, e ainda o conde estava olhando na direcção das costas de França.

Porém não era Henrique a unica pessoa a quem a torre de Koat-Ven havia dado que pensar, e trazido recordações.

Lá estava Rumphius, que bastantes noites passara sobre a plataforma a observar os astros.

Lá estava Sulpicio, o bom Sulpicio, que havia ahi passado bastantes noites a velar por seu irmão.

Lá estava tambem Ritta e o seu escudeiro.

XXXVII.

O PAIOL DOS MANTIMENTOS.

> Ces surprises faites à la tristésse, ces courtes débauchés d'illusions, m'aident en quelque sorte à changer d'épaule le malheur, e en rendent le fardeau moins pesant.
>
> O barão d'HAUSSEZ, — *Philosophia do exilio*,

Chama-se paiol de mantimentos essa porção de ponte fechada por cima do primeiro plano do porão, debaixo da escotilha de vante.

E' deste logar que se distribuem os viveres d'equipagem. E' tambem ahi que ordinariamente se aloja o delegado do commissario.

O paiol, logar sombrio, sordido, tornado infecto pelas exhalações dos viveres que ahi se fecham; espaço suffocante, aonde o ar e a luz do dia nunca chegam; prisão estreita e humida, cujas paredes são sempre açoitadas pelas vagas que se quebram na prôa.

Era ahi que Ritta e Perez habitavam havia seis dias, em um pequeno camarote que apenas tinha oito pés.

Era a duqueza deitada n'um catre vestida de homem; Perez, assentado á cabeçeira, parecia prestar-lhe os seus cuidados; porque, atravez da vigia desta especie de subterraneo, a desventurada duqueza tambem vira, como Henrique, e ao mesmo tempo que elle, a torre de Koat-Ven que, erguendo-se branca entre o crepusculo da noite, lhe apparecera como um espectro na sua mortalha.

— Sinto melhor, Perez, diz a duqueza... melhor... mas não pude resistir á horrivel emoção que me causou a vista de esta torre maldita... Oh!... Perez... Perez, quem me diria ha seis mezes, quando eu lá ia, tão feliz, com tanto prazer n'alma, consolar um ente que eu julgava isolado e afflicto; quando eu sonhava um porvir tão bello, quando eu me sentia viver pela primeira vez... oh! Perez, quem me diria que hoje tornaria a vêr os mesmos logares, mas esquecida, ultrajada, medonha; mas navegando ignorada n'este mar para onde,

elle e eu, volviamos tantas vezes os nossos olhos fallando de amor ; sobre este mar que achavamos tão bello e grande, e cujo murmurar escutavamos com tão doce melancolia ? Oh ! como é horrivel pensar nisto, Perez... Como é que eu não endoudeço ?... Se eu enlouquecesse...

Depois a duqueza calou-se e continuou d'ahi a pouco com accento convulsivo.

— Oh ! como eu soffro... suffoco-me... Meu Deus ! como o ar que aqui se respira é infecto e pezado ! E accrescentou com um accento de pezar que cortava o coração. Oh ! meu castello de Kervan, meus prados verdes, minhas bellas sombras. Oh ! Madrid ! o seu Prado ! as suas bellas noites de estio ! oh ! minha existencia quasi real !... minhas terras... meus palacios... aonde estais ! Mas que digo ?... Para que são estes pezares ?... Não é ainda tudo isto meu ?... Não sou sempre a duqueza de Almeda, e de que me serve uma esteril vingança ?... Mandarei matar este homem por um dos meus lacaios, e tudo será terminado ; tornarei a encontrar a minha classe, os meus titulos ; não tornarei a ser mettida na prisão com as mulheres de vida dissoluta, não tornarei a levar pancadas dos soldados, nem a ser por elles arrastrada na lama ; não mais serei fechada n'um navio com os marinheiros ; verei o sol, as arvores ; terei a minha casa como outr'ora, os meus gentis-homens e as minhas creadas, pois que, emfim, sempre sou a duqueza de Almeda, eu ! exclamou Ritta n'uma exaltação delirante. .

Porque as novas emoções que acabavam de a opprimir, os pezares, o odio, os soffrimentos, tinham-lhe por um instante como que alterado a razão.

— A senhora duqueza de Almeda morreu, *madama*... morreu... ouvis ? diz Perez com a sua voz surda e cava, com o inflexivel sangue frio que o characterisava.

Esta voz bem conhecida chamou Ritta a si, e, apertando a cabeça com as mãos emmagrecidas : — Oh ! perdão, Perez, eu delirei, tive saudades ; mas emfim, depois de tudo que hei soffrido, é isso permittido a uma pobre mulher, não é assim ?.. Mas vê tu, a julgar pelos meus pezares, accrescentou ella com um riso amargo e concentrado, vê tu como eu fui bem inspirada por Deus para me fazer morta e desfigurada... Duqueza e bella, bem vês que não teria supportado as torturas horriveis porque tenho passado... A' primeira prova teria covardemente abandonado a minha vingança, apenas o teria morto ; quanto mais soffro, quanto mais padeço, menos posso decidir-me a matal-o. Matal-o ! matal-o !.. Que seria s o comparado ao que eu tenho soffrido ?.. E demais sempre é tempo. Não, não, é necessario que elle primeiro seja deshonrado, trahido, torturado, e o veneno que nós hemos de misturar nos viveres da sua equipagem hade produzir esse resultado.... Oh ! bem certa estou d'isso... olha, Perez, terna a lêr, diz a duqueza abrindo o

livro de José Ortez, e mostrando estas linhas a Perez:

« E os rostos se lhes tornavam lividos, o seu somno era agitado por sonhos horriveis, e perdiam as forças e a alegria, e de valentes se tornavam covardes, e suas mãos de mancebos tremiam como mãos de velhos, e emmagreciam e se tornavam como espectros, e seus olhos espantados gyravam em suas orbitas, e morriam no meio de um horrivel delirio. »

Depois, fechando o livro com violencia: — Dize lá, Perez, quando estes infelizes se virem assim envenenados, e que só elle esteja izempto, que vingança não tirarão elles?.. que terriveis idéas não fará a superstição nascer n'esses cerberos grosseiros? E depois, vês tu, Perez, não é agora só o meu amor desprezado que tenho a vingar, já não é esse homem que eu lastimo... é tambem o meu nome, a minha fortuna, a minha vida sumptuosa, o meu bem estar emfim, o meu bem estar de que conheço todo o preço, agora que vivo de miseria e de ignominia. E' horrivel, é covardia confessal-o; mas assim é: tenho presumido demasiado das minhas forças, eu não estava pura bastante para tal vingança, ou antes elle não é digno della. Tantos pezares por elle só, isso honral-o-ia muito... Lastimal-o só a elle, e não ter em conta alguma esta vida de lama e immundicie em que me eu tenho arrastrado! não, não, tudo isto, Perez, tudo isto agora vale tanto ou mais para a minha raiva como a sua traição infame. O regato tornou-se torrente que tudo arrebatará no seu curso... porque pouco me importa os meios, quero que a minha vingança seja terrivel... Terrivel, porque tenho sentido e soffrido de tudo, de tudo, Perez, a pressão dos ferros, lama atirada ao rosto, pancadas, no meu corpo, Perez... no corpo da tua ama... pancadas!.. em mim!..

E Ritta, alevantando-se algum tanto, com os braços estendidos, estava medonha... Os olhos espantados giravam nas suas orbitas, e dolorosos estremecimentos lhe agitavam os membros.

Neste momento se ouviu o tintinnar de um sino: era o toque da reza da noite.

— Que é isto, Perez? perguntou Ritta, tornando a si, ao ouvir os sons do sino.

— E' a hora de resar, *madama*: porque esta gente reza...

— Pois bem! tambem eu rezarei exclamou a duqueza; mas hei-de rezar a Satanaz, deus do mal; Satanaz, tu só o unico e verdadeiro deus deste mundo infame, porque o outro é um cruel sarcasmo, eu te imploro... Satanaz... a ti me entreguei... não me abandones, Satanaz!

E Ritta não sabia de si.

— Socegai, *madama*, socegai, dizia Perez. ouço gente.

E Perez, pegando n'uma lanterna, se precipitou para a porta, abrio-a... mas nada viu.

As trevas da ponte do porão continuaram mudas.

Quando voltou para ao pé de Ritta, encontrou-a como anniquilada por uma

profunda prostração que, succedendo á sua irritação, trouxe algum socego aos sentidos desta desventurada senhora.

XXXVIII.

O FEITIÇO.

Prenez une patte de crapaud et trois yeux d'hyrond-lle.
Le petit Albert.

No momento em que a duqueza havia invocado Satanaz, tinha-se, como já sabemos, ouvido um leve ruido.

Bem que Perez nada tivesse distinguido na obscuridade da entre-ponte, duas pessoas comtudo ahi se haviam escondido, e tinham ouvido tudo, verdade é que sem comprehenderem cousa alguma, porque Ritta e o seu escudeiro nunca fallavam senão em hispanhol; uma unica palavra tinha sido comtudo percebida pelos dois curiosos; essa palavra era Satanaz.

Os dois curiosos eram Daniel e Losopho.

Recordamo-nos talvez que em seguida a não sei que subtracção de rosario, Daniel havia julgado acertado « affligir o Losopho com uma multiplicidade de murros. » Como dizia mestre Kergouet.

Ora, o Losopho, rancoroso como um poeta, havia lá comsigo promettido vingar-se de Daniel; e, para o conseguir, começára por esquecer os taes murros, tão realmente prodigalisados pelo Bretão, e conseguira, á força de astucia e de hypocrisia, entrar muito na sua confiança.

Sabe-se tambem que Daniel se mostrava um dos mais cegos e dos mais intrepidos ouvintes de mestre Kergouet quando este estimavel artilheiro burguez contava as terriveis historias, cujos heroes eram sempre o acrobata hollandez, o fogo do diabo, ou o piloto damnado.

Ora, graças a uma alliança de idéas assás commum entre os espiritos ardentes e limitados, apesar das suas crenças religiosas, Daniel sómente pensava em sortes, magia, demonios, e gente votada aos bons ou aos fataes genios.

Nem uma das suas disposições escapava ao Losopho, que, sem fim determinado, as animava sempre, pensando talvez em as fazer redundar em proveito seu, ou da sua vingança, quando um incidente bem commum lhe deu a esperança de satisfazer uma ou outra.

O ar sombrio de Perez, a inteira solidão em que elle vivia desde que estava a bordo, o seu assento estrangeiro, o seu trajar lugubre, tinham bastantemente impressionado o espirito dos marinheiros, que, nas suas horas vagas, se occupam sempre das coisas mais insignificantes, dos menores factos, e lhes augmentam a importancia com a sua exaggeração habitual; além de que, as suas maneiras asperas para com a equipagem não tinham contribuido para lhe conciliar a benevolencia geral dos marinheiros, que segundo o seu costume de pôr alcunhas, o haviam, por lembrança de Losopho, o haviam, digo, baptisado com a de

Grande-Forca, por causa do seu rosto triste e austero.

O Losopho não tinha outro motivo de odio contra Perez Grande-Forca senão o despeito que lhe resultára de ter sido surprehendido pelo Hespanhol, uma vez que tentára introduzir-se no paiol para roubar alguns mantimentos.

Havia além disso mais zombaria do que intenção malevola na conducta do Losopho a respeito de Perez: mas não sei porque fatalidade Daniel fez um dia notar ao Losopho que Grande-Forca nunca assistia á resa da noite e da manhã, que toda a equipagem repetia em commum.

Esta questão foi um raio de luz para Losopho, que, especulando sobre a credulidade e boa fé do infeliz Bretão, poz-se-lhe a contar as historias mais despropositadas e medonhas a respeito de Perez; procurando provar-lhe, por uma multidão de analogias mais estupidas umas do que outras, que o Grande-Forca era um ente sobrenatural, que devia ter relações com o diabo, pois que nunca assistia ás orações, e que podia a seu bel-praser, enriquecer ou prejudicar a qualquer pessoa, faze-la chegar a almirante, imperador... que sei eu?... Emfim, aturdindo o pobre Daniel por todos os contos imaginaveis, acabou por lhe confessar que por meio de um feitiço que elle, Losopho, sabia, como iniciado nos segredos da magia, tornaria o Bretão testimunha dos entretenimentos de Grande-Forca com o diabo, e o faria talvez participar até do seu poder.

Eis-aqui qual era o plano do Losopho, e o que parecia dever facilitar-lhe a execução.

Ritta havia embarcado de noite, e quasi ninguem, á excepção do tenente e do escrivão que havia constatado a sua presença a bordo como ajudante do commissario, ninguem, digo, desconfiava que Perez tivesse um companheiro.

Todavia o Losopho, que girava por toda a parte e principalmente em torno do paiol, com o fim de roubar vinho ou aguardente, segundo o seu costume, tinha muitas vezes ouvido as imprecações ou prantos da duquesa; por isso resolveu fazer passar o mysterioso companheiro de Perez pelo espirito familiar de Grande-Forca, e de se divertir assim com o credulo Bretão, fazendo-lhe pagar caro o feitiço que lhe promettia.

Com effeito o Losopho levou tres ou quatro veses Daniel á porta de Perez, e o noviço ouvindo aquella voz que respondia ao Hispanhol, n'uma lingua desconhecida, ora com cólera, ora com resignação, julgou firmemente que Grande-Forca tinha um demonio familiar, e caíu em todos os laços que o Losopho lhe quíz armar.

Muito peior foi desta vez, que Daniel acabava de ouvir distinctamente repetir o nome de Satanaz!...

— Então! lhe diz o Losopho, vê lá se eu menti; fallam em lingua de feiticeiros, que nem tu nem eu entendemos; mas Grande-Forca chamou por Satanaz, com toda a força; parece-me que é claro, porque elle re-

petiu bastantes vezes: Satanaz, Satanaz, Satanaz. Se elle não é feiticeiro, então és tu, Daniel.

— O facto é que elle disse Satanaz, tornou o simples Bretão persignando-se com um sentimento de terror, sim disse; mas que pode querer fazer a bordo com o diabo, esse velhaco de Grande-Forca?

Ora tu bem sabes, meu charo, respondeu o Losopho, que isso lá é segredo delle; e que ainda não sou mais, por assim dizer, do que um *tenente*, na magia, não serei capaz de te dizer que sei, quando não sei; e principalmente porque nunca jamais se deve enganar um amigo, e um amigo verdadeiro como tu, Daniel.

— Então na magia tambem ha tenentes como na marinha, Losopho? perguntou Daniel com o maior interesse.

— Ha exactamente os mesmos postos, meu charo; com a differença de que na magia nunca se fazem injustiças Se sois *bom magico*, passais por direito a *melhor magico*, que é, como se dissera, a *tenente* da tal historia. Se sois *melhor magico*, passais a *muito bom magico*, que equivale a capitão de corvetta da tal coisa. Se sois muito bom magico passaes a famoso magico, e assim por deante.

— Então tu és melhor magico, Losopho?

— Ha desesete annos tres mezes e um dia. Mas o senhor conde de Saint-Germain, que é o excellentissimo magico, como se dissera o almirante da tal coisa, prometteu-me fazer-me passar a muito bom na primeira vagatura.

— Ora, *diz-me*, lá como é que se conhece quando se é melhor magico? perguntou curiosamente Daniel.

— Ora, meu charo, isso é muito simples: vê-se quando se é melhor magico. Como é que se vê que tu és Daniel? porque és Daniel, não é assim? Pois bem! é tudo o mesmo,

— E' justo, diz o Bretão, mui esclarecido por tão lucida definição. Mas, *diz-me* cá, Losopho para que servirá o feitiço que me disseste que me fazias medeante alguma coisa?

— Primeiro que tudo servir-te-ha para veres o diabo; e quando mesmo só fosse para isso, já é lisonjeiro podel-o dizer nas salas, ou na sociedade das *senhoras*, que, pelo teu physico encantador, és chamado a frequentar; isto é pelo lado agradavel, porque, como diz o sabio: *Desfiladeiro endurecido*. Pelo lado util, uma vez que saibas o que é o diabo, poderás desconfiar delle.

— Tambem será preciso desconfiar-me do Grande-Forca, Losopho!

— Julgo que sim; o tal Grande-Forca, vês tu, é talvez ainda peior do que o diabo, porque esse emfim, a sua vida é ser diabo, é a sua profissão, não a pode mudar, visto que o Eterno assim lh'a pespegou, mas o Grande-Forca, é a pura maldade, vês tu, é a velhacaria em carne e osso. Por isso, com o meu feitiço, se Grande-Forca fosse um homem de sorte, ou um primo do acrobata hollandez, tu logo o saberias. E *sabendo-o*, tu

nunca mais tornarias a o'har para elle sem estares bem certo de que tens o teu rosario n'algibeira; e então assim, nunca elle te poderia morder.

A palavra de rosario recordou as antigas queixas do noviço, que exclamou:

— Então para que me tirastes o meu rosario para o pendurar no rabo do teu cão, velhaco?

— Isso foi para o feitiço, responde mui serio o Losopho, para o feitiço que eu tinha adivinhado que me havias de pedir. Como tenente-magico adivinho os feitiços que estão para me pedir.

— Que é que te é preciso para o teu feitiço, Losopho?

— Para fazer o meu feitiço, Daniel, diz o Losopho com ar recolhido, enumerando pelos dedos os ingredientes necessarios para levar a effeito essa maravilhosa operação, para fazer o meu feitiço, é-me *preciso* primeiro uma galinha preta, mas preta como tinta de escrever, é essencial; cinco paginas de um livro de missa, um queijo de Hollanda, um escudo de seis libras, tres pontas de piassaba, uma peça de vinte e quatro *sous*, sete... ouves bem? sete praças d'aguardente, mais um escudo de seis libras, um par de meias de lã, e um pedaço de carne para São-Medardo, mas sobre tudo que não seja magra, e que não tenha osso.

— Então São-Medardo tambem entra no feitiço?

— Ora, se entra! foi para isso expressamente que o baptisei; olha que é como te digo; e tambem foi para isso que t'eu tirei o rosario no tempo em que tão injusto foste para comigo; vê lá se te lembras d'umas certas pancadas que me arrumaste no espinhaço... Não que eu te queira mal por isso, Daniel! ao contrario, lisonjearam-me extremamente, porque, eu que adivinhava que havias de vir a ser meu amigo, provavam-me que teria em ti um amigo fortissimo.

— E assim é, Losopho; mas dizme cá, Losopho, então é absolutamente precisa para o feitiço uma galinha?

— E' precisa uma galinha, e uma galinha preta, Daniel.

— Uma galinha, diz Daniel coçando na orelha, é difficil de arranjar; nas capoeiras do commandante ha uma nuvem dellas; mas é máo furtar, Losopho, é máo!

— Mas isto não é furtar, pois que é para um feitiço, a religião vol-o permitte; a religião mesmo tem direito de a isso vos obrigar.

— Pois julgas, Losopho? mas nas capoeiras do commandante não tenho visto senão galinhas.... brancas, e a que te é precisa é preta, preta como tinta de escrever, como tu dizes.

— Ah! velhaco Bretão, como tens a cabeça dura! diz o Losopho vivamente; *seria*-me precisa uma preta, sem duvida; mas caso que não houvessem senão pretas; porque então uma preta *tornaria*-se indispensavel como se tornaria uma branca se só houvessem brancas; ora já vês que

ao contrario uma preta nada valeria, uma preta seria horrivel, e fazia perder o feitiço. Meu Deus, que cabeça dura tens! Branca é que te digo, e quanto mais branca for, melhor.

— Pois então torcerei o pescoço a uma branca, tanto peior....

— Isso, isso: mas sobretudo é preciso que mettas a cabeça e os pés na tua maca.

— Na minha maca! isso é tambem para o feitiço, Losopho?

— Pois, então, é sim; mas, como tu és bom rapaz, vou-t'o explicar: olha, as pernas da galinha são para fazer andar o diabo adiante de ti; e a cabeça é para t'o fazer ver; o queijo é para o engordar com o cheiro; a aguardente para o rodear de chammas; as meias de lã, para eu poder andar por entre as labaredas sem chamuscar as canellas; as pontas de piassaba para o atar; e as paginas do livro de missa são para o fazer fallar; mas, olha que se te digo isto a ti é porque és meu amigo, Daniel, vê lá não vás dizer isto a alguem.

— E os dois escudos de seis libras e a peça de vinte e quatro *sous*, perguntou Daniel, para que serve isso ao diabo, Losopho?

— E' para o corromper, meu caro.... para o corromper á força de oiro....

— Mas São Medardo, Losopho, que faz ao diabo com o tal pedaço de carne, que não seja magra, e que não tenha osso?

— Ora, como tu és delicioso e egoista, Daniel! .... então não se devem dar forças ao animal antes da coisa, para poder defender-me, se o diabo rugir? porque já se viu rugir....

— S. Medardo faria alguma coisa ao diabo, Losopho?

— Se fazia!.... ora essa!.... fazia, sim.... depois que elle trouxe o teu rosario no rabo.... está quasi classificado menino do coro, e tanto mais que elle pode bestificar o diabo, por isso que elle não desconfia de um cão.

Era impossivel responder com mais ordem, precisão e claresa as subtis e embaraçosas interrogações de Daniel, que, bem certo de fazer excellente negocio, tirou, de uma comprida bolsa de coiro que trasia entre a camisa, dois escudos do seis libras, e uma peça de tres libras, que deu ao Losopho, pedindo-lhe a demasia que elle ficava restando das tres libras.

— Não fallemos nisso, diz o Losopho com ar do mais profundo desinteresse, apertando a mão a Daniel, e mettendo as quinze libras na algibeira, não fallemos n'isso, Daniel; se o feitiço sair bem, isso é differente, porque tu bem sabes que eu não serei tão miseravel que te falle mais nisso; torno-te a repetir, Daniel, não fallemos em dinheiro, quando não dar-me-ias pena.

O noviço convencido da generosidade do Losopho, só se occupou dos meios de reunir os materiaes necessarios para confeccionar o encanto.

— Quanto ao queijo e á aguardente, diz elle, ajuntarei as minhas rações; *piassá* encontra-se por toda a

parte, e livro de missa, tenho um da minha mãi, que já lá está, e em que não sei ler. Quanto a meias de lã, tenho umas que minha prima Ivone me comprou na feira de Plougastel; a respeito de carne para o cão, darei-lhe a minha ração de hoje. Mas affianças-me que com isto?....

— Com isto, diz o Losopho, quando me tiveres dado tudo isso, e que eu tenha acabado o meu feitiço, te farei ver o diabo; e logo que tu o tenhas visto, digo-t'o eu, ficarás capaz de o desafiar, e elle nada poderá sobre ti; ou se poder alguma coisa, hade ser para te cobrir de emolumentos, de postos, de grandes honras, e talvez de reinos.... ou até fazer-te imperador romano; mas será bom não contar muito com ser imperador romano, porque é raro.

— E se eu não visse o diabo, Losopho?

— Se o não vires, é porque o feitiço falhou, porque a gallinha não era tão branca que o offuscasse: então será preciso repetil o, e continuar até que elle pegue.

— Pois sim, Losopho, eu cá tambem te irei assentando uns murros sólidos até que elle pegue, accrescentou Daniel com brandura, mostrando-lhe os punhos vigorosos.

— Pois, sim, vá com essa condição Daniel, diz o Losopho com ar tranquillo, e até a isso te obrigarei, se o incantamento não sair bom .. Sim, Daniel... até mesmo quero fazer-te assignar um papel em que te obrigues a estafar-me, a dar-me cabo dos ossos, se o feitiço não sair bem... Ora: já vês se penso ou não em te enganar.

Que responder a taes provas de franqueza? Por isso Daniel, convencido e tranquillisado, só fez mais uma pergunta.

— E eu *verei* te fazer o feitiço, Losopho?

— Nada, nada, meu caro, tu não o podes vêr; porque ainda que eu o fizesse diante de ti, não o verias; .. é preciso ser magico para poder vêr... Já que seja dos gráos inferiores, é indifferente, mas é preciso sel o.

— E qual é o gráo mais inferior?

— O gráo de marujo na magia, Daniel?

— Sim, Losopho.

— Ora isso é muito simples, meu caro; pois que o mais alto gráo da coisa é *excellentissimo magico*, o gráo mais inferior, é *f... mag co*, diz o Losopho com admiravel sangue frio...

— Então eu não poderei ser um *f... magico*? perguntou o ambicioso Daniel.

— Pois não, podes, tu agora que mandaste fazer um feitiço, deves isso a ti, e á tua respeitavel familia, Daniel; mas isso custa os olhos da cara.

Neste momento foi o dialogo interrompido; soou o segundo toque da reza.

— Oh! a reza, diz Daniel precipitando-se para escada:

— Então espera-me diz Losopho.

Depois vendo subir Daniel:

— Oh! excommungado Bretão, deixa estar que me hei de vingar dos murros que me assentaste, diz o Lo-

sopho ; quinze libras, e com que tomar uma fartadella mais o S. Medardo.... Ah! velhaco Bretão! accrescentou o Losopho indo reunir-se á equipagem para a reza da noite, estás arranjadinho, meu Bretão! estás prompto, não te quero estar na pelle!

XXXIX.

O CONSELHO.

Vous êtes un être rempli d'artifices.....
.....
Mon Dieu! mon Dieu! que faire, seigneur Burin?

BURKE. — *A Mulher louca.*

Havia oito dias que a Sylphide partira de Brest e seguia boa viagem, porque a brisa do N. O. não cessava de lhe favorecer o andar.

Bem que ella se achasse mui proxima das paragens que servem de ponto de reunião aos cruzadores inglezes, não havia avistado navio algum inimigo.

Mas, ai! mais valêra para a fragata que encontrasse dez navios de linha, vêr-se rodeiada de ferro e de flammas, ou abismar-se nas profundezas do mar, do que gozar desse socego funebre e glacial que a fazia assimilhar-se a um immenso sepulchro.

Porque Perez havia executado o projecto de Ritta.

Uma grande doze de tshettik, que fôra misturada na farinha de que se fazia o pão para a equipagem, no vinho e na aguardente; que ella bebia, não havia tardado a manifestar-se com symptomas horriveis...

Por isso, na manhã desse oitavo dia, Henrique reuniu um conselho composto do tenente, do doctor e do abbade...

A physionomia de Henrique, ordinariamente tão viva e folgasã, trahia um sentimento de pesar e desanimação profunda.

O tenente e o doctor pareciam mui absortos; só o abbade conservava o seu socego e sangue frio habituaes.

Depois que cada um tomou os seus logares — Meus senhores, diz Henrique, ha tres dias sobretudo uma inconcebivel doença affecta a equipagem, que pensais a esse respeito, senhor doctor, e que novas observações fizestes sobre esta singular epidemia?

— Penso, senhor commandante, diz o doctor gedeão, que, nesta grave circumstancia, parecia olvidar inteiramente a politica e a philosophia, penso que é uma molestia inexplicavel, de que vejo os effeitos, mas de que não posso compreender as causas; eis-aqui o que observei nos doentes: no principio grande languidez, dores de cabeça e vertigens; depois no dia seguinte uma lassidão geral, perda de appetite, e um somno agitado por sonhos horriveis... Hoje continuam os mesmos symptomas, mas com mais intensidade; eis-aqui em que estado estamos, senhor conde;... mas o que receio é que a molestia impére, porque reina entre a nossa gente uma grande antonia; é a muito custo que os obrigo a tomarem algum alimento.

O que nisto ha de mais particular, é que todos os marinheiros que estavam sãos foram atacados da doença, e que cinco ou seis doentes que tenho a dieta rigorosa estão isemptos.

— Não poderá ser a corrupção da agua que occasione similhante cousa? perguntou o commandante; porque apenas embarcada ha oito dias, deve estar sã tanto quanto é possivel.

— Sem duvida alguma, tornou o doctor, a agua está perfeita e limpida; alem disso vistes como nós, commandante, por occasião da nossa visita ao paiol dos viveres, que os mantimentos são excellentes, e que o fornecedor, esse hespanhol, nada despresava para arejar os baileos do porão, e fazia tudo quanto estava ao seu alcance para que as provisões se não alterassem: outra vez repito, commandante, perco-me em conjecturas...

— E vós, tenente, que haveis observado? diz Henrique: qual é a posição moral da equipagem?

— Senhor commandante, custa-nos a ter gente para marear a fragata mesmo com o pouco panno que lhe mandais levar. Estão como que enervados, sem coragem e sem força; ate os laços da disciplina parecem affrouxar-se.

— Alem disto fui instruido pela policia de bordo de que reina não sei que irritação surda, cujo objecto ignoro, e principalmente entre um certo numero de marinheiros que formam reuniões nocturnas, cujo fim ainda não pude descobrir, nem o logar em que se fazem. Como tem sido ouvidos muitas vezes ameaças, imprecações, pareceu-me dever dar ordem a alguns gageiros escolhidos para que se conservem promptos, apesar do seu estado de doença, para o caso em que os rebeldes tentassem alguma coisa contra o estado maior.

— E vós, senhor capellão, podernos-ieis dar alguns novos detalhes, ou algum conselho salutar?

— O que eu poderia saber ter-me-ia sido confiado debaixo do sigillo da confissão, senhor conde, e não me é permittido patenteal-o, responde o abbade.

— Por Deus! senhor, exclamou o tenente, aqui não se trata de beatices e momíces! trata-se da salvação commum, trata-se...

— Quanto á opinião, continuou o abbade, sem dar mostras de ter precebido a interrupção do tenente, quanto á opinião, senhor conde, se a desgraçada posição em que se acha a vossa equipagem procede de uma causa physica, isso toca ao medico; se a causa é moral, então pertence-vos combatel-a pela influencia que deveis possuir sobre o espirito dos vossos marinheiros. Apressar-me-hei comtudo, senhor commandante, a intervir nas tristes circumstancias em que se acha a equipagem, e a assocegal-a pelo texto de uma religião toda de esperança e resignação.

— E eu, senhor commandante, exclamou o doctor Gedeão, satisfeito de achar uma occasião de mortificar, de esmagar o abbade, que nunca lhe fallava, declaro que me não metto mais com os meus doentes, se o senhor abbade continuar a atterral-os com as suas

frioleiras e tolices de religião; emquanto vivos pertencem-me; depois de mortos, faça delles o que quizer: porque como depois da morte isto não é mais do que materia, como a religião não é...

— Calai-vos, senhor, diz Henrique com ar severo, interrompendo o doctor, cujo furibundo discurso não tinha poder para commover o abbade, callai-vos, repetiu o conde; o que dizeis é de uma alta indecencia. O senhor abbade não impõe os seus conselhos a ninguem; os que a elle recorrem mui felizes são em o encontrar; haveis de tratar dos meus doentes porque para isso é que aqui estais. Ouvis-me senhor, e se tiverdes o atrevimento de atacar qualquer na minha presença, e com tamanha indecencia, um caracter tão grave e elevado como o do senhor capellão, ver-me-hei obrigado a punir-vos, senhor, e punir-vos severamente.

— Parece-me, senhor commandante, diz João Thomaz, que uma tal discussão sae dos limites da disciplina, e que se o capellão não está satisfeito... pode...

— Pois parece-vos muito mal, senhor, diz Henrique interrompendo Thomaz, e, ficai por uma vez sabendo que nunca soffro que a bordo de navio, que eu commande, ninguem se atreva a fazer a minima observação sobre o que eu digo ou faço. Já eu tinha percebido, senhor Thomaz, signaes de descontentamento e má vontade da vossa parte, que então só eram puerís; mas na triste posição em que nos achamos, o menor signal de insobordinação se tornaria de um perigoso exemplo; por isso espero ser obedecido passivamente, obedecido em tudo e por tudo, obedecido sem uma palavra, sem uma hesitação: quando não, senhor, achar-me-heis aspero e severo.

— Sei que o senhor commandante tem direito de me mandar prender, diz Thomaz com ar ironico, sim, prender, ainda que eu tenha quarenta annos; desgraçadamente, aos quarenta annos, as punições pouco mudam uma creança desta idade!

Henrique respondeu com frieza:

— Quando uma creança de quarenta annos não muda, sabeis o que resta a fazer a um commandante que não é obedecido, senhor Thomaz, obedecido logo, logo, sabeis?

— Isso depende... diz Thomaz com ar insolente.

— Isso depende com effeito do caracter; ora, segundo o que eu possuo, senhor, ao menor signal de indisciplina da vossa parte, far-vos-hei saltar os miolos fóra.

— Por Deus! commandante! gostaria de ver isso, bradou João Thomaz erguendo-se furioso, levado a seu pesar fóra dos limites do respeito e da obediencia que sempre testimunhava a um superior quem quer que fosse; mas partilhava então o estado de soffrimento e indisposição geral, de que só o conde parecia isempto.

— Assentai-vos, senhor, diz Henrique com o maior phleuma do mundo o conselho ainda não está alevantado.

Depois, dirigindo-se ao doctor e ao capellão que se havia conservado im-

passivel durante esta scena, tão impassivel como se alli não estivesse, o conde proseguiu:

— Continuai, senhores, a rodeiar a equipagem de cuidados e vigilancia, dai-me parte dos menores incidentes, e sobre tudo, senhores, procurai, eu vol-o rogo reanimar a moral dos nossos marinheiros. Senhor doctor, eu dei ordem ao meu mordomo que pozesse a minha dispensa e cosinha á vossa disposição para os doentes; nada desprezeis, eu vol-o torno a recommendar, procurai tirar-nos desta fatal posição. Meus senhores, está levantado o conselho.

Levantou-se o conselho.

— Mil perdões pelos despropositos do doctor, diz o conde ao abbade que se dirigia para elle afim de se despedir.

— O senhor conde tem muita bondade, mas eu não compreendi uma palavra, não fallo aquella lingua.

E saíu seguido do doctor, que ia dizendo:

— Ora esta! falla talvez turco!

O tenente ia para se retirar quando o conde lhe disse:

— Conservar-vos-eis prezo por espaço de quinse dias, senhor.

Thomaz fez um gesto que logo reprimiu, contido pelo seu respeito involuntario pela disciplina.

Henrique percebeu-o, e disse a João Thomaz acompanhando-o até á porta da camara.

— Quando um dos meus officiaes, senhor Thomaz, se julga castigado injustamente, é verdade que em quanto está embarcado a meu bordo não admitto reclamação alguma; mas, acabada a campanha, tenho sempre o costume de meter as minhas dra onas na algibeira, afim de poder dar uma satisfação pelas offensas que involuntariamente tenha feito.

— Agradeço-vos o vosso offerecimento, commandante; mas jurei a minha mãi nunca puchar pela espada para uma vingança ou satisfação pessoal. Mandais-me que me conserve prezo, podeis fazel o; e eu obedecerei, porque é esse o meu dever.

Cortejou o commandante e saíu.

XL.

O TSHETTIK.

> Belle science, sur ma parole!
>
> SCHILLER.

Como já fica dito, depois que Perez havia cegamente seguido as ordens da duqueza, já se não reconhecia a desaventurada equipagem da *Sylphide*.

Já se não ouvia esse cantar alegre, esses brados, essas blasphemias que a presença dos officiaes apenas continha, já se não ouviam essas largas conversações na vante, essas historias divertidas de que o Losopho era o Homero. Os historiadores haviam-se callado, como os passarinhos callam o seu cantor quando se avisinha a tempestade.

Esses rostos outr'ora tão viçosos, tão cheios, estavam macilentos e emmagrecidos; esses membros tão bem

dispostos e vigorosos eram inertes e como quebrados. Acabou-se a confiança e a alegria; via-se esses desditosos marinheiros isolar-se n'esse espaço apertado e trocarem se olhares ferozes e desconfiados.

A muito custo toda a energia, ameaças promessas do commandante e dos officiaes podiam obrigal-os a fazerem as manobras que se haviam simplificado tanto quanto era possivel.

Os mesmos mestres iam cada dia perdendo mais da sua auctoridade e quasi que davam mostras de se lhes não dar d'isso, por tal arte a atonia physica influia sobre a moral. Mestre Frank sempre vivo e boliçoso, parecia entorpecido. Mestre Kergouet deixava-se tratar por militar e fallava como todos os mais.

O Losopho e o seu cão partilhavam o estado de fraqueza geral, e nem a rebeca do mestre de dança, nem os latidos de S. Medardo vinham mais irritar os nervos delicados do artilheiro burguez

Ramphius e Sulpicio, comendo á meza do commandante, haviam escapado á affecção geral, de que o astronomo nem sequer desconfiava, absorto como estava em seus calculos e meditações.

Sulpicio, esse, logo que se julgava inutil a seu irmão, corria a por-se á disposição do doctor, pedindo-lhe por favor que o deixasse tratar dos doentes, desempenhando esta tarefa com a angelica doçura que lhe conhecemos.

Indo de um para o outro animando-o, exhortando-o, procurando tranquilisar os mais timidos, e conseguindo-o algumas vezes, Sulpicio havia acabado por se fazer adorar da equipagem, que, segundo o seu costume, o havia alcunhado Bom-Jesus, da mesma forma que havia posto a Perez o appellido de Grande — Forca.

O que havia unicamente de singular, era o contraste que existia entre este appellido todo christão e religioso, e as pragas e blasphemias que o acompanhavam, como testimunhos energicos de admiração e reconhecimento da parte dos marinheiros.

Mas apesar de tantos cuidados e dedicação, a saude da equipagem se ia enfraquecendo dia a dia, e a duqueza tocava bem de perto a vingança.

Cerca de duas horas depois que o conselho fora levantado, o vento, que até então soprára vigorosamente do Nordeste, começou de diminuir de força, foi pouco a pouco enfraquecendo, e, ao cabo de uma hora, fazia calmaria.

O horisonte, assaz puro, ia-se comtudo carregando para Oeste; e, quando se poz o sol, desappareceu elle por detraz de uma larga zona de nuvens espessas de um azul mui escuro tintas aqui e alli de um vermelho ardente: quanto ao mais a acalmaria era completa; havia pouca onda, de forma que a fragata apenas se movia.

Tocou a recolher, e o capellão subiu á tolda para rezar a oração da noite.

O commandante e de mais officiaes appareceram no tombadilho uniformisados, e o mestre da equipagem fez ouvir o apito do costume, que indicava o momento d'este religioso exercicio.

Os marinheiros subiram; uns apenas se sustinham; os mais fortes prestavam appoio aos mais fracos.

A reza foi executada com a mais grave attenção, porque a singularidade dos males, que havia alguns dias atacavam a equipagem, tinha conduzido todos estes espiritos, senão religiosos, ao menos supresticiosos, para pensamentos serios e tristes.

Entre os mais ferventes rezadores, notava-se Daniel e cinco ou seis de seus patricios, nascidos, como elle no Abrevrack, e que, desde o começo da epidemia, nunca se deixavam, formando assim uma pequena sociedade unida no meio do estado de desconfiança geral, que parecia ser um dos characteres d'esta enfermidade singular.

Mestre Kergouet misturava-se muitas vezes n'esta especie de club, que fazia á noite as suas reuniões nos bailéos do porão, e é á affiliação d'esse mestre, que Daniel e os seus amigos deviam uma especie de protecção tacita, que os habilitava a reunirem-se impunemente, porque o mestre os avisava da espionagem do tenente.

A rasão d'esta parcialidade do artilheiro burguez para com Daniel e seus amigos era mui simples; mestre Kergouet professava a crença mais completa por todas as suprestições passadas, presentes e futuras, achava uma ventura immensa em encontrar em Daniel e nos seus amigos o auditorio mais disposto a escutal-o e a deixar-se convencer. Por isso o artilheiro burguez, junctando-se algumas vezes aos seus proselytos, concorria pelas suas medonhas narrações, para inflammar ainda mais esses espiritos acanhados e credulos.

Depois da reza, os marinheiros desceram sombrios e tristes para a bateria, para ahi suspenderem as suas macas.

Os que entravam de serviço ficaram no convez, em que Henrique havia mandado armar toldos e barracas a fim de tornar o quarto menos fatigante, posto que já o tivessem diminuido por metade.

O tenente estava na tolda com S. Salvador.

Henrique cruelmente desesperado da fraqueza da sua gente, retirou-se para a sua camara, e, encostado ás janellas, examinava o pôr do sol, que parecia dar-lhe inquietações para a noite.

Com effeito o sol, inteiramente na sua declinação, tão sómente projectava um clarão avermelhado, e os seus derradeiros raios apenas coloriam os contornos de grandes nuvens negras, que a cada minuto augmentavam de altura e se desenrolavam pouco e pouco sobre a curva profunda do horizonte.

A calmaria continuava.

Henrique previu que o vento estava para saltar a Oeste, mas que muito tempo se passaria antes que a brisa ou a borrasca fossem formadas. Conservou-se pois assim, a olhar para o céo sem o ver, pensando na fatalidade que parecia sobre a sua gente, e temendo sobretudo encontrar navios de guerra, que o teriam compellido a uma fuga

vergonhosa ou a fazer saltar para o ar a sua fragata; porque Henrique não havia hesitado um instante, bem resolvido a evitar a menor humilhação á bandeira real.

O abbade passeiava a bombordo, e o tenente, subido ao tombadilho, observava tambem o tempo com uma attenção inquieta.

Mas passava-se então uma scena curiosa junto ao paiol dos mantimentos.

N'outro tempo como hoje, existia nos baileos do porão dos navios uma galeria circular, uma especie de corredor que, contornando o interior da embarcação, deixava assim um espaço vasio entre as amuradas e uma especie de pavezada que continha os effeitos da equipagem.

Esta galeria era destinada a facilitar o serviço dos calafates e dos carpinteiros durante o combate, a fim de que podessem facilmente tapar os rombos que se declarassem nas obras vivas do navio

E' n'este retiro obscuro que Daniel e os seus patricios faziam as suas sessões nocturnas.

N'esta noite, como nenhum dos patricios de Daniel se achava de quarto, eram reunidos em numero de seis depois da reza.

Como se não podiam collocar a dois e dois na estreita galeria em que se reuniam estavam assentados em fileira, e só Daniel, na qualidade de orador, estava posicionado em sentido inverso ao seu auditorio, a fim de poder encaral-o bem.

Este escuro corredor apenas era allumiado por o reflexo avermelhado de uma lampada que ardia junto á cova dos leões.

O rosto de Daniel, ordinariamente aberto e jovial denotava sombria e dolorosa expressão; parecia fortemente preoccupado; tinha as faces cavadas tanto por effeito da doença como em consequencia das loucas revelações do Lósopho, que haviam vivamente impressionado essa imaginação ardente e supersticiosa.

Tendo fé, mas profunda fé em essas visões e descripções sobrenaturaes, Daniel se achava n'um estado de allucinação completa, que os acontecimentos singulares que se passavam a bordo tinham mais e mais augmentado.

Por isso o seu fallar sacudido e breve, o seu olhar distrahido e ás vezes scintillante, o seu recolhimento religioso, fasiam delle uma especie de propheta de *meia tigella*, cuja influencia era todavia directa e poderosa sobre os seus marinheiros seus compatriotas, que tendo-se lhe reunido depois da epedemia, partilhavam quasi machinalmente os seus terrores, superstições, duvidas e projectos, e não esperavam senão uma palavra, um signal delle para executarem cegamente as suas ordens; porque, em circumstancias difficeis, o homem estupido ou rasoavel que quer encarregar-se de conceber um plano encontrará sempre braços para o pôr por obra.

Foi pois em linguagem baixa e provinciana, como Bretão que era, que

Daniel pronunciou o seguinte discurso.

— Meus marinheiros, meus bons rapazes, meus patricios, roguemos primeiro a Nossa Senhora da Recouvrance que entereceda por nós, se for da sua vontade, e que nos allumie.. se for da sua vontade.

E cada marinheiro, imitando Daniel que beijava o seu rosario, disse em voz baixa:

— Nossa Senhora da Recouvrance intercedeis por nós, e rogai por nós se fôr da vossa vontade!

Depois fez-se uma pausa e Daniel continuou.

— Meus marinheiros, meus bons rapazes, meus patricios, durante o primeiro mez que nós pozemos a nossa bagagem a bordo, não estavamos alegres como um lugre em calmaria que sente refrescar o vento?

— E' verdade, respondeu o auditorio em voz baixa.

— Não estavamos fortes e solidos, e tão solidos que eramos capazes de ornar o nosso navio com uma grinalda de inglezes, atando-os uns aos outros pelos braços, que nos teriam servido de laçadas.

— E' verdade respondeu o auditorio.

— Não eramos nós uns *cometas* capazes de metter o *kok* (cosinheiro) no caldeirão para engordar a sôpa?

— E' verdade, responderam elles.

— E agora que somos nós, meus marinheiros?... uns *maricas*, uns *molengas* que envenenamos o *requiem*.

— E' verdade, é verdade, disse o auditorio.

— Então, meus marinheiros, sabeis porque estamos assim? E' porque a sorte... Nós estamos em um navio *de sorte*, isso é visivel. Porque se assim não fosse estariamos nós todos doentes, meus patricios, todos... todos. Será isto senão uma *sorte* que de hoje para ámanhã, muda uma equipagem de bons rapazes n'uma equipagem de cães *lazeirentos*? Torno a repetir é sorte... e não pode ser outra cousa.

— Sim, sim, está conhecido: além disso mestre Kergouet já o disse, repetiram os marinheiros em côro.

— Então, meus patricios, é *preciso* acabar com isto, é *preciso* que isto acabe em quanto temos forças, porque amanhã, talvez teremos arrebentado; e o que nisto ha de atrazador, é que quando se arrebenta n'um navio de *sorte*, fica-se condemnado, diz Daniel persignando-se.

— Condemnado! disseram os marinheiros imitando-o.

— Condemnado! tornou Daniel, condemnado como cães.. Mestre Kergouet que é sabio, assim m'o disse; ora para que isto acabe, meus marinheiros, só podemos fazer uma cousa; é estafar aquelle que deita a sorte, Mas ainda aqui não fica: como sempre é o diabo em pessoa ou um dos moços como se dissera um noviço da sua equipagem, é *preciso* não faltar a porlhe ao pescoço um rozario *benzido* que o leve sem remissão para o fundo do mar, por causa do pezo que lhe faz uma religião que como sabeis e desgosta extremamente do que me

preveniu o Losopho, que muito bem o sabe.

Sem isso, seria o mesmo que não o deitar ao mar... quanto mais o mergulhasseis mais elle vinha ao de cima... e com um rosario *benzido* ao pescoço e um par de palanquetas nas unhas, não haja medo que elle cá torne a apparecer.

— Mas, Daniel, se se põe ao pescoço do diabo um rosario para fazer pezo, para que é que servem as ballas? perguntou um marinheiro.

— Animal! diz Daniel, pois se a coisa do rosario benzido o torna como tu e eu, são *precisas* ballas, sem o que elle viria ao de cima d'agua como tu ou eu. Foi tambem o Lósopho quem me disse isto.

— E' justo, disse o auditorio.

— Emfim, diz Daniel com medonha energia, quereis continuar a estar como estamos? quereis arrebentar, sim ou não?... ou quereis ter o *galardão* de poder dizer que salvamos os camaradas e o nosso bravo commandante que adoramos?

— Sim, sim, queremos! disseram os seis Bretões.

— Então ahi vai o que é *preciso* fazer. O Lósopho que é primeiro tenente da tal coisa da magica, havia-me primeiro feito uma farça d'um feitiço, que não pegou, porque a gallinha não era bem branca: mas como eu tanto lhe malhei que lhe vasei um olho fóra, fez segundo feitiço com uma gallinha parda, que pegou de maneira que vi por um buraco, como vos estou vendo, que vi...

— O que... o que... Daniel?... perguntaram os marinheiros.

— O diabo.

— O diabo...

— O diabo!... aonde, Daniel!... O diabo!...

— No camarote de Grande-Forca, por um buraco feito na porta do paiol dos mantimentos.

— No camarote de Grande-Forca! repetiu o auditorio de Daniel com profundo terror, voltando-se involuntariamente para a porta do paiol, aonde estavam Perez e Ritta.

— No camarote de Grande-Forca, tornou Daniel; vi eu... um verdadeiro monstro com um grande vestido preto que lhe escondia as unhas, e um barrete que lhe occultava os cornos. O scelerado conversava com Grande-Forca como se nada fosse, mas n'uma algaravia que cheirava tanto a enxofre que estive quasi a arrebentar, porque eu até sostinha a tosse, quando mesmo tivesse julgado que fosse o Losopho que accendia mechas, e não o diabo. Sempre é *preciso* que o cheiro da lingua fosse bem forte, hein!...

Neste momento ouviu-se um leve ruido, e um grumete que estava de atalaya veio annunciar a chegada de mestre Kergouet.

— Meus filhos, diz elle aos marinheiros, é preciso... Está-se perdendo tempo, e póde ser que logo nos vejamos a contas com um tufão de vento Oeste. Vão chamar todos para cima, e é necessario que estejais preparados.

— Lá vamos, mestre Kergouet, diz Daniel; mas vòs que sois tão sabichão, dizei-nos o que vistes na India, a bordo do brigue *a Bella-Joanna*?

— Pois bem! meus filhos, diz o mestre, que não podia resistir ao prazer de contar uma historia, o brigue *a Bella-Joanna* tinha a bordo um cipayo que, provavelmente com o fim de affligir a senhora sua esposa, lhe havia insinuado terriveis venenos que haviam abominavelmente dado cabo d'ella, dizendo-lhe ella simplesmente: Tu és um patife, isto ha de te trazer desgraça. Nessa occasião, o tal cipayo, que vos digo, meus rapazes, veio por marinheiro a bordo *da Bella Joanna*, e desde então não se passava um dia que o brigue não tivesse a pechincha de um tufão ou de uma borrasca, tanto que um dia o cipayo, que era, apezar disso, menos máo marinheiro, foi arrebatado da ponta da verga grande por uma refega. Pois desde esse tempo *a Bella Joanna* tem sempre tído viagens soberbas; porque o cipayo, era uma má sorte; uma sorte má que lançava sobre o navio por causa da sua presença. Por isso acabada a sorte, acabou-se o mal. Isto é muito simples, meus filhos. Mas, por exemplo accrescentou mestre Kergouet com ar serio, sobretudo, meus rapazes, nunca devemos estafar os homens de *sorte* sem estarmos seguros de que o são; porque se nos enganassemos, aquelle que se achasse na barriga dos tubarões sem o merecer, teria direito de o achar mal feito.. e tanto peior porque seria obrigado a lá ficar,

— Mas, diz Daniel impondo silencio com o olhar ao seu auditorio, como é que isso se conhece, o homem de sorte, mestre Kergouet?

— Isso conhece-se, diz o mestre com ar gravemente sentencioso, isso conhece-se porque elle deitou uma sorte; ora, quando um homem deita uma sorte, é um homem de sorte.

Em materia de raciocinio, mestre Kergouet era da eschola do Losopho, como vemos, eschola consequente na sua logica. Por isso a clareza deste dilemma impressionou fortemente Daniel e o seu auditorio.

— Mas aqui, tornou o Bretão, aqui senhor Kergouet, quem julgais que deite a sorte? porque ha uma sorte, não é assim, mestre?

— Lá que ha sorte, isso é sabido, e mais que sabido, diz o artilheiro: porque todos estão gosando della, e eu mesmo me sinto como se não tivesse já senão pelle e ossos; mas quanto ao homem da *sorte*, ainda não estou determinado; porque é coisa delicada. Atirar um homem pela borda fóra, não é coisa que se faça assim... comtudo aqui ha quem...

Mas interrompendo-se a um forte balanço do navio:

— Olhai, filhos, hoje é mau dia para fallarmos a este respeito .. Sentis... o navio começa a dar a bombordo; a tempestade está na forja. Acima, rapazes, acima! eu subo para a minha loja.

E mestre Kergouet subiu precipitadamente para a bateria.

— Então! meus rapazes, exclamou

Daniel, haveil-o ouvido, bem disse o mestre, que havia uma sorte, e que se reconhecia o homem de sorte quanhavia uma sorte. Pois bem! aqui ha uma sorte, e quem ha de ser o homem da sorte, senão esse Grande-Forca? Pois que elle é amigo do diabo... pois que é um marinheiro... Ahi está agora um temporal para nos acabar; é a ultima demão, que o monstro nos pespega! é talvez a nossa ultima hora senão acabamos com este patife. Vamos, vamos, rapazes, é acabar com isto, exclamou Daniel quasi em delirio, alevantando-se, e pegando com uma das mãos no rosario, e com a outra n'um embrulho de cordas que tinha escondidas debaixo da veste: — O Grande-Forca ao mar! exclamou elle. Levantai vos, rapazes, levantai-vos, é chegada a occasião... E todos se levantaram.

E Daniel, exasperado pela superstição, pela molestia, pelo medo, pelo ecco da tempestade que começava de rugir, Daniel mostrou com a mão a porta do paiol dos mantimentos, que se via ao fim desta galeria.

Nada ha tão electrico como o medo, a cholera e a superstição. Estes desventurados marinheiros, habituados a procurarem uma causa sobrenatural em tudo, irritados além disto por um sentimento de dor e de doença desconhecida, inexplicavel, firmemente convencidos de que esta especie de sacrificio do bode emmissario poria fim ás angustias e soffrimentos, não hesitaram em executar tudo o que o fanatico Daniel lhes prescrevia.

— Sim, sim, repetiram todos elles com raiva concentrada, ao mar o Grande-Forca, ao mar...

— Silencio, meus rapazes, silencio! exclamou Daniel erguendo o braço com ar magestoso. Silencio... lá ruge a tempestade... é a voz de Deus. E' talvez máo o que vamos fazer, ajuntou elle ajoelhando com um sentimento de terror indefinivel que em seu coração luctava com a raiva que tinha a Grande-Forca

E os marinheiros, que pareciam só pensar, fazer e querer o que Daniel pensava e queria, calaram-se, espantados como elle, e ajoelharam-se tambem olhando se com terror.

Com effeito a *Sylphide* rangia toda; e o sibilar do vendaval, que mugia atravez das enxarcias, vinha retumbar até aos bailéos do porão. Porém esse ruido lugubre, prolongando-se, pareceu redobrar o temor e cholera de Daniel, que exclamou com uma exaltação inconcebivel e um ar exasperado: — Não não, ao contrario, Deus assim o quer; Deus o ordena... Eis aqui o que é necessario fazer... Entrar no camarote de Grande-Forca, prendel-o, atal-o; pendurar-lhe o meu rosario ao pescoço, e ao mar.

— Ao mar! ao mar! repetiram os marinheiros.

— Segui-me pois! exclamou Daniel?

E deslisando-se ás apalpadellas na sombra, apoiando-se na amurada do navio, estes seis desgraçados, guiando-se uns aos outros pela mão, dirigiram-se silenciosamente para a parte do navio occupada por Perez.

Chegados que foram á porta do paiol, Daniel applicou ainda uma vez os olhos ao buraco que havia praticado.

Ora, o que elle viu, o que mostrou aos outros marinheiros, devia certamente redobrar o supersticioso terror destes desgraçados.

A fraca luz de uma lanterna era a que tão sómente allumiava a scena que se passava no paiol.

Perez, com o rosto banhado de lagrimas, estava de joelhos defronte da duqueza, que tinha posto uma especie de penteador ou roupão de lã escura.

Em pé, com o rosto palido e cicatrisado quasi occulto por um largo barreto preto, Ritta tinha a mão direita sobre o livro de José Ortez, aberto sobre uma meza.

Era em verdade medonho, quasi parecido a uma apparição phantastica, ver esse rosto descorado de Ritta, que, direita e immovel com o seu comprido roupão negro, parecia lançar um sortilegio sobre Perez, que era prostrado a seus pés.

A duqueza fallou, mas em hespanhol:

— Então! vês, Perez, tudo sai á medida do nosso desejo; proxima está a vingança: agora só resta dar o ultimo golpe, que é denuncial-o á equipagem como a causa destes males horriveis... a occasião é bella.. Até agora tenho partilhado os teus escrupulos... o estado destes homens não era ainda grave; porém hoje, a esta hora, tu ainda recusas... tu recusas no meio da tempestade que está para rebentar: isto seria comtudo bem horrivel... Perez, por Satanás...

— Por satanaz!... ouvis?... um signal da cruz e ávante! diz Daniel exasperado até ao delirio por esta scena singular.

E meteu dentro a porta do paiol com os seus hombros poderosos.

Até ahi o ranger da fragata, ao curvar-se debaixo dos esforços da borrasca, havia impedido Perez de dar pela presença de Daniel e seus companheiros; porém, ao ver a porta cair e os sinistros rostos que por ella se precipitaram em tumulto, foi-lhes ao encontro exclamando: — Miseraveis! que quereis?...

— Agarrem Grande-Forca, bradou Daniel aos seus patricios, e eu e mais dous nos haveremos com este! exclamou o bretão precipitando-se para Ritta. Ah! tição do inferno!... Belzebuth, não me has de escapar... por Nossa Senhora! gritava Daniel passando com frenesi o seu rosario ao pescoço de Ritta. Em quanto dous dos seus patricios a amarravam e mordaçavam, os outros quatro faziam outro tanto a Perez, que não podia oppôr resistencia alguma.

Tudo isto foi feito com a rapidez do pensamento. As duas victimas lá jaziam por terra, ligados, amarrados, sem poderem fazer movimento algum, sem poderem dar nem o mais pequeno grito.

A tempestade ia-se tornando horrivel, e, no meio do perigo, não haviam

sem duvida na coberta dado pela falta dos seis marinheiros.

— Esperai-me, diz Daniel e saiu precipitadamente.

Os rostos dos seis marinheiros pareciam então de uma pallidez cadaverica. O suor escorria-lhe das testas, tinham os cabellos herissados.

Era com um sentimento de terror indefinivel, e fazendo com a mão innumeraveis signaes da cruz, que elles mostravam uns aos outros Perez e Ritta, que, deitados no chão, inspiravam ainda a estes furiosos o terror que inspira o tigre apanhado nas redes.

Ao cabo de um instante, Daniel voltou com um encerado (ou grande lona alcatroada) e duas palanquetas que fôra tirar á bateria...

— E' boa occasião, meus marinheiros, diz elle, ao mar .. ao mar o feiticeiro... ainda é tempo.

Ao ouvirem estas palavras, Perez e Ritta abriram horrivelmente os olhos, porém não lhes era possivel dizerem uma palavra, fazerem nem um gesto ao menos.

— Ah! demonios infames!... feiticeiros do diabo! dizia Daniel com um delirio furioso, embrulhando Perez e Ritta nessa lona immensa como se fosse n'um vasto lençol... Ah! tições do diabo! lançastes uma *sorte* sobre pobres marinheiros; mas é que não tinheis contado com o meu rosario, bem me tinha dito o Losopho!

— Agora, meus marinheiros, accrescentou elle, atai isto, tapai-lhes bem as cabeças, ponde-lhes as balas aos pés, e subi tudo pela escotilha.

Pozeram tudo isto em pratica.

Chegaram á bateria, que estava deserta, porque todos os marinheiros estavam no convez para as manobras.

Daniel abriu uma portinhola de barlavento apesar do perigo.

Os quatro homens que levavam o fardo medonho, que violentos estremecimentos agitavam, collocaram-o sobre a portinhola, meio dentro, meio fóra do navio.

— De joelhos, disse Daniel tirando o seu barrete, e agradeçamos a Nossa Senhora da Re ouvrance...

Os quatro marinheiros continuavam de sustentar o fardo que se estorcia convulsivamente.

Os outros dois marinheiros imitaram Daniel, e disseram:

— Nós vos damos graças, Nossa Senhora da Recouvrance, porque nos haveis livrado da *sorte* e dos feiticeiros...

Persignaram-se depois e alevantaram-se.

— Agora, clamou Daniel, ao mar!... ao mar!...

E estes furiosos impelliram o fardo todo para fóra.

E elle desappareceu no meio do estridor das ondas,

E assim acabaram Perez e Ritta... a duqueza de Almeda e o seu fiel escudeiro.....

Neste momento, uma onda monstruosa entrou na bateria pela portinhola aberta, e a inundou em parte.

— E' Satanaz que nos diz adeus,

exclamou Daniel fechando o postigo; agora, para cima, e silencio .. o navio está salvo.

Quando subiram para a coberta, acharam a equipagem silenciosa, triste, e todas as vellas ferradas; porque ainda que podessem levar gaveas nos riz, a tripulação estava tão fraca, que Henríque havia ordenado fugir ao tempo em arvore secca.

O conde em pé sobre o tombadilho, com o porta-voz na mão, dava as ordens com socego, e o seu rosto, allumiado pelo reflexo da luz das bitacolas, não trahia a menor emoção.

Passageiro e variavel como os ventos destas paragens, não tardou o vendaval em diminuir de violencia e cessou, ficando apenas uma onda forte; e duas horas depois, tendo saltado o vento ao Norte, a *Sylphide* ia seu caminho.

— Não sei, dizia Henrique a Monval, deixando o tombadilho logo que viu o tempo desfeito, não sei porque este pé de vento tão de prompto acalmado, me parece de um feliz presagio; é uma tolice, talvez que assim o intendam, mas sinto aqui alguma coisa que me diz que os nossos males vão acabados, e que, achando-nos bem depressa nos ventos geraes, a sua influencia, será salutar aos nossos marinheiros; emfim sinto-me muito menos triste do que de costume.

— Participo bem sinceramente dos vossos sentimeutos, diz o official.

— Pois fazei ainda melhor, diz Henrique vendo apparecer o seu mordomo, vinde ceiar comigo... porque me sinto com um appetite diabolico, e não sei porque escapo a esta damnada epidemia; vinde julgar dos talentos do meu novo cozinheiro, que o foi do senhor de Gévres.

E Monval, acceitando o convite do conde desceu com elle.

De Miran fazia o quarto.

No dia seguinte, ás oito horas, no momento da distribuição dos viveres os rancheiros se dirigiram ao paiol.

Em vão esperam elles Grande-Forca.

Como senão apresentou, fizeram-se logo as mais minuciosas pesquisas para o encontrarem; o que foi impossivel.

Então pensaram com muita verosimilhança, que, por acaso, havia sem duvída caído ao mar durante a tormenta; não tendo por certo sido possivel ouvir se-lhe os gritos, nem vê-lo, por causa do estridor do vendaval, e a noite ser escura.

Poucas saudades deixou elle a bordo da *Sylphide*, e ninguem fallou no seu companheiro, que quasi ninguem conhecia: os que o haviam visto antes da partida de Brest acreditaram que elle ficára em terra, porque a saída fôra muito repentina.

Daniel e os seus patricios associados guardaram o mais profundo silencio sobre esta aventura, e nem vontade tiveram de a revelar, vendo que a equipagem ia recuperando as forças e saude; porque, depois da desapparição de Perez e da duqueza, não continuando os viveres a serem envenenados, para logo cessaram os terriveis ymptomas que se haviam declarado.

Esta revolução salutar no physico e no moral da sua equipagem encheu Henrique de prazer, e fez-lhe desejar ardentemente encontrar o inimigo.

Nomeou-se um quartel-mestre timoneiro para substituir Perez, cuja morte foi constatada da maneira seguinte no diario nautico: « 15 de Fevereiro de 1781. Não tendo sido encontrado no paiol dos mantimentos nem em parte alguma do navio, o Hispanhol, chamado Carlos Dales, que fôra proposto pelo senhor commissario geral para a distribuição dos viveres, suppoz-se que o dito Carlos Dales, fôra arrebado por algum golpe de mar durante o vendaval que caíra de noite, sem que se désse por similhante coisa. Em fé do que assignaram com o escrivão, o commandante, o tenente » etc.

Assim morreu Perez de Sibeyra, assim pereceu a duqueza de Almeda

— Pobre duqueza, de tão alto partiste, e tão baixo caiste!...

Pobre Ritta! cuja existencia fôra tão explendida e sumptuosa! pobre senhora, que, antes de conhecer o conde, rivalisava, pela sua classe e riquezas, com as maiores casas de França!... acabar assim! depois de mezes de uma vida amarga, infame, e miseravel; acabar assim! suffocada, afogada, sem poder pronunciar uma palavra, sem poder ao menos dizer aos seus assassinos:

« Dizei-lhe que eu estava aqui,... que *elle* trema ao menos ao saber que, escondida debaixo dos seus pés, mui perto delle, no seu navio, tinha uma implacavel inimiga, que teria podido matal-o, e que o não fez, porque eram mil mortes, mil torturas que lhe ella queria fazer soffrer.

« Se elle escapar a este perigo horrivel, saiba elle ao menos que lhe esteve imminente, porque algumas vezes se morre de sobresalto á vista do espantoso perigo que se evitou; saiba elle mui principalmente que o que sustentava a minha vida, era o odio mais incuravel e profundo;.. saiba elle que não era o seu desprezivel amor que eu chorava com lagrimas de sangue, porém sim o meu titulo, o meu nome, a minha fortuna;.. saiba elle ao menos isto... saibai-o elle... »

Não, senhora, não, o conde de Vaudrey nada d'isso sabe, nem saberá... Se, por desfastio, elle pensar em vós, as suas idéas serão doces e lisongeiras, porque lhe hão-de recordar um anjo de amor e de dedicação que morreu com o nome de Henrique nos labios, uma mulher adoravel que preferiu renunciar á existencia a viver sem o amor daquelle que todavia tão vilmente a havia enganado.

Se pensar em vós, ha-de ser para escrutinar a recordação dos gósos que outr'ora lhe déste; para se recordar e dizer aos companheiros da devassidão que entre as suas amantes possuiu uma duqueza hespanhola, cujos dentes eram magnificos, que tinha um talhe divino, e cabellos soberbos;.. porém que essa mulher incomparavel morreu de desespero, porque elle a *desprezára*...

Em uma palavra, a vossa imagem nunca se lhe ha-de representar na imaginação senão risonha, voluptuosa, doi-

à a, com um quadro negro de pannos funebres para fazer contraste.

Não, *madama*, não, o conde nunca jámais ha-de saber a que ponto o havieis odeiado; não ha-de morrer dessas mil mortes que lhe desejaveis.

Sois vós que heis-de morrer dessas mil mortes; sois vós que heis-de renunciar á belleza, á classe, á fortuna; sois vós que um homem da policia ha-de pôr a par das mulheres perdidas e dos ladrões; sois vós em quem um carceiro ha-de dar pancadas; vós, senhora duqueza, vós casta e pura; vós que apenas heis commettido uma unica falta... falta sublime: porque é religioso e nobre, o amor que uma mulher, no apogêo das prosperidades humanas, experimenta por um ente que julga obscuro, religioso, doente e resignado. O vosso amor pelo pobre Henrique da torre de Koat-Ven, era quasi como o da mãi pelo filho, como o de Deus pela sua creatura.

Emfim, querieis vêr esse amor consagrado pelas leis; querieis tornar a vossa união santa, inviolavel, eterna, para assegurar os thesouros do mundo e do vosso coração áquelle, que, pensaveis vós, nada mais possuia senão uma alma bella.

Pois bem! apezar disto, por causa disto, vós heis-de morrer, digo-vol-eu, e de morte horrivel; o que heis-de sentir de desesperação amarga, de odio pungente, de torturas moraes e physicas, excederá os limites do possivel. Heis-de experimentar as mais atrozes decepções, decepção de amor, decepção de vingança; porque heis-de ter fé na vossa vingança, como heis-de de ter fé no vosso amante; uma d'essas fés profundas que são quasi revelações. Pois bem! essa fé ha de-vos enganar ainda e sempre; os vossos planos nascidos no delirio do odio, heis-de vel-os mallogrados pelos acasos mais vulgares, pelo esquecimento de um passaporte, pela credulidade estupida de um marinheiro.

Haveis de morrer de morte horrivel e ignorada, e ninguem vos ha de lastimar, porque ninguem ha de saber o que soffreu a duqueza d'Almeda antes e depois da morte.

Quanto á vossa morte para o mundo, á vossa morte de dama distincta, foi chasqueada, insultada, calumniada, e já de ha muito que nisso se não falla.

A vossa morte! que satisfez o amor proprio daquelles que vos odeiavam ou invejavam.

A vossa morte! serviu de medianeira a Henrique para os seus novos amores com *madama* de Cernan; valeu-lhe a amisade de *sir* Jorge, e esse bello duello em que elle tão honrosamente matou o senhor de Cernan e feriu o senhor de Saint-Cyr.

A vossa morte! tornou o conde o homem mais á moda do seu tempo, sem contar que lhe serve para chamar a melancolia quando está aborrecido ou o tempo sombrio; de sorte que o senhor de Vaudrey vos deve um encanto e uma distracção mais.

E o que é ainda mais horrivel pensar, é que tendes soffrido, é que mor-

restes por causa de um fatuo, e nada mais; um homem bem parecido e espirituoso, de bom nascimento, esforçado e rico, é verdade, mas sem genio, sem cousa alguma de sublime; n'uma palavra, por um d'esses homens encanta ores, por um desses fructos doirados, mas insipidos, que nascem em chusma ao pallido das côrtes.

Oh! isto é horrivel! horrivel sobre tudo para vós, Ritta; porém assim ha-de acontecer quasi sempre que a paixão estiver ás mãos com o egoismo, ou que não procure o esquecimento de seus males n'uma religião de esperança e de resignação.

XLI.

PREPARATIVOS DE COMBATE.

Allous! mon habit roze, et ma culotte bleue...

A. DE MUSSET.

Em que sonham as raparigas,

Oito dias depois da morte de Ritta, a Sylphide achava-se a barla vento dos Açores; a sua equipagem havia readquerido as forças, a saude d'esses valentes marinheiros ia-se tornando florescente, e se por acaso, fallavam da singular doença a que tão felizmente haviam escapado, era para gracejar relativamente aos seus passados soffrimentos, ou para dar graças a Sulpicio Bom-Jesus, de que haviam feito seu anjo da guarda sem saber por que, é verdade.

Porque, aos olhos dos marinheiros, ha sempre uma causa sobrenatural tanto para o bem como para o mal, um symbolo visivel e palpavel que resume a felicidade e infelicidade. Por isso pensavam elles que o Bom-Jesus havia salvado o navio, assim como Grande Forca estivera a ponto de o perder.

Já deixamos dito que a Sylphide navegava a barla vento dos Açores, e, em tempo de guerra, estas paragens são maravilhosamente situadas para terem logar esses encontros felises que se terminam de ordinario pela perda ou captura de um dos actores da entrevista; porque este logar é, n'uma palavra, o campo dos desafios maritimos, combates solitarios, encarniçados, de que são tão sómente testimunhas o céo e o Oceano.

Eram cerca de oito horas da manhã, fresca brisa soprava do Nordeste; o céo de uma puresa admiravel, reflectia o seu asul n'um mar magnifico, e a ligeira serração que primeiro o escondera acabava de se dissipar aos raios do sol. O Oceano representava então uma immensa toalha de agua circular, cujo centro era occupado pela *Sylphide*, de fórma que, abordo da fragata, para qualquer lado que a vista se voltasse, encontrava sempre ao horisonte a linha ondulosa das vagas, cuja cor verde se destacava vigorosamente sobre o azul do céo.

Eram quasi dois dias que o conde se achava nas visinhanças d'esse ponto de reunião de crusadores (porque os aço-

res formavam o ponto de intersecção de differentes derrotas), o conde, digo, havia redobrado de vigilancia e actividade; a sua equipagem, preparada para combate, estava disposta para o que houvesse de acontecer; os morrões fumegavam nas tinas, as redes e arpéos de abordagem estavam tambem promptas; os cestos das gaveas estavam cheios de armas, e feixes de machadinhas e chuços brilhavam de longe em longe sobre o convez e na bateria.

Desde o erguer do sol, João Thomaz, armado de um occulo excellente, passeiava sobre o tombadilho interrogando a cada minuto todos os pontos do horisonte.

Um praticante de piloto veio-lhe annunciar que o commandante o aguardava no seu quarto de dormir.

Fechando o occulo com impaciencia o tenente deixou o tombadilho depois de ter recommendado muito a *de* Miran que observasse o vento, e olhasse pelos vigias.

Ao chegar ao quarto do seu superior, João Thomaz o encontrou indolentemente estendido n'uma poltrona, e vestido com um magnifico roupão de seda asul com flores de prata. O fiel Germeau que terminava o vestuario do conde, tinha na mão a borla de pennas de cisne toda empoada de pós á marechal, em quanto que dois outros criados aguardavam que lhes elle pedisse objectos necessarios ás suas importantes funcções.

— Que diabo! Germeau, dizia Henrique com bem máo humor, Germeau, tu não estás em ti.... Vê lá como eu estou penteado.... este annel de cabello cobre-me a orelha esquerda, em quanto que este apenas desce até á fonte. Em que estás tu a pensar? E se, como eu espero de um momento para outro, encontrarmos o inimigo, velhaco, que lhe hei-de eu parecer? e que triste opinião darás tu a esses inglezes do merito de um criado grave francez? Em verdade, Germeau, tu não tens nem a sombra do espirito nacional, e ainda menos te interessas nos successos do teu amo. Mas vendo João Thomaz:

— Ah! sois vós, senhor, lhe diz o conde, peço-vos mil perdões, não havia tido a honra de vos ver.

— Venho receber as vossas ordens, commandante.

— Muito bem; sou todo vosso. Desculpai-me por um instante, porque este maroto do Germeau pentea-me que é uma vergonha; ora vêde, vêde, não vos pareço assim medonho, tenente? diz Henrique voltando-se para João Thomaz.

— Eu não intendo d'essas coisas, respondeu Thomaz friamente, nem julgo que essa sciencia faça parte do manobrador.

— Tendes rasão, tornou Henrique tornando se a voltar para o criado, não approvais estas futilidades. Cada qual tem o seu gosto: o senhor de Buffon não póde escrever sem punhos de renda; eu não posso bater-me sem estar vestido como se fosse para o jogo de el-rei. Vamos lá! vamos lá, Germeau!

— Tomarei a liberdade de fazer observar ao senhor conde, diz o criado respeitosamente, que faz tantos movimentos para olhar pela janella, que não depende de mim penteal-o como eu queria.

— Vamos lá, estarei quieto, meu velho servidor.

— Então, senhor Thomaz, que temos de novo esta manhã? seremos mais felizes do que hontem? porque viva Deus! andamos de mal para peior! ha dois dias n'estas paragens sem encontrar uma vela de guerra, é para desesperar!

— Atégora as vigias nada teem avistado, senhor commandante; mas, segundo as vossas ordens, tudo está preparado para o que possa acontecer.

— Muito bem, conservai as mesmas disposições; continuem a estar promptos os fachos, as tinas de combate, as palancas, os fechos das armas, o armamento das peças; e que se abram promptamente ao menor signal os paioes da polvora.

Depois, interrompendo-se, o conde disse a Germeau com impaciencia:

— Chega-me este cabello mais para baixo! tu assassinas-me, miseravel Germeau!

— Continuaremos a levar joanetes, commandante? perguntou João Thomaz, que a custo continha a cholera.

— Não, senhor, não, ferrai-os; mas que fiquem sobre os fios de carrete, assim como os sobres; eu não gosto de velas altas, são vistas muito de longe, e é quanto basta para espantar o inimigo ou despertar-lhe algumas vezes uma curiosidade muito incomoda para aquelles que d'ella são objecto. Mas, co'os diabos, a bolsa assim não está boa, está muito para cima, Germeau.

— Commandante, commandante, duas velas! exclamou São Salvador entrando com precipitação no quarto do conde, porque este mancebo não podia conter a alegre exaltação que lhe causava a certeza de um combate proximo.

— Oh! meu Deus! diz Henrique com socego, então era necessario gritar tanto e fazer tanta bulha para me annunciar isso? E que velas são?

— Commandante diz São Salvador algum tanto confuso, a vigia do traquete acaba de as avistar agora mesmo... julga-se que é uma escuna e um cutter.

— Uma escuna e um cutter... ora isso não presta para nada, diz o conde com ar desdenhoso, salvo se são mexeriqueiras de outro navio mais forte, porque nestas paragens tão pequenas embarcações raras vezes se arriscam sós... Mas emfim cá está finalmente o diabo deste annel no seu logar, exclamou Henrique com complacencia acabando de arranjar os cabellos riçados.

Depois deu ordem a João Thomaz que fosse examinar os navios e que viesse depois dar-lhe parte do que houvesse de novo.

O tenente cortejou-o e subiu para o tombadilho, acompanhado do guarda-marinha.

— Germeau, diz Henrique levantando-se e mirando-se n'um espelho magnifico, Germeau, dá-me a minha farda bordada, as minhas agulhetas de setim e as minhas cruzes de diamantes; porque, viva Deus!... é esta a occasião de me enfeitar, e de mostrar aos inglezes que temos algum gosto em Versailles.

No momento em que o conde punha a sua farda explendida, São Salvador entrou, desta vez mais socegado?

— Commandante, o tenente manda-vos dizer que além do cutter e da escuna se acaba de avistar tambem outro navio pequeno e uma fragata.

— Ora ainda bem.. Isso sabia eu; a fragata agrada-me muito, e significa alguma cousa, porque se é glorioso arpar um tubarão, faz dó lançar a fisga a um voador. E os navios estão a nosso barlavento, senhor? perguntou o conde que estava pondo a sua cruz de S. Luiz enriquecida de pedras preciosas, e tinha um cuidado particular em que a sua farda azul lhe não escondesse demasiado a rica bordadura de ouro do seu colete escarlate.

— Sim, commandante, as vélas vem a barlavento, diz São Salvador.

— Melhor ainda; diga-o que disserem eu gosto mais de combater a barlavento, porque o serviço da artilheria é assim mais commodo.

Depois dirigindo-se a Germeau:

— Dá cá o meu relogio com cadeias de perolas, o meu solitario e a minha caixa de esmeraldas, mas enche-a de tabaco de Hespanha, porque os inglezes não usam de outro; e se eu tiver a fortuna de abordar um d'esses gentlemen, é preciso ao menos que depois da acção lhe possa offerecer alguma cousa de que elle goste; porque nós hemos de abordal-o, senhor de S. Salvador, diz o conde voltando-se com vivacidade para o guarda-marinha; temos de abordal-o com o sabre e a pistola em punho, tenho cá um presentimento a e se respeito, e para ver se me elle não engana, tende a bondade de dizer ao tenente que mande gente para as peças, largar joanetes e sobre kakatoés, e que vire sobre o inimigo. Eu já vou para cima.

São Salvador cortejou-o e saíu, quasi interdicto pelo socego singular que o seu superior conservava em taes circumstancias.

— O' Germeau, não achas, perguntou o conde, que as abas desta farda não cáem bem?

O criado examinou-a seriamente, e disse depois de alguns momentos de silencio:

— O senhor conde tem rasão. O senhor conde não póde conservar-se com esta farda. Felizmente que me acautelei, e que Lefore fez tres fardas ricas novas, senhor conde.

— Vamos, avia-te, e volta para a camara, porque eu vou buscar algumas armas, afim de estar convenientemente munido para a abordagem.

O conde depois de ter largamente demorado a vista por sobre a rica panoplia que ornava a sua galeria, poz

primeiro de parte um excellente par de pistolas inglezas de dous tiros, cujos fechos experimentou depois de as ter cuidadosamente examinado e carregado. Pegou tambem n'um sabre um pouco curvo, curto bastante, mas muito largo, cuja concha espessa e guarda maravilhosamente cinzelada defendiam o punho e quasi o antebraço. Fez-lhe vergar a folha de uma côr parda-escura, experimentou a folha e gume, e fez passar pelas mesmas provas a um punhal turco com folha conica, que accrescentou ás outras armas.

Não tardou que Germeau apparecesse com a nova farda, que tinha um feitio maravilhoso.

— Agora, sim! diz o conde mirando-se, esta está capaz de se ver! Agora, Germeau, o meu chapéo com plumas brancas e o meu porta-voz. Has de dar estas armas a um praticante, e dize-lhe que as ponha todas sobre o meu banco de quarto, accrescentou elle levantando a custo o pezado cinturão de couro que continha o sabre pistolas e punhal.

Depois Henrique suspendeu negligentemente a seu lado uma bainha de seda branca com guarnições de ouro. Só havia uma folha de baleia n'essas similhanças de espada, que então se chamavam pennas, sem duvida por causa da sua excessiva ligeireza.

— Ah! diz o conde, já me ia esquecendo.. dá-me antes a caixa que o almirante Byron me mandou; será de melhor gosto no caso de que eu offereça rapé a algum inglez.

E, volvendo um derradeiro e complacente olhar para o todo do seu vestuario, colhendo no caixote de flores uma linda rosa que meteu na bocca (o que para elle substituia o novello de lã de Mauricio de Saxonia e o palito de Colygny), subiu para o tombadilho.

No momento em que elle appareceu, os artilheiros estavam nos castellos, os gageiros nas gaveas, os marinheiros junto aos ovens, e o tenente no seu banco de quarto.

A' vista do conde, d'esse moço e gentil capitão tão bello, tão elegantemente coberto de ouro e de diamantes, de azul e de escarlate; á vista d'esse grande senhor, que se apresentava na tolda com a sua graça e desembaraço habituaes, os marinheiros não se poderam esquivar a um sentimento que se approximava da admiração.

Enganar-se-ia quem pensasse que taes vantagens phisicas, mais ainda realçadas por todo o brilho da magnificencia e bom gosto, não deviam produzir grande effeito sobre a imaginação viva e grosseira dos marinheiros, que, vivendo de opposições, eram sobre tudo sensiveis, por instincto, á poesia dos contrastes. Ora, estes excessivos adornos a bordo de um navio, este vestuario mais proprio para sala, no meio do Oceano, devia impressional-os muito. E esses homens vestidos simplesmente e sem esmero sentiam quasi um sentimento de orgulho ao ver aquelle que os commandava tão esplendidamente vestido. Por-

que emfim era para ir para o fogo que o seu capitão assim se apresentava. E se elles eram submettidos ao commandante, por ventura não dependia elle tambem da sua coragem? O seu sangue-frio dependia do sangue-frio d'elles; o seu renome da sua cega obediencia; n'uma palavra, elles eram d'elle como elle era d'elles. Por isso elles se mostravam ufanos por terem um commandante assim, ufanos pela sua graça, pelo seu luxo, assim como os enchia de orgulho a Sylphide, a sua belleza, e os seus esplendidos ornamentos.

Emfim, repito, era um sentimento de orgulho e admiração que á vista do conde fez desabrochar todos aquelles rostos bons e grosseiros.

E' porque em verdade havia no lindo semblante de Henrique tanta placidez, havia uma expressão de firmeza tão precisa nos contornos da sua bocca que brincava com uma flor, tanta intrepidez descuidosa nos seus olhos negros, que a preoccupação d'aquelles esforçados marinheiros era concebivel, sobretudo se elles comparavam o exterior do seu tenente ao do conde.

Com effeito, João Thomaz contrastava em tudo com esta brilhante personificação da aristocracia d'aquella epocha. A sua estatura pequena, as suas feições communs, o cabello em desordem, o fato que, por uma especie de fatuidade cynica, trazia sordido e velho, completavam um aspecto vulgar e quasi repulsivo, e completavam tambem a somma de motivos pelos quaes João Thomaz era execrado pela equipagem, que achava uma harmonia perfeita entre o physico e o moral d'este homem austero, e a connexão mais intima entre os seus vestidos pouco aceiados e o seu modo brutal.

Quanto aos jovens officiaes, posto que mui aceiados, não se approximavam da elegancia e bom gosto do conde de Vaudray.

Ao chegar á tolda, o commandante saltou lentamente para o seu banco de quarto, e d'ahi, munido do seu occulo, examinou por algum tempo em silencio as manobras e posição do inimigo, de que se approximava a olhos vistos.

— Com mil diabos! diz mestre Frank olhando, com pasmo, para o vestuario do conde. Safa, que o tal commandante é o que se chama espartilhado e respartilhado. Palavra que me cega a vista com os ouros e joias que traz. E' muito lisongeiro ser commandado por capitão assim, por um capitão em quem as pulgas não podem saltar sem tropeçarem com as patas em mil bordaduras de ouro fino e nos diamantes que nos cegam como raios de sol.

— Primeiro que tudo, meu caro, diz o artilheiro burguez que inspeccionava os passavantes, meu caro Frank, se tivesseis o menor uso da grande sociedade, saberieis que um commandante nunca tem pulgas... Por isso a vossa comparação *insectuosa* é defeituosa, mestre Frank, accrescentou o artilheiro sorrindo vaidosamente a este gracejo.

— Oh! mestre Kergouet, tornou Frank com simplicidade, eu disse pulgas porque as tenho.

— Sim, bem sei, exclamou o artilheiro burguez com ar de dolorosa recriminação; mas esquecei esses rediculos insectos, amigo Frank, continuou o artilheiro com mais placidez, olhai, vêde como nos approximamos do inimigo... Ah! ah! mestre, parece-me que vou ter que fazer cá na loja, porque lá vem alguns *chalans* (1).

— Ora essa! para que tomeis isso por *chalans* (2) mestre Kergouet, exclamou Frank desatando a rir, é preciso que tenhais os olhos aonde eu tanho os rins, e que vos sirvam d'occulos o fundo dos calções.

— Chamo a esta fragata, a este cutter, a esta escuna, e ao brigue *chalands*, mestre Frank, diz Kergouet fazendo esta enumeração com uma especie de emphase e azedume, chamo-lhes chalands porque vem buscar á minha loja uma provisão de balas e biscainhos que lhes vou apromptar, e com fartura, treze por cada meio quarteirão.

E o artilheiro burguez desceu para a sua bateria com ar quasi irritado contra Frank, que parecêra duvidar dos seus conhecimentos nauticos ou do alcance da sua vista.

Mas Frank, segurando-o pela aba do seu largo casacão côr de castanha, no momento em que elle ia desapparecer pela escotilha, exclamou:

— Ora vamos, Kergouet, assim se deixa um velho marinheiro? então não vêdes que eu estava brincando quando disse o que disse, porque eu bem sei que excederieis um corvo marinho na *lonjura* da vista. Viva Deus! Kergouet, não nos devemos separar assim no momento em que poderemos ir dar um passeio até ao outro mundo! Venha lá um aperto de mão; venha, co'os diabos!...

— Tendes razão, Frank, meu caro Frank, diz o artilheiro tornando a subir para apertar amigavelmente entre as suas a mão callosa do mestre da equipagem. Morto o bicho, morta a peçonha, como se costuma dizer. Sem rancor, velho Franck.

Depois do que o artilheiro desceu para a sua loja, como sempre elle chamava á sua bateria.

Neste momento viam-se distinctamente, e sem auxilio de oculo, os quatro navios de guerra.

Henrique fechou o oculo, tirou a rosa da bocca, e disse em voz alta á equipagem, mostrando lhes o inimigo com a ponta do seu chapéo bordado e ornado de plumas brancas.

— Meus filhos, toca a amarinhar (1) estes quatro navios ingleses, porque nos esperam na America, e logo que lá cheguemos, além da vossa parte na presa, promette-vos cem luizes para

(1) Freguezes.

(2) Para comprehender este estupido jogo de palavras é mister saber que tambem se chama *chalan* (e não *chaland*) uma espêcie de bote, de quilha chata, de que nos portos se servem para a descarga. *O A.*

(1) Chama-se *amarinhar* tomar posse de uma presa. *O. A.*

beber á saude do rei. Viva o rei! meus amigos, viva o rei!

Viva o rei! bradou a equipagem com exaltação, porque estas poucas palavras haviam produzido o melhor effeito. A certeza com que o conde olhava para os navios, com que ia combater, como já tomados, provava a confiança que tinha na sua equipagem. E esta presumpção punha em acção o mais poderoso motor do homem, e sobretudo do marinheiro: o amor proprio.

— Depois dirigindo-se ao tenente:

— Ide para vante, e peço-vos que escuteis attentamente as minhas ordens, diz Henrique.

João Thomaz cortejou-o o foi para o seu posto.

— Senhor *de* Miran, sereis o meu official de manobras. Vós, senhor *de* São Salvador, tende a bondade de perguntar ao senhor de Monval se tudo está bem preparado na bateria de que sereis segundo commandante.

— Os homens estão ás peças, commandante, veio dizer S. Salvador.

Endireitando então o seu talhe nobre, Henrique, com os olhos brilhantes, a tez animada, exclamou dirigindo-se aos seus officiaes:

— Vamos, senhores, pensemos na gloria da França, conduzamo-nos como gentil-homens, e viva o rei!

— Viva o rei! bradaram os officiaes.

— Agora, senhor *de* Miran, mandai içar e apoar com um tiro de peça a grande bandeira branca: *França*. Veremos o que estes desconhecidos lhe respondem.

E no mesmo instante uma immensa bandeira branca se elevou magestosamente ao longo da driça do mastro grande

— Chapéo na mão, senhores, diz Henrique gravemente, descobrindo-se; e vós tambores, tocai ás armas!

Os tambores rufaram, officiaes e marinheiros se descobriram com santo respeito diante desse emblema real, que lentamente se elevava ao longo da driça. No momento em que a bandeira se fixou, um tiro de peça eccoou por sobre a superficie do Oceano.

Immediatamente os quatro navios içaram a bandeira ingleza, firmando-a tambem.

— Ah! estes senhores sabem viver, diz Henrique vendo a manobra do inimigo, pagam-nos a nossa cortezia, lá respondem elles que se chamam · *Inglaterra*. Senhor *de* Miran, mandai fazer fogo sobre elles.

XLII.

COMBATE.

Doria a vaincu Fiesque.
SCHILLER.

N.º 1. — A bateria.

Tenho observado a bordo dos nossos navios, que os derradeiros momentos que precedem um combate no mar, são sempre notaveis pelo profundo silencio que guarda a equipagem, e pela expressão singular de curiosidade in-

quieta, ou de reflexão pintada em todas as physionomias.

Com effeito, quanto mais se aproximam desse instante decisivo, mais serios se tornam os pensamentos dos homens.

A exaltação generosa que faz experimentar a certeza de uma acção se expande e espraia em brados de alegria uma hora antes que ella tenha logar. Mas quando dez minutos só nos separam do combate, em quasi todas as organisações, o instincto vital se torna superior. Não se treme; ao contrario, reflectimos, encaramos com placidez o alcance de todas as alternativas que vamos correr, e, a uma hora tal, espero que se permitta aos homens valorosos que se apercebam de que é para elles uma questão de vida ou de morte que a artilheria vai decidir.

Ora, segundo me parece, esta lucta fria da coragem razoavel contra o voto conservador da natureza é a mais bella das coragens, e distingue eminentemente a nossa nação. A prova é que nunca embriagam os marinheiros antes do combate; batem-se com toda a sua razão, e encaram com firmeza todos os perigos, que se lhe offerecem.

Em outras nações, ao contrario, chegam quasi a embriaga-los, como para lhes velar o perigo; consegue-se talvez, tratando assim as equipagens, inspirar lhe uma temeridade mais fogosa e cega, mas faz-se-lhe perder o bem mais precioso, principalmente n'uma acção naval: juiso e sangue frio, qualidades indispensaveis quando se trata de combater, não só aos homens, mas tambem ao fogo, á agua, aos ventos e aos rochedos.

Se n'uma batalha em terra os regimentos se embriagam, o perigo é menor: é uma abertura que é mister fázer nas massas. Precipitam-se com a cabeça baixa. Passam ou ficam. Caminham direito ou tropeçam; ao menos não nos falta o terreno. A bordo, ao contrario, uma escota, um só cabo largado imprudentemente, um falso impulso dado ao leme, podem comprometter a segurança do navio e da equipagem; é pois facil conceber a indispensavel necessidade da temperança.

Este silencio eterno, esse magestoso precursor do combate, reinava pois a bordo da *Sylphide* em quanto que ella transpunha a pouca distancia que ainda a separava do inimigo. Os inglezes vinham sempre com vento. O cutter servia de vanguarda e espia a esta pequena divisão. A fragata e o brigue formavam o centro, e a escuna fechava a rectaguarda, como corpo de reserva.

A bateria da *Sylphide* offerecia um magnifico golpe de vista. Todos os chefes de peças e carregadores se conservavam direitos, silenciosos e immoveis nos seus postos. Os morrões fumegavam de longe em longe nas tinas cheias de agua. Os pagers encarregados da provisão das peças estavam á entrada do paiol da polvora com as suas cartuxeiras. Todas as escotilhas da bateria haviam sido fecha-

das, á excepção das do centro, que serviam de communicação entre o porão, a bateria e a coberta; porque esta especie de largo poço quadrado, que atravessava perpendicularmente os differentes andares do navio, abria-se no convez e terminava no porão. E' neste espaço vazio que uma cadeira com fundo de lona se elevava e abaixava por meio de moitões, quer para ir buscar os feridos, quer para os descer para o fundo da fragata, aonde, em mais segurança, eram confiados aos cuidados temporaes do doctor Gedeão, e aos cuidados espirituaes do capellão.

Monval, encarregado da bateria, estava em pé junto do cabrestante, encostado á sua espada nua, que devia servir-lhe para commandar o fogo: porque, logo que o combate fosse travado, se tornava impossivel fazer-se ouvir senão por signaes.

Kergouet estava ao pé de Monval; como o conde, o artilheiro burguez não podia combater sem se haver ataviado; por isso depois de se haver feito barbear, empoar, e pommadar pelo Losopho, o digno mestre tinha posto um elegante casacão côr de castanha com botões de aço, que lhe assentava deliciosamente sobre o seu colete de fustão, com um bordado imitando parras; alem d'isto vestia calções de camurça, meias de seda parda sarapintada, collarinho e bofes de cambraia, e punhos compridos que tinha regaçados para estar mais á vontade. Accrescentai a isto um chapéo armado, e tereis o signalamento completo do artilheiro burguez.

Ter-se-ia, n'uma palavra, julgado este homem o mais inoffensivo e modesto dos cidadãos da rua de S. Diniz, se não fossem um par de pistolas de dois canos, e um largo e lusidio sabre de abordagem sem bainha, que trazia n'um cinturão de coiro.

Não fallo n'uma hacha d'armas que elle tinha na mão, assim como, dizia elle, poderia ter a sua bengala ou guarda chuva.

A chegando-se mais do segundo tenente, e saudando-o respeitosamente, mestre Kergouet lhe diz:

— Dar-me-ieis licença, senhor de Monval, que ensinasse duas palavras a estes rapazes? Eu entendo da *coisa* e antes *d'ella* talvez que não fizesse mal.

— Pois sim, Monval.

— Senhores, diz o mestre, com a permissão do nosso official, vou fazer-vos uma pergunta: Temos *contas que ajustar* com quatro navios, não é assim? Mas nem por isso se segue que sejam quatro contra um; e eis aqui o porque; um artilheiro burguez vale quatro soldados de terra, não é assim senhores.

— Sim, sim, mestre, disseram estrepitosamente os artilheiros satisfeitissimos por serem arrancados ao silencio que lhes pezava, sobretudo n'este momento.

O mestre continuou: — Quatro escudos de seis libras não valem mais que um luiz?

— Não, não, mestre, disseram os marinheiros.

— Então, meus queridos filhos, olhai pela portinhola, e vereis uma escuna, um brigue, um cutter e uma fragata ingleza... o que equivale juntamente a uma fragata franceza... como a *Sylphide*. Ora, nós outros negociantes, bem sabemos que as peças grossas valem sempre mais que a moeda...

— Negociantes.. negociantes.. murmurava o contramestre Rapin, sim, negociantes de golpes de machada, negociantes de metralha, negociantes de ballas vermelhas...

— E depois, meus filhos, diz mestre Kergouet, a sorte é por nós, os presagios...

— Basta, basta, mestre disse Monval interrompendo o artilheiro; a respeito de presagios, meus filhos, aquelle que melhor annuncia a tomada de um navio, é uma boa surriada que se lhe aprezenta no costado ou na mastreação... então a boa pontaria é que é adivinhar. Agora, silencio.

— O official tem rasão, dizia em voz baixa Lucas a Yvon, seu marinheiro; cada um faz o presagio a si mesmo... Vês tu, Yvon, é mais seguro; é como quando o Losopho perguntou ao Gibard para o vexar: — Quem te fez o rabo, Gibard? e o Gibard, que não tem papas na lingua, retrucou-lhe: — Quem me fez o rabo? fil-o eu a mim mesmo, Losopho...

Desgraçadamente, Lucas foi arrancado á recordação d'estes ditos tão cheios de finura, de atticismo e mordacidade, porque o porta voz que communicava da tolda para a bateria fez ouvir esta ordem do commandante.

— « Artilheiros, toca a deitar na direcção do apontamento... e sobre tudo que se não faça fogo antes de ordem!... »

Monval repetiu este commando, e para logo todos os artilheiros se estenderam junto ás peças.

Mestre Kergouet e Monval, unicos que ficaram em pé, abrigaram-se tambem atraz do cabrestante.

A posição em que eram mandados collocar os artilheiros provava claramente que de um momento para o outro as balas do inimigo iam chover atravez da bateria, mas que o commandante, não desejando ainda começar o fogo, não queria expor inutilmente a vida da sua tripulação.

Não podemos deixar de dizer, a este respeito, que é singular a posição da gente das baterias; que ignoram quasi todas as manobras que o navio faz; não sabem se elle foge ou dá caça; podendo apenas julgar do effeito dos tiros que despedem; impassiveis como as suas peças, decidem da sorte de uma acção, e são-lhe comtudo por tal forma estranhos, que depois do combate muitas vezes elles não estão ao facto dos mais pequenos detalhes d'aquillo para que elles tanto contribuiram.

Como deixamos dito, a ordem de se deitarem annunciava aos artilheiros da *Sylphide* que deviam estar prevenidos para receberem uma banda do inimigo; por isso elles, nem respiravam, e experimentavam essa singular emoção de expectativa e impaciencia que me parece ter bastante analogia com a que se sente no theatro quan-

do se espera um tiro de espingarda, sem saber ao certo quando e em que direcção.

— Agora, senhores, que estais deitados, diz mestre Kergouet, tomai cuidado em não dormir, e roncar mais alto do que as vossas peças...

— Ah! mestre Kergouet! disse o contra-mestre Rapin, não podemos responder por isso; mas aposto que, depois de recebida a banda, ha hi tal *dorminhoco* que se não torna a levantar.

Mestre Kergouet, em logar de responder, agarrou Monval pelo braço, e puxou-o para traz do cabrestante exclamando:

— Tomai sentido, senhor!

N'este momento, a lingua d'agua e de horisonte que se via ao longe atravez das portinholas se achou escondida pela fragata ingleza, que então se prolongava com a *Sylphide*. Um largo reflexo de fogo brilhou por sobre as vagas, ouviu-se uma terrivel detonação, e ao mesmo tempo algumas balas entraram em *ricochete* na bateria com um sibilar agudo, em quanto que outras, perdendo a força ou alojando-se fóra, faziam estremecer o costado da fragata.

Depois, em logar da fragata ingleza que desappareceu, viu-se uma espessa nuvem de fumo, que o vento afastou da *Sylphide*.

— Que os artilheiros se deixem estar deitados! repetiu o porta-voz.

Passado que foi o primeiro movimento de estupor, os artilheiros, sem se alevantarem, voltaram a cabeça para um e outro lado para verem o effeito da descarga; e mestre Kergouet, estendendo o pescoço, disse a Monval:

— Julgo que o mal não foi grande: estilhaços... e. . mas espera... lá está um pobre diabo que abandona o posto... e outro que se róla e perneia como um possesso... Vamos, vamos, vós outros, diz elle dirigindo-se aos seus artilheiros, agarrai o; não tenhais medo que vos morda!

E' um dos *dorminhocos* que eu *ha-dagora* vos dizia, mestre Kergouet, tornou Rapin. Anda ás voltas com um sonho máo; mas não... lá está elle socegado... Mais um salto de carpa, e adeus; boa noite, meu velho... E' isso mesmo, morto como um cão, morto sem ao menos mandar engraixar as botas pelo capellão.

Ora, aquelle que se debattia já se não movia, porque uma bala lhe ferira os rins e levara a parte posterior do craneo.

— O' lá de cima! a cadeira! bradou mestre Kergouet approximando-se da escotilha que communicava da bateria para a tolda.

— A cadeira está occupada! respondeu uma voz fraca e um tanto alterada, mas sempre motejadora. E no mesmo instante a cadeira desceu levando o Losopho ferido, que sustentava São-Medard entre os braços.

— Pára... pára ahi, Losopho! diz mestre Kergouet, agarrando a cadeira na passagem e puxando a para o solho da bateria. Depois, mostrando ao *tenente-magico* o corpo do mari-

nheiro morto... Tem a delicadeza de levar comtigo este pobre Pedro... Isso evitará uma viagem, Losopho, e demais servir-te-ha de companhia. .

— O meu carrinho está ás vossas ordens, mestre Kergouet; vamos, arranja te para ahi, São-Medard; dá logar a este senhor, diz o Losopho mostrando o morto que levava comsigo; depois desappareceu gritando: Ho he!... hu!... arreda! Logar pr'a minha equipagem!... Arreda debaixo!...

E o morto, o cão e o vivo desceram para as profundezas do porão.

Alguns minutos depois, a cadeira, ainda humida e cheia de nodoas de sangue, subio e parou ao nivel da bateria.. Dois artilheiros se levantaram e n'ella collocaram á pressa o seu camarada ferido.

Depois a cadeira desappareceu de novo, e os marinheiros tornaram para os seus logares.

— Mestre, diz Monval indicando a Kergouet o logar em que Pedro fora morto, mestre, mandai alimpar este sangne... E' inutil deixar similhantes vestigios aos olhos da tripulação.

— Moço! bradou o mestre a um cartucheiro, deixa ahi o teu cartuchame e vem cá alimpar isto com um lambaz molhado... Vamos, vamos, em pé nada, andar de gatinhas, imbecil.

Depois, dirigindo-se aos seus artilheiros mostrando-lhes as nodoas de sangue:

— Então, que quereis, meus filhos... isto acontece em todas as lojas do mundo... ninguem póde fazer o seu negocio sem que quebre ou espalhe alguma fazenda... Não somos por isso mais militares; são os contras do officio, e nada mais.

Veio o moço, estancou o sangue que corria em regueiras conforme a inclinação do navio, e voltou para o seu posto.

O mesmo silencio reinava sempre; mas ao cabo de alguns minutos foi interrompido por um trepidar sob o qual tremeu a coberta da bateria, e a voz sonora de Henrique que dominava este tumulto fez ouvir estas palavras:

— Toca a virar...

— Toca a virar! repetiu a voz forte de João Thomaz.

— Emfim estamos de volta com elles, diz Monval, que adivinhava por esta manobra que o conde se julgava bem proximo do inimigo para começar o seu fogo.

Com effeito, a *Sylphide* ficou por um momento indecisa até que obedecesse ao impulso do leme... Então a inclinação que havia sido da direita para a esquerda, se manifestou no sentido contrario; e apenas fora executada, pelo orificio do grande porta-voz sairam estas palavras:

— Fogo... fogo... por estibordo.

— A's vossas peças, filhos; apontai bem ao costado e fogo sobre o inglez. Fogo!... repetiu Monval.

A esta ordem os artilheiros se ergueram com frenesi... A descarga partiu, e a *Sylphide* tremeu toda.

Desde este momento, as bandas se

succedem com admiravel rapidez. Uma espessa nuvem de fumo se espalha pela bateria; porque a *Sylphide*, batendo-se a barlavento, tinha esta desvantagem. Monval e mestre Kergouet correm de uma a outra peça para excitar os combatentes; a cada descarga os gritos de *viva o rei* abalam a fragata até ao porão. A estes brados exaltados, ao canhão que troa, se junctam os gemidos dos feridos, o retumbar sonoro das peças sobre as palancas, os berros agudos dos moços que, inclinados para a entrada do paiol, pedem cartuchos em altos brados, o rufar do tambor, e as vozes dos marinheiros animando se mutuamente.

As pezadas peças de artilheria da *Sylphide*, são manejadas com uma promptidão incrivel, os carregadores deitam metade do corpo para fóra das portinholas para fazerem trabalhar melhor os soquetes.

E' um delirio furiozo e comtudo mechanico.

Todas as manobras são reguladas como as de um exercicio; são vivas e ardentes; porém são para um similé de combate, o que seria a realidade para uma narração, o echo para o som que o produz, dir-se-ia que tudo se anima, que os canhões rugem, que as palancas se entregam por si mesmas, e que a Sylphide se agita como uma tigre furiosa.

Mas no meio do medonho tumulto deste combate encarniçado, eis que a cadeira dos feridos, em logar de subir do porão varia como de costume, trazia Rumphius sempre socegado, o qual com um thermometro na mão e um rifão entre os dentes, se agarrava como podia ás cordas da cadeira, na qual o desventurado astronomo se havia mettido, no meio de motins, tendo escapado a Sulpicio, afim de ir para a tolda fazer a sua experiencia da deslocação do ar.

A cadeira continuou pois a subir. Rumphius acabou a sua ascensão e achou-se em cima no mais forte combate; avistando então, com o maior sangue frio do mundo o mastro de traquete, com um logar perfeitamente proprio para as suas experiencias, nelle se refugiou, e desappareceu escondido pelos pannos que hiam largos.

N.º 2.

O CONVEZ.

A ponte superior da Sylphide offerecia um golpe de vista muito mais variegado do que o da bateria, que se parecia com uma bateria de terra coberta e casamatada, em quanto que fora della o que completava e animava o quadro, era a manobra das velas o exercicio da mosqueteria, o fogo continuo dos pedreiros, cujas guellas abertas se appoiavam sobre os corrimões das gaveas.

Trabalhavam as peças e ao mesmo tempo se preparavam os marinheiros para a abordagem, e o que dava a este quadro uma côr particular, era a fumarada espessa e amarellada que o

escondia por tal forma que o brilhante sol dos Açores não podendo penetrar este vapor sulferozo, só apparecia como um globo côr de sangue e despojado de raios.

A' prôa da fragata os marinheiros tinham mais alguma luz. Entre os que restavam uns tapavam á pressa alguns buracos feitos na pavezada pela artilheria ingleza, outros apertavam os parafusos da pontaria das peças.

A' popa da fragata estava Henrique firme sobre o seu banco de quarto, agarrado com uma das mãos ás enxarcias da mezena, e com a outra mostrando uma manobra quebrada a um grupo de timoneiros, alguns dos quaes estavam carregando espirgardas O conde parecia sempre socegado, mas o ardor do combate coloria-lhe as faces e fazia-lhe scintillar o olhar.

Então a fragata ingleza orçava algum tanto, afim de reparar sem duvida ligeiras avarias. Henrique imitou a sua manobra, sem comtudo se approximar muito, acceitando assim esta especie de tregoas tacitas para fazer novas disposições, ou remediar a quebra de alguns dos apparelhos.

As tres pequenas embarcações que navegavam de conserva com a fragata ingleza conservavam-se sempre em distancia, e causavam bastante damno á *Sylphide* com as suas colubrinas, que alcançavam a muito longe; mas vendo a manobra do navio principal da sua divisão, imitaram-a; e por espaço de alguns minutos as balas cessaram de chover sobre esta scena de carnagem.

Quasi neste momento, o mestre calafate subiu á tolda.

Apezar de todo o seu sangue-frio, adevinhava-se pela sua pallidez que tinha a fazer uma importante revelação: approximou-se rapidamente do conde, e disse-lhe duas palavras ao ouvido...

O rosto do conde não se alterou... apenas franziu levemente as sobrancelhas; depois embocando o porta-voz chamou João Thomaz, que immediatamente se apresentou.

Henrique fallou-lhe tambem por alguns momentos ao ouvido; depois do que Thomaz, seguindo o calafate com elle desappareceu pela pequena escotilha de vante.

Ora, estas palavras, dictas ao ouvido de Henrique pelo calafate, significavam simplesmente que a *Sylphide* tinha recebido duas balas por baixo da linha de fluctuação, e que em consequencia disso acabava de se declarar uma terrivel veia de agoa, e que se a bomba não a esgotasse, a fragata estava exposta a submergir-se de um momento para o outro.

Henrique acabava pois de ordenar ao tenente que vigiasse sobre a importante obra que o calafate hia executar para remediar este grave accidente.

Porém o conde possuia um tal imperio sobre si, que o seu rosto impassivel não trahiu emoção alguma.

— Então voltando-se para Miran, que dava algumas ordens a mestre Frank, que descia de vesitar a gavea grande.

— Então! senhor, lhe diz elle levantando um pouco o seu chapéo bordado e enchugando ligeiramente o suor, temos tido um dia magnifico, viva Deus!... Depois do meu ultimo combate do *Robusto*, nunca mais vi um fogo tão activo. Estes Inglezes batem-se bem, senhor, e tenho feito algumas observações sobre a sua maneira de occultar as suas manobras que nos hão de ser uteis... Mas vêde como esta polvora escurece os bordados... E' desagradavel, parece que se sae de uma forja, accrescentou o conde sacudindo com as pontas dos dedos o enfeite da sua farda.

— Sem contar, diz *de* Miran, que as vossas meias de seda estão todas cheias de sangue; mas, ao menos, não é do vosso, commandante?...

— Não, foi aquelle timoneiro do diabo que acolá está de barriga para baixo, que me salpicou quando caíu; porque nós temos perdido gente, senhor, muita gente.

Mas não podendo reprimir a impaciencia que agitava, o conde disse batendo com o pé na tolda:

— Viva Deus! o tenente tarda bem; e a fragata já vem arribando sobre nós.

Depois, approximando-se do segundo tenente, Henrique disse-lhe em voz mui baixa:

— Nem uma palavra do que vos vou confiar, senhor.,.

Porem, antes que o conde houvesse podido acabar a phrase, o tenente appareceu sobre a tolda, veio ter com Henrique e disse-lhe unicamente:

— Está remediado, commandante.

— Muito bem, senhor! respondeu o conde, não podendo dissimular a sua alegria; voltai para vante...

Depois dirigindo-se ao moço official:

— Sabeis o que acaba de nos acontecer, senhor *de* Miran? uma veia de agua abaixo da fluctuação... cinco minutos mais tarde iamos ao fundo. Agora, accrescentou o conde, saltando sobre o banco de quarto, poupemos metade do caminho a este gentilhomem inglez; mandai orçar, senhor. E tu, timoneiro, vai previnir o commandante da bateria que ponha a sua gente ás peças...

Henrique olhava attentamente para a fragata que vinha sobre elle a pannos largos, sem duvida afim de lhe passar pela proa; mas a *Sylphide* tinha um andar tão superior, chegava-se tanto ao vento, que a ingleza não pode passar-lhe pela proa; e, posto que os dois navios estivessem apenas distantes um do outro meio tiro de canhão, nenhum dos capitães travava de novo o fogo, porque bem sabiam elles quanto uma banda similhante seria importante e decisiva.

O mais profundo silencio reinava pois a bordo, quando de repente a cadeira dos feridos subiu com Sulpicio, pallido, desfigurado, com os cabellos em desordem.

Chegado que foi ao convez, o excellente irmão procura avidamente Rumphius, não o encontra; depois, vendo Henrique, corre para elle gritando:

— Senhor conde, aonde está meu

irmão?... em nome do céo, aonde está meu irmão?...

Porem Henrique, que havia alguns segundos observava a manobra da fragata ingleza com uma attenção devorante, repelle Sulpicio sem lhe responder, precipita-se sobre o leme, desvia com a mão o timoneiro que o governava, e com mão habil e firme faz immediatamente a Sylphide andar para o vento tanto quanto era possivel, bradando com força á equipagem:

— Ala braços a sotavento... alerta... alerta!... meus filhos!... trata-se da sorte do dia!...

A esta ordem energica, á vista da incrivel resolução com que o conde havia operado em logar de fallar, a equipagem, por um momento estupfacta, obedeceu com maravilhosa precisão, e a *Sylphide* veio quasi á linha do vento, tão ardente ella era.

Agora diremos porque o conde se havia precipitado para o leme.

Por alguns indicios imperceptiveis na manobra da fragata inimiga, ou antes por um sentimento instinctivo da sua arte que os marinheiros por certo hão de compreender, Henrique acabava de adivinhar, de presentir logo, que a ingleza, vendo a *Sylphide* prestes a passar-lhe pela prôa, queria, por uma manobra habil, deixar-se descair, afim de apanhar a franceza pela alheta, e de fazer assim um mal horrivel despedindo-lhe bandas de coxia que, atravessando-a de popa á prôa, lhe teriam varrido a coberta e a bateria em todo o comprimento.

Ora, nestes momentos decisivos, um segundo de avanço é de um preço inestimavel, e o tempo que se perde em dar uma ordem, e o receio de que ella não seja bem e depressa executada, são motivos graves bastantes para que se prefira executar pela sua mão o seu pensamento, em logar de lhe arriscar o resultado confiando-o a mãos menos habeis: por este motivo pois o conde preferiu governar o leme por sua mão a confial-o a um timoneiro.

Terminada que foi esta manobra, o conde pegou novamente em o portavoz, foi para o seu banco de quarto, e viu com indizivel orgulho que não só havia malogrado os projectos da sua inimiga, mas que tinha até ganhado bastante para estar em estado de virar e de lhe correr a sotavento.

Por isso exclamou com profunda alegria:

— Ganhamos a fragata, senhor de Miran! ganhamol-a; vamos virar de bordo... e no momento em que eu der a ordem de fazer ale-larga a ré, mandai fazer fogo da bateria, dos castellos, das gaveas, de toda a parte por que nós apresentaremos o costado á prôa d'essa insolente fragata, que ha de pagar cara a sua imprudente e ousada manobra. Toca a virar! *dix* então Henrique com voz cheia, mas bastante disfarçada para que o inimigo não ouvisse similhante ordem.

A estas palavras, a equipagem attenta se distribuiu pelas escotas, amoras, carregadeiras, bolinas, e braços de popa e prôa, com os cabos na mão,

e promptos a obedecer ao menor signal.

— Ala, *com Deus*, diz Henrique; timoneiro, orça de vagar, e vós, senhor de Miran, fazei alar a retranca a barlavento, e arrear as escotas de prôa... Agora, orça...

A manobra executou-se com uma rara promptidão: sómente se não largaram ávante as escotas de prôa... e a orçada da fragata se achou retardada.

Tudo dependia d'esta evolução: por isso, vendo as suas ordens tão mal executadas por João Thomaz; encarregado da prôa, Henrique exclamou com uma cholera terrivel batendo com o pé no chão:

— Mald... tenente, largai as escotas de prôa... e se elle não obedecer de Miran, correi a matal-o como um cão que elle é.

Quasi no mesmo momento em que de Miran se precipita para vante, a manobra se executa. A fragata vira, e, segundo as ordens do conde, a artilheria trôa. Uma toalha de fogo brilha das portínholas, dos castellos, das gaveas, aos brados repetidos de viva o rei!... E o combate se trava de novo com a fragata ingleza, que responde corajosamente.

Somos forçados a chamar a attenção do leitor para uma manobra que precedeu esta detonação para explicar um singular acontecimento.

Talvez que o leitor se recorde que Rumphius, escapado ás mãos de seu irmão, veio para a tolda, e que d'ahi avistou o gurupés que julgou maravilhosamente proprio para lhe servir de observatorio.

Foi pois com um sangue-frio inexplicavel, com uma temeridade que tomariamos por loucura, se não soubessemos quanta abnegação nos pode a sciencia inspirar, que o astronomo, assentado na trempe do gurupés, se entregou á sua experiencia no meio do fogo mortifero que a fragata fazia.

Durante os poucos minutos de tregoas que os dois navios tacitamente se concederam, Rumphius escreveu o resultado das suas observações, que constavam que a explosão deslocava a columna do ar com uma presteza igual a $-|- : 11 : -|- : = 200$.

Foi então que Sulpicio, quasi desvarado pelo terror pensando nos perigos que seu irmão corria, que Sulpicio, digo, subiu á tolda, e se dirigiu em vão a Henrique para d'elle indagar aonde estava Rumphius.

Assim como o conde, a tripulação era por tal forma absorta pelo interesse que apresentava a manobra, que apenas um marinheiro teve tempo de dizer a Sulpicio

— Se é vosso irmão que procurais, senhor Bom-Jezus, está acola na trempe do gurupés a soprar n'um frasco.

Sulpicio seguiu a direcção do dedo do marinheiro, e deu com o astronomo impassivel que rabiscava, n'um pedaço de papel, uma multidão de signaes algebricos e de figuras de geometria.

O tenente João Thomaz com a sua aspereza ordinaria, perguntou ao bom Sulpicio:

— Que vindes fazer cá acima, senhor ?... Descei para o porão ; aqui não é o vosso logar.

— Não desço senão com meu irmão, respondeu Sulpicio resolutamente....

— Náo sei cá do vosso irmão, o que sei é que todo o passageiro deve estar no porão n'este momento. Assim, descei, por que impedís as manobras, exclamou Thomaz repellindo Sulpicio.

Mas Sulpicio não cedeu, e pôz-se a chamar Rumphius dizendo-lhe :

— Meu irmão !... vinde ... descei... Perdoai-me se eu saí do vosso alojamento contra as vossas ordens ; mas eu fiquei muito desassocegado logo que sube que estaveis aqui... Meu irmão, em nome do céo ! vinde...

Rumphius, quasi escondido pela bujarrona, absorto em seus calculos, não ouviu a voz de Sulpicio meio abafada pelo ranger dos moitões porque foi n'este momento que o conde deu ordem de preparar a virar.

Ora, para executar esta evolução, é sabido que é indispensavel servir-se das velas triangulares, que trabalham no mastro em que Rumphius se havia refugiado. O effeito pois d'estas vélas é de uma necessidade absoluta para virar de bordo ; e, neste momento principalmente, o não virar a tempo podia trazer comsigo a perda da *Sylphide*.

— Outra vez vos digo, quereis ou não, miseravel louco ; ir lá para baixo, diz João Thomaz, agarrando Sulpicio pela golla, ides impedir a manobra que se vai ordenar... e, se eu não a executar custar-me-ha a vida.

— Não... não, só deixarei este logar com meu irmão, diz Sulpicio, que, achando forças sobrenaturaes em a sua dedicação, repelle o tenente, precipita-se sobre o gurupés, sóbe á trempe, chamando Rumphius em altos brados .. e agarra-se ás escotas da bujarrona declarando que d'alli se não mexerá sem seu irmão.

Foi então que o commandante ordenou que largassem as escotas de prôa... ora, como Sulpicio estava agarrado a ellas, tornava-se esta manobra impossivel.

João Thomaz em um estado de exasperação impossivel de descrever agarrou n'um machado sempre prompto junto ás habitas, e, ameaçando Sulpicio, bradou.

— Se te não tiras d'ahi, morres.

— Quero ficar ao pé de meu irmão... respondeu Sulpicio olhando para Thomaz sem empallidecer, com um ar de resignação intrepida.

Foi neste momento que Henrique exclamou n'um tom de colera espantoso :

— Mas, senhor, largai as escotas de prôa !.. impedis o governo da fragata.

A posição era terrivel ; tratava-se da salvação da fragata, do successo do combate, da vida delle. João Thomaz não hesitou : dando-lhe com o machado, deitou Sulpicio por terra.

O desventurado abriu os braços, largou os cabos e não pôde dizer senão estas palavras :

— Meu irmão... perdão...

E depois caíu ao mar.

Mas a fragata havia virado.

Tudo isto se havia passado em menos tempo do que é mister para o descrever. Por mais espantosa que fosse a sorte de Sulpicio, os marinheiros não tiveram tempo de se compadecerem; porque, no mesmo momento se deu a voz de fogo por toda a parte, e a exaltação que faz nascer um combate os impediu de pensar em tudo que se acabava de passar.

Com effeito, a acção se tornava cada vez mais mortifera, e por consequencia mais decisiva. A banda que a *Sylphide* mandára á inimiga lhe havia feito um damno espantoso atravessando-a de pôpa a prôa, o mastro grande e apparelhos foram feitos pedaços.

Pela sua manobra, o conde havia separado a fragata ingleza da escuna, e essa pequena embarcação, armada de uma peça de rodizio, inquietava muito a *Sylphide* sem que ella podesse fazer mal, porque as suas peças de menor alcance, não podiam alcançal-a: era a bespa a espicaçar o leão.

— Acabemos com este barco, diz Henrique impacientado. Senhor de Miran, deixar arribar sobre elle, e abordando-o mettel-o-hemos no fundo.

Esta manobra era imprudente, porque, arribando sobre a escuna, Henrique apresentava a pôpa da Sylphide ao inimigo; mas a fragata ingleza estava muito maltractada para poder aproveitar desta vantagem, e Henrique correr direito sobre a escuna que não a pôde evitar.

Apezar da velocidade conhecida destes barcos, a *Sylphide* chegou-se a elle, arribou sobre elle com todo o pano, abordou em cheio pelo travez, recebeu tambem um abalo violento, avariou a roda de prôa; mas o fragil barco afundou-se ao choque desta massa de madeira e de ferro, e desappareceu sem que ninguem podesse escapar.

Então uma das vigias que estavam nas gaveas, mesmo durante o combate bradou:

— Duas vélas de guerra a barlavento...

Estas palavras mudaram a direcção das idéas, e todos os rostos se voltaram para o alto do mastro grande.

— De que força? diz Henrique, singularmente attento.

— Julgo que são duas náos... diz a voz demorando cada palavra para as tornar mais intelligiveis.

— E' preciso vermos isso, diz Henrique.

E atirando o chapéo e farda para a coberta, ao lado das armas, pendurando o seu oculo ao pescoço, subio as enxarcias com a agilidade de um pagem, e desceu deixando-se intrepidamente escorregar pelos paterazes com admiravel rapidez.

— Senhor de Miran, diz elle vestindo a sua farda á pressa, mandai fazer ao largo, largar cutellos e varredouras; n'uma palavra todo o pano que poder ser, e demos caça: o dia é nosso, porque a fragata ingleza está desmastreada e a escuna foi para o fundo; dêmos caça, porque seria loucura pensar arrostar contra duas de 74 que ahi vem, e que pela chanfradura dos seus mastareos reconheço por inglezas.

N.º 3.

O PORÃO.

Depois da embriaguez, as dores de cabeça; depois do estudo o abatimento; depois da amante, a esposa; depois do combate, o porão.

Sabe-se que é para o fundo do porão que se transporta, durante e depois do combate, os feridos, mortos e moribundos.

Ora, o porão, é o resumo positivo, a cifra exacta do que custa a victoria.

Por occasião da acção, na bateria, na coberta, em meio do fogo, á luz do dia, ao ar livre, o ponto de honra vos exalta, a polvora vos embriaga, a vaidade vos eleva, e a vista da carnagem disperta em vós esse instincto sanguinario, essa inclinação irresistivel para o assassinio, de que a natureza sabiamente dotou cada individuo, a fim de lhe dar os meios de se defender contra os seus eguaes, e tambem de remediar algum tanto a espantosa exuberancia das especies.

E depois, durante a acção, o reflexo magico desta palavra, a gloria, tudo embellece; as feridas não são feridas dolorosas que sangram, são nobres fontes purpurinas que regam e fazem reverdecer os laureis da patria; e se a morte leva o combatente, não morre, ao contrario, vive na historia! e tantas outras cousas lindas... que vos tornam de paisano estupido em heroe, em heroe sublime que mata, não por odio ou por fome, como o faria um animal feroz, mas que mata porque lhe disseram: mata! Admiravel desinteresse que prova verdadeiramente quão pouco o homem é egoista.

Mas ai! depois do combate, Achilles doe se no calcanhar; o semi-deus cae no porão.

Ora, o porão sombrio, fetido, lamacento, com os seus charcos pegajosos de sangue coalhado, com os seus cirurgiões armados de instrumentos que cortam a carne viva, de serras que rangem sobre os ossos humidos, de ferros vermelhos que cauterisam as veias, de tenazes que agarram os nervos; o porão com os seus brados de raiva e de dôr, com o estertor da agonia, com o seu cheiro quente, sanguento e cadaveroso, como o do matadoiro de um carniceiro. o porão, n'uma palavra, é a parte vulgar, medonha, prosaica da victoria...

D'essa bella victoria tão poetica, tão etherea, que tão radiosa se esvoaça pela athmosphera, ao som estridente das trombetas da Fama, com o seu capacete de oiro, com as suas azas brancas e louros verdes e immortaes.

D'essa bella gloria tão encarnada na pessoa de um general do exercito, que, depois de haver tranquillamente jogado os seus regimentos como os piões n'uma partida de xadrez, cercado de um estado maior com seus bordados esplendentes, passa ao galope por sobre o campo da batalha para ir jantar, e diz aos soldados que jazem estendidos no chão, moribundos ou mutilados.

— Meus amigos, conduziste vos como bravos!... Ou então: — Intrepidos soldados, a patria está satisfeita!... Ou melhor ainda: — Ah! sois verdadei-

ros Francezes!... ou verdadeiros Inglezes!... ou verdadeiros Alemaens! segundo as localidades.

Palavras consoladoras, balsamo bemfazejo, recompensa lisongeira o capaz de fazer olvidar a estes bravos os males horriveis que elles estão soffrendo, verdade é que sem saberem bem porque, nem para que.

E que são os horrores de um campo de batalha ao pé do espectaculo que apresenta o porão ou os bailéos de um navio, esse espaço comprido e estreito atulhado de feridos depois de um combate?

Eu tenho visto ambas as coisas. Que differença, meu Deus...

Em terra, ao menos, descobre-se o céo, gira o ar, respira-se; o chão não renova a cada segundo as dores insupportaveis do paciente, baloiçando-lhe o corpo. Logo que elle chegue á ambulancia, experimenta uma especie de socego e repouso; não está exposta, como no mar, aos acasos de uma tempestade, ou de um naufragio; não tem por cima da cabeça canhões que troem e lhe façam estremecer cada uma das fibras irritadas pela febre e pelas dores...

Mas de çamos para o porão da *Sylphide*, para esse negro imperio aonde o doctor Gedeão reina como soberano.

Lampiões, cercados de uma rede de arame muito apertada, estão pendurados pelas columnas das habitas, na altura apenas de cinco pés e meio; a luz que delles sae é avermelhada e duvidosa, apparecendo aqui e alli no meio das trevas como pallidos luzeiros escondidos por espessa cerração; atravez desta meia obscuridade, veem-se assentados ou em pé, marinheiros feridos, com a cabeça ou os membros embrulhados em pannos já cheios de nodoas de sangue; ve-se tambem correr os marinheiros serventes ou ajudantes do cirurgião.

A bombordo, para vante, está uma grande lona que apresenta uma massa informe; serve ella no momento de cemiterio: sobre os cadaveres d'aquelles em quem o medico já não hacha signal de vida.

Juncto á lona, de joelhos defronte de uma pequena cruz, o capellão reza por alma dos finados.

A estibordo, na frente, ve-se o principal estabelecimento do doutor; é uma meza comprida e estreita sobre a qual está estendido um colchão coberto com um encerado todo cheo de sangue; por baixo da meza está um balde meio de farelo para receber o sangue, e em cima uma lanterna com tres velas, que espalha viva claridade unicamente n'este logar dos bailéos do porão.

E' sobre essa meza que o doutor manda estender os pacientes, que elle opera com bastante destreza.

Do outro lado, e muito proximo da meza, alguns leitos de ferro, alguns catres, recebem os marinheiros que acabam de ser amputados, ou aquelles cujas feridas são mais perigozas.

O doctor Gedeão, com um lenço atado na cabeça, os braços nus, tendo diante de si um grande avental

cheio dos seus medonhos utensilios, acabava de desarticular mui habilmente o hombro esquerdo de um contramestre, que havia supportado esta cruel operação com admiravel sangue frio.

Sómente quando a folha da faca estreita e aguda se introdusiu nos ultimos ligamentos que ainda retinham o braço pegado ao hombro, o marinheiro não pode reter um espantoso grito de dôr.

— Dai-lhe alguma coisa em que elle morda, diz Gedeão, isso hade lhe dar alivio.

O Losopho tambem ferido, e que aguardava a sua vez para o curativo ofereceu aos dentes do paciente um pedaço de lona enrolada muito espessa.

— Mais um segundo, e acabou-se, meu rapaz, diz o doctor.

Acabou com effeito; e o marinheiro d'esta vez, em logar de um grito agudo, só fez ouvir um gemido convulso: mas tinha apertado os dentes com tanta força, que passou a lonna de lado a lado.

O braço e ante braço esquerdos cairam, e um ajudante foi levar tudo depressa para debaixo da lona grande.

Ora ahi está um, diz o Losopho, que póde estar certo de não ter mais caimbras no cotovello quando se deitar do lado esquerdo.

O cirurgião collocou o apparelho sobre a enorme chaga do ferido; depois voltando-se para o Losopho:

— Vijamos, que tens tu? lhe diz elle.

— Major, respondeu o Losopho, mostrando a perna, eu mais o São Medardo, recebebos um biscainho, que levou a metade da orelha ao pobre animal. Eu estava trabalhando na gavea quando isto nos acconteceu. Eu tinha a perna no ar, e São Medardo ladrava como um furioso contra o inimigo. Mas isto da orelha de São Medardo, não ha de ser nada, não é assim, major?

— Então julgas tu, animal, que eu vá curar o teu cão? diz Gedeão. Bem basta.... Então! Então! porque é isso? Aonde diabo vais? Porque se safa elle assim a coxear, com o seu cão, antes de ser curado? perguntou o cirurgião a um dos seus ajudantes.

— Eu vol-o digo, major, diz Daniel approximando-se, porque elle tambem havia sido ferido na cabeça, é porque o maroto teme que eu o faça em picado.

— Como, em picado!....

— Sim, major, diz Daniel, fazendo com o punho vigoroso um gesto significativo.

— Ah! percebo....

— Vejamos, põe-te alli, que te vou curar. E porque queres tu dar no teu camarada.

— Figurai, major, que antes do combate, o tratante do Losopho me propoz que me havia de arranjar um feitiço, pelo qual lhe havia de eu pagar tres escudos, e que me livraria de ser ferido, visto que elle, que era tenente da *magia*, podia.... Oh! com todos os diabos, major! estourais-me a cabeça, exclamou Daniel, interrompendo-se e levando as mãos ao craneo....

— Vamos lá, tira as mãos, maroto, está socegado, senão mando-te amarrar.

— Sim, major; mas é que parece que me tocastes nos miolos.... e eu sou muito sensivel dos miolos.

— Ora, deixa-te de tolices! Mas vejamos, acaba a tua historia, que isso te ha de distrahir, tornou o doctor.

— Sim, major, mas as dores que estou soffrendo, quem as hade pagar, hade ser o lombo do Losopho. Vamos lá á historia, major, como o Losopho me tinha feito em certo tempo um feitiço que saiu muito bem, não desconfiei, e paguei; então, quando lhe dei o dinheiro, fez-me beber uma coisa negra como tinta de escrever, mas tão horrivel, tão má, que eu tive umas dores na barriga, que não pude acabar a garrafinha. Isto é muito bom, Daniel, me diz o tratante do Losopho; quantas mais dores na barriga tiveres, mais livre estarás de seres ferido.

— Eu, dou-lhe credito, vou tranquillamente para o fogo com a cabeça descoberta, e logo a primeira coisa que me acontece, foi ser ferido por um estilhaço de madeira que me bateu em cheio na *tóla*, ainda que o desavergonhado me tinha jurado, debaixo de palavra de tenente magico, que ainda que eu me mettesse na boca de uma peça, mais facil seria sair a balla pela culatra do que fazer-me mal, e que.....

— Está bom, está bom, tu não passas de um animal; estás curado, vai-te, porque vem ahi o tenente que parece precisar de mim, tornou o doctor.

— Obrigado, major, diz Daniel. Depois, dirigindo se a um grupo de marinheiros: não vistes o Losopho?

— Vimos, sim, foi lá para cima.

— Espera, qu'eu t'o digo, patife, diz Daniel, seguindo esta direcção.

— Então, dizia o doctor ao tenente, que tens tu, João, meu pobre amigo?

— Não sei, segundo penso, o que tenho é uma bala aqui no braço; e o tenente despio a sua farda, despedaçou a camisa ensanguentada, e descobriu o peito e os braços cabelludos. Gedeão examinou, apalpou, sondou o orificio da ferida, e respondeu:

— E' uma bala, com effeito; e aonde a recebeste?

— A vante, junto ao gurupés, dois minutos depois que....

E João Thomaz sem acabar, voltou de repente a cabeça, levando a mão á testa.

— Então depois de.... depois de que.. perguntou o doctor preparando-se para fazer a extracção da bala.

— Depois de ter deitado abaixo com uma machadinha, o desgraçado irmão do doido do sabio.

— Como, Thomaz! diz o doctor estupefacto, deixando cair um molho de instrumentos, como, matarias tu o senhor Sulpicio, esse pobre diabo que estava sempre deitado como um cão á porta do irmão! Vamos lá, tu estás brincando, não fizeste isso, Thomaz?

— Sim, eu estou muito alegre, para estar brincando, com effeito, diz Thomaz com um riso medonho de amargura; mas não fallemos mais nisso.

— A minha ferida é perigosa?

— Ah! bem certo estava eu de que

isso era uma brincadeira. Vejamos o que a tal balinha se atreveu a fazer? diz prazenteiramente o doctor inteiramente descançado. Oh! está feito, ella não foi tão má como isso, a velhaquinha, parou no bicipite....

— Isso não é nada, vou t'a tirar, e tu poderás mandal-a encastoar. Ah! e o commandante, o monstro não foi ferido?

— Como é que o havia de ser? Julgo que elle é tambem para as balas o *senhor conde*. Este insolente cortezão conservou-se firme no meio do fogo, no posto mais perigos... e nada... nada...

— Então! é coragem de amor proprio, do acaso, diz Gedeão; elle não se mecheu porque estavam a olhar para elle; e ahi está: por estar alli como uma baliza, não se segue que seja bom marinheiro.

— Enganas te doctor! é bom marinheiro; as suas manobras foram habeis, tem sangue frio, intrepidez, e bom olho, é preciso confessar que é um bom official, ainda que conde e cortezão.

— Então! vês, Thómaz, diz Gedeão acabando de curar o seu amigo; visto isso elle é tanto conde como eu ou tu; a mãi era uma dessas..... entendes-me, heim? Nas veias daquelle homem corre sangue do povo, Thomaz.

— Major, aonde está o capellão? perguntou um marinheiro a Gedeão; é o meu marinheiro Lucas que está a *espichar* e que o pede. (1)

— Lucas! já lhe não resta nem um quarto de hora, diz o doctor; tem a columna vertebral partida por um *balasio*... deixa-o morrer em paz como um philosopho, em logar de o fazer *apoquentar* por esse passaro negro. Se elle não tem Deus nem diabo, para que lhe servem essas momices, imbecil!

— Ora, major, salvo o vosso respeito, arrasoais como um camelo; quando eu vou para o mar fico bem contente quando a minha companheira me diz boa viagem... ainda que isso me não livre das tormentas; então que mal haveria em que o padre diga boa viagem a Lucas? accrescentou Ivon affastando-se para ir procurar o capellão.

— Então, Thomaz, diz o doctor ao tenente que, profundamente absorto, não ouvira este dialogo, aqui está como se embrutece a especie humana... aqui está um animal que, em logar de crer que volta ao nada d'onde saíu, vai metter na cabeça uma chusma de patranhas de eternidade, e figurar que ha outra coisa além da materia na sua miseravel organisação... é atroz!... horrivel!... mas isto não hade durar... Que diabo!... os encyclopedistas não nos largam...

— Por aqui, meu abbade, diz Ivon tornando a passar junto ao doctor; e conduzindo o padre ao pé do seu marinheiro, o qual, apenas restabele-

(1) Quasi todos os marinheiros teem o que elles chamam o seu marinheiro. Este companheiro e esta ligação de amisade forte e experimentada parece-se algum tanto com a que os estudantes caracterisam por condiscipule intimo. O A.

cido das antigas feridas, acabava de receber uma mortal.

Lucas, deitado n'um catre, tinha de espaço a espaço horriveis convulsões; o seu marinheiro, ajoelhado ao pé delle, segurava uma lanterna que allumiava as suas feições pallidas, tristes e já cadaverosas.

Lucas! aqui está o senhor abbade, diz Ivon.

Lucas alevantou custosamente a cabeça, voltou os olhos extinctos para o capellão, e disse-lhe em voz baixa e entrecortada:

— Meu abbade, isto está por pouco; mas eu queria *partir* como christão... assim o prometti a minha mãi... e demais quando eu era pequeno, votaram-me a S. José.

— Sois bom filho... Deus vos abençoará, meu irmão, respondeu o padre ajoelhando-se ao pé de Lucas, e apertando as mãos já frias e humidas do moribundo.

— Mas, dizei-me, accrescentou o padre em voz suave, não tendes de que vos accusar, meu irmão?... bem vêdes que esta confissão n'um momento como este, vos absolveria de todos os vossos peccados.

— Oh! meu padre, respondeu Lucas, eu não tenho grande peccado de que me accusar.

— Deixai-nos, diz o capellão para Ivon, vou ouvi-lo de confissão...

— Mas, meu abbade, respondeu Ivon com admiravel simplicidade, meu abbade, eu posso ficar, nós somos marinheiros!

— Sim, meu abbade, é o meu marinheiro, repetiu Lucas, como para confirmar o que seu amigo acabava de dizer.

— Eu vos escuto, diz o padre.

— Diab..., meu abbade, disse Lucas que ia enfraquecendo pouco a pouco, nem por isso tenho grandes peccados;... uma vez comtudo... sim... uma vez não rizei bem a véla no traquete da fragata *Séria*, e a véla voou fóra das relingas; e depois, outra vez a bordo do *Tonante*...

— Mas, meu irmão, diz docemente o abbade, passemos em claro essas faltas no serviço; nada mais tendes de que vos accusar?

— Ah! sim, percebo, meu abbade... Pois bem! tenho tido minhas *escarapellas* com os camaradas... quando faziamos alguma patuscada...; tenho seduzido raparigas...; mas, palavra de honra, meu abbade, primeiro sempre lhe dizia que não casaria nunca. Fiz chacota dos chefes que eram fracalhões... Eu...

— Se isso te cança, marinheiro, diz Ivon ouvindo a voz de Lucas alterar-se, eu vou confessar o resto...

— Não, diz Lucas; eis-aqui tudo como foi, meu abbade... Ah! sim... uma vez n'uma rajada de vento no cabo... tu bem o sabes, Ivon, não larguei a tempo a escota da gavea pequena, e tenho que me accusar de haver feito partir um mastaréo...; tenho tambem algumas vezes tractado mal a algum noviço;... tenho tambem, meu padre,... praguejado,... mas sempre nos vendavaes, nunca com calmas, e mais nada. — Não, ainda

aqui, não fica, meu abbade, diz Ivon; Lucas dá tres quartos da soldada á mãi.

— Então ella não me creou? diz Lucas em voz cada vez mais fraca.

— Ainda mais, meu padre, deitou-se ao mar para me salvar n'um temporal...

— E então não era eu o teu marinheiro? diz Lucas tambem.

— Emfim, diz Ivon, elle ainda não estava de todo curado de uma antiga ferida, quando quiz sair do hospital para fazer a campanha comigo.

— O major tinha-me recommendado exercicio, diz Lucas procurando sorrir-se a este gracejo, de que parecia gostar.

— Meu irmão, tornou o padre, as vossas culpas são passageiras, e as vossas boas acções são numerosas; confiai na misericordia de Deus.

— Confio, meu abbade; mas o que é mais duro é pensar que fica a minha pobre mãi sem pão.

— Ah! Lucas, diz Ivon com ar de dolorosa reprehensão.

— Não, marinheiro, não... Mas é custoso deixar mãi e marinheiro; deixal-os..., olhai, meu abbade, quando penso nisto, aperta-se-me tanto o coração, que me faz tanto mal como a ferida...

— Tranquillisai-vos, meu irmão, tornareis a ver aquelles que amais... e para não mais vos separardes, diz o padre com voz solemne e com um accento de profunda convicção.

— O' meu abbade, então será verdade o que se diz a respeito do outro mundo? accrescentou Lucas, erguendo meio corpo, e um raio de alegria illuminava os seus olhos moribundos.

— Tão verdade como é verdade que aquelle que acolá está morreu pela salvação dos homens.

— Então sempre é verdade, tornou Lucas com um profundo suspiro de satisfação, mas enfraquecendo gradualmente, é verdade... e eu vos dou credito, meu abbade; vós não havieis de querer zomb... de um moribundo, e depois é tão bom acreditar isso, que já não soffro... sinto-me socegado... Ora! diz lá, marinheiro... sempre marinheiros... não mais separados... então!... não te digo adeus... então tambem não dirás adeus á minha mãi... esperar-vos-ei... Obrigado, meu abbade, em logar de vos dizer adeus, digo-vos até á vista, e...

E... foi-se-lhe diminuindo a voz, tornou-se inintelligivel; mexeu os labios, os olhos permaneceram fixos, abertos, mas sem olhar.

O abbade fechou-lh'os, e poz-se a rezar.

— Posso ficar ao pé de Lucas até que levem Lucas para debaixo da lona, não é assim, meu abbade? diz Ivon com os olhos banhados de lagrimas.

Neste momento, um rufo de tambores resoou na bateria; a escada que d'ahi communicava para os bailéos do porão se illuminou subitamente; porque vinha descendo um marujo com uma lanterna acceza. Era o

commandante seguido do seu estado-maior que ia fazer a inspecção. Seria difficil pintar o contraste que existiu durante alguns minutos entre a escada tão allumiada e os bailéos tão tenebrosos.

Mas em verdade isto fazia um magnifico quadro.

Essa escada inundada de luz descia obliquamente da bateria para essa obscura coberta, e atravessava-a assim como um d'esses raios de sol que, passando pela fenda de uma janella, balançam o seu eixo de ouro em meio das sombras espessas de um quarto fechado.

E depois em meio dos atomos que scintillam e gravitam n'esses raios, vemos moverem-se sobre a escada resplendente de luz os officiaes da fragata, vestidos de azul e escarlate, brilhantes de bordaduras e de aço, cheios de fitas, empoados, almiscarados, alegres e folgasões.

Devemos tambem lembrar-nos do que é que elles lá vão visitar, o que a custo se distingue através das trevas; são motos, moribundos, membros espalhados aqui e alli; são emfim rostos pallidos deitados em lençóes ensanguentados, ou estorcendo-se em meio de horriveis convulsões.

Evocai este quadro, e não negareis que o contraste não seja magestoso, e não suscite altas e graves reflexões.

Era pois o conde e o seu estado-maior que vinham visitar os feridos.

Henrique, todo cheio desse prazer que dá uma victoria alcançada, praticava e ria com os seus officiaes, e quando elle punha os pés no ultimo degrao da escada, de Miran lhe dizia:

— Estou certo, commandante, que a narração deste combate vos ha de render em Versailles bem ternas olhadellas, porque as mulheres bonitas...

— Silencio, senhores, aqui reza-se por alma dos finados, diz o abbade gravemente interrompendo o mancebo e mostrando o corpo de Lucas meio embrulhado em um lençol cheio de sangue.

O conde, um tanto picado pela observação, disse seccamente.

— Era a mim, senhor abbade, que o senhor marquez de Miran dirigia a palavra.

— E eu dirigia-a a elle, e a vós ao mesmo tempo, respondeu o capellão.

Henrique, reprimindo um movimento de impaciencia, disse aos seus officiaes:

— Desejaria fallar por um momento com o senhor capellão. Licença, meus senhores.

E, achegando-se do padre, levou-o para junto da amurada do navio, de maneira que não podesse ser ouvido pelo seu estado maior.

— Senhor capellão, lhe diz o conde, ninguem mais do que eu respeita o vosso santo ministerio, ninguem está mais disposto a conceder-vos, o vós principalmente, as attenções que a vossa posição pede; mas, digo-o uma vez, e não o repito, não gosto de observações feitas em voz alta diante da minha equipagem. Até agora bem tendes visto como ella se ha con-

duzido bem, e o partido que della sei tirar; peço-vos pois que não tenhais a pretenção de lhe fazer crer que ha uma autoridade acima da minha, dizendo-me: Silencio...

Durante o discurso de Henrique, o rosto altivo e bello do sacredote exprimia uma indifferença desdenhosa, e a fixidade do seu olhar era tal, que duas vezes foi Henrique obrigado a baixar a vista.

— E' preciso comtudo, senhor, convencer-vos bem disto: aonde acaba o vosso sanguinario officio, começa o meu sancto ministerio. Vós despedaçais o involucro terrestre, eu guio as almas para as regiões immortaes. Tenho pois direito de dizer: Silencio, quando olvidais o respeito que é devido aquelles que já não são deste mundo.

E o abbade, sem aguardar a resposta do conde, ajoelhou ao pé do cadaver.

— Aproveitarei do sermão, abbade, diz Henrique, fazendo uma pirueta sobre os calcanhares e indo ter com o seu estado-maior, que estava admirado deste largo colloquio.

Henrique passou revista aos feridos, apiedou-se dos seus soffrimentos, prometteu pensões, graças e favores, fallou de rec mmendações aos ministros, de escrever ao rei, deixou aquella boa gente encantada e prompta para novo combate, depois do que voltou á sua camara.

Logo que lá chegou, Henrique atirou-se para um canapé exclamando.

— Germeau, abre todas as janellas, approxima me um caixote de flores, inunda-me de agua de Soubise, porque este cheiro horrivel persegue-me por toda a parte. Safa! que cançaço! o porão é infecto; na verdade não se pode lá estar; antes queria bater-me por espaço de dez horas de que respirar durante dez minutos aquelle máo cheiro... Como é que aquella gente lhe resiste?... como é que pode viver lá dentro? Mas, ora... elles não têem nervos...

Depois olhando para a lista dos mortos e feridos que o cirurgião lhe havia entregado, leu: — Mortos, 15; — feridos levemente, 22; — amputados e feridos gravemente, 11.

— Diabo! diz o conde amarrotando o papel, onze amputados... é incommodativo... E como, graças a Deus, tenho esperança de me tornar ainda a bater antes de chegar á America, aonde metterei eu esses personagens inuteis e encommodativos?... Porque diabo não morreram elles logo... Em verdade, pode-se-lhe desejar a morte sem crueldade, porque, uma vez mutilados, para qne lhe serve a vida? que prazer podem elles achar na exístencia de invalidos?... A bordo não prestam para nada, e encommodam tanto... Diabo... amputados!... Ah! concebo agora bem o que me dizia Saint-Ouen, quando elle tinha o seu regimento: que antes queria perder cem cavalleiros do que dez cavallos, porque o paiz substituia uns, e a sua bolsa os outros. Mas, emfim, não se pode querer mal a esses pobres diabos porque são amputados; porque, na

verdade conduziram-se com valentia. Imitem-os os seus camaradas, e se me não virem capitão de náo antes do fim da campanha, bem infelizes serão elles... E certamente, accrescentou o conde sorrindo, são dignos deste favor, porque rivalisam em abnegação e obediencia passiva com as suas peças e velas. Mas não são porventura os navios, peças e marinheiros as cegas alavancas que o homem de genio emprega á sua vontade?... Tambem para um homem de genio nada é mais detestavel do que os restos de uma alavanca, porque não ha nada mais inutil... Os diabos dos amputados!

Depois deste monologo, o conde tomou um banho de agua de rosas, jantou bem, estendeu-se sobre o canapé, e adormeceu embalado pelos sonhos mais agradaveis:

XLIII.

O CORAÇÃO DE UM SABIO NÃO É DE BRONZE.

O nobles facultés! ô puissances de l'âme,
Levez-vous, e versez á ce cœur qui s'en va
L'huile sainte du fort, e ranimez sa flamme;
Qu'il oublie aujourd'hui ce qu'hier il rêva.

SAINTE-BEUVE. — José Delorme.

Depois de ter dormido por algumas horas, o conde acordou e mandou chamar o tenente para lhe pedir alguns detalhes sobre a morte de Sulpici; porque decerto não esquecemos ainda o fim horrivel deste desventurado, sacrificado por João Thomaz á imperiosa exigencia do virar da fragata.

— Estou ás vossas ordens, commandante, diz o tenente entrando na camara.

— Tende a bondade de vos sentar, senhor, e de me dar algumas explicações sobre a vossa conducta a respeito do fallecido Sulpicio Rumphius.

— Ordenastes, commandante, que largasse as escotas do cutello; e esse homem agarrado a ellas, impedia a evolução. A vossa ordem era precisa, o perigo imminente: fiz o que devia fazer.

— Mas, viva Deus! foi um assassinato abominavel que commettestes, senhor;... e fallais a similhante respeito com bastante sangue-frio.

— Não assassinei, commandante; desembaracei uma manobra...

— Mas não podieis antes de chegar a tão terrivel extremidade, experimentar os meios de brandura, e persuasão?

— N'um perigo imminente tenho fé n'um machado e não na persuasão; uma é certa, a outra duvidosa; porque uma opera, e a outra falla.

— Mas emfim, senhor, esse homem era inoffensivo, fraco, estava desarmado.

— Mais um segundo, commandante, e a fragata não arribava; fiz o meu dever; se duvidais, mandai-me responder a um conselho; porque tenho testimunhas.

— Acabou-se; a vossa conducta é irreprehensivel, mas lastimo-vos!...

— A compaixão ou a admiração pou-

co me tocam. Commandante ; não é dos homens que eu espero a appreciação da minha conducta, é da minha consciencia.

— Isso é lá comvosco, senhor ; mas o irmão desse pobre Sulpicio já sabe da perda que teve?

— Não sei, commandante.

— Se elle ainda o não souber, seria mister informal-o do acontecido com precaução, e não vejo outro senão o capellão que possa convenientemente encarregar-se desta triste missão. Mas, a proposito, não fostes ferido, tenente?

— Sim, commandante.

— E' um novo tributo que tendes ao reconhecimento do paiz ; que se ufana de possuir officiaes como vós.

— Conto tanto com o reconhecimento do paiz, commandante, como com o dos homens ; a minha conducta é simples e não merece louvores. Fiz o meu dever, e nada mais. Nada mais tendes a perguntar-me ou ordenar-me, commandante ?...

— Não, senhor... Tende sómente a bondade de rogar ao capellão que venha fallar-me.

— Lá fóra estão creados, respondeu Thomas retirando-se depois de o haver cumprimentado.

— Vai-te, rigorista grosseiro... soldado brutal... diz o conde vendo Thomaz retirar-se. Que odioso caracter é deste animal! accrescentou o conde, não se sabe nunca quando está pelos pés nem pela cabeça ; todavia é valente e bom marinheiro, mas a raiva de não ser nobre deita tudo a perder... Este velhaco trata-me assim com aquellas maneiras, porque está desesperado por não ser fidalgo; e que diabo lhe posso eu fazer nisso?... Se eu lhe tivesse conhecido a mãi antes delle vir ao mundo... isso é differente... Ora, sempre tenho muita bondade em me estar a entreter com isto. Vejamos, é preciso que o abbade venha fallar-me, afim de acabar com a diabolica historia do Sulpicio : na verdade que fiz muito bem em carregar com elle e com o irmão; mas eu sou muito bom : meus Deus! como os egoistas são felizes ! poupam-se a todas estas amofinações.

Depois chamando Germeau . — O capellão que me venha fallar, diz elle... Germeau saíu.

— Outro original que é o tal padre, mas ao menos tem maneiras. Palavra, que ninguem as tem melhores, e tudo nelle revella um homem de nascimento ; mas como diabo veio elle dar comsigo n'um pobre logar de capellão de bordo ? Por outro lado, é severo e falla alto e firme.., Elle repreendeu-me deveras no porão ; porem a sua posição lhe dá a liberdade que a mais ninguem consentiria tomar... E torno a repetir sabe viver. Sómente, vergonha tenho de o confessar, gela-me a sua polidez desdenhosa, o seu olhar fixo algumas vezes me confunde, porque parece que elle muitas vezes adivinha os nossos mais reconditos pensamentos.

Neste momento entrou o capellão. Depois de lhe haver retribuido o seu cumprimento, Henrique pediu-lhe que se assentasse. — Mandei-vos chamar, senhor abbade, para vos encarregar de uma commissão assaz penosa ; trata-

se de annunciar ao meu antigo mestre, o senhor Rumphius, que morreu o seu irmão; talvez que fosse a proposito occultar-lhe o genero de morte que elle teve, e dizer-lhe simplesmente que cahiu ao mar; deixo isso á vossa discripção, abbade.

— Encarregar-me-hei dessa missão, senhor, diz o padre alevantando-se.

— Já me deixais, abbade?

— Não vejo em que vos possa ser util, e tenho que assistir a alguns moribundos na bateria.

—São os amputados, abbade? diz Henrique vivamente; depois redarguiu sem aguardar a resposta do sacerdote: —E' verdade, como vão os outros doentes?

— A atmosphera do porão torna-se cada vez mais infecta; as chagas gangrenam-se, as dores irritam-se, a febre accende-se, e os males peioram...

— Não sois consolador, abbade!...

—Consolador.,. tornou o padre... Estás brincando comigo, penso eu, senhor; que necessidade tens de consolações, um grande senhor, como vós, sonhando novos triumphos em meio destes doirados, destes espelhos, destas flores... Não, senhor, não, aquelles que morrem ignorados nas trevas fetidas, aspirando um ar corrupto, esses loucos sublimes, que se deixam mutilar para accrescentar um florão á vossa corôa de conde, ou uma estrella ás vossas agulhetas, esses sim, precisam consolações, vós não, senhor...

— Na verdade, abbade, dir-se-ia que sou insensivel como um rochedo, e que os soffrimentos dos meus marinheiros me não commovem? Julgais que aind'agora não daria eu de boa vontade mil luizes para que a minha equipagem se conservasse tão sã e inteira como quando levantamos ferro? Julgais que não seria capaz de o praticar para não ter um amputado a bordo?

— Assim é senhor, o cavalleiro tambem prefere um cavallo folgado e vigoroso ao pobre cavallo que elle estropeou, o que prova, em verdade, uma compaixão bem sincera pelo cavallo estropiado...

— E' possivel, abbade, diz Henrique seccamente; mas o cavalleiro nasceu para montar o cavallo, como o cavallo foi feito para ser montado; o que importa é que o cavalleiro consiga o seu fim... ainda que para isso lhe seja preciso rebentar vinte cavallos.

— Prefiro esse egoismo cynico, senhor; é mais odioso, mas menos universal que a vossa hypocrita compaixão de ind'agora.

— Sabeis, abbade, exclamou Henrique com violencia, que abuzais singularmente da liberdade que vos dá o vosso caracter sagrado!

— Senhor, a minha posição quer que eu falle alto uma linguagem austera e verdadeira; tanto peior para aquelles a quem fere...

Henrique, mais assocegado, replicou: — Tranquillizai-vos abbade, um homem da minha classe não se fere senão quando aquelle que o offende é um egual, quando não a injuria es-

correga sobre elle como sobre marmore...

— Então, senhor, é mister provar-vos que se é da vossa classe, para que a verdade vos penetre mais aguda, mais pungente... sabeis pois...

— O que, abbade?.. exclamou o conde interessado ao ultimo ponto....

— Mas o abbade, como que envergonhado pelas palavras que acabavam de lhe escapar, cortou a sua phrase e accrescentou piamente: — Faço pouco caso, senhor, da classe, do desprezo, ou dos ressentimentos; outra vez digo, devo fallar verdade.... e fallo verdade.

— Pois seja, abbade, diz Henrique descorçoado, mas bem sabeis que estais ao abrigo de qualquer ressentimento, e, como nós fallamos a verdade, é covardia em vós atacar pessoas que não podem pedir-vos satisfação... Porque é abusar da desigualdade das nossas posições

— Ahi está o que não é justo, e, pela ultima vez vos digo que vos lembreis disto bem: estais tanto ao abrigo do meu resentimento como eu o estou ao do vosso: por que se me insultasseis, eu como padre, não poderia pedir-vos satisfação com a espada em punho, assim como vós, secular, não poderieis pedir-m'a se eu vos ultrajasse: a nossa posição é pois egual; unicamente nos é interdicta qualquer lucta physica e brutal... mas para fazer triumphar a verdade, resta-nos as armas da intelligencia... e é n'isso, senhor, que não admitto a imperiosidade que quereis attribuir-me.

Esta resposta sensata, placida e polida, chamou o conde a si. Neste momento foi annunciado Rumphius.

— Ah! exclamou o conde, ahi vem o pobre diabo, poupai-o... dizei-lh'o com precaução, porque elle não deixa de ser um excellente homem.

Com effeito Rumphius entrou pallido, desvairado, com cabellos em desordem... a ausencia do bom e dedicado Sulpicio já se sentia. — Justiça e vingança, senhor conde! diz o astronomo ajoelhando defronte de Henrique, com as mãos postas e no rosto pintado o mais profundo e doloroso desespero; ah! senhor, se tendes dó, alguma affeição ao vosso velho mestre, conceder-lhe-eis a justiça que de joelhos vos reclama.

— Estamos no caso, diz Henrique olhando para o abbade que examinava o astronomo com ar impassivel.

— Ah! senhor conde, é um horror! continuou Rumphius com voz palpitante de emoção, isto é espantoso! é preciso que quem commetteu similhante crime tenha uma alma digna do *Sourga*, a alma de um *paria*, a alma de um monstro. Ah! senhor conde, isto mata-me .. mata-me...

— Concebo os vossos soffrimentos, meu bom Rumphius, diz Henrique, são legitimos e dignos de compaixão... mas, que quereis? n'um tal momento... a disciplina... a salvação do navio...

— A salvação do navio! exclamou Rumphius indireitando-se com o olhar incendido em colera; antes se submergissem cem navios! antes a gente delles fosse, como as almas do *Nara-*

ca, perseguida pela lepra durante dez mil annos do que vêr um tal crime impune! Senhor conde, se me não fazeis justiça, ha talvez um Deus no Céo, um Deus justo e vingador que não hade soffrer que um pobre velho seja tão cruelmente ferido no que tem de mais cáro no mundo... que se lhe tire o que fazia a consolação e esperança dos seus dias... Agora que hade ser de mim?.. que hei-de fazer? para que me serve viver? Na minha idade, esta perda lança-me sosinho n'um mundo a que me tornei estranho; porque quem quereria hoje interessar-se pelo pobre velho sabio?.. O' meu Deus!. meu Deus! sou bem desgraçado e eu sinto que não hei-de sobreviver a esta perda irreparavel; e dizer que nisso havia concentrado todo meu porvir, todas as minhas affeições, toda a minha vida, emfim, ó meu Deus! não, não poderei sobreviver: está acabado, murmurou Rumphius; e grossas lagrimas caíam dos olhos escancarados do astronomo, que, cubrindo o rosto com as mãos, se poz a dar longos gemidos.

Henrique estava commovido porque a dor de Rumphius parecia tão verdadeira, tão amarga e pungente, contrastava por tal fórma com o caracter egoista e desleixado que até aqui se lhe havia julgado, que era impossivel não partilhar a afflictiva emoção deste desgraçado. — Vamos, consolai-vos, diz Henrique, socegai, meu querido Rumphisu, não perdestes tudo, ainda vos resta um amigo que hade cuidar de vós, que se compadecerá das vossas penas, que as aliviará, porque esse estima-vos, vós bem o sabeis... contai com a minha...

— Mas Rumphins não deixou o conde acabar a sua phrase, e, enxugando os olhos scintillantes de cholera, exclamou violentamente: — Não me falleis nelle, senhor conde, não me falleis desse miseravel, desse falso irmão, desse indigno Sulpicio; nunca mais quero tornar a vel-o na minha vida.

— Como?... que dizeis?... balbuciou o conde estupefacto, Sulpicio?...

— Não me falleis nesse homem, senhor conde, accrescentou o sabio com um novo furor, está tudo acabado entre esse infame e eu, porque é elle que causa o meu desespero, é elle que ha de ser a causa da minha morte... porque esse miseravel deixou o meu quarto, em logar de se deixar lá estar, em logar de vigiar que não entrasse lá pessoa alguma? aonde estava esse indigno irmão... a dormir não sei aonde, e no entanto um infernal scelerado se introduzia no meu alojamento, e me assassinava roubando-me um manuscripto sobre a astronomia e a religião indiana... um manuscripto que continha o succo, a essencia dos meus trabalhos de trinta annos, um manuscripto cheio de calculos e de supputações de geometria, de que agora me não resta vestigio... uma obra aonde estavam amontoados os thesouros prodigiosos da minha erudiçao e indagações! e desgraça! desgraça! tal é a aridez, a immensidade d'esses trabalhos e dessa sciencia,

que a minha memoria agora não poderia tornar a traçar a millessima parte. Tinha eu feito como o avaro, em cada dia escondia eu nessa obra tudo quanto adquiria de sciencia, não querendo carregar a minha cabeça de lembranças, afim de que ella ficasse livre e desembaraçada para receber o fructo de novos estudos: e agora, senhor conde, nada me resta... nada; entendeis, não é assim?... nada... isto é, que empalideci trinta annos sobre esse trabalho, que consummi os meus dias e as minhas noutes para... nada; nada!... e para isso só foi mister um minuto, a ausencia de um miseravel bruto... que nem tem o instincto do cão a quem se confia uma porta para guardar; mas, em nome do céo, justiça, senhor conde, justiça... fazei com que me restituam o meu manuscripto, quando não morrerei, amaldiçoando o infame causador da minha ruina, esse mal irreparavel feito á sciencia... Ah! maldicto Sulpicio! mas emfim aonde está elle... aonde está?... exclamou o astronomo n'um estado horrivel de exasperação, procurem-no, inflijam-lhe um castigo digno dos seus delictos...

E Rumphins, com os olhos brilhantes de cholera, com os cabellos grisalhos em desordem, com a tez ardente, percorria a camara a passos largos: estava assim admiravel. A consciencia e o desespero do genio brilhavam sobre a sua fronte larga; o seu fallar era sonoro, eloquente, e o seu andar humilde e obliquo fora substituido por uma attitude altiva e imponente. Henrique, todo egoista, assim mesmo vão como era, empalideceu horrivelmente, e não pôde responder palavra. Dir-se-ia, ao contrario, que o abbade tinha adivinhado logo á primeira vista a verdadeira causa da desesperação de Rumphius, porque o rosto pallido do sacerdote não mudou de expressão, e respondeu friamente a Rumphius que continuava de perguntar aonde estava Sulpicio: — Sulpicio morreu, senhor, morreu chamando-vos, morreu indo arrancar-vos aos perigos que por vós temia, morreu sobre o convéz, morreu ao golpe de uma machada,... morreu sem sepultura.

— Morreu,... exclamou Rumphius com uma cholera progressiva, morreu... e foi talvez ao subir ao convez para vir interromper-me nos meus trabalhos que elle se deixou matar; ora, foi durante este tempo que de certo me roubaram.... Oh! miseravel!... que, em logar de se deixar estar no meu quarto a guardar o meu manuscripto, foi fazer com que o matassem estupidamente; oh! viu-se nunca morte mais imbecil, morte mais digna de execração do que esta!...

— E' horrivel o que ahi estais dizendo, exclamou o conde, não se podendo conter mais, lembrais-vos que foi por vossa causa que elle morreu, infame egoista.

— Morreu por minha causa, exclamou Rumphius com um sorriso de desespero e de amargura, morreu por minha causa; estais brincando, penso eu! e para que me serve a sua

morte, senão for para me fazer perder para sempre o fructo de trinta annos de meditações Morreu! que me importa a sua morte? e que pesa uma intelligencia tão limitada na balança do saber?... Morreu!... Erostrato tambem morreu, e quem não amaldiçoou Erostrato?... Morreu!... bello holocausto para offerecer á sciencia ultrajada o de um tal idiota!... Morreu, morreu estupidamente, sacrificando-me á sua nescia e cega dedicação; porque quem é que agora ha de tratar de mim? quem se occupará por meu respeito d'esses detalhes da vida material em que eu não posso cuidar?... E' para enlouquecer de raiva, ver que uma conducta tão estupida acha defensores!.. porque emfim, senhor, um sacrificio só é louvavel quando serve áquelle que o motiva; e de que me serve a sua morte, pois que, ao contrario, era a sua vida que me era util?... mas tambem é a maneira como aquelles brutos intendem a dedicação?...

— Mas, outra vez vos digo, detestavel egoista, elle morreu porque queria arrancar vos á morte, diz Henrique, se morreu, foi por vossa causa.

— O que ahi estais dizendo, senhor, faz dó, exclamou Rumphius batendo violentamente com o pé no chão, não se podendo conter; morreu porque queria arrancar me á morte; por ventura o podia elle fazer? Não, porque bem sabia que a minha vontade é innabalavel, não podia pois senão partilhar a minha sorte, e então para que servia isso?... Não valia mais que, fiel guarda do thesouro que lhe eu havia confiado, esse miseravel tivesse defendido o meu manuscripto? Então, senhor, salvo que fosse esse manuscripto, podia eu morrer, porque renascia na minha obra; então!... senhor, dizei, dizei, com que direito veio esse idiota mudar o meu destino?... que importava áquelle bruto que o meu corpo fosse roido pelos vermes, se o meu pensamento devia viver eternamente?... se o homem n'elle tem uma parte etherea que lhe sobrevive, não é a obra que deixa depois da morte?.. Para o sabio, a immortalidade da intelligencia, e a immortalidade da obra em que concentrou todo o poder das suas faculdade moraes, da obra que então se torna immortal, da obra que vive seculos, quando o involvuco material se dissolve n'um só dia,.. Então!... esse infame, esse odioso Sulpicio, pela sua estupida dedicação, matou a minha parte immortal: e o meu nome, que teria brilhado no futuro, ficará tão profundamente obscuro como o delle... Não ha um poder ou humano ou divino que possa salvar do olvido das edades, eu!... eu que estava a ponto de viver para sempre nos seculos!,.. Eu que por essa gloria tinha sacrificado os prazeres do mundo e da familia, eu que ha trinta annos me retirei do seio dos homens: é horrivel!... horrivel!... lembro-me que fosse um miseravel ciume que fizesse operar aquelle miseravel: destruiu a minha obra, e foi depois fazer-se matar... Mas a minha cabeça tresvalia,.. o meu manuscripto! o meu manus-

cripto!... bradava Rumphius, e, quasi em delirio, saíu da camara.

Henrique não podia proferir palavra, a sua respiração estava como que suspensa: julgava estar sonhando. — Oh! abbade... é possivel que no coração de um homem exista um egoismo tão cruel?... diz alfim o conde pondo as mãos com horror.

O padre, cujas feições não haviam experimentado a mais leve alteração durante esta scena, respondeu simplesmente ao conde: — Tendes, penso eu, analisado pouco o vosso proprio coração ou o dos outros, senhor; tendes visto muito, raramente observado, e nunca reflectido· n'uma palavra, sois muito moço, por isso concebo o vosso espanto.

Esta placidez desdenhosa, este sangue-frio depois de uma scena tão violenta, annunciava, tão cruel insensibilidade ou tão triste experiencia dos homens, que o conde estava como fascinado, porque, como já dissemos, o capellão parecia não ter mais que trinta annos: por isso Henrique só lhe pôde dizer:

— Como, senhor, o espantoso egoismo de Rumphius não vos admira?

— Se tivesseis cavado a sciencia até as suas mais profundas raizes, senhor, se tivesseis sentido as terriveis vertigens da sua embriaguez, saberieis que aquelle que se vota corpo e alma a essa divindade fatal funda todas as suas faculdades intelligentes, todos os seus instinctos, todas as suas necessidades, todos os seus desejos, todos os seus votos, todos os seus sentidos, n'uma só paixão, fixa e ardente, n'uma monomania selvagem, exclusiva, implacavel, cujo caracter saliente é um egoismo feroz e um orgulho desmesurado.

— Mas nem todos os sabios são Rumphius, abbade?...

— Todos os sabios, sem nenhuma excepção, seriam Rumphius, todos, se vissem como elle o fructo dos immensos trabalhos da sua vida inteira perdido, anihilado para sempre pela sincera e sublime dedicação de um Sulpicio.

— E' espantoso pensar, abbade, que o amor cego da sciencia possa tornar um homem tão barbaro; isso é odioso.. é quasi para envergonhar de ser homem ao ver taes monstruosidades...

— Envergonhar de ser homem!... repetiu o padre com uma ironia amarga. E que direito terieis vós para vos envergonhardes, senhor; e com que direito deslustrarieis esse sabio egoista e feroz que chora a morte de seu irmão como vós choraes a morte ou as mutilações dos vossos marinheiros... Essa paixão cega da sciencia espanta-vos; já vos vi menos timido, quando depois do combate, descuidoso e ligeiro, fallando de amor e de mulheres, descieis para o porão da vossa fragata; comtudo lá havia com que fazer estremecer os vossos nervos, e excitar essa sensibilidade tardia... A paixão cega da sciencia admira-vos! esqueceis então, senhor, esses desgraçados que soffreram e morreram desconhecidos para vos legar um nome glorioso e retumbante; esses homens que, com suas mãos ensanguentadas,

entresteceram a vossa corôa sem se queixarem, contentes por a verem radiar na vossa fronte; quando sabeis, senhor, com que reconhecimento pagais a admiravel abnegação d'esses homens... Ah! espanta-vos o feroz egoismo de Rumphius, pois bem! vinde, descei comigo a esse porão escuro e putrido; vinde vêr esses membros arrancados do tronco, esses corpos offegantes, esses cadaveres mutilados, e talvez que então esse resultado da paixão cega da gloria vos torne mais indulgente para com a paixão cega da sciencia; porque ao menos, senhor, o sabio deixa após si o ensino e o saber; porque, ao menos, o sabio é o unico artista da sua gloria; em quanto que vós, senhor, só deixais atraz de vós o assassinio e a desolação! e nem o vosso deploravel renome é todo vosso, porque o mais grosseiro, o mais brutal dos vossos marinheiros, pode, com justo titulo, revendicar a sua parte.... Mas deixo-vos, senhor, já ouço o sino, e a hora de rezar me chama ao convéz.

E o abbade saudou arrebatadamente o conde e saiu. O conde ficou por largo tempo meditabundo; a conversação do padre, a scena de Rumphius, haviam-no fortemente agitado. — Mas emfim, diz elle ao sair do seu meditar, que pode esse abbade pensar de mim? Que sou egoista, e que sacrifico a minha equipagem aos meus desejos de renome e de gloria... Pois bem! que tem isso? nada mais simples, não é essa a historia de todos os chefes militares?... Colloca a minha profissão abaixo da do sabio... que me importa a mim? ella agrada-me... Sim, mas acho desagradavel ter junto a mim, ou perto de mim, a distancia nada faz, alguem que tenha tão mesquinha idéa do meu merito, e não sei porque eu gostaria dos suffragios d'este padre, eu que comtudo tão pouco se me dá do que dizem. Será mister que lhe eu toque a respeito de mulheres, e que assim eu recupere alguma coisa aos seus olhos; se não fôr em bem, que seja em mal. Até aqui elle não viu em mim senão o marinheiro, quero mostrar-lhe o homem do mundo; e, viva Deus! os castos ouvidos do digno abbade hão de córar ás damnadas confissões que tenho que lhe fazer... Aindaque mais não seja do que para lhe provar que o homem que, como eu, tem tido, quantidade de aventuras serias, folgasans ou tragicas, não é ahi nenhum homem vulgar...¡

Depois, olhando para a bussola, o conde accrescentou: — *A Sylphide* vai a caminho; escrevamos o meu relatorio ao ministro.

XLIV.

ENCONTRO.

> ..... Qui aurait cru cela?
> *Fragmento inedito do discurso de um academico.*

Por certo nos recordamos que na manhã desse dia, logo depois do combate, em que o conde havia mettido no fundo a escuna e quasi desmastreado a fragata ingleza, a *Sylphide* deu caça á vista de duas naus de 74. Era

noite, o conde, depois de ter largo tempo reflectido no seu entretenimento com o abbade, se havia deitado, recommendando bem ao seu criado grave que o accordasse se houvesse alguma coisa de novo a bordo. *A Sylphide* andava tão bem que, segundo toda a probabilidade, as duas naus a tinham ou abandonado ou perdido; de vista; porque, segundo as ordens de Henrique os pharoes iam apagados. As bitaculas occultavam a luz das bussolas, nenhuma luz podia pois trahir a presença da fragata franceza nestas perigosas paragens. Bem que se tivesse batido de mui perto, a *Sylphide* não soffrera grande avaria. Tinham envergado novos pannos; concertado o mastro da mezena que soffrera avaria e mudado os cabos quebrados.

Assim pois a fragata podia apresentar o costado a qualquer navio de egual força.

O mar estava bello, o vento fresco, e os marinheiros, deitados na bateria sempre preparada para combate, no caso de rebate, procuravam novas forças n'um somno reparador. Excepto os homens rigorosamente necessarios para a manobra, o turno de quarto dormitava sobre o convéz. Entre os feridos estendidos nos bailéos, dois marinheiros pareciam comtudo olvidar os seus soffrimentos e o somno. Eram Daniel e o Losopho. Havia mais de uma hora que o Bretão cercava o Parisiense e São-Medard, que, serpenteando com uma destreza maravilhosa por entre os leitos e catres, escapavam assim á teimosa perseguição do muito simples e muito credulo adepto em feiticeria.

Mas emfim o Losopho achou fechada uma das saidas, que julgava aberta. Daniel dobrou o passo e agarrou-o com a sua mão forte, dizendo:

— Ah! maroto, apanhei-te!

— Isto é, eu é que t'apanhei, Daniel, diz o Losopho agarrando-o pela golla; ha uma hora que eu te andava á cata.

— Tu andavas a procurar-me, diz Daniel estupefacto desta imprudencia, mas apertando sempre o braço do Losopho como n'um torno.

— Sim, procurava-vos, Daniel, para vos dizer que sois um forte animal... e que fui ferido por vossa culpa.

— Apre, que isso lá é mais alguma coisa; diz Daniel estupefacto. Sou um forte animal... e és tu que ousas dizer-m'o,... velhaco!... Quando tu tens cara de me vender por tres escudos um mau frasquinho para não ser ferido, e a primeira coisa que m'acontece, é sel-o.

— Daniel, Daniel, sois um grande miseravel! diz o Losopho com um ar espantado... Daniel, heis de acabar mal; mas, vamos lá, respondei alguma coisa. Bebeste tudo que a garrafinha continha? accrescentou o Losopho crusando os braços com ar de authoridade ameaçadora.

— Não, não bebi tudo, por S. Pedro; era mais *facel* fazerem-me em postas, do que obrigarem-me a *bober* mais um trago, exclamou Daniel sen-

tindo ainda contrahirem-se-lhe as entranhas só com o pensar nessa detestavel beberagem.

— Ah! não bebestes, e querieis que o feitiço operasse, miseravel!... e ides expôr-me a que o senhor conde de Saint-Germain, nosso excellentissimo magico, que sabe tudo, me castigue por ter enganado um amigo... E julgais que eu havia de ser ferido por vossa culpa, e que isso ha de ficar assim, Daniel! Não, não, é preciso um exemplo, porque, em verdade, isso torna-se muito sério!...

Daniel estava confundido; o Losopho dirigia-lhe justamente os reproches com que pretendia esmaga-lo. O ar grave e magistral do Losopho fazia-se respeitar; por isso redarguiu em tom mais moderado: — Mas em fim, Losopho, sempre bebi um gole da garrafinha... que era tão má que tive horriveis dores de barriga; é verdade... e assim mesmo fui ferido!

— Mas, animal, porque decididamente é o unico nome que vos devo dar, Daniel; mas, animal, que diabo de ferida é a vossa?... uma arranhadura... e eu vi lá de cima da gavea o que vos feriu: era quanto bastava para vos moer como vidro. Eram seis ballas vermelhas atadas umas ás outras!... e se essas seis balas só vos fizeram uma arranhadura, que seria se bebesseis uma garrafinha inteira?... quero dizer que em logar dellas vos terem feito mal, vos teriam ao contrario coçado na cabeça, como se coça aos papagaios, ou se teriam mudado em corôas de rosas para muito bem vos coroarem... Mas não, em logar disso, em logar de querer que lhe cocem na cabeça ou que o corôem de rosas, o senhor gosta mais que o arnhem... Cada um tem lá o seu gosto, mas os vossos são pessimos, Daniel.

— Mas eu teria preferido ser corôado de flores, Losopho... palavra de honra, te-lo-ia preferido, a fé de quem sou!

— Outra vez vos digo que cada um tem lá o seu gosto, Daniel... mas aonde eu vejo a maldade do vosso, é em me fazer punir pelo excellentissimo magico que é muito rispido na justiça... Porque eu, simples como uma criança, lhe havia annunciado na melhor boa fé, por via dos ares, que vos tinha feito um feitiço para não serdes ferido: era o mesmo que dizer, Daniel não hade ser ferido. Mas em logar disso, que vê elle? vê o contrario, apesar do feitiço. Julga que foi por culpa minha, e zás... manda-me, debaixo da fórma de um biscaínho, um dragão verde, com uma lingua vermelha e azas de fogo, afim de me castigar e de me ferir... Já vês que foi por tua culpa, toleirão, bruto, animal!

E o Losopho parecia exasperado. Daniel começava de tremer e julgar que elle tinha rasão. — Ora esta... Losopho, eu julgava que podia zangar-me por ter sido ferido, diz o Bretão em voz submissa.

— Ah! pois julgavas isso, miseravel! pois bem! sabes tu lêr?...

— Tu bem sabes que não, Losopho.

— Pois bem! então... lê isto.

E o impudente personagem, levando Daniel para debaixo de um lampeão, tirou da veste um muito volumoso manuscripto todo cheio de uma letra miuda e apertada, e de uma multidão de signaes extravagantes que pareceram ao Bretão os caracteres mais cabalisticos do mundo.

Ai! era o precioso manuscripto de Rumphius, que o damnado Losopho havia roubado durante a ausencia dos dois irmãos, contando com este papel amarellado, coberto de figuras symbolicas, algebricas e mathematicas, para dar aos que elle lograva, uma alta idéa do seu poder...

— Então, que lês tu aqui? perguntou de novo Losopho com voz retumbante, e apontando com o dedo ao Bretão essas paginas medonhas.

— Eu cá não leio nada, respondeu Daniel, porque não sei lêr.

— Então lá vou eu lêr em teu logar... é cá o regulamento dos magicos. Escuta bem: « Todo o patife que só tendo feito metade da sorte que o magico lhe deu... fizer punir o magico pelo *excellentissimo*... será castigado ou tornando-se em urso marinho que terá mil dores no ventre... por espaço de setecentos mil e nove annos! »

Daniel estremeceu e persignou-se; porque já conhecia este ultimo supplicio, graças ao frasquinho. — « Ou, continuou o Losopho com ar imponente e affectando lêr sempre no manuscripto, ou dando dois *escudos* de seis *libras* para comprar com que refrescar e reenviar para o seu posto o dragão verde de lingua vermelha que tiver mordido o magico. »

E o Losopho, fexando gravemente o seu livro, mettea-o na algibeira e alhou para Daniel com a firmeza de um juiz que interroga um culpado. O bretão estava mui comovido e muito pallido; balbuciava... depois de repente, levantando a cabeça, exclamou resolutamente:

— Ora! ora! para mim é o mesmo se for castigado, pagar-me-hão tudo junto, e vou começar por te ir ao pello, Losopho.

E ergueu o braço sobre o Losopho, que respondeu intrepidamente: — Eu podia pulverisar-te com um sopro; mas antes quero que me chegues ao pello; estou contentissimo, porque cada murro que me deres serão dez milhões de centenas de milhares de seculos de dores de barriga que tu has-de soffrer.

Esta ameaça fez effeito, e Daniel ficou por um momento com o braço suspenso, e o Losopho, tranquilisado já, continuou: — Mas, anda, dá-me, moeme bem... que t'o digo eu; tu viste se era ou não verdade o que te eu predisse o respeito do Grande-Forca, e se, quando elle e o diabo foram deitados ao mar, não voltaram todos a boa saude, em logar de estarem meios estafados como dantes; se...

Mas o Losopho parou; porque de repente se espalhou pelo porão um forte cheiro a queimado.

O Losopho com bastante presença de espirito, aproveitou este incidente para levar ao seu auge o terror de Daniel,

dizendo-lhe : — Ah ! atreves-te a levantar a mão para mim, tenente magico ? Não te cheira a enxofre ; maroto ?... E' o diabo que vem defender-me e levar-te comsigo...

— Perdão !... perdão !.., Losopho, diz Daniel desvairado deitando se-lhe aos joelhos.

Porem não tardou que esta scena fosse interrompida pelos gritos medonhos dos feridos, que, vendo uma fumarada negra e espessa sair por uma das portas do quadrado e enxer o porão, faziam todos os esforços para se tirarem da cama. Depois estas espantosas palavras : Fogo ! Fogo ! retumbaram do porão para a bateria, e da bateria para o convez, como um longo brado de desespero. A equipagem está de pé. Toca-se immediatamente á chamada, os officiaes levantam-se. Henrique acordado em sobresalto, veste-se á pressa, e apparece no convez. Mas sempre tranquillo e senhor de si : — Todos a postos de combate ! exclama elle com voz forte saltando para o seu banco de quarto. E vós senhor de Miran, fazei pôr a fragata de capa e fexar as escotilhas para evitar as correntes de ar. Tu, mestre Frank, manda armar e trabalhar a bomba. Desçam para o logar do fogo vinte gageiros escolhidos, e o resto da equipagem que fique no convez ; transportar-se hão os feridos para a bataria, se o fogo obrigar a abandonar o porão.

Tudo isto foi dicto e executado em menos tempo do que é mister para o escrever. E a equipagem se conservou immovel e dividida em grupos á prôa da fragata. Este incidente fôra tão imprevisto, que estes homens, ainda meio adormecidos, apenas comprehendiam o terrivel perigo que os ameaçava ; chegavam-se uns para os outros, sem que ninguem saisse deste lugubre silencio, interrompido tão somente pelo ruido sonoro e cadenciado dos braços da bomba, que trabalhava incessantemente. O conde, ignorando tambem os progressos do fogo, passeiava com agitação á ré ; porque neste momento critico, o seu dever o forçava a conservar-se no tombadilho.

— O fogo vai lavrando, commandante, veio dizer-lhe em voz baixa o tenente que saiu da escotilha de ré !

— Mas aonde é o foco do incendio ? perguntou o conde com anxiedade.

— O fogo é á popa, respondeu João Thomaz, na ultima camara de bombordo... na que fica justamente por cima do paiol da polvora.

— Essa é a camara de Rumphius ! diz o conde com violencia.

— Sim, commandante ; procurei fazer concentrar o fogo n'esse logar fexando todas as portas e mandando para lá dirigir as bombas. O mestre artilheiro Kergouet se dedicou á salvação do navio, descendo á praça d'armas.

— Ordenai lhe, diz Henrique, que molhe a polvora logo que veja o fogo nas juncturas das taboas ; mas isto só na ultima extremidade ; certificar-vos-heis pessoalmente de que este partido desesperado é o unico que resta a empregar para salvar o navio.

Quando o tenente se afastava precipitadamente para dar esta ordem, en-

controu-se com São Salvador, que corria gritando : —O fogo lavra, commandante !

— Calai-vos, criança ! diz Henrique agarrando-o pelo braço e pondo-lhe a mão na bocca, calai-vos, por Deus !

Depois dirigindo-se aos marinheiros sempre silenciosos : — Somos senhores do fogo, meus amigos, foi na verdade uma véla que incendiou alguns papeis velhos. Assim, meus filhos, refrescai a coberta, sempre é bom a precaução. Ninguem desça para a bateria..., mestre, mandai pôr sentinellas ás escotilhas.

Depois dirigindo-se a um timoneiro de confiança : — Tu, lhe diz elle em voz baixa, desce á minha camara e traze-me um sabre e um par de pistolas que has de achar no armario de bombordo.

E o conde continuou o seu passeio á poppa, prestando o ouvido de espaço a espaço ao arruido surdo e confuso que se elevava da parte inferior do navio como um dilatado gemido. A noite era profundamente escura : as estrellas, escondidas por ligeiras nuvens esbranquiçadas, scintillavam aqui e além, a fresca viração do norte sibilava nos cabos da *Sylphide* sempre á capa. O fumo começava de sair por entre as fendas das escotilhas, e a espaços se ouvia um leve estalido ; o madeiramento da fragata ia aquecendo o cheiro acre e forte a alcatrão derretido se espalhava por toda a parte.

O tenente tornou a subir. — Então ?... lhe diz Henrique.

— Commandante, o fogo cresce, mas acabo de mandar rodear as anteparas da camara aonde o fogo é mais vivo, de colchões e pannos molhados. O porão offerece um aspecto horrivel ! esses desgraçados feridos, mutilados ou moribundos, arrastram-se dando gritos horriveis em meio do fumo espesso.

— Inferno, maldictos sejam os feridos ! exclamou Henrique. Que lhes posso eu fazer ? na batteria incommodariam o trabalhar das bombas ! o navio primeiro que tudo, a salvação do navio, senhor ! Duzentos homens em estado de combater não devem ser sacrificados a uns trinta moribundos.

De Monval subiu no mesmo instante, e disse a Henrique com ar consternado : — A polvora foi molhada, commandante.

— E' uma desgraça, senhor, uma grande desgraça em tempo de guerra, mas não havia que hesitar.

São Salvador appareceu quasi ao mesmo tempo, e veio dizer em voz baixa a Henrique : — Commandante, o fogo está concentrado, as tres anteparas da camara estão guarnecidas de colchões e lambazes molhados, por este lado não ha que temer, mas agora o fogo róe o forro...

N'este momento uma columna de flamma abriu passagem por bombordo, a um pé acima da fluctuação, e esta scena horrivel, até ahi sombria e escura, foi subitamente allumiada por um vivo clarão que tingiu de escarlate toda a parte inferior das ba-

tayolas das gaveas, assim como os mastros, vergas e vélas; os cabos se desenhavam em côr negra sobre esses vivos reflexos côr de fogo, e um trémulo e longo raio luminoso, projectando-se ao longe sobre o mar... allumiou as vagas negras do Oceano.

Os marinheiros julgaram-se então perdidos, o instincto vital foi superior á subordinação, e mestre Frank correu a dizer a Henrique que muitos marinheiros queriam deitar embarcações ao mar. O conde saltou do seu banco de quarto, dizendo aos officiaes que descessem para o logar do fogo; e, pegando nas duas pistolas que lhe haviam trazido, avançou para vante.

— Quem é que falla aqui em deitar uma embarcação ao mar sem minha ordem? perguntou elle com voz firme, conservando as pistolas escondidas atraz das costas.

— Aqui não se falla n'isso... faz-se, diz uma voz que saía de um grupo apenas allumiado pelos reflexos da chamma.

— E quem é que o faz?... perguntou Henrique friamente.

— Eu, diz a mesma voz; e o conde approximando-se, viu um marinheiro occupado em largar as tralhas que sostinham o escaler pequeno.

Os outros marinheiros, menos resolutos, estavam olhando para o que elle fazia, contidos pela presença do conde, esperando talvez um acto de indecisão da sua parte para se junctar ao rebelde. — Ah! és tu, díz Henrique, engatilhando devagar a sua pistola.

— Sim, sou eu que antes quero ir para o mar do que morrer aqui açado.. diz o marinheiro continuando a desamarrar as trálhas.

A estas palavras o conde, incostando o cano da sua pistola contra o ouvido d'esse insolente, fez-lhes saltar os miolos fóra; e dirigindo-se aos demais marinheiros que se haviam violentamente afastado ao ruido da explosão: — Aqui está como ha de ser tractado todo o rebelde... que quizer imital-o.

Mas este acto de energia reprimiu os outros marinheiros que se refugiaram á prôa com surdos murmurios.

O tenente subia então, com o rosto todo negro e os cabellos queimados; o commandante levou-o para a pavezada, bradando-lhe com voz surda: — Vêde, senhor, vêde esta canhoneira aberta; como é que vos não lembrou mandal a fexar?... perdeis o navio por esta falta, senhor.

— Fiz mal, fiz mal, commandante, confesso-o, diz Thomaz passando em volta do corpo um cabo que mestre Frank segurou solidamente; arriou-se por fóra da fragata para tapar esta abertura que não cessava de vomitar uma flamma vermelha e ardente com uma nuvem de faiscas.

— Navio... a sotavento .. e muito proximo... bradou de repente o vigia do traquete. A estas palavras, o conde voltou subitamente a cabeça, e viu, a um tiro de espingarda, a mas-

se branca e confusa que apresenta um navio de guerra a travez das sombras transparentes da noite.

— A portinhola está fexada, exclamou o tenente saltando para a coberta; mas o conde disse-lhe com expressão de doloroso desespero:

— Vêdes aquelle navio? é talvez um inglez, e nós acabamos de molhar a nossa polvora... maldição! o clarão do incendio por certo nos trahiu...

— *Ship a hoy... Si hether friend or ennemy. Your vessel is on fire, do you, was boats, or any other assistance* (1)... diz uma voz que partia desse navio desconhecido que acabava de se pôr tambem á capa, parallelo á pôpa da Sylphide.

— Inferno!... é uma fragata ingleza, diz Thomaz.

— Ella offerece-nos lealmente soccorro, diz o conde; acceitemol-o primeiro, depois veremos.

Depois pegando no porta-voz, Henrique respondeu em inglez:

— Somos francezes, temos fogo a bordo, mandai-nos uma bomba armada na vossa chalupa, afim de a fazer trabalhar pela ultima portinhola da nossa pôpa, e eu, commandante desta fragata, vos peço tregoas até que esteja o fogo apagado a meu bordo.

—'E' muito justo, senhor commandante, eu ía propor-vos essas tregoas, respondeu uma voz, que fez estremecer Henrique.

(1) O' lá do navio! amigo ou inimigo, tendes fogo a bordo: quereis embarcações, soccorro?....

E no mesmo instante se ouviu, a bordo da fragata ingleza, dar ordens precipitadas, os apitos sibilaram, as tralhas rangeram, e, dez minutos depois, uma chalupa foi deitada ao mar, largou e veio collocar-se á pôpa da Sylphide.

— Tende a bondade, senhor, diz Henrique ao official que commandava a embarcação, tende a bondade de introduzir a mangueira da bomba pela canhoneira que se vai abrir, e fazel-a trabalhar.

E mestre Frank, descendo desta vez, abriu a portinhola, que de novo vomitou uma columna de chammas; o que permittiu que perfeitamente distinguisse o casco negro e a bateria branca da fragata ingleza, cuja sombra gigantesca se reflectia sobre as ondas, coloridas de um vermelho ardente. Mas, graças á bomba ingleza que trabalhava pela parte de fóra em quanto que a franceza fazia outro tanto por dentro, em poucos instantes o fogo se apagou; porque fexada a portinhola, deixando de existir a corrente de ar, a intensidade do incendio diminuiu muito.

Quando o perigo foi passado, a chalupa ingleza foi collocar-se ao alcance da voz da Sylphide, e Henrique dirigindo-se ao official que a commandava, disse-lhe:

— Poderei saber, senhor, a que generoso *commodore* devo estes soccorros tão nobremente prestados, e como se chama a vossa fragata?...

— O nosso *commodore* é o honrado *sir* Jorge Gordon, e a nossa fragata

chama-se o Lively, respondeu o official em francez.

— *Sir* Jorge... o filho de *lord* Gordon, governador nas Indias, exclamou Henrique, estupefacto por encontrar esse gentilhomem inglez que havia desafiado para lhe arrancar o seu segredo, e a quem havia tão delicadamente obsequiado.

— Sim, senhor capitão, redarguiu o official inglez.

— Então, senhor, tende a bondade de prevenir *sir* Jorge que o conde de Vaudrey, um dos seus mais afeiçoados amigos, o irá visitar ámanhã a seu bordo ao despontar do dia. Tende tambem a bondade de dar ao vosso commandante a minha palavra de cavalheiro de que ficarei ao alcance da sua artilheria, e que só o deixarei se acaso o tempo me obrigar.

— Vou prevenir o nosso commandante das vossas ordens, diz o inglez afastando-se ao ruido compassado dos remeiros.

— *Sir* Jorge... aqui... ora eis-aqui um bem singular acaso, dizia Henrique; mas não tardou que a voz de *sir* Jorge fizesse ouvir estas palavras:

— Bom dia, meu querido conde, estou satisfeitissimo por vos ter prestado este pequeno serviço, acceito todas as vossas condições, e supplico-vos que venhaes ámanhã tomar chá commigo, em companhia dos senhores officiaes que escolherdes. Governarei toda a noite no Oes-sudoeste, com as gaveas nos rizes.

— Mil agradecimentos, meu querido Jorge, respondeu alegremente Henrique, não vos deixarei, e de mui boa vontade irei ao vosso convite.

— Então, até á manhã, querido conde, diz sir Jorge.

— Até ámanhã, meu querido Jorge, diz Henrique. E as duas fragatas bordejaram toda a noute como dous navios amigos que navegam de conserva.

XLV.

O LIVELY.

> A vous, messieurs des gardes-françaises, dit un officier anglais en saluant la ligne.
> — Nous n'en ferons rien; tirez vous-mêmes, messieurs, répondit un officier aux gardes.
> (Batalha de Fontenoy).

A fragata *O Lively*, commandada por *sir* Jorge Gordon, era um navio pouco mais ou menos da mesma força que *a Sylphide*, havia nelle o aceio particular aos navios inglezes, mas muito menos elegante, muito menos dourado que a fragata franceza, porque, por seu aspecto sombrio e severo, muito se parecia com um navio da nossa epocha. Henrique não esquecêra o convite do seu antigo amigo, e ao romper do dia, logo que se tocou a alvorada, vestiu-se magnificamente, e mandou pedir ao seu immediato que descesse á sua camara. — Senhor, diz o conde a João Thomaz, pelo mais singular acaso acabo de encontrar um valente e digno gentilhomem inglez; n'uma palavra, um leal inimigo que é um dos meus me-

lhores amigos: vou almoçar a seu bordo... Levo commigo o senhor marquez de Miran; recommendo-vos a maior vigilancia sobre a equipagem... Navegareis nas aguas da fragata ingleza, com o menos panno possivel.

— As vossas ordens serão executadas, commandante, respondeu João Thomaz sem se atrever a fazer a menor observação sobre a singular conducta do seu superior.

— Mandai preparar o meu escaler, e pedi ao senhor de S. Salvador que venha advertir-me quando elle estiver prompto.

O tenente cortejou e saiu. — Eis aqui um acaso bem singular, dizia o conde examinando se alguma cousa faltava ao seu vestuario; quem me diria, ha tres mezes, em Versailles, que viria encontrar *sir* Jorge nestas alturas dos Açores! Mas, a proposito dos Açores... estou no meu direito, penso eu, de abrir as ultimas instrucções do ministro.

E Henrique tirou os seus despachos de uma gaveta de segredo, quebrou os tres sellos officiaes, e achou dentro do sobrescripto dous massos fechados... N'um delles estavam escriptas estas palavras: — Deve ser o primeiro aberto. Henrique abriu e leu o que se segue:

Ao senhor conde de Vandrey, tenente da marinha real, etc. etc.

« 1.º Segundo as ordens de S. Magestade, á vista destes despachos o senhor conde de Vaudrey queimará os papeis destinados ao senhor cavalheiro Destouches.

« 2.º O senhor conde de Vaudrey, em logar de ír para a America, cruzará na passagem dos Açores durante um mez, a datar do dia, em que tiver conhecimento desta ordem; ao cabo deste mez dirigir-se-ha á altura das ilhas de Cabo-Verde, e só então abrirá o maço n.º 2.

« O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e das colonias marechal duque de Castries. »

Depois no fim do despacho estavam escriptas estas palavras pela lettra do marechal:

— Aqui para nós, meu querido conde, sois destinado a ir para a India com Suffren; nas ilhas do Cabo é que vos heis de reunir; mas silencio...

— Eu já esperava alguma cousa neste genero, diz Henrique, porque em tempo de guerra o fim apparente de uma missão occulta sempre uma outra. Vamos lá... um mez de cruzeiro, é incommodativo; ... mas o marechal sempre é muito amavel por me ter dado esta boa nova que me hade ajudar a esperar com paciencia: d'aqui a trinta dias abrirei pois este segundo maço, cujo contheudo agora sei.

Depois, pedindo uma luz, queimou no fogão da camara as instrucções destinadas ao cavalheiro Destouches, e fechou cuidadosamente os papeis que lhe teriam ensinado o seu derradeiro destino, sem a benevola indiscripção do ministro. Não tardou que de Miran viesse annunciar ao conde que a sua

embarcação o aguardava. Henrique subiu á tolda, achou a equipagem formada nos passavantes, e desceu para o seu escaler com o moço official.

O patrão do escaler, vestido com a libré do conde, levava a tiracolo um largo boldrié composto de cadeiasinhas de prata e ornado com as armas da casa de Henrique. Logo que o conde tomou logar a estibordo e de Miran a bombordo desta elegante embarcação os remeiros, vestidos com calças brancas, e vestes verdes agaloadas de prata (igual libré) e largas cintas escarlates, se pozeram a nadar com rapidez para a fragata ingleza. Os remeiros, bem como o patrão, iam com a cabeça descoberta. — Mas faltam tres homens á tua equipagem, perguntou subitamente Henrique ao seu patrão... porque é isto? Espero que sempre esteja completo o numero dos meus remeiros.

— Commandante, respondeu o patrão tremendo como vara verde, e levando o reverso da mão esquerda á fronte descoberta, é porque, salvo o respeito que vos é devido, Lucas e Cornicot ficaram mortos, e Jeandry ficou ferido..... E então....

— Basta.... basta.... diz Henrique com impaciencia; depois continuou com ar despeitado: E' insupportavel... nunca o mesmo *nado*... ahi está outra vez a equipagem deste escaler para arranjar, vou chegar a bordo de *sir* Jorge com estes nove remeiros.... que figura farei eu?

Depois voltando-se para o seu companheiro:

— Quem é o official encarregado da armação do meu escaler?

— O senhor *de* Monval, respondeu Miran.

Henrique fez um novo gesto de impaciencia, depois, tranquillisando-se pouco a pouco, poz-se novamente a convers arcom o seu companheiro. Durante o pouco tempo que foi mister para alcançar a fragata ingleza *o Lively*, os dous officiaes examinaram com attenção a armação e formas daquelle bello navio, e o resultado das suas observações foi que era impossivel vêr uma embarcação mais admiravelmente maritima do que aquella valente fragata. Prolongaram-na por estibordo, depois de um quarto de hora de viagem.

O Lively pôz-se á capa, e sir Jorge, apresentando-se ao portaló, deitou a Henrique pela sua mão dous tiroveides de veludo encarnado para o ajudar a subir para bordo. Antes de deixar o escaler, o conde ordenou ao seu patrão que voltasse para a *Sylphide*, e viesse buscal-o quando visse içar a bandeira branca no navio inglez. E n'um segundo, o conde, seguido *de* Miran, se achou sobre a tolda do *Lively* e encontrou os officiaes do navio formados atraz de *sir* Jorge. — Senhores, lhes diz este ultimo apertando a mão de Henrique entre as suas, apresento-vos o senhor conde de Vaudrey, bem sabeis que é a elle que devo a honra de vos commandar, porisso o meu reconhecimento é agora duplicado.

Henrique comprimentou-o e respondeu:

— Acreditai, sir Jorge, que sou duplicadamente feliz pelo pequeno serviço de que tendes a bondade de vos recordar, pois que vos valeu um tal commando. Mas sou eu que venho agora agradecer vos, assim como a estes senhores, a boa vontade e presteza que empregastes em me soccorrer nesse desgraçado incendio.

E, assim fallando, o conde e *de* Miran seguiram sir Jorge para a sua camara, a qual em nada se parecia á da *Sylphide*; era de uma simples pintura parda e branca; não se viam lá dourados, nem setim, nem veludos; modestas cortinas de ganga com um galão verde encobriram as janellas; o soalho, cuidadosamente lavado, era de uma alvura offuscante, mas sem tapetes; os armarios estavam cheios de cartas, desenhos e armas, e alguns moveis de carvalho polido de muito bom gosto, mas de extrema simplicidade, completavam o aspecto severo deste quarto.

— Bem vêdes, meu querido conde, diz sir Jorge a Henrique, que o nosso almirantado não é tão prodigo como o vosso; é uma velha avarenta puritana que só concede ás suas fragatas o mais estricto necessario.

— Oh! meu charo Jorge, diz o conde sorrindo, segundo a minha opinião, a vossa puritana trata ao contrario as suas fragatas como uma velha garrida consummada; certa da belleza das suas filhas, não as cobre de vãos ornatos, porque bem sabe que um lindo talhe vale mais do que uma bella cintura.

— Mas quando ha uma e outra cousa!... diz sir Jorge conduzindo Henrique a uma das suas janellas mostrando-lhe a *Sylphide*, cuja poppa dourada scintillava com os raios do sol, porque as alternativas do combate e a habilidade de Henrique haviam protegido esta parte delicada do seu navio.

— Vamos, vamos, sir Jorge, a vossa demora na França fez-vos tão perigosamente lisonjeiro como o mais espirituoso dos nossos cortezãos; mas deixai-me apresentar-vos o senhor marquez de Miran, um dos meus mais distinctos officiaes, diz Henrique.

— Permitti-me, senhor marquez que me confesse feliz e ufano pela nova obrigação que contracto para com este charo conde, respondeu *sir* Jorge saudando *de* Miran com a mais delicada polidez.

Neste momento entraram na camara dous outros officiaes inglezes; e a conversação se tornou geral até ao momento em que o mordomo de *sir* Jorge veio annunciar que o chá estava servido.

Passaram á casa de jantar, mobilada com a mesma simplicidade que a camara, e os convivas se assentaram a uma meza coberta de rica baixella com as armas de *sir* Jorge. O chá era só um pretexto para este magnifico almoço, em que as mais delicadas eguarias, os vinhos de França mais estimados, foram servidos com uma profusão admiravel.

— E' verdade, sir Jorge, ha quanto tempo cruzais n'estas paragens?

— Chegamos agora, meu charo conde; e vós?

— Oh! eu tambem chego agora, mas mais depressa do que eu queria, porque duas náos de 74 me obrigaram a pôr-me a andar, depois do combate que tive cerca de oitenta milhas distante d'aqui.

— Bem desconfiava eu que vos havieis battido, meu charo conde, ao vêr alguns estragos na precinta e no apparelho da vossa fragata. E quem combatestes... sem indiscrição?

— Uma fragata ingleza, mais fraca do que a minha, meu querido Jorge e nos separámos quasi tão maltractados um como o outro, respondeu Henrique com tanta finura como bom gosto, afim de não ferir o amor-proprio das pessoas que o hospedavam.

— Mas, commandante, não fallais... das... tres...

— Das tres maiores avarias que soffri, redarguiu vivamente Henrique fazendo um signal que de Miran logo intendeu. Ah! eu não queria fallar em tal por amor proprio, continuou o conde sorrindo, mas já que me trahistes, senhor *de* Miran, é mister confessar que perdi os mastareos da gavea, e que a minha roda de prôa soffreu muito.

Por mais destra que fosse a interrupção do conde, sir Jorge não se deixou illudir; porque sorriu ligeiramente, e depois redarguiu: — E a que, meu charo conde, attribuir o incendio que me proporcionou o prazer de vos receber?

— Isso, *sir* Jorge, é um romance: eu tinha embarcado aquelle sabio que talvez vistes na minha casa em Pariz...

— Certamente, aquelle distrahido astronomo que fazia damnar o vosso criado grave. Recordo-me perfeitamente.

— E' isso mesmo, diz Henrique; e tendo contado o mais breve possivel a dedicação e a morte de Salpicio, a indifferença e a raiva de Rumpnius por causa da perda do seu manuscripto, o conde continuou nestes termos.

— Logo que o louco do astronomo se achou só, sem ter mais o nobre irmão para lhe reparar as loucuras, as suas imprudencias produziram o seu fructo. Parece que, apesar da minha ordem de apagar as luzes, o diabo daquelle homem conservou no seu quarto uma vela acceza, e foi, ao remexer na papellada, afim de procurar o manuscripto, que lhe fora roubado, que o fogo pegára e se atiára

Em logar de chamar logo por soccorro provavelmente continuou a procurar, abysmado nas suas incuraveis distracções; o fogo se desenvolveu pois com mais intensidade, e ahi está como eu me vi em risco de ver arder a minha fragata, senão fosse o vosso obsequioso soccorro, meu charo *sir* Jorge.

— E o astronomo? perguntou um dos convivas?

— Oh! o astronomo apenas soffreu algumas queimaduras mas tenho-o provisoriamente encarcerado na cova dos leões.

Ao cabo de alguns minutos, vendo *de* Miran os officiaes inglezes entretidos a conversar sobre as diversas alternativas d'esta guerra, o conde disse em voz baixa a Jorge:

— Desejaria fallar-vos a sós por um momento.

— Mil perdões, senhores, diz Henrique levantando-se e dirigindo-se aos convivas, mil perdões se vos roubo *sir* Jorge por um momento. E ambos se retiraram para a galeria.

— Agora que estamos sem testimunhas, diz *sir* Jorge com expansão, permitti-me, meu querido Henrique, que vos torne a agradecer, que vos torne a apertar a mão porque não podeis fazer idéa da felicidade que sinto em vos tornar a ver.

— E vós, diz Henrique, tambem não podeis fazer idéa do prazer que agora me acompanha; só tenho uma arguição a fazer-vos, e que vos desseis tanta pressa em me enviar esses milhares de luizes que me mandastes.

— Peço-vos que não fallemos em similhante cousa, respondeu Jorge, como se quizesse expulsar uma recordação penosa, depois redarguiu: Com quanto, meu charo conde bemdiga este feliz encontro que me procura o vivo prazer que experimento em vos apertar a mão, não posso com tudo deixar de lastimar que este haja tido logar.

— Então porque, Jorge?

— Porque?... porque?... mas dentro de uma hora, Henrique... dentro de uma hora não estaremos nós a combater um contra o outro?

— Pois bem! é justamente isso que me encanta; porque aqui para nós, meu querido Jorge, um combate, por mais encarniçado, por mais mortifero que o supponhais, nunca será outra cousa senão uma lucta em que cada um de nós empenha a sua fragata, como se empenha um cavallo n'uma corrida; não somos nós que lançamos fogo ás peças, não somos nós que hemos de dar os tiros de espingarda, não é assim? Por isso se alguma bala levar a qualquer de nós, bem certos seremos que não partiu ella das nossas mãos; torno a dizer, não será Jorge que se baterá com Henrique, será a *Silphide* que se baterá com o *Lively*.

— Mas a abordagem; meu querido conde, a abordagem!

— Pois bem! se as nossas balas respectivas nos pouparem até então, e que cheguemos a abordar-nos, juremos, debaixo da palavra de cavalheiros, de não levantarmos o sabre um contra o outro; isso em nada póde mudar o resultado do combate; porque a vossa equipagem deve contar tanto comvosco como a minha conta commigo; ora poupando-nos ambos, exercemos a mesma influencia sobre os nossos marinheiros.

— Está justo, diz *sir* Jorge pegando na mão de Henrique; mas, excepto essa convenção...

— Excepto essa convenção, um combate de morte, encarniçado, sem tregoas, nem repouso; quero meu querido Jorge, que avalieis quanto vale a minha equipagem. Ah! infelizmente os meus melhores gageiros estão amputados ou feridos, como se aquelles brutos não tivessem podido esperar por uma tão nobre occasião... Mas em fim, farei o melhor que podér, e vereis os meus marinheiros em acção.

— E eu, querido conde, estimo tambem que vos certifiqueis de que os meus *johnbull* teem algum vigor. Permitti-me que vos offereça a vantagem do vento.

— Com franqueza, Jorge, nunca uso d'ella ; em qualquer outra circunstancia, se eu podesse escolher, pôr-me-ía a sotavento.

— Sempre delicadeza, Henrique.

— Palavra, gosto mais de combater a sotavento, meu charo Jorge... palavra d'honra.

— Acredito-vos... e far-vos-hei a vontade, conde, vou passar um dia que não daria por cousa alguma no mundo : isto é tão completo, apertar-vos a mão primeiro, a ver depois as nossas duas fragatas a combater !

— Ah ! maldição, inferno ! maldição, exclamou subitamente o conde batendo o pé com violencia, e eu que esquecia ... oh ! a polvora !... a polvora !...

— Que quereis dizer ? perguntou *sir* Jorge todo abalado.

—Quero dizer tornou o conde, olhando para o seu amigo com uma expressão de furioso desespero, quero dizer que sou o mais infeliz dos homens que é para elouquecer de raiva e de vergonha, em logar desse bello combate que nos seduz, ter de vos supplicar que me deixeis fugir, ou então metter eu a minha fragata no fundo e submergir-me com ella á vossa vista !

— Mas em fim, explicai-vos, exclamou *sir* Jorge empallidecendo.

— Pois bem ! sir Jorge, diz Henrique surdamente, durante o incendio fui obrigado a mandar molhar a polvora ; comprehendeis agora ? não me resta nem com que escorvar uma pistola ! compreendeis sir Jorge ?

— Posso pois finalmente reconhecer d'alguma forma o serviço que me fizestes, meu querido Henriqne ! exclamou *sir* Jorge com prazer.

E, precipitando-se para a campanhia, chamou um criado e ordenou-lhe que fosse chamar immediatamente o tenente. — Não advinhais ? disse *sir* Jorge a Henrique, quando o criado se afastou.

— Não, pela minha alma.

— Henrique, quero repartir a minha polvora comvosco ! (1)

— Oh ! sir Jorge... sir Jorge... isso é bem nobre e generoso ! exclamou o conde com admiração.

O immediato de sir Jorge entrou. — Senhor, lhe diz este ultimo, ide ao paiol, e mandai dividir a polvora que lá está em duas partes eguaes.

— Sim, commandante, disse o official.

— Depois mandareis transportar uma d'essas porções para bordo da fragata que navega nas nossas aguas.

— Como, commandante ? perguntou o official que julgava ter comprehendido mal as ordens do seu superior

—Ordeno-vos que mandeis levar uma das duas porções de polvora para bordo d'aquella fragata, repetiu sir Jor-

(1) Este facto é historico. Na guerra de 1781, o capitão commandante da corveta o *King's-George* praticou este rasgo cavalheiresco, e foi expulso pelo conselho do almirantado.

O. A.

ge com voz firme, mostrando ao tenente estupefacto a *Sylphide* que era mui proxima.

O official interdicto cortejou-o e saíu para executar as ordens que recebera certo de que a França tinha assignado a paz com a Inglaterra, ou que uma alliança acabava de ser contractada entre estas duas nações. Apenas o tenente saíu, o conde deitou-se nos braços de *sir* Jorge. — Então, meu amigo, diz este ultimo, não é a mesma cousa? Não faço agora o que já fizestes por meu respeito; polvora ou dinheiro, que importa?... Salvastes-me a honra como vos eu salvo a vossa...

— Ah! Jorge, Jorge, diz Henrique, sou eu agora que vos devo um reconhecimento eterno... Como poderei eu jámais pagal-o?

— Se julgais dever-me alguma cousa, Henrique... podeis fazer muito... immenso por meu respeito.

— Oh! dizei... fallai... Jorge.

— Escutai-me pois, Henrique... sois digno de me comprehender, porque conheço a vossa alma... Nós outros inglezes, meu charo conde, tractamos o amor mais seriamente do que vós: é um dos nossos ridiculos, bem sei; mas confesso o, por isso não deveis escarnecer-me.

— Jorge...

— Pois bem, Henrique, quando me vistes em Versailles, chegava eu da India, fôra feito prisioneiro na viagem, e mandado sobre caução e palavra a Pariz, em quanto esperava uma troca; na India, em Pondichéry, deixei uma joven com quem devo unir-me depois da guerra... E' um amor que data de ha muito, Henrique, um amor tão puro quão profundo é e partilhado, um amor sério que vos faria rir, mas que, para mim, reune todo o porvir. Todavia, meu querido Henrique, como o meu porvir pode ser bem abbreviado pelo combate que logo vai ter logar...

— Que idéa, Jorge...

— Henrique, ha tempo que não ando feliz... depois... porque, sabei que desta vez...

Mas reprimindo-se logo, como se tivesse resistido ao desejo de fazer uma confidencia ao conde, Jorge tornou com ar mais frio:

— Nada, nada, criancices, Henrique... mas eis-aqui o que me resta a pedir-vos. Desejaria que, no caso de que eu fosse morto no combate, me promettesseis entregar pessoalmente cartas e um retrato entre as mãos da joven, que vos disse; porque, sem duvida alguma, heis-de ir a Pondichéry, poisque acabais de me confiar que a vossa fragata era destinada aos mares das Indias, e estando Pundichéry em vosso poder, a familia de *mademoiselle* Horn-Praet, que é hollandeza, ahi se ha-de ter conservado neutral.

— Se fôr a Pondichéry, juro-vos pela minha honra que entregarei as vossas cartas, Jorge. E se eu lá não fôr?

— Então, então entregai-as a alguem tão seguro como vós mesmo; porque, quer ancoreis na ilha de França, quer na costa de Coromandel, estareis mui perto de Pondichery.

— Juro-vos que hei-de executar as vossas ordens, meu charo Jorge; mas onde estão as taes cartas.

— Achal-as-eis aqui no forro da minha farda, porque se me abordardes, não quereria deixal-as n'um movel subjeito a ser destruido ou quebrado.

— Está dito, Jorge... Mas por Deus, heis-de levar pessoalmente as vossas cartas; e quando se fizer a paz, terei a honra de ir a Londres cumprimentar lady Gordon.

— Deus o queira, Henrique! diz Jorge tristemente. Mas, ainda outra cousa, Henrique: se *mademoiselle* Horn-Praet vos perguntar...

— O que? dizei, Jorge.

— Não, não... eu não ousaria.... nada, nada, Henrique, tornou Jorge depois de larga hesitação, nada..., queria sómente pedir-vos que attestasseis, como leal amigo, que me defendi com valentia, como muito espero praticar.

— Mas, Jorge, sois de um egoismo raro, não fallais senão de vós... E eu não tenho tambem ultimas vontades a executar? sim, Jorge; porque se eu succumbir, desejo que as minhas armas vos pertençam; acceitail-as?

— Com reconhecimento, diz Jorge, apertando a mão do amigo.

Mas os dois amigos inimigos foram interrompidos pelo tenente do *Lively*, que veiu prevenir o seu commandante de que se haviam effeituado os ultimos comboios de polvora. O conde e sir Jorge voltaram para a companhia dos officiaes inglezes. Uma hora depois desta pratica, a bandeira branca fluctuou por um momento n'um mastro da fragata ingleza; e a este signal, o escaler de Henrique veiu buscal-o.

— Vamos, até logo, meus senhores, diz Henrique aos officiaes do *Lively* que o acompanhavam até ao portaló; confesso-vos que olharei agora como o mais bello feito d'armas da minha vida conseguir uma leve vantagem sobre o *Lively*.

— E nós, meu charo conde, olhariamos a nossa derrota quasi como gloriosa ao pensar que ao menos combatemos a *Sylphide*.

— Senhor marquez, diz um dos officiaes inglezes ao senhor de Miran, tomei a liberdade de mandar para o vosso bordo algumas caixas de laranjas para os vossos feridos; porque uma galera portugueza nos deixou bastantes.

— Mil vezes vos agradeço em seu nome, senhor, diz Miran, e confesso que, ao contar-lhes o affavel acolhimento que recebi a bordo do *Lively*, os meus camaradas vão invejar bastante o favor que me concedeu o senhor de Vaudrey ordenando-me que o acompanhasse.

Depois destes cumprimentos reciprocos, Henrique chegou a bordo no momento em que a chalupa do *Lively* acabava de levar para lá o terceiro comboio de polvora e de laranjas... Henrique mandou dar cincoenta luizes, para beberem, aos chalupeiros inglezes, e ordenou a João Thomaz que fizesse um bordo, afim de poder fazer os seus preparativos de combate.

— Ora esta! diz mestre Frank a

mestre Kergouet, agora é que vão cumprimentar-se? que tal, heim? esta é daquellas como ainda não vi...

— O facto é, diz Frank, que é incomparavelmente prodigioso; o inglez manda-nos polvora para nos aquecermos, e estas laranginhas tão doces para nos refrescarmos... accrescentou Kergouet mordendo n'uma laranja como se fosse n'uma maçã.

— Essas laranjas, não são cá para um homem comer, diz Frank, isso é bom para *paraltas*, e eu cá admiro que vós, que tendes sangue-frio, as aproveiteis... Bem... bem... não respondais com a bocca cheia. Quanto ao outro presente do inglez, quero dizer, quanto á polvora, isso, meu velho, não é máo, porque a vossa só presta para foguetes.

— A esse respeito tive eu um cruel aperto de coração quando a molhei, Frank; tão bella fazenda assim perdida, em logar de a arranjar aceiadamente nas cartucheiras e cartuchos! ajuntou o artilheiro burguez com um suspiro. Mas emfim cá está a ingleza, veremos o seu effeito; porque o commandante mandou carregar as peças com duas balas.

— Com duas balas, mestre Kergouet? diz Frank, com duas balas! olha... que o commandante quer servir bem o seu amigo.

— O commandante não é ahi nenhum sovina, e sempre faz as cousas muito bem feitas; ora, a proposito disso vou para a minha loja, diz Kerguet desapparecendo na bateria.

XLVI.

VÔO D'AVE.

— C'est la chance de la guerre.

BUKKE. — Oneida,

Uma cousa que tambem singularmente me impressionou durante um combate (fazendo abstracção do estrondear da artilheria) foi esse morno socego que apresenta o exterior de dois navios que todavia se batem com raiva; foi a impassibilidade daquelles cascos negros com vélas brancas que, fixando em seu seio todo um mundo devorado das paixões mais vivas, todo entregue á exaltação febril de uma lucta encarniçada, nada trahem, nada revelam no exterior, e passeiam sobre o Oceano a sua fria immobilidade, singular como a da mascara inanimada que cobre um rosto contrahido pelo odio ou desprezo.

Desculpe-se esta eterna comparação; mas em terra ve-se os regimentos moverem-se pesadamente com a sua floresta de bayonetas que ondulam e luzem ao sol; vê-se as peças correr ao galope sobre as suas carretas, a cavallaria avançar e fazer turbilhar o pó; depois cruzam-se as ordens em todos os sentidos, carroças, caixotes, ambubulancias, desfilam lentamente por sobre a estrada; mil accidentes em fim de terreno e de construcção molduram este quadro já tão cheio, tão movediço e animado.

Mas no mar!... no mar!... que differença! que magestoso espectaculo o d'esse combate solitario e encarniçado

de dois navios, de dois atomos para esta immensidade, que luctam com furia sobre esses abysmos desertos e sem fundo! Mas os detalhes matariam o effeito de um quadro similhante... E' preciso, para o julgar, que seja visto de alto e de longe... por isso, figurai-vos que, collocado na barquinha, de um ærostato, ou sobre o cume de uma montanha elevada, assistisseis a essa acção mortifera que vai ter logar entre as duas fragatas commandadas pelo conde de Vaudrey e por sir Jorge.

Vede... por toda a parte vacuo, solidão profunda como o Oceano. Vede... o céo está puro e sereno, o mar magnifico, e o sol lança uma poeira prateada no cume escumoso de cada ondazinha verde . . O vento é bastante fresco para enfunar com graça as vélas transparentes das fragatas, sem fazer experimentar aos navios uma inclinação demasiada.

Aquelle bello navio doirado que vedes scintillar acolá em baixo, sob as rugas ondulantes de uma bandeira branca, é a *Sylphide*. Este navio todo negro grave e sombrio, que com tanta seriedade desenrola larga bandeira vermelha esquartelada de azul, é o Lively.

Bem que sejam a alcance de bala de artilheria, nenhuma das duas fragatas mandou ainda a sua banda. Sir Jorge estava a barlavento, ou á direita; o conde de *Vaudrey* a sotavento, ou á esquerda.

Os dois navios approximam-se em sentido inverso um do outro, como dois carros que se vão cruzar na mesma estrada; isto é a prôa da *Sylphide* olha para a prôa do *Lively*. Mas, no momento de se achar collocada parallelamente á ingleza, a franceza arreia com graça a sua bandeira até meio-mastro e iça-a logo. E' uma acção de cortezia do conde de Vandrey que convida sir Jorge a atirar primeiro. A bandeira vermelha é arreada içada tambem; é sir Jorge que retribue o comprimento e acceita a offerta cavalheiresca do conde. Cinco minutos depois da troca d'estas generosas cortezias as duas fragatas estão, pelo travez uma da outra, a distancia de tiro de espingarda.

Corre então uma larga linha de fogo e illumina o costado negro do *Lively*: é a acção que começa. A mesma linha chamejante resplandece no costado direito da *Sylphide*, que responde á banda inimiga. Depois as duas fragatas continuam seu caminho, uma para leste outra para oeste, deixando no logar do combate uma espessa nuvem de fumo azulado que o sol reflecte com as cores prismaticas da opala. Depois de terem percorrido meia milha na sua direcção, cada navio vira de bordo, volta-se, vem novamente sobre o inimigo, assim como n'um torneio dois nobres campeões fazem uma volta e se preparam para segunda corrida.

Somente d'esta vez quando os navios se tornam a encontrar a distancia que os separa no seu ponto de parallelismo é muito mais diminuta, porque distam um do outro meio tiro de pistola.

Duas listras de flamma guarnecem as duas fragatas quando se tornam a

cruzar; e ainda aqui não fica, uma multidão de pequenos fogos luminosos, saindo do alto das gaveas e dos passadantes, annunciam que a fusilaria se junta a artilheria. D'esta vez depois de os navios se adiantarem ; vê-se um dos elevados mastros do *Lively* vacillar por um instante, depois cair arrastrando comsigo a sua vela, pobre véla branca que bate sobre o costado negro do navio, estorvado no seu andar como um *goeland* que arrastra dorido a sua aza palpitante e quebrada pelo chumbo.

Mas eis-que a Sylphide aproveita habilmente da desaventura do inimigo, é a primeira a virar de bordo, e volta de pannos largos sobre o *Lively*, que não tendo tempo para fazer a mesma evolução, apresenta a pôpa á artilheria da franceza. Ora, como a popa é a parte mais fraca e vulneravel de um navio a banda da *Sylphide* n'ella penetra em todo o comprimento ; junta-lhe um fogo de mosquetaria, que offuscava pela sua vivacidade, passa avante do inglez sempre immovel, vira segunda vez de bordo, de sorte que as duas fragatas se encontram em a sua primeira posição, tendo reparado a sua avaria, avança então contra a *Sylphide*, mas desviando-se fortemente sobre a sua esquerda, afim de diminuir mais a distancia que as ha-de separar no momento de seu encontro paralelo.

E a *Sylphide* adivinhando por esta manobra que o inglez quer tentar a abordagem, acceita-a generosamente ; ella carrega com graça sobre a direita, as duas fragatas se encontram lado a lado trocam uma derradeira banda quasi á queima roupa, e os arpéos ou unhas de ferro se lançam de um para o outro navio para os prender entre si.

Então se estreitam e enlaçam assim como dois vigorosos atheletas no momento da lucta. Isto é a abordagem. A mosqueteria scintilla por um instante, porque o uso do canhão se torna impossivel, e depois tudo se extingue e se cala, a esse estrondo succede-se o morno silencio da arma branca, porque se servem de sabre, do punhal da machada, do chuço, das unhas e dos dentes. Mas a vôo d'ave não se distingue nenhum destes vís detalhes; não, meu Deus. Vê-se unicamente. no meio de um mar sereno e transparente , debaixo de um céo risonho, dois nobres e engraçados navios, doirados pelo sol, estreitamente ligados um ao outro, como novinhos e bellos cisnes que brincam e se perseguem sobre a onda azulada de um canal.

Quanto á abordagem em si, é facil fazer uma idéa. Basta figurar que cada fragata leva 300 homens de equipagem, e que esses seiscentos homens se degolam com arma branca n'um espaço de 120 pés de comprimento sobre 38 de largo (comprimento e largura da coberta de um desses navios) e que este espaço fica ainda restricto uma terça parte pelos mastros, carretas, embarcações, e cadaveres.

Mas, repito, a vôo d'ave ou a vôo de gloria (se assim se póde dizer), todas estas mesquinhas particularidades se destruem, e um combate naval ou uma abordagem offerece á vista o

quadro mais seductor que se póde imaginar. Ao cabo de vinte minutos que durou esta carnificina, a bandeira encarnada desceu de repente não para tornar a subir e saudar orgulhosamente como antes do combate; mas envergonhada, desesperada, cheia de sangue, para não mais tornar a apparecer; e em seu logar se elevou magestosamente uma larga bandeira branca igual á que fluctuava na driça da *Sylphide*, menos nos buracos e farrapos a que esta ultima estava reduzida.

Isto significa que a fragata franceza tomava posse da ingleza que conquistára. Depois as duas fragatas soltam-se uma da outra, continuam a estar á capa, deitam as suas embarcações ao mar, e por espaço de uma hora ha uma troca continua de lanchas entre os dois navios. Isto significa que se encerra a equipagem do *Lively* no porão da *Sylphede*, porque é prisioneira de guerra, e que o *Lively* recebe por guarnição metade da maruja da *Sylphide*. Terminada esta operação, as duas fragatas reparam as suas avarias, e poem-se a navegar tranquillamente de conserva, como duas vélas amigas que eram; porque o *Lively* era desde este momento contado entre as fragatas de sua magestade o rei de França.

Mas, ao descer de tão alto para considerar de mais perto os dois actores desta lucta, lembrai-vos do que tendes sem duvida experimentado á vista de um forte sitiado, quando depois do assalto vos é permittido examina-lo em detalhe.

Em quanto o assedio durou, não saindo da sua bateria, não podieis fazer uma idéa do estrago que causavam essas pesadas balas de 48. Porque a cada projectil que chegava aos revestimentos, víeis voltejar um pouco de pó, e nada mais. A muralha parecia-vos tão intacta como no primeiro dia. Mas uma vez feita e tomada a brecha, uma vez que possais aproximar-vos das muralhas, então não mais creis os vossos olhos; esses baluartes que de longe vos pareciam tão intactos não são mais que ruinas; fendas, destroços. cada bala teve o seu quinhão, a praça está desmantelada. Da mesma fórma ao aproximar-vos das duas fragatas que de longe pareciam tão intactas, descobris os vestigios das balas nas obras vivas, os mastros esburacados, as vergas mutiladas, os pannos e apparelhos rotos, e a magnifica popa da Sylphide, negra, fendida pelo fogo, parece-se com essas velhas paredes doiradas que, vistas de longe, teem ainda certo brilho, mas que de perto revelam a sua robustez, e se mostram destruidas e sordidas.

A camara do conde, essa camara tão elegante e de tão bom gosto, não tinha tambem escapado ao desastre; brutos e estupidos projectís tinham despedaçado os cristaes e porcelanas, despedaçado as armações de seda, esburacado os tapates, e arrombado os caixotes de flores, donde caíra a terra para o chão: essas *stores* de setim tão diaphanas, cobertas de pinturas tão ricas e frescas, estavam negras e quei-

madas pela polvora; restava apenas vestigio dos canapés doirados; os armarios de páo de rosa e de sandalo estavam feitos pedaços, e os repositeiros de damasco azul todos esfarrapados eram ensopados n'um lago de sangue.

E' que na verdade o combate fôra encarniçado, é que duas vezes a onda sombria e mortifera da abordagem fizera irrupção sobre o convez e bateria da *Sylphide*, e, como a onda da tempestade, deixára após si a morte e a devastação. Porque nessa galeria, que parecia ainda vibrar ás detonações da artilheria, via-se aqui e além cadaveres que não houvera tempo para levar para outra parte, armas em pedaços, cabos, buxas, bocados de vigas. E depois, sobre uma peça, levada para alli durante o combate, como peça de retirada, estava sentado o conde de Vaudrey, sem veste e sem farda, com a camisa ensanguentada; o fiel Germeau o sustinha nos braços, e o doctor Gedeão, mui preoccupado, introduzia uma sonda d'aço n'uma larga abertura vermelha que o conde tinha um pouco abaixo da clavicula direita.

Monval, com o braço ao peito, e S. Salvador com a cabeça atada, estavam encostados um ao outro, e pareciam olvidar os seus proprios soffrimentos, tão attentos pareciam elles aos menores gestos; á menor expressão da phisionomia do doctor. No fundo, á porta da camara, via-se um grupo de curiosos entre os quaes se notava mestre Frank, o patrão de Henrique; alguns contra-mestres e marujos que, esperando alli noticias do seu commandante, eram contidos pelos chuços que dois sentinellas tinham encruzados, afim de substituirem as taboas das portas destruidas durante a acção.

O doctor Gedeão, vão e importante, como todo o homem que sabe que com uma palavra, com um signal, póde annuviar ou alegrar os rostos que o examinam, tirou a sonda de ferida, e applicou-lhe o ouvido de mui perto. Depois de um momento de silencio assustador... affastou o ouvido... tornou outra vez a pôl-o... escutou outra vez... e disse emfim enxugando cuidadosamente a sonda com uma ponta do seu avental: — A ferida não é penetrante, não ha perigo algum, senhor conde.

Seria difficil descrever o effeito que produziram estas poucas palavras; brados de alegria e vivas se espalharam por todo o navio. Henrique ficou commovido, uma lagrima brilhou em seus olhos. — Viva Deus! senhores, diz elle, confesso que sinto mais prazer em ouvir estes testimunhos de affeição do que tive em ver arrear-se o pavilhão vermelho para dar logar ao nosso...

Depois accrescentou tristemente: — Pobre *sir* Jorge... Ah! senhores, a marinha ingleza acaba de soffrer uma grande perda, porque a defeza e a morte deste intrepido marinheiro foram bem gloriosas.

Depois, como para repellir estas ideas penosas, o conde ajunctou: — Senhor de Monval, mandai prevenir o tenente de que, em quanto o meu criado grave tapeceiro vai pôr esta camara n'algu-

ma ordem, eu vou a bordo da minha preza; porque penso que a galeria do *Lively* ficou menos maltractada do que a minha.

João Thomaz, como immediato, tinha tomado o commando da fragata ingleza.

— Esta mudança não póde fazer mal algum ao senhor conde? perguntou Germeau ao doctor Gedeão.

— Nenhum, respondeu o Esculapio; alem de que hei de acompanhar o senhor conde, se elle o permittir, porque eu desejava ver o meu amigo João Thomaz, que foi ferido, verdade é que levemente, por esse animal endiabrado do *commodore* inglez.

— Por Deus! calai-voz... calai-vos, senhor, diz Henrique violentamente, não me recordeis essa horrivel scena... Pobre Jorge accrescentou o conde fallando comsigo mesmo... pobre e leal Jorge, já cheguei tarde ao pé delle, que me disse tão tristemente com a sua voz doce: «Bem vos dizia eu que a felecidade não era para mim, meu querido conde... mas dareis testimunho de que defendi com bravura o meu pobre Lively, não é assim? .. Adeus, meu querido conde... singular destino é o meu e o vosso... Não esqueçais as vossas promessas; aqui estão as cartas e o retrato.» E depois... disse me finalmente estas palavras que eu não intendo: «Mereci a sorte que tive, porque fui prejuro...» Que quereria elle dizer nisto? ajunctou o conde.

E, depois de um momento de reflexão, exclamou: —Inferno! maldicção! ver perecer assim um homem tão leal e generoso! é para enlouquecer.

— Socegai, senhor, diz o doctor, que desarranjais o apparelho... Mas a embarcação está prompta, e, se quereis, vamos para bordo do *Livèly*.

E Henrique apoiado nos braços de Germeau e do doctor, deixou a *Sylphide*, cujo commando ficou temporariamente confiado ao marquez de Miran. No momento em que o conde punha o pé no portaló, voltou-se para mestre Frank, que o havia seguido com o barrete na mão, e lhe disse: — Como vai mestre Kergouet?

— Assim, assim, meu commandante, tens a mão direita alguma cousa escangalhada, ou toda, porque tem o pollegar e os tres dedos grandes de menos por causa de um tiro de metralha; e agora está á espera do major para saber o que é...

— Pois bem! doctor, diz Henrique, a ferida deste pobre diabo me parece mais grave do que a do tenente; se começasseis por elle?

— Já vol-o propor, commandante, porque Thomaz apenas tem uma arranhadura que lhe fez o *commodore* inglez ao cahir, o punhal escorregou para uma costella falsa, porque o *commodore*...

— Basta, senhor, diz Henrique com impaciencia descendo para o seu escaller.

— Aonde está o mestre artilheiro? diz Gedeão a Frank.

— No seu quarto, por aqui major.

E o mestre e o doctor se dirigiram para vante, desceram pela pequena es-

cotilha, e chegaram á camara estreita que o artilheiro burguez occupava por baixo da cova dos leões. O digno mestre, posto que assentado n'um catre, estava cuidadosamente empoado segundo o seu costume, o o Losopho acabava de o barbear. Ao pé do catre, estava Daniel, que segurando uma grande garrafa e um copo, se preparava para dar de beber ao mestre, — Diabo... diabo... a tua navalha morde perfeitamente... Losopho, dizia o artilheiro burguez, passando a mão pela face com precaução; porque a epiderme estava levantada aqui e alli, segundo os caprichosos desvios do aço de Losopho.

— Lá isso, póde ser, não m'admira que morda a minha navalha, mestre, diz o Losopho, porque dentes não lhe faltam... Deus de Deus... é uma verdadeira serra, como lhe chamou o esfollador.

— E isso é muito agradavel p'r'os teus freguezes, animal... exclamou o artilheiro furioso.., mas vendo Gedeão. — Ah! é o senhor doctor. Senhor doctor, tenho muita honra em vos apresentar a minha muito humilde reverencia, ajuntou Kergouet inclinandose mui polidamente sobre o seu catre...

— Então, diz Gedeão... que temos nós lá!.. nessa mãosinha?...

— Oh! meu Deus! isto não é nada, diz Kergouet mostrando o braço envolto n'uma especie de emplastro de estopa, foi no fim da coisa, quando aqueceu mais... todos os meus serventes de peça de caça estavam demolidos, quiz eu mesmo carregal-a, e foi um esgalho de uvas (1) que me açoitou .., só me faltam quatro dedos, e julgo que isto nada será, porque já fiz uma especie de remedio.

— E que diabo pozestes ahi? exclamou Gedeão com horror, tocando com a ponta das suas thesouras no chumaço de filaça que escondia a ferida.

A esta pergunta o Losopho desappareceu subitamente nas pontas dos pés, mettendo o *esfollador* na algibeira. — O que eu puz na minha ferida? perguntou o artilheiro,

— Sim, sim, esse monte de immundicie que ahi estou vendo, diz o doctor com impaciencia...

— Senhor doctor... fallando com o devido respeito, isto não é immundicie, é uma coisa excellente, é um remedio mui simples, composto em Lima debaixo da inffuencia de Saturno e da cruz do Sul; aqui dentro ha nem mais nem menos do que: rabo de leãosinho, olhos d'andorinha do mar, um dente de tigre femeo, e gordura de elephante; o resto é unicamente herva de cão, e *curry* regada com urina de rhinoceronte.

— E quem vos deu essa bella receita?

— Não m'a deram, senhor doctor, é o Losopho que foi tão bom rapaz que m'a cedeu: aprendeu-a com a sobrinha de um *cacique*, dama que elle conheceu no sul, e até parece que o mesmo cacique não dava este remedio se-

(1) Chama-se assim aos biscainhos atados uns aos outros.

O. A.

não a seus parentes ou amigos intimos, e a mais ninguem.

— E na vossa idade, mestre Kergouet, caís em similhantes tolices?

— Eu não sou nenhuma criança, disse o artilheiro escandalisado, sei distinguir o charlatanismo de um remedio tão natural como este...

Depois o artilheiro acrescentou mentalmente: Isto é ciume de officio, não é outra coisa.

— Como quizerdes, disse Gedeão, como quizerdes. Mas, uma vez que eu vou curar-vos, se tornar a ver essas porcarias, tractar-vos-eis com quem vos parecer.

E o doctor poz o apparelho sobre a mão do mestre. Neste momento o contra-mestre Rapin entrou estrondosamente no quarto, com o barrete na mão, e o rosto radioso.— Então! mestre Kergouet, disse elle approximando-se do artilheiro, e meneiando a cabeça com ar triumphante, então! dizse que isso vai bem; tanto melhor os vossos artilheiros e eu batemos a aza como pombinhos com calma... Mas, dizei, mestre, isto é burguez, hein! ter a mão escangalhada pela metralha.... está completa a vossa quarta ferida? Hein! isto é burguez?.. Hein! dizei lá que isto é burguez, mestre... hein!

— Safa, que é massador com os seus hein, exclamou mestre Kergouet; depois redarguiu com mais sangue-frio erguendo os hombros e olhando para Gedeão:

— Parece-me, senhor doctor, que é impossivel encontrar um pato mais pato que aquelle; mas, Rapin, entre burguezes devem haver attenções, e quero responder-vos e convencer-vos, para vosso proprio interesse, que sois um animal bruto e brutissimo... Escuta lá, Rapin, meu amigo; tenho em Brest um amigo intimo, o senhor Joliot, confeiteiro e negociante de chocolate; o senhor Joliot está bem longe de ser militar, e sobretudo artilheiro, porque costuma dizer, fallando da imprudencia que se commette em carregar armas de fogo, que não estaria socegado dentro de um barco se soubesse que no fundo do mar estava uma espingarda, descarregada que fosse, porque se não sabe o que está para acontecer: assim não dizeis, Rapin, que o meu amigo Joliot seja militar e artilheiro, não é assim?

— Não, mestre, lá isso não! um confeiteiro é sempre um confeiteiro.

— Bem, Rapin, muito bem; comtudo um dia, ao pizar o seu cacáo, o meu amigo Joliot metteu a mão na sua manivela, e, assim como eu, lá deixou quatro dedos e o pollegar! Então é militar, artilheiro, por isto que lhe aconteceu? exclamou Kergouet com ar triumphante. Parece-me que isto não tem replica. Se comtudo podeis responder a isto, respondei, Rapin, respondei, eu vol-o permitto, a isso vos auctoriso; entre burguezes, póde e deve dizer-se tudo, devemos esclarecernos com a mais leal reciprocidade; alem disso sei conhecer a verdade, e adoro a rasão, por immunda e repugnante que seja a boca que com ella venha illuminar-me...

— Sempre sois muito bom, mestre Kergouet, disse Rapim enxugando os labios, no entanto racionaes como um ouriço do mar, e nada mais.

— Como um ouriço! exclamou Kergouet dando tal salto no catre, que o doctor blasphemou.

— E um ouriço, que não estivesse em seu juizo, que estivesse com a sua pinga, tornou Rapin friamente; porque, bem vedes, mestre, que não é rasão serdes fracalhão como um confeiteiro, para que um fogo militar vos levasse a mão, que não é uma rasão para o chocoloteiro se julgar artilheiro o ter ficado sem pata ao fazer o seu chocolate... civil...

— Ah! é assim mesmo disse mestre Kergouet, pois então, já que é tal qual, fazei-me o favor de ir cuidar de mandar alimpar as vossas peças e pôr a bateria em ordem, em logar de vir par'aqui dar a taramella e inundar-nos de tolices revoltantes que só ouvil-as repugna... Tolo... animal... imbecil, bruto!..

— Mas, mestre, disseste-me...

— Vamos, vamos, nada de rasões, toca a aviar, tornou Kergouet, que, segundo o seu costume, cortava logo qualquer discussão em que elle previa que não poderia brilhar.

E o doctor tendo terminado o seu tratamento foi pedir uma embarcação a Monval para ir ter a bordo do *Lively* com o seu amigo Thomaz...

Não tardou que as avarias das fragatas fossem reparadas, estes dois navios continuaram a crusar de conserva nas paragens dos Açôres, sob as ordens do conde de Vaudrey, que içou a sua bandeira de commandante a bordo da *Sylphide*.

XXXXVII.

O ABBADE DE CILLY.

> Mais le désespoir lui même, pour peu qu'il se prolonge, devient une sorte d'asile dans le quel on peut s'asseoir et se reposer.
>
> Saint-Beuve. — *Vida de José Delorme.*

Mysterioso e singular poder o do poeta!... divindade bastarda! providencia em ponto pequeno, pobre deus mortal, que tira comtudo do negro e profundo chão... (do seu manuscripto) homens e mundos; que, a seu belprazer, povoa solidões ou devasta cidades; que com um sopro da sua intelligencia alevanta vendavais, accende o raio, ou baloiça a claridade da lua sobre as aguas priguiçosas de um lago.

O poeta! deus clemente ou tyranno que volve sobre a terra victimas e algozes, bons e máos, entes engraçados e repellentes, fortes e fracos; de que elle se torna depois implacavel destino, fazendo succumbir uns e triumphar outros, concedendo a estes a prosperidade, áquelles o desespero, não seguindo o merito de cada um, mas seguindo a influencia que reage sobre elle... deus mortal! a sua ceia da vespera... a amante do dia seguinte... a saude do seu cavallo favorito... a côr de uma nuvem... um so-

nho... uma recordação... ou menos ainda.

Ah! sim... porque estes deuses-poetas são muito frageis, e parecem-se, feição por feição, com as antigas e burguezas divindades mythologicas, com esse Jupiter gordo e libidinoso, com esse Mercurio insolente e travesso, e com tantos outros desses immortaes que aborrecendo-se da ambrosia, e do seu ether, se escapavam algumas vezes para vir amar, rir e banquetear-se cá a este mundo, como grandes senhores que andam atraz das costureiras, e pelos botequins, e tratavam assim da providencia e da remuneração entre dois vinhos... ou entre dois braços.

E tudo isto graças a essa damnada reacção do physico sobre o moral, porque era esse o lado vulneravel do paganismo, ter dado sentidos aos seus deuses, sentidos que, em razão da sua natureza divina, tinham por isso a maravilhosa propriedade de sempre renascerem e de nunca se acharem saciados; de sorte que este pobre mundo servia de casa de recreio aos mestres do trovão.

Ora pois voltando ao nosso deus poeta, se o censuram por seguir os caprichosos desvios do seu pensamento, das suas recordações ou da sua organisação para resolver o problema da existencia das personagens que creou, sem pagar logicamente a cada um, segundo as suas obras... não se pode alem disso responder que o ente mysterioso que se diverte em escrever incessantemente esse eterno romance que se chama o genero humano, authorise os mais singulares resultados pela singularidade de algumas das paginas dessa triste buffoneria.

E, a este respeito, recordo-me de que um irmão de meu avô (conego de Reims) me costumava dizer: « Meu querido filho... em jogos de sorte, jogai sempre á sorte... »

Ora, estas palavras continham, a meu ver, uma verdade profundamente moral, porque era dizer o que é, era dizer que tamanha loucura é esperar achar alguma coisa de consequente e de logicamente ligado na successão dos acontecimentos que compõem a existencia humana, como querer calcular ao certo as alternativas do *creps*, e da banca. Era emfim dizer que o que nesta vida de sortes se póde fazer com mais sabedoria é jogal-a... á sorte.

Quanto a estas milagrosas analogias, a estas coincidencias tocantes, a estas grandes lições providenciaes dadas ao mundo, hão de permittir-nos que olhemos estas maravilhosas explicações do passado como tão convincentes como as desses tres commentadores dissidentes, que, com uma irrecusavel lucidez, cada um delles achava uma intenção differente (mas sempre profundamente moral e philosophica) em não sei que quadro de Hogarth. Desgraçadamente para as senhoras dos commentarios, o bom Hogarth confessou francamente que aquellas bellas cousas não haviam entrado, como cousa sua, na composição da sua obra toda

de imitação, que, agora me recordo, representava um homem adormecido á borda de um caminho.

Depois disto, consideradas como jogos de espirito, estas supposições e aproximações são passa-tempos mui agradaveis, e senão uteis, ao menos tão divertidas como a combinação de um logogripho.

Mas tornemos a esse ambicioso parallelo do poeta e de Deus.

Um dos privilegios mais preciosos do poeta é tambem lêr no fundo do coração das creaturas de que elle povoou o seu mundo; porque póde, se bem lhe parecer, arrancar todos os véos e mostrar as almas que fez (algumas vezes tambem á sua imagem) na sua linda ou medonha nudez. Usurpando este privilegio (porque estamos bem longe de ser poeta), vamos, digo, procurar dar ao leitor uma idéa assaz exacta desse sacerdote, cuja ironica e severa linguagem tinha poder de singularmente impressionar o conde de Vaudrey.

De mui antiga e honrosa familia descendia o abbade de Cilly. Havia cerca de dois annos que abraçára o estado ecclesiastico, e os acontecimentos que a isso o decidiram merecem serem descriptos. O abbade passou a maior parte da sua mocidade em um castello situado ao meio dos Vosges, uma das principaes propriedades de seu pai, o senhor barão de Cilly, homem mui espirituoso, que, depois de ter brilhado muito na côrte do regente e de Luiz XV, se fatigou dessa existencia frivola e ôca, deixou Versailles, e casou-se, moço ainda, com a filha de um dos visinhos do seu castello.

Depois de um anno de casada, a baronesa morreu ao dar á luz a Arthur, agora abbade de Cilly. O senhor de Cilly, reflectindo bem na morte de sua mulher, pouco a sentiu; quasi até a estimou, porque talvez a contrariasse, se continuasse de viver, o desenvolvimento da singular e forte educação que pretendia dar a seu filho.

Achando-se pois Arthur submettido a uma unica influencia, seu pai cuidou seriamente no plano que traçára para educar seu filho, que absorvia todas as suas idéas, todo o seu porvir. Porque, como já dissemos, ainda moço, e aborrecido do mundo, o senhor de Cilly esperava uma felicidade infinita em ver crescer seu filho aos seus olhos, e em seguir passo a passo o desinvolvimento das suas faculdades.

Porém elle levava o ciume paterno a tal ponto, que para elle seria um supplicio vêr um preceptor dar as menores lições ao seu filho; queria que Arthur tudo recebesse d'elle: corpo e espirito. Por isso, animado por esta esperança, e movido por uma vontade forte, o senhor de Cilly já bastantemente instruido, se entregou novamente a estudos scientificos e variados: dotado de uma memoria extraordinaria, e graças a uma bibliotheca numerosa e escolhida, dentro de alguns annos chegou aos limites do vasto campo que havia traçado á

sua intelligencia, senão mui elevada, ao menos infinitamente laboriosa e sagaz.

Possuindo além disso algumas linguas mortas e vivas, nenhum ramo de conhecimentos physicos ou moraes lhe era estranho inteiramente. Bom musico, bom pintor, de uma habilidade pouco commum nos exercicios corporaes, o senhor *de* Cilly era n'uma palavra um homem completo... completo, menos o genio, que cria e segue a estrada solitaria que imperiosamente se abriu.

Mas, se o senhor *de* Cilly era inapto para crear, não havia homem no mundo que melhor aproveitasse as creações alheias... quem melhor lhe espremesse todo o suco, e por assim dizer a si o apropriasse. Emfim, se não era a harmonia melodiosa e potente que faz vibrar os ares, era ao menos o echo mais exacto, mais puro, mais perfeito dessa melodia.

Confessar-se-ha que similhantes faculdades, junctas ao seu profundo amor paterno, ao seu character recto e generoso, faziam do senhor de Cilly o mais raro dos preceptores. Por morte de sua mulher, não quiz ama para Arthur, porque o senhor de Cilly tinha a este respeito idéas talvez extravagantes, mas extremamente determinadas. Pretendendo que uma creança podia moralmente herdar por essa via inclinações baixas e vulgares, que mais tarde era difficil suffocar, quiz fazer crear o seu filho por uma creatura que não podesse ao menos transmittir-lhe senão instinctos puramente physicos; para isso, o senhor de Cilly escolheu a cabra, a cabra viva, esperta, infatigavel, pensando que a constituição de seu filho não poderia senão ganhar nesta especie de herança animal. Não se enganou, e as forças e o temperamento de Arthur se desinvolveram com uma prodigiosa energia.

Mas se o senhor de Cilly sorria orgulhosamente á graça e ao vigor de seu filho, não se poderiam accreditar as angustias que o torturaram até ao momento em que pôde assentar conjecturas rasoaveis sobre a capacidade do espirito de seu filho. Pensai pois com que devoradora inquietação devia espiar cada impulso, cada balbuciação, cada desejo, cada instincto desse filho que havia sonhado que sairia espirituoso e intelligente!

Que anciedade dolorosa!... que timidez nas suas experiencias!... que de hesitação nas suas esperanças!... que de alegrias cruelmente suspensas, quando esse pobre pai, desconfiando da sua parcialidade, se tornava quasi injusto para com seu filho, tal era o receio que tinha de se deixar surpreender por um cego amor! Mas imaginai tambem qual foi a immensa felicidade do senhor de Cilly, quando descubriu que o seu Arthur, bonito, esperto e vivo, parecia prevenir e tranquillisar a timida curiosidade de seu pai pelas perguntas de uma perspicacia pouco commum, posto que candida e infantil. Porque o que tornava ainda o senhor de Cilly o mais feliz dos homens, era ver que o seu

filho tinha a linguagem, o espirito e alegria encantadora da sua idade, e não o porte estupido e serio, as idéas grotescamente avançadas desses pequenos prodigios que têem a vantagem de mostrar aos dez annos a insipidez pretenciosa, de que talvez se teriam envergonhado aos vinte, e de serem imbecís um pouco mais cedo e para sempre. Pobres creanças, pobres cabecinhas frescas e louras que pais estupidos escondem sem piedade debaixo de grandes cabelleiras de velhos!

Foi pois, vendo manifestar-se o espirito atilado e prompto de seu filho, sobre tudo por uma curiosidade rasoavel, uma comprehensão viva e uma apreciação correcta, que o senhor de Cilly ficou largamente pago dos trabalhos immensos que a si havia imposto. Com effeito, Arthur, familiarisado cedo com os estudos mais abstractos, dotado de uma imaginação ardente, que a solidão mais ainda exaltára, achando nas artes o mais amavel passatempo, entretendo o seu vigor, e repousando a sua applicação de espirito na caça, esgrima e equitação, desenvolvendo-se livre e forte no meio desse ar vivo e puro das montanhas; Arthur, digo, chegou aos seus vinte annos, tendo pouco mais ou menos abraçado o circulo dos conhecimentos humanos que seu pai lhe havia feito percorrer; mas possuindo o que seu pai não tinha: um genio creador que aqui e além se revelava, por assim dizer, sem o elle sentir, ora nas poesias cheias de graça e de serenidade, ou nos largos esboços de uma côr potente e luminosa, porque havia uma affinidade intima entre os versos, a pintura e a musica deste mancebo, porque a poesia é uma só, quer se traduza por um canto, um poema ou um quadro; sómente o genio completo falla estas tres linguas.

Mas, por uma anomalia singular, Arthur juntava a este verdor, a esta riqueza de pensamentos, uma forte tendencia para um espirito implacavelmente analytico. Esta derradeira e terrivel faculdade de analyse tinha sem duvida sido tão cedo nelle desenvolvida, pelo habito das sciencias mathematicas e physicas de que seu pai lhe dera os primeiros elementos, e que elle profundára tanto quanto possivel.

Ora, nesta idade em que a infancia apenas acaba para a mór parte dos homens, Arthur, bello, rico, e bem nascido, de um caracter nobre e firme, podia já mostrar-se grave e erudito com os sabios, artista com os artistas, cavalleiro complete com os homens da boa sociedade.

Por isso, vendo esse filho admiravelmente prendado, o senhor de Cilly teve um momento de extasis e de orgulho indefinivel. Mas de repente d'elle se apoderou um sentimento de horrivel tristeza dizendo comsigo: Se eu morresse amanhã, este coração ingenuo, bom e generoso, achar-se-ia lançado n'um mundo egoista e indifferente... que futuro meu Deus! A pobre creança, como o homem de fabula, trocará essas bel-

las peças de oiro por folhas seccas; e quem sabe então se a amargura das decepções não depravará essa alma até ao prezente tão pura e elevada? Não, não hade ser assim; antes de ver o mundo, meu filho ha-de conhecel-o tal qual elle é; e tambem esse estudo theorico dos homens servirá de alimento á devorante actividade do seu espirito...que algumas vezes me aterra.

O senhor de Cilly começou pois de reunir as suas recordações, a fim de contar a seu filho a sua vida toda inteira, com os seus prazeres e desgostos, sem affectar uma misanthropia ridicula, ou uma adulação pueril pelas conveniencias sociaes. Escreveu pois memorias, preciosas por isso que, narrando com singeleza a existencia de um senhor muito da moda no tempo do regente e de Luiz XV, resumiam todas as posições, todas as phases, todas as alternativas da vida de um homem do mundo, e deviam ser, aos olhos de Arthur, o plano exacto e preciso do paiz que um dia teria a percorrer. Unicamente, como nas memorias se tractava de numerosas boas fortunas, o senhor de Cilly, arreceiando que similhantes descripções dessem má direcção ao espirito de Arthur, sabendo tambem o imperio que toma uma mulher destra e do mundo, quando é a primeira que desperta ou satisfaz os nossos desejos, o senhor de Cilly, digo, para arrancar Arthur ao perigo d'estas influencias futuras, comprou a filha de um dos seus rendeiros, uma joven, bella e estupida creatura, e a deu por amante a seu filho.

O senhor de Cilly obrava d'esta forma mui sabiamente, porque teria deixado de conseguir o seu fim se as suas confidencias tivessem produzido sobre a ardente e joven organisação de seu filho o effeito de um livro obsceno; queria, ao contrario, que Arthur, tendo primeiro saciado os sentidos, fosse capaz de só vêr uma sequencia de provas e deducções moraes nas lições da experiencia paterna, em logar de se prender avidamente a tudo o que essas revelações deviam ter de material e de grosseiro.

Foi então que o senhor de Cilly julgou poder apresentar a seu filho o quadro do mundo tal qual elle o vira, sem o poupar e sem escrupulos, sem cousa alguma exaggerar nem diminuir. Mostrou-lhe a sociedade verdadeira, com os seus amores ephemeros e sensuaes, as suas amizades hypocritas e a sua felicidade superficial; n'uma palavra, nada lhe occultou, não só por convicção, mas por uma especie de egoismo de que não podia perceber a causa, mas que lhe dizia que pintasse o mundo em toda a sua nudez, afim de que Arthur amasse ainda mais o amigo fervente e dedicado que achava em seu pai.

Ora, jámais lições tiveram um effeito mais subito, nem foram mais amargamente compreendidas. Aconteceu-lhe com as noções theoricas do mundo como lhe accontecera com as da sciencia: uma vez aberta a liça, indicado o fim, o genio penetrante de Arthur tinha transposto o espaço de um salto, dei-

xando bem longe de si seu pai, que o seguia timidamente com a vista.

Porque, graças a uma singular faculdade de intuição dada aos espiritos superiores, bastava em todas as coisas que Arthur tivesse o menor ponto de partida para chegar a uma conclusão clara e rigorosamente logica; por isso o senhor de Cilly ficou espantado dos sarcasmos desdenhosos que seu filho para logo lançou contra um mundo que todavia pintava com as cores mais verdadeiras e afflictivas.

Sim, o senhor de Cilly escutava Arthur com esse sentimento de terror que se experimentaria em ver a glande que se plantou crescêr... crescer... e tornar-se um carvalho, no espaço de um segundo; porque este homem desventurado julgára semear sobre um solo fertil, mas que seguiria ao menos as leis da natureza para fazer chegar tudo a seu tempo. Não, n'um instante cada fructo se tornava maduro, e caia deixando a sua arvore nua, triste e despojada.

Então o senhor de Cilly pretendeu desastradamente voltar atraz; porque em quanto a incrivel penetração de espirito d'Arthur só tinha alcançado as profundezas da sciencia, em quanto esse pobre pai não se tinha visto exceder pelo filho senão no exercicio da intelligencia, cheio do seu orgulho paterno, estava insolentemente orgulhoso por se sentir inferior a seu filho.

Mas quando viu esse filho possuir, aos vinte annos, um conhecimento do mundo tão antecipado, que, arrancando-lhe violentamente as suas illusões, sem lhe deixar o prazer de as haver possuido, devia impedil-o de ser logrado nas suas primeiras crenças e de saborear assim a unica felicidade que fora dado ao homem experimentar, o senhor de Cilly, advinhando o futuro mais triste para o seu filho, quiz arrancal-o a esse destino fatal.

Ah! já era tarde. a sua palavra fora mui exacta, mui clara, para não se stereotypar no espirito de Arthur, dotado de uma affinidade tão rara pela verdade. Por isso o senhor de Cilly se viu reduzído a invocar a sua experiencia pessoal contra a inexperiencia de seu filho.

Porém Arthur, erguendo a questão a uma esphera mais elevada, apoiou os seus raciocinios sobre a historia das revoluções politicas. Esse medonho e mesquinho egoismo que palpita no coração da sociedade, achou-o tambem medonho e mesquinho nas combinações vergonhosas da diplomacia, ou nas violencias brutaes dos conquistadores; com a differança, porém, que, mudando de nome, como um homem de fortuna, esse egoismo se fazia vaidosamente chamar machiavellismo ou tyrannia. Arthur provava pois que os resultados eram identicos, e que não havia necessidade de ser mais infame para sacrificar a alliança de um povo dedicado do que para trahir a affeição de um amigo sincero, explicando assim as más acções do homem politico pelas más acções do homem do mundo, porque dizia Arthur, « o poder elevando os homens não eleva por isso a sua natureza, mas dá-

lhes sómente occasião de invejar objectos mais importantes; de sorte que, ainda que o fim seja mais elevado, os meios que o homem emprega para lá chegar são sempre tão vergonhosos como miseraveis. »

Pela vez primeira, Arthur se viu pois em opposição directa com seu pai, o qual, fallando contra a sua propria convicção, achando em seu filho um adversario mais superior a si, viu-se na impossibilidade de luctar por mais tempo, e reduzido a calar-se, confundido do poder dos raciocinios de seu filho.

Desgraçadamente, Arthur, desvairado pela embriguez desta ardente discussão, arrebatado a seu pezar pelo irresistivel ascendente do seu genio, se havia elevado a uma esphera tão alta, que os signaes sagrados do caracter paterno tinham desapparecido a seus olhos, e só via em o senhor de Cilly um antagonista implacavel e que miseravelmente confessava a sua derrota.

Por isso longe de suspender, Arthur o perseguiu sem piedade; sómente, o seu fallar, de grave e medído que fôra ao principio, se tornou caustico e amargo; a sua convicção rebentou em fulminantes sarcasmos ou em agudas zombarias, como se o adversario contra quem combatia não merecesse outras armas. Finalmente, só poz termo a esta scena cruel, depois de, por assim dizer, ter obrigado seu pai a medir passo a passo a enorme distancia que delle o separava.

Mas a alma de um pai é um thesouro tão inexgotavel de amor, de perdão e de bondade, que o senhor de Cilly só lastimou a sua derrota porque não podéra arrancar seu filho de uma convicção afflictiva, bem que verdadeira.

Quanto ao azedume da discussão, conhecia muito o amor de Arthur para que isso o offendesse, quanto ao sentimento da superioridade de seu filho sobre elle, era de ha muito a sua alegria, o seu orgulho, a sua gloria.

Mas, ah! se a recordação desta fatal discussão não parecia dever nada mudar nas suas relações do senhor de Cilly com seu filho, que perturbação trouxe á vida de Arthur, quando, ao voltar a si, sahindo d'essa exaltação passageira, se recordou da terrivel descuberta que acabava de fazer! Não, não seria possivel pintar a espantosa angustia que experimentou ao pensar que acabava de apreciar para sempre o fraco alcance do espirito de seu pai; e com que profundo desespero viu cair o prestigio que até alli engrandecêra a figura paterna, e a tornara magestosa como a de Deus.

Porque, desde o momento em que descubriu a inferioridade relativa do senhor de Cilly, Arthur não pôde escapar a este pensamento importuno, cruel, que sem cessar lhe dizia: « Tu és superior a teu pai pela intelligencia. »

E desde esse momento o pensamento envenenou Arthur... porque elle adorava seu pai... Para logo formou tenção de não tornar a discutir com

elle e adoptar sem replica todas as suas opiniões; mas tambem receiou que dando prova de tão cega submissão o senhor de Cilly só visse n'esse assentimento perpetua e voluntaria abnegação do forte para com o fraco de quem desdenha.

Quando, ao contrario luctar contra elle, como se lucta com um egual em intelligencia, temia não tomasse elle esta resistencia pela arrogante convicção da superioridade que quer impor de si, por que tem direito para isso. Por isso, desde esse dia fatal, Arthur, preoccupado pela idéa constante de evitar qualquer discussão, tal era o receio que tinha de offender seu pai involuntariamente, tornou-se para com elle sombrio, taciturno, reservado; quasi que fugia delle; e não ousando mais entregar-se a essa inteira e doce familiaridade que, até então, reinára entre elles, passava horas e dias n'um morno silencio, e só com receio e desconfiança respondia ás perguntas de seu pai.

O senhor de Cilly para logo percebeu esta mudança irregular, e por largo tempo em vão lhe buscou o motivo; porque, como já dissemos, elle confessava lá comsigo tão francamente a sua inferioridade que ainda lhe não tinha vindo á idea que seu filho se podesse envergonhar delle... Mas as precauções d'Arthur trahiram desgraçadamente os receios da sua alma delicada e nobre; o senhor de Cilly enganou-se sobre o seu pensar, e acreditou firmemente que seu filho lhe testimunhava o seu desdem, quando ao contrario seu filho só tinha um fim, um voto, um desejo, o de affastar essa idea de seu pai.

Do instante em que esse erro fatal se tornou aos olhos illudidos do senhor de Cilly uma dolorosa certeza, a desconfiada reserva de Arthur não pôde senão mui facilmente interpretar-se neste sentido. Mas o senhor de Cilly resiguou-se, devorou por largo tempo as lagrimas amargas que tão horrivel revelação devia fazer correr, e a sua saude começou de se alterar. Foi então que Arthur maldisse essa elevação de intelligencia que o estudo e o saber haviam ainda nelle mais exaltado... pois que esse poder moral o havia tornado para sempre miseravel, fanando para sempre essa felicidade profunda, essa adoração filial que fizera o prazer da sua mocidade. E uma incuravel melancolia veiu sobrecarregal-o, sobre tudo quando viu que o estado de seu pai se tornava cada vez mais assustador.

Porque, como havemos de pintar a cruel mudança que se operou na existencia desses dois entes, outr'ora tão placidos e ternos? como pintar os seus pesares pungentes... n'um de possuir o saber, n'outro de o haver dado? Como pintar a desconfiança horrivel dessas duas almas grandes e puras que se sentiam dolorosamente despedaçadas, porque eram dotadas de uma nobresa e delicadesa preciosas? Como pintar, n'uma palavra, o constrangimento glacial que substituiu as doces expansões?... porque desde esse dia fatal, não se tornaram a repetir esses

largos entretenimento em que Arthur desenvolvia ingenuamente todas as maravilhosas bellezas de um genio que elle mesmo ignorava, porque, desde esse dia, com a consciencia do seu genio, Arthur tinha por assim dizer adquirido pudor... porque desde esse dia, morrera a seu pesar, essa admiração sincera e candida, essa sublime e santa crença filial, que faz ver n'um pai um ente sagrado que se adora cegamente como a Deus, sem procurar explicar esse sentimento por uma sacrilega analyse.

Imagine-se pois agora qual devia ser a espantosa existencia do senhor de Cilly, que aborrecia demasiado o mundo para nelle procurar consolações, e que, confessemol-o, não tinha a fé necessaria para esquecer as penas deste mundo, pensando em melhor vida; porque ha uma questão a que ainda não chegámos, e vem a ser relativamente ás ideas religiosas.

O senhor de Cilly nenhuma crença religiosa tinha, se se intende por crença a fé na revelação divina e nos outros mysterios incomprehensiveis do christianismo.

Era um espirito justo e correcto, o senhor de Cilly dizia que não podia crer no que a sua intelligencia se recusava a comprehender: reconhecia um motor mysterioso em a naturesa, mas por isso mesmo que esse agente era um mysterio, não pensava que se podesse racionalmente formar delle uma idea exacta e assignar um nome e attribuições.

Não confundia por isso todavia a fé que outros mostravam com a hypocrisia; julgava sómente que a fé era um sentido á parte dado aos eleitos, uma especie de revelação feita a elles só, mas podia tanto explicar o motivo das correlações deste sentido, como um cego de nascença poderia formar uma idea do que é a vista e a luz.

Desgraçadamente, Arthur, educado por seu pai neste estado de incertesa religiosa, tambem não possuia a *fé*, mas havia creado por assim dizer para si um systema de crença material e politica nas leis moraes e escriptas do christianismo, segundo a sua idea de olhar as religiões como outras tantas formulas governamentaes, tendentes todas ao mesmo fim...

Sómente, entre essas formulas, a religião christã era a unica que lhe parecia divina na accepção poetica dada a essa palavra para exprimir o typo de perfeito. Era a seus olhos o codigo mais magnifico da humanidade; e a omnipotencia espiritual concedida a esse apostolo em cilicios que, do alto de uma cadeira de humildade, dominava igualmente a barca real e o occeano popular, citava ao tribunal de Deus o rei despota ou o povo rebelde, parecia a Arthur a mais generosa e sublime das combinações sociaes, e, se não podia comprehendel-a como revelação divina, considerava-a ao menos como obra prima do genio legislativo. Arthur admirava tambem a alta e sagaz previsão do auctor dessa lei sublime que, sabendo que no seu orgulho todo o homem póde negar a infallibilidade do que fez ou disse o homem, dava á sua

obra de liberdade, de amor e de caridade, um nascimento divino, pondo assim toda a discussão a respeito da sua origem entre os mais graves ataques feitos a essa religião,

Ora, como nessa carta magnificamente resumida pela moral evangelica do Novo Testamento não tinha senão um fim possivel, o da felicidade dos homens, Arthur via em todo o adversario dessa crença religiosa, politica ou social, para elle era tudo um; Arthur via, digo, um criminoso, senão de lesa-Divindade, ao menos de lesa-sociedade; por isso tinha o mais profundo despreso pela eschola com pretenções de philosofica, de que Voltaire era chefe e typo, eschola estupida ou mentirosa, baixamente impostora, estupidamente má, que ataca a Christo e a sua religião em nome do povo e da liberdade!... o Christo! cuja obra toda inteira se resumia em duas palavras... liberdade, charidade... o Christo que morreu pelo povo, cujos direita defendia contra avidos oppressores. O christo que fazia cair as cadeias dos escravos... o Christo que dava aos que tinham fé uma eterna felicidade em troca de alguns dias de infelicidade na terra... O Christo que, partilhando o reino dos céos com esse grande numero que nada possue neste em que vivemos, lhes fazia supportar uma vida de miseria com uma resignação sublime, de sorte que olhavam desdenhosamente para a existencia sumptuosa dos ricos, e os lastimavam em logar de os invejar... o Christo emfim, que substituia o porvir ao nada... a esperança ao desespero... o amor ao odio... a communhão á personalidade.

A' vista disto, dizia elle, tractem a fé, que crê, de ignorancia, de prejuizo ou de enbrutecimento; tractem as promessas de Christo de ficções, de mentiras, pouco importa essa monstruosidade.

Ha uma cousa que nunca se poderá negar, é a felicidade positiva dos que crêem sinceramente, é a alta e consoladora moralidade daquillo que os philosophos chamam ficções ou mentiras.

Porque, em qualquer sociedade, dizia tambem Arthur, ha-de haver sempre um numero incommensuravel de homens para sempre votados, por mais que se faça ou que se prometta, ás privações e á desgraça. Pois bem, ousar-se-ha negar que aquelle que, pelo poder da fé que lhes elle inspirava, dá a esses infelises, se elles são virtuosos e resignados, a felicidade eterna em troca das privações que teriam passado neste mundo, de todas as maneiras; ousar-se-ha negar que esse Deus, esse legislador ou esse homem, não resolveu da maneira mais moral e consoladora a mais importante de todas as questões sociaes, a da fonte de todas as revoluções; n'uma palavra, a de tornar felizes e satisfeitos os que não têem, assegurando o repouso dos que possuem (1).

(1) Por isso, desde o dia em que *os propagadores das luzes* despojaram o *proletario* do seu *reino dos céos*, sem poderem dar-lhe cousa alguma em troca (e por fundamento), o proletario nada mais justo achou de que querer apoderar-se dos reinos cá da terra

Emfim, dizia Arthur, o philosopho, o encyclopedista mais encarniçado negará que admittindo, consinto, essa segunda vida como uma ficção ou um prejuizo, não seja ao menos uma admiravel ficção, ou uma mentira bem consoladora, um prejuizo bem sublime, isso que nos faz crer firmemente que hemos de tornar a vêr aquelles que chorâmos, e que a nossa existencia não acaba no coveiro...

Taes eram os pensamentos religiosos d'Arthur.

Depois de ter vivido ainda por alguns mezes vida sombria e desanimada, o senhor *de* Cilly morreu levando para a sepultura a triste convicção que tinha abbreviado seus dias.

E Arthur se achou só no mundo.

Então a sua dôr foi immensa, foi uma dôr fria, sentida, rasoavel, que cavou fundamente o seu leito na soledade dessa alma potente, como esses ribeiros occultos que unisam surdamente um rochedo gigantesco.

Porque o principal character de uma dôr assim é uma tranquillidade glacial tão muda como a pedra de sepulchro; os desgostos hypocritas é que procuram o mundo para lá arrancarem os cabellos e soltarem os seus suspiros mentirosos.

Arthur não consummiu assim a sua dor, viveu della; a sua vida foi desde então um longo remorso, uma sanguenta e continua maldicção contra essa vã sciencia que lhe roubára a unica crença em que podia ter fé; mas, em logar de evitar essas recordações que lhe lembravam a perda de seu pai, evocou-as e entregou-se-lhe com uma melancholia amarga porque essa idea fixa que nos reconduz sempre para a morte daquelles que nos são muito caros só parece horrivel aos insensiveis: esses não conhecendo o encanto cruel dessa emoção, julgam-se obrigados a dizer que ella *faz mal*, porque vêem chorar os que a experimentam... Desgraçados daquelles que ignoram a piedosa doçura de certas lagrimas...

.....

Cerca de um anno depois da morte do senhor *de* Cylly, Arthur estava assentado, ao descair da tarde, na immensa bibliotheca do castello, sua casa favorita, porque fôra ahi que seu pai e elle outr'ora se haviam entregado ao estudo com tão tocante emulação. Esta bibliotheca formava uma galeria cuias janellas se abriam sobre um dos sitios selvagens e pittorescos dos Vosges... Eram montanhas altas, picos escalvados, sombrios e negros abetos dourados pelos raios derradeiros do sol ao esconder-se.

Arthur, meditabundo, estava com os cotovellos encostados sobre uma meza, coberta de papeis e de manuscriptos, em torno da galeria se estendiam innumeraveis estantes de livros escriptos em todas as linguas; juncto a uma janella via-se um cavallete e alguns esboços de pintura, mais longe uma harpa e um pequeno orgão... aqui e alli instrumentos

á maneira de compensação, mui disposto, além disso, a negociar por bom preço o goso da *eternidade*.

O. A.

de physica e de astronomia, espheras celestes e globos; em fim, n'este logar tudo parecia traçar e resumir as occupações da vida mais intelligente, completa e elevada, e todavia aquelle que agora sentia em si bastante saber e genio para poder passar sem estes livros, e consideral-os com o olhar de reconhecimento desdenhoso com que o homem robusto e forte olha para a ama velhinha que o creou, aquelle cujo magico pincel podia fixar sobre a tella as maravilhas pomposas da creação; aquelle que podia fazer vibrar essa harpa sob os accordes de uma arrebatadora harmonia; aquelle que podia adivinhar a marcha dos corpos celestes, e descobrir os trabalhos da natureza nas suas mais secretas operações; aquelle que estudara a alma pela physiologia, e o mundo pela algebra.., aquelle emfim que não era estranho a lingua alguma, a sciencia alguma, a nenhuma arte: aquelle em fim que, joven, rico, bello, cheio d'alma e de genio, podia ter pretenções a todas as felicidades... esse homem gemia torturado por uma dôr incuravel que desafiava todas as consolações, e revelava a vaidade do saber e da riqueza para sarar as feridas da alma.

— O' vaidade da sciencia, da fortuna e da mocidade! exclamou pois Arthur; quando, realisando o impossivel, eu concentrasse em mim todas as intelligencias mais elevadas do mundo e dos seculos... os thesouros da terra... poderia fazer que meu pai não esteja morto?... poderei eu tornar a vel-o um dia?... poderei dar um alimento a esta devoradora actividade de espirito que me consome... e um fim á minha vida? Oh! maldição sobre o saber! pois que a brutal ignorancia do mais estupido aldeão das minhas terras lhe dá o que eu pagaria a preço do meu sangue, dá-lhe a certeza de tornar um dia a vêr e para sempre o ente por quem chora... e explica-lhe a sua vida pela eternidade em que crê... Maldicção!... A ignorancia opera pois um milagre, povôa um mundo immortal de sublimes e sanctas visões, quando o saber mais profundo a mim só me diz destruição, desesperação e nada... Oh! se eu podesse crêr!...

Que hei de eu fazer agora d'esta vã sciencia! Que póde ella para mim? Elevou o meu pensamento ás mais altas regiões... Mas isolou-me para sempre dos outros homens tornando-me orgulhoso pelo meu saber e desdenhoso pela sua inferioridade .. Todos os maravilhosos segredos da natureza, toquei-os com o dedo... sei o que é, não posso dominar o que não é... Para que hei de eu viver? para que?

Quero comtudo experimentar se a vida agitada, tumultuosa do mundo não entorpecerá esta irritação da dor e do pensamento. Arthur deixou pois os Vosges pouco tempo depois d'aquella tarde, e se dirigiu a Versailles, aonde tinha alguns parentes.

Facil é conceber que com a sua belleza, classe, fortuna e espirito, Ar-

thur teve o que se chamam boas fortunas no mundo; mas as lições de um pai, junctas ao seu singular poder de instrucção, tinham-lhe dado tão justa e verdadeira idea do mundo; elle tivera debaixo dos olhos, por assim dizer, um plano tão topographicamente exacto de tudo que devia acontecer-lhe, que não achou o menor interesse n'esses triumphos ou n'essas decepções. Para elle, o mundo era uma peça de theatro que lera, que sabia de cór, e que via representar diante de si por bem mediocres actores; e finalmente, em resumo, o que são os successos do mundo? que podiam parecer sobre tudo aos olhos de um homem tal como Arthur, para quem a analyse era como um cadinho, á acção do qual submettia o que se convencionára chamar felicidade? E essa felicidade, por brilhante, doirada, perfumada que fosse... n'elle jámais deixava senão cinzas seccas e amargas.

Arthur tinha comtudo ensaiado algumas ligações no mundo... Mas, conhecendo logo que ahi, como n'outra parte, o amor só era um pretexto decente para chegar ao gozo material, preferiu abreviar essa enfadonha formalidade, comprando bellas mulheres que ao menos sabiam o seu estado, de sorte que, não precisando já para isso das relações do mundo, deixou-o. Então quiz viajar; percorreu a Europa e a Asia, mas achou-se frio diante dos mais magnificos espectaculos da natureza; porque, decompondo ou explicando tudo pela chymica, physica ou algebra, em logar de impressões doces e vivas só lhe restava uma nomenclatura scientifica, secca e arida. Oh! é que para ficar profundamente transportado á vista de um sitio imponente e grandioso, é mister sentir despertar n'alma a idea do Deus que creou os mundos, ou estremecer em si o alaude mysterioso do poeta.

Mas Arthur não comprehendia Deus, e já se não sentia poeta; ah! a poesia escripta, pintada, ou cantada, morrera n'elle para sempre, morrera como as folhas morrem no outono; porque n'um homem completo, essa explendida e triplice poesia não fora o que se chama talentos, mas a expressão harmoniosa da alegria pura e serena do adolescente que sorri para a existencia, mas o grito profundo de felicidade e de amor que dá toda a creatura ao ver o sol brilhar e as flores desabrocharem-se.

Emfim Arthur fôra poeta porque tivera deseseis annos, poeta porque tivera um pai adorado, poeta porque o seu porvir tinha sido risonho e doirado; poeta, emfim, como o passarinho que canta em quanto dura a primavera. Mas, depois da primavera, vem o inverno; depois da poesia, a analyse. E Arthur, como já dissemos, principalmente depois da morte de seu pai, tendo-se visto reduzido a uma analyse desesperadora, sentia-se mais que nunca sobrecarregado sob o pezo d'esta importuna pergunta: Para que vivo eu? Pergunta horrivel, quando, tão moço se ha morrido para os

prazeres d'este mundo, sem crer n'uma outra vida.

Arthur quiz pois tambem procurar algumas sensações nos perigos de uma vida aventureira, e assentou praça, com um nome supposto, julgando talvez sentir brotar em si alguma faisca do amor das glorias; conduziu-se com valentia, foi ferido e nomeado official no campo da batalha: No dia immediato deixou o seu posto, desgostou d'essa ferocidade brutal e estupida dos homens que se degolam uns aos outros sem odio e sem cholera, para ganhar batalhas a generaes que os fazem dizimar com o mais desdenhoso egoismo.

Tentou tambem escrever, não frivolas poesias, mais sérias obras moraes e politicas, cheias de sã e poderosa rasão, brilhantes de eloquencia e clareza, que atirou desdenhosamente para o meio da ardente polemica que então punha em questão as mais impunentes verdades sociaes; esses escritos foram altamente elogiados, despedaçados, admirados, calumniados. Mas n'essa alma, esse ephemero goso de amor proprio de escriptor devia ter a mesma sorte que os outros gozos... uma vez que era submettido á analyse; porque Arthur tinha o espirito mui perfeito para crêr na acção positiva e salutar de um livro sobre a conducta dos homens; bem sabia que o livro que contem a moral mais pura e doce, que a *Imitação* não leva talvez um proselyto á virtude, não impede que se commetta uma acção vergonhosa, em quanto que o livro mais estupidamente obsceno, exalta, propaga ou multiplica o vicio com uma espantosa fecundidade.

Foi então que, não achando mais que tentar para sair do estado de marasmo moral em que elle se ia definhando, mais que nunca lastimou não ter a fé religiosa, que, pensava elle, teria talvez acalmado os seus soffrimentos enexplicaveis.

Por isso depois de maduras reflexões Arthur se decidiu a tomar ordens sem receio de se ver taxar de hypocrisia, porque achava ao contrario nobre e generoso dar aos outros essa fé que tão vivamente lastimava não possuir, por que conhecia toda a consoladora sublimidade que esta tem.

Arthur tomou pois ordens sacras, e se escolheu as funcções de capellão de bordo, foi porque essa existencia lhe pareceu mais penosa e mais em relação com o voto primitivo do christianismo, voto de resignação, de soffrimento e de humildade: pensando tambem que vindo perante Deus com a sua immensa necessidade de crer, com o seu desencantamento das vaidades humanas, com a sua velhice anticipada que lhe permittia exercer a lettra de todas as severas exigencias do seu caracter sagrado; pensando que chamado a ver morrer os seus similhantes, assistir-lhes n'essa hora imponente e mysteriosa, acharia quiçá, na comtemplação profunda d'essa passagem da vida para a morte, a solução do problema que procurava; que se elle possuisse o menor germen de fé, se desenvolveria talvez, e que o

tedio desconhecido que o torturava seria então um termo.

Confiou pois a sua fortuna ao seu intendente, homem probo e seguro, regulou o emprego das suas rendas em boas obras, e embarcou-se a bordo da *Sylphide*, tendo escolhido esta fragata porque sabia que ninguem ahi encontraria que d'antes o houvesse conhecido no mundo.

Tal era o abbade de Cilly, e os poucos mezes que ha passado a bordo da *Sylphide* não pareceram trazer mudança notavel á sua situação moral...

XLVIII.

CONVERSAÇÃO.

Je vous entends.
Schiller.— *Wallenstien.*

Cerca de quinze dias depois do combate do *Lively* e da morte de *sir* Jorge, Henrique se achava quasi curado da sua ferida. Segundo as ordens que recebera, continuava o seu cruzeiro nas paragens dos Açores, tendo debaixo das suas ordens a sua preza, o *Lively*, sempre commandado por João Thomaz. Apezar da sua graça e espirito, o conde tinha tão poucos recursos em si mesmo, a cabeça tão vasia, a imaginação tão esteril, o pensamento tão inerte, a instrucção tão nulla que a vida solitaria e monotona que forçosamente se vive a bordo durante um cruzeiro lhe pezava horrivelmente. O seu estado maior lhe offerecia bem poucos recursos contra essa inercia que o entorpecia. Apezar da austera e rude franqueza do capellão, a sua conversação teria ajudado o conde a arrastar essas longas horas, se desgraçadamente o abbade não tivesse um gosto pronunciado pelo silencio e solidão.

E comtudo o conde se sentia attrahido para o abbade por esse extravagante espirito de contradicção que faz com que quanto mais parecem as pessoas fugir-nos e desdenhar nos mais as procuremos. E de facto, Henrique bem que de uma intelligencia mui mediocre, não tinha deixado de perceber a alta superioridade que distinguia o capellão, e é á consciencia d'essa admiração, de que elle não conhecia a causa, que é mister atribuir o despeito que experimentava Henrique ao ver a indifferença glacial e polida com que esse padre singular ás vezes lhe respondia. Ora, um dia, sentindo-se mais enfadado que de costume, o conde mandou chamar o capellão.

O padre compareceu; e Henrique, pouco habituado a occultar os seus desejos ou a contrarial-os, disse-lhe resolutamente:

— Abbade, estou aborrecido como um defuncto, e tenho necessidade do vosso ministerio... não positivamente para me confessar, mas para vos entreter do singular estado em que me acho ha algum tempo. A fallar com franqueza, tenho feito, eu vol-o confesso, todos os excessos imaginaveis, tenho tido aventuras loucas ou tristes, duellos felizes ou infelizes, combates, naufragios, o diabo emfim .. Pois bem!

apezar das recordações que deveria deixar-me uma vida tão cheia, logo que a bordo não tenho que luctar contra uma tempestade ou com um inimigo, enfado-me como um condemnado... Depois d'isto abbade, sinto assim uma coisa como remorsos... porque, antes de deixar a França, conduzi-me bem cruelmente para com uma senhora que todavia me estimava tanto quanto se póde estimar. E, como o vosso caracter vos permitte que ouçais esta especie de confissão, abbade, escutai-me pois.

E Henrique tendo contado a aventura da torre de Koat-Ven e a morte supposta de Rita, acrescentou com ar melancolico :

— Pois bem! não me admiraria, abbade, de que algumas aventuras deste genero, de que tenho a accusar-me, não tenham muita parte no estado de angustia que experimento... Hypocrisia á parte, fico alguma vezes aterrado pela minha conducta; porque, de facto, zombei impunemente de todas as affeições que tenho inspirado. Desprezo os homens e as mulheres, porque os conheço ; mas eu vol-o asseguro, abbade, que a especie de superio idade que dá esse desdem está longe de compensar o vacuo que deixa no coração... E' a este respeito que eu queria fallar comvosco, submettendo-me de ante-mão a todas as vossas observações, porque se fordes severo, abbade, confessai-o, eu escuto admiravelmente os vossos sermões.

Contando essa historia e assazonando-a com essas reflexões melancolicas, Henrique tinha sobre tudo procurado um texto de larga conversa, contando bem sobre os reproches, ou ao menos sobre as observações que lhe fazia o capellão a proposito da sua conducta desordenada, que devia seguramente taxar de cruel, de fatal, de diabolica ; porque, assim como todos os Lovelaces, o nosso querido conde tinha um amor proprio de maldade mui pronunciado, e dava melhor mercado das suas qualidades do que dos seus vicios.

Ora, ao ouvir esta confissão, o rosto impassivel do abbade não exprimiu nem improbação, nem horror, nem colera, ; sómente olhou para o conde bem fixo, e disse-lhe com ar frio :

— Desejais conversar comigo, senhor, estou ás vossas ordens, mas ha-de ser uma conversa singular, porque vós sois um grande senhor, habituado aos prazeres do mundo, e eu não passo de um simples padre.

— E' justamente o que eu procuro, abbade, isso é muito bom, porque adoro os contrastes ; por isso teria um prazer inaudito em fallar seriamente, e, eu vol-o repito, acho o tempo de um comprimento horrivel quando estou só.

— No vosso logar, senhor, não podendo povoar a minha solidão, escaparia ao enfado pelo somno...

— Como diabo, abbade?... Mas beber, comer e dormir quando não me combato... seria viver vida de bruto ; e na verdade, para um ministro do sancto Evangelho, dais-me um conselho singular!...

— Não tendes, senhor, para occupar o vosso espirito, nem a fé do crente, nem as visões do poeta, nem os estudos do homem de sciencia. Não sois, n'uma palavra, nem um sancto, nem um pensador, nem um sabio; peza-vos a solidão, julgo eu, mas não me pertence vol-a tornar leve.

— Comtudo, abbade, por mais elevada que seja a vossa conversação, juro-vos que nella tomarei gosto e interesse; porque, aqui para nos, eu não sou nenhum tolo.

— Tendes espirito, senhor; e eu é que o *não tenho;* não nos poderiamos intender.

— Isso é humildade christã, abbade.

— Seria antes orgulho, senhor; por isso acreditai-me, deixemo-nos de *conversas;* que vos haviam tornar pezaroso.

— Pezaroso! abbade... Pezaroso!... Ah! viva Deus! isso excita-me a curiosidade... E que diabo de pezares me poderieis causar?...

Arthur (ou o abbade) interiormente chocado por essa presumpção do homem feliz pela mediocridade do seu espirito, que parecia desafiar a desventura, respondeu ao conde com ar frio e quasi de desprezo:

— Como assim o quereis, vamos conversar. Até agora, comparando-vos aos outros homens, achastes-vos, não é assim, superior ao maior numero? porque tinheis, pensaveis vós, o que a maior parte não tem: boa posição, fortuna, espirito e bravura, tinheis tambem um despreso insolente pelas mulheres, o que vol-as dava todas; tinheis poder para vos pôr, senão acima das leis humanas, ao menos acima das leis divinas; tinheis tambem algumas mortes de que vos accusar vaidosamente; tinheis emfim o direito de amaldiçoar com fatuidade a vossa funesta reputação, que vos fazia receiar e adorar como um devasso, e mais seductor e corrompido que D. Juan ou Lovelace, fa al e bello como Satanaz; o que vos tornava, não é assim, o mais feliz dos homens desesperados? As vossas confidencias ao menos, tendem a dar-me essa opinião a vosso respeito, não é verdade?

— Não atinastes, abbade, diz Henrique hesitando; porque em balde se esforçára elle por lêr sobre o rosto de marmore do padre a intenção que havia dictado semilhantes palavras, afim de saber se ellas continham um sarcasmo ou um sermão. Não atinastes, abbade, tornou Henrique. Tenho raramente calculado o effeito dos meus vicios; porém entreguei-me aos que me divertiam. Nunca tive odio a pessoa alguma. Se mudei de amante, foi por capricho e não por crueldade; se fiz mal, nunca foi por maldade calculada; mas por desleixo ou extravagancia. Algumas vezes amei sinceramente; mas quando me enganaram, ri mais do que chorei. Emfim procurei primeiro que tudo o meu prazer e satisfação. Consegui o meu fim; mas, por Deus! não tenho por isso a menor pretenção de ser Lovelace ou Satanaz!

— Essa sincera confissão me tran-

quillisa, senhor; a vossa confidencia sobre a morte da duqueza hespanhola fôra só quem causára o meu erro... Desculpai-me pois de vos ter desfavoravelmente apreciado; porque o que acabais de me dizer manifesta uma louvavel candura, mesmo nos vossos defeitos. O vosso vicio é ser bom homem... e chorais os mortos que não matastes. Em verdade, senhor, tudo isto prova um natural sensivel e bom. Desculpai tambem a temeridade do meu primeiro juizo...

— Isto é abbade, aqui para nós, tenho algumas culpas graves de que me accusar; sei que tenho muitas vezes pizado aos pés o que se chama indevidamente prejuizos, mas o que é bem verdadeiramente moral; sei tambem que não tenho respeitado sufficientemente os laços consagrados pela religião e pelas leis, e que tudo isto é odioso... mui odioso... e que em resumo sou talvez mais merecedor de censura do que vos pareço, diz Henrique, que, achando-se quasi escandalisado por o abbade se ter atrevido a tomal-o por um homem sensivel, e o que é ainda peior por bom homem, queria rehabilitar-se um pouco aos olhos desse padre impertinente.

— Sem duvida alguma, a vossa conducta tem sido muito para censurar, senhor, tornou o abbade, mas obrastes mais por fraqueza e arrebatamento pelo que amais de que por desdem profundo pelo que os outros respeitam... Fazieis mal, mas tivestes arrependimento, e ainda vos arrependeis porque sois bom e humano, e porque se, por estravagancia, fizestes um ente fraco, o pungente pesar que sentis quasi vos absolve... Sim, senhor, porque felizmente não sois desses homens crueis e desapiedados que experimentam um goso amargo em ferir os outros homens nas suas mais doces e castas affeições... Não sois desses sombrios mortaes para quem o despreso é um instincto e o mal uma necessidade; mysteriosos humanos que passam sobre a terra como medonhos meteoros, deixando após si um ruido vago de lagrimas e de maldições. Oh! não, não sois desses; os vossos sentidos poderam desvairar-vos, mas o vosso coração ficou generoso e nobre; e um dia, e bem cedo, acreditai-me, procurareis n'uma união abençoada por Deus, nos laços de familia, essa felicidade duradoura e serena de que sois digno, essa felicidade placida para que fostes feito, e que desejais, estou bem certo, sem terdes a consciencia desse desejo da vossa bella alma.

Passar por possuir as estimaveis e raras condições que constituem o excellente pai de familia, era muito peior do que passar por sensivel e bom homem. Era mais do que o conde podia decentemente supportar, isso aproximava-se muito da injuria; por isso redarguiu com uma especie de desdem e de despeito: Exagerais furiosamente os retratos que fazeis, abbade, tanto em bem, como em mal.

— O senhor conde é muito modesto, ignora-se a si mesmo, tomou por instincto do mal e da corrupção o que

não era mais do que effervescencia da sua idade, e o sentimento das virtudes privadas que dorme no seu coração, despertando-se logo, provar-lhe-ha o que tive a fortuna de lhe prognosticar.

— O' senhor abbade, exclamou o conde cheio de cholera, por certo estais gracejando?...

O padre continuou com ar glacial:

— Eu nunca gracejo; admiro-me sómente que uma apreciação toda em vantagem vossa vos possa offender!...

— Não me offende, abbade, diz Henrique recuperando o seu sangue frio, não me offende, mas irrita-me, porque me pintais uma felicidade de que infelizmente não sou digno; é pezar que experimento, e nada mais; porque, aqui para nós, não tenho, nem nunca hei de ter cousa alguma do que é mister para tornar uma mulher nem uma familia feliz; sou destinado a viver só, abbade, accrescentou o conde com um profundo suspiro de desesperação, só, sempre só!...

— Gostais de vos calumniar, senhor.

— Não, abbade, não; conheço-me melhor do que vós; sou sensual, inconstante, gosto de commetter atrocidades, tenho um caracter horrivel, e muitas vezes experimento um prazer maligno e quasi feroz quando, por exemplo, vejo que uma mulher me cede. Sim, sou talvez menos avido da sua posse do que do pensamento de que fui eu que lhe fiz olvidar os seus deveres e perder o seu porvir.

— Permitti-me que eu creia que, por humildade, carregais o vosso nobre caractere com as côres mais sombrias.

— Mas, co'a breca! abbade, enlouqueceis-me... Não sou santo, não me estou a confessar, e neste momento mui pouco penso na humildade. Digo o que sou, o que creio ser. Eu bem sei os remorsos que ás vezes me apoquentam; bem sei que examinando a minha conducta a sangue frio, vejo que tenho commettido uma multidão de faltas, que deviam ter um nome mais severo, se o mundo fosse menos indulgente para com o mal de que elle participa... Olhai, abbade, nenhum dos dois retratos que de mim tendes traçado é exacto; mas se eu me pareço com alguma cousa, é mais com esses homens diabolicos de que fallastes, e que praticam o mal por instincto.

— O senhor conde quer gracejar!

— Gracejar... gracejar! não! eu não estou brincando; tenho crueis remorsos, acreditai-me... ainda que mais não fosse do que essa tristeza que me roe quando estou só, abbade!...

— Isso não é tristeza, é aborrecimento.

— Sim, abbade, é, é até desesperação, acreditai-me; por ue sou quasi um criminoso, e tenho bastante direito para me desesperar.

— Em verdade, exagerais as vossas faltas, o que é proprio das boas almas, continuou ironicamente o abbade que sorria de despreso ao vêr o conde levado pela sua fraternidade de vicio cobrir-se voluntariamente com as côres mais sombrias.

— Co'os diabos, como sois indulgente, abbade, tornou o conde. Com effeito é uma boa alma a minha!... Dentro de tres mezes morreu uma mulher amaldiçoando-me; e matei em duello, o marido de outra, que se viu obrigada a recolher-se a um convento... Tenho uma boa alma, com effeito, quando nada me commove, quando nada me suspende, quando levo a desordem e a desolação ao seio das familias; boa alma, com effeito, bem digna de saborear essa ventura placida e esses prazeres puros de familia de que me haveis fallado!... boa alma a do homem que não procura, que não acha o seu prazer senão no que custa aos outros lagrimas ou sangue!... boa alma a daquelle que se põe quasi fóra da humanidade pelos seus vicios e crimes! Viva Deus! sois indulgente, meu confessor, exclamou alfim o conde, passeando com agitação pela camara.

— Permitti-me que vos faça observar, senhor, continuou friamente o abbade, que eu falle primeiro em *D. Juan*, Lovelace, e até *Satanaz*, e que essa comparação parecêra ter-vos escandalisado.

— Pois bem! horrivel cousa é confessal-o, abbade, disse Henrique em voz baixa, sou antes isso; sim, sim, tinheis razão, sou antes isso; mas como diabo havia de eu convir n'uma tal similhança!

— Então tinha eu atinado; sois feliz por vos achardes mais corrompido que D. Juan ou Lovelace; mais corrompido que esses homens inflexiveis e desdenhosos, para quem a humanidade não é mais do que um brinco ou uma victima. Sois emfim o conde de Vaudrey.., Então mais do que nunca vos devo dizer: Não conversemos mais, que ficareis pesaroso.

— Como assim, abbade?

— Sem duvida!.. Sabeis que não tendes virtude alguma, nenhuma qualidade moral; mas pensais que os vossos vicios não carecem de encanto nem de originalidade. Porque não haveis então, eu vol-o peço, de guardar pura e intacta essa convicção afflictiva (mas lisongeira) de que sois um homem ao menos superior aos outros homens, pelo infernal desprezo com que escarneceis o que elles veneram?.. Para que sacrificar ligeiramente a vantagem da vossa posição de homem horrivelmente corrompido, e apagar da vossa fronte maldicta esse estigma diabolico, que tão bem vos fica e tanto agrada ás mulheres?..

— Esperais pois converter-me, abbade? exclamou Henrique com ar quasi aterrado.

— Oh! tranquillisai-vos; a virtude não é um sentimento, é quasi um sentido cujo germen divino existe no fundo do coração de cada individuo. Mas este germen está suffocado na vossa alma, morreu, morreu para sempre.

Henrique respirou.

— Mas então, se eu nada com isso ganharia, que diabo poderieis fazer-me perder?..

— A illusão do vicio.

— A illusão do vicio, abbade?

— Sim, senhor, a illusão do vicio. Intendo por isso que poderia talvez mostrar-vos vosso vicio nú e crú, tal como elle é, despojando-o d'esse falso ar de superioridade, de poder e de força, que toma para occultar esses ridiculos, a sua fraqueza e covardia; porque o que falta a esse pobre vicio, senhor, é sobre tudo o que quer affectar possuir, é o desdem, é a energia, é a originalidade: porque depois da regencia, chovem-nos Valmonts, estamos inundados de Lovelaces. Satanaz fez-se cidadão de Pariz.

— Penso, senhor abbade, que isso não é uma personalidade, diz Henrique severamente.

— Quando eu digo Lovelace... fallo de Lovelace.

— Como pois, abbade, nem o mesmo Lovelace acha mercê perante vós?

— Se intendeis por mercê admiração ou terror, dir-vos-ei, senhor, que não admiro nem temo o que é covarde, e ridiculo.

— Ridiculo! abbade, Lovelace ridiculo! Lovelace vulgar! covarde!

— Ridiculo, estupidamente ridiculo, porque é cego escravo do que a sociedade tem de mais miseravel, do que a civilisação tem de mais mesquinho, do que a humanidade tem de mais vergonhoso; ridiculo, porque elle treme só ao pensamento de ser escarnecido por um tolo da moda, ou desprezado por uma mulher corrompida.

— Mas é tudo o contrario d'isso, abbade... Lovelace despreza o mundo.

— Não é assim! Lovelace não despreza o mundo; não, Lovelace não piza o mundo a seus pés, porque é elle que rasteja aos pés do mundo... o soberbo!! Não faz um passo, um gesto, um signal, que não seja para o mundo; não diz uma palavra que não seja para o mundo. E' para o mundo que elle é perjuro, velhaco, tolo, infame, covarde, assassino até se fôr preciso; é para o mundo que o encara, mundo de imbecís e de mulheres perdidas, que se elle prende a uma seducção como o forçado á sua corrente; é para merecer os estupidos e crueis brados do mundo que elle seduzirá Clarisse, que elle nem sequer deseja. Vamos! Lovelace o irresistivel, Lovelace o desdenhoso, o bello, teem os olhos pregados em ti... Vamos! pelotiqueiro... põe por obra as tuas habilidades... Veste o teu fato de palhetas de ouro, mostra-nos a tua ligeireza; vamos! trabalha, que estão a olhar para ti. Olha, acolá está uma pobre rapariga, candida, ingenua, que nada diz aos seus sentidos estragados... é mister seduzil-a!... Não a amas, dizes tu?.. Que importa... tracta-se de ti só... O urso que deitam ao cão de fila não come a sua victima, suffoca-a para agradar aos espectadores. Vamos, Lovelace, mãos á obra! Mas resistem-te, a ti o irresistivel!.. Vamos lá, não desanimes estão a olhar para ti, digo-t'o eu, emprega as tuas noites e os teus dias; medita, esgota o teu cerebro acanhado, calcula, empallidece, vamos lá, baixezas, mentiras, astucias infames; vamos, venenos... estupros... Estão com os olhos em ti, Lovelace, estão com os olhos

em ti!.. Ah! triumphante emfim.... E' generoso, é nobre, Lovelace! e que applausos te estão reservados! que de mulheres te vão sorrir! E não venhas dizer-me agora que é vaidade tua, tua só, que praticaste esta infamia. Mentirias; é o cunho do devasso ser fanfarrão do vicio. Não, não, Roberto Lovelace, ensosso histrião, deixarias os teus theatros de feira, se a popu laça almiscarada, cujos bravos mendigas, a elles não concorresse em multidão.

— Mas emfim Clarisse succumbiu, Clarisse foi seduzida, exclamou o conde.

— E foi na verdade um bello triumpho, senhor, ousado combate com effeito, nobre lucta! Por um lado, um grande senhor, moço, rico, sem alma, cançado de intriga, cabeçudo como todos os espiritos vulgares, protegido pelas pessoas que applaudiam os seus esforços e pelas leis, que são mudas para taes crimes; e do outro uma pobre rapariga, sem apoio, sem experiencia, isolada, repellida, calumniada pela sua familia, o mundo quasi que a escarnece se ella resiste, e condemna se ella cede... Victoria inauditas risos satanicos; o demonio triumpha: vamos, Satanaz, abre as tuas largas azas, e volta ao abysmo... Pobre Sanataz noviço, desastrado demonio, que deixou o seu throno e o seu oceano de fogo, para arrancar com grande custo, por força e por astucia, o que Clarisse, voltando a si, sempre lhe recusa, o que Clarisse teria sem duvida offerecido a um mancebo ingenuo como ella. Em verdade, senhor, o exemplo de um vicio assim é muito simples para ser perigoso.

— Mas ao menos Lovelace não era covarde nos seus duellos! exclamou o conde mettido em talas.

— Não sei que seja homem valente, senhor, só porque o sentimento imperioso das conveniencias o forçou a empunhar a espada n'um duello; é saber viver, e nada mais; mas é covarde, bem verdadeiramente covarde, quem conta com a impunidade para fazer o mal; é covarde quem zomba das leis que não podem alcançal-o: é covarde quem emprehende uma infamia, estando bem certo de encontrar em cada homem um defensor, um cumplice ou um indifferente; n'uma palavra, o vicio é covarde, senhor conde, é excessivamente covarde, sabe que em toda a parte triumpha, que é acatado, sustentado, em quanto que, por toda a parte, a virtude é proscripta, pobre e abandonada.

— Ah! então confessais que o vicio é feliz, abbade?

— E' uma verdade tão antiga como o mundo, senhor; somente, o que é mister dizer a seu respeito, é de que especie é a felicidade de que se gosa; dizer-lhe que não pode lá chegar senão á força de baixezas e de covardias; dizer-lhe, primeiro que tudo, que aos olhos de um homem pensador é vulgar e ridiculo; que o mal que elle faz carece até de força e de grandiosidade, porque o vicio faz o mal por fraqueza e não por energia, como o fariam o crime e a paixão; o que se deveria dizer a Lovelace, é

que se elle é Lovelace é porque não saberia ser outra cousa; que esse papel do homem de boas fortunas, que qualquer homem pode representar aos vinte annos, se torna estupidamente ridiculo se se prolonga até mais tarde, e se se torna officio. Deve-se-lhe sobretudo tambem dizer que não ha logarejo que não tenha o seu Lovelace, nem lacaio que não seja Lovelace, nem provinciano que não seja Lovelace, e que tudo isto faz excellentes Lovelaces, tão bons e talvez ainda melhores Lovelaces do que vós, senhor marechal, de que vós, senhor presidente, do que vós, senhor coronel; porque ainda que sejais eminente na theoria do vicio, não sei que echo longuiquo de honra e de lealdade resôa ainda na vossa alma para vos impedir de ir tão longe como bastantes miseraveis. E' triste ser assim excedido, bem o sei, mas assim é. Sem contar que ha mil vezes mais coragem, desdem e poder no malvado que rompe com a sociedade abertamente, do que no devasso vergonhoso e covarde que por ella se arrastra beijando os pés das suas victimas.

Depois de bem largo silencio que o conde pareceu empregar em meditar, disse ao abbade em tom mui lesto e expedito: — Tudo isso é bello e bom, abbade; se é um sermão, eu vol-o agradeço; se é uma personalidade, pouco me importa; porque, por mais que podesseis dizer, o que vós denegris, aliás tão eloquentemente, diverte-me o mais possivel e espero que ainda me ha de divertir por muito tempo. N'uma palavra conto conservar o mais tempo possivel esta posição de homem de boas fortunas que achais tão ridicula; não vejo pois em que me tenhais feito perder a illusão do vicio... meu querido abbade.

— Ha uma confissão, senhor, que o homem corrompido nunca faz... nem mesmo no mais intimo mysterio da sua consciencia: é reconhecer que é de um espirito e de um character demasiado fraco, vulgar e covarde para ser virtuoso. Por isso, para dissimular essa sanguenta e profunda verdade, o seu incuravel orgulho procura, como vol-o eu disse, esconder a covardia, fraqueza e vulgaridade do vicio, debaixo de não sei que falsa apparencia de desdem, de força e de originalidade; e é nisso que o homem vicioso se deixa enganar por uma bem miseravel e impudente illusão, senhor; porque nada ha no mundo mais vil, mais commum e ordinario do que a vida que elle vive; diverte-se, embora; mas é um divertimento estupido e vulgar.

Assim pois, senhor, é preciso que o vicio faça bem a sua parte; que saiba sobre tudo que todo o homem de valor e intelligencia ha de tentar essa existencia vazia, material e facil; mas que, desgostado logo de tão ridiculas decepções, a abandonará com o despreso indifferente do mancebo que deixa os brinquedos da sua infancia.

N'uma palavra, senhor, para voltarmos á *illusão* que deveis ter perdida de *vós para commigo*, julgastes, pelas vossas confidencias, dar-me uma alta

idea do vosso merito; isto era uma illusão, senhor, porque ficastes para mim o que ereis quando vos vi pela primeira vez, um senhor mui rico, muito amavel, muito estimado na côrte, e nada mais: julgastes atterrar-me ou espantar-me com a confissão das vossas devassidões diabolicas, a mim simples padre; isso tambem foi uma illusão, porque eu não sáio agora do seminario; conheço o mundo, e sei tambem que por dez luizes qualquer lacaio será ainda mais insolente e brutal com a sua amante do que o fostes vós para com a senhora duqueza de Almeda para agradar a uma prostituta. Emfim os vossos remorsos e desespero seriam coisa mui digna de compaixão, se fossem verdadeiros; mas não o são: é uma pretenção, um quadro de vaidade, e nada mais. Ora, ou finalmente, religiosamente ajoelhado a meus pés, me heis de fazer, a mim, padre, a confissão das vossas culpas para implorar a sua remissão com humildade, ou dareis licença que, como homem do mundo, vos previna de que ha muito tempo que as devassidões e torpezas perderam para mim todo o attractivo.

Dizendo estas palavras, o abbade cortejou o conde com polidez e desappareceu.

— Que diabo de homem! diz Henrique; e eu que julgava espantal-o ou fazer-me admirar! é um sabio que fugiu dos erros deste mundo... Que lhe faça muito bom proveito... Por Deus! bem desejaria eu saber que amantes elle teve. Mas vão lá fallar-lhe nisso... Apesar de todas as bellas phrases daquelle personagem, não é menos verdade que eu daria ind'agora mil *luizes* para estar no *meu* Versailles. Que diabo de homem! repetiu o conde depois de um momento de reflexão, que diabo de abbade! é um libertino já embotado... sim, e é só isso que me contraria. Oh! se fosse um seminarista que tivesse feito tão pouce caso de mim, pouco se me daria ou ficaria satisfeito; mas o desdem de um homem que frequentou e muito a melhor companhia, como não duvido, um desdem assim, digo, é assas desagradavel, confesso; porque nada devia faltar a esse diabolico abbade para ser perfeito neste mundo; mas que isso o tivesse aborrecido, tanto mais que elle tem, como estou certo, alguma cousa assim como genio; e é muito eloquente, muito eloquente... E' um mysterio este homem .. mas, ainda repito, bem quereria eu conhecer as amantes que elle teve...

Tal é pouco mais ou menos o resumo das reflexões que fez nascer, no espirito do conde, a sua pratica com o capellão.

XLIX.

O AJAX.

.... C'est nôtre general...
Schiller. — *O campo de Wallenstein*.

Por uma bella noite da India, noite pura, transparente e estrellada, uma esquadra composta de oito náus de

guerra e de tres fragatas navegava silenciosa pelas aguas desse canal estreito formado pela costa occidental da ilha de Ceylan e a costa oriental do Carnate, por outra, chamada a costa de Coromandel. Não era mister muita pratica nautica para conhecer que o maior numero destes navios acabava de tomar parte n'uma acção mortifera. Era, com effeito, a divisão franceza que navegava no mar das Indias sob as ordens do senhor Ballio de Suffren, que ia ancorar a Gondelour depois do combate Negapatnan, combate em que o almirante inglez, *sir* Hughes, fôra completamente battido.

Tres fragatas, *a Bellona*, *a Fina* e *a Sylphide*, navegando na descoberta, abriam a marcha da divisão. As náus *o Esphinge* e *o Oriente* formavam a vanguarda. *O Ajax*, em que tremulava a bandeira almirante, *o Vingador* e *o Artesiano* compunham o corpo de batalha. Emfim *o Brilhante*, *o Heroe* e *o Annibal*, preza ingleza fechavam a rectaguarda.

Esta esquadra navegava de conserva com pouco panno; e excepto os vasos que iam de vigia na frente do corpo da armada, os outros navios iam nas aguas uns dos outros.

A lua volvia uma toalha de luz resplendente por sobre o Oceano Indio e prateava as vélas brancas e arredondadas desses immensos navios, cuja prôa fazia rebentar das ondas adormecidas uma escuma luminosa; depois, similhante a larga franja de fogo, esse clarão phosphorescente serpenteava ao longo dos costados negros do navio e ia juntar-se a uma esteira tambem scintillante.

Na camara da náo *Ajax*, camara mobilada com extrema simplicidade e allumiada fracamente por uma lanterna, estava um homem de perto de quarenta e cinco annos, que, meio deitado n'um largo canapé de bambu, estava fumando um houka. O fornilho de oiro e o globo de cristal desse cachimbo magnifico descançavam no chão, e o seu comprido tubo de veludo escarlate bordado de seda e que terminava por um bocal de ambar ornado de pedrarias era indolentemente estreitado entre o pollegar e o index do habitante daquella camara. Este personagem parecia profundamente absorto, bem que a espaços fumasse com arrebatamento. Era homem bastante alto e mui replecto; o seu rosto colorido e um tanto gordo, mas cheio de nobreza, respirava audacia e energia; o seu nariz proeminente, os seus grandes olhos vivos á flôr do rosto, as suas sobrancelhas bem arqueadas, a sua testa larga e elevada, completavam finalmente uma altiva e imponente phisionomia.

Este homem estava vestido simplesmente com calças e veste de algodão branco; a sua camisa, meia aberta sobre o peito, deixava ver um pescoço musculoso; emfim um grande chapéo de junco da India, com abas immensas, lhe cobria os cabellos empoados e em rolos. Nesta mesma camara, um moço official, com uniforme completo de tenente da marinha

real, era assentado diante de uma pequena meza; estava com a penna na mão, folheava alguns papeis, e parecia aguardar as ordens do senhor do *houka*, que continuava de fazer voltijar pela camara as ondas perfumadas e azuladas de um fumo odorifero.

Ora o senhor do *houka*, da veste branca e do chapéo de junco, era o senhor ballio de Suffren de Saint-Tropez, vice-almirante, commandante das forças navaes de Sua Magestade o rei de França nos mares das Indias. O joven official era o sobrinho do almirante, o senhor cavalheiro de Pirrevert, commandante da fragata *Bellona*; o ballio mandára-o chamar a bordo para desempenhar uma commissão muito confidencial. Vendo que seu tio continuava de guardar o mesmo silencio, o sr. de Pirrevert se poz a lêr novamente muito alto e pela septima vez a derradeira phrase de uma carta que parecia ter sido dictada pelo almirante:

« ... Assim, senhor marechal, vejo-me obrigado a retirar ao senhor *** o commando que lhe haveis confiado.., »

Ouvindo de novo a voz do cavalheiro, o ballio de Suffren ergueu-se do canapé, arremessou para longe o scintillante tubo do seu cachimbo, metteu a mão esquerda na algibeira das calças (era o seu gesto do costume), e agitando a outra mão, embrolhada n'uma ligadura preta, exclamou com a violencia costumada do seu caracter.

— Pois sim! sim!... escreve lá... com mil demonios!... escreve lá isso! Nada de poupar sujeitinhos assim.., Mais este exemplo, e a minha esquadra se verá livre dos tagarellas, murmuradores, e, o que peior é, dos... dos... Mas deixemo-nos disto, não fallemos mais em tal... porque estou exasperado... Miseravel! levantar a caça debaixo do pretexto de que para isso lhe fizera eu signal!... Eu! eu!... dar similhante ordem, e n'um tal momento!... Estes canalhas não sabem que os inglezes estão com os olhos fitos em nós!!! Mas com este pensamento de que os inglezes não despregam os olhos de nós, eh!... eu faria fogo sobre Deus Padre!... Olha... torno a dizer-te, não fallemos mais nisso, accrescentou o almirante aspirando, para se tranquillisar, cinco ou seis grandes baforadas do seu *houka*. Depois redarguiu:

— Dize-me, que mais me resta a pedir ao ministro?

— Almirante, vós só me haveis dito que vos recordasse o senhor *de* Vaudrey.

— Ah! é verdade, tem rasão, ia-me esquecendo... E' que na verdade um *** é tão pouco proprio para trazer ao pensamento um official como Henrique, que o meu esquecimento é desculpavel... Henrique de Vaudrey... o meu querido e intrepido discipulo... escreve lá!...

« Termino este officio, senhor marechal, recommendando particularmente á vossa benevolencia um dos officiaes mais distinctos da minha esquadra, o senhor conde *de* Vaudrey, commandante da fragata *Sylphide*. Depois de

dois mezes de cruzeiro, segundo as vossas instrucções, foi ter com a minha divisão na altura das ilhas de Cabo-Verde, trazendo-me uma das suas prezas, a fragata ingleza *Lively*; o senhor *de* Vaudrey, havia além disso quasi desmastreado uma fragata e mettido no fundo uma escuna alguns dias antes desse bello combate. Dispuz do *Lively* para mandar os doentes e os prisioneiros para a ilha de França. — Depois da sua juncção comigo, e particularmente no combate da Praya, o senhor *de* Vaudrey, pelo seu zelo e intrepidez, tem ganhado novos titulos ás bondades de Sua Magestade. Ouso pois, senhor marechal, tornar a recommendar-vos o senhor conde *de* Vaudrey com as mais vives instancias.

« Tenho a honra de ser, etc. »

— Está escripto? perguntou o ballio de Suffren.

— Sim, almirante, só vos falta assignar.

— Diabo de ferida, que me tira o uso da mão, diz o almirante assignando, conforme pôde, o seu officio com a mão esquerda.

Depois atirando com a penna, e voltando-se para o official.

— Vamos, meu amigo, segundo todas as apparencias, ancorar esta noite a Gondelour, conto mui proximamente ahi ter uma entrevista official com Hyder Aly: é nosso alliado e faz um mal horrivel aos inglezes, mais por sua propria satisfação do que pela nossa... mas pouco importa, o resultado para nós é o mesmo. Por isso devo animal-o com todas as minhas forças a continuar, e ajudar a esmagar os Mahrates, que os inglezes sublevaram contra elle. Quero pois que a entrevista que devo ter com Hyder-Aly tenha todo o esplendor possivel... Mandarás tirar das caixas os presentes que lhe destino... O estado-maior da divisão me acompanhará... Os orientaes enlevam-se pelos olhos; por isso quero que tudo seja grande, pomposo, magnifico; não me poupes a bolsa; quero tambem que as equipagens sejam vestidas de novo. Ah! já me esquecia; se eu desembarcar em Gondelour, vou sem duvida hospedar-me para casa do meu velho amigo mynheer Horn-Praet, porque elle ficaria furioso se lhe eu não concedesse este favor... E é verdade, agora me recordo tambem que Vaudrey deve entregar áquelle bom homem alguns papeis do fallecido fidalgo inglez, que, segundo Henrique diz, com tanta valentia defendeu a sua fragata. Este official sem duvida conhecera o senhor Horn-Praet antes da guerra, quando Cresus residia em Pondichery; ahi conduzirei Vaudrey... e tanto mais que, segundo dizem, tem uma filha mui bonita e muito original. Ora, se o meu digno discipulo não mudou, esta ultima consideração o obrigará a me não deixar ir só a casa do velho nababo (1).

Depois, achegando-se da janella, o almirante olhou para o tempo, e disse com ar satisfeito: — Vamos, va-

(1) Assim chamam aos negociantes inglezes ou hollandezes, que teem amontoado immensas fortunas na India.

O A.

mos, ámanhã, ao nascer do sol estaremos ancorados em Gondelour, e as nossas equipagens poderão tomar algum repouso; porque tive a honra de trazer o senhor almirante Hughes e os seus navios para tão longe, e com tal andar, que penso que a esquadra de sua magestade britannica nos deixará por algum tempo tranquillos. Vamos, meu amigo, tu necessitas repousar desce e manda-me cá os meus criados.

E o senhor de Pirrevert, tendo apertado cordialmente a mão de seu tio, saíu da camara e deixou o almirante occupado em regular o ceremonial do seu encontro com Hyder-Aly; porque nada escapava á prodigiosa actividade de espirito do senhor ballio de Suffren, que, conhecendo perfeitamente a India e as ideas dos seus habitantes, comprehendia toda a importancia politica de similhante entrevista.

L.

MYNHEER HORN-PRAET.

> Ils me disaient que j'étais tout ce que je voulais être.
>
> Shakspeare. — *O rei Lear*, act IV.

As previsões do almirante não o haviam enganado; na manhã seguinte a esquadra estava tranquillamente ancorada na bahia de Gondelour, cidade situada perto de Pondichery, sobre a costa do Coromandel, e então submettida ao dominio francez. O aspecto de Gondelour era encantador; esta linda cidade se desenrolava como um circo de marmore branco aos pés de altas montanhas escuras, carregadas da vegetação mais verde e vigorosa. O porto e a bahia formavam um largo tanque de uma agua tranquilla e azul, dentro de um molhe de tijolos vermelhos, em quanto que sobre o cáes, se via sumptuosas habitações, cujas paredes estucadas tinham mui lindas pinturas. Mais longe, a leste de Gondelour, no meio de um bosque espesso de coqueiros, se descobria o cimo das cabanas que formavam a Casa-Dill'ah; e para o norte se estendia uma deliciosa aldeia habitada por brahmes, com os seus dois templos, dedicados a Siva e a Parvati, e o seu indispensavel reservatorio de agua limpida rodeiado de palmeiras, e d'essas columnas pyramidaes que, nos nossos dias de festa, são cobertas com ramos de verdura, e de luzes collocadas em pequenos balões transparentes.

Depois que Gondelour se achava sob a protecção da França, muitos negociantes hollandezes tinham vindo ahi refugiar-se depois da ruina de Pondichéry; porque a mór parte d'esses ricos nababos tinham em Gondelour, ou nas suas immediações, fastosas casas de recreio. Entre esses negociantes, o que maior fortuna possuia, era, sem duvida, mynheer Horn-Praet, de que já fallámos. Muitos annos havia que Horn-Praet fazia passar para a Europa milhões sobre milhões, para os collocar nos bancos de

Londres ou de Amsterdam, ou para comprar magnificas propriedades na Hollanda, propondo-se sempre a deixar a India. Mas aquelles que teem largo tempo vivido entre os affeminados e voluptuosos habitos do Oriente não se admirarão se, apezar das irrevocaveis resoluções de cada anno, o senhor Horn-Praet differia a sua partida para o anno seguinte.

Com todos os seus milhões, Horn-Praet possuia tambem uma das mais deliciosas habitações de Gondelour; que ficava a alguns passos da cidade; e da qual vamos dar um leve esboço. Sob fresca e espessa abobada de palmeiras, cujas folhas luzentes estavam desinvolvidas em largos leques, estendia-se uma longa rua, cheia d'essas conxinhas de cores brilhantes que se apanham no Bak-bay.

No fim desta rua era a habitação do senhor Horn-Praet. Esta casa, formando um quadrado perfeito, era rodeiada por uma vasta galeria aberta nas quatro direcções do vento, afim de que sempre se podesse gozar das brizas variantes do dia. As varandas sobre que abriam todas as casas baixas não eram fechadas por janellas, mas por stores que caíam por ligeiras pilastras d'acaju massiço circuladas de marfim. Estes *stores*, feitos de junco verde muito fino, de cheiro excellente, eram sem cessar regados, de maneira que atravessando esta odorifera humidade o ar chegava fresco e perfumado ao interior dos quartos.

Estes quartos, cobertos de esteiras e de tapetes de trabalho mais precioso, estavam cheios de moveis de tartaruga, de nacar e de ebano incrustado de oiro e de pedras preciosas, mandadas vir com grandes despezas do Cantão e de Sanganor. As paredes desapareciam debaixo de armações de setim bordadas a oiro, prata e seda, e acabadas com essa delicadeza e perfeição particular que só se encontram nas obras dos Indios, e que tanta paciencia lhes custa.

Havia tambem um luxo todo oriental de *divans*, de almofadas, de sofás, de leitos de repouso de bambu, de pennas de passaros, de seda, de crina, ou de tecido de frescas folhas de palmeira, segundo a temperatura da estação ou dia... porque se não pode fazer idéa de tudo que a preguiça mais languida e voluptuosa tem imaginado nessas deliciosas regiões, a fim de viver sem se sentir viver, se assim se póde dizer. E, de facto, não se poderia descrever a especie de sensação penosa que experimenta todo o homem habituado a esta vida indolente, quando se tracta de fazer o menor movimento para sair do entorpecimento meditabundo em que se lança com uma embriaguez tão recolhida.

Mas daremos uma idéa mais exacta desta adoravel *preguiça* deixando assistir o leitor ao erguer da cama do honrado mynheer Horn-Praet. São oito horas precisas; o seu *durvan* (ou porteiro), vestido de branco e com um turbante azul, levanta o grande *store* da galeria que communica ao quarto de seu amo. Esta galeria enche-se então de uma multidão innumeravel de

criados que compõe uma casa indiana, cada um dos quaes tem uma occupação invariavel e distincta, desde o *huccabadar* (ou mordomo até ao mais modesto dos peons ou moços dos palanquins).

Todos elles se conservavam silenciosos e immoveis até ao momento em que o ruido retumbante de um *gong* chama os criados graves á presença do mynheer Horn-Praet, homemsinho, delgado e magro, de tez azeitonada, com os olhos parados, as faces cavadas, cabellos raros e grisalhos, e que, quando ri ou se encolerisa, mostra sempre compridos dentes avermelhados, taes como os tem tornado a masticação immoderada do betel e da noz areca. A um signal de seu amo, o *huccabadar* introduziu a multidão de criados que aguardava na galeria; então cada um delles se precipita no chão para fazer os tres *salems* de uso inclinando o corpo e abaixando a cabeça até ao chão, de maneira que a testa só fique separada do sobrado pelo exterior da mão. Depois de ter saboreado estes signaes reverenciosos de respeito devido á sua pessoa, o senhor Horn-Praet, sempre deitado, advertiu os seus domesticos da insigne honra que tinha de receber em sua casa o senhor almirante francez, e recommendou expressamente a cada um delles que redobrasse de cuidados e de zelo. Depois, tendo sido esgotadas todas as formulas de ameaça, promessas e exortações, o senhor Horn-Praet despediu os seus criados, que sahiram recuando e reiteraram os tres respeitosos *salems*.

Então os criados graves, auxiliados pelos seus ajudantes, começaram de vestir o senhor Horn-Praet, que, durante esta operação, se conservava sempre deitado e não se movia para lado algum, como uma estatua, saboreando assim a felicidade indolente de consentir nestes cuidados, e de sentir vestirem-lhe com uma destreza maravilhosa uma camisa, as calças, meias, sem que elle para isso prestasse outro auxilio senão abandonando o corpo e os membros. Depois do que entrou o criado grave barbeiro para barbear o nababo, penteal-o e limar lhe as unhas dos pés e das mãos. Depois um outro criado trouxe um magnifico gomil de ouro e lavou o rosto do seu amo, sempre immovel; com agua nevada, depois transportaram-o para um banho perfumado de agua de Ceylan.

Ao cabo de um quarto de hora, o senhor Horn-Praet, bem enxuto, bem amassado, bem friccionado pelas criadas que o tiravam do banho, o senhor Horn-Praet, digo, vestido com um grande roupão de algodão branco, foi rodado para a sua casa de jantar por meio de uma immensa e fôfa poltrona com rodas. O nababo foi então collocado defronte de uma mesa em que brilhava maravilhosa baixella de prata, e carregada de comidas irritantes: taes como tamiry com truffas da Europa, pilan com pimentão, peixe salgado, conservas feitas em vinagre mui aromatisado, palmito com pimenta; tudo temperado ou com vinho da Madeira quente e aromatisado, ou com Champagne gellado. Depois, quando o

fraco e caprichoso appetite do amo pareceu satisfeito, o *buccabadar* aproveitou destramente o momento em que a mão do senhor Horn-Praet estava aberta e indolente sobre a mesa, para nella introduzir o bocal do houka; o nababo aproximou-o machinalmente dos labios entregou-se á voluptuosa distracção do fumar, até adormecer: então os criados o levaram nos braços, pegando-lhe com tanta destreza, que o estenderam, sem que acordasse, sobre um *divan* em que dormiu até ao momento do passeio que precedeu o seu jantar.

Tal era a vida habitual do senhor Horn-Praet, desde que deixara os negocios, realisando, havia dez annos, uma fortuna de uns vinte milhões. Tudo sommado, o nababo era o melhor dos homens; e, pondo de parte a sua irritabilidade, que a mais leve contrariedade excitava quasi até ao furor epileptico; pondo de parte o seu costume enraigado de não se recusar a qualquer phantasia por mais incrivel que ella fosse; pondo de parte a mania de sacrificar homens e cousas ao mais vão e mais ephemero dos seus caprichos; pondo, finalmente, de parte estas innocentes imperfeições, o nababo offerecia as mais agradaveis relações. E' mister tambem dizer que depois da sua indolencia e caprichos, o que o digno Horn-Praet mais amava no mundo, era a sua filha Ina, unico fructo do seu casamento com uma franceza de mui boa antiga casa que esposara em Madras. Desgraçadamente muito tempo havia que morrera madama Horn-Praet, deixando sua filha de cinco annos.

Como deixamos dito, o nababo adoreva sua filha; ora, como o nababo era muito logico para comsigo, fez este raciocinio claro e positivo: — Quando se ama uma pessoa, devemos tornal-a feliz. E' mister pois fazer feliz a minha filha. Mas como a tornarei eu feliz?... Aqui sem duvida o nababo fez uma pausa, aspirou uma baforada de tabaco no seu houka de ouro, e estabeleceu lá comsigo outra questão de alta philosophia: — O que é a felicidade?... Ao que elle respondeu necessariamente com uma horrivel simplicidade de egoismo: — A felicidade... é aquillo que me torna feliz.

Ora, como o que a elle o tornava feliz... era a independencia mais absoluta, a preguiça mais voluptuosa, e a facilidade mais inteira de satisfazer os seus innumeraveis caprichos, determinou não contrariar a filha em cousa alguma, e deixar-lhe a mais inteira liberdade. Verdade é que obrando assim, o nababo se via livre do cuidado de se occupar da sua filha, ou de a dirigir; o que era muito para um homem de uma tão cruel indolencia.

Imagina-se pois a singular educação que Ina devia receber, abandonada desde a infancia a todos os seus instinctos, a todos os seus gostos, a todos os seus desejos, sabia que tinha a herdar uma fortuna quasi real, e que todos os dias ouvia repetir a seu pai: — Minha filha, o que mais im-

porta na vida, é ter boa saude, porque com boa saude, gosa-se da vida... E demais, só tenho uma cousa a dizer-te: é que tenho vinte milhões de fortuna que todos os dias se augmentam, e que tu és minha filha unica; não te constranjas em cousa alguma, arranja-te lá de maneira que sejas feliz. Segue o teu gosto, as tuas inclinações, os teus caprichos, os teus desejos: a natureza dá-os, é para que sejam satisfeitos..... Porque, sem isso, co'os diabos, não os daria... Repito, sê feliz; é o meu mais vivo desejo: arranja a tua felicidade como a entenderes, porque ninguem melhor sabe organisar isso do que a propria pessoa. Perdôo-te de antemão o mal que possas fazer..: ou antes nada te perdôo; porque uma cousa que te convenha não será má. Desta forma, se tiveres que te queixar de alguem, ao menos não será de teu pai, que te adora, e que t'o prova.

Por extravagante, louco e atroz que pareça este horrivel amor paternal, que se exonera de uma vigilancia incessante, de uma sancta e grande responsabilidade; por esta horrivel negligencia, somos obrigados a admittir rigorosamente, como deducção não só possivel, mas logica, mas provavel, do egoismo estupido e desdenhoso que nasce de uma existencia despotica, sumptuosa e enervada; de uma existencia toda material, e animal, da qual um dos principaes characteres é o mais soberano desprezo por tudo o que não é legalmente condemnavel; n'uma palavra, pelas virtudes domesticas, pelos deveres sociaes, pudôr, temperança, respeito humano, delicadeza, etc.: todas as cousem que se póde mui bem passar quando não só não ha necessidade dos outros, mas tambem quando se póde impor aos outros as suas vontades mais tyrannicas e seus habitos mais insolentemente revoltantes; porque essa sumptuosa existencia nos dá tambem a convicção profunda de que o ouro tudo póde, e que logo que se tenha milhões se pode impunemente entregar a seus instinctos, por mais miseraveis e peiores que sejam.

Bem que haja verdade, muita e prodigiosa verdade nesta convicção, não pretendemos approvar a singular conclusão que o nababo tirava relativamente á educação de sua filha. Repetimos não só que, não podendo formar uma idéa de uma outra felicidade senão daquelle que, elle saboreava, o excellente senhor Horn-Praet adormecia tranquillo e socegado pensando que tinha ao menos feito tudo o que delle dependia para que sua filha fosse feliz. Porque, repetimos, o nababo não podia conceber a possibilidade de uma felicidade differente da sua, assim como não sei que imperador da China não podia compreender o appetite do resto da terra depois delle ter jantado. Vamos sair da esplendida habitação do senhor Horn-Praet, para nos dirigirmos á deliciosa habitação de Ina; porque a joven, mui independente, como já se sabe, quizera uma casa para si, inteiramente

separada da do nababo, ainda que dentro do mesmo parque da de seu pai.

LI.

INA.

> Je me croyais si proche de mon sort .. Je me confiais avec tant d'assurance à ces gages de bonheur ..
> Schiller. — *A Desposada de Messina.*

A uma milha de distancia da casa do senhor Horn-Praet, mas, como já dissemos, sempre fechada no recinto do immenso parque do nababo, se elevava um pavilhão octogono com um só andar, cujas paredes eram revestidas de ladrilhos de porcelana do Japão de offuscante alvura. Este pavilhão parecia escondido entre uma mata de magnolias, em quanto que grande quantidade de arbustos odoriferos lhe rodeiavam a base; eram grupos de jasmins, de aloes, e de tuberosas; eram o damboa, o *moujari* amarello manchado de carmezim, e a flôr-lua, de um azul descorado... eram tambem grinaldas da vinha pamplemousse, ou festões vermelhos e perfumados do champaka, que rodeiavam a cortiça escura e lisa das palmeiras.

Uma multidão de animaes animavam esta profunda e encantadora solidão; aqui enxames de aves do paraiso azues e côr de oiro, beija-flôres esmaltados de escarlate, periquitos amarellos com cabeça preta, phaisoens prateados vinham pousar sobre a relva verde que contorneava um leito de gesso côr de roza em que tinham aberto um canal limpido aonde brincavam as *sarcellas* pardas com cabeça escarlate; acolá se via uma gazella de olho vivo e brilhante, ou alguma dessas pequenas corças de Surate, arruivadas com os pés negros, que dava leves balidos pulando por sobre o fresco taboleiro de relva que se estendia em frente desse delicioso pavilhão.

Emfim, é impossivel pintar a harmonia arrebatadora que existia entre estas côres, estes arruidos e estes perfumes, exprimir com que encanto indefinivel todas estas bellezas se completavam uma por outra. Porque não acontecia como em o Norte, flores bonitas e céo sombrio, não era assim, tudo se combinava; as flores, os passarinhos, o céo, em tudo reflectiam os raios doirados desse sol offuscante; tudo exhalava esse cheiro quente e aromatico do Oriente, que basta só haver aspirado uma hora, um minuto, para que della se recordem sem cessar e com saudades. E finalmente, para corôar estas maravilhas, era mister que, nesse sitio encantador, se elevasse esse elegante pavilhão, essa branca habitação de donzella que lá apparecia, só, mysteriosa, isolada em meio dessas bellas sombras como um ninho de passaros escondido debaixo das flores.

Mas, posto que seja a hora da sésta, entremos sempre na sala de visitas da filha do nababo... Imaginai uma vasta casa circular, cujas quatro janellas abertas eram guarnecidas exteriormente de uma gelosia dobrada desse junco verde e odorifero de que já

fallamos. As paredes desta sala estavam armadas de cassa branca, em que haviam representado quantidade de arabescos de um gosto exquisito, no meio de grossas azas de pika (1).

Ora, essas azas, tão scintillantes como a opala, formavam um largo bordado que resplendia com mil cores nos logares em que o furtivo raio do sol vinha por acaso desabrochar-se. Esta cassa transparente, assim bordada, cobria uma outra armação de setim côr de cereja, que lhe dava os mais engraçados reflexos do mundo. Emfim, um divan oriental de setim côr de cereja bordado de seda e prata, que reinava em volta do quarto completava o seu ornamento.

Entre os objectos preciosos que continha este lindo salão, notava-se um cravo de pau sandalo marchetado de marfim e tartaruga; uma lermik, especie de guitarra com duas cordas, da mais rica magnificencia, livros francezes, italianos, e inglezes, encadernados com grande luxo, e collocados sobre uma meza chineza de laca côr de violeta com grandes desenhos de madre-perola e oiro em relevo; e sobre cavalletes de páo rosa e de ebano, muitos excellentes quadros dos primeiro auctores italianos e hollandezes, em fim, o sobrado estava coberto de esteira de junco tão habilmente entretecida e matizada, que se teria tomado pelo mais rico e macio tapete se não fosse a frescura e cheiro embriagante que espalhava.

Esquecia-me de mencionar entre os objectos animados, uma rapariga negra de cerca de quinze annos, que estava assentada sobre a referida esteira, vestida de caça branca, e com o collo, braços e pernas nus, mas ornados de muitas contas de coral enfiadas em fios de prata, que mais lhe faziam realçar o negro carregado da pelle. Tinha esta escrava a cabeça coberta com um pequeno turbante branco ornado de longo collar de coral que com graça se enrolava entre as pregas numerosas do turbante. Estava a negra brincando com um d'esses imperceptiveis macacos de comprida cauda de côr parda mesclada de preto, que vem de Java. Este lindo animalzinho scintillante de gentileza, tinha ao pescoço um bello collar de oiro guarnecido de esmeraldas; e n'aquelle instante, Canor, como lhe chamavam, fazia mil loucas contorsões, mil saltos contentes para arrancar das mãos da pretinha uma d'essas bellas flores de *odiem*, que formam um cone de um branco resplendecente com veios escarlates.

Porem a pretinha, arreceiando acordar a sua senhora, abandonou a flor a Canor, pegou no seu leque de pennas de pavão com cabo de nacar incrustado de oiro, e poz-se ao pé do *divan* a abannar docemente uma pessoa deitada, que apenas se distinguia atravez da grande coberta de caça que, esconden-

(1) Especie de moscas cantharidas. Os indios tiram-lhes as azas e o peito, seccam-as e servem-se dellas como ornamento. Ha pouco tempo vi eu em Londres maravilhosos vestidos de baile guarnecidos com este enfeite animal, que brilhava como pedrarias.
O A.

do-a inteiramente, chegava ao chão.

Ao cabo de um quarto de hora, a negra, ouvindo suspirar a sua senhora, Ina, que era quem estava dormindo debaixo da tal coberta, disse em francez com uma voz submissa: — A minha senhora não dorme?...

— Não, Badj'y, respondeu Ina; não, estou triste... Tive um sonho... que não posso explicar...

E ao pronunciar estas palavras, ergue-se, appoiando-se s bre os cotovelos com praça nas almofadas do divan, então a grande coberta descaíu até aos joelhos da joven, que parecia como que sair de entre as pregas brancas e diaphanas que a coberta fazia. Ina apenas contava desoito annos; as suas faces, um tanto coloridas pelo dormitar, brilhavam então com viva côr de rosa, a sua tez era da mais pura e suave alvura; tinha os olhos de azul escuro assombreados por longas pestanas pretas, e estreitas sobrancelhas de Circassiana tão negras como os seus cabellos negros.

Por um capricho de creança com muito mimo, Ina havia querido até então vestir-se á moda india. Este trajar pittoresco modificado pelo gosto perfeito e quasi instinctivo desta menina, tornara-se de uma rara elegancia e original. Ina trajava um vestido de seda branca, e um pequeno sobretudo de setim azul bordado de prata e de perolas, que maravilhosamente desenhava o seu delicioso talhe de creoula, e deixava ver os seus braços nus, brancos e polidos, cobertos infelizmente de braceletes de perolas.

Mas o que parecerá de uma moda extravagante, e que era comtudo maravilhoso, eram as pernas de Ina, que trazia nuas, segundo a moda do paiz, eram as suas pernas tão bem feitas, tão arredondadas, tão elegantes, que faziam amaldiçoar os apertados aneis de oiro e de perolas que tambem as ornavam... e que diremos dos pequeninos pés tão brancos, tão rosados, tão cheios de veias azuladas, com as suas unhas polidas e de um oval perfeito, que levemente brilhavam, com o escarlate do henna! pequeninos pés amorosos, doces e perfumados, mas mui cheios de anneis de pedraria, e que repousavam sobre o veludo de uma sandalia azul bordada, cujo laço de oiro se atava sobre um alto e divino peito do pé com uma fivella de perolas!

Finalmente, para terminar o retrato de Ina, diremos que os seus compridos cabellos negros, enrolados em volta da cabeça, quasi á grega, eram sostidos por uma especie de rede ou fio de perolas das mais finas, e esse fio se atava sobre sua fronte nobre e elevada por meio de um laço magnifico.

Mas o que nós não podemos exprimir, é a expressão candida, ingenua e um tanto selvagem que animava este lindo rosto e lhe dava um caracter ao mesmo tempo cheio de graças e de energia. Porque, digamol-o agora, a terrivel incuria do nababo tinha operado prodigios; e, por uma contradicção toda providencial, a educação que parecia dever annunciar o mais funes-

ao porvir produzira os melhores resultados, devidos á pureza, generosidade e quasi cavalheirismo de que a sua alma era naturalmente dotada... devidos a que essa nobre menina se teria considerado covarde, se se houvesse aproveitado da facilidade que tinha de praticar impunemente o mal.

Por isso, podendo Ina abusar de tudo, achou nobre e bello não abusar de cousa alguma. Não tendo limite algum a seus desejos, e caprichos, Ina ufanava-se de os limitar a si mesma. Tendo a liberdade de se entregar á preguiça e ignorancia, empregou uma especie de orgulho em aprender e trabalhar. Emfim este era milagrosamente guiado para o bem por uma especie de instincto de conservação moral, que a afastava das cousas más, assim como o instincto physico afasta a abelha da flôr que lhe é mortal. E, além disto, por excepcional e raro que pareça este caracter, não se pode negar que elle não seja assaz consequente com as ideas da juventude, que se mostra tão fortemente ambiciosa de bastantes cousas, é porque d'ahi se recusam. Concedei-lhe o que ella tanto deseja saciar-se-ha; ou terá a vaidade do provar que é superior a similhantes miserias.

Tais foram pois o fructos do espantoso egoismo do nababo; e Ina só usou da louca prodigalidade de seu pai para mandar vir de Pariz e de Londres, excellentes professores, que, cultivando com rara felicidade esse feliz natural, fizeram, dentro de alguns annos, da filha de Horn-Praet uma das mulheres mais distinctas das colonias indianas. Será talvez agora duplicadamente lastimado sir Jorge, quando souber que era de Ina que elle era amado, mas amado com toda a paixão sincera e forte que podia conter alma tão energica e tão pura: Porque o que, em sir Jorge, tinha sobretudo reduzido Ina, fora a sua seriedade severa, e essa linguagem doce, seria e circumspecta que charecterisa particularmente os homens distinctos da aristocracia ingleza. E alem disso ella era tão pequena quando conheceu sir Jorge! Contava apenas doze annos, e então a flor dos officiaes inglezes frequentava os esplendidos salões do nababo. Nessa epoca tambem, o pai de sir Jorge, governador das Indias, tivera occasião de prestar alguns obsequios ao senhor Horn-Praet.

Era pois um amor quasi solemne esse amor de Jorge e de Ina; porque o joven official havia tomado por esta menina um interesse profundo, ao ver, pelo cruel desleixo do nababo, os thesouro dessa alma candida e casta tão imprudentemente offerecidos a quem quer que os quizesse roubar ou macular.

E sir Jorge tambem tinha muita parte na resolução tão ardentemente seguida por Ina de se conduzir com grandeza e nobreza... Uma approvação de sir Jorge, era uma grande recompensa para Ina, com quem elle muitas vezes ralhava... porque Jorge era a unica pessoa que se atrevia a ralhar com a rica herdeira; até uma vez teve uma contenda e recebeu uma

cutilada, porque asseverou a um outro gentilhomem que, não sei em que occasião, a conducta de *madamoiselle* Horn-Praet havia sido muito leviana para com uma mulher idosa.

Emfim, que direi! Ina amava Jorge com essa confiança impertubavel das pessoas habituadas á felicidade, e que nem um instante della tem duvidado. De accordo com sir Jorge, Ina fixára o seu decimo oitavo anno para a sua união; digo Ina e Jorge, porque o nababo tanto teria consentido que a filha se casasse aos dez annos como aos cincoenta. Ina não experimentava pois inquietação alguma sobre a vida de sir Jorge; porque a morte de seu amante era uma dessas horriveis desventuras que ella previa tanto como se prevê a morte n'um bello dia de primavera e de sol, quando se é moço, livre, apaixonado, e que se estreita a amante entre os braços.

Não, toda a inquietação de Ina versava sobre a chegada mais ou menos proxima de sir Jorge. Tivera tambem tido ella um sonho que a atormentava excessivamente, e era a esse respeito que ella estava fallando á sua negra Badj'y.

Voltando a este pensamento: — Badj'y, lhe diz ella, eu desejava consultar a velha Mah' — oh é sobre o meu sonho; manda-a chamar.

— Eu lá vou, minha senhora, diz Badj'y. E desappareceu.

LII.

CASAMENTO.

O conde de Vaudrey ao marquez Carlos De La Jaille, em Pariz

Porto da ilha de França, 30 de setembro de 1792.

« Adivinha, Carlos, advinha o que me aconteceu!... De quem julgas tu que é esta carta?... Não te perturbas; não sentes um santo respeito percorrer-te dos pés até á cabeça? Vamos, preparai-vos todos para rir bastante, para bastante me escarnecerdes. Já d'aqui ouço as lindas vozes das minhas lindas inimigas formarem o mais amavel concerto de desejos malditos para o meu futuro... em quanto que vós, miseraveis, vos preparais para mais do que desejos... Na verdade quasi que ainda hesito em te contar... que... sim... palavra de honra... hesito... E' que eu tambem zombei e me diverti tantas vezes á custa dos... dos... Maridos!!! Ah! sim, dos maridos... Agora percebes?... Vamos lá, bom, muito bem... não te constranjas... mais sempre... gargalhadas, risos convulsos... Maravilhosamente! assim o esperava.

« Agora que estás mais socegado, vou-te contar chronologicamente de que maneira foi feito o meu casamento; porque, na verdade, isto me parece um sonho... E tambem tu verás (seja dito sem vaidade) que os meios exalçam algum tanto o fim; e, palavra de honra, que não fui desastrado. Escuta pois, e julga.

« Recordaste, Carlos, de um certo gentilhomem inglez que estava prisioneiro de guerra na França antes da minha partida para a India... n'uma palavra, desse serio sir Jorge, cujo segredo eu não pude arrancar senão mediante uma cutilada, que me valeu, essa linda *madama* de Cervan (que é feito della?) e tambem o diabo desse duello de que foste testimunha (e o platonico Saint-Cyr ainda é cartuxo?... Aqui para nós, o estratagema é bom...)

« Mas o diabo levem os parenthesis... Carlos... é um resto da minha vida de rapaz solteiro que ainda des ponta aqui e alem... Sejamos pois serio como devo sel-o. Ora, para começar, vou, palavra de cavalheiro, fazer-te uma reflexão profundamente moral e philosophica.

« Fóra de brincadeira, vê tu como os acontecimentos se encadeiam singularmente na vida. Para não remontar ao diluvio, principiarei pela ceia em casa de Soubise com Lelia; tenho desejo de possuir esta rapariga, e para esse fim, aposto que heide triumphar des a pobre duqueza que eu nunca na minha vida tinha visto (presta bem attenção, Carlos, porque seriamente foi por ella que começou essa serie de felicidades que me acontecem). Triumpho pois da duqueza; conduzo-me com bastante dureza para com ella, e os diabos me levem se o não fiz muito mais para vos divertir, a vós e a essas damnadas meretrizes, do que por meu proprio prazer. Mas emfim o mal já lá vai. A duqueza morreu de pesar. Eis-me pois mais na moda do que nunca, e por tal forma na moda que *madama* de Cernan se interessa por mim. Para lhe agradar, surpreendo o segredo de *sir* Jorge: dá-me uma cutilada; empresto-lhe quatro mil luizes (abençoados quatro mil luizes!), e eis-nos intimos amigos para a vida e para a morte. Pois bem! por cumulo de singularidade, é tambem a *sir* Jorge, partindo de *madama* de Cernan, partindo da duqueza, que devo uma mulher linda como um anjo, e sobretudo possuidora de uns poucos de milhões, o que nenhum mal faz; tanto mais que aqui se diz que a philosophia vos faz ahi andar n'uma pocira. Agora se tens curiosidade de saber como tudo isto aconteceu, escuta até ao fim.

« Como sabes, parti de Brest no fim de janeiro de 1781; ora, havia perto de um mez que eu andava no mar quando o meu feliz destino me enviou uma pequena divisão ingleza, com que combatesse: uma fragata e tres navios pequenos. Saio perfeitamente deste negocio; metto no fundo um delles, desmastreio a fragata, e safo-me á vista de duas náos. Durante a noute que se seguiu a este combate, o animal do astronomo, com quem eu havia carregado por condescendencia, lança-me fogo á fragata, estando a a remexer na sua papellada! O incendio ia-se tornando serio, o perigo instante, e achavamo-nos por certo bem embaraçados, quando uma fragata ingleza, vendo o clarão do incendio, arriba sobre nós, offerece-nos lealmente o seu soccorro e nos ajuda

a apagar o fogo. Informo-me então do nome do commandante inglez a quem devia este generoso soccorro. Adivinha o meu espanto... era *sir* Jorge.

« Antes de saber que era elle quem commandava o *Lively* (assim se chamava a sua fragata) eu tinha pedido tregoas até ao romper do dia. Tu pensas bem que reconhecendo o meu amigo da cutilada mantive a mesma proposta, e o excellente *gentleman* até me pediu mui polidamente que fosse tomar chá a seu bordo na manhã seguinte com os meus officiaes.

« Fui pois, e encontrei o meu *sir* Jorge, como sempre inglez e serio até á raiz dos cabellos. Depois do almoço, passamos á sua camara para conversarmos mais intimamente. Ah! esquecia-me dizer-te que nesse maldicto incendio fora eu obrigado a molhar a minha polvora. Este pensamento fazia-me levar do diabo, porque, com quanto fosse muito amigo de sir Jorge esperava comtudo um prazer infinito em lhe mandar alguns tiros de peça, porque, aqui para nós, tinha a tirar desforra da sua cutilada. Passamos pois á sua camara, e ahi me deu immensos agradecimentos por alguns milhares de luizes que n'outro tempo lhe havia emprestado, depois chegam-lhe as lagrimas aos olhos, e jura-me que está quasi desesperado pensando que dentro de poucos instantes nós teriamos de nos combatermos. Era esta justamente a occasião propria para pensar na minha polvora; e eis-me-ahi desesperado, jurando, praguejando, e descobrindo-lhe emfim a minha diabolica posição. Então elle com o seu phlegma britannico, offerece-me metade da sua polvora, querendo assim, disse elle, pagar-me o obsequio que lhe eu fizéra em Pariz. Palavra de cavalheiro, Carlos, assim o praticou, e realmente foi mui bella acção e de muito cavalheirismo, se bem que um tanto lasca; mas, como sempre nos aproveitamos de taes loucuras, fui acceitando a offerta do *gentleman* com os transportes exigidos pelo reconhecimento mais exaltado. Mas, depois disto, que nada menos lhe poderia render do que um conselho de guerra (e então o almirantado inglez que é desapiedado para com estas e quejandas sublimidades), ahi está o meu *sir* Jorge a confessar-me, corando como uma rapariguinha, que tinha um favor a pedir-me; que vinha a ser que, no caso de que elle fosse morto na acção (e, palavra de honra, eu tinha esse presentimento, porque elle estava com cara d'isso); vinha a ser, digo, entregar eu a uma joven que elle amava, e de quem era amado, um retrato e as cartas que eu devia achar ternamente escondidas no forro da sua farda. (Só inglezes é que podem ter similhantes lembranças.) Prometti pois a *sir* Jorge que, no caso de que eu fosse a Pondichéry (é aonde residia a sua bella), entregaria pessoalmente as cartas, ou que as confiaria a pessoa tão segura como eu proprio. Isto justo, abraçamo-nos como dois estudantes que vão para ferias. Volto a bordo, e depois de duas horas de um combate encarniçado tomo o *Lively* á abordagem;

e o pobre diabo de *sir* Jorge, que, já mortalmente ferido, se defendia como um leão, morre de uma cutilada que lhe pregou o meu tenente, verdadeiro lobo damnado (que não obstante acaba de fazer com que o expulsem do corpo por ter recusado covardemente um duello inevitavel; tendo aliás este miseravel dado sempre provas da maior valentia na frente do inimigo; é cousa que custa a perceber).

«Mas, voltando a *sir* Jorge, palavra de honra, Carlos, no primeiro momento a sua morte affectou-me muito, porque era, na verdade, um intrepido e leal gentilhomem, bem que algum tanto serio e semi-romanesco. Mas, como tu sabes, sou de um character que facilmente me resigno com a desgraça alheia; por isso não tardou que eu esquecesse esse inglez, que por fim era me tão obrigado como lhe eu era a elle.

«Ora, depois de mez e meio de cruzeiro, alcanço em Cabo Verde a divisão do meu antigo e querido capitão o senhor ballio de Suffren; vamos para a India, e depois de alguns combates chegámos a ancorar em Gondelour, mui linda cidade da costa de Coromandel, para tomarmos refrescos, e termos uma entrevista com Hyder-Aly, inimigo furioso dos inglezes.

«Eis aqui o mais interessante, meu querido Carlos, é aqui que deves admirar a boa estrella do teu Orestes. Depois da ruina de Pondichéry, grande quantidade de ricos negociantes se haviam retirado a Gondelour, e muitos d'elles ahi possuiam deliciosas casas de campo.

Entre esses nababos, um dos mais espantosamente ricos era o pai de minha mulher (parece-me singular dizer minha mulher), o senhor Horn-Praet, que tem mais de vinte milhões nos bancos da Europa.

«Ora, na vespera do dia em que a conferencia com Hyder-Aly devia ter logar, tendo-me o almirante designado para o acompanhar disse-me: — Henrique, has de ir a terra commigo; hospedar-nos-hemos em casa de um ratão, riquissimo, mynheer Horn-Praet, que demais a mais tem uma filha que é uma das mais lindas raparigas que tenho visto. Faz-me impressão este nome de Horn-Praet, volto para bordo, olho para o maço que sir Jorge me confiara quando estava para morrer; era tal qual: «Ao senhor Horn-Praet, para entregar a *mademoiselle* Ina Horn-Praet, em Pondichery.»

«Co'a breca! digo eu (sem vistas nenhumas) para annunciar uma má nova sempre ha occasião. Vejamos primeiro *mademoiselle* Ina Horn-Praet.

Fomos a terra com o almirante; passamos a noite em casa de Horn-Praet, que é um figurão digno de se retratar.

De Ina, nem sombras; assistimos a essa diabolica conferencia (que durou cinco horas mortaes), voltamos a casa do senhor Horn-Praet, dormimos lá, ahi passamos o dia seguinte; e nada de Ina.

« Confesso, Carlos, começava a picar-me da indifferença certamente affectada d'essa rapariga; porque os meus criados tinham conversado com os do nababo, e entre outros o meu correio Almanzor, que, já havia tomado muita confiança com uma rapariga negra, favorita de Ina, e se havia, como costumava, espraiado em elogios sobre as qualidades de seu amo, os seus successos em Versailles, a sua posição na corte, etc. Mas nada d'isto havia feito nascer o desejo de me conhecer. Não me pude conter; possuia um meio infalivel de vêr a minha desdenhosa: era dizer ao pai que tinha para entregar a sua filha, e em mão propria, uma carta, de sir Jorge. Foi o que fiz; mas o bom do homem respondeu-me que isso era com sua filha, e que tractasse eu de lhe fallar, porque elle em nada d'isso se mettia. Isto é exactamente verdadeiro, não julgues que estou brincando, Carlos.

« Escrevo pois a Ina um bilhetinho, bem frio, bem respeitosamente polido, para lhe dizer que tinha para lhe entregar em mão propria uma mensagem de sir Jorge. A este nome, todas as portas se abriram, e uma quinta feira, pela uma hora da tarde, o teu amigo compareceu na presença da encantadora Ina.

« E' feio um marido gabar sua mulher. Vós heis de vel-a, nada pois direi; só o que não heis de ver, é a mais deliciosa maneira de trajar que se póde imaginar, um trajo todo oriental, braços, pernas e pés nus, os diabos me levem, se não parecia uma sultana das Mil e uma noites.

Mas, voltando á minha historia, decidido, como estava, a fazer o meu jogo a todo o custo, observei com toda a sagacidade que a natureza me concedeu; porque, logo que vi tão linda rapariga, fiz tenção de empregar todos os meios para a possuir, fossem quaes fossem. Bem o devia eu fazer á memoria de *sir* Jorge. Ina estava mui pallida. Comprimentei-a, e de repente sem nenhuma preparação (cá tinha o meu projecto); entrego-lhe as cartas, annunciando-lhe cruamente a morte de *sir* Jorge, e tudo isto com esse ar impassivel e desdenhosamente polido que tu me conheces.

« Não te assustes por mim Carlos, eu bem sabía o que fazia, e é o A B C do nosso officio (do vosso officio de seductor, devo eu dizer). Vês tu, Carlos, acquiri por uma longa experiencia do mundo a certesa de que, primeiro que tudo é mister impressionar violentamente a imaginação de uma mulher. Ora o imprevisto é admiravel para isto; que esse imprevisto suscite para logo o odio ou a affeição, pouco importa, o essencial é commover fortemente uma mulher e obrigal-a a pensar em nós; ora, quando se trata de uma mensagem como a que eu levava, o embaixador encarregado de annunciar a fatal nova representa de ordinario o papel de afflicto, assucarado, magoado; falla do destino, da sorte, da melhor vida, do diabo: eu, nada d'isso partiquei: al-

gumas palavras friamente polidas, e, como t'o disse entrego as cartas.

« Ao vêr os sinetes pretos, a pobre menina tornou-se tremula; depois, superando a sua commoção, rompe o sobrescripto, conhece a verdade, que lhe eu confirmo, e desmaia. Tudo isto estava em ordem. Chamei então as creadas e retirei-me. Tinha alugado uma casa em terra; no dia immediato e nos seguintes mandei o meu correio saber noticias da afflicta, e o meu creado grave inscrever-me na relação das pessoas que a visitavam; mas, nada mais... Repito, tinha os meus projectos ulteriores, tu verás.

« Almanzor punha-me ao facto de tudo quanto sabía pela sua pretinha. Admira o teu amigo. Carlos: eu tinha calculado bem. O horrivel sangue-frio com que eu dera a fatal nova, eu, eu, quasi o auctor da morte de *sir* Jorge, pois que havia tomado a sua fragata á abordagem; esse horrivel sangue-frio, digo, tinha impressionado a pobre menina quasi tanto como a morte do seu amante; por isso, desde esse dia, os seus pensamentos se alternavam sem cessar entre a minha crueldade e as saudades que tinha de *sir* Jorge; emfim, chegou a ponto que, um dia, vendo-me no parque com seu pai, achou-se incommodada pelo horror e cholera que lhe sobreveio. Desde esse momento, Carlos, considerei o meu amor em muito bom caminho; porque, já vês que eu participava dos seus pensamentos juntamente com o defunto...

« Durante este tempo, bem singulares ideas me occorreram; via na França, segundo as tuas cartas me diziam, o credito extinguir-se, não sei que surda agitação ameaçar os nossos privilegios e existencias; emfim, que te direi? fosse instincto, loucura ou sabedoria, não me torci muito ao pensamento de me vêr casado, de ter um dia vinte milhões de fortuna para o que désse e viesse; achava além disso a coisa original, e não desgostava do jogo... Por isso continuei surdamente a solapar, como dizia Mallebranche (aonde está elle?)

« Bem imaginas que dobrei de vigilancia. Almanzor continuava a instruir-me de tudo; emfim veio um dia dizêr-me que a desconsolada chorava sempre muito o seu amante, mas que dissera á sua pretinha (que nunca lhe fallava a meu respeito) que eu tinha feito bem em não ter ido pessoalmente visital-a, porque se teria negado. Trahia ella assim o desejo que tinha de me vêr; certo disto podia apresentar-me; fiz-me comtudo surdo, não quiz compreender; por isso; alguns dias depois, a negra disse confidencialmente ao meu correio que estava quasi certa de que, se o senhor conde pedisse para ser apresentado, não lhe recusariam uma audiencia para ter o triste praser de ouvir fallar do querido morto. Nada, Fiquei insensivel; eu queria um proceder que fizesse estrondo, official. Assim foi. E uma manhã recebo duas linhas nas quaes me pedia que passasse por casa do senhor Horn-Praet, porque *mademoiselle* Horn-Praet queria dar-me os seus

agradecimentos, etc. «Respondi respeitosamente que eu iria, e fui.

«Insensivelmente vi todos os dias a minha beldade, e todos os dias, a toda a hora e cada minuto, fallei-lhe tanto e tanto do seu endiabrado morto, que cheguei a causar-lhe abborrecimento; porque morto ou ausente, Carlos, é, por via de regra, o unico e verdadeiro meio de acabar com estas recordações que são muitas vezes horrivelmente tenazes, mas que não poderiam resistir a uma perpetua secatura tão aduladora como monotona; por isso, uma vez que mais não tinha ella a ouvir do seu morto, fallei-lhe a respeito della.

«Eu sabia que Jorge era severo; eu fui cruel, quasi brutal em minhas exposições, e a menina, julgando do amor pela rudeza com que as apresentava, achou que a adorava; mas nota bem, eu nunca aventurava uma palavra, uma só palavra de amor, e fazia-o porque conhecia que ella queria ainda muito ao seu defuncto, senão por amor, ao menos pelo respeito humano, e em consequencia de uma excessiva nobresa e lealdade de alma, que é uma das feições salientes do seu caracter.

«Tractava-se pois de a desprender inteiramente da recordação de *sir* Jorge, ou de lhe dar ao menos um pretexto decente para olvidar; sem que tivesse completo resultado, procurei-o por todos os meios: entre os que empreguei com bastante fructo, ha um que te recommendo na occasião, Carlos: é o de inventar e contar com um serio incrivel bellas acções do defunto ou do ausente; mui bellas acções, é verdade, mas a que se dá sempre um lado estupido ou ridiculo, que se faz sobresair com destresa, affectando admiral-as do fundo d'alma. Ora, isto é sobre tudo de um effeito certo e perfido, quando se trata de pessoas como sir Jorge, desses massadores que se chama em amor homens serios, homens honrados: como não tem graças, nem encantos, nem vicios nem vivesa para compensar o ridiculo de suas acções suppostas, morrem de desgosto. Porque, torno-te a repetir, de todas as maledicencias, a maledicencia em bem é a mais terrivel. Lembra-te bem disto, Carlos, se chegares a interessar-te por *madama* de Vaudrey...

«Mas emfim, apesar dos meus bellos feitos, os meus negocios não caminhavam tão depressa como eu desejava, quando, por um golpe divino, n'um bello ataque de ternura pelo seu defunto, Ina se poz a contar-me, entre lagrimas e soluços, a historia de uma promessa feita por Jorge, promessa feita debaixo de juramento, jurada pelo seu amor, e sobre o seu amor, sob pena de passar por infame e perjuro, de renunciar a Ina, etc., etc., se a ella faltasse.

«Ora, Carlos, era uma promessa solemne de nunca mais jogar, porque, segundo parece, o nosso defunto Catão, tinha essa paixão desenvolvida no mais alto gráo. Perguntei com indifferença, mas com horrivel angustia, de que data era a promessa, a menina correu a um movel que Jorge lhe

dera, e delle tirou um lindo papel, em que o bello juramento estava escripto, e assignado por *sir* Jorge, e sellado com as suas armas.

«Julga do imperio que tive sobre mim, Carlos; não saltei de alegria ao ver que esse juramento fôra prestado antes do dia em que, em Pariz, eu havia emprestado a *sir* Jorge esses abençoados quatro mil luizes para pagar uma divida de jogo!

«Deixei pois Ina entregue a um accesso de recordação para com o seu defunto; foi então que comprehendi toda a melancolia do personagem em Versailles; pensava sem duvida no seu juramento trahido, e, antes do combate, quando me disse: se eu for infeliz mereço-o, porque fui prejuro... era ainda o damnado juramento. Palavra de honra, Carlos, tu has de confessar que quem é tão tolo que faz semilhantes juramentos deve ser tão tolo que os sustente, e que, nestes casos, como em muitos outros, tolice é probidade..

«Mas voltemos ao nosso negocio: era mister fazer saber Ina que o bello juramento fôra quebrantado, e que eu havia emprestado quatro mil luizes para pagar uma divida de jogo. Ordenei pois a Almansor que contasse á preta a minha historia com *sir* Jorge, mas d'ahi a algum tempo, e com alguma reserva. O velhaco comprehendeu-me ás mil maravilhas; tudo continuou como d'antes: eu não me fartava de elogiar o seu defuncto sem dizer uma palavra de amor; quando cerca de quinze dias depois da scena do juramento, recebo um bilhete mui laconico, que me supplicava que fosse immediatamente a casa de Horn-Praet, bem que não fossem mais do que dez horas da manhã.

«Bem esperava eu esta scena; achei pois a encantadora Ina, com o olhar scintillante, o ar indignado: — Senhor *de* Vaudrey, me disse ella com um certo ar muito imponente, é verdade que emprestaste a *sir* Jorge Gordon quatro mil luizes para elle pagar uma divida de jogo no anno de 1780?

«Tu vês-me espantado, estupefacto, balbuciante, córado mesmo, Carlos... —*mademoiselle* eu ignoro... não sei...

«—A verdade, senhor conde, em nome do céo, a verdade...

«Tu vês-me sempre... — *Mademoiselle*... quem foi que...

«E' inutil fingir, senhor; um dos vossos criados fallou, contou tudo, o vosso duello, tudo emfim... Pela vossa palavra de cavalheiro, senhor *de* Vaudrey, vos conjuro que me digais a verdade...

«Vês-me então, meu querido Carlos, compellido a confessar balbuciando a verdade, a minha admiravel conducta. a minha dedicação, etc., etc., e depois ponho-me a defender *sir* Jorge com força; mas a beldade fecha-me a boca recordando-me as minhas proprias palavras da vespera sobre os prejuros... e fui obrigado, Carlos, a pensar como ella... que era indigno...

«Desde esse dia acabou-se a recordação de Jorge, ou porque Ina só esperasse um pretexto favoravel para se entregar ao sentimento que lhe eu talvez ins-

pirava, ou porque, franca e leal, ficasse realmente exasperada por essa falta de fé do Catão-Beverley, tanto mais que esse pobre diabo tinha feito a tolice de tornar a fallar da maldita promessa na sua carta mortuaria, gabando-se de a haver sustentado. Foi isto sobre tudo que mais irritou Ina, porque uma mulher quando confia, como ella confiava, torna-se furiosa quando se vê illudida.

« Que mais te direi, meu amigo? d'esse dia dactou a certeza da minha felicidade. Não foi porque eu fosse tão desastrado que fallasse logo de repente de amor de ois da decepção que Ina acabava de soffrer. Não! e depois.. bem que a falta de sir Jorge a tivesse desligado... ella hesitava ainda; foi então que toquei no grande meio meditado. Como estavamos na maré das confidencias, um dia perguntou-se-me mui sinceramente porque havia eu sido tão cruel e tão duro ao dar a noticia da morte de *sir* Jorge: era justamente para o que me eu estava guardando: depois de me ter feito instar bastante, deixei suppôr que o pobre morto tinha sido fatuo, e me havia dado a intender que... D'ahi nasciam os meus pesares, a minha frieza, a minha cholera, a minha raiva, dizia eu com esses famosos suspiros em sobresaltos que tão bem faço; d'ahi nascera a minha raiva. porque ao vêr tantos encantos e belleza n'uma mulher que se havia olvidado a ponto de ser amante de *sir* Jorge, eu não pudera conter a minha indignação, porque já presentia que devia amal-a, etc.

« Um homem que jurou pelo amor de uma mulher bonita nunca mais jogar e joga, e que ainda em cima está morto, é capaz de tudo. Por isso este ultimo horror desligou inteiramente Ina de Jorge, e os diabos me levem se eu não creio que a pressa que ella teve de vêr o nosso casamento terminado, foi para me provar muito á sua vontade que o pobre *sir* Jorge mentira. e tinha mentido, Carlos, deliciosamente mentido...

« Mas o que é mais curioso, é a maneira como lhe eu propuz a minha mão; e o effeito devia de ser infallivel n'uma cabecinha tão exaltada pela cholera que lhe causava a fatuidade supposta do *gentleman*. — *Mademoiselle*, lhe digo eu com um incrivel serio cheio de dignidade, *mademoiselle*, tenho muita fé na vossa lealdade e no vosso amor para exigir um juramento ou para vos abaixar a uma justificação. Offereço-vos o meu nome, certo de que o não acceitareis se delle não fordes digna.

« Não teria por certo feito esta bella proposta a outra qualquer; estava seguro a seu respeito, e isto pelas confidencias verdadeiras de *sir* Jorge e tambem em resultado das minhas observações sobre o seu character puro e delicado.

« Aqui para nós, eu não fiz escrupulo de suppôr *sir* Jorge um pouco fatuo... E demais que mal fazia isso a um morto, arranjando aliás muito os negocios de um vivo! Tudo pois convencionado, viemos aqui, á ilha de França, porque o consorcio teria para-

cido demasiadamente apressado em Gondelour: e a proposito disto, vê tu como eu fiz bem em annular os meus votos pela morte do meu irmão.

« Emfim ha seis semanas que estou casado. Com o character que me conheces, não te direi que amo minha mulher como um extremosissimo amante: mas sou commedido, e amo-a quasi tanto como amei as minhas amantes; amo-a emfim como se ama uma posição. Ella é de muito boa casa de Languedoc, é uma Saint Perry por sua mãi: seu pai descende dos antigos Horn Praet da Hollanda, um dos quaes foi chefe de esquadra em Ruyter. Tudo isto é muito bom, bem nascido, bem alliado, e afora isso, o pai assegura-nos oito milhões em bens de raiz pelo nosso casamento, e o resto por sua morte; accrescenta a isto os meus cincoenta mil *escudos* de renda, e verás que a vida se pode supportar. por isso quanto mais penso nisto, mas creio ter obrado com sabedoria. Eu tinha já vivido bastante; além de que esta existencia nada mudará aos meus habitos de prazer, sómente estamos fixados para o futuro; e, se porventura vier a acontecer alguma cousa, isto é um retiro. Por exemplo, a ti Carlos, a ti, a que não occulto nenhum dos meus mais secretos pensamentos, posso te dizer uma cousa: Conheço o mundo, e todavia seria de bem máo gosto para achar detestavel que me fizessem o que eu fiz a tantos outros! é loucura, é fraqueza, será tudo o que quizeres, mas assim é... Tomarei lá para diante o meu partido tão valorosamente como esse pobre conde de***, ou esse querido presidente de **, ou esse excellente coronel***; mas por isso mesmo que hei de occultar o meu desprazer, não será elle menos pungente.

« Ah! meu Carlos, tanto quanto se pode presumir de cousa tão incerta, tenho todas as probabilidades para crer que não partilharei a sorte commum. Não rias desta presumpção, eis-aqui o motivo: A minha mulher esteve sempre entregue a si mesma desde que pôde formar duas ideas, e exposta a todos os perigos que cercam neste paiz uma tão rica herdeira. E conservou-se pura! sabes porque? por causa mesmo dessa excessiva liberdade. Porque, eu t'o repito, o traço mais saliente do seu character, que eu profundamente estudei, é uma lealdade quasi cavalheiresca, uma nobre altiveza que lhe fazia, penso eu, sacrificar tudo á vergonha de praticar menos ainda uma má acção de que uma covardia; emfim, tu bem sabes, eu não careço de boa opinião a meu respeito; pois, olha, estou certo que a falta de fé e de palavra de sir Jorge fez mais contra elle e em meu favor do que todas as minhas seducções.

« Sim, meu amigo, tal é *madama* de Vaudrey, e, se esta preciosa qualidade que a distingue não mudar, que é, penso eu, muito natural que mude, bastará dizer-lhe: « *Madama*, ponho a minha honra debaixo da salvaguarda da vossa lealdade; » e, se me não engano, essa excessiva confiança que perde tantos maridos será talvez o meu mais seguro garante.

«Tenho-me estendido, Carlos, mas é na verdade uma tão singular phase no meu destino, que eu não saberia detalhar-t'a como quizera. Aqui falla-se de paz; agora desejo-a, porque a minha intenção é deixar a marinha e usar quiçá do meu credito e do dos meus amigos para obter uma embaixada, se a todo o custo me quizer occupar n'alguma cousa.

«Adeus, adeus, Carlos; mil saudades aos amigos, para os quaes serei sempre o cavalheiro de Vaudrey, porque eu espero renovar de tempos a tempos a nossa vida folgasam. Não me respondas, porque se estes boatos de paz tomarem, como se diz, consistencia, vou directamente a Hollanda, visitar as nossas propriedades, e d'ahi passarei a continuar a minha residencia no palacio de Vaudrey.

«O conde H. de Vaudrey.»

LIII.

CASAMENTO.

A condessa Ina de Vaudrey a Miss Betty Hamonley, em Madras.

Ilha de França.

«Minha boa amiga, não desprezeis Ina, não a acuseis sem a ouvirdes. Sabei em primeiro logar, Betty, que o sr. Jorge Gordon me havia covardemente enganado... odiosamente calumniado: alem de que *elle já não vive*... Meu Deus! meu Deus! o que me acontece deve admirar-vos bastante; porque a mim mesmo me custa a crer. Mas tornando a sir Jorge... quem teria acreditado que elle seria capaz de similhante cousa? Mas ides saber tudo.

«Haveis de vos lembrar bem de que um dia em Pondichery, ha perto de tres annos, fazia seriamente a guerra a sir Jorge sobre a sua terrivel paixão pelo jogo, que elle não experimentara, dizia elle, senão por desfastio, e quando era longe de mim. Tambem vos heis-de lembrar, não é assim minha amiga, que, cedendo a tudo o que lhe eu dizia de rasoavel e terno a este respeito, quiz escrever pelo seu proprio punho, assignar com o seu nome, e sellar com as suas armas, o juramento solemne e sagrado de nunca mais jogar na sua vida, sob pena de passar por infame, por perjuro, e de se reconhecer indigno do meu amor e de mim?... Pois bem! esse juramento foi por elle indignamente trahido, profanado... Assim, elle, que eu julgava tão leal e tão profundamente honrado, commetteu uma covardia... Vós conheceis-me minha amiga; julgai pois se eu podia perdoar uma traição tão baixa... Mas ainda isto não é tudo... elle, que eu julgava tão superior a esses fatuos imprudentes e vulgares de que nós ambos escarneciamos, Betty, elle, que eu julgava de uma probidade tão nobre e delicada, calumniou-me horrivelmente aos olhos de um homem de honra, do senhor conde de Vaudrey, de meu marido emfim. Sim... abusando dos penhores sagrados e quasi religiosos de uma affeição tão pura como verdadeira, sir

Jorge serviu-se delles com maldade com baixeza para tramar a mais infame calumnia... para fazer crer emfim ao senhor de Vaudrey... que *eu havia sido sua amante.* Eu! eu! Betty... eu! oh! meu Deus! não posso ainda conter as minhas lagrymas e a minha indignação a este horrivel pensamento... Mas ides saber tudo... minha amiga...

« Ha perto de cinco mezes que o senhor almirante de Suffren veio passar alguns dias a casa de meu pai. Habitavamos então em a nossa casa de recreio em Gondelour. O senhor de Suffren trazia em sua companhia seu sobrinho e um outro official, que era o senhor conde de Vaudrey. Absorvida como eu estava com as saudades de sir Jorge, de quem eu esperava cartas com a mais mortal impaciencia, pouco me importava com os hospedes de meu pai... apesar das loucuras da minha preta, que estava pasmada dos estrangeiros.

« Mas um dia recebo um bilhete mui polido do senhor conde de Vaudrey, pedindo-me que lhe concedesse um momento de entrevista, porque tinha, dizia elle, papeis a entregar-me da parte de sir Jorge. Immediatamente pedi ao senhor de Vaudrey que viesse a minha casa, e foi com horrivel inquietação que aguardei o momento de receber a visita do conde. Não sei porque presentimento estava eu agitada, mas estive duas vezes a ponto de perder os sentidos quando sube qne o senhor Vaudrey estava na minha sala; emfim tomei coragem, e entrei. Vi um mancebo de estatura mediana, de maneiras distinctas, com farda de official de marinha. Mas o que mais me impressionou logo, foi a frieza do seu fallar e a inflexibilidade do seu olhar.

« Saudou-me com seriedade e disse-me: — *Mademoiselle,* aqui estão os papeis que sir Jorge me pediu que só entregasse nas vossas mãos. — Viste sir Jorge, senhor? exclamei a meu pesar... Por favor, dizei-me, aonde está elle agora?... Então elle (parece-me que ainda o estou ouvindo), então elle sem mudar de physionomia, sem mudar de expressão de voz, disse-me estas palavras crueis quasi com ar de sombria satisfação: — Tomei a fragata de sir Jorge á abordagem, *mademoiselle*; elle defendeu-se com a maior coragem; mas foi morto na acção...

« A esta palavra *morto,* caí sem conhecimento. Muito tempo depois é que tornei a mim; estava no meio das minhas criadas, o senhor Vaudrey já alli não estava!... Bem o notei eu... porque foi a elle que o meu olhar furioso procurou primeiro... Sim, Betty, se elle lá estivesse, e se eu tivesse força para isso, parece-me que nesse momento têl-o-hia morto.

« Mas esperai antes de julgardes o conde, minha amiga: porque eu concebo que esta atroz indifferença ou antes que esta fria crueldade deve irritar-vos contra elle, e todavia...

« Não vos direi as lagrimas que chorei, os meus desgostos e a especie de anniquilamento em que vivi durante

um mez, sem ter ninguem... vós bem o sabeis, *ninguem no mundo* com quem chorar, senão a minha pobre Badj'y! só o que ainda não pude conceber é que eu não podia isolar a recordação do senhor conde de Vaudrey da de sir Jorge. Sim, era, por assim dizer, a causa e o effeito desapiedadamente ligados um ao outro. Porque, emfim, se o conde me houvesse contado essa horrivel desgraça com cautella e precaução, não teria eu tido, por assim dizer, que pensar senão no meu desgosto; mas o conde vindo, como veio, trazer-me essa nova fatal, com rudeza e quasi com azedume... vindo emfim elle mesmo dizer-me que era a causa indirecta da morte de sir Jorge, ó Betty! confesso que a cada instante eu parava de chorar para amaldiçoar e carregar de imprecações esse inflexivel mensageiro, e vereis quanto eu era louca...

« Mas tornando a sir Jorge, reenviava-me as minhas cartas, e o meu retrato que lhe eu havia dado. Escrevia-me por ultima vez no momento de se batter, e nunca, Betty, um homem ousou mais audaciosamente mentir a uma senhora, mentir quasi ao pé da tumba... Como então ainda eu queria n'elle, não podeis fazer idéa das lagrimas amargas e dos beijos com que eu cobri esses caracteres queridos, que, a cada linha (ao menos cria-o eu), revelavam ess'alma tão leal e tão generosa... mas o que me lançava principalmente n'uma desesperação amarga, e que duplicava os meus desgostos pungentes, eram algumas linhas em que sir Jorge me recordava com felicidade o seu juramento escripto de nunca mais jogar... jurando-me que o havia mantido!!! e que essa convicção de morrer digno de mim adoçaria os seus ultimos momentos, se me elle nunca mais tornasse a vêr... Jurar-me isto, Betty... quasi em face da eternidade!... Infamia!... infamia!... Mas escutai ainda (1).

« Não vivia pois senão de lagrimas, não saía do meu pavilhão, quando um dia, olhando machinalmente pela janella, dei com o senhor de Vaudrey a conversar com meu pai; era a primeira vez que o tornava a vêr depois da fatal nova; não podendo vencer a minha commoção... desmaiei... e comtudo, com quanto odiasse o conde o mais possivel, tinha um irresistivel desejo de o ouvir, porque só elle me podia fallar de sir Jorge, e dar-me sobre os seus ultimos momentos esses detalhes tão crueis, e comtudo tão avidamente indagados por aquellas pessoas que amam como eu amava. Ai!... mas tinha então do senhor de Vau-

(1) É facil vêr, pela acrimonia e cholera que reina em toda esta carta, que *mademoisselle* Horn-Praet procura talvez exaggerar a si mesmo e á sua amiga as faltas verdadeiras ou suppostas de sir Jorge, para fazer desculpar o amor que ella experimenta por o senhor de Vaudrey e a infedilidade que ella faz á recordação do pobre inglez, aliás bem innocente da fatuidade que se lhe attribue, porque o seu amor por ella foi sempre tão terno como puro e respeitoso. Mas aqui encontramos um traço saliente do caracter de Ina, que, ficando physicamante livre da sua escolha pela morte de sir Jorge, quer ainda constatar a moralidade, a lealdade da sua conducta aos olhos da sua amiga. O A.

drey um medo insuperavel (que mal que eu fazia, meu Deus)! e apezar das instancias da minha preta, não podia resolver-me a recebel-o, bem que elle viesse amiudadas vezes informar-se da minha saude. Emfim, decidi-me, e escrevi-lhe que, devendo ir passar algum tempo a Madras, desejava agradecer-lhe o incommodo que tivera em vir a minha casa; elle respondeu-me que no dia seguinte estaria ás minhas ordens. Quando elle entrou, apenas me podia soster, havia deixado o meu trajar indio como pouco decente, e estava vestida á europea; recebi o conde: continuou sempre com o seu ar frio, mas extremamente polido; respondeu-me em termos a todas as perguntas que lhe fiz a respeito de sir Jorge, mas com sequidão e rudeza, quando se retirou, não pude deixar de dizer a Badj'y que com uma physionomia tão doce, era inconsebivel que o senhor de Vaudrey parecesse insensivel á dôr que elle bem devia pensar que eu experimentaria.

« Que vos direi?... Enlevada na triste felicidade de ouvir fallar de Jorge, vi o conde muitas vezes, e addiei a minha viagem a Madras. Achei no senhor de Vaudrey um homem franco, generoso, e bom, e sobre tudo, penso eu de uma rara dedicação para com os seus amigos.

Mas o que muito me admirava n'um grande senhor francez (meu marido é de uma das mais ricas e antigas familias de França; e, aos vinte e oito annos, já tem uma patente superior na marinha); o que me admirava, digo, era a severidade da sua linguagem e das suas maneiras, tendo ouvido fallar tantas vezes do estouvamento e da leviandade dos seus compatriotas. D'elle, ao contrario, nunca se ouvia uma palavra de galanteio; uma conversa seria, ainda que um pouco romanesca, porque é impossivel ter uma alma mais terna e impressionavel do que elle tinha. Por isso me disse elle ter soffrido muito por causa d'essa excessiva delicadeza que o caracterisa... delicadeza tão raramente apreciada, e por isso mesmo tantas vezes e tão cruelmente enxovalhada. Pouco a pouco, o conde foi adquirindo o habito de me vêr a meudo; pedia-me algumas vezes licença para me dar conselhos, e isso como que a seu pezar, com uma aspereza que contrastava com a doçura da sua voz.

« Sem que diminuisse de força, a minha dôr era comtudo mais calmada, e eu ouvia com prazer melancolico o senhor de Vaudrey fazer-me o elogio de sir Jorge » e gabar-me continuadamente a sua bravura e qualidades, porque o havia conhecido em França, quando esteve prisioneiro de guerra; era o assumpto favorito da nossa conversação, e cada dia, cada hora, cada minuto, trazia aos labios do conde o elogio de sir Jorge. E' preciso, Betty, que a este respeito te faça confidencia: ainda estou para saber porque estes elogios repetidos sem cessar quasi que me irritavam, bem que eu conhecesse toda a sua exacção; ainda não sei se a dôr se con-

somme á força de fallar no que a motiva, mas ao cabo de dois mezes destas eternas conversações a respeito de sir Jorge, senti-me, confesso-o com vergonha, senti-me menos vivamente affectada, sim, achei-me mais sensivel aos objectos exteriores, e notei a figura do conde, que até então não havia examinado, e que me pareceu engraçada e distincta. Não, não podereis acreditar o terror que me causou similhante mudança em mim; porque, por Deus e por minha mãi vos juro, que queria morrer fiel a Jorge.., Por cruel que mais tarde este sacrificio me viesse a parecer, teria sustentado a promessa que fizera... Pobre Jorge, pensava eu, que já não vive, para se recordar de mim!... elle sustentou fielmente as suas promessas, sustentou-as até morrer: seria pois uma covardia sacrifical-o quando posso fazel-o impunemente.

«Foi então, Betty, sentindo essa frieza, que de mim se apoderava a meu pezar, que pertendi fortalecer-me n'uma fonte pura e sagrada, e que procurei o que nós chamamamos o meu *talisman*, essa *promessa* que me parecia tão bella, porque eu sabia quanto lhe ella deveria ter custado.

«Neste dia, Betty, o senhor de Vaudrey estava ao pé de mim, e acabava de me contar uma acção de Jorge que eu ignorava e que o conde exaltava segundo o seu costume, porque sir Jorge tinha nelle um amigo profundamente dedicado, acreditai-me. Eis-aqui o que exaltava tão fortemente a admiração do conde, e o que sem duvida por molestia sir Jorge me havia sempre occultado.

«Parece que uma das parentas de sir Jorge, muito idosa, rabugenta e original, tinha a mania, no fim dos seus dias (ainda que tivesse uma casa perfeitamente montada), de não querer comer cousa alguma que não fosse por assim dizer feita debaixo das vistas de sir Jorge, a quem não amava, adorava. Ora, sir Jorge, com uma condescendencia angelica preparava por suas mãos a comida para a sua velha parente... Sem duvida isto era bello e de muita dedicação, Betty, é uma cousa tocante vêr um moço gentilhomem sacrificar os prazeres do mundo para satisfazer os caprichos de uma senhora de idade a quem ama e respeita; sim, isto é mui bello, e a admiração que testimunhava o senhor de Vaudrey era sem duvida muito concebivel; mas emfim confesso ainda por vergonha minha, que, a meu pezar, o que mais me impressionou em a narração desta dedicação, foi o lado que tocava quasi no ridiculo. E comtudo era impossivel melhor do que o senhor de Vaudrey fazer valer tudo o que havia de tocante nesta bella acção; os seus olhos estavam molhados de lagrymas, a sua commoção era profunda... E porque tambem elle é tão bom, é tão sensivel a tudo o que revela uma bella alma!..

«Emfim, Betty, voltando a essa promessa, sentindo-me, vos digo, menos desesperada pela morte de sir Jorge, e querendo fortalecer as minhas recordações e permanecer digna delle,

corri ao meu *talisman*, e, mostrando esse papel sagrado ao senhor de Vaudrey, não pude deixar de lhe dizer: Se elle era bom e dedicado, vêde que tambem era nobre e forte, vêde que poder que elle tinha em si; e então contei ao conde a historia do juramento. Como eu, mais ainda do que eu talvez, admirou a resolução de Jorge; tão sómente então não notei aquillo de que agora me lembro perfeitamente, e que, quando apoiava a santidade irrevogavel desses juramentos sagrados para um homem de honra, o conde tinha um ar embaraçado que agora facilmente me explico; porque, sabeis emfim esse horrivel segredo, Betty, pelo maior dos acasos fui instruida, algum tempo depois, que, *em despeito do seu solemne juramento, sir Jorge jogou, perdeu, e foi o mesmo senhor conde de Vaudrey quem pagou essa divida*... Não, não, Betty, eu não podia crel-o. Escrevi ao senhor conde de Vaudrey que viesse a minha casa; veio, quiz negar, mas intimo-lhe pela sua honra que me diga a verdade... Era verdade, Betty, era verdade; sir Jorge tinha jogado apesar do seu juramento sagrado, eu havia sido indignamente illudida, trahida...

« Desde este momento, não me será possivel pintar vos, minha amiga, a frieza que senti pela memoria do senhor Jorge Gordon; porque este juramento resumia por assim dizer a especie grave e séria do seu amor, e vêr assim essa promessa solemne pizada aos pés por elle, que brilhava sobre tudo aos meus olhos pela sua qualidade de lealdade e honradez, era sentir-me bem perto de o olvidar e de me julgar livre como realmente o era. Dir-se-ia que, por esta confissão o senhor de Vaudrey, se achava alliviado de um fardo que o opprimia, e eu o concebo: elle tão verdadeiro, tão sincero, devia soffrer por me vêr tão indignamente inganada. Depois mesmo elle m'o confessou.

Continuou a ver o conde, e achei-o como sempre, bom, amavel e sensato, mas sem me dizer nunca uma palavra que me fizesse suspeitar que me amava, e comtudo este pensamento era por mim accolhido com prazer: não estava eu livre de direito e de facto por esta perfidia?

« Pouco a pouco fui recuperando a minha antiga alegria; mas, á medida que eu me ia tranquillisando, á medida que eu me ia mostrando mais agradavel para o senhor conde, parecia elle cada vez mais sombrio; em fim essa frieza da sua parte magoava-me, porque eu sentia, e sem remorsos, que elle me agradava... Ora, franca, como eu era, disse sinceramente que o desgosto em que o via me fazia mal... nada me respondeu... insistí... o mesmo silencio... Em fim não parecia o mesmo, havia-se tornado triste como dantes, como nos primeiros tempos que me elle conhecera. Emfim, crel-o heis, Betty! sube pelo seu almirante que elle sollicitava uma missão mui perigosa: as lagrimas suffocam-me, peço-lhe, exijo até (já o amava tanto!),

que me confie a causa do seu desgosto: foi então que depois de mil hesitações me disse, córando, Betty, que, graças a uma infame calumnia, eu passava a seus olhos por ter sido... *amante de sir Gordon.*

« Esta calumnia fora a unica causa da especie de prazer funesto com que Henrique me annunciára a morte de Gordon, e do pezar amargo e profundo que elle experimentou ao sentir que me amava, a mim que elle julgava *deshonrada.* Concebeis a minha dôr, a minha cholera, Betty.

Apenas o senhor de Vaudrey acabou de pronunciar estas palavras horriveis, fui-me fexar no meu quarto... Estive por espaço de quinze dias horrivelmente doente, desejava a morte... Henrique venceu a minha repugnancia em ver quem quer que fosse, e recebi a sua visita. Ides conhecel-o, ides appreciar tudo o que ha de generoso e de cavalheiresco n'essa alma que se póde chamar sublime.

— « *Mademoiselle*, me disse elle, tenho muita fé na vossa lealdade e no vosso amor para exigir um juramento ou abaixar-vos a uma justificação; offereço-vos o meu nome, certo de que o não o acceitareis se d'elle não fordes digna. »

« Será possivel, dize lá? será possivel encontrar mais grandeza, mais nobreza, maior porção d'essa alta e delicada confiança que per si só prova quanto se é digno de inspirar uma similhante?

« Que mais vos direi, minha amiga!... desde esse dia dactou para mim a vida, a felicidade, o amor .. todo o resto da minha existencia não é mais do que um sonho: não conservo senão desprezo para com *sir* Gordon; porque elle nem ao menos é digno de inspirar odio. O amor de meu marido me indemnisa das suas odiosas calumnias, que lhe eu perdôo, emfim, porque estou muito feliz para ter o menor pensamento máo no coração. Emfim, ha quinze dias, Betty, que estou casada; ha quinze dias que prevejo o porvir mais ditoso. Henrique falla em tornar á Europa logo que a paz seja assignada; porque se não crê muito na continuação da guerra; antes de partir, hei de escrever-vos, contais com isso, não é assim? Mas vede emfim que singular destino... e quem me teria dicto isto ha dezoito mezes, quando me viestes abraçar a Gondelour? Fazei-me lembrada a lord e lady Hamonley, e pensai algumas vezes na venturosa Ina de Vaudrey, etc. »

LIV.

VAIDADE.

Scenas dialogadas.

Tandis que Saul fut fidèle, il n'eut pas besoin d'aller consulter la pythonisse sur ce qu'il devait faire... La loi de Dieu le lui apprenait assez ce ne fut qu'après son crime, que pour calmer les inquietudes de une conscience troublée, e allier ses faiblesses passées avec la loi de Dieu, il s'avisa d'aller chercher dans les réponses d'un oracle trompeur quelque autorité favorable à ses passions.

Aimez la verité e vous l'aurez bientôt connue. Une conscience droite e simple est le meilleur de tous les docteurs.

Massillon.

Sermão de terça feira da paixão, sobre a Salvação.

> Tempus meum nondum advenit; tempus autem vestrum semper est paratum.
>
> Joan., VII, 6.

PERSONAGENS.

O Abbade de Cilly.
O Losopho — embriagado.
Rumphius — louco.
O Tenente João Thomaz.
Craeb — o assassino.
O Senhor Conde e Condessa de Vaudrey — na sua carroagem.

A' beira mar na ilha de França; á direita, o gradamento de um passeio; á esquerda a entrada de um bosque espesso. — O sol está no seu occaso. — Solidão profunda.

O abbade de Cilly. (Caminha pensativo, com a cabeça baixa; pára ás vezes com estremecimentos arrebatados.) Nada... nada... sempre a obscuridade... o nada... eu não percebo... vejo bem a natureza, os astros, os elementos... tudo isto me prova que ha um motor, um agente, um creador mysterioso; mas aonde está elle?.,. quem é elle?... elle vê-nos?... Ver-nos... elle!... Orgulho incuravel do homem!... revelar-te-has tu pois até ao seio das crenças, cuja base é a humildade! Deus, ver-te! Deus occupar-se dos atomos perdidos sobre a terra, assim como a mesma terra está perdida na immensidade! Deus ver-nos!... Enfermidade da nossa intelligencia!... não poder prestar a Deus senão as relações materiaes dos nossos sentidos grosseiros!.., Deus vêr como nós, ouvir como nós, fallar como nós; isso é na verdade uma insolente blasphemia, porque fazer Deus á nossa imagem... e porque não?... Não creremos tambem, em o nosso miseravel e louco orgulho, que as outras maravilhas da creação não são senão accessorios do nosso imperceptivel planeta! Sim, não é assim, homem privilegiado! o sol não foi tirado do chaos senão para madurecer os fructos do teu jardim!... a lua, para pratear as tuas noites amorosas! e as estrellas não scintillam sobre o azul do céo senão para recrear os teus olhos e inspirar os teus poetas! Decisão!!! Sempre o mesmo orgulho que tudo reporta ao homem. Sim, foi para ti que os mundos sairam do nada; foi por tua causa... accredita-o, semi-deus, accredita-o: e porque não? Então o mendigo que sacode os seus andrajos ao clarão offuscante de um festim ruidoso poderá crêr tambem que é para elle que ardem as mil bugias dos lustres de oiro; então a hyena errante, que roe os ossos do cavallo morto que se deita para o monturo, poderá crêr que tambem foi para ella que o cavallo morreu.

(Depois de largo silencio, Arthur continua com abatimento):

— Em verdade, é um abysmo.,. um abysmo... Canço-me em hypotheses, concentro-me todo no fundo do meu pensamento, fecho por assim dizer os olhos do espirito... como fechamos os olhos do corpo afim de nos entregarmos

a funda meditação... e nada... nada senão trevas... (Uma pausa.) Quando eu era secular, acreditava que o véo do tabernaculo me occultava, a mim profano, a luz divina; fiz-me padre e vejo que não fiz mais do que passar para o outro lado da cortina, sem por isso vêr mais luz. Pois que!... sempre obscuridade... sempre!... E' horrivel!... E é horrivel porque eu tenho feito muitas vezes saborear aos outros as doçuras ineffaveis dessa fé, á qual aspiro com todas as forças do meu ser e da minha intelligencia... dessa fé que eu quiz comprar por todos os sacrificios possiveis ao homem... dessa fé que quero mas não posso impôr ao meu espirito angustiado; dessa fé, cujas mysteriosas relações não posso perceber; dessa fé que, eu o sinto, por instincto e pelo poder do raciocinio, só seria capaz de satisfazer esses desejos ardentes que me torturam. Oh! sim... é bem cruel dizer similhante cousa: Eu, sem crenças decididas, tenho muitas vezes inspirado, sem poder, ai de mim! partilhal-as... embriagantes extasis, sublimes e santas esperanças, esplendidas visões de eternidade... que faziam esquecer aos infelizes os terrores da morte ou as angustias da vida!!!... Sim, é cruel dizer isto: Abençoa-se a doce e religiosa influencia das minhas palavras, que dispertam tão consoladoras e profundas convicções; entretanto que eu, que dou tanto, nada tenho... nada senão o nada e o desespero!... entretanto que eu pagaria por uma vida de soffrimentos uma hora, um segundo dessa felicidade radiosa que prodigaliso sem a sentir. Maldição sobre mim!... porque este pensamento de que os outros me devem a felicidade não me consola nos meus pesares pungentes.

E comtudo tal abnegação seria nobre e generosa, grande e christã!!!. Mas não é assim, não, não acontece assim.. e é odioso ter de o confessar... Mas, devorado por uma incuravel inveja... tenho até algumas vezes tentado... manchar os germens dessa fé que a influencia vivificante da minha palavra acabava de fazer desenvolver nos meus irmãos... (Uma pausa.) Mas póde ser que isto seja uma justa punição de Deus; porque eu terei procurado a fé com um odioso egoismo... não para fazer triumphar primeiro que tudo a verdade santa, mas para preencher o vacuo que haviam deixado na minha alma as tristes e vergonhosas paixões da terra, mas porque eu terei desejado crêr por passatempo e por desenfado... e porque pedi a Deus a minha parte de graça e de fé, como se pede ao mundo uma frivola distracção... E comtudo não sou eu digno della? Emfim, ha tres annos, não tenho vivido de privações, de sacrificios e de humildade? não tenho eu desempenhado com uma exactidão escrupulosa os meus deveres de sacerdote? Em que commetti eu falta, Deus clemente, Deus justo... Deus soberanamente bom?... A minha immensa fortuna... é distribuida aos pobres! eu, grande senhor, habituado ao luxo.. tenho vivido miseravel aspirando a febre dos

moribundos, e orando sobre os seus cadaveres. Não tenho tido um só pensamento impuro; porque os meus sentidos embotados estão ha muito tempo extinctos. Que podeis reprocharme, Deus remunerador? A minha vocação é egoismo, e a minha virtude saciedade. Isso é verdade, vós o sabeis, porque lêdes em nossas almas... E então será isso um mal? será um mal sentir emfim... que vós, que vós só, podeis contentar a insaciabilidade da alma?... N'uma palavra, mereço eu a vossa cholera ou a vossa indifferença, porque vos digo, com uma profunda e dolorosa convicção (o abbade prosta-se de joelhos, com os olhos humidos): Meu Deus! sou bem desgraçado!!! os bens da terra não me bastaram, e fui ter comvosco, arrependido e resignado... tenho prodigalisado o oiro aos pobres, tenho consolado os moribundos, tenho piedosamente cerrado as palpebras dos mortos, esquecido as vaidades da sciencia e da mocidade, tenho vivido de lagrimas bem amargas, cobri-me de cinzas, suffoquei o orgulho da classe, e do nascimento... tudo isto nada é, bem o sei, meu Deus!... tudo isto nada é em paga do que soffrestes pelos homens... mas vós que sois tão grande, vós que sois Deus... emfim, vós sabeis tambem que eu sou homem!... sómente um homem que não ousa crer que de tão alto lançasseis um olhar sobre elle... sobre uma cega creatura que tem todavia necessidade de ser guiada atravez da obscuridade em que a sua alma está ainda mergulhada! Tirai-me deste barathro um fundo, donde eu vos invoco, meu Deus!... illuminai-me com um só raio da vossa graça! que eu veja uma luz, um signal que me diga sómente: Espera... Deus te ouve; ouvisse-o eu, ainda que o devesse comprar pelos tormentos do martyrio! só isto vos pede, meu Deus, a vossa indigna creatura, só isto! Que ella saiba que não caminha ao acaso e abandonada, sem fim e sem apoio; só isto... e então essa intelligencia de que me haveis dotado cessará de vacillar na sombra, como a flamma de uma lampada que se apaga; então, forte com o vosso soccorro, imporei a minha crença ao mundo (com enthusiasmo). Esta sociedade corrupta, desvairada, cede á minha voz, que vós tornais toda poderosa, conduzo-a aos vossos pés; eu... Mas não, não, meu Deus, isto é tambem um miseravel orgulho... fazei sómente que eu creia, ou que sinta que um dia heide crer, que eu espere, meu Deus, que eu espere; despertai a esperança na minha alma afflicta... a esperança, oh! a esperança, somente a esperança... não me desespereis... um signal, meu Deus... um signal! não sejas inexoravel... eu não sou nenhum criminoso!... amei tanto meu pai! Piedade... oh!... piedade, piedade, meu Deus... (Depois de se ter conservado algum tempo de joelhos, o abbade levanta-se e diz com fria amargura): E nada, nada, nada, surdo ou implacavel... então não é tudo isto uma chimera, mentira e estupida impostura? . . . . . .

Uma voz folgasã ao longe:

Quando bebo sou rei,
E Deus se bebo mais.

Entra o Losopho, embriagado, cantando:

Quando bebo sou rei...

Appercebendo o abbade, pára e corteja-o.

— Perdão, meu abbade, é a superabundancia do rác, ou da aguardente do logar, de que supponho que abusei excessivamente, na intenção fortemente bachica de me suster, para chegar a casa do meu commandante, o senhor conde de Vaudrey, cuja habitação fica lá para os arredores... d'aqui, segundo me disseram; sabeis aonde é, abbade? E' uma carta que trago ao senhor conde!... e até deixei São Medard em terra, em casa da minha estalajadeira, e o pobre animal... (não a estalajadoira, o outro) faz uma caramunha que parte a alma.

O abbade. — Estais embriagado, miseravel, segui vosso caminho.

O Losopho. — Estou embriagado! sim, estou bebado, meu abbade! e disso me lisonjeio. Mas, fallemos em cortezia, meu abbade, é justamente por estar bebado que não sou um miseravel; não, não, se soubesseis o que é!!! Olhai, abbade, suppunhamos, a gente é casado; não é assim? tem mulher e filhos, e não tem pão para lhes dar a comer; bom, elles gritam com fome... isso afflige-vos; porque ainda que casado, a gente sempre é pai muito e muito terno a sim mesmo; ora, sendo pai terno, e não querendo ver a vossa familia desgraçada, que fazeis? bebeis uma pinga! e logo vos julgais millionario; não vedes senão candeias romanas, e figurais na vossa imaginação que a vossa familia se regala com deliciosos banquetes e anda n'uma sege; imaginais tudo isto, a é que passe a bebedeira, s'intende... bom! E, então, como vós quereis continuar mais que nunca a ser ternissimo pai... tornais-vos logo a emborrachar, para isto de tornar a felicidade a uma familia adorada, e fazel-a *reandar* de carroagem... e assim seguidamente, meu padre; de sorte que quanto mais vos embebedais, tanto mais vedes a vossa familia feliz... e por conseguinte, tanto mais sois pai ternissimo... Por isso, meu padre, aquelles que dizem mal do vinho, são os que não teem gosto, verdadeiros monstros, monstros horriveis, meu padre, é a riqueza do pobre, é a consolação do infeliz! Mas perdão, perdão, meu padre, estou aqui a fazer-vos conversar, e tenho uma commissão que desempenhar, e que.... (*Reconhecendo a grade do parque*): Mas, olá, cá está a grade que me ensinaram; perdão, com licença, meu abbade... (*O Losopho corteja o abbade, entra pela grade do parque, e affasta-se cantando*):

Quando bebo, etc.

O abbade (depois de largo silencio). E o mais é que este miseravel bruto tem rasão! em a sua ignobil embriaguez, é rei, é Deus, ao menos em quanto o crê, e é ao menos uma fé, uma convicção... e essa acha-se, por certo, no fundo de um copo; em quanto que a outra... (Uma pausa). Mas é na verdade algum tanto singular pensar que a crença dos martyres resistiu ás torturas mais espantosas, ás seducções mais voluptuosas, e que um copo de vinho, tomado por vontade ou á força, pouco importa, sim, que um copo de vinho houvesse aniquillado, durante algumas horas, a inspiração divina desses heroes da fé, que sorriam sobre brasas ardentes cantando a gloria do Senhor... (com ironia): Vamos, semi-deus!... Vamos creatura que não apodreces inteiramente no tumulo, falla pois de eternidade!... e ahi está essa parte etherea de si mesmo, essa emanação tão immortal, que se pode afogar n'uma brutal embriaguez, e eis ahi como, pela unica influencia physica de um producto inerte e material... um sancto poderia blasphemar de Deus! Eis ahi a fé vencida pela embriaguez. E tu não tens altares! embriaguez! embriaguez santa... e abençoada! tu que pódes tão seguramente destruir, sob as tuas ondas risonhas e vermelhas, os sombrios e funestos pensamentos!

(Com amargura):

Vamos, coragem, abbade!... coragem, sancto homem! inveja a embriaguez estupida de um marinheiro...

(Ouve-se ruido.)

— Quem vem lá?

(O abbade retira-se de parte.)

A noite é quasi completa. — Rumphius entra correndo, fazendo contorsões ridiculas. — Enlouqueceu de pezar por haver perdido o seu manuscripto; julga ser elle mesmo o manuscripto, e acaba de se evadir do hospicio da ilha de França aonde o conde o mandara encerrar. — Rumphius vem grottescamente coberto de folhas de papel cosidas sobre o fato; o seu olhar está extincto; mas o seu rosto, de magro e macillento que d'antes era havia-se tornado gordo e corado; de descarnado, tornara-se quasi obeso (1).—O abbade, sempre afastado, olha para Rumphius em silen- e com tristeza.

Rumphius (fazendo uma cabriola). — Bst... Até que pude descer d'aquella maldicta estante da bibliotheca... aonde elles me tinham apertado entre grandes e velhacos tractados *in folio* sobre a... sobre o... bst... lá esqueci taes grosseiros livros, os taes grossos e estupidos livros impressos. (com furor.) Livros impressos!... (Dá grandes gargalhadas.) Ah! ah! ah!... encaixar-me entre livros impressos... que sociedade tão vulgar para mim, manuscripto, e sobretudo manuscripto do celebre... do famoso... do nomeado... bst... lá esqueci... lá esqueci... (procura olhar para traz das costas.) E infelizmente não posso ler o meu titu-

(1) Este phenomeno physiologico dá-se em quasi todos os casos de alienação mental. *O. A.*

lo que tenho aqui atraz... Oh! oh! mas já está a cair orvalho; diabo! sinto o papel humido. E se eu me fosse tornar illegivel! Diabo! destruir-me e não estar ao abrigo das injurias do ar, n'uma boa e quente encadernação! eu, eu, o manuscripto do famoso... do grande... do celebre... bst... lá esqueci... esqueci...

O abbade (pondo as mãos com horror). — O seu nome... o seu nome... até o seu nome !!!

Rumphius. — Tenho frio, tenho frio tambem tenho fome... Fome!... e de que? Um manuscripto como eu deve ter fome? Não estou atulhado de sciencia? cheio de saber até ao pescoço? não fui eu creado, educado, amimado, acariciado, como um filho querido de sua mãi, pelo celebre... famoso... lá esqueci.. esqueci...

O abbade (olhando Rumphius.) —Cabeça poderosa, que adivinhavas o caminhar dos outros, sabio illustre que evocavas o passado á tua presença, como um magico evoca uma sombra aonde está a tua sciencia? aonde está o fructo dos teus longos annos de estudo tenaz e abstracto? aonde está esse genio ardente que, suspenso em cima do abysmo sem fundo da immensidade, seguia os planetas em suas curvas medonhas?... Aonde estás tu agora, tu que vivias no céo, tu que, creado nas regiões mais ethereas da intelligencia, nem já ouvias o brado do sangue... tu que acreditavas assaz na sciencia para lhe sacrificar a felicidade domestica, tu que sonhas um nome immortal, um nome saudado com respeito no mundo da sciencia, aonde estás tu? aonde estás tu? A axaltação da sciencia te havia já quasi feito fratricida, pelo espantoso egoismo com que te ella havia bronzeado o coração e agora faz-te idiota. E' bella, a sciencia! não é assim, Rumphius?... E a tua alma, Rumphius... aonde está a tua alma agora?...

Rumphius (julgando esconder o seu titulo com as mãos atraz das costas.) — Alli está alguem. . tomemos cuidado... occultemos o meu titulo... que me podem ler ou imprimir, o que seria horivel... horrivel bastante... Porque, em logar de ser unico seria multiplicado até ao infinito!... seria talvez dez mil vezes eu mesmo... e não quero ser dez mil vezes eu mesmo... E bastaria eu para isso, eu, o manuscripto unico do celebre... Ah! ah! bst... lá esqueci... lá esqueci...

O abbade (com voz forte a Rumphius.) —E Sulpicio... Sulpicio... tambem é esquecido Sulpicio!

Rumphius (ao abbade com terror.) — Não me leias! não me imprimas... eu não tenho senão paginas em branco!... Além d'isso... sou um manuscripto precioso do celebre... esquecido... esquecido...

O abbade (com espanto.) — Mais nada! mais nada!... Não resta já uma corda n'aquella alma, tudo está para sempre despedaçado... tudo!... (Pega pelo braço a Rumphius, e diz-lhe ainda com força): E Sulpicio... que te deixou roubar o teu manuscripto?... Ouves?... O teu irmão Sulpicio, que morreu... aonde está o Sulpicio?...

Rumphius (rindo com o riso sardonico e estupido dos doidos.) — Sulpicio!... ah! ah!... São Sulpicio... sim, sim... bem sei, uma bella egreja... uma bella egreja: mas que diado queres tu que eu faça n'uma estante de côro... que eu faça na egreja? Não sou nenhum missal! Sou um manuscripto que augmenta cada dia. Porque, vês tu (com ar de mysterio), quando me fecharam na bibliotheca, era eu mui delgadinho, e agora já não caibo na minha pobre capa velhinha e muito usada. Vês... vês como me eu tornei volumoso; mas precisava de uma encadernação bem quente, porque este manuscripto tem bastante frio, bastante frio...

O abbade (examinando Rumphius.) — Este doido diz a verdade... nunca a sua saude foi mais vigorosa, tão florescente... não... porque a alma gastava o corpo... A alma morreu, e o corpo tornou-se fresco e bem disposto... Todavia este louco é feliz... é estupido, engorda; para elle acabaram-se esses desejos insaciaveis que a sciencia accende, mas que nunca satisfaz.. terminaram-se as duvidas crueis sobre o futuro... Sim, em verdade, este doido é feliz. Eternidade... Deus... que são para elle estas palavras? um som cavo e sonoro que não disperta na sua alma nenhuma dessas questões que sabemos que são insoluveis, e que todavia o pensamento persegue a ponto de loucura. Para ti estas palavras são ôcas, não é assim, doido?... (com força a Rumphius.) Para ti, o que é esta palavra: *Eternidade... Eternidade?...*

Rumphius (olhando para o abbade com ar estupido). — Tenho fome, muita fome...

O *Abbade* (com riso amargo). — Pelo céo! este doido não é bem feliz!!! podendo responder pela expressão de um appetite physico a uma destas palavras fataes que levantam em mim uma tempestade de pensamentos que me pesam?... Mas, dize-me, louco, e esta outra palavra não te espanta: *Deus... Deus...*

Rumphius (sempre estupido). — Tenho muito frio, tenho muito frio.

O *Abbade*. — Vamos, vamos, tu és abençoado do céo, feliz doido, tu que podes *Esquecer*, tu que já não estás submettido senão a desejos materiaes, faceis de satisfazer. Agora, com uma casa, agua e pão, viverás feliz e por largo tempo... e mais feliz e por mais tempo do que não terias vivido sem a tua doidice, porque, ainda que o teu manuscripto te fosse restituido... ainda que o mundo estivesse cheio da tua gloria e do teu nome, nem por isso terias um dia sentido menos o nada da sciencia, nem deixarias de sentir crescer o barathros da tua alma. Sim... porque se dizia que, seguindo as leis da natureza physica, quanto mais cavais nessa alma, mais atirais para fóra as suas faculdades mais brilhantes, mais a sentis dentro vazia, dessecada e sombria. (Ouvem-se homens e rapazes que procuram o doido em altos brados; apparecem. O abbade põe-se de parte).

Os rapazes. — O doido! o doido! aonde está o doido?

O *Guarda dos Doidos* (apoderando-se de Rumphius). — Ah! ah! estás aqui, maroto, estás aqui... velho bruto! anda para o hospital... Ah! tu safas-te... deixa estar, cão velho, que as tuas cadeias hão de ser rebitadas.

Rumphius (com alegria, reconhecendo o seu guarda, faz gestos que exprimem o seu contentamento). — Ah! ah! ainda bem! o manuscripto vai aquecer-se! ainda bem! o manuscripto vai deixar de ter fome, acabou-se a fome e a sede! o manuscripto vai ter que comer e que beber... bem! bem! o manuscripto deseja voltar para a bibliotheca, mas não lhe batam... não lhe façam mal... Bom! bom! vai ter que comer e que beber. Bom!

O *Guarda* (prendendo Rumphius).— Sim, sim, bom! sem contar com o chicote e a camisolla, burro velho. (leva brutalmente Rumphius, e os rapazes seguem-o cobrindo-o de vaias e rasgando-lhe os papeis do fato.)

Os rapazes. — O' doido! ó doido! Fóra o doido! (Rumphius sáe, grave e contente, no meio das injurias e dos brados dos que o escarneciam.)

O *abbade* (sempre á parte). — E que te importam estas apupadas e estas injurias, louco feliz? tu não as intendes. As chicotadas, esquecê-las-ha! Vais pois bem contente, porque vais encontrar casa e pão... Que mais desejarás tu? nada... o porvir para ti está fechado... porque o porvir para ti, é a hora em que dormes, a hora em que comes; em quanto que para mim, para mim... (Largo silencio) Invejar tambem o doido! ter inveja do doido! assim como a tive do bebado... Deus deshumano, escarneces bem da tua creatura.....

Anoitece de todo.

— Pouco depois da partida de Rumphius, entram o tenente João Thomaz e Craeb o Malaio. — Ambos vem embuçados em capotes e caminham com precaução. — O abbade esconde-se n'uma espessa matta de aloes.

Craeb (em voz baixa, ao tenente). — Olá! por aqui! por aqui!

Thomaz. — Então nunca chegaremos a esse maldicto bosque?

Craeb. — Não lhe chames maldicto, que já cá estamos. Olha, já daqui vês a extrema do bosque. Mas paremos um momento antes de continuarmos o nosso caminho. Ora, dize-me lá sempre quem tu és. Prometti conduzir-te para fóra da ilha, e pôr-te sobre a costa de Coromandel, por meio de um Maly-praw que me espera na ponta do norte. Mas repito, quem és tu?

Thomaz.— Que te importa?... quero deixar esta ilha. Prometti-te para esse fim cincoenta luizes de oiro, e has de te-los. Olha, toma-os lá já. (dá-lhe uma bolsa.)

Craeb (pegando nella). — Sim, Sim, mas quem és? de quem recebo eu este dinheiro?

Thomaz. — E tu... quem és?

Craeb. — Vamos lá, já vejo que é preciso dar-te o exemplo de uma no-

bre confiança Pois bem! eu sou aqui e em toda a parte Craeb o contrabandista, Craeb o pirata, ou mesmo Craeb o assassino. Porque confessar-te-hei francamente que hoje estás em companhia de Craeb o assassino, e que, como tu, fujo da cidade; sim, uma punhalada, uns ciumes, um rival preferido, uma pancada na cabeça, que sei eu, uma miseria. Assim, decide-te a seguir-me ou ficar, agora que me conheces... como se me tivesses enforcado.

Thomaz. — Então, tu és Craeb o assassino?

Craeb (affirmativamente). —Craeb o assassino... tu? e tu?...

Thomaz (1) —Eu... eu sou João Thomaz... JoãoThomaz... o homem honrado.

Craeb. — O homem honrado!!! Pelo sangue de Deus, é cousa bem singular! eu assassino, tu homem honrado.., e estamos juntos, e fugimos ambos!...

Thomaz. — E' singular, na verdade, muito singular; mas, dize-me cá, irmão Craeb, os homens aborrecem-te?

Craeb. — Julgo que me detestam.

Thomaz. —Tambem a mim, irmão... mas a ti, porque te aborrecem elles?

Craeb. — Ora!... por causa dos meus crimes, penso eu.

Thomaz. — E a mim por causa das minhas virtudes.

Craeb. — Sempre singular!

Thomaz. — Dize-me cá, irmão, tu crês em Deus?

(1) Durante toda esta scena, Thomaz conserva uma expressão de pungente ironia; Craeb está deleixado e escarnecedor.

Craeb (com uma gargalhada selvagem). — Em Deus?

Thomaz. — Sim... em Deus?

Craeb. — Irmão... eu creio na divina Trindade da Forca, Roda e Ferro em brasa! e em todos os seus santos, os senhores cavalleiros da Maréchaussée (1). E tu, homem das virtudes... crês em Deus?...

Thomaz (rindo como Craeb). Irmão, acredito nos vermes que hão de fazer um banquete gostosissimo com o meu cadaver.

Craeb. — Na verdade, não crês em mais nada?

Thomaz. — Não, em mais nada.

Craeb. —Ora essa! então porque diabo és tu virtuoso, imbecil?...

Thomaz. — Francamente... porque sou virtuoso?

Craeb. — Sim, sim, francamente...

Thomaz... Se é preciso que eu falle com franqueza... dou-te a minha palavra de que julgo que é por odio dos homens, porque a virtude os fere e irrita... emquanto que o vicio os lisonjeia e acaricía.

Craeb. — Mas eu nem sempre os lisonjeio e acaricío...

Thomaz. — Mas tu, irmão, és o crime... e o crime, como a extrema virtude, são sempre malditos; mas o vicio... oh! o vicio é a honra e o credito delles,

Craeb. — Então somos nós ambos atheos; chegámos ao mesmo fim por

(1) Corpo de cavallaria que guardava as estradas em França.

O. T.

diversos caminhos... tu pela virtude, eu pelo crime... Sempre singular.

Thomaz. — Sem duvida, irmão; e, confessa-o, não é isto comico?... Eis-nos ambos aborrecidos, temidos e amaldiçoados pelos homens... tu pelos teus crimes, eu pelas minhas virtudes... sim, pelo inferno, isto é comico. (Estendendo a mão a Craeb). Toca lá, irmão...

Craeb (recuando) — Tu zombas tristemente, irmão honrado... e eu não sei... mas a tua virtude espanta-me mais do que os meus crimes.

Thomaz. — E porque não zombarei eu, irmão? A vida é tão louca escarnecedora... a minha vida sobre tudo! a minha vida! paradoxo em acção, buffoneria lugubre, capaz de fazer rebentar um condemnado. Olha, é preciso que eu te divirta, mas não tenhas medo... imagina tu, irmão Craeb, que entre outros resultados da minha virtude levada a excesso, fui amaldiçoado por minha mãi, porque disse a verdade como homem honrado e leal! Sim, e não sómente por causa disso, minha mãi, uma santa e religiosa mulher, foi obrigada a commetter um horrivel sacrilegio para proteger o vicio, mas até morreu... morreu, desviando a vista de seu filho... E ainda aqui não fica, irmão. Tambem por causa dessa verdade que eu disse, passei, aos olhos do unico homem que me ha estendido mão de amigo... pelo mais infame dos calumniadores; e com tudo eu não era nem infame nem calumniador... era rigorosamente homem de bem... havia cumprido o meu dever de homem honrado... Que dizes tu a isto, irmão Craeb?...

Craeb — (passando do temor ao despreso). — Digo que te acontece nem mais nem menos do que mereces, por teres sido tão tolo com a edade que tens.

Thomaz. — E dizes bem, honrado Craeb, dizes bem...

Craeb. — Mas, vejamos, irmão honrado, dize p'r'ahi, a que bella dedicação deves hoje a fortuna de fugires com um assassino?...

Thomaz. — Hoje... irmão?...

Craeb. — Sim, hoje, pois que desta vez és obrigado a fugir.

Thomaz. — Oh! sim! forçado, a fugir... porque até ao presente, vês tu, irmão Craeb, fôra eu bem odiado, aviltado, escarnecido, mas não abertamente despresado... não abertamente... emquanto que agora foi com dia bem claro que me cuspiram na face... Foi bem ás claras que me escreveram em lettras sanguentas sobre a fronte: deshonrado, covarde e infame... porque, vês tu, eu era official da marinha do rei de França.

Craeb. — Então foste sem duvida condemnado á morte, ou degradado, por teres salvado a vida do teu almirante, ou teres ganho uma batalha?...

Thomaz. — Fiseram-me peior do que isso, Craeb, peior do que condemnar-me á morte: expulsaram-me, expulsaram-me ignominiosamente, expulsaram-me como um ladrão, como um espião... porque eu não quiz assassinar uma creança de desoito annos, meu pobre Craeb...

Craeb.—Sempre singularidades! Nós ambos somos infames, nós ambos fugimos da colera e do despreso dos homens, tu, porque não quizeste matar, e eu porque matei... E' singular, irmão honrado, é singular.

Thomaz. — Sem contar, irmão assassino, que é menos vergonhoso ainda inspirar o odio do que o despreso, e que tu me levas essa vantagem, porque tu és um assassino e odeiam-te; porém, eu não passo de um covarde, e despresam-me; e com tudo, irmão... se disser que se eu aceitara o cartel que me foi offerecido, que se houvera morto esse rapaz, o que tão facil me teria sido como quebrar este ramo; e ver eu, irmão, que se eu houvera assassinado esse rapaz... a estas horas estaria eu passando por um homem civil e honrado!

Craeb (recuando). — Como?.. tu foges porque recusaste bater-te em duello?! tu, tu, um official do rei... como, isso é verdade? recusaste bater-te em duello?..

Thomaz. — Sim, mas escuta-me antes de me julgar, irmão Craeb... eu não sou ainda assim nenhum covarde,... porque tenho cinco feridas recebidas no fogo contra o inimigo, aqui neste peito, vel-as?

Craeb. — Mas o duello... o duello...

Thomaz (com ironia). — Já lá vamos, irmão, já lá vamos;.. só te quero provar, que não sou covarde, porque tambem tenho visto, sem mudar de côr, bastantes tempestades, irmão... bem medonhas tempestades, que tão alto rugido faziam, que o immenso brado de angustia de uma equipagem inteira ouvia-se tanto como o fraco murmurar do alcyone!

Craeb (com impaciencia). — Mas esse duello!.. esse duello!

Thomaz. — Já lá vamos, irmão, já lá vamos; imagina tu que um moço creoulo, rapaz de uns desoito annos, estava a batter cruelmente n'um preto velho que estava na praça; representei-lhe a sua crueldade... respondeu-me com insolencia, eu moderei me; o meu socego exasperou-o, e emfim esse rapaz deu-me, sim, deu-me uma bofetada na face.

Craeb (estupefacto). — Em ti? deu-te uma bofetada na face, e tu não te batteste com esse burguez, tu ... um official do rei?..

Thomaz. — Eu jurei a minha mãi, no seu leito de morte, que nunca jamais puxaria pela espada para uma vingança pessoal... e nunca na minha vida faltei a um juramento...

Craeb. — Repete-me outra vez que sustentaste o juramento que fizeste a tua mãi, e que te não batteste, apezar da bofetada que te deram na face...

Thomaz. — Não, não me batti...

Craeb (com desprezo). — Vai-te daqui, covarde.... vai-te d'aqui.... procura outro guia.... toma lá o teu dinheiro... (Atira com a bolsa aos pés de Thomaz e desapparece por entre o bosque.

Thomaz (com uma gargalhada horrivel). Ah! ah!.. desprezado tambem por este... desprezado por Craeb o assassinio!..

Neste momento o céo illumina-se ao

longe com o clarão de muitos archotes; ouve-se tropel de cavallos e o rodar de uma carroagem. — O ruido aproxima-se. — Thomaz afasta-se, mas para o lado opposto áquelle em que o abbade se tem conservado durante esta scena.

Apparece um picador a cavallo com um archote na mão. Traz faca de matto, colete e calções encarnados, botas, chapéo bordado, grande farda verde, agaloada de prata em todas as costuras. Entra a galope na avenida terminada pela grade, annunciando em alta voz: o senhor conde! o senhor conde!

Pouco depois ve-se chegar com rapidez uma magnifica carroagem doirada, tirada por quatro cavallos, com quatro lanternas e grandes vidraças. Um enorme cocheiro de bigodes na almofada, um rapazinho servindo de postilhão, e tres criados com archotes, trajando todos a libré de Henrique.

Atravez das vidraças, e ao clarão das laternas que espargem viva luz na carroagem forrada de setim branco, ve-se Henrique, sempre bello, tranquillo, traja esplendida casaca azul, com palhetas de ouro. Sorri agradavelmente para sua mulher, cujas mãos aperta com ternura. Ina vem resplandecente de diamantes, de amor e de felicidade. A carroagem entra pelo gradamento e desapparece. Essa carroagem dourada, esses lacaios cobertos de prata e de escarlate, esses jovens amantes, risonhos, bordados, tudo isso passou como uma visão luminosa e phantastica, no meio das trevas escuras e silenciosas que rodeiam a porta desse parque, no fundo do qual fica a habitação que o conde alugou durante a sua residencia na ilha de França. A' vista do conde, Thomaz internou-se precipitadamente na floresta.

O abbade (depois de ter olhado por largo tempo para o lado por onde a carroagem desapparecera; parece cogitar; a sua voz é breve e estridente, o seu ar glacial e resignado). — E encontrei na minha passagem um ente embrutecido, e mais ainda pela embriaguez... e invejei a embriaguez e a brutalidade desse homem. E encontrei na minha passagem um homem, outr'ora a admiração dos sabios, hoje o escarneo e a victima dos seus estupidos guardas, e invejei a sorte desse louco. E encontrei na minha passagem dois athêos... as duas extremidades oppostas da cadeia do bem e do mal, fugindo ambos da sociedade irritada, porque um commettia o mal, e outro queria impedir o mal. E invejei a sorte daquelles dois athêos, que ao menos teem uma fé material: um no bem, outro no mal; mas no bem e no mal em acção, e livres das nuvens obscuras de uma vã methaphysica... sim, invejei o positivo dos pensamentos daquelles dois homens. E encontrei na minha passagem um homem, cujo caracter corrompido, vão e pessoal, nem mesmo valia a franca brutalidade do marinheiro, o passado estudioso e odiosamente egoista do doi-

do, a medonha energia do assassino, ou a virtude feroz do athêo, n'uma palavra, um orgulhoso senhor, verdadeiro typo da mediocridade de espirito, que se prende nas superficies movediças e brilhantes; verdadeiro typo do vicio insolente e covarde que, sabendo a fundo o seu codigo social, calcula até que ponto se poderá mostrar infame, e que se chama heroe de coragem e honra, porque, dez vezes por anno, conservará, em face de uma peça ou de uma espada, a indolencia facil e passiva de um soldado. E eu invejei tambem esse typo de vergonha, de loucura e covardia... que, por isso mesmo que é egoista e mediocre, reune em si todos os germens do que a massa dos homens chama a *felicidade* na terra.

Sim, isto era comtudo verdadeiro!... bem verdadeire! esse homem feliz, o unico verdadeiro feliz... porque depois da sua embriaguez, o marinheiro despertará, o doido sentirá o chicote, o assassino temerá a forca, o atheo será banido do mundo, por não querer ser nem homicida nem perjuro. Em quanto que esse senhor será feliz... feliz! porque cousa alguma terá levado a excesso, nem sciencia, nem embriaguez, nem assassinio, nem perjurio, nem virtude, nem athêismo, nem crença; porque de tudo elle terá usado um pouco e a proposito... Por isso, elle, é o sabio que gosava placidamente do perfume das flores. Em quanto que eu, sou o louco que cava a raiz amarga que a mesma natureza esconde a nossos olhos. Sim... sim.. elle é o sabio... porque gosa.

Assim pois... Eu!... invejo esse miseravel e vulgar D. Juan, como invejo o homem ebrio, o assassino e atheo! porque ao menos o homem ebrio crê na embriaguez, o doido na sua loucura, o assassino no assassinato, o atheo no atheismo, o D. Juan no domjuanismo... e uma fé, qualquer que ella seja, dá um alvo á vida... Em quanto que eu, já nenhum tenho na vida... nem terei... pois que Deus se retira de mim... pois que eu não posso chegar a comprehendel-o tal como a fé o ensina, occupado da sua creatura; pois que finalmente estou collocado mui alto pela intelligencia e pelo coração para ainda tentar essas existencias materiaes ou vergonhosas que acabam de se patentear aos meus olhos, e cuja vaidade outr'ora reconheci. E tu! Deus que talvez me ouves.... isto não é uma blasphemia... uma impiedade... porque, assim como tu o dizias, ó meu pai! a fé, segundo eu vejo, é um sentido reservado só para os eleitos; não podes pois estar irritado, meu Deus... por esse sentido me faltar, pois que só tu m'o podes dar, e recusar-m'o...

Sim, na verdade, se eu em mim tivesse o menor germen desse sentido, ter-se-ia revelado durante estes tres annos de uma vida religiosa, humilde, santa, dedicada e irreprehensivel... Tu o sabes, meu Deus!... mas eu nada tenho sentido... nada sinto.. nada... nada... mesmo neste momento supremo em que tenho a resolução tranquilla e pensadamente de pôr ter-

mo aos meus dias. (Ajoelha... Longo silencio... Levanta-se).

Tu bem o vês, meu Deus, bem o vês: se te interessasses pela tua creatura, por um signal, por uma impressão que nella despertasses, tu o impedirias de commetter esse crime grande talvez aos teus olhos. Mas não, nada, nada... Vamos, decididamente, o homem é neste mundo... o que o mundo é no mundo dos mundos... tudo e nada... Tudo, se elle olha para baixo de si... nada, se olha para cima... Sim, o homem é um annel collectivamente necessario dessa grande cadeia que começa nos seres animados e termina nos materiaes inertes, tão necessario para a harmonia geral do nosso globo como um polypo ou um mosquito... e tão imperçetivel, tão indifferente aos olhos do motor mysterioso, como um oução ou um planeta... Vamos, vamos, acabou-se tudo... tudo, sim, acabou-se... Tudo tenho tentado, tenho visto e voltado a vida debaixo de todas as suas faces: desde a especulação da sciencia até aos prazeres grosseiros, desde a poesia até á algebra, desde a esperança, até á desperança, desde a duvida até á vontade de crêr... Nada encontro... nada... sempre nada... Deus retira-se de mim. Pois então sou eu que devo ir para elle ou para o nada. O' meu pai!... (Sae a passos lentos).

LIVRO OITAVO.

LV.

A ENTREVISTA.

(1793).

A scena que vamos descrever passava-se nos ultimos dias do mez de outubro de 1793, em Seringapatnam capital do reino de Mysore, um dos mais vastos imperios das Indias, orientaes, então sob o dominio do sultão Tippoo-Saeb, que succedia a seu pai. Hider-Aly, fallecido em 1782. Na parte inferior da cidade, e situada sobre as margens risonhas de um braço do rio que a contorna, via-se elevar, no fim de uma rua deserta, uma lindissima casa, pintada de amarello e encarnado, com grandes janellas de madeira de arak, e seus stores de junco verde que substituiam as vidraças. Fora de uma das janellas fluctuava uma enorme bandeira tricolor, tendo no cimo da haste um bonet vermelho.

O interior desta habitação offerecia um golpe de vista mui animado; quatro escravos, occupados, debaixo das vistas de seu senhor, em pôr em ordem o mais commodo, mais fresco e espaçoso quarto desta casa, iam e vinham mui afadigados. Estes escravos de tez acobreada, com um pequeno turbante azul na cabeça, tinham vestidas umas tunicas de algodão branco muito curta, apertada com um cinto, de sorte que se lhe viam nus os braços, pernas e pés, que traziam cober-

tos com anneis de prata ou de coral, segundo a moda india O amo estimulava a preguiça toda indiana dos seus domesticos, e elle mesmo tinha muito trabalho em fazer conduzir para aqui o seu melhor divan, para acolá a sua cama mais fofa com o seu leve mosqueteiro, ou elle mesmo fechava os stores das janellas, afim de que neste quarto não penetrasse o menor raio do sol.

Este homem (eu queria dizer este cidadão) trazia uma simples carmanhola ou veste azul, uma calça larga branca e um immenso bonné vermelho, ornado de um não menos immenso laço tricolor. Este cidadão não estava empoado; os seus cabellos grisalhos, bastante compridos atraz, fluctuavam-lhe sobre os hombros e deixavam a descoberto um craneo liso, branco, mas muito estreito; resumindo tudo, o exterior deste cidadão offerecia um mixto singular de tolice, presumpção e bonhomia; este cidadão era n'uma palavra o nosso antigo companheiro, o doctor Gedeão, então presidente do club dos Jacobinos e amigos da liberdade, que florecia em Seringapatnam (1), no centro e no coração de um imperio regido pelo despotismo mais brutal e iniquamente absoluto.

Depois da paz de 1782, o doctor havia deixado a marinha real, e foi estabelecer-se como cirurgião, primeiro na ilha de França, depois, mais tarde, em Seringapatnam. Pelos annos de 90, 91 e 92, a sua influencia politica sobre os francezes que habitavam esta cidade fôra bastante poderosa para o levar á presidencia desse *club* que, felizmente, não rivalisava senão em ridiculo e absurdos com as assembléas mais democraticas da França. O hospede que o doctor aguardava com tamanha impaciencia, e para quem desenvolvia esse luxo de obsequiosas attenções, não era outro senão o seu amigo, ex-tenente João Thomaz, então representante do povo da ilha de França, e enviado junto ao sultão pelo governador desta possessão.

Bem que a attenção do excellente doctor fosse dividida entre os cuidados que prestava ao arranjo do quarto do seu amigo, e a redacção de um discurso que devia pronunciar no dia seguinte, offerecendo ao sultão Tippoo-Saeb o titulo de cidadão e de membro honorario da sociedade dos Jacobinos e Amigos da liberdade; apesar destas graves preoccupações, digo, o doctor achava assim mesmo meio, nas idas e vindas, de dar a seu escravo favorito Mah'é os detalhes mais circumstanciados sobre o hospede que esperava; e Mah'é, com o seu socego e impassibilidade indiana, contentava-se com abaixar a cabeça em fórma de assentimento a tudo o que seu amo dizia, de maneira que este dialogo podia passar por um monologo.

— Tu vás vêr, Mah'é, dizia pois o doctor, tu vás vêr o que é um homem no meu amigo Thomaz... Diabo do

(1) Vide no fim os documentos justificativos.

Thomaz!... Vou achal-o velho, mudado, quebrado, porque já vai em onze annos que nos não vemos... e o tempo não nos remoça... Eh!... agora ha-de andar pelos seus quarenta a quarenta e cinco;... mas não ha-de estar mudado quanto ao moral; sempre o mesmo, estou certo disso. Figura tu, Mah'é, que vás vêr tambem no meu amigo Thomaz um leão desencadeado contra os reis, um furioso contra os aristocratas e contra o luxo;... é, n'uma palavra, o que nós outros europeos civilisados chamamos um verdadeiro *sans culotte*, um puro *sans culotte*; tanto mais, Mah'é, que áquelle querido amigo não se podia negar já o nenhum aceio antes do pouco aceio se ter tornado civico e politico... E' a verdade, Mah'é, aqui ha quinze ou dezeseis annos já este homem cheirava furiosamente a revolução;... por isso, hoje em dia, — co'a breca, Mah'é, deve estar um famoso patriota... mas não sei porque lhe guardo assim certo respeito; é uma tolice, porque emfim, nós agora somos todos iguaes, quero dizer,... todos iguaes, bem intendido que não fallo de vós outros escravos, mas de nós outros homens; emfim, agora somos todos iguaes. Pois assim mesmo Thomaz me perturba; é que elle tambem é tão rigorista, tão brutal, tão ligado ás suas promessas: haja vista esse duello que elle recusou, em virtude do que foi obrigado a deixar o corpo... Que diabo de Thomaz! eis-aqui um famoso Bruto!... Vês, Mah'é, nós outros europeos civilisados chamamos um Bruto... a um damnado que daria cabo do pai, da mãi, dos filhos, da familia, do paiz, de tudo emfim, de tudo, pela gloria de fazer triumphar a liberdade, igualdade ou morte (o excellente e inoffensivo doctor nunca separava estas tres palavras umas das outras) Sim, sim, é um destemido este Thomaz; e, aqui para nós, Mah'é, bem gostaria eu de que elle me acompanhasse ámanhã a casa do sultão, e que nós podessemos fazer a nossa apresentação ao mesmo tempo. Não é que eu tenha medo do sultão não, Mah'é, não tenho medo.

— Deve-se ter medo do tigre, meu senhor, diz desta vez Mah'é em voz baixa e receiosa, o tigre tem unhas e dentes.

— Embora, mas tu bem sabes que sendo agora todos os homens iguaes, não será o presidente do club dos jacobinos que terá medo das garras do que tu chamas tigre, tanto mais que, ao contrario, nesta especie de recepções, o rei ou o sultão dá algumas vezes uma soberba caixa de rapé ao orador; e tu, Mah'é, concebes que...

Aqui o monologo do doctor foi interrompido pela chegada de um rico palanquim trazido por *peões* (ou moços) de libré, que pararam em frente da porta. Gedeão desceu á pressa e chegou no momento em que João Thomaz saltava lesto desta doce e macia liteira. Os dois amigos abraçaram-se logo com effusão; mas quando depois das primeiras expansões de ternura o doctor teve occasião de examinar o seu hospede, não pode tornar a si da

surpreza quasi estupefactiva que experimentava, elle que esperava encontrar em João Thomaz um verdadeiro typo desses democratas cynicos que patenteavam vaidosamente o seu pouco aceio. Era um facto puramente physico, e nada todavia era mais moralmente significativo que a incrivel mudança sobrevinda no exterior de João Thomaz.

De feito, não sei que ar de apuro e de gala brilhava agora no trajar, outr'ora tão sordido e negligenciado, do ex-tenente da Sylphide. João Thomaz não parecia ter envelhecido, somente as suas feições pareciam muito mais trigueiras; porque os seus cabellos, que n'outro tempo cobria apenas com uma leve e indispensavel camada de pós, estavam sobrecarregados deste enfeite aristocratico, bem que em França então estivesse proscripto. João Thomaz trazia uma elegante casaca azul ricamente agaloada, com um chapéo bordado, em que ondejava um pennacho tricolor; um largo talabarte, tambem tricolor, sostinha um sabre magnifico, cuja bainha de ouro cinzelada brilhava sobre uma calça de meia de seda branca quasi occulta pelos canhões amarellos das suas botas pretas e luzidias, que, segundo a moda de então, apenas lhe chegavam á barriga da perna. As suas mãos grosseiras e callosas, outr'ora sempre nuas, estavam cobertas com luvas, mui justas, de pelle de gamo, e uma cravata de cambraia da mais offuscante alvura fazia realçar as feições trigueiras do rosto orgulhoso e satisfeito do novo representante do povo.

Mas, em quanto que o doctor e o seu amigo se encostam a uma meza mui bem servida, vamos procurar explicar esta nova phase da vida do ex-tenente da marinha real. Os meus leitores recordam-se de que depois de ter recusado bater-se em duello com um guarda marinha, João Thomaz foi abandonado por Craeb o assassino, que por uma singular religião de ponto de honra, nem mesmo quiz, a pezo de dinheiro, — conduzir — o ex-tenente fora da ilha de França. Mas João Thomaz, achando facilmente um guia menos escrupuloso que Craeb, deixou a ilha, — e, logo que chegou á costa de Coromandel, comprou uma choupana, dous escravos, e poz-se a viver solitario.

Logo que se viu só e separado do mundo, do mundo que elle continuava de execrar com todas as forças da sua inveja odienta e concentrada; logo que elle se viu sosinho, Thomaz começou de profundamente reflectir sobre os derradeiros tempos da sua vida. Porque a recordação da sua singular aventura com Craeb causava-lhe tanto maior impressão, quanto mais que, nesse dia fatal, a estranha chegada de Henrique, por um estrondoso contraste, havia resumido, por assim dizer, os vivissimos resultados da existencia do conde e da sua.

De feito, de um lado, elle, João Thomaz, puro, leal, rigorosamente irreprehensivel, e comtudo expulso do corpo com ignominia, e alem disso desprezado, até por um assassino, porque

elle, Thomaz, se conservou fiel a um juramento por elle feito a sua mãi, e não quiz commetter covardemente um homicidio... e de outro, o conde de Vaudrey, egoista corrompido, mentiroso, vicioso, e todavia sempre feliz, e todavia sempre cercado de respeito, de honras e de esplendor; o conde de Vaudrey, alfim, devendo ao vicio toda a ventura que a virtude parecia prometter a João Thomaz: não é esta uma dessas lições pasmosas que a sorte dá tantas vezes aos homens, como para lhes mostrar, pelos amargos e inganosos pensamentos que ellas suscitam; tudo o que se pode esperar de consolação de uma crença n'um mundo melhor?

Mas, em logar de pensar n'um outro mundo em que elle não cria, João Thomaz tractou de a si mesmo perguntar para que lhe havia servido neste mundo, e á sua propria felicidade, essa affeição de uma implacavel virtude levada a excesso, e respondeu lá comsigo: De nada. Mas tambem perguntou vãmente o que elle havia perdido nesse rigorismo excessivo, elle, plebeo, que o seu nascimento impellia de toda a forma para uma classe obscura; elle que, além disso, por causa do seu exterior e dos seus costumes, e das exigencias sociaes dessa epocha tão elegante e polida, nem mesmo teria podido collocar e utilisar os seus vicios, se os chegasse a ter; porque elles seriam certamente insociaveis como as suas virtudes. Resumindo tudo, se João Thomaz, na solidão, não resolveu estas questões de uma maneira muito concludente para a sua posição actual, havia-as estabellecido, e já era muito; porque estes pensamentos preparavam por assim dizer, o solo aonde deviam germinar os principios de uma vida para elle toda nova.

Pelo maior dos acasos, em 90, soube da revolução de 89 e suas consequencias, as pretenções realisadas dos tres estados, o anniquillamento dos privilegios da nobreza, e a proclamação dos direitos do povo soberano. Ora, do momento em que João Thomaz descobriu que a sociedade descera a ponto de que, vicioso ou virtuoso, elle poderia nella representar um papel vantajoso, o seu rigorismo se enfraqueceu singularmente, sentiu-se muito disposto a fazer concessões, e a sua misanthropia cessou de repente. E nisto, João Thomaz, parecia-se muito com essas mulheres impertinentes, que não tendo outra virtude senão a sua fidelidade, estão mui dispostas a vender por bom preço os seus principios, se ellas encontram um desgraçado assaz delicado a Satanaz para lhe ganhar similhantes almas.

Por isso, desde o momento em que João Thomaz se viu membro dessa soberania popular que, por sua vez, se fazia cabeça da nação, que a si arrojava as prerogativas da nobreza e da realeza, sentiu-se docemente dirigido por ideas todas patricias, e tomou logar entre a aristocracia dos andrajos com tanto orgulho e vaidade como um novo par quando pela primeira vez põe o seu manto de arminho. Desse momento pois, João Thomaz viu claro

em sua alma... desde esse momento, conheceu alfim que o odio violento dos privilegios, não era outra cousa senão a sua inveja desmedida dos privilegios.

Por isso, logo que a sua ambição começou de desabrochar entre os grandes despojos d'essa grande sociedade, foi florecendo, vivaz e vigorosa... como essas plantas parasitas e trepantes que crescem sobre as ruinas dos velhos monumentos. Conheceu tambem que esse rigorismo implacavel e feroz, que essa intolerancia cruel, que é para a virtude o que a superstição fanatica é para a religião, que esse rigorismo desmedido, digo, tinha tambem a sua origem na acrimonia do seu odio invejoso contra tudo o que lhe era superior, do seu odio que havia azedado e viciado o que de puro havia no seu character recto, se bem que brutal; e que em fim elle defendia os bons costumes, talvez mais por despeito, por orgulho, cholera e necessidade, do que com o intuito tocante de tornar os homens melhores e mais felizes.

Logo que João Thomaz se viu positivamente instruido da marcha dos negocios politicos na Europa, vendeu a sua cabana, os seus dois escravos, e voltou á ilha de França, que, tendo seguido o movimento da metropole, era então submettida ás leis revolucionarias. Facil foi a João Thomaz offerecer-se como uma victima do antigo regimen, e reclamar o seu posto... mas, como temia que lhe lembrassem a recusa que elle fizera de se bater em duello com o moço creoulo, a fim de se rehabilitar na opinião, procurou más desavenças com alguns pobres que para nada prestavam, ferio ou matou alguns d'esses desgraçados em combate singular, e assim apagou a má impressão da sua antiga aventura.

Verdade é que João Thomaz, obrando d'esta arte, perjurava um tanto da promessa solemne feita a sua mãi; mas, como já dissemos, uma nova existencia começava para o neto do vendedor de peixe na ribeira; elle tinha podido sacrificar a um juramento feito a sua mãi o ponto de honra, o seu posto, e o seu repouso; mas é loucura ou ignorancia do coração do homem pensar que lhe sacrificaria a sua ambição, e a esperança quasi certa de fruir d'esses privilegios que out'rora invejara com tanta amargura... e de lhe chegar a vez de ser grande senhor, e cortezão. Sim, grande senhor! sim, cortezão... pois que o povo se fazia patricio, e que para contar os degráos d'essa nobreza era mister descer em logar de subir, pois que havia tanto aproveitavel orgulho em se dizer neto de um vendedor de peixe, como dantes havia em se dizer neto de um duque ou par. Thomaz não era pois mui alto e poderoso senhor n'essa aristocracia da plebe, pois que, segundo a palavra do mestre, os ultimos eram os primeiros? Thomaz não era tambem representante do povo, embaixador, cortezão do povo, em fim, pois que elle dizia: O Povo, Meu Amo!

com tanta altiveza como um Montmorency dizia · O Rei, Meu Amo.

Isto, repito, era tudo uma e a mesma cou a; por isso João Thomaz, que não carecia nem de ouro, nem de destreza e astucia, tendo-se feito nomear representante do povo na ilha de França, fo além d'isso enviado juncto ao sultão Tippoo-Saeb, para levar despachos do governo da colonia a respeito de uma alliança offensiva e defensiva contra os Inglezes. Afora estas vantagens que satisfaziam o seu orgulho, tendo Thomaz adquirido, por mui baixo preço, algumas propriedades confiscadas, havia lançado os primeiros fundamentos de uma linda fortuna.

Ora, desde que João Thomaz se viu representante, enviado pelo povo, essa sede de honras, essa ambição surda, que por tanto tempo o havia consummido, nelle se desinvolveu com uma violencia incrivel. Quiz então sustentar o seu posto, o seu estado, não por elle, digno homem, mas pelos seus mandatarios. Conveio comsigo mesmo que João Thomaz, obscuro tenente de marinha, podia bem ser de um cynismo sordido; mas que o cidadão João Thomaz, enviado do povo rei, devia dar uma alta e nobre idea do soberano que representava; por isso se fez largamente pagar das suas funcções, e começou por patentear uma especie de luxo que contrastava singularmente com o seu antigo desprezo por todas as vaidades do orgulho.

Comtudo a conducta de João Thomaz era logica e consequente com a organisação moral do homem, que, sobretudo a respeito de privilegios, de titulos e de honras, não detrahe quasi sempre senão aquillo porque elle morre de inveja por possuir. E' esta, em resumo, a historia passada, presente e futura, daquelles que fazem e se aproveitam das revoluções. Destruida uma aristocracia sempre outra lhe hade succeder. Os mais implacaveis niveladores de todos os tempos nunca jámais pensaram no povo senão como alavanca para destruir, porque esses honrados homens não têem querido arrasar os privilegios e as summidades existentes, senão para construir a seu turno e em seu proveito, sobre este plano livre e nivelado, o seu pequeno edificio aristocratico, que, por uma vez, soffre a sorte commum, quer o edificio se chame imperio, republica ou directorio, quer se denomine reino ou consulado. Tudo o que a massa contribuinte e sensata da nação ganha nestas bellas e grandes reedificações sobre largas bazes (como elles dizem muito serios), é pensar com horror que cada um, por sua vez, tem direito de querer representar de architecto, é pagar a mão de obra, é dourar de novo cada corôa, vestir de novo alguns tratantes vis e obscuros, e fartar a canalha para sustentar a fornalha do novo edificio social de largas bases, como diz essa boa gente.

João Thomaz tinha pois em si o que essa innumeravel maioria de homens tem tambem: um profundo sentimento de orgulho e de lisura, junto a um instincto tambem profundo de inso-

lencia e servilismo. A homens assim é necessario um soberano para adular covardemente, quer seja povo, quer rei, isso pouco importa, mas tambem lhe são necessarios inferiores para espezinhar. E' preciso poder dizer, meu amo, mas tambem, minhas creaturas; receber um murro de cima, mas pregar dez para baixo. Então vive-se alegre, inchado, contente, e cheio de vaidade.

Fallámos do espanto do bom doctor á vista de João Thomaz, quasi transformado em *janota*; mas outra cousa foi depois de duas horas de pratica, porque a conversa nem um instante escaceára entre os dois companheiros.

Terminada a refeição, passaram ao houka, e cada um delles, recostado em macio divan, fumava com delicias esse tabaco doce e perfumado... Algumas garrafas de mui excellente e velhissimo vinho de Bordéos cuidadosamente conservado pelo doctor tinham contribuido para elevar a conversa a maior gráo de franqueza e de sinceridade, que além disso devia existir entre tão antigos amigos.

— Magnifico... é magnifico o teu Bordéos, diz Thomaz, saboreando com uma sensualidade quasi politica o aroma desse vinho côr de rubi, é magnifico, e não me recordo de o ter bebido tão bom senão em casa do nosso antigo commandante o...

— Ah! em casa do monstro, interrompeu o doctor, que, como se vê, se recordava do passado tempo.

— Em casa do senhor conde de Vaudrey, respondeu Thomaz pronunciando quasi com complacencia esse titulo aristocratico que outr'ora fortemente o exasperava.

A estas palavras de senhor conde, o cidadão Gedeão, temendo de se vêr compromettido na sua reputação de patriota, disse em voz baixa: — Vamos lá, meu farcista! é do cidadão Vaudrey que tu queres fallar? desse infame aristocrata... do...

Mas Thomaz, encolhendo os hombros com ar de desdem: — Gedeão, meu amigo, nunca haveis de passar de besta! Pronunciais essa palavra aristocrata como se dissesseis galopim, e é inteiramente o contrario. Gritar contra os aristocratas, isso é bom para o club ou para a praça; porque, emfim, um titulo é um titulo, e se eu gosto que me chamem enviado ou embaixador, tambem se póde chamar conde ao senhor de Vaudrey... E' preciso egualdade para todos, Gedeão, é a lei, egualdade para os titulos assim como para o resto.

Gedeão estava confundido; e para procurar fixar-se inteiramente sobre o novo viver do seu amigo, disse-lhe: — E' verdade; confessar-te-ei francamente uma cousa, Thomaz, é que fiquei furiosamente admirado de te vêr chegar n'um bello palanquim, tu que n'outro tempo tanto zombavas da carroagem do conde de Vaudrey, já que tu julgas que se pode chamar conde

João Thomaz tomando então um ar de importancia mysteriosa e de compunção respondeu ao doctor: — Aqui para nós, confessar-te-ei que esse luxo

me peza, que esse luxo me é odioso... Por isso, acredita-me Gedeão, é preciso que eu esteja submettido a bem altas considerações politicas, todas para interesse do paiz, para que eu consinta em deixar-me assim indolentemente conduzir, vergonhosamente conduzir por homens como por bestas de carga... Porque emfim os moços que me conduzem Gedeão, são homens como nós.

— Isto é, são escravos, porque se compram, tornou Gedeão.

— Sem duvida, physicamente fallando Gedeão, são escravos, porque são comprados para servirem e servem, eu sei-o bem, porque tenho cinco; mas moral, mas politicamente, Gedeão, são sempre homens, não nos devemos desviar deste principio... é um caracter indelevel, politico e sagrado, que é impossivel tirar-lhes. E' verdade que isso não os impede de conduzir palanquins e levarem com um chicote; mas é o mesmo, politicamente sempre são homens.

— Oh! então, Thomaz, sou da tua opinião; se isso não os impede de assim mesmo serem escravos, embora, porque um escravo ainda custa quinze centos de libras. Mas, dize me Thomaz, a tua embaixada não te produz nada? as tuas funcções são gratuitas como as minhas, não é assim? porque n'outro tempo tu dizias, tudo para o paiz, nada para mim.

— A minha embaixada, Gedeão, a minha embaixada rende-me dez mil libras (moeda antiga), sem contar com as despezas da jornada.

— Ora essa! mas tu n'outro tempo gritavas tanto contra o que nós chamavamos assalariados que devoram a substancia do povo.

— Mas julgas tu, Gedeão, que como cidadão eu não gema hoje muito mais do que tu por me vêr na dura necessidade politica de receber uma somma tão enorme? Mas nas circumstancias em que estamos, mas na posição toda especial, toda particular em que se acha o paiz, is-to não-po-de-ser-d'ou-tra-for-ma, diz Thomaz, escandindo estas palavras. Depois tomando um ar extraordinario diplomatico, tornou a repetir: Is-to-não-po-dia-ser-d'ou-tra-forma.

De sorte que o doctor, suppondo que a salvação da França se achava estreitamente ligada aos estipendios do seu amigo, não insistiu, e lhe disse:

— Olha, aqui para nós, Thomaz, o que mais me admira em tudo isto, é verte tão aceiado, tão casquilho, tu que tanto zombavas do nosso antigo commandante, a quem chamavas uma dama.

— Quanto a esse enfeite vão, vês-me envergonhado Gedeão, palavra de honra que me envergonho de o usar; mas essa mesma necessidade, que já me impõe tantos sacrificios, me impõe este tambem, e eu soffro-o; Gedeão, soffro-o; tem dó de mim, meu pobre Gedeão.

— O' Thomaz, enforcado seja eu, se desconfiava que a politica se mettia até com os canhões das tuas botas.

— E é assim mesmo, Gedeão, nada é para despresar em politica, nada,

mesmo nada; é como na ilha de França, tenho uma casa muito boa, e até, se assim o quizeres, o que se chama as doçuras da vida; porque, sendo funccionario publico, foi meu dever comprar quasi pór cousa nenhuma as terras de alguns colonos emigrados... Pois julgas que tudo isto seja para mim; que tenha tudo isso para me satisfazer a mim; a mim João Thomaz, o official azul?... nada, nada disso, eu sou sempre o mesmo, aborreço o luxo e a vaidade do posto; mas sou obrigado a confessar uma cousa, é que hoje é a vez do povo, não é assim, ter a preeminencia em tudo?... Pois bem! se aquelles que representam esse povo teem ar de pelintras e miseraveis, que diabo de idéa queres tu que se tenha do povo?... Outra vez te digo, Gedeão, acredita-me, sou mais para lastimar do que para invejar, mas eu sei sacrificar-me ás exigencias politicas do momento.

Vê-se que esta palavra *politica* era, como de costume, uma palavra magica, um talisman, que mudava em dedicação ao paiz tudo quanto havia de covarde e miseravel na apostasia moral de João Thomaz. Esta palavra *politica*, mascarava, por assim dizer, a transição de um caracter outr'ora odiento, feroz e brutal, mas ao menos de uma puresa e franqueza raras, para um caracter ambicioso, vil, vulgar e vaidoso. O sincero doctor caíu pois debaixo do encanto da palavra magica, e considerou o seu amigo como uma victima das exigencias politicas do momento.

— E' verdade, tornou Thomaz, é ámanhã que eu devo entregar ao sultão os despachos do governador da ilha de França, e eu desejaria arranjar um sequito decente. Vejamos. Tenho em primeiro logar os meus *peões*, a quem mandei fazer uma libré de fantasia.

— Uma libré! Thomaz, uma libré! exclamou o doctor estupefacto.

— Sim, uma libré, disse Thomaz sorrindo com ar mysterioso, admiraste?... mas tu não estás ao facto das minhas instrucções secretas, e eu nada mais te posso dizer; tenho pois os meus *peões*, e o meu secretario que deixei lá em baixo.

— Ah! meu Deus! e eu que não me lembrei do teu secretario, para o mandar subir afim de jantar comnosco!

— O meu secretario jantar comnosco! diz Thomaz com soberba, ora, deixa-te disso, meu caro; mas, tornando ao meu sequito, o secretario passará por meu ajudante de campo, e depois...

— Então! depois, redarguiu Gedeão lançando mão, apressado, da occasião que se lhe offerecia, eu devo apresentar ámanhã ao sultão os membros do nosso club, e offerecer-lhe o titulo de cidadão, com um bonné vermelho, como emblema de liberdade, igualdade ou morte.

— Ao sultão, o titulo de cidadão e um bonné vermelho! exclamou Thomaz, julgando que não ouvira bem.

— Sem duvida, sem duvida; vês tu Thomaz, é uma idéa que nós tivemos no club, ou antes, que eu tive; isto

dá certo tom e não faz mal, quando se lê nas actas das nossas sessões: «Sociedade dos Jacobinos e Amigos da Liberdade; morte aos tyrannos, etc. O cidadão sultão Tippoo-Saeb foi eleito membro por unanimidade, etc...» Tu bem conheces que sempre é lisongeiro ter um principe que tem dignidade de imperador n'uma sociedade de igualdade e fraternidade como a nossa. E depois, como sou eu que, na qualidade de presidente, hei-de tomar a palavra, talvez que o sultão me dê uma caixa enriquecida com diamantes, e...

— Mas que é que isso póde ter de commum com a minha apresentação? perguntou Thomaz, que conhecia o absurdo do proceder do cirurgião, mas que não queria desvia-lo de similhante cousa antes de saber se isso lhe aproveitaria.

— Isso póde ter de commum, tornou Gedeão, que, se tu quizesses, de uma cacheirada matariamos dois coelhos; que o nosso club e eu te serviriamos assim como de cortejo e isso dar-te ia certo ar.

— Approvo muito a tua idéa. Mas, como irás tu vestido?

— De carmanhola como estou.

— Ora, assim vais parecer um bigorrilha.

— Thomaz, a carmanhola é o vestuario de todo o bom cidadão, de todo o bom patriota, e mesmo, em rigor, a calça é demais, porque os *sem-calções*...

— Vamos, calla-te, Gedeão, não falles assim; faze antes como eu um sacrificio politico. Já não tens o teu antigo uniforme de marinha?

— Está ahi para um canto esquecido ha bastante tempo,..

— Muito bem, vós ambos ireis uniformisados, tu e o meu secretario, porque elle tambem tem um uniforme de fantasia. Ireis atraz de mim, e na vossa rectaguarda os membros do teu club. Está justo.

— Mas, Thomaz, eu que sou o presidente, se me ponho atraz de ti, diz Gedeão, o sultão não reparará em mim, e eu não terei talvez caixa de rapé, e então...

— Conservar-te-has na minha rectagua da, ou apresentar te-has de um lado e eu do outro, diz com dureza Thomaz, o qual, com o seu novo exterior melifluo e hypocrita, conservára em fundo de despotismo brutal e militar.

O pobre doctor, que antes queria apresentar-se ao sultão em segundo logar do que ir lá só, ou não ir, submetteu-se á vontade de Thomaz, e os dois amigos empregaram o dia em fazerem os seus preparativos para a entrevista do dia seguinte.

LVI.

TIPPOO-SAEB.

(1793.)

Neste dia, o doctor Gedeão e João Thomaz deviam ser apresentados ao sultão. O sol estava em toda a sua força, e comtudo o fresco mais delicioso reinava n'uma mui comprida galeria,

cujas janellas abriam para sobre as margens de Canvery, ribeira limpida que forma um cinto prateado em volta da ilha de iciosa e verdejante em que se eleva a cidade de Seringapatnam, esplendida como um diadema oriental. Esta galeria resumia, por assim dizer, a magnificencia e bizarria dessa profusão de ornamentos de todas as formas e de todas as cores que characterisam a architectura india. A vista ficava offuscada por essa incrivel quantidade de arabescos azues, de figuras symbolicas vermelhas e de columnatas delicadas com arestas e cupulas douradas que serviam de quadro áquella rede de mil cores resplendentes.

O soalho, de páo rosa de Alery, era incrustado de preciosos quadradosinhos de porcelana de Japão, cobertos de flores pintadas, cujas cores variegadas sobresaiam ricamente sobre uns negros embutidos de ebano com filetes de cobre e de nacar.

Ao fundo da galeria. dous soldados indios se conservavam direitos e immoveis juncto a um repesteiro de estofo persa, bordado a prata e seda verde. Estes indios, vestidos com um manto de cachemira branca, tinham um turbante escarlate, com uma larga barbeira tambem escarlate, que lhes apertava as faces e a barba. Traziam na mão um leve sabre, cuja folha ponteaguda era de um pardo escuro, e no braço tinham um pequeno escudo, de pelle de jacaré, coberto de veludo escarlate, sobre o qual se via uma cabeça de tigre ricamente bordada a ouro. Estes dous soldados com os olhos baixos, a respiração quasi automatica, e o rosto sombrio que tão escuro se destacava sobre as suas vestes brancas, tinham um ar singularmente grave e impossivel.

Um terceiro personagem, vestido da mesma forma, mas sem escudo, e tendo em logar de sabre, um largo punhal e comprida adaga pendentes á cinta, estava indolentemente encostado a uma das janellas meio abertas, e parecia contemplar com prazer a magnifica paisagem que se desinrolava por baixo do palacio dos sultões de Mysore. O rosto deste homem respirava um socego imperturbavel. As suas feições eram assaz regulares, os seus olhos negros e vivos; e bem que fosse de estatura mediana, os seus membros seccos e nervosos annunciavam um vigor pouco commum neste clima pesado.

Este homem, é o nosso antigo companheiro, Craeb o Malaio, que, havia nove annos entrara ao serviço de sultão, como cipal do palacio, e occupa, como vamos ver, um logar de confiança. Saciado sem duvida do expectaculo que lhe offerecia o sitio maravilhoso que elle parecia admirar, Craeb voltou-se e depois de ter volvido um olhar penetrante sobre a galeria e os dous soldados, poz-se a murmurar, em voz baixa, uma cantiga doce e melancholica, como todas as daquelle paiz, mas sobretudo em harmonia com o profundo silencio que reinava nessa galeria tranquilla e solitaria. Cantava pois:

O sol se esconde atraz do pagode de Bia-asy,
Os passarinhos deixam os ramos da palmeira verde,
A onda de Mah'hy é fresca e pura,
A gazella ahi dá de beber aos seus filhinhos,
O socego é grande, o socego é grande,
Eis a noite estrellada,
Eis...

Mas, a um certo movimento que fez o reposteiro de seda juncto ao qual estavam os dous soldados, o cantor calou-se, endireitou-se, e ficou immovel como uma estatua. Depois, ao cabo de alguns minutos, o reposteiro abriu-se, e um homem de perto de sessenta annos, com barba branca, e com rosto risonho e cortezanesco, saiu recuando, reiterando até ao chão numerosos e respeitosos *salenis*. Este velho, que trazia um esplendido vestido de seda nacarada, bordado a prata, acabava apenas de corresponder por seu turno ás reverenciosas saudações de Craeb, quando de subito um apitar breve, ronco e guttural, retumbou por detraz do reposteiro, por tres vezes differentes e bem distinctas. Era um apitar particular ao filho de Hyder-Aly, n'uma palavra, a Tippoo-Saeb, sultão de Mysore.

Era mister que este apitar tivesse uma significação bem positiva e terrivel, porque produziu um effeito espantoso sobre o ancião de barbas brancas, que se endireitou como se houvesse sido mordido por uma serpente. O seu rosto azeitonado, de sereno que era orgulhosamente ao sair do gabinete do sultão, tornou-se côr de cinza, e a pupilla se dilatou de uma maneira tão medonha, que se lhe viu a menina do olho rodeiada de um circulo branco, tal era o terror que lhe contrahia e alevantava as palpebras. Depois levou, como por um instincto de defeza, as mãos ao pescoço; mas apenas o ancião teve tempo de fazer esse gesto, os dous indios que estavam á porta apoderaram se gravemente dos seus braços, que lhe cruzaram atraz das costas, em quanto que lhe enlaçavam as pernas tremulas entre as suas.. Mas tudo isto com um socego mecanico mil vezes mais aterrador do que os transportes da cholera... Pareciam dous desses idolos sanguentos dos druidas, que, por meio de certas rodas, despedaçavam victimas humanas.

O horrivel espanto do ancião era tão grande, que nem podia fallar nem gritar; os dentes rangiam-lhe uns contra os outros, e só articulava sons inintelligiveis. Então Craeb achegou-se do ancião (perdoem-me todos estes detalhes historicos); e introduzindo a mão esquerda na bocca do desgraçado, torceu-lhe a lingua para lhe suffocar os gritos, emquanto que com a mão direita puxava pela adaga, delgada e redonda como um cano de penna, e aguda na ponta como uma agulha...

A um signal que elle fez, os dois soldados afastaram os vestidos do paciente, poseram-lhe o peito bem a descoberto, e curvaram-o bem para diante... Então Craeb escolheu sitio, depois enterrou e tirou a adaga com

tanta certeza e precisão, que o velho morreu sem convulsão, e sem que uma gotta de sangue corresse. Depois do que os vestidos do morto foram cuidadosamente conchegados para sobre o peito. Em verdade, o mais dextro matador não teria matado um toiro de Aragão. Feito isto. Craeb deixou o cadaver entre os braços dos dois soldados e foi por-se de joelhos ao pé do reposteiro que escondia a porta; depois bateu tres pequenas pancadas no sobrado com o cabo da sua adaga, para annunciar que a execução era terminada de uma maneira satisfatoria.

— Aos cães o traidor! disse então uma voz bastantemente aguda, que saiu dessa camara mysteriosa.

A estas palavras Craeb levantou-se e fez um signal aos dois soldados, que o seguiram levando o corpo nos braços. Chegando á porta que formava a outra extremidade da goleria, Craeb levantou o reposteiro, e via-se uma innumeravel quantidade de sicars, de cortesãos, de officiaes, de chefes de tribus, que formavam a corte de Tippoo Saeb, mas que, para a audiencia, nunca iam á sua presença senão um um a um, atravessando essa galeria solitaria que separava o retiro do sultão dessa vasta casaria em que estava essa corte de uma magnificencia toda asiatica.

Como já dissemos, Craeb levantou o reposteiro; Depois, em voz alta e sonora, atirou para o meio dessa multidão bailhante e attenta, as palavras de seu amo: «Aos cães o traidor!» afim de que, de galeria em galeria, o cadaver e a ordem fossem transmittidos á entrada exterior do palacio pelos cipayos. Ahi os parias deviam ser encarregados de levar o corpo para o monturo. Os dois soldados, tendo pois largado o morto á porta da primeira galeria, abaixaram o reposteiro, deixando os familiares do palacio com mais curiosidade de conhecer a causa desta desgraça do que surpreendidos de um acontecimento tão ordinario. Depois os cipayos, tornando a pegar nos sabres e nos escudos, voltaram para o seu posto com a mais perfeita impassibilidade Craeb tornou tambem para a sua querida janella, e recomeçou a sua cantiga com a mesma voz descuidosa e melancholica.

O sol se esconde atraz de pagode de Bia-asy
Os passarinhos etc.

E tudo caiu no silencio e solidão que esse tragico acontecimento nem um instante havia perturbado...

Agora devemos dizer que esse desditoso ancião que tão friamente acabara de ser assassinado fora por muito tempo favorito do sultão Tippoo-Saeb. Era n'uma palavra, Mohamed Osman-Kan, um antigo embaixador do sultão juncto á corte de França, aquelle que foi recebido em Versailles, a 3 de agosto de 1788, com tanto esplendor, por Luiz XVI. O fim da missão de Mohamed fora sollicitar do rei alguns soccorros contra a oppressão dos inglezes, mas a inopportunidade do momento fez que esse pedido não podesse ser accolhido e que só se res-

pondesse á supplica do sultão com protestos de uma amisade toda diplomatica. Ora, a causa da morte de Mohamed foi, segundo me parece, extremamente curiosa, e mesmo porque ella pinta maravilhosamente nm dos traços mais salientes do character dos orientaes, quero dizer da sua susceptibilidade orgulhosa e feroz, do seu ciume estupido e brutal de nação para nação. Essa causa, toda historica; foi o que segue:

Vendo o resultado negativo da sua embaixada, Mohamed havia deixado a França em 89; mas, desde essa epoca até 93, elle percorrêra o Egypto, e a Persia, por ordem do seu amo; de sorte que chegou á India rico de recordações e de comparações mas a seus olhos nada chegava á França; por isso o desventurado Mohamed, sempre enlevado no passado (em 93!), ainda offuscado pelo explendor da corte de França, ainda enthusiasmado pela affabilidade do rei, ainda encantado de Pariz, da nossa civilisação, das nossas artes, da nossa industria, dos nossos theatros, não soube dissimular essa admiração que feriu profundamente Tippoo-Saeb, que o feriu ao vivo no seu intractavel amor proprio de chefe absoluto, que põe toda a sua altivez, todo o seu orgulho no seu imperio, e que não soffre que na sua presença se exalte outro imperio senão o seu, outro throno senão o seu. Por isso, ouvindo o seu favori o gabar continuadamente a França, essa maravilha das maravilhas, e o rei da França o melhor de entre os reis, o sultão ficou tão irritado como se Mohamed tivesse insultado a cada minuto a magnificencia do imcomparavel reino de Mysore, e a tyrannia do soberano que governava essa região.

Ora, um dia que Mohamed, cercado de um auditorio transportado, fazia com toda a pompa e exageração da linguagem oriental, uma emphatica descripção da côrte de França e de Versailles, esse palacio encantado...

Tippoo-Saeb interrompeu-o, e preveniu-o com brandura, com essa singeeza despotica, ao mesmo tempo tão caricata como terrivel, preveniu-o, digo, de que, se lhe tornasse a acontecer outra vez proferir tão impudentes mentiras desse canto de terra podre, chamado França, ou sómente fallar della, o privaria do raio das suas boas graças...

Esta linguagem hyperbolica era clara para quem quer que conhecesse os habitos do sultão: por isso Mohamed se conservou calado por algum tempo... principalmente em presença de Tippoo-Saeb, mas não pôde impedir que um dos seus bons amigos da côrte fosse contar ao sultão certa conversa entre pessoas de intimidade, na qual o enthusiasmo do ex-embaixador tinha de novo tomado largas.

Por isso, como vimos, no dia immediato a essa conversação, o sultão mandou chamar Mohamed, fallou-lhe com tanta confiança e tão terna amisade como nos mais bellos dias do seu favor, gabou a França, zombou elle mesmo mui espirituosamente das ridiculas prevenções que tanto tempo

nutria contra ella, e de, que emfim dizia elle, se emendava. O desafortunado cortezão cahiu no logro d'essa ferocidade sonsa... não viu o laço, abandonou-se ás suas caras recordações, não pôde conter a sua admiração; o sultão, fingindo partilhal-a, mais ainda se exaltou: Mohamet entregou-se todo inteiro; seu amo deixou-o fallar, escutou-o sorrindo, depois despediu-o com palavras adocicadas... que a adaga de Craeb devia tão cruelmente desmentir.....

Porém nós deixámos os nossos dois soldados indios e o melancolico Craeb na galeria que precedia o gabinete do sultão. Um novo personagem entrou logo nessa galeria, com ar de firmeza e de desdem que dá a convicção de estar bem visto na côrte. Era um homem de cerca de quarenta annos, alto, robusto, mui corpulento, muito avermelhado, vestido com mais magnificencia do que gosto, e com um turbante verde de um tamanho ridiculo. Em resumo, tinha ar commum e grosseiro; mas o sultão era tão caprichoso na escolha das suas creaturas e dos seus favoritos, que ninguem se admirava, em Seringapatnam, da subita elevação de certos individuos. Por isso Craeb, com o seu phleuma de costume, fez a este personagem os mesmos cumprimentos que tinha feito ao fallecido Mohamed. Depois do que, foi ajoelhar-se junto ao reposteiro verde e bordado a prata, dizendo esta unica palavra: — *Shaikl.*

— Que entre; o urso pode entrar, o tigre o permitte. Vamos, manda entrar o urso, bradou uma voz de criança, fresca e argentina, com grandes gargalhadas.

O homem gordo involuntariamente franziu o sobr'olho; mas reprimiu bem depressa esta expressão de descontentamento, e fez signal a Craeb que o annunciasse de novo, rindo com ar estupido. Craeb sempre de joelhos, repetiu pois: — *Shaikl.*

— Não ouviste a ordem do meu filho, cão maldicto? bradou desta vez uma voz rouca e cholerica. Craeb empallideceu horrivelmente, porque receiava ouvir logo o apitar do amo; mas o sultão não apitou.

A voz da criança tornou a chamar o urso *Shaikl* com grandes risadas. E *Shaikl* o urso, levantando o reposteiro, entrou no aposento de Tippoo-Saeb.

LVII.

SCENA DE FAMILIA.

> Alors le tigre se couche sur le dos et supporte avec patience les morsures que lui fait son petit en se jouant.
>
> BUFFON. — *Historia natural.*

A casa em que entrou este recemchegado era vasta e circular; um estofo chinez verde, com larga folhagem de prata em relevo, cobria as suas paredes, e muitos trophéos de armaduras de ouro ornadas de pedrarias brilhavam suspensas aqui e alli em cordoens entrançados de prata, e que umas cabeças de tigre, do mesmo meal, pareciam apertar entre os dentes formados de magnificas saphiras.

Ao fundo desta sala, se alevantava um largo e profundo sofá de seda verde mui alto. Dois tigres, tambem de prata e de tamanho natural (1), o seguravam nos lados; os olhos destes animaes eram figurados por enormes topazios, no meio dos quaes estava engastado um rubi. Seis degráos, tambem de prata, e cujos plinthos eram cobertos de baixos relevos, representando a coroação de Hyder-Aly, rodeiavam a base desta especie de throno.

Pela parte de cima, um humai (ave do paraizo) de tamanho colossal e de oiro massiço, estendia as azas; mas essas azas cobertas de opalas, de rubis e de esmeraldas, eram tão admiravelmente trabalhadas, que se encontrava nessa imitação até o assombreado de côres mais delicadas dessa plumagem brilhante. Finalmente, das garras de oiro dessa ave magnifica se escapava uma especie de cortina de estofo verde e prateado, franjeado de perolas, que caía em dobras compridas e pesadas sobre os degráos do sofá.

(1) Tippoo-Saeb tinha adoptado o tigre por emblema do seu imperio, e como especie de armaria fallante. O nome arabe *Assud*, que foi traduzido nos nossos livros europeos pela palavra *leão*, significa, no Indostão, *Scheer* ou tigre, porque os habitantes do Indostão não fazem distincção entre o tigre e o leão, porque este ultimo quadrupede não sxiste nas Indias-Orientaes. A palavra *Hyder*, que tambem significa *leão*, não é interpretada polos indios senão pela palavra *tigre*. Era o sobrenome do pai de Tippoo-Saeb, *Hyder-Aly*, fundador do imperio de Mysore, e que morreu a 9 de dezembro de 1782 Depois da paz concluida com a Inglaterra, a devisa de Tippoo era: *Assud Oolla Ohanlib, o leão de Deus é o conquistador.*
O A.

N'um dos angulos deste movel, e quasi occulto por suas enormes almofadas, via-se escondido uma creança de perto de cinco annos, vestido de cassa branca, muito rosado e mui fresco, com compridos cabellos pretos e grandes olhos azues, cheios de malicia e de alegria. Esta criança era Abdul, o mais novo dos tres filhos de Tippoo-Saeb, o objecto da sua mais louca adoração. Neste momento, Abdul ria a bom rir ao vêr seu pai, de joelhos, a dar se a um trabalho infinito para chegar a um bello *krik* com bainna de veludo encarnado, que o menino tinha atirado por travessura para debaixo de um grande cofre de prata tanxiada. Ora, o sultão, estendido sobre as pelles de tigre que cobriam o soalho, prestava-se aos caprichos de seu filho com uma incrivel bonhomia; curvava-se, estendia-se, fazia vãos esforços por chegar ao krik; e, quando elle parecia querer interromper este penoso exercicio, um: Eu quero-o! bradado com voz impaciente e altiva de Abdul, bastava para reanimar o ardor expirante do bom sultão.

Tippoo-Saeb tinha então quarenta e cinco annos; era muito alto, tinha o pescoço grosso e musculoso, hombros largos, olhos negros e penetrantes, tez acobreada, o nariz fino e curvo como bico de aguia, e os seus labios delgados estavam sempre pallidos e descórados. Neste dia trazia simplesmente um comprido vestido de seda côr de laranja, raiado de azul, que, apertando-lhe muito o busto e os braços, lhe chegava, alargando-se, até aos pés.

Um chaile de cachemira de côr variada lhe sustinha o vestido sobre os rins, e um pequeno turbante de cassa branca, sem outro ornamento além de uma enorme saphira, cobria a cabeça do sultão, que parecia muito grande, mesmo pela sua estatura athletica.

A chegada de Shaikl, o favorito, não interrompeu a occupação de Tippoo Saeb, que, depois de incriveis esforços, acabou, com grande prazer de Abdul, por tirar o krik de debaixo do cofre, com auxilio de um djerik que tirou de um dos trophéos d'armas. Se o favorito fosse um observador, teria podido meditar sobre este contraste de crueza fria e affeição paternal; um desses contrastes tão singulares, e comtudo tão communs entre os homens... e entre os animaes; teria podido meditar pensando que esse despota, tão submisso aos caprichos de uma criança, acabava de mandar matar um servo antigo e fiel, porque lhe tinha gabado a França.

Mas o favorito Shaikl observava muito pouco, a não ser o rosto do amo, para procurar ler nelle a impressão do momento, afim de subir, por assim dizer, á sua diapasão, e de combinar então os effeitos da sua lisonjaria grosseira e brutal. Abdul, contente de ter o seu krik, saltou do divan, abraçou seu pai, fez uma careta a Skaikl, chamando-lhe urso feio, e desappareceu por uma das portas lateraes. Tippoo-Saeb, que se tinha estendido sobre o seu sofá, seguiu seu filho com os olhos com embriaguez de amor e de orgulho, e ainda olhou por muito tempo para a porta depois do menino ter desapparecido... Skaikl olhava necessariamente para o mesmo lado, procurando modelar a expressão do seu rosto pela do seu amo.

— Feliz idade! diz emfim o sultão, depois de mui largo silencio, com um accento todo cheio de ternura e de doçura.

— Feliz idade! repetiu Skaikl, mas mais feliz ainda é a idade em que o homem póde fazer sentir o seu poder e a sua força aos outros homens. Mais feliz é pois a idade de Vossa Alteza.

— A minha idade é talvez tambem feliz, Shaikl, mas não mais feliz, porque, emfim. Abdul quiz aquelle krik, como eu quiz o silencio desse enfadonho tagarella de Mohamed. Pois bem! os nossos dois desejos foram satisfeitos, mas nem por isso sou mais feliz do que Abdul, meu pobre Shaikl.

— Posso perguntar a Vossa Alteza porque se dignou ella de tocar com a espada da sua justiça aquelle infame Mohamed?

— Sempre os mesmos louvores sobre essa miseravel França, Shaikl... sempre... E depois, Kibleeh do mundo (1)! Mohamed professava uma ridicula e perigosa admiração pelo que elles lá chamam rei (2). Figura tu, Shaikl, que o menor sircar do meu imperio tem mais poder sobre a provincia que

(1) Exclamação favorita do sultão.
O A.

(2) Bem que fosse em 93, Tippoo-Saeb ignorava ainda o attentado de 21 de janeiro e a abolição radical da realeza na França.
O A.

lhe eu confio do que o tal rei tem no seu reino. Os seus subditos fazem-lhe representações, os seus subditos querem ou não querem, os seus subditos possuem isto, dão ou recusam aquel'outro. O rei é submettido ás leis como o ultimo dos parias. Emfim, Shaikl, para que me serviria ser rei de França se eu não podesse fazer-te estrangular ámanhã, se tal fosse o meu desejo Kibleeh do mundo! é um miseravel paiz, um paiz de lama a tal França, não é assim, Shaikl?

— Mas se Vossa Alteza não podia mandar-me estrangular nesse paiz, a um signal de Vossa Alteza eu o fazia a mim mesmo a seus pés, diz o grosseiro cortesão.

— Pensaremos nisso, Shaikl, tornou alegremente Tippoo, pensaremos nisso, meu bravo cipayo, porque gosto de ti desde que te vi tão valentemente combater um dos meus tigres de cassa Mas, dize cá, se nós fossemos vêr as nossas aguias?

— Vossa Alteza digna-se talvez esquecer que é chegada a hora em que ella quer vêr prostrar a seus joelhos esses dois Francos, dos quaes um é enviado do sircar da ilha Mauritius, e o outro, deputado para comvosco pelo que elles chamam os jabobinos; essa reunião de Francos que deixastes estabelecer em Seringapatnam.

— E' verdade, Shailk, que já me esquecia; e comtudo espero com grande impaciencia a resposta do sircar dessa ilha, porque lhe pedi alguns officiaes europeos. Mas esses dois francezes vem juntos e com um sequito numeroso (1)?

— A vontade de Vossa Alteza se dignará decidir o que quizea.

— Pois bem! diz o sultão depois de um momento de reflexão, receberei esses dois Francos como recebo sempre, quero dizer separadamente, e tu não deixarás entrar o seu acompanhamento no palacio; temo os traidores, Shaikl. Assim, intendes-me, que sejam separados logo que tiverem passado do liminar da porta...

Depois o desconfiado tyranno accrescentou: — Apalpal-os-hão antes de os deixar aproximar de mim, Shaikl, além disso, tu ficarás aqui, e prevenirás Craeb de que esteja prompto ao primeiro signal com os seus dois companheiros de turbante vermelho. Agora, manda-me trazer o meu houka, Shaikl, vai dar as ordens relativas a esses dois homens, e sobre tudo não esqueças cousa alguma, accrescentou o sultão com uma expressão singular.

Quando o favorito saiu, Tippoo-Saeb levantou-se e foi buscar a um dos tropheos de armas uma rica pistola turca, com coronha de oiro coberta de pedrarias; visitou os fexos, e collocou-a sobre uma das almofadas; poz tambem ao lado um krik comprido, largo, bem agudo e envenenado, depois estendeu-se negligentemente sobre o sofá. Dois negros trouxeram o houka e o seu fornilho

(3) Evitaremos ao leitor a emphase e a côr oriental nos discursos do sultão, que lembravam talvez algum tanto a prudencia do leão e a força da serpente del signor Giordani.
O A.

de oiro. Tippo-Saeb pegou no tubo de ambar e poz-se a fumar. Os negros retiraram-se, e Shaikl entrou logo seguido do desaventurado doctor.

LVIII.

RECEPÇÃO.

J'ai du bon tabac dans ma tabatière.
Cantiga popular.

Il ne s'agit que de s'entendre.
Proverbio popular,

Separando assim os dois amigos; a desconfiança de Tippoo-Saeb desarranjava cruelmente os planos do pobre Gedeão, que contava beber na presença de João Thomaz um socego e firmeza mais que nunca necessarias na presença do sultão. E isto porque no momento em que o cidadão Gedeão acabava de deixar o seu amigo em um dos pateos exteriores do palacio tinha perfeitamente distinguido a forma de um cadaver, collocado sobre uma especie de padiola que dois parias levavam baloiçando-a com a sua indolencia habitual (era o corpo do mal aventurado Mohamed); e este facto estava tanto mais presente á imaginação do doctor, por isso que um dos parias lhe mostrara o cadaver com um volver de olhos significativo, sem lhe dizer senão estas palavras: Um traidor!

Ora, bem que o honrado presidente do club não tivesse outra sevicia de que se reprochar senão a esperança enraigada de se ver brindado com uma real caixa de rapé por Tippoo-Saeb, sabia que o sultão era tão desconfiado e tão habituado a socegar as suas desconfianças pela morte daquelle de quem concebia suspeitas, que a lembrança da maldicta padiola o incommodava muito, e lucrava com vantagem contra a esperança da tal caixa, chegando até mesmo algumas vezes a distrail-a. Por isso, quando esse lugubre incidente veio juntar-se á necessidade de se apresentar sozinho a Tippoo-Saeb, o doctor maldisse cem vezes a louca vaidade que o levára a tão cruel embaraço. Por isso como dissemos, quando elle recebeu Gedeão, o sultão, deitado sobre um divan, fumava o seu houka, tendo Shaikl accorado a seus pés. A physionomia do soberano de Mysore mostrava o dessocego sonso que o characterisava, e logo desde a entrada pregou sobre o presidente do club um olhar claro e fixo de uma tenacidade extraordinaria; porque os historiadores concordam em dizer que na sua idade Tippoo-Saeb tinha conservado essa faculdade, só particular ás crianças, de olhar sem fixar as palpebras por instantes.

Quanto ao favorito, parecia occupar-se exclusivamente do houka do seu amo, sem erguer os olhos sobre o Franco, e todavia elle os tinha incessantemente pregados sobre o desgraçado doctor com a attenção surda e continua do gato que espia a sua victima. Ao ver o rosto de Tippoo-Saeb, bronzeado, placido e frio, que pregava n'elle teimosamente os seus olhos grandes, redondos e immoveis, o doctor sentiu pegar-se-lhe a lingua

ao céo da bocca, e fez, para dar tempo de se socegar, cinco ou seis *salens* dos mais humildes e prolongados, sem vistas na caixa, ousamos affirmal-o.

O sultão, impacientado com estas reverencias, e fatigado de ver unicamente o craneo calvo do cidadão, que parecia levantar-se e abaixar-se por um mecanismo de baloiço, perguntou-lhe arrebatadamente: — Que nos queres tu?

Ao ouvir esta pergunta, feita com dureza, com uma voz aguda e gutural, o doctor teve por assim dizer a coragem do medo; e vendo tambem que o seu silencio irritava o sultão, fez um derradeiro e profundo *salem*, depois sempre humildemente inclinado, pronunciou em bem bom indio o discurso seguinte, cuja impressão altiva e feroz contrastava agradavelmente com o modo mais que submisso de cidadão presidente:

« Liberdade, igualdade ou morte! odio eterno e mortal aos reis, aos tyrannos, aos despotas, aos padres e aos aristocratas, que estão revoltados contra os soberanos da terra que é o genero humano, e contra o legislador do universo, que é a natureza! »

— Que queres? repetiu de novo o sultão, que, apesar de algumas lettras, nada comprehendia de tão bellas cousas. Mas o cidadão presidente, arrastado pela audacia republicana que brilhava neste discurso, encantado pela esperança da caixa do rapé, não se intimidou, e tirou da algibeira um papel pardo em que estava aceiadamente embrulhado um bonné vermelho novo com o seu laço. Então dando dois passos em frente e apresentando o emblema republicano a Tippoo-Saeb, Gedeão continuou com altiveza:

« Sultão Tippoo, o Victorioso, a assembléa dos francezes patriotas reunidos na capital do teu imperio com o fim republicano de anniquilar os tyrannos e os despotas, me envia á tua presença, em nome da liberdade, da egualdade ou da morte, para te pedir que aceites este bonné vermelho, este emblema sagrado, esta insignia nacional, e te supplica que uzes d'elle, recebendo-o com o titulo de cidadão como penhor de fraternidade e egualdade profundamente respeitosa com que temos a honra de ser, da tua Alteza, devotissimos, fidelissimos, obedientissimos servos, os amigos da liberdade, e egualdade ou morte »

Depois do que o cidadão presidente, farejando já a sua caixa, se achegou dos degráos do sofá e offereceu respeitosamente o bonne a Sua Alteza. Porem S. A. com o bico da sua chinella real, repelliu o emblema republicano dizendo a Gedeão: — Que entendes tu por despotas, cão?

Então, insensivel ás injurias, estoico como um romano, e arrebatado pela sua erudição patriotica, Gedeão poz-se a fazer, quasi machinalmente e a seu pezar, a definição que lhe pediam.

— Intendo por despota, respondeu Gedeão, com uma voz aguda e penetrante, entendo por despota um tigre sequioso de sangue, que se desal-

tera nas lagrimas dos seus vassallos, que lhes come a carne e bebe o suor com delicias; n'uma palavra, um monstro desenfreado que ousa manchar com nome de vassallos homens nascidos livres, homens independentes que não devem contas das suas acções senão ao genero humano, de quem são irmãos, e á natureza de quem são filhos.

— Mas, diz o sultão, que emfim era bom homem e gostava de rir como qualquer outro, mas que queres tu fazer aos despotas, tu e os da tua sociedade?

— Em nome da egualdade e da liberdade, morram os despotas! exclamou freneticamente Gedeão arrastrado pelo poder da sua logica republicana.

— Então vens tu pedir-me a minha propria morte, porque, Kibleeh do mundo! eu sou um verdadeiro despota, despota como foi meu pai, o glorioso Hyder-Aly; despota como hade ser (o Propheta o queira!), como o hade ser meu filho, o engraçado Abdu'.

O doutor estava aterrado do seu desacerto, a caixa de novo lhe desapparecia do pensamento, e foi na padiola que elle pensou outra vez. Fez comtudo um esforço desesperado e disse resolutamente: — A prova de que Vossa Alteza não é um despota, é que os seus vassallos lhe deram o glorioso nome de Khoodaband (1), e que venho em nome dos amigos da liberdade depôr aos seus pés o titulo de cidadão.

E Gedeão, respirando apenas, suando a bom suar, pensava sempre na padiola.

— E que quer dizer esta palavra, cidadão? diz Tippoo.

— Cidadão, quer dizer patriota, magnanimo sultão, tornou Gedeão um pouco mais tranquillisado.

— E patriota... que é isso de patriota?

— Um patriota, sublime sultão, diz Gedeão d'esta vez, força é confessal-o, com vistas na caixa, um patriota é o amigo da natureza; é mais do que os reis; traz um bonné vermelho e anda sem calções; quer a felicidade e liberdade de todo o mundo, e destroe em fim o tyranno, o padre e o aristocrata, por toda a parte aonde elle o pode encontrar,

— E o que é um tyranno? perguntou Tippoo, que estava n'um dia de singular mansidão.

— Um tyranno; magnanimo sultão, tornou Gedeão deixando-se d'esta vez ir atraz da esperança... da caixa, um tyranno é sempre um rei, da mesma forma que um rei é sempre um tyranno. Reconhece-se facilmente o tyranno pelo sestro que elle tem de tyrannisar os seus vassallos, o que o monstro chama o seu bel-prazer. Sim, magnanimo sultão, o bel-prazer é a palavra consagrada pelos tyrannos para opprimir e occultar, debaixo de uma apparencia de bonhomia o espantoso machiavelismo do seu governo. Por isso nós outros Europeos

(1) Koodaband, litteralmente, dado por Deus. Tippoo-Saeb tomou este titulo em 1792. *O. A.*

civilisados, temos derribado para sempre o reinado dos tyrannos, prendendo-o ao pelourinho da vergonha da historia, debaixo do nome de Regimendo Bel-Prazer! exclamou em fim o cidadão presidente com tão energica eloquencia como virtuosa convicção.

— Mas então, Kibleeh do mundo! então sou eu um tyranno? disse alfim o sultão rebentando do seio, porque, pergunta ahi a Shaikl se no mesmo instante, com um signal, com uma palavra, não posso fazer o que me der na cabeça, tudo o que me der prazer, segundo o meu bel-prazer!

Vendo o sultão tão prasenteiro, o cidadão disse á parte para si: — Certamente n'um tal momento deve lhe passar pela idéa de me dar uma caixa de rapé. Por isso Gedeão, sorrindo, abrindo o seu rosto grande e estupido, pregando em Tippoo-Saeb olhos carquilhados pela esperança e estupidez, lhe respondeu: — Sem duvida alguma, Vossa Alteza pode fazer não só o que lhe der prazer, como o que causaria prazer aos outros; porque, segundo o preceito sagrado da santa religião do propheta: « Fazei presentes uns aos outros, » tem-se visto algumas vezes a munificencia dos soberanos manifestar-se para com o orador indigno por uma caixa de rapé, e vossa...

Porém o sultão interrompeu o doctor por um: Kibleeh do mundo! dos mais energicos, depois do que accrescentou: — E se o meu prazer fosse mandar-te estrangular de uma vez, isso tambem te faria prazer a ti?

— Sublime Khoodabaud, magnanimo sultão, murmurou Gedeão anniquilado, e prostrando-se aos pés de Tippoo, declaro-vos incapaz de uma tal monstruosidade.

E o cidadão já se via sobre a padiola.

— Como! virás tu impunemente, miseravel louco! tornou o sultão com dignidade, offerecer-me o titulo de cidadão, de matador de tyrannos, e despotas, a mim que sou tyranno despota! virás tu abusar do nome da França, que eu reverenceio, para nos fazer perder um tempo precioso que devemos aos cuidados do nosso imperio! Depois, voltando se para Shaikl, Tippoo ajuntou: manda açoitar este cão, que veiu brincar comnosco, depois do que lhe será rapado um lado da cabeça e fal-o-hão dar cinco voltas em roda da cidade, vestido de amarello e montado n'um porco com a cara para traz, depois do que pagará uma multa de quinhentas rupias em proveito dos brahmas,

Disse.

E Gedeão, aturdido, crendo sob a influencia de um horrivel pesadêlo, passou das mãos de Shaikl ás de Craeb, das de Craeb ás dos outros cipayes, de sorte que de mão em mão chegou á porta do palacio, aonde foi entregue aos parias, que executavam á letra a sentença pronunciada pelo sultão.

— Este louco nem por isso é mui divertido, Shaikl, disse o sultão; reanima alguma cousa o houka, e introduz esse enviado de França.

E João Thomaz foi introduzido por

uma outra porta. João Thomaz sempre intrepido, de cabeça levantada, cumprimentou militarmente Tippoo-Saeb, entregou-lhe os despachos do governador da ilha de França: e em quanto que o sultão os lia examinando o enviado furtivamente, João Thomaz olhou em torno a si com um desembaraço respeitoso. O seu aspecto agradou logo á primeira vista ao sultão; mas a fisionomia de Tippoo ficou impenetravel, e depois de ter lido as cartas disse sómente a Thomaz: — O sicar da ilha de Mauritius (1) te envia á minha presença sem duvida em nome do rei de França. Eu gosto do rei de França, elle acolheu bem os meus embaixadores, no anno Herazut 1234 do nascimento de Mahomet! e em quanto o sol, a lua e a santa religião durarem, o rei de França pode contar com a amisade do filho de Hyder-Aly. (2)

— O rei de França morreu, diz Thomaz gravemente.

— Mas, pela graça do Todo-Misericordioso, o rei de França, nunca morre... sempre ha um rei na França respondeu o sultão.

— Hoje já não ha rei na França, disse Thomaz.

— Não ha rei... na França! exclamou o sultão; e em nome de que soberano vens tu á minha presença?

— Em nome do soberano que substitue o rei na França... em nome... em nome... do Povo, diz Thomaz em francez, depois de ter hesitado. Porque, ainda que fallasse muito bem a lingua india, não conhecia n'esse dialecto, termo que significasse litteralmente o povo, compondo-se além disso a nação india de elementos e classes tão distinctas e heterogeneas, que não existia talvez expressão capaz de exprimir a idéa desse poder politico, collectivo, que a palavra Povo então representava na França.

De sorte que Tippoo tomou essa palavra, povo, por um nome de homem pelo nome patronymico do soberano que substituia o rei de França.

— Sim, é o povo soberano que me envia á tua presença, victorioso sultão, repetiu pois João Thomaz.

O Sultão. — E o que fez o povo do rei de França?

Thomaz. — O povo ordenou ao rei de França que fosse prestar contas da sua conducta perante um tribunal composto de juizes escolhidos por elle, povo; depois o povo disse a esses juizes que condemnassem o rei de França á morte. Os juizes escutaram a grande voz do povo, e o rei de França foi entregue á morte, e agora o povo é o unico soberano.

O Sultão. — E a rainha de França que se havia dignado acceitar um cofre bordado de pedrarias por minha mãi... a rainha, essa joven, bella e doce creatura?...

Thomaz. — O machado do algoz é cego, fere quem faz mal ao povo.

O Sultão (aterrado). — Tambem a rainha... morta a rainha... uma mulher! a rainha! Kibleeh do mundo!

(1) O governador da ilha de França.
(2) Recordemo-nos que estamos em 93, e que o sultão ignora o attentado de 21 de janeiro. *O A.*

Em Mysore; Franco! o alfange do algoz perde o fio sobre o pescoço de uma mulher... E com que direito usurpou o povo o throno de seu rei, e matou o seu rei e a sua rainha?

Thomaz. — Porque pareceu ao povo que os crimes do rei e da rainha tinham excedido toda a medida, e porque o povo estava cançado do jugo:

O Sultão. — E esse povo é de origem obscura?...

Thomaz. — Aos olhos do rei, o povo era nascido para ser escravo; aos olhos da natureza, o povo era igual ao rei. Hoje, o povo está acima do rei, porque o entregou á morte.

O Sultão (a Shailkl). — Assim mesmo, gosto bem desse povo, Shailkl... e bem que assaz feroz recorda-me o meu pai glorioso, Hyder Aly, que não era senão simples official do rajah de Mysore, quando o esbulhou do seu reino de Mysore, como hoje o povo expropria o rei de França de seu reino de França. (A Thomaz). Vamos, vamos o teu novo soberano é um usurpador como o meu glorioso pai... sinto-me disposto a amar o teu povo, porque elle usurpou como o meu pai.

Thomaz. — O povo não usurpou o throno, readquiriu o que lhe pertencia segundo o voto da natureza, que o fez livre, grande sultão.

O Sultão (sorrindo). Sim, sim, é tambem o que o meu glorioso pai dizia ao rajah de Mysore: a prova de que tenho liberdade de me apoderar do teu throno, é que o faço. Mas emfim, Kibleeh do mundo! o teu novo soberano fez bem. O antigo rei de França era de um perigoso exemplo para os outros reis ou imperadores; porque, dizia Mohamed, este rei fraco escutava os seus subditos, que, pelos sanctos versetos do Alcorão! lhe faziam observações e além disso os seus grandes tinham nelle muita influencia, dizia tambem Mohamed. E o teu novo soberano soffre tambem a influencia dos grandes do seu reino?...

Thomaz. — Aonde o povo reina, não ha grandes, nem classes; além do povo, nada, porque o povo é tudo.

O Sultão. — Um dos teus antigos reis assim o disse antes do teu povo; disse: «O estado, sou eu...» Foi um homem do occidente que me traduziu esta sabia maxima, de que eu gosto... porque é dizer que se não pode fazer mal ao seu imperio sem se ferir a si proprio; mas é dizer tambem que é elle o unico juiz da marcha que convem dar ao seu imperio.

Thomaz. — E é justo, porque o povo só a si deve conta do seu governo; todo o poder reside nelle, provem delle e volta para elle.

O Sultão. — Pelo divino paraizo promettido aos crentes! vamos, vejo com prazer e orgulho que o teu povo governa a França como eu, o sultão Tippoo-Saeb, governo o meu imperio de Mysore. Tu chamarás pois ao povo soberano meu irmão de França, porque é digno desse titulo... Mas, dize-me, a vontade do teu povo é tambem toda poderosa, absoluta, irrevogavel, sem appellação, sem censura nem recurso, assim como a minha... assim como é a vontade do sultão de Mysore?

Thomaz. — A vontade do povo é tudo, a vontade do povo é uma e indivisivel; quando o povo falla, a nação calla-se, quando o povo quer, a nação executa. Havia em França uma cidade chamada Marselha, que recusou obedecer aos delegados do povo. O povo enviou os seus representantes para arrasar esta cidade impia, dizimar os seus habitantes, e deu ordem de que as suas ruinas se ficassem chamando: «Cidade sem nome,» querendo destruir até a lembrança dessa cidade rebelde!

O Sultão. — O povo fez isso! E a nação?

Thomaz. — A nação treme a um olhar do povo.

O Sultão. — Pelo Todo-Misericordioso! E eu que pensava algumas vezes, nas minhas horas negras, no saque de Negapatnam, que ainda se chama Negapatnam!... Foram-se os meus remorsos.,. Kibleeh do mundo!... vejo que o teu soberano sabe usar do ferro e do fogo, e que não tem medo de se cortar no fio do alfange! Quero pois escrever a meu irmão o soberano de França um firman pela minha mão imperial e sellado com o sello do meu glorioso pai, para o felicitar em nome da tyrannia, de ter destruido esse rei fraco e timido que esse insolente Mohamed ousava gabar na minha côrte... Kibleeh do mundo! ousar comparar o alce timido ao tigre real! Gosto do teu povo, Franco, porque o chacal ruge como o tigre... Mas, dize-me, e os grandes, os senhores que formavam o cortejo, a côrte do antigo rei... curvaram os joelhos perante o novo soberano?

Thomaz. — Não, os grandes não quizeram curvar os joelhos diante do povo soberano... Então o povo fallou, e as cabeças dos grandes cairam á sua voz, e as riquezas dos grandes se tornaram dominio seu.

O Sultão (estupefacto de admiração). — Pelo milagroso nascimento de Mahomet! meu irmão o povo sabe governar melhor do que eu sultão da Asia! Porque, para mim, o sangue fica sangue; e para elle, o sangue torna-se oiro, Kibleeh do mundo! o meu irmão tem rasão, e eu... que pensava, Shaikl, que mais valia tirar a vida do que os thesouros, porque assim os herdeiros do morto se nos affeiçoavam em reconhecimento... da herança! Vejo que vale mais ser o proprio herdeiro do morto como o meu irmão o soberano de França... Ordenarás pois ao sircar Effy'hs que faça entrar nos meus cofres as riquezas de Mohamed... Mas, dize-me, Franco... que fez o povo dos filhos dos grandes?...

Thomaz. — Já t'o disse, quando o povo põe o seu pé largo sobre um ninho de vesperas... esmaga toda a ninhada: nada escapa.

O sultão (pensativo). — Tambem as mulheres! tambem os velhos! tambem as crianças!... as crianças!... O' meu rico Abdul!... meu pobre filho! (A Thomaz com certo horror): Sabes que o teu amo faz correr bastante sangue, sem contar com o sangue real; e que, durante os nume-

rosos annos do reinado de meu pai e do meu, o sabre ou o punhal do algoz não se têem tingido duzentas vezes? E Kibleeh do mundo! são familias inteiras, cidades inteiras que o teu soberano sacrifica ao seu imperio de um dia, sem contar o sangue real; outra vez t'o digo, é sangue de mais!

Thomaz. — O sangue real é a purpura do diadema soberano que cinge a fronte do povo; o sangue dos senhores é a purpura do seu comprido manto.

O Sultão (á parte). — O meu irmão povo soberano de França é o Eblis (1) em pessoa, e não acharia no meu imperio um escravo tão dedicado e tão sanguinario como o seu enviado. (Alto a Thomaz): Mas os derviches da tua religião, os padres do teu culto, invocaram o seu deus pelo novo soberano?

Thomaz. — O povo não reconhece a existencia de Deus.

O Sultão. — Tu não me intendes. Aqui os padres revestem as minhas leis de uma sancção divina; porque eu não sou senão o servo do Propheta. Os teus padres sanccionaram a soberania, a usurpação desse povo?

Thomaz. — Eu t'o repito, victorioso sultão, o povo não reconhece nenhum poder, nem humano, nem divino, acima do seu.

O Sultão (com terror). — Nenhum?.. nem mesmo o de Deus? (A' parte). E' preciso que esse povo seja bem forte ou bem estupido. (A Thomaz). E tu, Franco, és dedicado a esse povo, amas o teu soberano?

Thomaz. — Sou dedicado ao povo de vida ou de morte, em corpo e alma, sangue e coração.

O Sultão. — Mas dedicado em todas as circumstancias?

Thomaz. — Em todas,

O Sultão. — Seja o que fôr que te ordene?

Thomaz. (Affirmativamente) — Seja o que fôr.

O Sultão (estupefacto). — Para conservar o seu favor tu farias tudo o que é possivel a um homem fazer?

Thomaz (affirmativamente). — Tudo.

O Sultão. — Se o Povo te dissesse: Matta...

Thomaz (affirmativamente). — Mataria...

O Sultão. — Se o povo te dissesse que lhe sacrificasses o teu amigo... que o matasses...

Thomaz. — O inimigo do Povo não podia ser meu amigo... matal-o-hia.

O Sultão (cada vez mais admirado). — E a tua mãi; sacrificarias tua mãi a esse Povo?

Thomaz (gravemente). — Já não tenho mãi... não me falleis em minha mãi.

O Sultão. — E se tivesses um filho, sacrificar-lh'o-hias?

Thomaz. — Bruto fel-o, eu tambem o faria.

O *Sultão* (não pôde vencer um movimento de horror e disse á parte): — Mataria seu filho!!! E' uma hyena cega que se póde lançar sobre uma presa e que só pensa no sangue que

1 Eblis, o diabo, ou espirito fatal.

o embriaga; é de um homem assim que eu necessitava!... Kibleeh do mundo! que servidores tem o meu irmão soberano de França! não os achou assim o outro rei! Que sede de oiro e de sangue! E censuram-me, a mim... Vamos, os homens do Occidente começam a comprehender-nos, poisque um soberano egual a mim acha um servidor egual a este. O sircar da ilha Mauritius faz-me delle muitos elogios nas suas cartas. Se eu podesse ligar a mim este Franco... Kibleeh do mundo! a um homem assim que importa o soberano! (A Thomaz.) Escuta-me Franco, não tarda que eu entre em guerra com os inglezes; mas, na paz ou na guerra, tenho precisão de um homem tão inflexivel como o ferro, tão puro como o fogo, para executar as minhas ordens, quaesquer que ellas sejam. Tenho necessidade de um homem meu, que conheça tambem os usos, as armas, e a maneira de combater os Europeos. Foi para lhe pedir um homem assim que eu escrevi ao sircar da ilha Mauritius, meu alliado. Queres tu ser esse homem?

Thomaz (aturdido com esta proposta). — Para que é hesitar? amo por amo, que se chame Povo ou Tippoo-Saeb, que te importa? vontade por vontade, que te importa? E alem de que eu hei de ser talvez ainda mais magnifico do que o teu soberano.

Thomaz (abalado), — Alteza...

O Sultão. — Li os despachos do governador, diz-me que fostes capitão de mar. Pois bem! decide-te... faço-te meu primeiro sicario de mar, o que vós outros Europeus chamais, penso eu, almirante.

Thomaz (seduzido).—Victorioso sultão, o favor é grande; mas eu tenho bens na ilha Mauritius, e não posso...

O Sultão. — Mandarei um homem do Occidente vigiar os teus bens; doute tres mil rupias por mez, e elevo-te á dignidade de bell'awh, que te faz marchar a par com os primeiros senhores do meu imperio e do mundo!

Thomaz (arrebatado). — E o titulo de bell'awh enobrece?

O Sultão. — Enobrece o presente, o futuro e o passado: a ti, a tumba de teu pai e o berço do teu filho.

Thomaz. — Esse titulo tambem enobrece... na Europa?

O Sultão. — Tambem na Europa: Mohamed hombreava com os primeiros senhores da côrte do rei de França. Acceitas?

Thomaz.—Magnanimo sultão, é preciso que o governador pelo Povo me auctorise...

O Sultão (com anciedade). — E se o teu governador t'o permitisse, tu entrarias ao meu serviço, serias meu?

Thomaz. — Se o povo fallou pela voz do seu representante obedecerei á voz do povo.

O Sultão (deita ao pescoço de Thomaz um magnifico collar de pedras preciosas dizendo-lhe: — Eu te saudo, ó tu meu primeiro sircar de mar! ó tu, nobre bell'awh, um dos primeiros do meu imperio, porque o governador me auctorisa a deixar-te ficar commigo se tu quizeres. (Dando os despachos a João Thomaz.) Lê tu mesmo.

Thomaz (tendo lido). — Sou vosso, victorioso Sultão! vosso affeiçoado como o fui do Povo, pois que sois o amigo e alliado do Povo.

O Sultão (dando-lhe a saphira do seu turbante). ¡Kibleeh do mundo! toma tambem isto, e verás que não fizestes um negocio de christão para judeu tomando por amo o filho do meu glorioso pai. (Neste momento, Shaikl testimunha impassivel desta scena, faz um movimento de colera que revela o ciume. O Sultão apercebe-se disso e diz-lhe: Olá! lastimas as nossas boas graças, meu pobre Shaikl!...

Shaikl (prostando-se aos pés do Sultão. — Magnanimo e victorioso Sultão, ser-me-hia impossivel viver sem isso.

O Sultão (apitando para chamar Craeb.) — Faça-se a tua vontade, porque ellas te são retiradas (1). Craeb entra apodera-se de Shaikl, e leva-o sem ver Thomaz, que não o reconhece; Thomaz fica impassivel, porque não compreende a significação dos tres apitos. O sultão levanta-se e diz): Tu és meu Franco; mas lembra-te meu nobre bell'-awh, que tambem estás debaixo da salvaguarda da minha fé jurada á França e ao seu soberano: que o Todo-Misericordioso te guie, nobre bell'awh, logo te mandaremos as nossas ordens áquella galeria.

Thomaz (sauda profundamente e sae dizendo com orgulho): — Primeiro sircar do mar! primeiro senhor da côrte de Mysore... E isto enobrece o passado!!! Coragem, coragem, neto de Thomaz o vendedor de peixe, tu lavas a tua macula original. Adeus povo brutal... Tippoo-Saeb... é magnifico, e quem sabe aonde eu poderei chegar? (Entrando na galeria, Thomaz encontra-se face a face com Craeb, que cantarolando, enxuga a adaga. Acaba de dar cabo de Shaikl.)

Craeb (reconhecendo Thomaz, deixa cair a adaga.) — Pelo sangue de Deus! é o meu irmão Thomaz o homem honrado.

Thomaz (reconhecendo Craeb fica confuso) — Quem sois? não vos conheço.

Craeb. — Tu não conheces Craeb! pelo sangue de Deus, isso é máo! tu não reconheces Craeb o assassino? tu não me reconheces debaixo d'este turbante de cipayo? sou eu, irmão, sou eu, Craeb, sempre assassino como na ilha de França, e melhor ou peior do que lá; porque aqui pagam-me. Mas pelo turbante que trago! em verdade, ha seis annos que não tinha tanto que fazer n'um dia. Mas tu, vejamos, irmão! tu, és sempre Thomaz o homem honrado? (Thomaz experimenta uma inexprimivel angustia, e nada responde, Craeb continua): Ah! entendo, lembra-te da palavra covarde. Bah! Bah! nada receies, esqueci a recusa que fizestes do desafio; e depois vês tu, irmão; agora que já não mato por ciume, mas por dinheiro, não valho mais do que tu: porque em fim tu... tu és sempre João Thomaz o homem de bem, não é assim? o homem que sustenta o que jurou a sua mãi, em risco da sua honra?

(1) Historico.

Thomaz (com raiva.) — Não, não, não, vai-te, deixa-me, maldicto assassino!

Craeb (rindo.) — Como! deveras, tu não serás já o meu irmão homem honrado! (Entra um official do sultão que entrega um sabre magnifico a Thomaz, inclinando-se e saudando-o com o titulo de primeiro sircar, e saíu; Craeb, muito serio olha para Thomaz com espanto.) Como! agora és tu o favorito do sultão, tu substitues Shaikl, esse pobre Shaikl que eu acabo de... (Faz o gesto de apanhar alguem.)

Thomaz (empallidecendo) — Que! que homem?... que queres tu dizer?

Craeb. — Pelo sangue de Deus! quero dizer que, segundo a ordem de nosso amo, meu e teu, acabo de matar o homem gordo do turbante verde, e que o tal homem defuncto era o que tu vais ser, a alma damnada do sultão. Parece que foi ao teu novo favor que elle deve ter sido recommendado tão promptamente á minha adaga.

Thomaz (recuando de horror.) Como! tu mateste esse homem... indagora... n'este instante... acolá... aqui!...

Craeb. — Sim... n'este instante.. acolá... aqui... n'este logar... é o segundo hoje.

— Pois bem, e depois?

Thomaz (tremendo) — Isso é horrivel! e estou eu ao serviço d'esse homem!

Craeb (com uma gargalhada.) — Singular! singular sempre irmão homem honrado! Outr'ora não querias matar, tu fugias dos homens irritados contra ti: Mas hoje que fazes matar os homens e que vendes a tua alma ao diabo ou a Tippoo, porque é uma e a mesma cousa, és escolhido com favor como teu irmão Craeb o assassino; é singular! sempre a mesma sorte nos reune a ambos: proscriptos ou favoritos, sempre; altivos ou envilecidos, sempre; e eu digo como tu n'outro tempo. A sorte é tambem caricata. Agora, irmão, estimo-te... Mas isto é a ultima palavra do cipayo ao senhor. (Sauda Thomaz com respeito.)

Thomaz (com amargura.) — Agora estimado de Craeb o assassino, como outr'ora fui desprezado por Craeb o assassino. E' justiça... (Longo silencio.) Ora, mas eu sempre sou bem estupido em pensar em similhantes miserias quando a sorte me é tão favoravel. (Tirando o fiador do sabre enriquecido de pedras, atira-o altivamente a Craeb dizendo-lhe): Toma cipayo, viva, o arack, e as bailadeiras indiaticas! ahi tens para beber á saude do nobre sircar do imperio de Mysore!

Craeb (pegando no fiador.) — Pelo sangue de Deus, meu nobre senhor! vou pois beber a minha parte do preço da vossa alma... Sempre singular! (Thomaz sai sem lhe responder.)

LIX.

25 DE FEVEREIRO DE 1801.

A CONDESSA INA DE VAUDREY A' MARQUEZA DE BELLOW (MISS BETTY HAMONLEY), EM LONDRES.

« Castello de Horn-Praet, junto a Amsterdam.

« Partilhai a minha alegria, a minha

felicidade, a minha embriaguez, nunca mais estarei triste, minha amiga, nunca mais vos escreverei essas cartas que vos fazem chorar, porque tenho uma filha; meu Deus, sim, uma filha, um lindo anjinho que eu chamo Maria, e que devoro de beijos, que bem custam a seu irmão Alfredo, que, apesar dos seus dez annos, é ciumento o mais que se póde ser das minhas caricias, e se amúa quando eu abraço Maria, o que faz com que eu o abrace mais e mais; porque eu penso, minha amiga, que em mim a garridice feminina se tornou em garridice maternal, tal é a minha felicidade pelo ciume do meu filho... e taes são as delicias que sinto em o excitar.

«A minha linda Maria já tem seis semanas, e ser-me-ia difficil contar-vos todas as minhas loucuras, os meus extasis, as minhas adorações, como são finos e doirados os seus cabellos louros, como os seus olhos são doces e azues, como a sua bocca é vermelha e rosada, como é alvo o seu pescoço, como são rosadas as suas faces... e os seus pezinhos, e as suas mãos pequeninas! Em verdade, sería para enlouquecer, se não fosse tão bom ser mãi e admirar o filho querido.

«Tenho uma filha!... tenho uma filha!.., chorarieis de riso, minha amiga, se me ouvisseis repetir a mim mesmo estas palavras encantadoras a cada minuto do dia; é que tambem ha tantas cousas; tanto futuro, tantas esperanças nestas palavras!

«Tenho uma filha!... é dizer: Não serei sósinha, serei compreendida, serei amada como hei de amar, nós pensaremos uma na outra; ella só mui tarde me será tirada, e até ahi, eu, eu só, a dirigirei, só eu terei a sua confiança, só eu formarei o seu gosto e o seu coração, só eu a consolarei, eu só, sempre eu só...

«Mas não julgueis, por eu fallar tanto de Maria, que por isso eu ame menos o meu Alfredo; não, meu Deus! mas bem sabeis que uma filha... emfim que uma filha é muito mais para nós, para nós outras mãis; sem embargo disso eu amo tanto Alfredo, é tão vivo, tão bello, tão intrepido... Se o visseis montar no seu poney! enleva-me, ao mesmo tempo que cem vezes ao dia me faz morrer de susto; e depois eu creio que se vai algum tanto corrigindo dessa sequidão d'alma, dessa tendencia para a personalidade que tanto me aterrava; agora o unico defeito que embalde nelle combato com toda a força do meu amor de mãi, é um orgulho intractavel e enraigado que me confunde n'uma criança tão nova; porém disso, aqui para nós, tem alguma culpa o senhor de Vaudrey, que lhe falla sem cessar do explendor do seu nome, da sua origem e da immensa fortuna que um dia ha de possuir; mas talvez que, vendo as futuras pretenções de seu filho diminuidas á metade pelo nascimento de Maria, o senhor de Vaudrey será um pouco mais reservado a este respeito. E em verdade desejo-o de toda a minha alma; porque seria bem cruel adulterar, por um orgulho des-

medido, o amavel natural desse menino.

« Eu habito sempre em Horn-Praet... Mas ai de mim! minha amiga, não posso escrever esta palavra sem chorar... sem pensar no meu pobre pai... que, por minha causa, deixou a India, os seus habitos e que pagou com a vida a sua dedicação aos meus desejos. Não deveria eu ter pensado que este paiz frio, nebuloso, e humido o mataria, a el'e tão acostumado ao nosso sol, ao nosso clima quente e vivificante!... Emfim, emfim, Deus é misericordioso, porque me deu uma filha...

« O senhor de Vaud. ey está em Vienna ha cinco mezes... Tremo sempre não tome elle parte n'alguma conspiração de emigrados. Fiz o mais que se póde fazer por o dissuadir desta viagem, que empreendeu, como sabeis, minha amiga, seis mezes depois da sua larga demora na Russia. Mas elle tem tanta fé no futuro do seu partido, que é impossivel convencel-o da pouca probabilidade das suas esperanças. O senhor de Vaudrey faz além disso o quadro mais seductor da côrte d'Austria, aonde se refugiou toda a flôr da nobresa franceza, e insta muito para que eu vá ter com elle, mas bem haveis de conceber o caso que eu faço de similhante pedido...

Tudo o que supplico ao senhor de Vaudrey, é que não se arrisque imprudentemente n'alguma conspiração contra aquelles que governam a França. Meu Deus! a sorte é tão favoravel ao senhor de Vaudrey, que, ainda mesmo que lhe tenham sido confiscados os seus bens pela revolução, a immensa fortuna que aqui possuimos lhe dá por toda a parte uma existencia quasi real; não sei porque elle fantasia ainda alguma cousa acima disto...

« Nunca mais tornei a vêr o vosso protegido, o joven duque de R..., tenho pena, sim, sinceramente, tenho pena, porque era um homem de coração nobre e elevado, de muito juiso, de profundesa e espirito; mas, a meu respeito, enganou-se, julgando-me sem duvida segundo outras, e não conhecendo que uma mulher bem nascida, de uma alma leal e delicada, que soffre verdadeiramente e com amargura, não deve contas das suas penas senão a Deus, não se consola senão com os seus filhos, e só se vinga pelo cumprimento rigoroso dos deveres que ella livremente se impoz, e que seria uma covarde e miseravel se os esquecesse, quando se vê por assim dizer provocada a esse esquecimento.

« Ai de mim! sim, minha amiga, provocada! isto é bem odioso, mas assim é; porque não posso illudir-me nesta hora, ha talvez no senhor de Vaudrey mais do que indifferença para comigo; e ao vêr a frieza insultante que me elle testimunha, ao ver o escandalo com que elle apregoa as suas ligações nas côrtes estrangeiras, tudo me faria em verdade crer que elle experimentaria um prazer vergonhoso em me vêr fraquejar, afim de não guardar mais contemplação... afim de ter uma covardia de que me podesse arguir, para poder decentemente desem-

baraçar-se desse respeito e dessa deferencia que a pureza inatacavel do meu caracter lhe ha de sempre impôr a seu pezar.

« Perdão, minha amiga, perdôa se te entretenho ainda com os meus desgostos; ha quinze annos que soffro, eu deveria já ter adquirido, senão o habito, ao menos a discripção do soffrimento; mas só comvosco eu posso chorar, só a vós posso eu contar cada desgosto, cada dôr que me punge n'alma... Meu Deus, meu Deus, quão triste e indolente tem passado a minha vida! afóra alguns mezes de illusão... afóra os meus prazeres e angustias de mãi, que tenho eu pois sentido, meu Deus, que me prove que existo! sobre que recordação posso eu repousar-me com alguma doçura? Tenho sómente um dia entre todos os meus dias... um dia que radie de alguma felicidade... um dia entre esse terrivel numero de horas sombrias, vacuas e descoradas?... Oh! quanto isto é horrivel! horrivel, minha amiga... E' este o futuro que eu phantasiára?... Triste de mim! a vós posso contartu-do, minha amiga; mas quantas vezes, enxugando as minhas lagrimas, tenho amaldiçoado essa precipitação funesta que encadeiou a minha vida, que sem isso talvez se teria passado, senão feliz, ao menos isempta de desgostos violentos! e demais disso, o que para mim ha de horrivel, é que as unicas boas recordações da minha existencia, da minha mocidade na India, ainda estejam geladas, pela idéa da perfidia de Jorge. Não que eu queira fallar da sua divida de jogo. Agora que vejo mais friamente, a importancia desse perjurio diminuiu muito a meus olhos, e concebo e desculpo a influencia da occasião, do enfado... que sei eu? Mas o que me é verdadeiramente odioso, o que me dá todos os dias forças para amaldiçoar *sir* Jorge, é ter-me calumniado tão cruelmente!... Não, não, minha amiga, digais o que disserdes, basta a recordação desta infamia para logo suffocar as saudades que eu poderia algumas vezes sentir; porque é talvez essa calumnia a origem de todos os meus desgostos... Oh! que triste vida esta! Nada no passado... nada no presente... nada no futuro... (Aqui viam-se signaes de lagrimas). Mas eu sou louca, ingrata e impia, não tenho a minha filha, a minha filha? E como este pensamento é magico! ahi vem elle de repente illuminar a minha alma com uma nova luz... Meu Deus, sim, eu, tão tristemente desanimada aind'agora, eis-me quasi feliz e risonha... Feliz, sim, feliz pela esperança; pois que! a mocidade e a idade madura de meu marido ter-se-hão passado longe de mim, na dissipação e nos prazeres, mas ao menos mais tarde, quando elle estiver cançado desses frivolos e falsos prazeres do mundo, quando elle fôr velho, quando estiver desgostoso, embotado, então virá pedir-nos repouso, placidez e ternura, a mim e a seus filhos!... Oh! será então que eu me vingue! será então que eu hei de gosar da recompensa da minha resignação, apresentando-lhe um filho e uma

filha, ensinados a ama-lo, a veneralo, dois filhos cheios de encantos e de mocidade, cuja tocante affeição virá animar e alegrar os seus velhos dias... Será então que eu terei o orgulho e vaidade de me tornar quasi indispensavel para o seu viver, e que lhe contarei cada anno das minhas lagrimas amargas por um anno de uma felicidade tranquilla que o consolará do pesar de já não ser moço, e de ter sacrificado essa doce e pura affeição da familia aos vãos prazeres, de que então reconhecerá o nada. Porque, emfim, minha amiga, eu fui muito severa no começo desta carta. Henrique deixou-se arrastrar pelo turbilhão do mundo e dos prazeres, mas o seu coração conservou-se bom, sim... eu o creio, e certa estou de que agora, como dizem as nossas cantigas antigas, *esgota o ultimo gole*, e que cedo ou tarde voltará para nós. Então, minha amiga, sabeis como se perdoam annos de desgostos passados... por um minuto de felicidade presente ou futura.

« Bem vêdes, minha amiga, como sempre começo por me lastimar e acabo por uma esperança. Mas esta esperança não ha de ser vã, porque desta vez me apparece debaixo da figura de um anjo, da minha filha, da minha Maria. Adeus, adeus, abraço-vos, a vós e aos vossos lindos filhos, nesta doce persuasão; porque me parece que assim os meus votos para comvosco serão ainda mais ferventes, mais attendidos. Sempre, e sempre sua... *I., condessa de Vaudrey.*

LX.

UMA CONVERSÃO.

(1810).

O conde Henrique de Vaudrey contava então cincoenta e seis annos, e apezar dessa idade avançada o seu gosto pelos prazeres e dissipação tinham-se conservado tão vivos e ardentes como n'outro tempo. Emfim, apesar dos seus vinte e oito annos de casado, a sua pretenção de continuar o seu papel de homem de boas fortunas tinha chegado a ponto de tornar o conde extremamente ridiculo aos olhos dos seus amigos, e mui precioso para o divertimento dos seus inimigos. Não era porque o senhor de Vaudrey não estivesse perfeitamente conservado: a sua magreza lhe dava um talhe ainda esvelto, e elegante, bem que um tanto hirto pela velhice: as poucas rugas que sulcavam a sua fronte calva e descoberta se perdiam debaixo de seus cabellos grisalhos artisticamente arredondados sobre as fontes; os seus dentes conservavam-se ainda bellos, o seu sorriso engraçado, e os seus olhos ainda possuiam algum brilho, ainda que parecessem mais pequenos por causa de umas perguinhas formadas aos cantos. Finalmente, o apuro minucioso que o conde empregava no seu vestuario tornavam-o um velho muito garrido e nada mais.

Conservava além disto as mesmas inclinações de mancebo, excellente cavalleiro, caçador intrepido, bom inten-

dedor de vinhos e sensual, amador de musica, de quadros e de antiguidades [chegou-lhe esta ultima paixão na Hollanda, terra classica deste frenesi), tendo sempre por amante titular a *prima dona* do Theatro-Real. Citado pelas suas cavallariças, que continham os mais bellos cavallos da Inglaterra e do Mecklembourg, tendo emfim, graças á sua fortuna, a mais excellente casa de Amsterdam, o senhor de Vaudrey podia conservar por mais tempo do que outro qualquer certas illusões que são bem charas ás pessoas da sua idade, e sobre tudo do seu espirito.

Sobretudo do seu espirito, porque a moral do conde, tinha, como já dissemos, consideravelmente descido; e emfim, o senhor de Vaudrey nunca jamais fôra outra cousa senão um homem espirituoso, e dotado desse espirito de cavassidão impertinente, dessa giria zombeteira e scintilante, á que as graças e o fogo da mocidade dão brilho e encanto. Mas á medida que esse fogo se vai abrandando, que as graças se destroem, esse espirito que não é por assim dizer senão o reflexo, senão a expressão, senão a linguagem, desapparece tambem pouco a pouco, ou, se sobrevive, contrasta então com a velhice da maneira mais tristemente caricata.

Ora, os homens da idade e da nullidade do conde que persistem em viver no mundo e na vida do mundo, devem, ou esconder bem esse enfraquecimento sensivel das faculdades pelo caracter imponente de alta funcção politica, e entrincheirar-se nobremente atraz da sua importancia, o que se lhes torna muito facil, com a dignidade, silencio e esse tacto excellente que lhes deu o habito da melhor companhia; ou então se devem resignar com bonhomia a tornarem-se confidentes das mulheres moças, guias dos mancebos, fallarem bem alto da sua avançada idade; fazerem-se ainda mais velhos do que são para se tornarem inteiramente sem consequencia, e assim aproveitarem algumas vezes d'uma occasião, de um despeito, ou fazerem que lhe paguem bem um bom conselho

Porem o senhor de Vaudrey, não quiz descêr a nenhum desses humilhantes *mezzo termine*, e continuou intrepidamente o seu papel de homem de boas fortunas. De trinta a trinta e seis, o conde tinha ainda sido amado por si, pelos seus attractivos presentes; mas quando passou de trinta e seis aos quarenta, as mulheres começaram a tomar-lhe em conta os seus successos passados, e a desculpar se para comsigo mesmas de terem um amante tão maduro, dizendo lá comsigo: « Elle teve tanta voga na corte de Versailles!!! » Dos quarenta aos quarenta e cinco, algumas senhoras desconhecidas na corte, mas cheias de finura, de previdencia, e sabendo-se dedicar para o futuro, haviam tomado o conde por amante á sua entrada na corte, como ellas tomam um desses vestidos extravagantes que as fazem notar, mas que deixam logo que tenham conseguido attrahir a attenção, e entrado

na moda. Dos quarenta e cinco aos cincoenta, o conde ainda havia sido bem succedido com algumas meninas que saiam do convento, enganando a sua ignorancia e a sua ingenuidade; e tambem com algumas senhoras por obsessão, *uniquidade*, ou abuso de segredo surprehendido, que elle ameaçava de descobrir.

Mas, ai! dos cincoenta aos cincoenta e seis, idade fatal a que o vemos chegado, o pobre conde, que, por vaidade se dirigia sempre ás mais novas e mais bonitas mulheres da corte, já não era acolhido senão como capa, ou sigisbéo complacente, cargo honorifico que elle desempenhava na corte. (1) Porque, horror!... elle começava a conhecer que os maridos e os amantes já não tinham ciumes delle, e lhe confiavam mui voluntariamente as suas mulheres e amantes.

Comtudo uma joven seductora, a baroneza de Van-Dal, cheia de espirito de encantos e de belleza, tinha chegado (cerca de dois mezes antes da epoca que apresentamos ao leitor), tinha chegado, digo, a acolher o senhor de Vaudrey com tanta distincção, agrado e provocante garridice, que o barão Van-Dal, uma especie de villão frenetico por tulipas, tendo desconfiado das attenções de sua mulher para com o conde, se havia mostrado desmedidamente cioso deste ultimo. Ora o conde, no cumulo da felicidade por inspirar tal sentimento, tinha redobrado de attenções para com a linda Hollandeza, por tal guia exasperado o barão com as suas impertinencias, que daqui se seguiu uma explicação, uma scena e emfim um duello, em que o conde recebera primeiro uma cutilada pagando depois com usura ao homem das tulipas, a quem isto custou dois mezes de cama.

Aos cincoenta e seis ter um desafio suscitado pelo ciume do marido da mais bonita mulher da côrte, ser ferido por causa della, e poder vir, com o braço ao peito, pedir uma dôce recompensa, era de certo bastante para fazer voltar o juiso de um homem, por mais sabio que fosse do que o conde de Vaudrey. Verdade é que elle ainda não tinha obtido nenhum favor da baroneza de Van-Dal, porém ella acolhí a-o tão bem, deixava-o tão ternamente esperar, que o senhor de Vaudrey, por estas rasões e talvez por outras, estava mui satisfeito da sua posição honorifica, que o escandalo do seu duello ainda mais tinha firmado dando-lhe todo o brilhantismo possivel.

Mas, ah! não tardou que um golpe horrivel viesse abater o conde; soube, pelo maior dos acasos, que elle era o escarneo de toda a côrte, porque se acabava de descobrir que a baroneza Van-Dal não dera mostras de se interessar pelo senhor de Vaudrey senão para desviar a attenção de seu marido e do mundo, afim de poder entregar-se com mais segurança a uma li-

(1) O conde havia acceitado um cargo de camarista do rei Luiz; e o imperador, encantado de vêr junto a si o representante de uma das mais antigas familias da França, mandára restituir ao senhor de Vaudrey todos os seus bens confiscados quando se effeituara a revolução.

O A.

gação que entretinha com um pagem do rei, lindo rapasinho de desesete annos.

E' no momento em que elle acaba de saber esta nova fatal que mostramos o senhor *de* Vaudrey ao leitor. Vinha do circulo do rei, aonde um amigo intimo lhe havia contado toda a intriga com detalhes tão circumstanciados que era impossivel ao desgraçado conde conservar a menor duvida sobre o papel ridiculo que acabava de representar. E, o que peior é ainda, elle percebera por certo chacotear por certas risadinhas suffocadas pela sua presença, que a aventura já circulava. Não se podendo conter, foi-se despedir do rei, pretextou um negocio importante, e voltou para o seu palacio n'um estado completo de exasperação. O conde estava vestido com uma casaca de côrte côr de papoula, magnificamente bordada de prata, calções brancos, meias de seda brancas, e fivellas de oiro. Ao entrar na sala, atirou arrebatadamente para sobre um sofá a sua espada e o seu chapeu de plumas e poz-se a passeiar com agitação.

— Serei o escarneo da côrte, exclamava o conde com furor, o escarneo da côrte ; mas eu bem o mereci ! Que eu, eu, com a experiencia que tenho do mundo e das mulheres, não conhecesse que servia de capa a esse rapasinho impertinente, e que em quanto o marido, com ciumes de mim, se occupava dos meus passos, dos meus projectos, dos meus ataques, deixar a liberdade a sua mulher para ver a meu rival muito á sua vontade, e que rivall um rapaz de desesete annos, e eu, eu que cáio na tolice de me ir bater, e eu que sou ferido, que firo o marido emquanto que... Vamos, acabou-se ! serei o escarneo da côrte ! e não devo dizer serei... posso bem dizer sou o escarneo da côrte. Eu bem vi os segredinhos de todo o circulo do principe. Sem duvida, isso é-me indifferente. O que me acontece, succede a muitos outros ; a peça é bem pregada, e eu sou de muita boa companhia para não a julgar como tal. E' muito divertido... muito,.. este rapasinho promette muito, accrescentou o conde com um riso amargo. Depois redarguiu : Então porque um homem como eu não acertou uma vez, que prova isso ? Com a breca ! tambem eu escarneci de um marido e de um amante : a peça que preguei a esse pobre senhor de Cernan e a Saint-Cyr valiam bem esta. Então nada isto prova contra a minha destresa... Mas, por outro lado, o mundo é tão estupido, tão imbecil, que, porque esta tola da baroneza de Van-Dal zombou de mim, nunca mais agora poderei interessar-me por uma mulher sem ter que vencer este detestavel antecedente... sem contar que os meus inimigos farão por enfeitar a historia. Meu Deus ! meu Deus ! como tudo isto é para lastimar ! Que immundo, que nojento é este mundo e a côrte ! Em verdade, isto não tem nome, não ha o mais pequeno recato, o mais pequeno pudor nas mulheres, nem sombra de idéa do que é o gosto, do que são as conveniencias, porque,

emfim, eu não sou mais catão do que qualquer outro... eu... concebo perfeitamente que uma mulher tenha algumas bondades para com um homem feito, que pela sua posição social e caso que delle fazem no mundo, possa fazer desculpar esta fraqueza; isto entendo eu, e até é muito natural; mas que uma mulher leve o esquecimento dos seus deveres e das mais simples conveniencias a ponto de ir impudente e grosseiramente prostituir-se, a expressão propria é esta, prostituir-se com um pagem, com uma criança fraca, com um pobre diabo que nada significa, isto é que é odioso, ignobil, vergonhoso, desesperante, porque não tem desculpa, não tem desculpa alguma! exclamou o conde medindo a sala a passos largos; e, depois de uma pausa redarguiu batendo com raiva sobre o marmore da chaminé;

— E comtudo o mundo ha de achar isso magnifico! ha de rir-se, ha de criticar como um idiota, como um estupido que é, em logar de deslustrar por seus despresos uma infamia tão revoltante, um gosto tão baixamente corrompido! Mas, ora esperem lá isso do mundo! o mundo! bruto grosseiro e material! o mundo! mas, na verdade, o que é isto de mundo! Para que vamos lá? que se acha lá? egoismo, uma raiva de prazeres faceis, nem a menor delicadeza na escolha que as mulheres fazem. Meu Deus! meu Deus! outra vez repito, forte nojo é este mundo! E que é que se póde achar de divertido neste cambio continuo de falsidades e de mentiras que a ninguem enganam, nesses amores fallazes que só se importam com os sentidos, nesta tagallerice insipida, tão vã como enfadonha, nessas bajulações miseraveis; n'uma palavra, nesse turbilhão vacuo e offuscante? Meu Deus! como tudo isto é estupido aos olhos de um homem de tino, e bem louco é aquelle que conta com o mundo para satisfazer o seu coração; e agora sou de opinião, isto é, sempre fui da opinião do abbade que tive por capellão a meu bordo, esse abbade de Milly... Silly... Rilly... não, Cilly... Cilly... é isto mesmo, de Cilly. Aonde está elle? que é feito delle? porque depois de uma longa doença, proveniente de elle ter tentado envenenar-se, deixou a França. Emfim nada sei, mas tudo o que sei, é que era um homem de juizo! e que tinha rasão, porque, na verdade, nada ha mais odioso do que a vida que se vive neste mundo; isto não tem fim algum, e definitivamente é mais triste.

— E emfim, diz o conde, meneiando a cabeça com ar grave, e parando de repente deante de um magnifico Christo de Rubens, collocado, é verdade, em frente de uma nympha de Albano, e emfim, acrescentou o conde, este Christo faz-me pensar nisto... Mas, como n'outro dia dizia o velho cavalheiro de Volski, vem uma idade em que se deve pensar um pouco no futuro; porque, emfim, quem sabe se tudo é acabado cá em baixo? Que diabo! talvez que lá em cima haja alguma cousa; e quando mesmo nada haja, o que eu estou muito longe de pensar, que me custa obrar como se

houvesse? Primeiramente eu sempre tive sentimentos religiosos; o tempo, as circumstancias, as minhas viagens, teem-me impedido algum tanto de as desinvolver e de as pôr em pratica; mas o que é certo, é que os tenho; e, demais, quando mesmo eu, acabasse a minha vida sacrificando-me ao mundo, só vivendo para o mundo, só trabalhando para o mundo, não seria elle que viria mais tarde arrancar-me ás penas eternas, se as ha... e se as faltas da minha mocidade m'as teem merecido. Porque, emfim, ainda ultimamente eu via no seu oratorio esse velho cavalheiro de Volski; é impossivel ser mais feliz do que esse homem, e todavia Deus sabe que espantosa vida elle viveu na sua mocidade e mesmo mais tarde. Pois bem! elle contava-me as praticas que tinha com o seu confessor, que lhe provava claro, como o dia, que se póde mui bem remir as faltas da mocidade por uma vida de arrependimento, de resignação e de humildade; e tinha o seu oratorio todo forrado de veludo côr de cereja, com franjas de oiro! dentro tinha paineis no valor de mais de cem mil escudos, e eu que tenho um nunca acabar de sanctos e de moveis gothicos, terei um oratorio ainda melhor do que o delle. E assim mesmo, mandarei construir no gabinete de madama de Vaudrey, que é construido em abobeda, o meu oratorio será assim allumiado por cima, o que seria de um effeito maravilhoso para as estatuas e para os quadros; porque, emfim, embora o digam, nem tudo acaba comnosco. Os philosophos mais arreigados, Voltaire, la Harpe e tantos outros, viram-se obrigados a fazer outro tanto. E quando homens como elles creem, podem todos crêr sem se comprometterem. Bem sei que os espiritos fortes hão-de zombar disto; que me importam os espiritos fortes?... espiritos fortes! isso é-lhes bem facil de dizer; além de que foram elles que fizeram a revolução, e bem temos visto aonde ella os tem levado; em quanto que o mesmo Bonaparte prestou muita influencia ao clero. Assim, quando um Voltaire, um la Harpe, um Bonaparte crê que ha lá em cima um Ente que nos governa, que diabo! bem tolo serei se receiar as zombarias do mundo; e além disso, ha uma cousa positiva na religião, é que, para aquelles que a teem, se tracta de uma vida eterna de felicidade: e quando uma vez isto nos é bem provado, como o foi a esse velho renegado, cavalheiro de Volski, bem tolos seriamos se não nos tornassemos religiosos, tanto mais que a religião não impede honestos passatempos, á caça, por exemplo, de que muito e muito gósto. Ella não impede que tenhamos uma casa decente, que se recebam visitas, que sustentemos a dignidade da nossa posição; e finalmente ha uma multidão de cousas que muito nos entertem.

Confesso que, durante toda a minha vida, em terra como n'outro tempo no mar, eu estava aborrecido quando não tinha alguma cousa em que me

occupar, e a religião occupa-me muito... E eu hei-de exigir que toda a minha familia vá á missa; os meus criados que não são de libré, tambem irão, mas hão de ficar mais proximos do meu banco do que os outros... Hei-de mandar reparar a capella gothica de Horn-Praet; hei-de fazer della um brinquinho... Hei-de ter um capellão e um organista, hei-de ter um estado real. Sim, sim, quanto mais nisto penso, mais vejo que a felicidade está talvez na religião... E mais vale deixar o mundo do que elle nos deixe, e deixando-o agora... agora que ainda estou no que se chama a força da idade, deixarei ao contrario saudades, e muito isso me contenta... Tanto peior para as mulheres. Quanto a mim, começo a cançar-me furio samente de todas essas tolices; depois que me retirei do serviço, na Russia, na Allemanha e aqui, tenho tido bastantes successos; pois bem! é mister convir que é sempre a mesma cousa; reduz-se sempre a fazer a côrte a uma mulher, a obter, e a recomeçar para possuir outra. Na verdade, quanto mais se reflecte nisto, tanto mais se conhece que é cousa desprezivel; torna-se aborrecido que mais não póde ser; e, como mui bem dizia o meu antigo capellão, abbade de Cilly, deve-se deixar similhante emprego para aquelles que nada teem que fazer. Ah! ahi está essa tola da baroneza Van-Dal que está bem adiantada! O seu rapazelho ha-de deixal-a no primeiro dia, em quanto que eu deverei talvez ao seu atrevimento a vantagem de ter tido pensamentos que poderão bem fixar o meu futuro e pôr-me no bom caminho para o resto dos meus dias.

.....

Conhece-se que neste longo monologo, que tranquillisou a irritação do conde e lhe procurou uma noite muito melhor do que elle esperava, conhece-se, digo, que nem a condessa, nem seus filhos, haviam tido parte nos pezares, esperanças ou determinações do senhor de Vaudrey. E porque nada no mundo para elle era mais indifferente, nem os contava nos arranjos da sua casa. Tambem vimos, pela carta escripta, ha dez annos, por madame de Vaudrey á sua amiga, annunciando-lhe o nascimento da sua filha Maria, que longe estava de ser feliz, e que, muito tempo havia que ella tinha julgado o conde pelo seu justo valor.

Ora, a condessa de Vaudrey, tão desditosa era agora, como ha dez annos; sómente a sua desdita mudára de causa. Em quanto o conde fôra moço e bem acceito, ella cruelmente havia soffrido, vendo-o prodigalisar a outras mulheres tudo que nelle havia de amabilidade, de graça, de encantos e de seducções, conservando só para ella uma polidez reverenciosa e fria, exigida pela nobresa e puresa angelica do seu caracter de esposa e de mãi.

Mais tarde, quando o conde envelheceu, ella soffria cruelmente por o ver coberto de ridiculo, e justamente escarnecido pelas suas pretenções a successos em que já não devia pen-

sar soffria tambem cruelmente pela indifferença profunda que testimunhava aos seus dois filhos; porque não se podia chamar amor paternal á especie de segundas vistas de orgulho que lhe fazia ver com uma satisfação toda pessoal, com uma vaidade secca e egoista, o filho que usava e havia de perpetuar o nome dos condes de Vaudrey. E a prova de que o amor paternal era muito no senhor de Vaudrey, é que nem mesmo para com sua filha tinha as apparencias da insignificante affeição que testimunhava a seu filho, e isso porque sua filha não tinha o nome delle.

Por esta forma essa malaventurada condessa, essa senhora tão dedicada, tão leal, de tão grande e nobre coração, de um espirito tão elevado e delicado, devia ter um pesar novo por cada nova phase da sua vida, devia, por assim dizer, saborear a amargura de todas as suas lagrymas !!! E comtudo o golpe mais cruel lhe estava ainda reservado: porque pensando, como ella pensava, que um dia o conde, desgostoso do mundo que o repellia, voltaria ao menos para ella, e procuraria, n'uma vida doce e placida, nas caricias de seus filhos, uma compensação ao seu d sgosto por estar velho e ser quasi escarnecido por essa sociedade que elle vira aos seus joelhos; pensando assim, a condessa fora enganada na sua derradeira illusão, que todavia tão poderosa tinha sido que lhe dera forças para supportar os seus desgostos, na esperança de melhor futuro.

Sim, era loucura e dolorosa necessidade de esperança, crer que o amargor dos desgostos poderia um dia amollecer essa alma velha e dessecada, endurecida pelo egoismo mais atroz; crer que o conde, soffrendo com raiva por já não figurar no mundo, não fazia desapiedadamente supportar aos seus a reação dessa raiva. Ora, admittindo mesmo que o conde se tivesse resignado a viver essa vida interior, o supplicio mais infernal teria então começado para sua mulher e para seus filhos, porque nada sobre a terra ha peior, e mais rabugento, mais odiento, direi quasi que mais feroz do que um velho libertino embotado! Tudo o irrita, porque nada já pode gosar. A mocidade fresca e risonha é lhe insuportavel, porque lhe recorda as vantagens que já não possue; a triste velhice lhe é odiosa, porque ella é o espelho vivo do que elle mesmo é; em fim, procura descreditar todos os prazeres, porque elle morreu para elles; e, depois de ter torturado os seus durante largos annos, morre blasphemando de desesperação por deixar uma vida que todavia elle amaldiçoou em cada dia da sua velhice detestavel.

Eisaqui quaes teriam sido a existencia e o fim do senhor de Vaudrey, se uma nova forma do seu egoismo se não devera levantar, para impor á condessa uma outra especie de tormentos, e abrir-lhe, a elle, uma fonte fecunda de bem aventurança e de felicidade.

Recordando-nos da vida do conde, vemos que o *eu* foi sempre em tudo

quem dominou. Em quanto se tratou de prazeres e de gloria, tudo foi sacrificado a esse *eu*. Nada mais simples, era a logica dessa covardia. Mais tarde, o amor mais sincero e profundo de uma mulher adoravel, que demais a mais trazia ao conde uma fortuna immensa, esse amor foi tambem sacrificado a frivolos successos de amor proprio. É logico, sempre logico. Pois bem! se o conde sacrificou tanto a desejos dos gosos ephemeros e mortaes, imaginaremos que desde o momento em que elle crer que ha uma felicidade *eterna*, e que poderá gosar um dia dessa felicidade; elle cuidará mais na feilcidade e affeição da sua familia? Não, sacrifical-as-ha, sem hesitar, ás exigencias da sua salvação, que, adulteradas pelo seu cego instincto de egoismo, lhe parecerão dever absorver, como outr'ora o mundo, todo o seu tempo, pensamentos e affeições.

E isto porque um espirito tão pessoal e tão acanhado como o do conde é incapaz de emprehender o magnifico pensamento de dedicagão e de amor de uma religião que se resume, por assim dizer, pela communhão. Não, o senhor de Vaudrey, já quasi estonteado pelo abuso dos prazeres, o senhor de Vaudrey não possue nenhuma desses qualidades moraes e fortes que não envelhecem, o senhor de Vaudrey, incapaz de o comprehender, deve desnaturar o pensamento primeiro do christianismo, que tem por symbolo a expiação sanguenta de um só em proveito de todos; admiravel idea, que, applicada á humanidade, une os homens entre si pela mais tocante solidariedade, tornando commum a todos, os fructos da devoção de cada um.

Sim, o senhor de Vaudrey deve desnaturar essa ídea de uma moralidade tão consoladora, para a dobrar ao seu abjecto interesse pessoal, e isso sobre tudo, se elle tiver por confessor um homem tão influente sobre o seu espirito enfranquecido que lhe metta medo com o inferno, e tão estupido ou fallaz que dê uma perigosa direcção ás consequencias desse receio.

Nós dizemos o inferno, porque é somente com o medo do inferno, do diabo e dos seus chavelhos, ou alguma cousa que se lhe pareça, que se poderia um dia fortemente impressionar a intelligencia extinta do senhor de Vaudrey exaggerando-lhe a punição que mereciam as faltas da sua mocidade. Porque se os espiritos verdadeiramente christãos e elevados ficam frios diante dessas figuras grosseiras e palpaveis; se para elles essas grandes e terriveis idéas de remuneração e de immortalidade da alma são muito mais terriveis quando lhes apparecem em toda a sua immensidade sem limites.... sem fórma.... e sem nome; para os espiritos acanhad s ou enfraquecidos como era o do conde, é mister ao contrario imagens fortemente pronunciadas, alguma cousa clara e bem assignalada, é mister um paraiso com musica, e um inferno com demonios que mordem, forcados que piquem e chammas que queimem; então a esperança de uma outra vida se reduz a uma questão positiva de mu-

sica ou de adustão para a eternidade.

O conde, repetimos, podia bem um dia ter um medo egoista e pueril da morte, sómente porque a morte o privaria de uma vida de gosos materiaes; mas devia sempre ser incapaz e indigno de experimentar esse terror santo, profundo e mysterioso, que eleva os mais altos e nobres pensamentos, quando, depois de ter volvido longo e triste olhar sobre a sua vida passada, vê approximar-se a morte perguntando lá comsigo: — Para onde irei eu?... quem me espera?...

O conde podia bem um dia procurar remir as suas faltas pelas praticas exteriores do culto e por um insignificante e esteril arrependimento; porém o conde devia sempre ser incapaz e indigno de experimentar no fim dos seus dias, essa comiseração indefinivel e comtudo instinctiva nos entes verdadeiramente religiosos e grandes, que lhes diz que esgotem, antes do sair da vida, tudo o que lhes resta de amor e de ternura n'alma; que prodigalizem a todos dedicação, soccorro e consolação, talvez para merecerem de todos uma recordação, uma saudade ou uma oração, afim de encarar o trespasso com serenidade, e ter as suas mãos moribundas banhadas de lagrimas amigas, e de sentir a sua alma ligeira e pura abrir placida as suas azas nesse momento terrivel. Porque, repetimos, essas ideas tão terriveis para bastantes homens, porque são vagas, mysteriosas, e de que Deus comtudo lançou o germen no coração de cada um; essas ideas, repetimos deviam resumir-se claramente para o conde pelo inferno em que se é queimado quando se não ha crido, e por um paraiso com musica como se ha acreditado.

Ora, como o conde comprehendia mui bem as correlações positivas destes supplicios, uma vez que elle cria firmemente na sua existencia (cousa horrivel ou consoladora!), podia um dia crer, e ter a fé plena e inteira, crer com convicção, crer sem invocar a analyse, que seria superior ás suas faculdades e á sua influencia; crer, por assim dizer, porque o seu instincto de egoismo lhe dizia: «crê, e não serás queimado; crêr sem ter comprado nem merecido essa crença, essa fé, esse dom divino e ineffavel, por um arrependimento tocante e util áquelles que offendeu ou sacrificou; crer tudo ficando frio e cruelmente impassivel ás lagrimas de sua mulher e de sua filha; crer sem racicionar nem explicar a sua crença senão porque ella era do seu interesse; crer em por isso se tornar nem melhor, nem menos egoista, nem menos vão, nem menos duro; crer, emfim, e gosar por antecipação de uma felicidade eterna, porque teria cumprido em cada dia, e escrupulosamente as praticas de um culto tão profanado, porque teria escutado uma missa sem a ouvir, e porque um sachristão, pago por elle, lhe teria dado uma absolvição impia. Mas tambem, essa crença esteril, egoista e machinal, ser-lhe ia contada um dia?... Valeria ella mesmo aos olhos do Soberano Juiz, as duvidas pungen-

tes do sceptico, que tremendo desvia a vista do tabernaculo?

LXXI.

IANEIRO DE 1812.

Á condessa de Vaudrey á marqueza de Bellow, em Napoles.

« Castello de Sercoét, junto a Utrecht.

« Grande Deus! minha amiga, ten de compaixão de mim... Em verdade, tenho a cabeça perdida, acabo de ter com o senhor de Vaudrey uma terrivel explicação, que me aterra o mais que póde ser sobre a sorte que está reservada á minha pobre Maria. Ha muito tempo, minha amiga, que vos eu tenho entretido com a mudança incrivel que sobreveio nos habitos do senhor de Vaudrey. Bem sabeis que, depois dessa ridicula e desgraçada aventura que esteve a ponto de lhe custar a vida, e o tornou a fabula e o escarneo da corte, deixou a Haye, e veio aqui estabelecer-se, accompanhado de um capellão que lhe havia dado o senhor de Volsky. Chegado que foi á nossa terra, o senhor de Vaudrey deu-me parte das suas novas intenções. Querendo trabalhar para a sua salvação, convidou-me formalmente a não receber visita alguma, afim de não ser distrahido, dizia elle, nos seus exercicios de devoção. O nosso filho Alfredo estava então na Inglaterra com o seu governante e um outro gentil-homem, que o senhor de Vaudrey lhe havia dado para o acompanhar. Fiquei pois absolutamente só com a minha Maria, o que me causou todo o prazer que deveis imaginar.

« Posto que fosse bem subita, e mais decidida pelo de-peito do que pela convicção, essa conversação ao principio muito me satisfez, porque melhor do que ninguem sabia eu quanto se póde esperar das consolações do céo, quando a vida deste mundo é muito penosa e fraudulenta, e eu cria além d'isso que as novas ideas religiosas do conde o levariam naturalmente a approximar-se de nós, e que poria em pratica para com a sua familia essa moral christã tão benevola e tão cheia de amor; via emfim o meu sonho a ponto de se realisar, pensava que o senhor de Vaudrey, longe da corte, desgostado do mundo, e abandonado á nossa unica affeição, ia emfim voltar para nós, que o amavamos tanto e sempre, apezar da sua indifferença.

« Pois, minha amiga, tudo isto não passou de uma illusão amarga e miseravel. O capellão (porque seria blasphemar dizer Deus), o capellão, desde o momento em que tomou influencia sobre o senhor de Vaudrey, tornou-se para elle o que o mundo e os seus prazeres tinham sido outr'ora, isto é o unico motor, o unico alvo da vida e das suas acções; n'uma palavra, não vê, não ouve, não julga, não pensa senão pelo seu capellão. Eu e a minha filha, somos-lhe tão estra-

nhas, mais estranhas, mais indifferentes ainda, do que antes da sua conversão.

« O senhor de Vaudrey levanta-se ás nove horas e vai ouvir missa na capella que mandou reconstruir e ornar com uma louca magnificencia. Depois almoça no seu quarto, e parte para a caça se o tempo está bom; senão anda a cavallo tres ou quatro horas dentro do picadeiro; depois volta, apparece á meza, sauda-me, dá um beijo em sua filha e retira-se para se confessar (confessa-se todas as tardes), e ouvir depois uma leitura que lhe faz o seu capellão, e emfim deita-se ás oito horas; eis aqui a sua vida de todos os dias, minha amiga, eis aqui a sua vida e a nossa ha dois annos.

« Em quanto a mim, habituada como estou á existencia mais triste e monotona, supportaria perfeitamente este isolamento completo, imaginando, ainda assim, que o senhor de Vaudrey se acha feliz.

Porém a minha filha, na sua idade, teria precisão de algum prazer, de movimento, e aqui a pobre menina passa a vida de uma reclusa, porque seu pai não quer absolutamente receber ninguem, ou por que arreceie os sarcasmos dos seus antigos amigos, ou por que o capellão lh'o prohiba; porque ainda aqui não fica, minha amiga, ou o espirito do senhor de Vaudrey se terá gasto na dissipação e pelos excessos, ou as pinturas terriveis que lhe faz sem duvida o seu capellão, fallando-lhe das penas eternas, o terão abalado; mas eu descobri com horror que as faculdades do senhor de Vaudrey estão enfraquecidas. Sómente conservou intacta a sua inflexivel vontade. E' um marmore frio, surdo e mudo. Não discute, e quando diz: quero, concentrado em si mesmo fica então insensivel a todas as objecções. Mas não julgueis que elle compre a convicção, que agora tem, de ser quasi sancto, por privações ou austeridades. Nada disso; as unicas cousas que offereceu ao Céo em sacrificio, foi o mundo que o repellia, foi a affeição da sua familia, que lhe ha sido sempre indifferente. Afóra isso, o seu luxo é completo, o seu fausto offuscante, a sua mesa apurada, os seus gostos pela caça, por cavallos, por antiguidades e quadros mui dispendiosos. Só não quer receber ninguem, como vol-o já disse, e parece dar-se bem com esta solidão e esta existencia, por que a sua saude é mais florecente do que nunca. Ah! juro-vos, minha amiga, que o seu capellão o leva ao Céo por um caminho doce e commodo; porque escapam ás vezes ao senhor de Vaudrey exclamações de bemaventurança que revelam quanto é feliz com a nova vida que abraçou.

« Verdade é que hoje, como n'outro tempo, como sempre, a sua felicidade custa lagrimas bem amargas áquelles que o rodeiam; mas a elle que lhe importa! Hoje, gosa placidamente, e por anticipação, da felicidade eterna que adquire, com tão pouco custo, sem pensar no porvir de seus filhos... e é o que, minha

querida amiga, me causa a pena mais amarga. Sabei tudo, e perdoai-me os detalhes inteiramente familiares em que sou obrigada a entrar; mas em verdade, tudo isto se torna tão grave, que não hesito.

« Ha dois annos que, apesar da guerra, o meu filho Alfredo está na Inglaterra. Seu pai havia-lhe estabellecido uma pensão annual de com mil libras, o que me pareceu muito justo; mas não tardou que esta quantia estivesse longe de ser sufficiente. Alfredo tomou uma casa em Londres, e tornaram-se tão exorbitantes as suas despezas, que me pareceu dever fallar a similhante respeito com o senhor de Vaudrey, para o que lhe mandei pedir que me attendesse por um momento, o que elle, depois de alguma hesitação me concedeu. Entrei no seu quarto quando o capellão saía. Achei o conde occupado a considerar com attenção uma gravura allemã que representava o supplicio dos condemnados... e a felicidade dos eleitos.

« O senhor de Vaudrey estava tão entregue a esta contemplação, que me não sentiu e estremeceu quando me aproximei delle.

« Comecei por lhe reprochar docemente e com ternura a isolação em que nos deixava, a mim e a minha filha. A isto, respondeu-me com ar impassivel: — Então julgais, *madama*, que eu tenha tempo para pensar nos interesses mortaes deste mundo, quando me resta apenas occasião para tractar da minha salvação, comprar a remissão dos meus peccados, e merecer um logar no paraizo?.. Não, *madama* Quanto mais custosos são os sacrificios que nós fazemos, tanto mais agradaveis são ao Senhor, que quer que sejamos todos d'Elle.

« Procurei fazer-lhe comprehender que o amor dos seus, longe de ser contrario aos seus votos, era considerado por todas as leis moraes, divinas e humanas, como a mais pura e preciosa das virtudes religiosas. A isto respondeu-me textualmente: — *Madama*, depositei a minha confiança n'um piedoso e veneravel servo de Deus: só elle me guia para a vida eterna... só a elle devo contas das minhas acções, e só elle me ensina o que é o bem e o mal. Tende pois a bondade de considerar esta conversa como a ultima que tereis commigo a este respeito. A minha salvação só a mim é que importa, é toda para mim, e só eu sei como devo tractar della.

« O que tentei fazer-lhe ouvir foi inutil, e acabou por me perguntar se eu tinha outra cousa a dizer-lhe, por que os seus cavallos o esperavam. — Sim, senhor, lhe respondi eu emfim; tenho a dizer-vos que perdeis o vosso filho, accedendo com tanta fraqueza aos seus menores desejos e animando n'esse joven desgraçado os gostos por uma louca prodigalidade: Ha apenas dois annos que está em Inglaterra, e dispende, além da sua pensão mais de cem mil escudos, e soube agora pelo vosso intendente que acabaes de dar ordem para que sejam enviados a Alfredo tres mil luizes que elle pede... Permitti-me pois, senhor, que

entre em observações um tanto vulgares; mas vós tambem tendes uma filha, e...

« A estas palavras, o senhor de Vaudrey me interrompeu, e disse-me com o mesmo socego, com o mesmo sangue-frio glacial: — *Madama*, o meu filho, o senhor visconde de Vaudrey, tem o meu nome, deve pois ter um estado decente, sobretudo em paiz estrangeiro, e na Inglaterra, aonde a nobreza é mui rica, deve sustentar diguamente a posição que de mim recebeu, e que espero que transmita aos meus descendentes.

Além disso está em Londres, juncto aos seus principes legitimos, e, da maneira como isto vai na França, esta viagem pode um dia vir a ser para meu filho a fonte dos maiores favores. Tende pois a bondade, *madama*, de me poupar para o futuro similhantes observações. O meu filho usa do meu nome, só a mim pois é que compette dirigil-o; e o que eu approvo deve ser approvado por todos.

« As minhas observações, as minhas supplicas, ameaças, lagrymas, tudo foi inutil; não me disse outra cousa, e reconduziu-me á porta do seu oratorio. Agora, minha amiga, vou explicar-vos quanto os meus receios são graves, e quanto a sorte futura da minha pobre, da minha adorada Maria, se acha odiosamente compromettida.

« Como o haveis visto, os unicos traços de character do senhor de Vaudrey que se conservaram tão inteiros e puros como antigamente, são uma inflexivel vontade e o orgulho do seu nome. O capellão, que é, penso eu, um homem de espirito astucioso e baixamente adulador, soube fazer perfeitamente quadrar a vaidade toda mundana do conde com os seus pensamentos de salvação, dizendo-lhe que a religião não se oppunha a que seu filho sustentasse dignamente o nome que tinha; de sorte que, para vêr seu filho sustentar a sua classe, o senhor de Vaudrey authorisa as suas prodigalidades com uma fraqueza que, em verdade, chega a demencia; e, posto que a nossa fortuna seja consideravel, estou espantada desses gostos pelo fausto a que só uma fortuna real poderia chegar, tanto mais que o senhor de Vaudrey nada quiz cortar do estado da sua casa, e que se os nossos bens não estão empenhados, ao menos despendemos absolutamente todas as nossas rendas, segundo as contas do nosso intendente e dos procuradores da nossa casa.

« Alfredo tem agora mais de vinte annos e o germen das mais felizes e melhores qualidades; é bello, cheio de espirito e de bravura; ainda que abandonado a si mesmo, as suas inclinações são de um homem de bom nascimento; não se dá, isso é, verdade, não se visita em Londres senão com a melhor companhia, aonde o chamam a sua classe e o seu nascimento, eu sei tudo isso; mas comtudo, não receais, como eu, minha amiga, que n'uma idade tão tenra uma tal facilidade de satisfazer os seus caprichos, não seja bem funesta para o futuro?

« E, emfim, Maria, o meu anjo amado, a minha unica consolação, a minha filha, a minha querida e terna filha, tambem tem direito a essa fortuna, ella.. é tambem o que lhe pertence, que se dissipa tão loucamente... E quando se tractar de a casar, de achar uma união digna della, aonde estará a fortuna para lhe dar? O meu filho ou o senhor de Vaudrey quereram então diminuir o seu luxo? Quererão privar-se de alguns habitos de luxo para a dotar tão ricamente como ella tem direito de esperar, segundo a nossa posição? E eu, meu Deus! que havia imaginado que a fortuna que eu daria á minha filha seria brilhante, afim de que a pobre menina não fosse sacrificada a dinheiro, e que podesse um tanto seguir o impulso do seu coração! Agora, que lhe acontecerá? que porvir será o seu?... Não sei, não posso prevenil-o... E é uma nova dôr que vem tambem opprimir-me... Porque, por infelicidade minha, querida amiga, estou reduzida ás lagrymas, ás supplicas, nada posso...

« Quando, ha trinta annos, cazei com o senhor de Vaudrey, confiada, embriagada, aturdida pela felicidade em que eu cria, deixei-lhe a liberdade de regular como elle intendesse as condições materiaes dessa união; porque bem sabeis quanto esses detalhes sempre me repugnaram. Ora, nesta epocha, e mais tarde, os seus procuradores na Hollanda arranjaram as cousas de maneira que o conde é livre e unico administrador da nossa fortuna. Antes destes acontecimentos penosos, nunca tinha pensado nisto; mas hoje que de lagrymas me custa! hoje que estou velha e mãi, e que devo contas a Deus do porvir dos meus filhos, quanto lastimo esse culpavel desleixo da minha mocidade! Meu Deus! minha amiga, que heide eu fazer? que remedio lhe hei-de dar?

« E o meu pobre filho, o meu Alfredo, está innocente em tudo isto; está n'uma idade em que as paixões são violentas, em que a sede dos prazeres é inextinguivel, como poderia resistir ás mil tentações que se lhe offerecem? é impetuoso, ardente, generoso; mas o seu grande defeito é um instincto de orgulho e de vaidade, que seu pai anima mais ainda pela sua cega idolatria e uma injusta parcialidade.

« Porque, de mais a mais, minha amiga, o senhor de Vaudrey prefere cem vezes Alfredo a Maria. Não que ame mais Alfredo do que Maria, mas por que elle ha de ser o herdeiro do seu nome. Por que o coração egoista e secco do senhor de Vaudrey é incapaz de sentir amor paternal; se esse sentimento existisse na sua alma, se amasse os seus filhos por elles, e não por si, em logar de a repellir quasi com repugnancia, não amaria a minha filha tanto ou mais do que seu irmão?... Porque esta pobre menina tem mais necessidade do que elle de ser amada; quem a amará senão forem os seus?... Tão boa, tão candida, tão espirituosa, não lhe falta, ai de mim!... não sei... senão o que seduz logo á primeira vista... Ella

não tem essa belleza de rosto que attrahe e habilita logo a julgar-se da nobreza, da belleza da alma... pobre e terna Maria!... e comtudo, digam o que disserem, eu nunca a achei feia, porque a sua alma terna e delicada se lê em cada uma das suas feições; mas são aquelles que não a teem ouvido fallar, que não a acham bella como um anjo!

«E é o porvir d'esta menina, que mais ha mister de ternura e de fortuna, que está tão cruelmente compromettido... Isto é horrivel .. horrivel na verdade... Mas que hei de fazer, meu Deus! que hei de fazer?

«Ha muito que hesitava, minha amiga, em vos escrever; mas sou tão desgraçada, prevejo um futuro tão triste, e contra o qual tão pouco posso... que não pude resistir á triste felicidade de vos contar as minhas penas, e á esperança de receber os vossos conselhos; por que, minha amiga d'elles careço absolutamente; é mister que eu saia d'esta horrivel posição; a minha vida está por pouco, já não conto com felicidade alguma n'este mundo; mas a vida da minha filha começa apenas... e eu, como sua mãi, não quero que ella passe uma espantosa existencia; quero que a minha filha seja feliz, por si e por mim, por que Deus lhe deve a parte da felicidade que me recusou. Em fim, eu tenho podido, arrastrando-me de esperança em esperança, chegar assim quasi ao termo de uma vida de torpor, durante a qual só uma e outra vez tenho sido despertada pelo aguilhão do desgosto... Mas, outra vez repito, não quero que a minha filha, que a minha filha querida soffra como eu tenho soffrido... Assim pois, minha amiga, dai-me os vossos conselhos, e d'esta vez tambem os de lord Bellow, se os julgares necessarios. Quando eu era joven, os meus queixumes de mulher abandonada, desprezada, esquecida, só por Deus e por vós foram ouvidos. Hoje, os meus receios de mãi podem e devem confiar-se a um homem tal como lord Bellow; porque, repito, tracta-se do futuro e da sorte do meu filho e da minha filha. Adeus, adeus, minha amiga; não me deixeis muito tempo sem uma carta vossa.

Condessa de Vaudrey.»

LXII.

O PAI E O FILHO.

(1817).

Era um nobre e magestoso edificio o palacio de Vaudrey, situado sobre os limites da Norusandia e da Bretanha. Chegava-se a esta magnifica residencia por uma immensa rua com seis renques de carvalhos seculares, que ia ter á estrada real, distante mais de meia legoa. Depois de ter atravessado dois pateos de honra, rodeiados de grandes laranjeiras em seus caixotes, passava-se larga ponte de pedra terminada por uma grade monumental, que tinha em cima um es-

cudo de bronze, que representava o brasão da casa de Vaudrey; depois ia-se a um vasto pateo interior do palacio, que era banhado pelas mais bellas aguas.

Uma enorme casa principal com dois pavilhões em volta, uma escadaria em meio circulo com duas outras grandes escadas, tambem circulares, e com balaustres de marmore, que conduziam á porta do centro; duas ordens de vinte e cinco janellas altas, separadas entre si por uma columnata corinthia; uma cymalha com balaustres que mascarava o telhado meio inclinado; oito chaminés massiças, carregadas de esculpturas de pedra, representando tropheus d'armas. tal era a fachada d'esta sumptuosa habitação, que parecia pertencer ao decimo-septimo seculo. As ruinas do antigo palacio dos condes de Vaudrey já não eram habitaveis, e só conservadas como memoria e ponto de vista em meio de um parque immenso que se estendia para o sul.

Era por uma bella manhã de outubro, o ceo estava escondido por um leve vapor pardacento, e o palacio, com a sua fachada branca, se destacava maravilhosamente sobre a folhagem vermelha e escura das arvores da floresta, que se estendia em amphitheatro por detraz do corpo principal do edificio. Mas passando-se as scenas que queremos descrever em regiões menos elevadas do que o corpo principal do edificio, somos obrigados a conduzir o leitor um pouco á esquerda, para uma multidão consideravel de casas escondidas por alta matta de arvores; n'uma palavra, vamos conduzir o leitor até a um pequeno pateo contiguo ao canal, ao picadeiro e ás cavallariças.

Uma discussão viva bastante, que parecia reunir todos os elementos necessarios para terminar em disputa, tinha logar entre os dois personagens que vamos descrever.

O primeiro era um homem de perto de sessenta annos, de estatura mediana, magro, nervoso e ainda cheio de vigor. Trazia comprida e larga farda verde, agaloada de prata em todas ás costuras, apertada pelo cinturão em que trazia uma faca de mato com cabo de ebano e prata, mui larga e um tanto curva, em logar de ser direita e aguda como se usa nos nossos dias. Accrescentando calções brancos, botas altas, esporas pretas, colete escarlate, agaloado, meio occulto pela sua farda abotoada, collarinho branco voltado para baixo, pós, pequeno e delgado rabicho, e chapéo de tres esquinas, bordado, mui chato e aberto, teremos os signaes completos do senhor La Vitesse, primeiro picador de caça do senhor conde de Vaudrey. Esqueciamos dizer que tinha um rosto descarnado, queimado do sol, trigueiro, rugado, illuminado por dois olhos pretos cheios de fogo, e meio occultos por sobrancelhas grisalhas.

O senhor La Vitesse assentado sobre um banco, tinha a s u lado, não uma moderna meia-trompa, mas uma des-

sas antigas trompas á Dampierre, cercada de um cordão de sarja verde, que só deixava vêr o cobre brilhante do seu bocal.

Esquecia-me tambem mencionar um sabujo, bello cão do Poitou, grande, arruivado-escuro, marcado a ferro, de lombo curto, largo de espaduas, de ramilhas baixas, grandes orelhas pretas, e cobertas de cicatrizes, o qual estava dormindo tranquillamente, estendido aos pés de seu dono. Este cão favorito do senhor La Vitesse, e que merece bem que delle se faça menção, chamava-se Destruidor; tinha sido primeiro cão de cabeça da matilha do conde; porém agora que se achava um tanto fatigado pela idade, haviam feito delle, como dissemos, um excellente sabujo. O interlocutor do senhor La Vitesse offerecia um contraste singular com o velho picador. Era, por assim dizer, o novo e o antigo regimen em opposição; o antigo com os seus habitos, as suas regras, os seus usos invariavelmente francezes; e o moderno, com o seu gosto pronunciado de anglomania. O novo mais lesto, mais vivo, mais bonito, mas menos nobre, menos imponente, menos typo que o antigo.

Este interlocutor era um moço inglez, de estatura alta e robusta, louro, córado, modo insolente e frio; emfim, muito bom rapaz e fallando bem francez. O seu trajar parecia extremamente apurado; traz a um pequeno redingote de panno escarlate, com botões de prata, que desenhava o seu talhe vigoroso; calções de anta amarella clara, botas de canhões bem luzidias, esporas de aço, gravata branca cuidadosamente engommada, e uma capa de veludo preto. Brincava machinalmente com um chicote de caça, e tinha, suspensa ao lado por um cordão de seda, uma pequenina corneta de cobre.

Para que nada faltasse ao contraste, um galgo grande e novo, de pura raça ingleza, um verdadeiro Fox-Houad, branco e côr de laranja, um pouco esgalgado, alto de pernas, de nariz fino e comprido, orelhas pequenas, estava acocorado ao pé de seu dono, e volvia olhares meio de despreso, meio de medo para o velho Destruidor, que, de tempos a tempos, o mirava de travez, fazendo ouvir um rosnar surdo e ameaçador.

Este inglez de redingote encarnado era Tom Crimps, picador das caçadas do visconde Alfredo de Vaudrey, filho do conde de Vaudrey; porque o visconde, sendo muito da moda para seguir os velhos costumes da caçada franceza a que seu pai se havia conservado escrupulosamente fiel, havia trazido da Inglaterra uma excellente equipagem, composta de quinze cavallos e de sessenta cães de raça pura. Ora, esse Tom Crimps, esse huntsman, que Alfredo havia mandado vir, pagando-lhe largamente, passava em o Leicestershire por um dos melhores discipulos do velho, do celebre e intrepido Bryan Morcoran, que adquiriu tão grande e justo renome nas caçadas de *lord* Derby's. A causa que desunia o picador e o huntsman era, co-

no de costume, a preeminencia da caçada ingleza sobre a franceza, e *vice versa*.

La Vitesse, de um natural mui arrebatado, mais ainda se irritava pelo phleuma todo britannico de Tom-Crimps, que, seguro do apoio de seu amo, se divertia em exasperar o velho caçador.

— Não o que chamais uma caçada, não tem direito a similhante nome, dizia com azedume La Vitesse, e faz dó vêr o senhor visconde mandar sustentar raposos em tonneis para depois lhe lançar os cães, em quanto que a floresta de Vaudrey tem javalis, veados e cabritos monteses, que é uma nuvem. Não, repito, a vossa caçada tem tanto direito a tal nome... como um coelho de coelheira tem direito de vir gabar se de ser coelho de tapada... Ouvis?!

— A nossa caçada é a unica em que se póde julgar da destreza do cavallo e da audacia do cavalleiro, diz desdenhosamente Tom batendo com a a ponta do chicote nos canhões das botas; a nossa caçada é uma caçada de homem moço e ousado; em quanto que a vossa convém a um velho bom homem que vai tranquillamente passeiar atraz de um javalí, depois de ter ouvido a sua missa... e recebido a benção do seu capellão.

— Nada de atrevimentos a respeito de meu amo, Tom, exclamou La Vitesse levantando-se, e aproximando-se do huntsman, seguido de Destruidor, que se arremessou todo furioso sobre o verdadeiro Fox Hound; se o meu amo vai á missa, é porque tem vontade disso, tornou La Vitesse; e mais vale ir á missa como o meu amo, do que fazer como vosso, desperdiçar o dinheiro como se fosse cinza, sem se lembrar de que tem uma irmã; sim, sim, eu bem sei o que digo... ouvis? Tom, mais vale receber a benção de um capellão do q e lançar, como o vosso amo faz, uma matilha de sessenta cães imbecís atraz de um miseravel raposo... um animal que cheira mal... que na verdade seria humilhante para cães que tivessem alma servirem para similhante officio. Sim, sim, não receio dize-lo, os vossos cães deviam ser humilhados... Mas os vossos cães não teem alma, os vossos cães são covardes.

— Os meus cães não teem alma! os meus cães são covordes!... diz Tom córando de cholera e custando-lhe a conter-se; Gaylass, que está aqui, é covarde?...

— Sim, senhor, é um covarde!... repito, um covarde! um covarde! Que tem elle feito para provar o contrario?... aonde foi elle ferido?... aonde estão as suas cicatrizes?... Por Santo Huberto! uma raposa tem o folego em bastante perigo depois de perseguida por meia hora por sessenta cães como os vossos! Quereis saber o qué é um cão bom e valente, o bravo d'entre os bravos cães?... é o velho Destruidor, que aqui está, senhor...

E Destruidor, ouvindo o seu nome, levantou-se todo para La Vitesse, que aproveitou o momento para mostrar o

enumerar as qualidades deste precioso sabujo.

— Olhai, senhor, vêdes esta orelha rachada em tres partes?... são pancadas que levou com a tromba de um javali!... este rabo cortado, e de que só lhe restam dois nós?... foi tambem trembada de javalí!.., esta grande incisão na anca?.. foi um veado que lh'a fez!... e est'outra no peito, que lhe cabe um punho?... foi uma loba que lh'a fez, senhor!... uma loba coxa que elle perseguiu sósinho... ouvís, sósinho, elle só, o nobre cão! Ao cabo de treze horas de caçada, a matilha nova, largou-a, e virou-se para os lobinhos; porém elle, o meu velho Destruidor, que a perseguia, agarrou-a sósinho, senhor; agarrou-a... De fórma que, o valente animal fez a caçada e a ceva só por só; porque Luiz, um dos meus criados de cães, encontrou-a no dia seguinte junto á loba estrangulada e meia devorada, e elle tão ferido, que de raiva o diabo do Luiz cortou a loba em pedaços; e o que parece incrivel, é que, tendo Destruidor sido um guia, umas guellas de fogo, seja agora o deus dos sabujos. Ah! é vêl o no bosque! que cão! como é sabio e prudente! e espirituoso!

— Oh! oh! o vosso cão tambem tem espirito! diz Tom chacoteando com o seu accento inglez.

— Sim, senhor, mais do que vós tendes; porque o pobre animal, uma vez mettido no mato, não haja medo que elle ladre mais do que um dos vossos cães mudos, tendo aliaz magnificas goellas! Não, senhor, elle tem tino para comprehender que é preciso que se calle, e parte-se-me a alma ao ouvil-o, por assim dizer, latir lá dentro de si, tanto soffre elle em se conter com o ardor que tem. Aqui está o que é um cão valente, senhor; porque se ha coragem n'uma matilha que mette em talas um javalí, um lobo ou um veado, é humilhante irem sessenta cães fazer a ceva... de um raposo!

— Embora, senhor La Vitesse, diz Tom com o seu phleuma; se os cães são valentes nas vossas caçadas, os homens e os cavallos o são na nossa; e quando vos eu vir, senhor La Vitesse, a vós e a essa especie de immenso boi ruão que chamais o Silvano, fazer uma steeple-chare á moda de Leicestershire; quando vos eu vir saltar n'uma caçada uma vintena de sebes de quatro a cinco pés de altura, e outros tantos fossos de doze pés de largo; quando vos eu vir descer a costa do Menil, que é tão rapida que uma pedra rolaria por toda ella baixo; quando eu vir o vosso gordo Silvano forçar uma lebre em desesete minutos sem se lhe importar com os barrancos, sebes, ribeiras e fossos; quando eu vir esse veneravel velho, que chamais Destruidor, trepar a um muro de seis pés para ir demolir a toca de uma raposa, encovada n'um jardim, como o outro dia fez este Gaylass que aqui está; quando eu vir tudo isso, senhor La Vitesse, poderemos fallar de caçadas. Mas lá vem Jack com Bobadil, e Luiz com Silvano; comparai pois, senhor La Vitesse.

Havia com effeito o mesmo contras-

te entre Silvano, vigoroso, ruão inteiro, bem reforçado, sellado á franceza, e Bobadil, cavallo de sangue puro, como entre La Vitesse e Tom Crimps, Destruidor e Gaylass. Tom saltou ligeiramente sobre Bobadil, e, apontando para uma barreira de quatro pés, fel-a transpor ao cavallo com tanta graça como vigor, soltando o brado de caça *Hold-hard*! Depois, voltando, diz a La Vitesse: — Mandai buscar uma corda boa, uma roldana e uma estaca para ajudar o gordo Silvano a passar por cima desta barreira, senhor La Vitesse.

— Vós não sois mais do que um fanfarrão e um insolente, ouvis, Tom, exclamou o ancião irritado; e quando o vosso *magrisella*, depois de uma caçada de oito horas em terras brandas e nos baixos da floresta, fizer cinco leguas de retirada em hora e meia e *beber* na cevada ao chegar, então direi que é digno de lamber a manjadoura de Silvano. E' como vós, podereis chomar-vos bravo caçador, quando tiverdes esperado e atirado a cinco passos, como eu tenho feito mil vezes a um javalí furioso que queria vir para mim; porque, em verdade, faz tanto dó ouvir-vos fallar de coragem como ouvir-vos comparar os vossos cães mudos á minha velha matilha, quando ella canta ao pé de um veado, ou comparar a vossa corneta de bode velho com as nossas grandes pas á Damperre, que retumbam de um a outro lado da floresta, e fazem tão bello effeito que se diria que cada ecco é um som de orgão?

— Vamos, vamos, não vos enfadeis. tendes rasão, senhor La Vitesse; porque mesmo no meu paiz, o vosso cavallo Silvano seria ainda mui apreciado, diz Tom seriamente.

— Deveras! tornou o picador.

— Sim, senhor La Vitesse, mui apreciado; porque serviria para fazer carretos para as tabernas.

Este atrevimento exasperou La Vitesse, que vendo Tom fóra do seu alcance, com o olhar mostrou Gaylass a Destruidor, o qual Destruidor herissòu o pello como um porco espinho e atirou-se rosnando ao Fox-Hound, que se encostou timidamente ao muro.

— Quereis chamar o vosso cão, senhor La Vitesse! diz Tom erguendo o seu chicote sobre Destruidor.

— Ah! não toqueis no meu sabujo, má raposa ingleza! ou te desmancho como um cabrito! exclamou o velho empallidecendo de colera e agarrando a redea de Bobadil, em quanto que com a outra mão puchava até meio a sua faca de caça.

— Eh! lá, eh! lá, então que é isso? diz uma voz imperiosa bem que um tanto quebrada, que fez entrar na bainha a faca do picador e tornou mudos os dois rivaes.

— Aposto que é o diabo do Tom e e o vosso velho La Vitesse que estão disputando, disse uma voz joven e folgasã.

E dois novos personagens se approximaram pelo braço um do outro. Era o conde Henrique de Vaudrey e o visconde Alfredo seu filho. Tom Crimps apeou-se respeitosamente, e approxi-

nou-se de seu amo com a sua capa na mão. — Vamos, diz o conde, la Vitesse, manda prender os caens; o vento é fresco, a terra bôa, iremos atacar o cervo. E' verdade, quem batteu o mato?

— Tenho a honra de dizer ao senhor conde que foi Bonnet com Castilho, seu sabujo, e respondo pelo homem e pelo cão como se fosse eu e Destruidor.

— Bem, bem; eu montarei o Alcides, e has de mandar aprumptar para mudas o Forioso e a Pastora, na Cruz-Branca, com a matilha nova.

E la Vitesse se afastou depois de ter cortejado respeitosamente.

— E vós, Tom, mandai conduzir n'um *pony* e dentro da sua gaiola o penultimo raposo que veio de Calais, mandai tambem levar os caens, tudo para a granja de Vaucelles; aonde eu me deverei encontrar com os senhores de Vertpuis; esperar-me-heis lá: hei de montar o Stay, e levai todos os vossos criados.

E Tom e La Vitesse, e Galwass e Destruidor, se separaram, não sem cambiarem olhares ameaçadores em forma de despedida.

O conde de Vaudrey contava então sessenta e tres annos, e parecia ainda vigoroso para a sua idade. Estava mui nutrido; o seu rosto placido, cheio e liso respirava a felicidade e a paz; havia até alguma cousa de seraphico no seu olhar extincto e semi-velado. A sua cabelleira loura, frisada em pequenos anneis, excedia um pouco o seu casquette de caça e lhe assombreava as faces gordas e coradas pelo frio da manhã. O conde conservava todos os dentes, e o seu sorriso quasi continuo lhe dava certa apparencia de bonhomia e de contentamento. O senhor de Vaudrey trajava um redingote azul com gola de veludo encarnado, que lhe envolvia o talhe espesso e arqueado; trazia bottas á escudeiro, calções de veludo preto, gravata preta, e colete branco. Tinha n'uma das mãos a sua faca de caça embrulhada no cinturão de oiro e prata, e pesadamente encostava o outro braço sobre o de seu filho, esvelto e bello mancebo, vestido de escarlate como Tom, com a differença de que em logar de capa tinha chapeo, e em vez de um redingote uma casaca. Era a unica differença que distinguia o gentleman do seu huntsman.

O visconde Alfredo, o orgulho e a alegria de seu pai, tinha então vinte e cinco annos, o mais nobre lindo rosto do mundo, moldurado em compridas suissas louras e assetinadas, que faziam realçar uma tez cuja alvura teria feito inveja a uma mulher; era n'uma palavra, um gentilhomem cheio de graça e de elegancia; cheio de altivez e de espirito natural, dotado de bravura a toda a prova, e algum tanto egoista. Servira na cavallaria ligeira em 1814, e agora era capitão dos lanceiros da guarda, o que lhe dava a consideração de commandante de esquadrão.

O conde, adorando seu filho, no qual achava muito do seu espirito e das suas maneiras, fornecia, como se sabe, a todas as suas prodigalidades, que, mis-

ter é confessal-o, bem que loucas e extremes, porque eram do melhor gosto, tinham, por assim dizer; as qualidades do defeito.

A fortuna do conde e de sua mulher, posto que diminuida pelas mutações que lhe haviam feito passar, realisando-a para a transportar da India para Hollanda, e da Hollanda para França, se elevava ainda a setecentas mil libras de renda em bens de raiz e permittia assim ao visconde apezentar-se no grande trem em que se aprezentava desde a sua viagem á Inglater a, donde voltara com esses gostos exquisitos e refinados do sportsman mais completo e difficil, tendo sido o *leão* de todos os clubs de fashion, desde o Almalk até ao dos Yachts.

O conde e seu filho ganharam pois o pateo principal do palacio, aonde os aguardavam as carruagens que deviam conduzir cada um d'elles ás suas differentes caçadas. — Incostai-vos bem a mim, meu pai, diz Alfredo, abaixando o braço para ajudar o velho conde a subir a uma encosta bastante rapida. Tomai cuidado, incostai-vos.

— Obrigado, meu amigo, obrigado diz o conde, mas deixai-me tambem reccommendar-vos que sejais prudente na vossa caçada; bem sabeis, Alfredo essa especie de caçada de quebra costas por entre os campos assusta-me tanto! Eu não quiz recusar-vos esta equipagem ingleza, porque imagino que o visconde de Vaudrey, meu filho, deve sustentar certa dignidade, e todavia todos os dias me causam sustos as vossas imprudencias.

— Meu pai, socegai os vossos receios, que me não hei de expôr.

— Esta manhã pedi a Deus que vos não acontecesse cousa alguma, Alfredo, e este pensamento me tranquilla alguma cousa. Sede prudente porque bem sabeis, Alfredo que não tenho outro filho senão a vós; quero dizer tambem tenho uma filha mas em fim a vossa irmã não é a herdeira do meu nome; é pois sobre vós que está collocada toda a esperança da minha casa e se vos accontecesse alguma desgraça lembrai vos de que o nome ficaria extincto! Assim, meu amigo, é tanto por mim como por vós, que vos recommendo que sejais prudente, accrescentou o conde com uma singular sinceridade de egoismo.

— Meu pai, nada receieis, hoje sobretudo, não faremos senão uma caçada de senhoras; é na planicie dos Páos-Queimados; os Vertpuis lá hão-de estar. Seu pai o senhor marquez de Vertpuis, acaba de comprar a terra de Surville que toca com a nossa. Torno a repettir, será uma caçada de senhoras, pois que *mesdames* de Saint-Perney, que vem com o senhor de Belval, tambem nos hão-de acompanhar. Bem vedes pois que não ha que temer. Ah! pedir-vos-ei licença para vos apresentar os senhores de Vertpuis, que são do meu regimento, e que serviam commigo na Casa-Vermelha; posso trazel-os hoje para passarem alguns dias em Vaudrey, meu pai?

— Não, diz o conde n'um tom mui positivo, que não alterou a expressão do seu rosto risonho, bem sabeis que

não recebo visitas algumas; cá tenho os meus habitos, tenho precisão de socego, e uma vida religiosa, meu filho, muito pouco se ageita com uma vida mundana. E' por isso que não vou a Pariz fazer corte ao rei e que vos deixo estar no palacio de Vaudrey.

— Seja, meu pai, diz Alfredo, um tanto contrariado; porém eu julguei, que, vindo os Vertpuis ser nossos visinhos, as conveniencias exigiam que se lhes fizesse ao menos este convite.

— Pouco me importam as conveniencias, meu filho, mas muito a minha conveniencia; disse-vos que não, accrescentou o conde em tom secco e positivo que contrastava com o seu rosto placido e sempre risonho.

— Não vos fallarei mais nisso, meu pai, tornou Alfredo; mas é que, em seguida ao jantar, depois de vos retirardes, e que minha mãi se entrega á sua leitura, e minha irmã á sua tapeçaria, torna-se isso de um aborrecimento mortal: nós sempre conversamos alguma cousa; mas até que chegue a meia noute, vai tanto tempo! e depois verdadeiramente, é menos por minha causa que vos eu pediria alguma distracção, de que para a minha boa mãi e para a minha Maria; porque os demonios me levem se ellas aqui vêem alma viva, e para ellas, palavra de honra, deve ser custoso.

— *Madama* de Vaudrey e sua filha encarregaram-vos de me fazer esse pedido, meu filho?

— Não, meu pai, não penseis tal; o que vos digo, é simplesmente por charidade, por pura charidade christã. Ah! vejamos, meu bom pai, recebeis os Vertpuis por charidade christã.

— Primeiro, julgava eu ter-vos dicto, senhor, respondeu o conde com ar mui serio, que ha certas palavras que não deveis pronunciar, ou não as pronunciar senão com um respeito religioso, e depois tambem que eu nunca revogo a minha determinação.

— Pois sim, meu pai, não vos enfadeis. Fiz mal, não fallemos mais nisso, diz Alfredo, que accrescentou mentalmente: Os diabos me levassem se eu não fosse a Pariz, se eu tivesse a certeza que lá encontraria alguem! mas lá não ha senão o meu regimento. Sim, porque na verdade parte-se-me o coração de vêr minha mãi e minha irmã assim entaipadas e isoladas.

Durante o silencio que seguiu esta pequena discussão, o pai e o filho chegaram ao pateo principal.

— Adeus, meu pai, diz Alfredo descobrindo-se e estendendo a mão ao conde.

— Adeus, meu filho; torno-vos a repetir que sejais prudente, porque vejo que os vossos cavallos estão impacientes. Elles tem tanta acção, mas são tão perigosos assim atrelados.

— E' Ruby e Soother, meu pai; bastam-me vinte e cinco minutos para chegar a Versailles, e são mais de tres leg as. Estes dous cavallos, assim emparelhados, são incomparaveis. Adeus, adeus, meu pai! diz emfim Alfredo.

Depois, embrulhando-se em comprido redingote branco, e accendendo um charuto, o visconde subiu a um tandam mui alto, com jogo encarnado e

caixa côr de canna, tirado por um cavallo russo e outro baio-escuro. Então, recebendo as quatro redeas das mãos de groom, ajustou-as com graça n'uma só mão, deu um pequeno estalo com a ponta do seu chicote comprido ás orelhas do leader, e partiu rapidamente para chegar a horas da caçada ajustada, fazendo um derradeiro signal de adeus ao velho conde que o seguia com os olhos, tremendo da prodigiosa altura daquella fragil carroagem e do vigor dos cavallos.

Depois do que o conde, embrulhando-se n'um witschoura bem forrado, subiu para uma grande e pesada berlinda, puchada á franceza por quatro vigorosos cavallos normandos, que devia conduzir o conde á caçada toda franceza tambem, aonde La Vitesse o aguardava. Vamos agora conduzir o leitor aos apozentos de *madame* de Vaudrey e de sua filha, que ao presente conta dezesete annos.

LXIII.

A MÃI E A FILHA.

No momento em que o visconde de Vaudrey saia do pateo do palacio, Maria, alevantando uma das compridas cortinas de seda do gabinete particular de *madame* de Vaudrey, seguira seu irmão com a vista até aonde pôde. Depois, deixando a janella, aproximou-se de sua mãi, que estava trabalhando assentada em frente de uma pequena meza velha de costura, de tartaruga e de nacar, que trouxera da India, e cuja antiguidade contrastava com o luxo sumptuoso e moderno deste quarto; porque o conde mandára mobilar com a maior magnificencia o palacio, depois da desgraçada devastação porque passára pela revolução.

— Meu Deus, mamã, diz Maria, que bonita figura tem meu irmão! como são bellos os seus cavallos! como tudo o que elle tem é elegante e de bom gosto! Emfim, não achais, como eu, que o luxo lhe vai maravilhosamente?

— Oh! muito bem, Maria; mas tenho medo que elle conheça isso demasiado.

— Porque, mamã? elle que é da corte e da melhor companhia, é preciso que la brilhe; e depois elle é tão bello e tão bom! porque emfim acaba de aqui vir passar um mez inteiro para nos fazer companhia. Pobre irmão! sabeis que similhante cousa é dedicação verdadeira, mamã? elle que é tão procurado, e que pode escolher entre tantas festas e prazeres! Por isso faço todo o meu possivel para lhe provar quanto por isso lhe estou reconhecida. Julgais que elle perceba isso? eu seria tão feliz! oh! sim, porque me parece que depois da ventura de amar, não ha outra maior do que ver aquelles que amamos bem convencidos da nossa affeição.

E os olhos azues de Maria se humedeceram de lagrimas e de ternura.

— Querida filha! Maria! minha boa Maria! diz madama de Vaudrey abraçando sua filha e contemplando-a com adoração.

Como ja dissemos, Maria não era bonita; as suas feições careciam de regularidade; mas os seus cabellos louros eram tão lustrosos e tão finos, os seus dentes tão brancos, a sua mão e o pé, o seu talhe, revelavam tanta distincção, a sua voz era tão doce e suave, o seu olhar tão nobre e puro, a sua pelle tão transparente, que ao ver-se este todo engraçado, ter-se-ia perguntado, em verdade, se Maria não teria perdido por ser o que se chama regularmente bella. Quanto a madama de Vaudrey, ella tinha então cincoenta e tres annos: os desgostos e os soffrimentos de uma constituição fragil e delicada tinham-a emmagrecido. Estava muito pallida, e trazia os cabellos, posto que brancos, frisados em grossos anneis; porque o cabello era uma das garridices de Maria, que nada achava mais bonito no mundo do que esses anneis luzidios e prateados que se desenrolavam sobre a bella fronte de sua mãi.

A expressão do rosto de madama de Vaudrey era do ordinario doce, triste e melancholica; mas o amor e a ternura de Maria nelle faziam com tudo algumas vezes nascer um fugitivo sorriso. A conducta do conde para com madama de Vaudrey era a mesma; os seus habitos religiosos não haviam mudado; tanto na França como na Hollanda, excepto á hora do jantar, não via nem sua mulher nem sua filha senão por acaso. Como temos visto, a antiphatia para com o mundo e a menor sociedade mais e mais se havia pronunciado; e, desde a sua residencia em Vaudrey, não havia querido receber visita alguma, nem mesmo permittir que madama de Vaudrey e sua filha fossem habitar em Paris durante alguns mezes do inverno, pretendendo que podia cair doente de um para outro momento, e que então se veria privado dos seus cuidados.

Bem que a saude do conde fosse das mais florescentes, esta ultima rasão devia ser decisiva para madama de Vaudrey, que, querendo mostrar-se boa e perfeita até ao fim, nunca mais fallou de uma viagem em que ella unicamente pensára para distrair sua filha. Maria era pois tudo para sua mãi, porque, para empregar o tempo, ella tinha querido tractar pessoalmente da educação de sua filha. Algumas obras de tapeçaria, leituras escolhidas, a musica e o desenho lhe serviam para abreviar as longas noites de inverno; o passeio e as placidas distracções que offerece a vida do campo lhes faziam passar docemente os longos dias de verão.

Mas ainda que a affeição de sua filha a consolasse bastante dos desgostos, *madama* de Vaudrey estava então atormentada cruelmente pela incerteza em que o senhor de Vaudrey a deixava em relação ao futuro de sua filha. De feito, todas as vezes que ella havia perguntado ao conde quaes eram os seus projectos e as suas vistas sobre o estabelecimento futuro de Maria, o conde tinha respondido que não havia pressa, que pensaria nisso.

Como o conde não recebia pessoa

alguma na sua casa, e se tornava por conseguinte impossivel pensar em *mademoiselle* de Vaudrey, senão por ajuste de familia, era então certo que Maria seria sacrificada a uma união de de conveniencia. E isto teria feito o desespero de *madama* de Vaudrey; porque, para julgar das qualidades preciosas do caracter e do coração de Maria, para compreender tudo o que valia esta creatura angelica, e sentir emfim todo o amor que era capaz de inspirar, teria sido mister vel-a mais tempo na intimidade, surpreendel-a na sua candura e ingenuidade de donzella. Então, mesmo sem fortuna, sem nascimento, Maria teria sido adorada por qualquer homem que fosse capaz de appreciar os thesouros dessa alma tão nobre, tão delicada, tão profundamente dedicada. Porém Maria, sómente proposta como herdeira, cheia de distincção, mas não bonita, não podia esperar senão um desses casamentos de posição em que se limitam a unir, por assim dizer, duas fortunas, sem se occuparem das conveniencias de espirito e do caracter dos futuros.

Mademoiselle de Vaudrey, essa, nem pela idea lhe passava o seu futuro. Feliz com o amor de sua mãi, não tendo conhecido vida mais alegre do que aquella que ella vivia, passava, sem as achar mui longas, as horas dessa vida simples, placida e monotona. Sómente ae spera e a lembrança do mez que o viscon de vinha passar todos os annos a Vaudrey era para Maria uma das suas mais viva distracções, e um dos maiores e mais agradaveis acontecimentos da sua vida; porque a mocidade e grande jovialidade de Alfredo animavam algum tanto aquelle tão triste e monotono viver. Como dissemos, tendo-se approximado de sua mãi que a abraçou, Maria poz-se a trabalhar n'uma soberba gôrra de veludo côr de cereja bordada a prata. Era uma surreza, que Maria preparava a seu irmão.

— Mas vede como o meu trabalho avança, mamã! diz Maria, e isto ha-de dizer muito bem com esse magnifico roupão de setim persa, de chão branco e flôres côr de cereja, que meu irmão mandou vir de Inglaterra! A vossa preta Bradj'y informou-se do seu criado grave se ja elle a pozera, não: por isso eu desejaria que, quando Alfredo se lembrasse de o pedir, se lhe aprezentasse ao mesmo tempo esta gôrra: vou pois trabalhar todo o dia.

— Boa Maria!.. sempre pensando em ser agradavel aos outros, sem cuidar de ti ..

— Quanto a isso, mamã, sempre me heis dicto que ser agradavel aos outros, era ao contrario pensar no seu proprio prazer... Mas como esta mesa pequenina é incommoda!.. Em verdade, mamã, ha aqui tantas outras que não percebo porque gostais tanto desta... custa-lhe a caber em cima o meu cesto de costura...

Esta reflexão annuviou o rosto de *madama* de Vaudrey, que respondeu sorrindo com tristeza: — Minha pobre

filha, quando tu tiveres a minha idade, experimentarás talvez tambem um prazer melancholico em descançar os teus olhos sobre um objecto inanimado que te recorde todavia dias passados... cheios de socego e de ventura .. Porque, vês tu, Maria, essa mesa pequenina me é precisa, porque ha bastantes annos me foi dada por um amigo d'infancia, que para mim foi por muito tempo um irmão... tinha então quinze annos... desde então esta mesa me acompanhou sempre, da India para a Hollanda... da Hollanda para aqui... hei-de conserval-a sempre... e ser-me-ia bem doce, Maria, bem doce pensar que depois da minha morte... tu a conservarás tambem. Promette-m'o, Maria... minha boa Maria, queres? diz madama de Vaudrey com um accento de ternura inexplicavel.

— Oh! mamã! perdão! perdão! exclamou Maria abraçando sua mãi, eu devia ter comprehendido que alguma recordação se ligava a esta mesa, pois que ella vos era tão chara, tão preciosa... como me ha-de ser a mim para o futuro, acreditai-o, mamã, acreditai-o...

— Obrigada, minha filha, tu não sabes o bem que me fazes... E depois de uma pausa, *madama* de Vaudrey tornou: Aquelle que me offereceu este presente, como t'o já disse, foi por muito tempo para mim um irmão; por que eu já não tinha mãi, Maria; meu pai, que me amava a ponto de loucura, não teria ousado nem querido contrariar-me em cousa alguma... Estava pois sem guia, abandonada a mim mesma, quando o acaso conduziu sir Jorge a casa de meu pai... Sir Jorge era um homem de um caracter generoso, nobre e grave... Bem que novo, minha filha, era cheio de sabedoria e de virtude. Era um amigo de um commercio seguro e austero.... Ralhava commigo muitas vezes, Maria... só elle tinha coragem para tal fazer... e devo á sua affeição severa e esclarecida de me ter emendado de bastantes defeitos na minha mocidade..

— E aonde está agora esse irmão tão dedicado, mamã?..

— Oh! muito tempo ha, Maria, que... morreu... morreu, e morreu tambem no meu coração; e se, ainda que elle tenha perdido a minha estima, ainda quero a este movel, foi porque m'o offereceu antes de se ter tornado indigno da minha recordação.

— Como assim, mamã?

— Faltando a uma promessa que me havia feito sobre a sua honra de gentilhomem, a uma promessa por elle escripta, e que por muito tempo esteve fechada nesta gaveta... que aqui vez, minha filha.

— E por isso, mamã, lhe retirastes a vossa estima?..

— Por isso, Maria!.. por isso! diz madama Vaudrey com uma emoção que lhe coloriu as faces. Ha no mundo alguma cousa mais santa, mais inviolavel, mais sagrada do que uma promessa feita debaixo de juramento? O' minha filha! é myster reflectir bem antes de a fazer. Mas uma vez feita; ainda que vos devesse custar lagrimas de sangue, ainda que se tractas-

se da desventura da vossa vida inteira... é mister ser escravo da sua palavra. Lembra-te disto, Maria; porque applicando esta firmeza de caracter e de vontade ao cumprimento dos seus deveres, pode-se arrostar a desgraça, porque se é sempre respeitado, graças ao irresistivel ascendente de uma alma pura e leal. Acredita-me, Maria, é um prazer nobre e grande poder dizer ao mundo: A minha vida desafia a censura e a calumnia; e posso alevantar perante Deus uma fronte tranquilla e serena.

— Oh! eu o creio mamã, intendo-vos, bem sei que ser fiel á sua palavra é não mentir no futuro .. e acho isso tão nobre e tão bello poder assim quasi dispor invariavelmente desse porvir pela convicção que ha de cumprir a promessa feita... que não comprehendo que se possa perjurar... E' como esta mesa, mamã, promettivos amal-a sempre, e tenho tanta fé na minha promessa, que a amo já como a amaria um dos vossos antigos amigos.

— Pobre e boa Maria, com que prazer vejo que o teu coração me intende! diz a condessa com um suspiro, e accrescentou: Ainda aqui não fica, Maria, esta mesa recorda-me não só um irmão, mas recorda-me tambem o primeiro momento em que vi o senhor de Vaudrey; sim, bastantes vezes se encostou nella... para me vêr desenhar essas bellas borboletas que eu te dei... Foi assim nella apoiado que tantas vezes me jurou tornar-me a mulher mais venturosa, de não ter senão um fim, um desejo, um pensamento em toda a sua vida; a minha felicidade!.. Isto foi pelo menos ha trinta e cinco annos, Maria... Ah! minha filha! O senhor de Vaudrey está velho agora, mudado; mas então.... Oh! então, era um dos mais bellos cavalleiros que se póde imaginar.

— Parecia se com meu irmão, mamã?

— Sim, bastante, Maria... mas tinha os olhos pretos... e os pós mudavam o por tal fórma que a parecença me parece menos sensivel.

— E' verdade, meu Deus, mamã, como isso devia ser singular; um mancebo com pós!

— O que era ainda mais singular, é o trage em que eu estava quando vi o senhor de Vaudrey pela primeira vez, Maria... Olha, é preciso que te eu diga como era.

— Oh! vejamos, mamã, exclamou Maria com a sua ingenua curiosidade de rapariga.

— Imagina tu, minha filha, que eu tinha os braços, as pernas e os pés nús!..

— Oh! mamã...

— Escuta... Além disto os meus cabellos, que são agora tão brancos, eram então bem pretos, e apertados com um fio de perolas, tinha vestido um roupão de setim azul, bordado de prata, sáia de seda branca, sandalias azues e anneis de oiro e de perolas nas pernas e nos braços!

O' minha mamãsinha! como deviheis estar bonita assim!... E meu pai... como estava vestido?

— O senhor de Vaudrey trazia o seu grande uniforme de marinha, azul, todo bordado a oiro, com cordões de setim branco e uma cruz de diamantes.

— Como devia ser magnifico esse fardamento!... E quanto tempo ha, mamã?...

— Já te disse, minha filha, ha pouco mais ou menos trinta e cinco annos.

— Então, ha trinta e cinco annos que sois feliz, mamã?

— Sim, Maria, bem feliz, diz madama de Vaudrey abafando um suspiro cruel, mui feliz!... Porque tu bem sabes que eu nunca gostei do mundo, e teu pai foi tão bom que se sacrificou a esta extravagancia do meu caracter. Elle ia só á corte, como tu viste em Haye e Amsterdam... Não o accompanhar eu contrariava-o muito; mas, que queres tu, elle amava-me tão ternamente que tinha a coragem de impor a si proprio esta privação para me deixar na minha solidão querida.

— Que bom pai! disse Maria.

— Tão bom, minha filha, que até teve força para se arrancar de um mundo que o adorava, porque nelle sabiam appreciar as suas nobres e grandes qualidades, e se retirou a Horn-Praet, e depois para aqui. Estou certa de que talvez elle se privou do prazer de receber os seus numerosos amigos, com receio de me contrariar, e para comprazer a minha bisonhice.... que se augmenta de dia para dia.

— Pobre pai!... Mas sabeis, mamã, que isso deve affectal-o muito! E agora conheço o motivo porque elle nos vem vêr tão raras vezes... teme talvez tornar-se importuno... Mas, meu Deus! como os dias lhe devem parecer compridos, quando está assim sosinho!

— Oh! felizmente, Maria, que o senhor de Vaudrey, agora, se occupa em tractar da sua salvação com um fervor exemplar; e, os seus deveres religiosos, que desempenha com tão ardente e admiravel devoção, lhe deixam pouco tempo para nos consagrar. Mas não devemos crer que esse tempo seja perdido para nós, minha filha; esses momentos que elle rouba á nossa affeição, emprega-os em provar-nos a sua de uma maneira mais efficaz e santa. Sim, Maria, sabendo que nós ambas somos felizes neste mundo, supplica em cada dia a Deus que nos continue essa felicidade neste mundo e no outro.

— Oh! mamã, não sabeis como fico satisfeita com o que acabais de me dizer! Eu já amava bastante meu pai, mas agora amo-o ainda mais, e sinto que a especie de constrangimento que me elle impunha se destroe inteiramente em o meu coração. E' porque vejo agora quanto elle tem sabido sacrificar-se á vossa felicidade, quanto elle tem sabido dedicar-se a vós, que tão bem o mereceis! E' verdade, outra prova, ainda, mamã: bem sabeis que quando meu irmão fallava dessa viagem a Pariz todos os invernos... eu ficava bem pezarosa por vêr que não devia pensar em tal, porque em fim, mamã, eu nunca fui ao baille nem ao theatro, e imaginava que is-

so para mim seria grande festa! Pois bem! mamã, confesso-vos, que então julguei bem fora de proposito, que era meu pai que se oppunha a essa viagem, em quanto que agora, mamã, eu acreditarei que fostes vós que della desviastes meu pai, e que foi tambem um sacrificio que vos elle fez.

— Sim, Maria, foi um sacrificio que me elle fez; e tu, minha filha, não me queres mal por te privar dos prazeres da tua idade?

— Eu, eu, mamã! não estou eu comvosco? Os prazeres da minha idade!... ha por ventura outros que não sejam estar ao pé de vós, a cada hora, a cada minuto? E se amo tanto meu pai por causa dos sacrificios que fez ao que chamais vossa bizonhice, sou eu que goso dessa bizonhice. E emfim, mamã, o mundo... meu irmão faz-me delle grandes narrações! Mas como isso deve ser frio e glacial! Em que hemos de confiar? em que affeições hemos de crer? Emfim quando saio ou entro na vossa sala, bem certa estou da impressão que deixo ou da que me aguarda. Tambem assim acconteceria no mundo?... Oh! não, sem duvida. Porque ao pé de vós, se o meu coração bate mais apressado, é de prazer ou de amor; no mundo, seria de receio ou de angustia. Olhai, mamã, eu fallei no theatro e no baile, quasi como se vos fallasse nessas grandes viagens que lemos de inverno. Ao ouvirem-me extasiar a respeito desses corajosos aventureiros, julgar-me-hiam intrepida e prestes a partir, e eu morreria de medo se me fosse mister porme a caminho. Pois, aqui para nós, as viagens são boas para lêr, e o theatro bom para desejar, e nada mais. Por isso todos os dias peço a Deus que se digne continuar me a felecidade que até agora me tem concedido, deixando-nos ambas na vida placida e ignorada que nós arranjámos.

— Meu anjinho, diz *madama* de Vaudrey abraçando sua filha, Deus abençoou-me enviando-te para junto a mim.

LXIV.

EXPIAÇÃO.

Scenas dialogadas.

(1817).

PERSONAGENS.

O Conde de Vaudrey.
A Condessa de Vaudrey.
Madamoiselle de Vaudrey.
La Vitesse.
Jeronymo — correio do marquez de Belval.

Duval — *Secretario do Conde.*

Esta scena passa-se no palacio de Vaudrey, no pateo do canil.

La Vitesse (a um criado que tractava dos cães). — Tu não tens mais do que soltar os cães e mandar desapparelhar os cavallos; o senhor conde deu contra ordem. (A Jeronymo.) Não estou em mim... na verdade ainda não estou em mim.

Como! O senhor conde não vai ho-

je á caça! com um tempo tão bom! Comtudo eu batti o matto com Destruidor e desviei um veado! Não vai á caça! ha cinco annos é a primeira vez que isto lhe acontece. E' extraordinario! Aqui anda cousa. Não ir elle á caça! é inconcebivel!

Jeronymo. — E' talvez essa volumosa carta que acabo de trazer de Belval que é causa de tudo isto...

La Vitesse. — E' bem possivel que assim seja; e o senhor visconde Alfredo, acaba n'este mesmo instante de partir para Pariz, a toda a pressa, sem levar os seus criados, apenas acompanhado do seu criado grave e do correio Torno a repetir, aqui passa-se alguma cousa de extraordinario, meu velho Jeronymo.

Jeronymo. — O que sei é que esta manhã ás sete horas, o senhor marquez que acabava de receber um expresso de Pariz, me disse: Tu vás montar a cavallo; d'aqui a Vaudrey são quinze legoas; ainda que o cavallo rebente á chegada, é mister que esta carta seja entregue ao senhor conde de Vaudrey antes do meio dia.

La Vitesse. — Olha, lá vem Duval, criado grave do senhor conde; elle nos dirá o que ha de novo.

Duval. — (Correndo). La Vitesse, ide dar ordem ao administrador das cavallariças, que mande sellar já já o Glorioso para Jeronymo; depressa! depressa!

La Vitesse. — O Glorioso! o melhor cavallo das caçadas, o cavallo predilecto do senhor conde, o cavallo mais veloz que ahi está nas cavallariças! o cavallo, que nunca foi montado, na sua vida, senão pelo senhor conde! estais enganado, senhor Duval, é impossivel! o Glorioso!...

Duval. — Sim, sim... o Glorioso, e foi justamente porque é o mais veloz e o melhor que o senhor conde o escolheu; e vós, Jeronymo, fazei diligencia por ir ainda mais depressa do que para cá viestes, para levar esta carta ao senhor marquez de Belval. Ah! aqui está o que o senhor conde vos manda... Mas a cavallo... a cavallo!

Jeronymo. — Cinco napoleões!... Senhor Duval, dai os meus agradecimentos ao senhor conde; vós...

Duval. — Sim, sim, mas a cavallo; pelo amor de Deus, a cavallo. (Sáem todos tres com precipitação.)

O ORATORIO DO CONDE DE VAUDREY.

O conde está sentado juncto a uma meza; lê muitas cartas, e deixa a espaços escapar exclamações de surpreza e de prazer. O conde não tem posta a cabelleira; o seu craneo descoberto é calvo, e sómente guarnecido nas fontes por alguns cabellos brancos. O seu rosto é cheio e corado. Tem vestido um roupão e calças até baixo de flanella cinzenta.

O Conde. — Isto seria inaudito... inesperado... que alliança! uma casa soberana! que explendor para o meu nome!... Mas como foi que a

primeira carta de Belval se perdeu? Envia-me hoje um expresso para me dizer que, ha tres semanas, espera a minha resposta, e renova-me a mesma proposta, supplicando-me que decida o mais depressa que eu poder. Então ha tres semanas que eu devia ter recebido a primeira carta... tres semanas! que de tempo perdido! com tanto que já não seja tarde .. Felizmente que Alfredo partiu para Pariz! Tudo o que eu d'elle receiava, era uma recusa; mas não, consente. E' muito, mas não é tudo. (Largo silencio.) Vamos, só ha este meio .. Sim, quanto mais n'isto reflexiono, mais vejo que não ha outros. E além disso, eu não havia considerado a questão da fórma que o meu capellão acaba de m'a fazer encarar. Ora agora, esta razão secundaria torna-se para mim mais influente do que a primeira; assim, em qualquer cousa que seja, tomarei a mesma determinação, pois que isso deve concorrer para me assegurar ainda mais essa felicidade eterna, de que, todos os dias procuro tornar-me digno, e que, de mais a mais, realço para sempre o esplendor do meu nome por essa alliança de meu filho com uma casa soberana. Não ha pois que hesitar. As condições que o encarregado dos negocios do principe de Arsberg, me manda propôr por Belval são enormes é verdade; mas isso concebe-se: ainda que a representação não seja mui faustosa nas cortes principaes da Allemanha, é mister, apezar d'isso, um trem de principe; e as quatrocentas mil libras de renda que me pedem que asseguro a meu filho, casando-o, não lhes chegarão senão para junctas á fortuna da joven princeza, viver decentemente. Tracta se agora de decidir minha filha e *madama* de Vaudrey. (Silencio). Pois bem! não vejo nem porque nem como ellas me recusem o unico sacrificio que lhes tenho pedido, sobre tudo quando esse sacrificio importa tanto á minha salvação e á illustração da minha casa. (Toca a campainha.) Além de que, eu quero que seja assim. (Entra Duval.) Duval, ide dizer a uma das criadas de *madama* de Vaudrey que eu peço a *mademoiselle* de Vaudrey que venha fallar-me já. (Duval inclina-se e sai.)

O Conde (tornando a ler as cartas). — Parece que foi na corte o hinverno passado, que a princeza reparou em meu filho, que gostava d'ella sem por isso ter pretenções a uma dita tão inesperada. Em verdade, isto parece-me um sonho, não que similhante cousa não seja vista; porque a nossa casa conta nas suas allianças as de um principe e de um duque soberano. Porém isto acontece de uma maneira tão inesperada .. (Reflecte.) Torno a repetir, não vejo por que a minha filha se havia de recusar a tomar este partido, pois que isto offerece tão grandes vantagens a mim e a seu irmão. Comtudo, para me assegurar desde já do seu consentimento, seguirei a opinião do meu capellão. (Entra Maria.) Mas eil-a ahi vem.. (Maria entra, toda interdicta, o coração bate-lhe horrivelmente; é

a primeira vez na sua vida que ella se acha assim só com seu pai.)

O Conde (sempre frio, impassivel, mas com certo ar de affeição).

Approximai-vos, Maria: assentai-vos ahi; tenho que fallar unicamente com-vosco... mas mui seriamente, minha filha...

Maria (approxima-se timidamente, beija a mão de seu pai, e assenta-se ao pé d'elle). — Eu vos escuto, meu pai.

O Conde (depois de alguns minutos de silencio, durante os quaes pareceu entregar-se a fundas cogitações). — Dizei-me, Maria, se hoje dependesse de vós salvar a vida de vosso pai, e. .

Maria (levantando-se com terror e lançando-se ao pescoço de seu pai). — Grande Deus! ! ! meu pai! ! !

O Conde. — Socegai, socegai, Maria; deixai-me acabar. Se hoje, digo dependesse de vós salvar os meus dias, votando-vos para sempre a uma vida de tormentos e de pezares, que farieis?

Maria. — Estou certa de que jamais heis duvidado do que eu faria, meu pai.

O Conde. — Então, sem hesitar, sacrificar-vos-ieis por mim?

Maria. — Meu pai, já vol-o disse.

O Conde. (com ar solemne). — Jurail-o, minha filha?

Maria. (olhando para o conde com espanto). — Sim, meu pai, jural-o-ia, se fosse necessario esse juramento para que tivesseis a certeza de que vossa filha apprendeu de sua mãi a conhecer os seus deveres.

O Conde. (mostrando um Crucifixo). — Em fim, minha filha, jural-o-ieis sobre a imagem do Salvador dos homens?... Então jurai-o?!...

Maria. (com candura). — Sim, juro-o, juro o. Mas permitti que vos pergunte, meu bom pai, porque duvidais assim da dedicação da vossa filha, da vossa Maria, que bem feliz seria se podesse provar-vos quanto vos ella quer.

O Conde. (abraçando-a na fronte). — Bem, Maria, bem! vejo que sois o que eu pensava; sois uma nobre e terna filha, inteiramente digna de me compreender, e que merece a confiança que vou mostrar-te. Pois então, Maria, podeis fazer por meu respeito muito mais do que conservar-me os poucos dias que Deus me concede talvez que eu passe sobre esta terra de tormentos; porque podeis contribuir para me tornar eternamente feliz, Maria, eternamente.

Maria. (espantada, não compreende). — Eternamente feliz! Como assim, meu pai?

O Conde. — Sim, Maria, podeis contribuir para me assegurar essa felicidade eterna que é o alvo de todo o christão, e que me eu esforço por merecer por uma vida religiosa e toda de Deus. Isto está na vossa mão, Maria, não votando-vos, como heis jurado de o fazer, a uma vida de tormentos e de desgostos, mas ao contrario consagrando-vos a uma vida feliz, doce e placida, que vos tornaria tambem digna de uma felicidade eterna.

Maria. (sempre admirada). — De uma felicidade eterna, meu pai?

O Conde. (um tanto impacientado) — Ides compreender-me melhor, sem duvida, e Deus me recompensará, talvez, de me humilhar assim na presença de minha filha. Quando eu era môço, commetti muitas faltas, pequei muito, Maria: mas a graça veio em fim luzir em meu espirito desvairado; e ha oito annos, procuro expiar, por um sincero arrependimento, as faltas da minha mocidade. Mas se as minhas supplicas são ouvidas por Deus, quanto mais seriam ouvidas e escutadas as de uma alma pura e candida como a vossa, Maria, que todos os dias pedisse ao ceo, para seu pai, um logar entre os eleitos!

Maria. — Eu e minha mãi, oramos todos os dias por vós, e com fervor, meu pai...

O Conde. — Eu o creio, minha filha, eu o creio; mas que differença em orar aqui, n'este logar mundano, sem ter nenhum direito á benevollencia de Deus, ou orar n'um d'esses santos retiros, todos cheios de sua presença, ou orar em fim como vós poderieis orar, se fosseis a casta esposa do Senhor... Compreendeis, Maria?

Maria. (empallidecendo). — Intendo.., meu pai... intendo...

O Conde (animando-se e com convicção). — Eu estava bem certo de que a minha nobre e terna filha me intendia. Bem vedes, Maria, que vantagem para mim! em quanto do meu lado imploro o céo para a remissão dos meus peccados, tambem ao mesmo tempo implorareis por mim! E quanto mais doce será a vossa voz ao Senhor, a voz de uma filha sancta e adorada, que vos offereceis voluntariamente em holocausto para expiar as faltas passadas de vosso pai! E acreditai-me, Maria, sinto aqui... um religioso instincto que me diz que, tocado d'este sacrificio sublime, Deus não recusaria ás vossas orações um logar para mim entre os eleitos... Sim, Maria, se fizesseis isso por meu respeito, acabaria os meus dias tranquillo sobre a minha sorte futura e sobre a vossa neste mundo... Sim, Maria, morreria com essa convicção que tenho bem merecido de Deus, assegurando para sempre a vossa ventura, arrancando-vos ás vaidades mortaes e ás perigosas tentações deste mundo miseravel. Compreendeis tudo isto, Maria, não é assim, minha filha, minha querida filha?

Maria (que não escutou o conde desde a ultima resposta que lhe deu, diz com amargura e abatimento(: — Deixar minha mãi!!!

O Conde. — Sim, minha filha, mas para ir orar aos joelhos daquelle que merece e que quer que tudo seja sacrificado á sua adoração... mas para assegurar para sempre a felicidade de vosso pai e a vossa...

Maria (com as faces banhadas de lagrimas). — Deixar minha mãi! Oh meu Deus, meu Deus, deixar minha mãi!

O Conde faz um movimento de impaciencia e diz com modo secco): —

Se á minha filha não bastassem as piedosas rasões que acabo de lhe dar... ha uma outra, ainda que de uma ordem menos elevada, que poderia concorrer para a persuadir de que o que ella olha talvez como um sacrificio, e o que eu olho como a probabilidade mais inesperada e mais proveitosa para a sua salvação, asseguraria, além disso, a felicidade e a sorte futura de meu filho; e eu vou, n'uma palavra, dizer-vos como.

Maria (enxugando os olhos). — Eu vos escuto, meu pai.

O Conde (mostrando-lhe a carta do marquez de Belval). — Eis-aqui uma carta de um dos meus amigos mais dedicados; nella me propõe para meu filho (com intenção), para o herdeiro do meu nome, para o unico que o póde transmittir á posteridade, propõe-me emfim para vosso irmão uma alliança inesperada... Porque se trata de o casar com a princeza de Arsberg, cujo tio, principe reinante de um dos estados da Allemanha está ligado com a casa de Austria. Em favor de uma tal união, devo obrigar-me a dar a meu filho quatrocentas mil libras de renda por occasião do seu casamento, e assegurar-lhe depois da minha morte e da de *madama* de Vaudrey (tirando primeiro para vós uma pensão vitalicia de vinte mil libras), e assegurar-lhe, digo, as trezentas mil libras que nos hão de ficar, e que apenas nos bastarão para sustentarmos a nossa posição... Vêde pois, Maria, que, neste caso, tornar-se-ia muito difficil encontrar-vos um partido conveniente, porque não quererieis ver-me, estou disso convencido, renunciar, na minha idade, e para vos dotar, aos habitos de bem estar que sempre hei tido; e, por outro lado, seria uma illusão esperar casar-vos sem dote. Eis-aqui qual é a outra rasão; já vol-o disse, Maria, ainda que de uma ordem mil vezes menos elevada do que a primeira, ella tem tambem, como vêdes, grande importancia, pois que se reporta á illustração da nossa casa. Eis-aqui está o que é, minha filha; nada vos occultei, bem certo de que merecieis toda a minha confiança, e que saberieis mostrar-vos digna della.

Maria. — Eu sei, meu pai, que sem riquezas nem belleza nunca me hei de casar... Consinto pois com prazer, com felicidade, e sem pezar, eu vol-o juro, em que deis a meu irmão, que amo com toda a força da minha alma, a parte de fortuna a que eu podia pretender... Mas, meu pai... (lançando-se aos joelhos do conde) meu bom pai, por favor, não me separeis de minha mãi... não me obrigueis a deixar minha mãi...

O Conde (severamente). — Como... hesitais... ousais hesitar... quando m'o haveis jurado...

Maria (sempre de joelhos). — Mas meu pai, deixar minha mãi!... pensais o que isso é... meu Deus, pensai bem... deixal-a só... só... isso é impossivel!... Quem me substituiria ao lado della?... ninguem... ninguem...

O Conde. — E quem vos substitui-

rá ao pé dos altares?... e quem orará para assegurar a salvação da alma de vosso pai, filha perjura e desnaturada?... ninguem! ninguem...

Maria. — Mas, meu Deus! sim, eu, eu orarei por vós, a todas as horas, a cada minuto, eu e minha mãi rezaremos; mas não nos separeis. Vós não sabeis o que eu sou para ella e o que ella é para mim?... Não sabeis que a vida de uma é a vida da outra... Mas sim, meu pai, meu bom pai, vós sabeil-o... Sabeis que se não tira assim uma filha a sua mãi... sabeis que isso não póde ser, que minha mãi morreria... e de certo não quereis que minha mãi morra!

O Conde. — Então, ainda que me tenhais jurado pelo Christo votar-vos a uma existencia de pezares e de tormentos para me salvar a vida neste mundo mortal, hesitais agora, que se trata da minha vida eterna, hesitais, podendo assegurar-me a sorte dos eleitos!

Maria. — Mas tambem é necessario pensar em minha mãi... Deus não m'a deu para que a matem arrancando-me dos seus braços... Deus não póde querer que se faça morrer de desgosto uma mãi como a minha mãi!

O Conde. — Mais vale, não é assim, que isso me custe a minha felicidade eterna?... Assim, eu que contava com este sacrificio da vossa parte, pois que como tal o considerais, para acabar os meus dias em paz, vou de hoje ávante viver de duvidas, de angustias e de torturas... Desgraçado pai! que accreditei no juramento sagrado de minha filha... entretanto que ella é perjura!...

Maria. — Eu não sou perjura, meu pai... o céo me preserve de similhante cousa! Vós disseste-me «Minha filha, jurai-me que vos dedicarieis a uma vida de soffrimentos para salvar os meus dias.» Eu vol o jurei, meu pai; ainda vol-o juro... Para salvar os vossos dias, nada no mundo seria capaz de me deter... esqueceria, penso eu, até minha mãi... sim!... para salvar os vossos dias, em quanto que...

O Conde (interrompendo-a com violencia). — Mas, desgraçada filha, é porque se trata da vida eterna que hesitais em sustentar o vosso juramento?... sacrificar vos-ieis para me conservar alguns annos de existencia que me restam... e recusais fazel-o para me assegurar a felicidade eterna!

E, alem d'isso, não é tambem salvar a minha vida d'este mundo, mudar em certeza de felicidade a duvida cruel e pungente que, virá agora aterrar-me todos os dias!... não seria tambem impedir-me de morrer de pezar de ver o meu filho, herdeiro do meu nome, impossibilitado de realizar uma alliança inesperada, que lhe abria o porvir mais brilhante!... Ide-vos, ide-vos, filha prejura... calcai aos pés o vosso juramento, Deus vos amaldiçoará... porque não tendes fé!...

Maria. — Meu pai... escutai-me.

O Conde. — Não, não... não vos conheço já; e se não comprides a vossa promessa... eu vos amaldiçôo, ouvís?... eu vos amaldiçôo...

Maria (sempre ajoelhada). — Perdão!... perdão!... meu pai.

O conde. — Então fareis o que me juraste?

Maria. — Mas minha mãi?...

O conde. — Filha desgraçada... lembrai-vos do que é... a maldição de um pai... Pensai n'isso bem... consentis?

Mar a (com as mãos postas). — Por compaixão para com minha mãi!...

O c nde (erguendo as mãos). — Então já que te esqueces do que juraste, já que tu profanas o nome do Salvador por um perjurio... sê...

Maria (ergue-se com horror, e põe o dedo sobre a bocca de seu pai) — Não! não! consinto... meu pai... consinto em tudo.

O conde (o conde pegando-lhe pelo braço e conduzindo-a ao pé da cruz). — E agora jurais livremente... que vos heis de fazer religiosa...

Maria (no maior abatimento). — Eu o juro.. mas orai por minha mãi, porque ella vai soffrer bastante!

O conde (abraçando-a). — Ah! Maria, Maria, não podereis imaginar quão feliz me tornais, e que socego sinto n'este momento que fixa o meu futuro. Maria, Deus vos abençoará...Desde este dia vós ganhastes para sempre o ceo, assegurando para sempre a felicidade de vosso pai e do vosso irmão, que isso seja a vossa mais doce recompensa... sancta desposada do senhor.

Maria. — E agora... que será feito de minha mai?

O Conde. — Escutai-me Maria. O que acabais de prometter-me, é mister que vossa mãi ainda o ignore por alguns dias, porque... (N'este momento, *madama* de Vaudrey abre de repente a porta da casa do oratorio, entra mui pallida e agitada. O conde fica estupefacto. A condessa volve sobre elle e sua filha um olhar escrutador. A' vista da condessa Maria lança-se-lhe nos braços exclamando) ·

— Minha mãi!

A condessa (abraça-a, e contendo-se diz-lhe): — Minha filha, tenho que fallar com o senhor de Vaudrey sobre um negocio muito importante; deixa-nos... Espera-me alli... na bibliotheca. (Maria abraça outra vez sua mãi, approxima-se de seu pai e beija-lhe a mão.

O Conde (em voz baixa a Maria, mas n'um tom significativo). — Não vos esqueçais!

Maria. — Tendes a minha promessa, meu pai. (Maria torna abraçar sua mãi, e saiu).

O CONDE E A CONDESSA.

A condessa, muito agitada, encosta-se ao braço de uma poltrona, e olha para o conde em silencio.

O Conde (com máo modo). — Ouso acreditar, *madama*, que heis respeitado, bastante as leis da civilidade... para vos não terdes olvidado a ponto de vir surpreender o segredo de uma conversação que dizia respeito a mim e a minha filha, e que não havereis tomado a liberdade de...

A condessa (interrompendo-o vivamente). — Sim, senhor, sim... tomo

a liberdade de isso que quereis dizer. Sabendo que, pela vez primeira na vossa vida, havieis mandado chamar minha filha... quiz saber o que pretendieis fazer da minha filha... e sei-o, cheguei mui tarde; mas em fim sei tudo...

O Conde (friamente). — Pois bem! *madama*, sabeis pois que, por condescendencia para comvosco, quizera calar-me por mais alguns dias, a fim de vol o dizer com cautela. Sabeis pois que a minha filha jurou fazer-se religiosa para assegurar a minha salvação, a sua, e o estabellecimento de meu filho... aqui está o que foi.

A condessa. — Aqui está o que foi!

O Conde. — Concebo, *madama*, que esta separação vos seja desagradavel, mas não penso que queirais sacrificar as vantagens positivas que d'aqui resultam ao desejo de vos evitar... um dissabor.

A condessa (com amargura). — Um dissabor!... Oh! sem duvida, não passa de um dissabor.., Eu tambem sou um tanto conciliadora... E de mais... que é o que se pretende?... arrancar-me a minha filha... e que pode accontecer-me?... que ella morra de desespero por se ver separada de mim, ou que morra eu de desesperação por me ver privada da sua companhia... que eu pereça n'uma agonia solitaria, sem poder fixar os meus olhos extinctos sobre os seus, para esquecer a morte, olhando pela ultima vez para a minha filha... torno a repe ir, tudo isto não passa aos vossos olhos de um simples dissabor... Oh! sem duvida... e não mentis. Não! o vosso coração é feito de maneira que pensais isso que acabais de dizer... Mas sabeis que o padre que vós absolvesse de um projecto tão criminoso como aquelle que meditais comprometteria singularmente a vossa salvação... senhor?

O Conde. — Já tive a honra de vos dizer, *madama*, que só ao meu capellão reconhecia o poder de me fallar da minha salvação e de dirigir as minhas acções e pensamentos para esse fim. Tende pois a bondade de me dizer, *madama*, quaes são as vossas intenções relativamente a *mademoiselle* de Vaudrey.

A condessa. — As minhas intenções, senhor, são oppor-me por todos os meios possiveis, com toda a minha influencia de mãi, e de mãi amada, a que minha filha seja sacrificada do uma maneira tão horrivel; a minha intenção é de appellar para a honra e delicadesa de meu filho, que jámais soffrerá similhante atrocidade: porque, certa estou, senhor, de que elle ignora os vossos projectos.

O Conde. — De feito *madama*, elle apenas sabe que me propozeram esta alliança para elle; mas ignora com que condicções.

A condessa. — Bemdicto seja Deus! está a minha filha salva; conheço o coração de seu irmão.

O Conde. — Digo como vós, *madama*, bemdicto seja Deus, a minha filha está salva, porque ella tem um coração mui nobre para ser perjura a uma promessa jurada perante Deus.

A condessa. — Silencio, senhor, não

blasphemeis! não torneis Deus cumplice dos vossos artificios hypocritas, do vosso insaciavel orgulho e do vosso odioso egoismo. O céo me é testimunha, senhor, de que nunca fallei de vós a meus filhos, e sobretudo a minha filha, senão para os induzir a amar-vos e respeitar-vos. Faltei á verdade e a mim mesma, encobrindo as vossas faltas sem desculpa, e pintando-vos como um sem-cessar o occupado da minha felicidade e da sua. Sube-lhe disfarçar a vossa friesa e indifferença que testimunhais aos vossos filhos e a mim, que vos votei a minha vida, a mocidade, as minhas esperanças, e que nunca recebi de vós senão despresos e desdens. Escutai me bem, senhor, estamos ambos n'uma idade em circumstancias taes, que o que vos vou dizer não é um reproche vulgar e incivil, mas sim um facto que me é necessario constatar, afim de vos envergonhar pela vossa conducta cruel e desleal. Ha trinta e cinco annos, senhor, que eu, eu... que vos igualava em nascimento, que vos trazia uma fortuna seis vezes mais consideravel do que a vossa, fui seduzida por promessas falazes, e liguei a minha sorte á vossa. Pois bem! ousareis negar, senhor, que á excepção dos primeiros mezes do nosso casamento, vos não tenhais conduzido a meu respeito da maneira mais cruel e revoltante? Ousareis negar os meus direitos á disposição da nossa fortuna? ousareis...

O *conde* (interrompendo-a friamente e com compunção). — Quanto aos vossos direitos de dispôr da nossa fortuna, *madama*, nenhuns tendes, e sou o seu unico administrador. Se o duvidais, consultai os vossos procuradores. Quanto ás minhas faltas para comvosco, não procurarei nega-las, *madama*. Na minha mocidade, na minha idade madura, na minha velhice, tenho peccado, e muito; a minha conducta ha sido mundana, immoral, impia; tenho ultrajado os laços do casamento, procurei a felicidade fóra da affeição da minha mulher e dos meus filhos, procurei prazeres impuros em voluptuosidades criminosas, paguei com friesa e desdem o vosso amor e dedicação. Isto sei eu, *madama*, e é porque disso estou convencido, que, ha muito tempo, a todas as horas, em cada minuto do dia, imploro a misericordia celeste, pedindo a Deus que me perdôe os meus erros passados; é por isso, *madama*, que, sentindo toda a enormidade da minha conducta, e não ousando julgar-me digno da clemencia do céo, suppliquei á minha filha que se dedicasse por mim: porque estou certo de que as orações de uma tão casta e santa esposa do Senhor hão de ser mais escutadas por Deus do que as de um peccador indigno como eu. E, já que vos recordais dos primeiros tempos da nossa união, dais-me, *madama*, uma occasião que eu teria talvez largo tempo procurado. N'uma palavra, tenho uma confissão a fazer-vos... Eu sou bem culpado! oh! bem culpado! Mas Deus é misericordioso, e eu espero que tambem heis-de sê-lo, *madama*; porque o meu capellão disse-me que a certe-

sa do vosso perdão seria um grande passo para a remissão, e que era mister seguir este preceito da Escriptura: «Humilhai-vos perante aquelle que heis offendido.»

A *condessa* (respirando apenas). — Fallai, fallai, senhor; que quereis dizer-me, que tendes que me dizer?

O *conde* (recolhe-se e falla mui lentamente, hesitando, porque reune a custo as suas recordações). — Lembra-vos, *madama*, que quando vos eu vi pela vez primeira na India, foi... já me não recordo se foi na ilha de França... ou se em Gondelour...

A *condessa* (mui depressa). — Foi em Gondelour, senhor, em Gondelour.

O *conde* — Sim, sim, em Gondelour; é que em verdade a minha memoria se tem enfraquecido, as datas e os logares confundem-se na minha cabeça.

A *condessa* (com anxiedade). — Mas dizei... senhor, dizei...

O *conde*. — Sim, foi em Gondelour que vos vi pela primeira vez, *madama*. Levava-vos eu a noticia da morte de um capitão inglez, cuja fragata eu havia tomado á abordagem; este capitão...

A *condessa* (n'uma horrivel angustia). — Era *sir* Jorge Gordon, senhor; mas, em nome do céo, depois... depois...

O *conde*. — Sim, foi sir Jorge Gordon; commandava uma fragata que se chamava.. que se chamava.. já me não recordo como a fragata se chamava.

A *condessa*. — Mas que importa o nome, senhor? depois... depois...

O *conde* (fica por um momento silencioso, e continua, sempre lentamente). — Ah!.. era o *Lively*, a fragata *Lively*. Eu tinha conhecido esse *sir*... *sir* Jorge Gordon em França, em Versailles..

A *condessa*. — Senhor, fazeis-me estremecer.

O *conde* (depois de uma pausa). — Mas antes de chegar á penosa confissão que tenho a fazer-vos, *madama*, devo expôr-vos com arrependimento e resignação em que sentimentos vos esposei, porque esta prova de humildade me será tida em conta lá em cima.

A condessa. — Isso é inutil, senhor, porque eu prevejo que nada tereis a contar-me que não seja muito triste... Alem de que, eu vim aqui para vos fallar a respeito da minha filha, senhor, para defender os seus direitos, que quereis indignamente sacrificar... e não para ouvir a vossa confissão...

O conde. — E vós comtudo haveis de ouvil-a, madama: porque quando tiverdes ouvido o que vos é concernente... talvez concebais quanta necessidade tenho eu de apoio para com Deus, e se as supp'icas de minha filha são desnecessarias para me merecerem o perdão de uma conducta tão miseravel; e depois, para que me concedais o perdão que de vós ouso esperar, é mister que saibais todo o mal que, ai de mim! vos tenho feito...

A condessa. — Mas, senhor, é uma horrivel tortura que me impondes.

O conde. — Não, sois vós que tendes que soffrer.,. mas sim eu, *mada-*

ma, eu que vos offendi, que vos enganei, porque confesso, para vergonha minha, que, quando resolvi unir-me comvosco, foi mais impellido pela cupidez que em mim inflammou a vossa fortuna consideravel do que pelo que se chama amor... o que eu pensava mais em aproveitar uma brilhante posição que me posesse ao abrigo dos acontecimentos que eu previa deverem passar-se na França, do que em me occupar da vossa felicidade futura, pois eu a mim mesmo promettia interiormente continuar a minha vida culpada, bem que unido a vós pelos laços sagrados do matrimonio... Ai de mim! perdoai-me, *madama?*

A condessa (enxugando uma lagrima). — Perdôo-vos senhor... ha muito que assim o havia presumido; julgara comtudo... que primeiro... mas não... não... já agora isso não entra em duvida, e agradeço-vos por me terdes desenganado... sim... perdôo-vos, senhor.

O conde. — Dou graças a Deus e a vós, *madama*, pela vossa indulgencia, e a vossa coragem me anima, porque é mister dizer tudo... tudo... só a franqueza nos póde salvar... escutai-me pois ainda... Vendo a vossa affeição por sir Jorge resistir aos meus extremos... pretendi a todo o custo desprender-vos delle... e quando me dissestes que elle vos havia jurado nunca mais jogar...

A condessa (horrivelmente pallida) — Em nome do céo, senhor, que ides dizer-me?... espantais-me...

O conde. — Ai de mim! *madama*, eu não pude resistir a um prazer maligno pensando que tinha entre as mãos com que vos provar que elle tinha faltado á sua promessa... (A condessa respira.) Sim... e eu usei da dissimulação e do subterfugio affectando ser estranho á revelação que se vos fez, em quanto que era eu que vol a mandava fazer por um criado que tinha então... Ah! bem vêdes, *madama*, que fui bem culpado.

A condessa (tranquillisando-se). — De feito, senhor, enganaste-me bem indignamente, foi uma astucia bem covarde! mas, emfim, senhor,, perdôo-vos; porque ao menos não chegastes a lançar mão da calumnia.. e, confesse-vos, essa idéa... ah! senhor, essa idéa me aterrava.

O conde. — Comtudo, *madama*, tenho precisão de toda a vossa misericordia, porque fui calumniador: sim... um indigno calumniador, e tanto mais indigno, por isso que aquelle que eu calumniava já não existia, e não podia defender-se. . Mas isto... perdoais-m'o, não é assim?

A condessa (empallidecendo de horror). — Que quereis dizer?

O conde. — Vendo, *madama*, que a falta de promessa de sir Jorge não era sufficiente para que o esquecesseis,.. imaginei...

A condessa (escondendo o rosto entre as mãos). — Ah! nem mais uma palavra...

O conde. — Pequei, *madama*; a confissão da minha falta está já começada pela punição que hei merecido; terei pois coragem para vos dizer tudo.

A condessa. — oh! basta... por piedade... basta!!!

O conde. — Ai de mim! para vos desligar inteiramente de sir Jorge, imaginei dizer-vos que elle vos havia calumniado a meus olhos, confiando-me que tinhei sido... ouso apenas pronunciar esta palavra impura, que tinheis sido... má amante.

A condessa (pondo as mãos). — Meu Deus, tu o ouves!...

O conde. — E isso não era verdade, não, e confesso que miseravelmente menti, porque já mais sir Jorge me fallou a vosso respeito senão com o respeito mais profundo... Ah! *madama*, perdoar-me-heis, ter-vos assim enganado?...

A condessa (anniquilada). — Não resistirei a isto... será a causa da minha morte... E pude eu acreditar que vós tivesseis dito similhante cousa, Jorge!... pude desconhecer-vos a tal ponto... oh! estou bem punida...

O conde (prostra-se de joelhos no seu genuflexorio). — Graças te sejam dadas, meu Deus... deste-me força para confessar as minhas faltas... Fica a minha consciencia livre das suas manchas... E' com felicidade que eu a elevo até á tua presença, e que te agradeço; porque me sinto bem alliviado por esta confissão... (A condessa dá um grito que rasgava a alma, e cai no chão sem sentidos. O conde ergue-se e levanta-a.) Meu Deus... *madama* de Vaudrey... está muito mal... Olá, acudam. (Corre á porta e abre-a.) Acudam... acudam...

Maria (entra sem ver sua mãi que está occulta por um genuflexorio). — O que é, meu pai?... Minha mãi havia-me dito que a esperasse alli na bibliotheca... Ouvi vos chamar... eis-me aqui... o que é? (Apreccbendo a mãi,) Maman... oh! meu Deus!...

A condessa (com uma voz extincta). Minha filha... Maria!

Maria. — Maman.... aqui estou.... aqui estou, minha boa mãi! (O conde e Maria ajudam a condessa a sentar-se. Ella demora-se algum tempo em tornar a si... depois olna para uma e outra parte com ar desvairado. Ao vêr o conde, dá um grito de horror e occulta a cabeça no seio de sua filha.)

O conde. — *Madama*.... tranquillisai-vos... essa indisposição ha de ser passageira.

Maria. — Maman.... oh! maman, socegai-nos... tranquillisai-nos por uma palavra... Que sentis?... (Ouve-se a condessa exalar soluços soffocados; depois de alguns minutos de silencio, ella ergue a cabeça; as faces estão coradas, o coração bate-lhe com força, enxuga os olhos e diz com voz de bastante placidez o que se segue.)

A condessa. — Isto não ha de ser nada, minha filha... nada, absolutamente nada... E' que no momento em que se torna uma determinação tão grave como aquella que eu acabo de convencionar com o senhor de Vaudrey, a emoção... o pesar... Mas dize-me, minha filha... então tu prometeste, juraste, entrar n'um convento?...

Maria. — E' verdade, minha mãi... assim o jurei...

A condessa. — E sustentaras a tua promessa, minha filha?

Maria. — Maman... assim o jurei.

A condessa. — Então será preciso deixar-nos... não mais nos tornaremos a vêr... bem longos nos vão parecer os dias, Maria.

Maria (chorando). — Oh! bem o sei, minha mãi... bem o sei... mas lembrai-vos das vossas lições... recordai-vos do que me dizieis ainda hontem: « Ainda que te devesse custar lagrimas de sangue, sustenta qualquer promessa que fizeres. » Além de que, obrando assim, asseguro a salvação de meu pai... e a ventura de meu irmão...

A condessa. — E a minha felicidade... Maria!

Maria (a seu pai, n'um tom que fazia dó). — Ah! respondei a isto, meu pai...

A condessa. — Dize-me... minha filha... pensaste bem que deixavas para sempre o mundo?

Maria. — O mundo!... não é o mundo que eu deixo... sois vós.

A condessa. — Emfim, tu sacrificas os prazeres da tua idade... a brilhante posição que um casamento te podia assegurar... votaste para sempre ao isolamento, á solidão. Acredita-me... Maria, repete ainda. . se tu conservasses o menor pezar de deixar o mundo... tua mãi poderia desligar-te do teu juramento, minha filha...

O conde. — *Madama...*

Maria. — Eu não pensei senão uma cousa, não tenho senão um unico desgosto, um um unico desespero... o de vos deixar, minha mãi.

A condessa. — Nenhum outro, Maria... é o unico?

Maria... Sim, o unico... Deus o sabe, o unico.

A condessa. — Repito, e o mundo?

Maria. — Eu não conheço o mundo... eu não conheço o mundo... eu não conheço... não amo... não tenho pena senão de vós.

A condessa (abraçando-a). — Então socega, minha filha, socega... Vejo com orgulho que és digna de mim... está bem, Maria, é nobre é bello sustentar a promessa que se jurou... por isso tua sustentaras, minha filha... e todavia não nos separaremos.

Maria. — O' minha mãi!... como?...

A condessa (abraçando-a outra vez). — Minha filha, eu queria experimentar-te; acabo de fallar a este respeito com o senhor de Vaudrey, e partilho a sua opinião... Sim, em vista do teu gosto e inclinações, o retiro te convem mais (movimento do conde); além de que isso facilitará o casamento de teu irmão, e essa alliança é mui bella... e muito para desejar.,. E as tuas orações, as supplicas de um pobre anjo exilado sobre a terra, hão de ser bem accolhidas por Deus, e assegurar a salvação de teu pai, e a tua tambem, minha filha, e a tua... Mas o senhor de Vaudrey e eu pensamos n'uma cousa, vês tu, Maria, os cuidados da sua salvação, as suas praticas religiosas, roubam-lhe todo o tempo, e deixam-lhe apenas alguns minutos no dia para se entregar ás suas affeições terrestres .. Nós vemol-o poucas vezes, tu bem o sabes; por isso, elle tem bondade bas-

tante para consentir que te eu accompanhe no convento, primeiro durante os primeiros mezes do teu noviciado... e mais tarde... veremos.

O conde. — *Madama...*

Maria (com alegria). — Seria possivel... mamã!

A condessa. — Sim minha filha... accompanhar-te-hei no convento que para ti havemos de escolher; está ajustado com o senhor de Vaudrey...

O conde. — Admiro-me; madama, que vos esqueçai ...

A condessa. — Não esqueço, senhor, a promessa que vos fiz. Graças ao céo, a vossa saude é perfeita; mas logo que estejais doente, logo que os meus cuidados vos sejam necessarios, eu virei para a vossa companhia, isso é bem entendido. Assim, Maria, minha filha, agradecei a vosso pai; é tambem um sacrificio que nos elle faz a ambas.

Maria (beijando a mão a seu pai). — Meu bom pai, perdoai á vossa filha ter por um instante desconhecido a vossa vontade. Acreditai bem que eu me mostrarei digna d'essa santa missão que eu aceito com reconhecimento. Sim, meu pai, e é com o maior fervor que eu enderessarei por vós as minhas orações a Deus, que as escutará, se eu der credito ao meu coração e aos meus votos.

O conde. — Minha querida Maria, Deus vos ouça!...

A condessa (levantando-se). — Dá-me o teu braço, Maria, sinto-me um tanto fraca. Mas não, não, eu posso andar só.

(A condessa dá alguns passos com Maria, depois deixa-a e volta para ao pé do conde, que fica como que aturdido por este golpe imprevisto).

A condessa (em voz baixa, ao conde, e em tom firme). — A minha resolução é irrevogavel, senhor, e o meu perdão é com essa condição. A vossa vista me seria de hoje em diante muito odiosa para poder suportal-a. Tudo entre nós está acabado. Tão sómente, se cairdes doente, já vol-o disse, farei o meu dever... Emfim, ainda que vos eu tenha pelo mais covarde e mais infame dos homens!... perdeu-vos, senhor; (A condessa vai ter com Maria, e sai com ella).

O conde (só, fica por o tempo pensativo). — Ella sempre me perdoou!... Ainda que ficasse irritada... eu já esperava esta scena desagradavel Porém o meu capellão me havia dito que fizesse primeiro esta confissão áquella que eu havia enganado, e que a remissão que poderia dar-me depois seria mais inteira.... confesso que esta confissão me era mui custosa.... Por isso, agora, sinto-me mais livre; é como uma divida que eu tivesse pago.... e além disso, a minha filha vai orar por mim. E madama de Vaudrey acompanhal-a-ha? não o creio. Tomou esta resolução n'um primeiro accesso de cholera.... não a sustentará: Se me promette vir quando eu estiver doente, bem certo estou de que o fará.... Ora, em quanto eu tiver saude, para que me serve ella aqui?... de nada para a minha salvação... Ve-

jo-a á hora da comida, e é mais uma contrariedade do que um prazer; porque eu gostaria mais de jantar sósinho. Tudo emfim se fará segundo a vontade de Deus.... Ah! esta scena fatigou-me.... sinto-me cançado.... (O conde estende-se na sua poltrona). Minha filha religiosa! que expiação para mim! Deus ouvirá as supplicas daquella alma tão pura... tão angelica... oh! sim, hade ouvil-as, e, em seu favor hade dar-me um logar entre os seus eleitos. O meu capellão tem-me contado effeitos prodigiosos de expiações assim, e desta maneira não me resta a menor duvida sobre a minha participação dos prazeres celestes. (A voz do conde torna-se cada vez mais lenta. Adormece pouco a pouco). Do meu lado, trabalho para me tornar digno dessa felicidade eterna... E hoje mesmo, bem mereci de Deus... fazendo aquella confissão com coragem... Segui as palavras da Escriptura: Implorai aquelles que heis offendido.» Sim... sinto em mim uma bem aventurança... uma grande esperança que me diz que heide ter lo gar entre os eleitos... a minha filha pedirá por mim... e depois... a minha casa ligada... com uma casa soberana... e... (O conde adormeceu inteiramente).

LXV.

O visconde Alfredo de Vaudrey a mademoiselle Maria de Vaudrey.

« Paris, dezembro — 1817.

« Não podeis imaginar, minha boa Maria, quanta pena e prazer a vossa carta ao mesmo tempo me causou... E' pois com a melhor vontade e por uma irresistivel vocação que entraes no convento de ***. Pela minha parte, tudo está nessa certeza que me dais, porque vos juro, querida e terna irmã, que se fosse mister comprar as immensas vantagens que me são offerecidas por uma só das vossas lagrimas ou um só dos vossos pezares, eu não hesitaria um instante em renunciar a alliança inesperada que se me propõe.. e com ella a todas as probabilidades de uma felicidade futura... Quando meu pai primeiro me fallou em Vaudrey, a respeito desta união, não me disse uma só palavra relativamente ás condições expressas que o encarregado dos negocios do principe lhe punha; sómente aqui as sube pelos tabelliães. Se a vossa vocação não era tão profunda, tão decidida como parece, farei todas as diligencias para vos affastar de similhante cousa; mas ha tanta persuasão, tão religiosa e sincera determinação na vossa carta, que eu agora olharia quasi como uma má acção qualquer tentativa a similhante respeito.

« Excellente irmã, lastimais, dizeis, que essa vocação seja tanto segundo o vosso coração e gosto, porque isso vos priva do prazer que experimentarieis em me sacrificardes alguma cousa, e em contribuirdes assim para a minha felicidade... E eu tambem, lastimo que essa vocação seja segundo a vossa inclinação; porque, em vós, Maria, perco uma amiga bem terna,

bem dedicada, que eu teria apresentado um dia a minha mulher com tanto orgulho como prazer. Sim, perco-vos, Maria, porque, logo que entrardes no couvento, ficais para sempre separada do mundo, em que eu sou destinado a viver.

« Confesso-vos que não pude resistir ao desejo de mostrar a vossa carta á princeza... Não vos direi se não uma cousa que prova bem em favor do vosso coração, e do seu, é que ella chorou, e muito, ao ler a vossa carta, Maria... porque ella para logo conheceu o que em vós perdia.

« E eu que, na minha ultima visita a Vaudrey, não ha ainda seis semanas, pensava, ao contrario, em vos procurar algumas distracções! porque, aqui para nós, pobre irmã, desde a infancia, com bem pouca differença, tendes vivido a vida retirada de uma religiosa; e talvez que o vosso amor pelo retiro não seja senão uma consequencia desse habito de isolamento e de solidão.

« Muito folgo, ao menos, tanto por vós como pela nossa boa mãi, que ella vos acompanhe durante os primeiros mezes do vosso noviciado. Meu pai está tão absorto pelos seus principios religiosos e pelo seu gosto pela caça, que pouco sentirá a ausencia de nossa mãi, e que, a fallar a verdade, a vossa partida não lhe deixará um grande vacuo; em quanto que, para vós, e para minha mãi será uma grande consolação não serem ainda separadas... E quem sabe talvez mesmo se meu pai, habituando-se a esta nova existencia, não consentirá que minha mãi vos não deixe mais? Eu tinha proposto a meu pai ír passar todos os annos alguns mezes na sua companhia com a senhora viscondessa de Vaudrey, mas bem sabeis a sua antipathia pelas casas novas: e ainda que elle faça toda a diligencia por concluir esta alliança, significou-me positivamente que excepto o tempo necessario para me casar porque bem sabeis que elle quer que eu me case em Vaudrey, que á excepção desse tempo, me dispensava do dever que eu me queria impôr, porque receiava que os gostos e exigencias de uma nova familia não estivesse de accordo com a vida que elle leva e que quer viver até ao fim dos seus dias. Partirei para a Allemanha algum tempo depois do meu casamento.

« Adeus, minha boa e excellente Maria; agradeço-vos infinitamente o terdes-me promettido ficardes em Vaudrey para assistir ao meu consorcio. E' bom e máo para vós, porque estou certo que haveis de deixar bem profundas saudades á vossa irmã.

« Adeus, te digo outra vez; eu aguardava esta ultima carta vossa, para tudo terminar definitivamente; por isso agora a minha felicidade não póde fazer-se esperar por muito tempo.

« Abraçai mil vezes minha mãi e meu pai, e pensai muitas vezes em vosso irmão, que vos ama com toda a força da sua alma.

« *Alfredo de Vaudrey.*

« *P. S.* Tende a bondade de prevenir meu pai de que a minha demissão foi acceita nos termos mais lisonjeiros. »

LXVI.

CASAMENTO.

Pelo fim do mez de janeiro de 1818, os amigos do conde e da condessa de Vaudrey receberam a carta seguinte.

« O senhor conde e a senhora condessa de Vaudrey teem a honra de vos dar parte do casamento do senhor visconde Alfredo de Vaudrey, seu filho, com S. A. a princesa de Arsberg. »

Alguns dias depois lia-se n'um muito verdadeiro e honesto jornal, conhecido pela finura dos seus artigos, pelo poder da sua redacção e pela veracidade das suas publicações :

« Quem acreditaria que n'um seculo tão eminentemente progressivo como o nosso... que n'um seculo que tanto despreza o jesuitismo ultramontano... que n'um seculo que tem, com justo titulo, o orgulho de ter recolhido a herança philosofica de Voltaire e dos encyclopedistas... se vejam ainda acontecer monstruosidades que recordam os tempos mais odiosos do regimen do bel-praser e da tyrannia do jesuitismo, os tempos em que o povo, addito a gleba, trabalhava sem descanço para esses mandriões fradepios, para esses jesuitas qua a nossa santa e immortal revolução expulsou de seus conventos ; quem acreditaria, dizemos, que n'um seculo que hade ser a maravilha e a admiração da historia do espirito humano, tão esclarecidas se acham as massas pelo radiar da luz philosofica da liberdade e pelo odio contra os principios ultramontanos... quem crêria emfim que o facto que vamos contar seja passado nos nossos dias, em 1818, n'um paiz que gosa dos seus direitos constitucionaes, que conta oitenta mil eleitores instruidos dos seus direitos pela philantropica idéa Tonquet !

« Mademoiselle de * * *, de uma das mais antigas familias de França, cegada pela superstição mais frenetica, entrou para um convento, porque em França, em 1818, ainda ha jesuitas e conventos ! ! ! á maneira das noviças dos tempos antigos. Em verdade, não se sabe o que é mais para deplorar, se o fanatismo estupido, se a demencia que póde compellir um ente dotado de razão á execução de semilhante tolice, Mas o que ha de mais odioso, é que, graças aos jesuitas, a mãi de mademoiselle de Vaudrey, em logar de combatter a espantosa loucura de sua filha, se retirou com ella para o mesmo convento, em quanto o senhor de***, o pai e esposo dessas victimas ultramontanas e de uma ridicula superstição, está abandonado, só, isolado, quasi sem meios de existencia, e privado de carinhos de uma esposa e de uma filha ; n'uma palavra, em quanto que o veneravel ancião se vê privado, pela odiosa influencia do jesuitismo, das consolações e do bem estar que a sua posição e a natureza promettiam á sua velhice.

«E' inutil dizer que foi só o engodo dos bens de madama de*** e de sua filha, que decidiu os miseraveis jesuitas a arrastrarem estas duas senhoras de um espirito fraco a um tão cruel esquecimento dos seus deveres.

«Ao vêr estes progressos assustadores do jesuitismo, não viria *ad rem* recordar essas vigorosas e bellas palavras de Guilherme Thomaz Raynal.

«Se esta religião existisse (a religião christã), não seria preciso esmagar os seus ministros debaixo das ruinas dos seus altares? Se existissem n'um recanto de um paiz sessenta mil cidadãos encadeados por estes ridiculos votos de pobreza, castidade, obediencia, que teria a fazer o soberano senão ir lá acompanhado de satellites armados com chicotes, e dizer-lhes: Saí daqui, canalha preguiçosa, saí; para os campos! para a agricultura! para a milicia!»

«Citamos esta entrada no convento como uma nova e certa prova da invasão jesuitica que se estende sobre a França, como uma rede que deve enlaçar todas as nossas liberdades, se os amigos das luzes senão reunem em chusma para repellir e escarnecer um systema anti-nacional, que nos quereria pôr mordaça e tratar como escravos, a nós filhos da gloriosa e immortal revolução de 89!!!»

LXVII.

MORTE.

(1822.)

O palacio de Vaudrey.

(A scena passa-se no palacio de Vaudrey, na manhã de 15 de Junho de 1822.)

Duval, secretario do conde (a um lacaio). — Então, elle vem ou não? que vistes?

O *lacaio*. — Parece-me que vejo um correio, senhor Duval; e mais ninguem.

Duval. — Misericordia!... elle chegará mui tarde...

O *lacaio*. — Então o senhor conde vai peior?

Duval. — De certo... E não parece soffrer... estando a decidir... (A um outro lacaio que vem correndo): Então?...

O *lacaio*. — Ahi vem Pedro! ahi vem Pedro!... a carroagem do medico segue-o.

Duval. — Deus seja louvado!

(Chega um correio ao grande galope; salta abaixo do seu cavallo exclamando: — Senhor Duval, ahi vem o doctor. Gastámos dezesete horas de Pariz... as rodas vem fumando; fomos obrigados a molhal-as em todas as mudas... Paguei os guias a seis sous, como me dissestes, senhor Duval. E o senhor conde vai melhor?

Duval. — Não, Pedro... não está melhor... Ah! emfim, emfim ahi está

a carroagem. (Chega uma berlinda puxada por seis cavallos, que vinham a grande galope. A carroagem pára defronte da escadaria. O medico do conde desce).

O *doctor*. — Então! então! Duval, que ha de novo?

Duval (precedendo o doctor para o interior do palacio). — Ah! senhor doctor, o meu pobre amo está muito em baixo...

O *doctor*. — Vejamos, Duval, explicai-me como isso aconteceu. Paremos neste salão antes de entrarmos no quarto do senhor de Vaudrey.

Duval. — Eis-aqui está o que foi... Antes de hontem, o senhor conde levantou-se de bom humor, como de costume; ouviu missa, almoçou, montou a cavallo, no picadeiro, por espaço de tres horas, porque fazia muito calor para caçar... depois jantou.

O *doctor*. — Com appetite?

Duval. — Como sempre, com muito appetite; o senhor conde comeu, talvez com excesso, de um dos pratos da sua predilecção que o mordomo lhe manda muitas vezes servir: chouriços de aves com tutano de cordeiro e de truffas sobre um polme de rabos de caranguejos de Lorraine: o senhor conde repetiu a dóze, segundo o mordomo me disse.

O *doctor*. — E julgais que foi isso que fez mal ao senhor de Vaudrey?

Duval. — Não, precisamente, não, senhor doctor; mas, no fim do jantar, quando o senhor conde estava á sobremesa, o seu criado grave commetteu a loucura de lhe levar uma carta que um correio acabava de trazer, e a leitura dessa carta...

O *doctor*. — Lhe causou uma revolução?

Duval. — Assim o creio, senhor doctor; quando o senhor conde a leu, ainda não tinha bebido a mistura de genebra e de pekao n'um copo de agua nevada que toma todos os dias antes de jantar, para facilitar a digestão.

O *doctor*. — E essa carta annunciava alguma desgraça?

Duval. — Bem ao contrario, senhor doctor; porque logo depois que o senhor conde a abriu não pôde conter exclamações de alegria, e ordenou ao intendente que mandasse reunir todos os seus criados na galeria. Então levantou-se da mesa, e veio dizer: Meus amigos, dou-vos cem luizes para beberem á saude do meu neto, o senhor barão de Vaudrey.

O *doctor*. — Então a senhora viscondessa de Vaudrey teve um filho?

Duval. — Assim parece, senhor doctor, porque o correio disse que vinha d'Alemanha.

O *doctor*. — Então foi uma emoção de prazer subita que lhe perturbou a digestão; e como passou elle a noite e o dia de hontem?

Duval. — Muito bem, senhor doctor; isto é o senhor conde queixa-se de que soffre, sente sómente, segundo elle diz, uma grande lassidão e fraqueza; o seu rosto não está mudado, parece dormitar docemente, e só acorda de tempos a tempos para conversar com o seu capellão, que já lhe administrou os sacramentos.

O doctor. — E o senhor de Vaudrey está em seu juizo?

Duval. — Creio que sim, senhor doctor, porque nada confunde e sabe bem o que pergunta.

O doctor. — Bem. já sei o que. Diabo! na sua idade é cousa seria, muito seria; agora podeis prevenir o senhor de Vaudrey da minha chegada, e perguntar-lhe se quer receber-me.

Duval. — Sim, senhor doctor. (O doctor sae com Duval.)

O QUARTO DE CAMA DO CONDE.

As cortinas estão fexadas. Reina alli grande escuridão. O conde dormita no seu leito. O seu rosto não revela expressão alguma de dor nem de soffrimento; o conde, contando então setenta annos, tem sómente todas as apparencias de uma velhice avançada. A' cabeceira está o capellão, homem gordo de figura commum, que está lendo. No quarto, ao pé das janellas, estão dois criados e uma criada, occupados em preparar algumas bebidas.

Duval (entra nas pontas dos pés). — Senhor abbade, ahi vem o senhor doctor.

O capellão. — Eu vou prevenir o senhor conde, mandai-o entrar. (Ao conde, em voz baixa). Senhor conde... senhor conde...

O conde (com voz fraca, mas tranquilla). — O que é? que quereis?

O capellão. — Está aqui o senhor doctor; o senhor conde quer vel-o?

O conde. — Certamente, que venha... (O medico, que ao entrar se poz de parte, approxima-se do conde.)

O doctor. — Então, senhor conde, estais um tanto incommodado?

O conde (voltando se para o doctor). — Ah! bom dia, doctor; felicitai-me, tenho um neto... A senhora viscondessa de Vaudrey deu á luz um filho; com a graça de Deus, tenho o meu nome seguro por uma geração.

O doctor. — Eu vos dou sinceros parabens, senhor conde... Mas como vos achais hoje?

O conde. — Ah! meu querido doctor... estou alguma cousa fraco...

O doctor. — Mas soffreis?

O conde. — Não, não soffro... nada inteiramente; sinto assim como um entorpecimento geral, mas sem dôr... é só o que sinto.

O doctor. — Não vos doe a cabeça?

O conde. — Não, tambem a sinto alguma cousa adormentada, mas não me doe. O que sinto... é como uma fraqueza que segue um banho tomado muito quente.

O doctor. — Não sentes oppressão?

O conde. — Não, respiro bem... mas sinto o coração como que abatido... e assim como um zunido nos ouvidos.

O doctor (apalpa-lhe largo tempo o pulso, e diz á parte): — Morre, litteralmente de velhice; a sua vida dissoluta lh'a adiantou, e essa emoção de ante-hontem determinou a crise. E' uma lampada, que está proxima a apagar-se. (Ao conde.) O vosso pulso está bem fraco.

O conde. — Tenho procurado senti-o batter, e não o tenho sentido... E mesmo hontem, antes de commungar... durante a confissão... julguei por um momento que elle ia parar.

O doctor. — Ah cumpristes hontem os deveres de christão, senhor conde?

O conde. — Meu Deus... como sempre... como amanhã... Não é preciso estar preparado para qualquer acontecimento? porque, emfim, doctor, se, em logar da indisposição que sinto, eu tivesse uma doença grave... não me apanharia desprevenido... e eu estaria bem certo da minha felicidade lá em cima... não é assim, capellão?

O capellão. — A vida do senhor conde tem sido tão exemplar, tem-se tão profundamente humilhado e arrependido, as orações de *mademoiselle* de Vaudrey tem de certo agradado tanto ao Senhor, que o senhor conde tem certeza da sua salvação.

O conde. — Bem vedes, doctor, estou certo... tenho certeza...

O doctor (á parte). — Elle não conhece o seu estado, é muita felicidade para elle! mas o moral está furiosamente abatido.

O conde. — Ah! agora me lembro, doctor, não tendes noticias de *madama* de Vaudrey?

O doctor. — Sabeis, senhor conde, que eu não tenho a felicidade de possuir a confiança da senhora condessa; ignorava até que ella estivesse indisposta.

O conde. — Sim, ella está doente... ha tres mezes... ella foi sempre de uma saude tão delicada! Eu pensava que tereis algumas noticias a seu respeito; vai já em tres ou quatro dias que eu não as tenho.

O doctor. — E' para esperar que a saude da senhora condessa melhore!

O conde. — Sem duvida, sem duvida, é para esperar, doctor... Mas dizei-me, eu não poderia ver o dia e o sol?

O doctor. — N'isso não ha inconveniente algum, senhor conde; o dia está mui quente e muito bom.

O conde. — Duval, mandai abrir. (Abrem duas janellas. O sol illumina o quarto; vê-se ao longe a immensa floresta de Vaudrey, que borda o horizonte. A athmosphera é de uma admiravel pureza, e uma pequena ribeira sulca aqui e alli um grande prado cheio de arvoredo, que se estende em frente do palacio. A exhalação dos alegretes de roseiras e de jasmins, sobre que essas janellas se abrem, para logo enche o quarto do conde de um cheiro suave e perfumado) Ah! que ar tão fresco e agradavel, doctor! tenho desejo de me levantar... e de me assentar na minha poltrona, para gozar um pouco d'essa vista magnifica.

O doctor. — Podeis fazel-o, senhor conde; mas fareis bem talvez em tomar primeiro dois dedos de vinho velho de Xeres ou de Malaga.

O conde. — Tenho-o muito bom, doctor... que o trouxe de Hespanha em... em 1774. Dizei ao copeiro que m'o mande, Duval. (Sae Duval. Neste momento, ouve-se no pateo de hon-

ra o tropear de muitos cavallos e o rodar de uma carroagem).

O conde (escutando). — Uma carroagem... o que é isto, Dubois?... ide, ide vêr o que é. (Dubois sai). Que será isto, doctor?... Ah! meu Deus! é talvez meu filho que vem pessoalmente dar-me parte...

Dubois (entrando). — E' o senhor cardeal de Cilly, que chega agora mesmo de Paris e que deseja vêr o senhor conde.

O conde. – O cardeal!... um principe da Egreja!... o meu antigo capellão... Ah! que emoção! Ah! meu Deus! um cardeal! um cardeal!

O doctor (a Dubois). — Desastrado! socegai, senhor conde, socegai.

O conde. – Sim, doctor... mas um principe da Egreja! um cardeal! se elle quizesse confessar-me... a absolvição de um cardeal... Certamente serei mui feliz em receber a visita de Sua Eminencia... mas eu desejaria estar n'um estado decente. Dubois, vem fazer-me a barba.

O doctor. — Mas, senhor conde, ides fatigar-vos... estais excessivamente fraco... o vosso estado é mui grave.

O conde. – E' o mesmo! quero... quero... e vós, Duval, supplicai a Sua Emminencia que entre para o meu oratorio... e dizei ao mordomo que mande servir de alguma cousa o senhor doctor; porque elle deve ter necessidade... Desculpai-me, doctor. (Saem o doctor e Dubois).

O ORATORIO DO CONDE DE VAUDREY.

O exterior do cardeal é imponente e severo. A sua estatura elevada está um tanto arqueada pela edade. Está vestido de preto. O seu rosto magro, pallido, e sulcado de rugas, tem uma expressão de dôr e de tristesa profunda. A sua fronte larga está descoberta, e os seus cabellos são todos brancos. O cardeal está assentado ao pé de uma mesa, com a cabeça encostada ás mãos. Depois de alguns momentos de silencio, levanta-se.

— Esta entrevista desperta em mim uma infinidade de recordações .. sim, a ultima vez que vi o conde, foi na India, na vespera desse dia fatal... (Uma pausa). Emfim, foi na India... ha quarenta annos!.. Quarenta annos... que de horas! que de dias! que de annos! que tenho eu feito? de então para cá, a minha sorte mudou? aonde estou eu agora.....

(Largo silencio). Que me importam esta purpura e estas honras vans? os reis ajoelham-se a meus pés; a minha mão sagrada pode ligar e desligar neste mundo; é entre os meus eguaes que se escolhe o eleito do throno de S. Pedro... posso pretender um dia a dominar espiritualmente o mundo christão! E o que é isso para mim? que ganhei eu com esse poder, pois que a meus olhos é material e mortal como todo o poder humano, e que procuro uma felicidade que não é deste mundo! Por isso eu estou mais longe do que nunca do fim a que tendem incessantemente os meus vãos desejos... O Senhor tem continuado

a velar-se aos meus olhos... sou principe da Egreja... e nem por isso tenho mais fé... Não, não.

(Largo silencio). E todavia, quando quiz pôr termo a meus dias, o que a minha natureza foi mais forte que o veneno... confesso que nisto julguei vêr uma manifestação de Deus a meu respeito; resolvi pois viver: e depois essa esperança que tinha outr'ora decidido a minha entrada na vida ecclesiastica veiu tambem seduzir-me; pensei que a revelação me tornaria talvez mais sensivel a cada passo que eu desse para as altas dignidades da Egreja; julguei que o meu espirito purificado pelas exigencias dessas funcções magestosas, aproximando-se mais e mais desse foco de luz divina que resplandece sobre a tiara do vigario de Jesu-Christo, seria quiçá illuminado por um dos seus raios; elevei-me pois ao mais alto gráo... ai de mim! sim... ao mais elevado gráo... porém elevei me assim como esses homens que, avistando uma alta montanha, sobem, sobem, crendo engrandecer-se aproximando se do céo, e que logo que chegam ao cume, veem ao contrario o céo mais immenso ainda, o mundo mais pequeno e elles mesmos mais perdidos e mais miseraveis... Sim, mas, ao menos, tenho feito bem sobre a terra... não crendo.. tenho obrado como se crêsse, tenho sido christão para todos, menos para mim; tenho suavisado bastantes soffrimentos... e tenho soffrido sempre... tenho acalmado bastantes males, e tenho sido sempre miseravel; tenho estancado bastantes lagrimas; e tenho sempre derramado lagrimas amargas; a minha vida tem sido um martyrio longo e cruel: e talvez que Deus tenha querido experimentar-me deixando-me soffrer na terra este espantoso supplicio dos condemnados, que veem do fundo do seu inferno as delicias do paraiso... supplicio ainda mais horrivel para mim... para mim que guiava as almas para essas regiões immortaes que me são fexadas; e eu sou tanto mais digno da misericordia celeste quanto é certo que não tenho recolhido a menor sensação de felicidade fazendo o bem... porque tenho dado tudo aos homens, consolação, dinheiro, bem-estar saber, crença, eternidade... sem crêr no reconhecimento humano: de mais conhecia eu a humanidade para o esperar... Oh! que existencia terá pois sido a minha, justo céo... E se, emfim, tudo fosse nada?.. *Nada!!!* para que terei eu vivido? para que me serve a vida?... para que é o mundo?... oh! sempre esta idéa implaca el que me faz vertigens! sempre este *para que* tão fatal e desesperador...

Por isso, mais tarde, quando veio a velhice, julguei que os jejuns e as privações iam enfraquecer em mim os principios da minha existencia, e que, sem me tornar culpado segunda vez do crime de attentar contra os meus dias, a minha vida se consumiria bem depressa... mas, não... não... a minha cadeia está muito rebitada neste mundo, e a minha alma quebra em

vão as suas azas de encontro a esse involucro de ferro que a prende; oh! sim, porque eu possuo tudo o que é preciso para suportar e sentir por bastante tempo e bem vivas as mil feridas da dôr moral, que despedaça, que tortura... mas que não mata...

E comtudo, a meu pezar, espero, porque toda a minha vida, hei sido como esses desventurados que, arrastrando por muito tempo uma horrivel existencia, dizem lá comsigo a cada novo golpe da sorte: coragem, a adversidade se cançará, e o céo de amanhã será talvez mais risonho e puro... Sim, espero.. porque emfim tenho a convicção profunda de ter suavisado bastantes dôres, de ter adoçado bastantes infortunios; e, eu o sinto, essa lembrança é quasi uma esperança... (Entra o doctor).

O *doctor*. — Monsigneur... (1) O senhor de Vaudrey não tarda que esteja em estado de receber Vossa Emminencia.

O *cardeal*. — Como está elle, senhor?

O *doctor*. — Monseigneur, não lhe resta uma hora de vida; a sua fraqueza augmenta-se minuto para minuto; apaga-se... felizmente sem dôr, e sem ter consciencia alguma do seu estado: nem o desconfia...

O *cardeal*. — Morre sem soffrer?

O *doctor*. — Sim, monsegnieur; porque, de todas as mortes, a sua é a mais doce; acaba-se assim sem se sentir acabar, e todas as investigações da sciencia dão a certeza que se morre litteralmente sem dor.

O *cardeal*. — E a sua moral, senhor?

O *doctor*. — Monsigneur, a sua moral está mui enfraquecida; quando eu entrei ainda elle tinha bastante lucidez: agora o senhor de Vaudrey falla menos, as suas idéas parecem confundir-se.

O *cardeal* (com anxiedade). — Peço-vos que tenhais a bondade de ir saber se posso entrar já; porque tenho a revelar ao senhor de Vaudrey cousas do mais alto interesse. (O doctor inclina-se e sahe. O cardeal continua com indignação.) Morre sem soffrer! sem terror! e a sua desgraçada mulher morreu despedaçada pela dôr e pelo desespero de deixar sua filha só no mundo!.. Morre sem soffrer e sem horror!!! e, a esta hora, a sua filha, sacrificada para elle e por elle, está moribunda pelo desgosto incuravel de ter perdido sua mãi... Morre sem horror... Justo céo!.. Pois que! Elle fecharia assim os olhos sem remorsos, depois de haver torturado, matado pelo seu egoismo feroz dois entes puros, dedicados, sublimes! Oh! isso não póde ser! não, não! Tambem ha uma missão de justiça e de severidade a preencher sobre esta terra. Este homem está a acabar... que importa? nada de compaixão para esse criminoso covarde, infame, que escapa á justiça humana, mais criminoso do que o assassino que não mata mais

(1) Titulo honorifico que se dá aos principes e outras pessoas distinctas por seu nascimento ou dignidade.

O. A.

de uma vez. Vingança sobre esse homem! que creia ao menos que terriveis castigos o aguardam, e que uma horrivel agonia seja a sua punição neste mundo!.. Vingança para aquelles que elle sacrificou! vingança sem piedade! porque, a piedade seria um crime. Piedade para elle, grande Deus! Pois que! prestes a deixar a vida que tornou explendida, gloriosa e sensual, a custo das lagrimas, do sangue e da morte daquelles que encontrou na sua passagem, este homem, illudido por um padre impio, veria ainda abrir-se diante delle o templo das felicidades eternas... Morreria sem angustias, sem pezares, com a esperança no coração e o sorriso nos labios!.. Como, este homem seria sempre feliz... ainda feliz ao pé do tumulo... E isso porque praticou algumas devoções que nada terão mudado esse caracter egoista, vão e feroz, de que tudo o que o cerca supportou a implacavel reacção até ao derradeiro momento da sua existencia... Não é a inveja ou o odio que me fez fallar, meu Deus... a minha indignação contra elle provêm de eu pensar nas torturas daquelles que elle sacrificou... Não, outra vez não; um homem assim não póde morrer sem remorsos e sem medo!.. não, não póde ser. Ha outra vida, bem o sei, creio-o, espero-a: mas emfim, meu Deus! seria mister comtudo que neste mundo, nesta vida que nós vemos, que comprehendemos, que nesta vida ao alcance das nossas vistas grosseiras e da nossa intelligencia limitada, o vicio tivesse um castigo exemplar; e que a virtude, a resignação, a piedade, a dedicação, tivessem ao menos um dia, um minuto de felicidade pura e brilhante! Eu estou bem velho agora; não tenho pezar por nenhuma das dores e soffrimentos que me impozeste, meu Deus! mas nesta hora... oh! nesta hora concede-me, como uma recompensa, o que outr'ora te pedia como uma animação. Tu bem sabes que te não revelaste a mim, e todavia tenho marchado sempre n'um caminho santo, piedoso e irreprochavel; tu opprimiste-me com a tua indifferença e desprezo; tu continuaste-me uma vida cruel e afflicta, e comtudo, todos os dias eu faço abençoar o teu nome sobre a terra. Pois bem! meu Deus! nesta hora... mereço talvez que tu te manifestes a mim... meu Deus!.. que o meu espirito perceba que nem tudo está acabado neste mundo, e que tu reinas lá em cima. Abbrevia os meus dias, mas que eu morra ao menos contando com a tua bondade ou com a tua misericordia: que eu deixe este mundo, bem certo de ir para ti, para os teus joelhos, e dizer-te: perdão, ó meu Deus! se eu tenho commettido faltas.

Duval (entra precipitadamente). — Monsigneur! monsigneur! o senhor conde vai-se enfraquecendo muito; o senhor doctor diz que reconhece alguns symptomas de delirio.

O *cardeal* (tranquillisando-se). — Conduzi-me pois immediatamente ao pé delle. (*sáem*).

O QUARTO DE DORMIR DO CONDE.

(O senhor de Vaudrey está deitado na cama. A expressão do seu rosto não tem mudado; unicamente o olhar se lhe vai tornando cada vez mais turvo, a voz vai-se-lhe enfraquecendo, e seu ouvir torna-se menos claro. As janellas do quarto estão abertas. Esta scena passa-se n'uma bella tarde de estio; o sol está no seu occaso, e os seus derradeiros raios vem dourar o cume de uma mata de acacias cujas flores rosadas e perfumadas se desabrocham em face das janellas d'esse quarto. O capellão está á cabeceira do conde. No quarto estão dois criados e o medico.)

O *cardeal.* (entra e achega-se do conde). — Tende a bondade, senhor conde, de mandar retirar todos: é preciso que vos falle só.

O *conde.* (com voz fraca). — Sim, sim, sáiam todos... deixai-me com Sua Eminencia... que quer ter a bondade de me deitar a sua benção. (Todos saem).

O Capellão, por um momento indeciso, obedeceu a um olhar imperioso do cardeal. Este ultimo segue-o com a vista, e, quando a porta se fexa, approxima-se do conde com ar grave e quasi ameaçador.

O *cardeal,* — Que fizeste de vossa mulher e de vossa filha?

O *conde* (com uma voz extincta). —Ellas oram por mim.. *monseigneur*... Ambas retiradas n'um convento... rezam... mas a vossa benção... me...

O *cardeal* (interrompendo-o). — *madama* de Vandrey morreu, senhor!

O *conde.* — Morreu! ah! meu Deus! ella vai então orar por mim... no ceo... aos pés do Eterno.., orar por mim... Oh!... mas como eu estou fraco... turva-se-me a vista... custa-me a ouvir...

O *cardeal.* — vossa filha está moribunda, senhor!

O *conde* (enfraquecendo-se cada vez mais). — Deus a abençoará... ella pediu por seu pai e ganhou-me a felicidade eterna... e deu-me o meio de illustrar a minha casa... Minha filha, eu...

O *cardeal* (com voz terrivel). — A felicidade eterna!... a vós! a vós senhor! lembrai-vos d'aquelles que sacrificastes!!!

O *conde* (delirante e em voz mui baixa). — Oh! sim... eu sinto aqui dentro uma convicção... que... me diz... que ganhei... o paraizo... o capellão assim m'o prometteu...

O *cardeal.* — Isso não pode ser, senhor, esse padre impostor illudiu-vos; blasphemou promettendo-vos em nome do Senhor, um logar entre os eleitos! Tremei!!

O *conde.* (em delirio, com os olhos animados). — Eu vou para o ceo.... foi minha filha... que me ganhou este favor... para o ceo... meu filho... uma casa soberana... o ceo...

O *cardeal.* — Mas elle morre.. este homem morre sem horror, sem remorsos. Oh! isto é espantoso.. (O conde em delirio faz um derradeiro esforço, as faces se lhe animam, os olhos brilham, todo o seu rosto parece ra-

diante de esperança e de convicção).

O *conde*. — Sim... eu vou para ti... para ti. meu Deos! o meu nome viverá... n'este mundo... e tu dás-me um logar no teu paraizo... meu filho... casa soberana... o paraizo... eu sou bem... feliz... os anjos... eu...

O *cardeal*. — Oh! maldicção! maldicção!

O *conde* (exalando grande suspiro). — Eu... oh!... o paraizo... (Morre). O cardeal precipita-se sobre o conde, olha para elle com uma angustia horrivel, depois cae anniquilado sobre uma poltrona).

O *cardeal*. — Está morto!... (O cardeal cae n'um morno e profundo silencio, com a cabeça escondida entre as mãos. Ao cabo de um quarto de hora de meditação, levanta-se, fexa as palpebras do conde, e, depois de por largo tempo conciderar essas feições que exprimem ainda placidez e serenidade, diz com voz lenta e solemne): Depois da vida infame deste homem, quem ousaria duvidar ainda da existencia logica de um Deus justo e remunerador, de um Deus que pune o mau n'uma outra vida? Quem ouzaria duvidar que a nossa demora n'este mundo não seja a passagem do nada para a eternidade? (O cardeal contempla outra vez o cadaver do conde). Quem ouzaria duvidar de tal?... (Depois com uma terrivel expressão de dôr e de desespero, exclama):

Eu!!!

FIM.

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS.

N.º I.

Este documento, bem como os que seguem, transcriptos litteralmente, foram copiados por um rapaz relojoeiro e depositados nos archivos de Tippoo-Saeb. Conservaram-se-lhe até os numerosos erros de orthographia (1). Estavam divididos em maços, em cada um dos quaes se achava um rotulo em lingua persa. A authenticidade foi reconhecida pelo capitão Macleod, incarregado do exame dos papeis de Tippoo-Saeb (*vidé* a *Historia do imperio de Mysore*, por M. Michaud).

PROCESSO-VERBAL.

DAS SESSÕES DO CLUB DOS JACOBINOS FORMADO EM SERINGAPATNAM.

No sexto dia da 3.ª decada de floreal da republi-franceza una e indisivel.

Os cidadãos francezes que estão debaixo das ordens do cidadão Dompard ao soldo do *cidadão* Tippoo-Saeb, o victorioso, alliado da republica franceza, abaixo nomeados:

Salvadosse, Juliano, Madin, João Diniz, Le Grand, Vicente, Blanche, Ivon, Gaspar, Pouvoi, Franc, Contoir, Lebeau, Bayse, Questin, Kerodique, Bernard, La Republique, Béteme, Lambert, Manuelle, Marc, Gemitte, Vreniére, Chollesse, Francisco, Philippe, João, Jacques, Estevão, Manuel, Auton, Diniz, Charriée, Daine, Thonvenir, Cochard, Manuel, Marivanne Decegodique, Onielletas, Jogeny, José, Dachiret, Colier, Colin, Juducque, Joine, Quelique, Manuell, Grais, Charroix, Abrahão, Manuello; Dugeon, Jeunesse, Pedro, Langle, Christianno, em numero de 39, desejosos de concorrerem com todas as suas forças e poder ao ministro não só para a fortalecimento da republica franceza, como para conhecerem os seus direitos, para tal fim se reuniram, depois de haverem obtido permissão do chefe commandante, na egreja pa-

(1) Julguei tambem devêr procurar imitar os erros em que o originel abunda, por isso que cumpre ao traductor traduzir, não as palavras, mas o pensamento, o espirito da phrase.

O T.

rochial no dito dia e anno acima referido.

O cidadão Francisco Rissand, tenente da marinha da republica franceza, tomou a palavra, e disse-nos:

« Cidadãos,

« Sois todos francezes ou dignos de o ser, a distancia da vossa mãi patria vos privou até este dia de conheceres os vossos direitos de cidadãos livres; commeçastes a conhecel-os abatendo o indigno pavilhão branco que a nação detestava e que era na apparencia o idolo dos vossos erros. Resta-vos um dever a cumprir, é arvorar o pavilhão nacional, e instruir-vos sobre os vossos direitos, saber o que deveis e o que vos é devido. E' dever de um republicano instruir com as suas fracas luzes os seus concidadãos. Apresento-vos os direitos de homem, é nesses direitos que bebereis as virtudes republicanas, que vos hão de ajudar a sobrepujar os defeitos dos vossos antigos habitos, e para vos auxiliar a conseguil-o, submetto-vos ideas constitucionaes, e como viveis n'uma anarquia que deve fazer horror a todo o homem de bem que goste de respe tar as leis, submetto-vos um projecto de lei para ser discutido artigo por artigo, e que, depois de promulgado, terá força de lei; somente vos observo que não deveis por forma alguma afastar-vos da lei republicana, nem enfraquecel-a, nem transgredil-a.

« Está em uso, quando o povo se reune em assembleia primaria, ser o cidadão mais velho nomeado presidente provisorio, nomeam-se dous secretarios, e dous mestres de ceremonias. O presidente vos dirá o motivo da convocação, e vos pedirá que nomeeis um presidente, assim como os officiaes que vos designei, para vos esclarecer sobre os vossos direitos e lembrar-vos o respeito devido ao soberano de que fazeis parte; chamar-vos á ordem, para que cada um use da palavra por sua vez, e possa fallar livremente sem ser interrompido sobre a questão que está unicamente presente em discussão, se qualquer cidadão tivesse uma idea feliz pediria a palavra, por uma moção de ordem toda a discussão cessa depois que o cidadão que tem a palavra acabou e se escuta o motivo da moção, se ella é fora da questão o presidente lho adverte, e a discussão continúa. »

Começou-se por formar a assembleia primaria, o cidadão Contoir, como o mais velho, foi nomeado presidente provisorio, e os cidadãos Vreniére e Dachiret foram nomeados secretarios provisorios, e os cidadãos Dompard e Provoie, escrutinadores provisorios, e os cidadãos Ivon e Abraham, mestres de ceremonias. O presidente disse que o motivo da convocação do povo, era para se instruir sobre os principios constitucionaes, e para arranjarem leis conformes á lei republicana, que se ia começar pela nomeação de um presidente: fazendo a chamada nominal; o cidadão Francisco Ripaud foi nomeado á plurida-

de, presidente; tomou logar, e deu o beijo de paz e de fraternidade no cidadão Conroy. Passou-se á nomeação de dous escrutinadores, os cidadãos Quetin e Juliano obtiveram os suffrafragios e foram eleitos, em seguida passou-se á nomeação de dous mestres de cerimonias os cidadãos Dempard e Charrier obtiveram os suffragios e foram eleitos.

O presidente abriu a sessão, chamando-nos aos nossos deveres, ao amor que deviamos á patria, e a uma reforma prompta sobre os nossos antigos costumes, e fez a leitura dos direitos do homem, seguida da leitura dos principios republicanos, e um projecto de lei, uns e outros foram acceitos com prazer e acclamação. Em seguida ao projecto de lei foi marcada a reunião da presente assembleia no oitavo dia da presente decada do mez de floreal ás 3 horas depois do meio dia, para serem novamente lidos os principios constitucionaes, e discutido o projecto de lei, artigo por artigo, segundo a ordem do dia.

O cidadão Thouvenir pediu a palavra, e disse:

« Cidadãos,

« Eu fallo em nome dos meus irmãos, sim, cidadãos, nós estavamos em erro, não conheciamos os nossos direitos nem os nossos deveres, nem o pavilhão de que a nação usava, tinhamos feito a vossa reclamação e dirigido as nossas representações ao cidadão L'Escalie que nos pôde dar resposta, os interesses politicos do cidadão Tippo-Saeb que nos prot je não nos permittiu tam em mudar de côr: eis-aqui o motivo deste erro, que não poderá parecer criminoso aos olhos da nação, mas presentemente nós seriamos bem criminosos se arvorassemos outras cores senão as da nossa querida patria, os nossos corações lhe são inteiramente votados, e juramos morrer para a sustentar defendendo os direitos sagrados dos cidadãos, e da constituição; pedimos que seja queimado tudo que tiver relação com a realeza, e com o antigo regime, é o voto de todos os meus irmãos d'armas. »

Assembleia decidiu que tudo que dissesse respeito á realeza e ao antigo regime fosse queimado no dia em que se arvorar o pavilhão nacional, e prestar juramento á nação. O presidente agradeceu ao irmão Thouvenir o seu ardor patriotico, e convidou-o a continuar esse zelo que faz a gloria de todo homem livre, e levantámos a sessão no dito dia e anno, e terminamol a por hymnos á patria, em fé do que, assignamos a presente depois d'a todos ser lida.

N.º 2.

« Cidadãos,

« O juramento que acabais de prestar, e e beijo que vos dei, é o de toda a França inteira; desgraçado d'aquelle que for perjuro! Vós estais ligados a todos os vossos irmãos os francezes, como elles se ligaram a vós pe-

lo meu orgão. Sois o seu sustentaculo como elles o são de vós, lembrai-vos que a vossa união fará a vossa força. e acabe-se qualquer odio e resentimento. D'oravante não deveis formar senão uma familia de irmãos. O amor da patria deve ser o movel de todas as vossas acções; então sereis verdadeiramente dignos do juramento que acabais de pronunciar. Pedistes-me um projecto de lei. Eil-o-aqui. Tereis a liberdade de acceitar ou regeitar os artigos que vos convierem, mas lembrai-vos que os artigos que aceitardes, não podereis infringil-os, porque pela vossa adhesão lhes tendes dado força de lei, como ella não tem nada que lhe seja superior, vós nada tereis abaixo de vós senão o vicio e o crime, e acima a lei, que caracterisa as vossas virtudes! Visto que é meio dia fique a presente sessão suspensa até ás duas horas da tarde para discutir os artigos da lei proposta. »

Achando-se reunidos ás duas horas, o presidente annunciou que ía começar pelo artigo primeiro, que foi acceite por unanimidade de votos.

LEIS PRELIMINARES.

Pena militar.

A pronunciar pelo conselho de disciplina. O conselho de disciplina é composto de cidadãos de todas as classes. Quatro votos contra tres basta para fazer pôr a lei em execução quer proteja quer castigue.

Lei.

Artigo I. Todo o chefe que não fizer executar a lei á letra, que quizer iludil-a ou transgredil-a ou que não fizer pôr em execução a sentença dada pelo conselho de disciplina, é indigno de commandar. Será suspenso das suas funcções de cidadão durante dois annos. Em caso de reincidencia soffrerá cinco annos de ferros, e é indigno de occupar cargo algum.

II. Todo e qualquer cidadão que fôr chamado em nome da lei, deve obedecer immediatamente, se o não fizer, soffrerá 48 horas de prizão, sem que isso o exceptue do castigo que tiver de soffrer, pelo delicto que houver commettido, e se reincidir, oito dias de ferros, e no caso da mais pequena rebellião, tres mezes a ferros.

Em seguida passou-se ao artigo III, que foi acceito por unanimidade.

III. Nenhum cidadão póde ser julgado senão por um conselho de disciplina estabelecido; e sem que duas testimunhas contestem o delicto de que é accusado.

Em seguida passou-se ao artigo IV, que foi acceito por unanimidade.

IV. Como as leis não tem senão penas estritamente necessarias, todos os cidadãos em qualquer posição que se achem, devem obedecer ao seu superior sem replica, e não o fazendo serão punidos segundo o rigor das leis.

Em seguida passou-se ao artigo V, que foi acceito por unanimidade de votos.

V. Todo o superior que maltratar o seu inferior com más palavras, será punido pela primeira vez com oito dias de prisão ; pela segunda com quinze ; pe'a terceira (1) com dois mezes de suspensão de qualquer serviço, durante a qual pena será privado, primeiro do commando, segnndo do soldo.

Em seguida passou-se ao artigo VI, que foi acceite por unanimidade.

VI. Todo o inferior que não obedecer logo ao seu superior, quando o superior lhe fallar em nome da lei, será : primeiro, punido pelo delicto que tiver commettido : segundo pela desobediencia á lei 48 horas de ferros aos pés. Se a desobediencia fôr acompanhada de murmuração, injuria ou ameaça, o delinquente soffrerá ferros por tres mezes.

Em seguida passou-se ao artigo VII, que foi aprovado unanimemente.

VII. Todo o superior que ameaçar com pancadas o seu inferior ; não o levando á execução, será privado dos direitos de cidadão por espaço de um anno sómente.

Em seguida passou-se ao artigo VIII que foi aprovado por unanimidade.

VIII. (2) Todo o inferior que ameaçar com pancadas o seu superior e que a ameaça se não leve a effeito, estará um anno a ferros.

Em seguida passou-se ao artigo IX, que foi aprovado unanimamente.

(1) Esta lei foi modificada em logar de dois mezes de suspensão de serviço e de pagamento, oito dias de ferros.

O. A.

(2) Esta lei foi adoptada com a modificação de tres mezes em logar de um anno.

IX. Todo o superior que der n'um inferior será condemnado a um anno de ferros, e será declarado indigno de occupar qualquer encargo militar ou civil.

Em seguida passou-se ao artigo X, que foi aprovado unanimamente.

X. Todo o infrior que der ou levantar a mão sobre o seu superior será condemnado á morte.

Em seguida passou-se ao artigo XI, que foi aprovado unanimemente.

XI. Todos os delitos que nãe forem da competencia do concelho de disciplina, e que forem da classe da policia correccional são da competencia do major commandante da praça, que ordena a prisão, para os delictos ao diante declarados, por 24 horas, nem mais nem menos.

1.º Os delictos contra os bons costumes.

2.º A perturbação feita publicamente no exercicio de qualquer culto religioso, ou insultos feitos a seus fanaticos ministros.

3.º Os insultos e a violencia grave entre as pessoas, taes como pancadas e mais vias de fato, que não são punidas pelo conselho de disciplina.

4.º O motim contra a ordem social e tranquilidade publica, pela mendicídade, pelos tumultos, ou provocação dos tumultos, ou motim feito fóra d'horas sem licença.

Em seguida passou-se ao artigo XII, que foi aprovado unanimemente.

XII. Todo o cidadão que sustentar conversas indecentes sobre a constituição, que parecer ser partidista da

realeza, ou do antigo regime, será levado perante o conselho de disciplina, e se os projectos parecerem lembrar a contra-revolução será dado a morte.

Passou-se ao artigo XIII, que foi aceito por unanimidade de votos.

XIII. Todo o cidadão que na presensa do inimigo der ares de fraqueza, e procurar com as suas fallas enfraquecer a coragem dos seus concidadãos, e os desviar de entrar na acção, será punido com pena de morte.

Passou-se ao artigo XIV, que foi adoptado unanimemente.

XIV. Todo o conspirador ou traidor á sua patria, será condemnado á morte.

Em seguida passou-se ao artigo XV, que foi aprovado unanimemente.

XV. Todo o subornador, aliciador, recrutador, desertor, e que tiver ligação com os inimigos da republica, que for prezo será morto.

Passou-se ao artigo XVI, que foi unanimemente aprovado.

XVI. Toda a covardia, fraqueza, que for commettida em presença do inimigo, e que fizer perjuiso á gloria da patria, será punida com dez annos de trabalhos publicos com grilheta. Esta lei é aplicavel aos commandantes, officiaes, officiaes inferiores, soldados, voluntarios e marinheiros.

Passou-se ao artigo XVII que foi acceite unanimemente.

XVII. Todo o cidadão em tempo de guerra, que desertar da sua bandeira para ir para uma nação inimiga, e que for preso, será morto.

Passou-se ao artigo XVIII, que foi approvado unanimemente.

XVIII. Todo o cidadão que emigrar com os seus bens, que estiverem embargados, vinte annos de trabalhos publicos com ferros.

Passou-se em seguida ao artigo XIX, que foi adoptado por unanimidade.

XIX. Todo o superior que commandar republicanos francezes, que se render cobardemente a inimigos, inda que elles sejam mais fortes do que elle, será entregue á morte, e todos aquelles que estiverem debaixo das suas ordens, serão punidos segundo os rigores da lei, e soffrerão pena de morte.

Passou-se ao artigo XX, que foi aprovado unanimente.

XX. Qualquer cidadão tem direito de fazer convocar pelo cidadão commandante, o conselho de disciplina, tem ser obrigado a dizer-lhe o motivo da convocação, e os commandantes são obrigados só pela requisição de um só cidadão a convocar o conselho immediatamente, quando não elle mesmo incorrerá no rigor da lei.

Passou-se ao artigo XXI, que foi acceite unanimemente.

XXI. Todo o cidadão que convocar o conselho de disciplina, e que não tiver prova, nem testimunha para apresentar, será punido com oito dias de ferros aos pés.

Em seguida passou-se ao artigo XXII, que foi aprovado por unanimidade.

XXII. Todo o cidadão que tratar ou-

tro cidadão por covarde ou velhaco será castigado com trinta días de ferros aos pés.

Quando o conselho de disciplina tem tomado a sua decisão, previne o commandante (que nunca está presente ao julgamento) e que faz immediatamente por a sentença em execução, e entra com elle na sala d'audiencia, onde todos os cidadãos que compõe o concelho de disciplina se põe em pé, e descobertos, o presidente levanta a mão e diz: « Juramos sobre a nossa consciencia e a nossa honra, que depois de ter observado escrupulosamente as nossas deliberações, e as regras prescriptas pela lei, achamos que um tal accusado de tal facto, era culpado, mas desculpavel: Ou que um tal accusado de tal falta, fora convencido mas não criminoso: Ou que um tal sendo convencido de tal crime a lei o condemna...

Os julgamentos do conselho de disciplina são publicos. Todo o cidadão tem direito de assistir a elles, sendo a decencia nelles mantida como o respeito ás leis e á natureza.

Todos os militares, de qualquer graduação que sejam, mesmo das tropas de linha e da marinha, sem ser do corpo do delinquente, podem ser membros do conselho de disciplina.

O conselho de disciplina forma-se logo que a lei seja promulgada pelos cidadãos que se teem submettido. A maioria dos votos, faz e dá força de lei, todos a ella são sugeitos sem excepção. O conselho reveza-se todos os seis mezes; compete aos cidadãos escolherem bem os seus juizes.

Passou-se á nomeação dos membros que hão de compor o conselho de disciplina; corrido o escrutio, Ripaud, Vreniere, Questin, Julian, Dachiret, Thouvenir, e Redoricq, foram nomeados e aceitaram.

Nós cidadãos e republicanos francezes que compõem o partido que está debaixo das ordens do cidadão Dompard, depois de ter ouvido as presentes leis, a ellas nos submettemos voluntariamente para sermos julgados, regulados, d'oravante pelos principios e leis da liberdade e da egualdade que fizemos; em fé do que assignamos o presente regulamento para servir e fazer valer o que é de rasão. No campo francez, junto ao Pattano, no decimo dia da primeira decada de floreal no anno 5 da republica franceza, una e indivisivel.

Um cidadão pediu a palavra, e disse: « Cidadãos, para terminarmos tão glorioso dia, peço que o infame pavilhão branco seja queimado, e que cantemos hymnos á patria, em signal de prazer pela felicidade que sentimos hoje. »

Todos a uma voz unanime disseram, *sim*! Então o presidente levantou a sessão, e foi adiada para o domingo proximo, quinto dia da terceira decada do mez de floreal.

Assignado Ripaud, Vreniere, Questin, Dachiret, Julian, Redoricq, Thibeau, Vizer, Thouvenir, Dompard, Bertodiere, Pilardt, Charroix, Moitie, Milletot, Heritier, La Vueille, Dielle,

Windell, James, Marc, Mich, Dum, Jacques, Debay, Menau, Gaudron, Collier, Vincent, W. Graham, Barnar, Hinte. Le Dalle, Denis, Castel, A. M. Neuil, Pombart, Legrand.

N.º 3.

A' chegada das bandeiras reinou silencio profundo, plantou-se a arvore da liberdade ornada com o barrete da igualdade, e o cidadão Ripaud pronunciou o discurso seguinte:

«Cidadãos francezes, homens livres, meus irmãos, meus amigos.

«Deveis hoje agradecer á Providencia e ao Ente Supremo pela graça que vos concedeu, fazendo-vos ver a bandeira nacional e a arvore da liberdade, ornada com o barrete da egualdade, querido e adoptado por todos os homens livres, os republicanos francezes, vossos irmãos, vosso apoio, e vossos amigos. Que gloria é a vossa, ó Francezes, pela terdes arvorado, e jurado sustental-a e morrer com as armas na mão para defender e sustentar a vossa liberdade e os vossos direitos, emfim o que tendes de mais caro, a vossa patria. — O' Francezes, meus irmãos, meus amigos, não sentis como eu esse prazer que se apodera dos vossos corações e que vos arrastra para esta bandeira, e esta arvore querida que 25 milhões de homens juraram manter, como vós 6-zesteis, não sentís, digo, essa inclinação para a virtude que só pelos homens livres é conhecida que vos leva a jurar-lhe esse amor ardente que caracterisa os guerreiros republicanos? Sim, eu te sustentarei, bandeira e arvore querida, mil vezes querida pelo meu coração, até á ultima gota do meu sangue, e se eu fôr prejuro peço a Deus que me reduza a cinza, que me anniquille mesmo se eu tiver semilhante pensamento. Como tu és o objecto dos meus mais caros sentimentos, juro defender-te ou morrer por ti, sim, eu o juro (1). Depois de te ter promettido tudo o que te devo, perdoa, querida e digna gloria dos meus sentimentos, se eu vou prestar homenanagens aos manes de vossos irmãos que pereceram para te defender. Que digo eu, para sustentar a gloria.

«Que sensivel horror se apodera de mim! uma religiosa sensibilidade me domina! Que! vergam-se-me os joelhos, gela-se-me o sangue, e eu distingo na sombra mil guerreiros magnanimos, os primeiros defensores de nossos direitos, que bradam a nossos corações: Vingança!

«Vejo o cumulo da barbaridade! da atrocidade! — Meu Deus! Estremeço de horror! Que! vejo a victima da ferocidade ingleza esmagada entre duas pranchas! mulheres victimas da sua brutalidade são assassinadas ao mesmo tempo. Oh! cumulo de horror! erriçam-se-me os cabellos! Que vejo! crianças, agarradas aos peitos de suas desgraçadas mãis, tintas no sangue daquellas que lhes deram o sêr. Vejo essas desgraçados filhinhos expirarem da mesma morte que as suas infelizes

(1) E todos os cidadãos repetiram: *Sim, nós o juramos*.

mãis. Oh! cumulo de horror e de malvadez que dê indignação tu inspiras· Sêde persuadidas, almas infortunadas, que vos havemos vingar. Oh perfido e cruel Inglez. treme. Ha um Deus vingador do crime que nos inspira que lavemos no teu sangue as atrocidades que commettesteis para com nossos pais e suas desditosas esposas. Socegai, alma lacrimosa, da innocencia, juramos que vos havemos vingar. (Sim, eu o juro!)

« Cidadãos, meus irmãos, que horror deve inspirar-vos todos os sustentaculos da tyrannia. São elles, esses cobardes, esses falsos francezes, que inspiraram tanta malvadez. Na França o exercito da Vendé e o de Jesus, a bandeira branca, as flores de lis, com o christo n'uma mão e o punhal na outra, assassinaram, massacraram, como os infames inglezes, os vossos mais soberbos defensores dos vossos direitos. Vinguemos nossos irmãos, victimas do seu patriotismo. Seja immediamente queimado tudo quanto diz respeito ao antigo regime; se não podemos vingarmo-nos n'elles mesmo, vinguemo-nos no seu idolo querido, na sua bandeira, e que elles tremam quando souberem que na India, no centro da terra, ha republicanos que juraram extremina-los Esses cobardes hão de tremer, não o duvideis, só ao nome dos francezes. A' nossa vista prostam-se vencidos, empalidecem de terror. Para o conseguir é preciso ter essa virtude republicana, é preciso saber vencer ou morrer pela patria.

« E' preciso ter esse porte de homem livre, (dirijo-me ao commandante) sois nosso chefe, o vosso dever é vellar pela nossa segurança, pela nossa felicidade, e pela sustentação dos nossos direitos. Não deveis viver n'uma apathia que por fórma alguma convem ao cargo que desempenhais. E' preciso vencer os vossos antigos habitos, e se tinheis differenças deveis acabalas e fazer consistir a vossa felicidade na sustentação da lei. Por essa amenidade que existe no vosso coração, pela bondade da vossa alma, tendes ricas qualidades, sois digno de ser republicano. A vossa bravura é conhecida. Mas tendes fraqueza, desfazei-vos d'esse inimigo de vós mesmo, procurai conhecer quaes são os vossos direitos, e sentireis que é bem glorioso commandar aos vossos iguaes e bravos republicanos.

« A França o jurou, é quanto basta, será obedecida, os seus soberbos defensores nunca são surdos á sua voz porque são mui submissos e mui respeitosos á sua vontade, ella ordena, será logo satisfeita. — Eu já vejo o ardor que me domina passar para todos os vossos corações — como a voz da patria é sublime — como o amor ardente que inspira é grande — Deus poderoso.

— O' tu que lês no meu coração, tu o vês bem glorioso e satisfeito n'este dia. O' francezes! como me tornais feliz, o vosso amor pelo que para mim é mais charo, a nossa patria, se manifesta em todas as vossas acções, vinde pois commigo plantar a arvore querida por nós e com todas as nos-

sas forças, é o symbolo da constituição, dos nossos deveres, dos nossos direitos; sejam elles sem cessar presentes á vossa memoria, e nunca jámais vos afastareis do que deveis a vós mesmo, e vos fará recordar do que deveis a vossos irmãos!!! »

Em seguida fez pronunciar a cada cidadão individualmente, uns depois dos outros, o juramento,

Cidadão, jurai odio aos reis, exceptuando Tippoo Sultão o Victorioso, alliado da republica franceza. Guerra aos tyrannos; e amor á patria e ao cidadão Tippoo!!!

Todos unanimemente bradaram: « Sim, juramos viver livres ou morrer. »

Durante o juramento toda a artilheria deu uma salva de 84 tiros; e depois do juramento foram as bandeiras entregues a uma guarda de honra. Em seguida assignou se o processo verbal do oitavo dia da 2.ª decada do presente mez. Depois passaram á praça d'armas, aonde cantaram em roda da arvore e da bandeira, himnos á patria: quando chegaram a cantar « amor sagrado da patria, » toda a artilheria salvou, e o dia se passou em regosijos, e terminou por um baile que durou toda a noite. Em fé do que assignamos o presente no dito dia e anno acima referido.

N. B. Vide a Historia de Mysore, por M. Michaud, donde estes documentos foram textualmente extrahidos.

NOTICIA SOBRE TIPPOO-SAEB.

Tippou Sulthan Behadour, ultimo nababo de Maisson (ou Mysore, segundo a orthographia ingleza), nasceu em 1749, e tomou primeiro o nome de Feth-Ali Khan. Recebeu o de Tippou-Saheb, ou quando foi circumcidado, ou quando na edade de dezeseis annos foi nomeado dyan ou intendente de Beduor por seu pai Haider-Aly Khan; e, como deu provas de bravura e de capacidade em mais de uma occasião sob o reinado d'este principe (*vide Hyder-Ali*), o seu nome de *Tippou-Saeb* parece ter prevalecido sobre os de *Tippou Khan e Tippou Sulthan*, que tornou a subir ao throno, em 7 de dezembro de 1782. Achava-se em Tanjaour com um corpo de tropas, quando Haider morreu. Os inglezes, então em guerra com este ultimo, aproveitaram esta circumstancia. O general Mattheus, que os commandava, poz-se em campo pelo fim de fevereiro de 1783, e se apoderou successivamente de Onor, de Condapour, de Mangalor, de Beduor e de Anampour, aonde parte da familia do novo soberano cahiu em poder dos vencedores, mas não tardou que Tippou suspendesse o curso d'estes successos. A' testa de vinte e cinco mil homens entre os quaes se contava um corpo de mil francezes, appareceu em frente de Beduor, a 9 de abril, e forçou Matheus a evacuar a praça, depois de uma capitulação aonde foi estipudo que os inglezes voltariam a Bombay, por Goa, depois de terem resti-

tuido Beduor, Anampour e Colidroug bem como o dinheiro, armas e armazens que pertencessem ao seu governo. Esta capitulação foi violada de uma e de outra parte. Tendo os inglezes querido subtrahir uma somma consideravel distribuindo-a pelos officiaes que deviam fazel-a entrar no thesouro publico, o acaso fez conhecer esta fraude. Então Tippou retere prisioneiro o general inglez e a sua guarnição, mandou-os apalpar, examinar, carregar de ferros, e encheu-os de máos tractos.

Se dermos credito aos authores inglezes, levou a barbaridade a ponto de mandar envenenar Matheus e muitos dos seus officiaes, e cortar a cabeça, na sua presença, ao irmão deste general, que ía fugindo, carregado de oiro e de joias. Citiou depois Mangalor, que não pôde tomar, bem que houvesse descoberto e punido a traição do seu general, que se dispunha a passar-se para os inglezes com parte das suas tropas. O assedio ainda durava, quando Tippou recebeu a noticia da paz de Versailles entre a França e a Inglaterra. Suspendeu logo as hostilidades, e prestou ouvidos a negociações que se terminaram por um tractado assignado em Mangalor, a 11 de Março de 1784.

Os inglezes restituiram todas as praças que haviam conquistado, e prometteram não prestar auxilio aos inimigos deste principe. Tippou pela sua parte, restituiu aos inglezes a sua feitoria de Callicut, que Haider lhes tirára; prometteu evacuar os Estados dos radjahs de Tanjaour e de Travancor, seus alliados, e renunciou ás suas pretenções sobre Carnate. Tal foi o resultado da primeira guerra que Tippou teve a sustentar contra os inglezes. As leves vantagens que elle obtivera encheram-o de presumpção, e alimentaram esse odio hereditario que lhes havia votado e que foi o pensamento de toda a sua vida. Feliz delle se, á ambição e á bravura, em que egualava seu pai, tivesse juntado a prudencia, a moderação e os talentos politicos que não tinham contribuido menos do que as armas para fundar o poder deste principe. Haider havia simplesmente tomado o titulo de *naib* (tenente), e mostrava muitas vezes ao povo o radjah legitimo de Maissour, em nome do qual promulgava os actos da soberania. Tippou livrou-se destes obstaculos. Deixou o radjah e a sua familia no olvido e na miseria. Tomou os titulos de sulthan, de vencedor, e arrogou a si os de todos os principes da peninsula da India, de que pretendia ser suzerano. Mais tarde mesmo, na época em que a magestade real foi violada por um rebelde, na pessoa do soberano titular do Industão (vidè Chah-Alem), acrescentou a todos os seus titulos o de *Padischah* (imperador). Para sustentar a posição em que se havia collocado, supriu, pelo fausto, á verdadeira grandesa, e a sua côrte se tornou uma das mais brilhantes do Oriente. Elevou o seu exercito até duzentos mil homens; mas não estando estas despesas em proporção com

a extenção e riqueza dos seus Estados, viu irem-se-lhe diminiuindo as rendas e esgotarem-se-lhe os recursos. Sempre embalado todavia na vã esperança de dominar sobre o Indostão, ou de expulsar ao menos de lá os inglezes, quiz assegurar-se do apoio e dos soccorros da França. Mandou partir ao mesmo tempo seis embaixadores, em 1787. Tres tomaram seu caminho pelo golpho Persico, Bassora, Baglidad, Asia Menor e Constantinopla, e experimentaram toda a sorte de accidentes e de contrariedades nesta penosa e perigosa viagem. Aquelle dos tres que sobreviveu aos seus dois collegas não ousou ou não pôde continuar a sua missão. Juntou-se á caravana dos peregrinos de Mekka, e ganhou um porto do mar Vermelho, aonde encontrou um navio que o trouxe para a India. Os tres outros embaixadores embarcaram-se em Pondichéry a 22 de Julho de 1787, e chegaram a Toulon a 7 de Junho do anno seguinte. Foram, para a França, que elles atravessaram, um objecto de curiosidade, e alimentaram, durante alguns mezes, as conversações e os jornaes. Obtiveram uma audiencia publica de Luiz XVI, a 3 de agosto de 1788; mas, em logar de soccorros que elles vinham sollicitar, só lhes deram espectaculos e festas. O máo estado das finanças, o receio de dissenções intestinas, impediram o rei de França de realisar as esperanças do nababo de Maissour Limitou-se a renovar a alliança com Tippou, alliança que ficou sem effeito, porque estes dois principes morreram poucos annos depois, um por ter amado muito a paz, o outro victima da sua ambição guerreira. Os embaixadores foram de volta em Seringapatnam no mez de Maio de 1789. Como não haviam saido bem do pedido que era o objecto principal da sua missão, e não cessavam de exaltar a extensão, a população, a riqueza do reino que acabavam de percorrer, Tippou, que, zeloso musulmano, cria que nenhum potentado christão egualava o seu poder, foi ferido na sua vaidade: enganado além disso na sua espectativa pelo pouco successo da sua embaixada, voltou-se contra os seus agentes, e mandou assassinar dois delles. Não tardou que lançasse mão d'uma occasião de recomeçar a guerra. Os Hollandezes possuiam os fortes de Cochim, de Akkotah e de Cranganor, no Malabar, junto ás fronteiras de Maissour. A mediação dos francezes haviam-os restabelecido na posse de Cranganor, que Haider-Aly lhes havia tirado. Tippou teve pretenções sobre estas praças, situadas nos Estados do radjah de Cochim, seu vassallo, e marchou sobre Cranganor com forças consideraveis, no mez de Junho de 1789. Os Hollandezes, para salvarem os seus estabelecimentos de Cochim, venderam os outros dois ao radjah de Travancor. Tippou não quiz reconhecer uma venda feita sem que elle tivesse sido ouvido, e a 29 de dezembro, invadiu as fronteiras de Travancor. Sobre as representações do governo de Madras, offereceu reportar-se a arbitros impar-

ciaes, e conservou-se nas suas linhas, esperando o resultado das negociações, N'ellas foi atacado, no 1.º de março de 1790. pelo radjah de Travancor. Os inglezes tomaram parte nesta acção, como alliados do radjah, e não se lhes deu de recomeçarem a guerra contra um principe que desejavam humilhar. Desde a primeira campanha, as hostilidades se estenderam além da cadeia dos Ghâts. Tippou operou uma diversão no Carnate, e soube evitar habilmente toda a acção decisiva com o inimigo. A segunda campanha foi começada pelo apedio de Bangalor, cuja tomada fixou o theatro da guerra sobre o territorio de Maissour. Dois exercitos inglezes, um commandado por lord Cornwallis, que tinha feito esta conquista, a outra vinda de Bombay, sob as ordens do general sir John Mercomby, que se apoderou de Cananor, penetraram, depois de uma sequencia de successos, junto aos muros de Seringapatnam, em 1791. Elles se dispunham a formar o assedio desta capital quando as chuvas, as cheias, a escacez e as doenças, os forçaram, no mez de Junho, a retirarem-se. Foi por este tempo que Tippou encarregou M. Leger, commissario francez na India, de uma mensagem particular, cujo objecto era o obter de Luiz XVI um corpo de seis mil homens. Offerecia pagar a viagem, o soldo e o sustento das tropas francezas, fazendo-se forte de destruir, com o seu soccorro, o exercito e os estabelecimentos dos Inglezes na India, e assegurar a sua posse á França. Esta proposta, apresentada secretamente a Luiz XVI pelo ministro Bertrand de Molleville, ficou sem resultado, porque este principe se arrependia então de ter favorecido a independencia dos Estados-Unidos d'America, e já estava sem auctoridade. Cornwallis voltou, no anno seguinte, reforçado pelas tropas do Nizam e pelos Mahrattes, que se tinham colligado com os Inglezes contra um inquieto e ambicioso visinho. Esta derradeira campanha foi fatal ao sultão. A tomada de Coimbettour, que o forçou a render-se, e cuja capitulação violou, não pôde contrabalançar os revezes que experimentou. Tendo os alliados submettido muitas praças, entre outras a fortaleza de Nundydroug e a de Savendroug, ou o Rochedo da morte, que passava por inexpugnavel, chegaram deante de Seringapatnam, a 5 de fevereiro de 1792. Dois dias depois, Tippou, expulso do seu campo entrincheirado, foi compellido a fexar-se na sua capital, aonde foi vigorosamente assediado até ao dia 24. Ameaçado de um assalto, aceitou as condições que lhe foram propostas, e o tractado foi assignado a 18 de março. Cedeu aos alliados a metade dos seus Estados, e pagou-lhe uma somma consideravel a titulo de indemnisação. Mas a clausula mais dura e humilhante foi a que o obrigou a dar, por garantia da execução do tratado, dois dos seus filhos, Abdel-Khalil e Moezz-Eddyn, crianças de oito a dez annos. Assim se terminou uma guerra que tinha custado ao sultão sessenta e sete fortes, oitocentas peças de arti-

lheria e cincoenta mil homens. Depois desta guerra a sua côrte cessou de ser a residencia dos prazeres. O lucto reinou no seu palacio, e o seu caracter se tornou mais irascivel, mais duro, mais imperioso. D'ahi em diante Tippou só pareceu penetrado de um unico sentimento, o da vingança. Só se occupou de crear inimigos aos Inglezes. Rodeiado de potencias ganhadas por elles, enviou, em 1797, uma embaixada até ao norte da India, á presença de Zeman-Chab, rei de Kaboul, para o empenhar n'uma alliança, cujo fim devia ser expulsar os Europeos do Indostão. anniquillar a religião dos brahmes, e restabelecer o antigo esplendor do throno de Dehly, collocando nelle um outro principe da familia de Tamerlan, libertando-o do jugo vergonhoso dos *infieis*. Bem que o rei de Kaboul fosse ambicioso e emprehendedor, não gostou deste projecto, ou porque prevesse muitas difficuldades, ou porque receiasse não ser senão fracamente secundado pelo sultão de Maissour, que desde os seus ultimos revezes, não podia continuar a ser contado entre as potencias preponderantes da India. Tippou, tendo tambem sahido mal desta negociação, concebeu a esperança de ser sustentado pelo governo republicano que se havia alevantado na França sobre as ruinas da monarchia, e que um interesse commum devia unir com elle contra a Inglaterra. Os Francezes tinham sido sempre bem acolhidos na côrte de Maissour. A perda de Pondichéry ahi attrahiu grande numero de homens, a maior parte arruinados ou aventureiros, sem principios nem educação, Tippou, entretido por elles nas suas esperanças imaginarias, envileceu-se admittindo-os na sua familiaridade, prestando-se ás suas maneiras demagogicas. Estabeleceram em Seringapatuam um club de jacobinos, que teve a sua primeira sessão a 5 de maio de 1793. Nella juraram odio á realeza, aos tyrannos, excepto ao cidadão Tippou o Victorioso. Dez dias depois, arvoraram solemnemente a bandeira tricolor, e se dirigiram á praça d'armas, aonde plantaram a arvore da liberdade, ao estrondo de mil salvas de artilheria e em presença do cidadão principe. Foi pelos conselhos de um tal Ripaud, capitão corsario, que se havia estabelecido o presidente desta sociedade popular e o representante da nação franceza na India, que Tippou se decidiu a enviar secretamente dois embaixadores á ilha de França, para ahi propor uma alliança com o governo francez e pedir tropas. Chegaram lá a 17 de janeiro de 1798. A publicidade que o general Malartic, governador da Colonia, deu a esta embaixada, tornou-se funesta ao sultão, e os soccorros que lhe elle enviou, insufficiente para o defender, serviram de pretexto aos Inglezes para o atacar. Estes soccorros consistiam em tres commandantes, dois officiaes de artilheria, seis officiaes de marinha, quatro carpinteiros de navio, vinte e seis officiaes, sargentos e interpretes, e sessenta e dois soldados europeos ou mulatos. A invasão do Egypto pelos francezes, duas cartas

irigidos pelo general Bonaparte ao sultão de Maissour e interceptadas pelos Inglezes, e, mais que tudo isto, o systema de engrandecimento que estes ultimos não cessavam de pôr em pratica na India, decidiram da sorte de Tippou. O governador geral, marquez de Wellesley, depois de se haver assegurado da neutralidade dos Mahrattes e da alliança de Nizam mandou marchar um exercito numeroso debaixo das ordens do general Marris, em quanto que as tropas de Bombay, commandadas pelo general Stuart, chegavam a Cananor.

O imprudente Tippon, que havia respondido de uma maneira evasiva a todas as propostas de accordo, abriu os olhos sobre os perigos de que os seus estados estavam ameaçados por esta duplicada invasão. Reuniu todas as suas forças, poz guarnições nas praças, e veio acampar com sessenta mil homens em Periapatnam, para se oppôr ao general Stuard. Batido, a 6 de março de 1799, em Sidasir, deixou em Periapatnam algumas tropas, para disputar esta posição, e marchou ao encontro do general Harris, que atacou com impetuosidade, a 27 de março, em Malaveli, a oito leguas de Seringapatnam; mas ao cabo de uma hora de combate, o seu exercito foi posto n'uma derrota completa, e o unico partido que lhe restou foi fechar-se nesta ultima praça. Nella foi investido a 4 d'abril. Depois de esforços inuteis para repellir os ataques dos sitiantes, Tippou tentou renovar as negociações; porém as condições que o general Harris lhe impoz, pareceram-lhe tão duras, que não lhes deu resposta, e só cuidou em vencer ou ficar submerso debaixo das ruinas da sua capital. Durante um mez que o assedio durou, mostrou mais a coragem e a actividade de um soldado do que a habilidade de um general. Emfim, no dia 4 de maio, tendo-se tornado a brecha praticavel, os inglezes atravessaram a ribeira á uma hora depois do meio dia, e deram um assalto geral. O combate chegou até dentro da cidade. Os francezes trabalharam muito para algumas vezes reunirem os Maissourienses. Tippou pereceu, cheio de feridas, e o seu corpo foi encontrado debaixo de um montão de cadaveres. Com elle se aniquillou o poder ephemero que Haider-Aly havia fundado, e que havia sido rediculamente nomeado imperio de Maissour ou Mysore, pois que a sua maior extensão não passava de metade da França. Formado pelas armas, pela usurpação, e composto de elementos diversos este pretendido imperio, que só viveu trinta e oito annos, podia durar mais tempo e consolidar-se, se fosse governado por um principe dotado de virtudes pacificas, e de talentos administrativos, qualidades que faltavam absolutamente ao derradeiro nababo de Maissour.

Pretendendo mais demorados detalhes, vide a *Biographia universal* e a curiosa obra de *sir* W. Bethly sobre os costumes e habitos de Tippoo-Saeb.

AO LEITOR.

Tenho pena de que as obras que compõe esta collecção não tenham podido ser classificadas segundo *a ordem da data da sua publicação.* A transformação que os annos, o estudo e a experiencia teem necessariamente trazido ao meu pensamento, teria impressionado, penso eu, os espiritos menos attentos; assim, para fallar tão sómente dos dois pontos extremos da minha obra, ha (perdoem-me esta ambiciosa comparação), ha, digo, uma completa revolução intellectual e moral entre a *Vigia de Koat-Ven* e o *Judeu Errante* ou *os Mysterios de Paris.*

E' só dado aos espiritos superiores conceber a verdade logo á primeira vista, e de não ter que atravessar o erro para chegar ao conhecimento da verdade; eu não tive a felicidade: foi-me mister passar pelas theorias tão falsas como afflictivas, de que estão cheias as minhas primeiras obras, para chegar, á força de trabalhos e de observação, ás theorias sociaes, que teem produzido aos meus ultimos livros um successo tão superior ao que elles valem, por qualquer lado e forma que se olhem.

Uma critica amarga e apaixonadamente injusta, appellando dos meus escriptos recentes para aquelles que marcam a minha estreia na minha carreira de escriptor, censurou-me por *ter renegado as minhas antigas convicções.*

Confesso que, á medida que a edadade, o conhecimento dos factos, dos homens e das cousas foi madurecendo a minha rasão, tenho pouco a pouco tendido para ideas que eu firmemente creio que são as unicas verdadeiras, e as quaes, desde muitos annos, me votei corpo e alma; foi meu dever renegar os meus primeiros erros: erros ao menos inoffensivos e desinteressados, porque, nunca na minha vida, pedi ou esperei a menor graça de um governo qualquer que elle fosse; os meus livros reflectem simplesmente, sinceramente, as diversas phases do meu espirito no decurso de vinte annos, porque ha vinte annos que eu escrevi a *Vigia de Koat Ven.* Ter-me-ia sido facil supprimir ou attenuar as contradicções flagrantes que existem entre as theorias das minhas primeiras e das minhas ultimas obras; nada quiz attenuar nem supprimir,

porque me enganei de boa fé, confesso-o sem córar. Renegar, por calculo, convicções adiantadas por convicções retrogradas, é verdadeiramente apostasiar; partir, ao contrario, de ideas retrogradas para chegar ás ideas avançadas, é obedecer á lei eterna da humanidade: é caminhar, é progredir.

Posso esperar que os leitores dos meus livros, medindo a distancia que separa a *Vigia* de *Koat-Ven* dos *Mysterios de Paris* e do *Judeu Errante*, reconheçam que o caminho que segui tem sido sempre, senão brilhante, ao menos progressivo? A minha fé em as ideas de futuro unicas que podem assegurar a sôrte da humanidade tem sido recompensada pelo favor mais glorioso, mais inesperado, mas o menos sollicitado por mim, porque bem conhecia eu a minha insufficiencia e os meus poucos direitos a um signal tão brilhante da sympathia dos meus concidadãos; elles honraram-me com o mandato de representante do povo; esta alta distincção do orgulho da minha vida inteira, embora os meus inimigos censurem o que elles chamam a minha apostasia: sinto-me absolvido pela confiança do povo.

LIBRARY OF CONGRESS
0 022 011 304 8